



O INDOMÁVEL.

Harold Robbins.

3.a Edição.

Tradução de NELSON RODRIGUES.



À minha mulher.

LIL que também deve figurar no cartaz.

Não considere homem algum inimigo, mas nunca ame um estranho.

Não faça planos, nem siga qualquer estrela.

Misture-se com a multidão; na solidão há perigo.

E assim nada do que Deus mandar.

E nada do que Deus fizer.

Poderá penetrar a sua paz, amigo.

Do poema *To the Unborn*, de Stella Benson,
publicado em *Twenty*.

AGRADECIMENTO

O autor deseja externar a sua gratidão ao.

Sr. ROBERT L. SCOTTINO.

Por suas bondosas palavras e atencioso estímulo durante os longos anos necessários para escrever este livro.

O QUE HOUVE ANTES

A Sra. Cozzolina provou a sopa. Estava gostosa e grossa, com muito tomate e com o tempero exato do alho. Deu um estalo com a língua — estava boa. Voltou com um suspiro à mesa onde estava recheando raviólis com galinha desfiada. Tinha sido um comprido e quente dia de junho, mas o tempo estava começando a ficar úmido. O céu lá fora havia escurecido e ela teve de acender a luz da cozinha.

"Essas americanas", pensava ela enquanto dava forma à massa com os dedos gordos e ia colocando a galinha. O suor lhe escorria pela testa e logo acima dos lábios, onde havia a leve sombra escura de um buço. "Marcam quando vão ter filhos para não terem de carregá-los no verão! Onde é que já se viu disso? Lá na velha terra — e sorriu, pensando no tempo em que fora moça — as mulheres tinham filhos quando eles vinham. Ninguém pensava em marcar a época". Ela tinha o direito de criticar as mulheres americanas. Era parteira, havia ganho muito pouco naquele verão e tinha sete filhos seus para criar desde que o marido morrera.

A campainha da porta tocou. Levantou a cabeça ao ouvir o som e inclinou-se para o lado, como se quisesse adivinhar quem era. Nenhuma das suas freguesas estava esperando para aquele mês. Devia ser alguém querendo vender alguma coisa.

— Maria, — gritou ela, com a voz ressoando pelos corredores, — vá ver quem está na porta.

A voz dela era forte de tanto gritar com os filhos e com os vendedores ambulantes da rua, a quem comprava quase todos os gêneros.

Ninguém respondeu. A campainha tornou a tocar, dessa vez com um som mais forte, estridente e imperioso. Sem muita vontade, ela limpou as mãos no avental e desceu pelo corredor comprido e estreito até chegar à porta da rua. Abriu a porta.

Era uma moça com uma pequena maleta nos degraus ao lado dela. O rosto era magro e estava abatido, mas os olhos brilhavam com uma luminosidade quente e assustada, como os de um animal no escuro. Estava evidentemente grávida e os olhos experimentados da Sra. Cozzolina calcularam que já era o último mês.

— A senhora é a parteira? — perguntou ela com voz suave, mas um pouco receosa.

— Sou, Madame, — respondeu a Sra. Cozzolina, que sabia quando se tratava de uma pessoa de qualidade. Gente assim mostrava sempre o que era ainda quando passava as piores dificuldades.

— Desculpe incomodá-la, mas cheguei há pouco a Nova York e... — Calou-se um instante, enquanto um tremor pareceu sacudir-lhe o corpo.

Quando voltou a falar, a voz estava mais apressada. — A criança está para nascer e eu não tenho para onde ir.

A Sra. Cozzolina ficou calada alguns segundos, pensando. Se ela aceitasse a moça, Maria teria de sair do quarto dela e não iria gostar. Detestava dormir com as outras irmãs. Depois, a moça não tinha dinheiro. Talvez não fosse nem casada. Olhou automaticamente para a mão da moça e viu um anel de ouro no dedo.

— Tenho algum dinheiro, — disse a moça, como se lesse os pensamentos da Sra. Cozzolina.

— Mas eu não tenho quarto, minha filha.

— Arranje-me qualquer lugar. Não tenho tempo de ir procurar outra coisa e vi a sua placa na porta: Parteira.

A Sra. Cozzolina cedeu. Maria iria dormir com as irmãs, gostasse ou não gostasse.

— Entre, — disse ela à moça, pegando-lhe a maleta.

A moça seguiu a Sra. Cozzolina pelo corredor e subiu alguns degraus para o quarto de Maria. Estava claro ali e ela viu uma fila de casas de cômodos de três andares e um menino que separava pombos com uma comprida vara num terraço próximo.

— Tire o casaco e fique à vontade, — disse a Sra. Cozzolina.

Ajudou a moça a despir-se e a deitar-se na cama. — A que horas começaram as dores, minha filha?

— Há uma hora. Vi que não podia ir mais adiante. Tive de parar aqui.

A Sra. Cozzolina examinou-a. A moça estava um pouco nervosa. Não era assim que ela havia pensado em ter filho. Devia estar num hospital com George perto dela ou nas imediações para dar-lhe a certeza de que tudo acabaria bem. Ou então estaria em casa, onde poderia sentir a presença de pessoas que a amavam e lhe dariam coragem. Aquilo era tão diferente. Estava com um pouco de medo.

A Sra. Cozzolina terminou o exame. A moça era pequena, de conformação pequena. Ia ter um parto difícil. A passagem era muito

estreita para a criança sair com facilidade. De qualquer maneira, ainda faltavam seis ou sete horas e a dilatação talvez fosse maior do que se podia esperar. Era sempre uma coisa maravilhosa ver uma mocinha tornar-se mulher diante da gente e botar no mundo um bebê. Mas tudo indicava que aquele seria difícil. Mas nada do que a Sra. Cozzolina pensava lhe apareceu no rosto.

— Você ainda tem de esperar um pouco, — disse ela com um sorriso. — Mas não se preocupe que tudo correrá bem. Sei disso porque tive sete.

— Obrigada, muito obrigada, — murmurou tremulamente a moça.

— Veja agora se dorme um pouco, — disse a Sra. Cozzolina, encaminhando-se para a porta. — Voltarei daqui a algum tempo para saber como vai indo. Um pouco de sono é sempre bom.

Desceu e voltou para a cozinha. Tinha quase acabado de preparar o jantar quando se lembrou de que nem havia perguntado o nome da moça. "Ora, pergunto quando subir de novo", disse ela, tratando de acabar o jantar.

A moça tinha fechado os olhos e tentara dormir, mas não conseguia. Os pensamentos passavam pela cabeça dela como paisagens que se vêem ao longe da janela de um trem. A casa e George. Eram as duas coisas importantes a que o seu pensamento sempre voltava. "Que será que pensam de mim agora? E George? Para onde foi?" Ela tinha de encontrar-se com ele num dia, há muito tempo.

Estava chovendo e ela tinha saído para encontrar-se com ele na esquina, perto do restaurante. Ventava muito e ela sentia muito frio mas, ainda assim, esperara durante duas horas para então voltar para casa. No outro dia de manhã, telefonara para o escritório dele e lá haviam dito que ele saíra na véspera na hora do costume mas não havia ainda chegado naquele dia. E George desaparecera. Nunca mais o vira, nem tivera notícia dele e não podia compreender. George não era assim, não era um tipo de homem para fazer dessas coisas. Alguma coisa terrível devia ter acontecido.

Olhou pela janela e tentou calcular que horas eram. Já estava bem escuro e, de vez em quando, se ouvia a trovoadas distante e havia riscos de

relâmpago no céu, mas não começara a chover. O ar estava abafado e opressivo e ela podia ouvir o barulho dos pratos e das vozes na cozinha e sentir o cheiro da comida que entrava pela porta entreaberta porque o quarto onde ela estava ficava bem em cima da cozinha.

Quando os filhos começaram a chegar para o jantar, a Sra. Cozzolina pediu-lhes que não fizessem barulho porque havia gente lá em cima. Maria fizera uma cena por causa do quarto, mas acabara sossegando porque a mãe lhe havia prometido um presente quando aquele caso terminasse. Tinham acabado de comer e a Sra. Cozzolina olhou para o relógio em cima da geladeira. Oito horas. Levantou-se de um pulo. A pobrezinha já estava lá em cima sozinha havia quatro horas e não se tinha ouvido nem um pio dela. Era uma moça corajosa, pensou a Sra. Cozzolina, pensando nas mulheres cujo trabalho de parto era três quartos de gritaria e um quarto de esforço por parte delas.

Recomendando às meninas que lavassem os pratos, subiu para o quarto onde estava a moça.

— Como vai?

— Achou que vou bem, — respondeu a moça tranqüilamente.

— Qual é o espaço agora entre as dores? — perguntou a Sra. Cozzolina, voltando a examiná-la.

— Parece que de meia em meia hora.

— Está bem, — disse a Sra. Cozzolina, levantando-se.

Mas não estava nada bem. Não havia dilatação alguma. Desceu e deu ordem às meninas de terem água quente e toalhas limpas à mão.

Foi quase à meia-noite que a tempestade desabou sobre a cidade. Foi quase à meia-noite que a criança começou a nascer. A moça estava ali calada, com a boca apertada, agarrando a toalha amarrada à cabeceira da cama e torcendo-se de dor. O rosto estava pálido e os olhos eram largos e negros poços de medo.

Eram quase duas horas da madrugada quando a Sra. Cozzolina mandou seu filho mais velho ir chamar o Dr. Buonaventa, que morava na esquina. Quando voltasse, acrescentou ela, não custava nada passar pela casa paroquial e chamar um padre Viu o médico abrir a barriga da moça e

tirar de lá a criança já quase toda roxa. Fez o bebê voltar à vida com umas palmadas e ouviu o seu zangado protesto por haver deixado o quente e confortável abrigo onde até então estivera. Viu o médico lutar desesperadamente para salvar a vida da moça. Compreendeu que ele fora derrotado quando o viu fazer um gesto para o padre aproximar-se. E quando o padre chegou junto da moça, ela se ajoelhou ao lado da cama e rezou.

Rezou pela moça que era tão jovem e tão corajosa.

Rezou porque havia perdido o marido e sabia que aquela moça devia também ter passado por isso.

A moça voltou-se para ela e sorriu. Havia em seus olhos uma pergunta. A Sra. Cozzolina pegou a criança que chorava e colocou-a ao lado dela. A moça olhou o filho, descansou a cabeça ao lado da cabecinha e fechou os olhos.

A Sra. Cozzolina lembrou-se então de que ainda não havia perguntado o nome da moça. Inclinou-se sobre ela e perguntou "Seu nome?" cheia de medo de que a criança pudesse passar o resto da vida sem saber o nome que tinha.

A moça abriu os olhos com um jeito de quem tinha vindo de muito longe.

— France Cain, — disse ela, com uma voz que a Sra. Cozzoli na mal pôde ouvir.

Depois, fechou os olhos, mas de repente abriu-os e a cabeça descambou pelo travesseiro.

A Sra. Cozzolina pegou a criança. Viu o médico cobrir a moça com o lençol. Tirou depois uma folha de papel da mala e disse em italiano:

— Vamos tratar primeiro do registro de nascimento, não é?

A Sra. Cozzolina fez um gesto grave de assentimento. Primeiro, os vivos.

— Qual vai ser o nome dele?

— Francis Kane, — disse a Sra. Cozzolina.

Era apenas justo — um nome de que ele poderia ter orgulho, um nome que poderia ostentar. A vida dele ia ser bem difícil, mas ele a enfrentaria com aquele nome, que era o de sua mãe.

PRIMEIRA PARTE.

Do outro lado da rua, no alto do campanário de St. Thérèse, os sinos estavam chamando para a missa das oito horas. Os meninos estavam todos formados, esperando a hora de entrar nas salas de aula e as irmãs haviam acabado de entrar no pátio. Um segundo antes, tudo tinha sido confusão, enquanto nós corríamos de um lado para outro, brincando, gritando uns para os outros, mas naquele momento tudo estava calmo. Formamos em fila dupla e marchamos para a escola, subindo a escada para as salas de aula. Sentamo-nos com um barulho de livros em cima das carteiras do lado dos meninos e um farfalhar de blusas e saias engomadas do lado das meninas.

— Começaremos o dia com uma oração, crianças, — disse a irmã Anne.

Juntamos as mãos em cima das carteiras e inclinamos a cabeça.

Aproveitei a oportunidade para jogar uma bola de papel em Jerry Cowan. A bola acertou em cheio na nuca e ficou presa ali. Achei isso tão engraçado que quase comecei a rir no meio da oração, mas parei em tempo. Quando a reza acabou, Jerry se virou para ver quem tinha sido, mas eu fingi que estava ocupado com os meus livros.

Irmã Anne me chamou:

— Francis.

Levantei-me desconsoladamente, pensando que ela me vira jogar a bola de papel em Jerry. Mas não. Ela queria apenas que eu fosse escrever no quadro o dia da semana, do mês e do ano. Fui até ao quadro-negro e, pegando na caixa um pedaço de giz, escrevi em grandes letras: "Sexta-feira, 5 de junho de 1925".

Fiquei esperando e a professora me disse:

— É só, Francis. Pode voltar para o seu lugar.

A manhã custou muito a passar. O ar estava quente e abafado e as férias começariam daí a poucas semanas. Além do mais, eu não estava interessado na escola. Tinha treze anos, era grande demais para a minha idade e, logo que a escola acabasse, Jimmy Keough me mandaria dar recados e ir pegar as apostas para ele com os homens que trabalhavam nas garagens vizinhas, apostas de meio dólar e de um quarto de dólar que ele não queria perder tempo em receber. Eu ganhava com tudo isso um bocado de dinheiro — às vezes até dez dólares por semana. E não ligava nem um pinga à escola.

Na hora do almoço, quando os outros garotos iam almoçar em casa, eu ia para o prédio dos dormitórios nos fundos da escola e nós, órfãos, comeríamos no refeitório que havia ali. O nosso almoço era um copo de leite, um sanduíche e um pedaço de bolo. Com toda a certeza, o nosso almoço era melhor do que o da maioria dos garotos da vizinhança que iam comer em casa. Depois, voltávamos para a escola para a parte da tarde. Todas as tardes, eu sentia uma vontade louca de fazer gazeta. Como estava quente! Seria melhor ir tomar banho nas docas na Rua 54 e no Hudson. Mas eu bem me lembrava do que havia acontecido na última vez em que fizera gazeta.

Acho que sou o recordista do mundo em matéria de gazeta. Deixei de ir à aula durante seis semanas seguidas. E quem achar que isso não é nada deve levar em conta que eu morava na escola e voltava para dormir lá todas as noites. Roubava as cartas que as irmãs mandavam para o Irmão Bernhard, que era o encarregado do dormitório, queixando-se da minha ausência. Falsificava as respostas dizendo que eu estava doente e assinando "Bernhard". Isso continuou assim até que uma das irmãs resolveu ir fazer-me uma visita e tudo foi descoberto. Cheguei naquela noite depois de um dia muito puxado, passado nas salas dos cinemas. Tinha visto quatro filmes, um atrás do outro. Irmão Bernhard e Irmã Anne estavam à minha espera na entrada.

— Aí está o malandro! — exclamou Irmão Bernhard. — Vai aprender a ficar doente, ora se vai! E que era que estava fazendo, meu caro senhor? Por onde é que andou metido?

Quando ele ficava irritado, o seu sotaque galês, que em geral fazia a voz dele suave e bonita, complicava tudo de tal modo que não se entendia mais uma palavra do que ele estava dizendo.

— Estava trabalhando, — disse eu.

— Trabalhando, hem? Mentiroso! — disse ele, dando-me um tabefe. Levei a mão ao rosto.

Irmã Anne olhou para mim.

— Francis, Francis, como é que foi fazer isso? — perguntou ela suavemente, quase com tristeza. — Bem sabe que eu tinha muitas esperanças em você.

Fiquei calado. O Irmão Bernhard tomou a me bater.

— Responda à sua professora.

Olhei-os cheio de raiva e as palavras me saíram da boca aos borbotões.

— Estou farto de tudo isso — farto da escola, do orfanato, de tudo. Não sou senão um prisioneiro aqui dentro. Os presos na cadeia têm mais liberdade do que eu aqui. E eu nada fiz para merecer isso, para merecer cadeia, para ser trancado toda a noite como se fosse um animal feroz. A Bíblia diz que a verdade nos fará livres. Aqui ensinam que devemos amar o Senhor pelo muito que nos dá. Fazem-me começar o dia com uma oração de graças — de agradecimento por ter nascido numa prisão, sem liberdade.

Estava quase chorando e com a respiração ofegante.

Havia lágrimas nos cantos dos olhos de Irmã Anne e até Irmão Bernhard estava em silêncio. Irmã Anne chegou perto de mim e me passou o braço pelo ombro.

— Meu pobre Francis, não pode ver que estamos procurando ajudá-lo? O que você fez foi errado, muito errado.

Agitei-me nos braços dela. Procurei levantar as mãos para enxugar os olhos, mas as mãos ficaram presas nas dobras do hábito e chegaram à altura do seu coração. Deixei inocentemente as mãos ali. Ela estava de costas para o Irmão Bernhard e este não podia ver o que eu estava fazendo. Ela estava ficando confusa, mas eu olhava inocentemente para ela.

— Vai-me prometer que nunca mais fará isso, Francis!

Fiquei sem saber de que ela estava falando... Era da gazeta ou...

— Prometo!

Ela se voltou para o Irmão Bernhard. Estava muito branca e tinha a testa cheia de suor.

— O castigo já. foi suficiente para ele, Irmão Bernhard. De hoje em diante, vai proceder bem. Tenho certeza disso porque ele me prometeu. Vou agora rezar pelo bem dele, — disse ela, encaminhando-se para a porta.

Voltei-me para o Irmão Bernhard.

— Venha jantar, — disse ele, tomando o caminho do refeitório.

Eu tinha treze anos, era crescido demais para a minha idade e tinha uma grande experiência aprendida na rua. Não faria gazeta naquela tarde, por mais agradável que fosse dar um mergulho dentro da água. Ia ser bom, voltar para a aula e atormentar a minha professora, Irmã Anne, que me fizera saber, sem querer, que as freiras eram mulheres. Eu tinha apenas treze anos.

Quando cheguei ao recreio, as filas ainda não estavam formadas. Havia um jogo de bola perto do portão e todo o mundo gritava. Interessei-me pelo jogo e tão distraído estava que só percebi o que estava acontecendo quando rolei no chão. Jerry Cowan e outro garoto haviam-me dado uma cama-de-gato Quando me levantei, Jerry estava rindo.

— Que foi que viu de tão engraçado?

— Ah! Ah! Isso foi pela bolinha que me jogou. Pensou que não tivesse visto, hem?

Levantei-me e disse:

— Então estamos quites.

Ficamos olhando o jogo até a escola começar de novo. Éramos muito amigos, Jerry Cowan e eu — ele, filho do prefeito de Nova York, e eu, um filho natural que vivia no orfanato de St. Thérèse, mas que pela graça de Deus freqüentava a mesma escola paroquial que ele.

Eu tinha vivido no orfanato desde quando a minha memória alcançava. Não era um vida tão ruim quanto muita gente parecia achar. Tinha comida, roupa e instrução, tudo de boa qualidade. Não tinha recebido a parte que me cabia de amor da família e de interesse pessoal, mas isso não me interessava muito. Eu tinha sido dotado, entre outras coisas, de uma boa dose de auto-suficiência e de independência, coisas que a maioria só adquire com uma idade bem além da minha.

Eu havia sempre trabalhado num biscoiteiro ou noutra e quase sempre emprestava algum dinheiro aos outros garotos da escola que viviam aparentemente melhor do que eu. Sempre sabia o dia em que cada um deles recebia a mesada e, quando não me pagavam o barulho era certo. Eu havia emprestado vinte centavos a Peter Samper. Na semana seguinte, ele havia fugido de mim e, quando afinal consegui agarrá-lo, não tinha mais um tostão. Mas naquela semana eu tinha de arrancar dele o meu dinheiro.

Naquela tarde, depois da escola, encontrei-o no recreio, com mais dois colegas.

— Olá, Pete! Cadê meus vinte centavos?

Pete considerava-se um sujeito forte. Sabia de tudo. Era mais baixo do que eu, mais cheio de corpo e mais pesado.

— Que é que tem seus vinte centavos?

— Você tem de me pagar. Eu lhe emprestei o dinheiro, não lhe dei.

— Ora, vá para o inferno com os seus vinte centavos! — exclamou ele e acrescentou, voltando-se para os que estavam com ele:

— Isso é o que têm de ruim esses bastardos do orfanato. Nós pagamos a escola e fazemos contribuições para eles serem mantidos e eles procedem como se fossem os donos de tudo. Escute aqui! Só vou pagar a você quando bem quiser e entender, ouviu?

Aborreci-me. Não me incomodava de ser chamado de bastardo. Já me havia habituado a isso. Não era como um garoto chamado McCracy a quem Irmão Bernhard aconselhara a acrescentar "Júnior" ao nome para que ninguém o julgasse filho natural. Ele se incomodava com isso, mas eu não. Ouvira muitas vezes o Irmão Bernhard dizer: "Vocês são os mais felizes. Todos nós somos filhos de Deus, mas vocês só têm como pai a Nosso

Senhor". Não me importava de ser chamado bastardo. Mas ninguém podia roubar meu dinheiro e ficar por isso mesmo.

Atirei-me contra ele. Ele se desviou para o lado e aplicou-me um soco no queixo. Fui ao chão. "Italiano miserável", gritei. Ele se jogou em cima de mim e começou a bater-me no rosto. Senti o sangue começar a correr-me do nariz. Encolhi a perna e dei-lhe um pontapé com toda a força nas virilhas. O rosto dele ficou muito branco e ele me largou e rolou para o lado. Livrei uma mão e dei-lhe um murro no pescoço logo abaixo do queixo. Ele rolou de lado e ficou estendido de cara no chão, com os joelhos encolhidos e uma mão nas virilhas. Estava gemendo.

Levantei-me e cheguei perto dele. O sangue que me pingava do nariz caiu nas roupas dele. Meti a mão no bolso dele e tirei um punhado de níqueis. Conteí vinte centavos e mostrei aos dois amigos dele.

— Vocês são prova de que eu só tirei o meu dinheiro. Está aqui. Vinte centavos. E é melhor nenhum de vocês achar ruim, senão eu faço o mesmo que fiz com ele.

Sai, com o nariz apertado de encontro ao braço, e fui para o bilhar de Jimmy Keough. Jimmy estava sentado atrás do balcão dos cigarros, com uma pala verde sobre os olhos.

— Que foi que houve com você, garoto? — perguntou ele, rindo.

— Nada demais, Sr. Keough. Um camarada pensou que me podia roubar, mas eu mostrei que ele estava muito enganado.

— Fez muito bem, Frankie. Nunca consinta em ser roubado.

No momento em que isso acontecer, você está perdido, pois todos vão querer aproveitar. Agora, vá lavar-se lá nos fundos e, depois, trate de fazer a limpeza. — Já ia saindo quando o ouvi dizer a um homem que estava perto dele. — Esse garoto vai longe. Tem apenas treze anos, mas sabe calcular o que tenho de receber e pagar nas pules dos cavalos melhor do que eu.

O lavatório tinha um cheiro de sarro e de urina. Lavei as mãos e o rosto na pia e enxuguei com a fralda da camisa. Depois, fui para o bilhar e comecei a fazer o meu trabalho do dia.

As tardes que eu passava no bilhar de Keough eram o tempo melhor do meu dia. Começava varrendo tudo. Havia oito mesas de bilhar e eu varria o chão entre elas e embaixo delas. Depois escovava o feltro das mesas com muito cuidado para não estragar o pano. Em seguida, passava um pano na madeira das mesas. Quando acabava isso, ia trabalhar no balcão dos refrigerantes e da cerveja. Era no tempo da Lei Seca e a cerveja era guardada lá embaixo no porão. Quando algum freguês queria uma cerveja ou uma dose de uísque, pedia a Jimmy e ele, quando estava muito ocupado, me mandava ir buscar. Às vezes, escondia duas ou três garrafas embaixo do balcão.

Às quatro horas, o telefone começava a tocar, dando os resultados das corridas. Eu então ia marcar os resultados e os rateios num quadro-negro que havia nos fundos e que ficava num canto escondido, de modo que só pudesse ser visto por quem já soubesse e fosse olhar. Arrumava as bolas de sinuca nas mesas e ia dar recados e comprar coisas para os fregueses. Tinha no bilhar uma caixa de engraxate e, Se alguém queria limpar os sapatos, era comigo.

Ganhava três dólares fixos por semana e o mais que pudesse fazer de gorjetas. Regulava fazer de seis a oito dólares todas as se manas Nas férias, Jimmy ia-me mandar pegar o jogo pequeno nas garagens Havia dito que eu ganharia com isso de dez a quinze dólares por semana. Às seis e meia, Jimmy me dava todos os papéis do Jogo para eu fazer os cálculos. Às sete horas, eu saía e ia jantar no orfanato. Depois d jantar, ainda poderia passar umas duas horas la, mas Jimmy, não sei por que, nunca permitiu que eu pusesse os pés lá à noite.

Peter Sampero não apareceu na escola no dia seguinte, mas a mãe dele entrou no meio da manhã na sala de aula e falou com Irmã Anne sem tirar os olhos de cima de mim. Irmã Anne mandou-a ir falar com a Irmã Superiora. Um pouco depois, uma moça chegou com um recado para Irmã Anne.

— Mary Peters olhará a classe enquanto eu estiver ausente — disse Irmã Anne. — Francis, venha comigo.

Segui-a pelo corredor até à sala da Irmã Superiora. Entramos. A Irmã Superiora, o Irmão Bernhard e a Sra. Sampero estavam à nossa espera. A Sra. Sampero estava falando:

— Se não tomarem providências com esses desordeiros, mandando-os para o lugar deles...

Calou-se ao ver-me entrar.

— Venha cá, Francis, — disse a Irmã Superiora.

Obedeci.

— Que quer dizer isso que estou sabendo? Você lutou com Peter e machucou-o muito. Por quê? — perguntou ela, com voz calma e bondosa.

— Ele me devia vinte centavos, não m quis pagar e ainda por cima me chamou de bastardo, — disse eu, sabendo que com isso ganharia alguma simpatia.

— Francis, você tem de aprender a dominar-se. Os insultos não maltratam e Jesus nos mandou que perdoássemos as ofensas. Agora, quero que peça desculpa à Sra. Sampero.

Pedir desculpas não custava nada. Voltei-me para a mãe de Peter e disse:

— Desculpe, Sra. Sampero. Não tive a intenção de machucar Peter.

Ela nada me disse.

— E agora, Francis, — disse a Irmã Superiora, — como castigo por você ter brigado, disse ao Irmão Bernhard que não deixasse você ir à rua depois da escola durante quinze dias.

— Quinze dias! — exclamei. — Não podem fazer isso comigo!

— Não podemos? — exclamou Irmão Bernhard. — Por quê?

— Porque então alguém pegará o meu emprego no bilhar de Jimmy Keough.

— Está empregado então? — continuou ele. — E pode-me dizer o que é que faz lá?

— Varro a casa, limpo e dou recados.

— É mesmo? Pois vai varrer, limpar e dar recados comigo!

— Pode voltar para a aula, Francis, — disse a Irmã Superiora.

— Venha, Francis, — disse a Irmã Anne.

Segui-a em silêncio pelo corredor. No patamar da escada que descia para a sala de aula, ela parou, voltou-se para mim e tomou a minha mão. Estava dois degraus abaixo de mim e o rosto dela estava à altura do meu.

— Não fique triste, Francis. Tudo vai acabar bem.

Antes que eu soubesse o que estava fazendo, beijei-lhe a mão.

— Gosto da senhora. Só a senhora aqui é justa e compreende as coisas. Gosto da senhora.

Ela se inclinou para mim com os olhos cheios de lágrimas e me beijou dizendo:

— Pobre garoto...

Depois, virou-se, baixou a cabeça e nós continuamos em silêncio para a sala de aula.

O problema de evitar o Irmão Bernhard foi muito simples e, ao fim de dois ou três dias, funcionou que era uma maravilha. Apresentava-me a ele no dormitório. Depois, saía pela janela e descia por um poste, indo tratar da minha vida. À noite, voltava pelo mesmo caminho e nada acontecia.

Foi numa dessas ocasiões que fiquei conhecendo Silk Fennelli.

Era o grande figurão do nosso bairro. Controlava tudo: bebidas, jogo e as contribuições do comércio. Era o homem mais respeitado e temido no distrito. Via-o de vez em quando, pois costumava passar pelo bilhar de Jimmy para tratar de negócios. Andava sempre acompanhado dos seus homens. Era perigoso, valente e esperto. Não tinha medo de nada nem de ninguém. Era o meu herói.

Às vezes, quando acabava cedo o meu serviço no bilhar, pegava a caixa de engraxate e ia fazer algum dinheiro extra. Naquela tarde, entrei no bar clandestino da esquina da Broadway com a Rua 65. Era nesses bares que se podia ganhar mais dinheiro.

Perguntei aos fregueses que estavam no bar, um por um: "Vai engraxar?"

O homem do bar, gordo e careca, brigou comigo:

— Dê o fora, garoto! Quantas vezes tenho de dizer a vocês que não venham aborrecer os fregueses? Saia daqui antes que eu lhe dê um pontapé no traseiro!

Não respondi nada e, virando-me, tornei o caminho da porta. Quando fui passando, algum engraçadinho que estava no bar achou de estender o pé à minha frente. Tropecei e caí. A caixa me escorregou do ombro, e os vidros de tinta se quebraram, sujando o chão todo. Fiquei um instante estendido no chão, sem ação.

De repente, agarraram-me pelo pe. Era o homem do bar.

— Vamos! Saia logo antes que eu perca a paciência! — exclamou ele, arrastando-me para a porta.

Quase na porta, voltei a mim do atordoamento e desvencilhei-me dele, dizendo:

— Quero minha caixa!

— Vá saindo! Assim vai aprender a não vir mais aqui! Saia!

— Não saio sem minha caixa!

Esquivei-me dele e voltei para o salão, onde comecei a meter na caixa as escovas, as latas de graxa e os panos que se haviam espalhado pelo chão.

O homem do bar me pegou no momento em que eu me ia levantando. Deu-me um tapa na cabeça e meus ouvidos começaram a zumbir.

— Vou ensinar vocês, pestinhas, a não botarem mais os pés aqui!

Bateu-me de novo e me segurou pelo pescoço para que eu não pudesse mover o corpo. Procurei livrar-me dele e dar pontapés, mas estava bem seguro.

— Largue-o, Tong. Quero engraxar os sapatos, — disse uma voz calma e bem modulada de um dos reservados do lado da parede.

O homem do bar e eu nos viramos. Ele ficou paralisado, mas ainda me segurava. Não sei quem de nós dois ficou mais surpreso. Vi um homem

esbelto e simpático de trinta e cinco ou quarenta anos, que estava sentado num dos reservados, com uma das mãos em cima da mesa e a outra brincando com um canivete pendente de uma corrente que lhe passava pelo colete. Estava com um terno cinza-escuro, um chapéu de feltro elegante e lustrosos sapatos pretos. Tinha os olhos meio fechados e um bigode curto se mostrava sobre os lábios bem feitos. Era Silk Fennelli.

— Está bem, Sr. Fennelli, — disse o homem do bar, deixando-me e voltando para o seu balcão.

Enxuguei o rosto com a manga e aproximei-me do reservado. Havia duas pessoas em companhia dele: um homem moço e bem vestido e uma mulher muito bonita.

— Não posso engraxar os sapatos do senhor, — disse eu.

— Por quê?

— Derramei toda a tinta preta no chão.

Ele meteu a mão no bolso, apanhou uma carteira, tirou uma nota de cinco dólares e me entregou, dizendo:

— Vá comprar então.

Olhei para a nota e, sem dizer uma palavra, dirigi-me para a porta. Um empregado havia começado a limpar o chão com um pano molhado. Ao sair, ouvi o outro dizer:

— Aposto cinqüenta contra cem como ele não vai voltar, Silk.

— Casado, — disse Fennelli. rindo.

— Acho que ele nunca viu tanto dinheiro em toda a sua vida. — disse a moça.

— Talvez tenha razão, — disse Silk. — Quando eu tinha a idade dele, eu também não havia visto ainda tanto dinheiro.

Não ouvi mais porque já havia chegado à rua. Quando voltei, estavam comendo. Coloquei o troco em cima da mesa e disse:

— Desculpe ter demorado, mas o homem da loja não tinha troco para os cinco e eu tive de correr o quarteirão todo para trocar.

Depois disso, ajoelhei-me no chão e comecei a limpar os sapatos dele. O outro homem puxou a carteira e tirou algumas notas que entregou a Fennelli. Ele guardou-as no bolso sem contar e disse:

— Acho que já aprendeu a não discordar da opinião de um técnico.

Quando acabei com um pé, bati na caixa e ele botou o outro pé.

— Como é seu nome, garoto? — perguntou ele.

— Francis Kane. Mas pode chamar-me de Frankie. Todos os meus amigos me chamam Frankie.

— Ah, sou então seu amigo? Tenha cuidado, garoto. A minha amizade não é uma coisa fácil.

— Não sei muito bem o que está dizendo, mas o senhor comigo é OK.

Quando acabei o lustro, o homem e a moça se levantaram.

— Bem, vamos indo, Silk. Até logo.

— Até logo, — disse Silk, levantando-se para despedir-se deles. Logo que saíram, perguntei:

— Recebeu, Sr. Fennelli?

— Recebi o quê, garoto?

— A aposta. Eu ouvi. Ele pagou?

— Ouviu mesmo? — perguntou Fennelli, rindo.

— Claro que ouvi. Não sou trouxa. Sei como é a escrita.

Fennelli tornou a rir e disse:

— Sente-se aqui e coma um sanduíche. De onde é você?

— Do Orfanato de St. Thérèse.

— Está bem, já que você sabe a escrita, — disse ele, falando como se eu fosse um igual. — Você não me é desconhecido. Onde foi que já o vi? Nos brinquedos?

Estava-se referindo às lojas que havia transformado em pequenos playgrounds no nosso distrito. Todos diziam que era uma grande coisa que

ele estava fazendo pelas crianças do bairro, porque isso as afastava da rua. Keough dizia, porém, que não era só isso. Com aquilo, Fennelli estava educando os seus futuros fregueses. Havia nas lojas toda a espécie de jogos com que os garotos podiam divertir-se sem gastar um tostão — jogos de perícia e de sorte que, fora dali, custavam bom dinheiro. A partir de uma certa idade, os garotos não podiam mais entrar nas lojas e iam então procurar os lugares onde se tinha de pagar para jogar. Sim, Fennelli era tão importante que até mandava os seus fregueses para a escola. Mas, como muita gente dizia, alguém tinha de fazer aquilo e ele com certeza merecia a oportunidade porque era um bom sujeito.

— Não, — disse eu. — Trabalho para Jimmy Keough.

Fennelli chamou o garçom e eu pedi um sanduíche de rosbife e uma garrafa de cerveja.

— Você ainda é muito pequeno para tomar cerveja, — disse Fennelli. Mandou o garçom trazer-me um refrigerante.

Comi rapidamente e me levantei.

— Obrigado, Sr. Fennelli.

— De nada, garoto, — disse ele, sorrindo. — Já engraxeí sapatos como você. — Tirou algumas notas do bolso e me entregou. — Tome, pegue isso e vá-se embora.

— Sim, senhor, — disse eu e acrescentei, quando vi que havia cinco notas: — Mais uma vez, obrigado.

Aqueles camaradas gostavam de que se agradecesse. Fazia-lhes bem, não custava nada e eu sabia que valia a pena tratar bem Fennelli. Por isso, agradeci mais uma vez e saí.

Ray Callahan estava na esquina com a sua caixa de engraxate. Fui falar com ele. Ray era um bom rapaz. O pai dele era um bêbado. A família vivia do socorro do governo. Ray entregava à mãe tudo o que ganhava, mas ela também gastava dinheiro em bebida tanto quanto o marido.

— Alô, Frankie, — disse ele.

— Alô. Tudo bem?

— Mais ou menos. Só fiz quarenta centavos hoje à tarde.

Mostrei-lhe a minha nota de cinco dólares e ele arregalou os — Epa! Como foi que você conseguiu isso?

— Isso depende dos conhecimentos que a gente faz, — disse eu, rindo e contei tudo o que acontecera.

— Que sorte a sua! — comentou Ray.

Saímos juntos pela rua. Estava começando a escurecer. As janelas iam-se acendendo uma por uma.

— Quer subir comigo? — perguntou ele. — Isto é, se você não tem outra coisa para fazer.

Eu sabia que ele queria que eu subisse para que a mãe não batesse nele por não ter ganho muito dinheiro como engraxate.

— OK. Posso subir.

Logo que chegamos ao corredor, ouvimos os gritos do pai e da mãe que estavam brigando.

— Eles nunca param! Qual! Acho que hoje não me livro mesmo!

Eu nada disse e nós começamos a subir as escadas. No primeiro andar, um homem saiu de uma porta, passou por nós e desceu as escadas. Havia deixado a porta entreaberta e uma voz de mulher perguntou lá de dentro:

— É você, Ray?

— Sou, sim, — disse ele, parando. E explicou-me: — É Mary Cassidy. Costumo fazer compras para ela.

Ela chegou à porta.

— Quer ir comprar cerveja para mim, Ray?

— Pois não, — disse Ray. Colocou a caixa de engraxate no chão, tomou o dinheiro da mão dela e, pedindo-me que esperasse por ele, desceu as escadas.

Mary Cassidy olhou para mim e disse:

— Não precisa esperar aí no corredor. Traga as caixas aqui para dentro e venha sentar-se.

Peguei as caixas e entrei. Ela me mostrou uma cadeira.

— Sente-se até Ray voltar.

Sentei-me. Ela andou de um lado para outro e em dado momento perguntou:

— Como é? Ele ainda não voltou?

— Não, senhora, — disse eu olhando para ela.

Naquele momento, parecia até bonita, com o rosto e a boca pintados. Tinha cabelos claros levemente ondulados. Olhei-a tanto que ela chegou a ficar um pouco nervosa. Havia gotas de suor na testa dela. Os olhos eram verde-azulados e ela era um pouco alta. Saberia Ray o que ela era? Como era que eu poderia falar com ela? Eu nunca... Mas tinha cinco dólares no bolso e isso me deu coragem.

— Tenho dois dólares no bolso, — disse eu a ela.

— E daí? — perguntou ela, olhando-me com curiosidade.

Eu não sabia bem o que devia dizer mas fiquei olhando para e-la. Por fim, ela disse:

— Você é bem menino ainda, não é?

— Tenho quinze anos, — disse eu, achando mais fácil mentir todo o tempo. Além disso, eu estava quase convencido mesmo de que tinha quinze anos.

— Você já... alguma vez?

— Claro, — disse eu, nervosamente. — Uma porção de vezes.

— OK, venha, — disse ela, levando-me para o quarto. — Onde está o dinheiro?

Tirei dois dólares do bolso e entreguei a ela, sentindo a mão trêmula. Ela pegou o dinheiro e guardou embaixo do travesseiro. Depois, deitou-se.

Eu sentia os joelhos tremerem e estava muito nervoso, muito amedrontado.

Ela ficou impaciente.

— Depressa! Ray pode voltar a qualquer instante.

Não, não adiantava. Eu estava nervoso demais e tivemos de desistir. Fiquei ali, olhando-a. Quando ela voltou um instante as costas, meti a mão por baixo do travesseiro e peguei meu dinheiro. Não ia gastar dois dólares à-toa. Ela não me viu e eu guardei o dinheiro no bolso.

Fomos para a sala e ela me disse, rindo:

— Volte quando crescer um pouco mais, está bem? Afinal, um garoto não pode fazer o trabalho de um homem, não é mesmo?

Fiquei branco de raiva e tive vontade de bater nela com a minha caixa de engraxate. Ela devia ter sentido isso porque recuou um passo. Nessa momento, a porta se abriu.

Era Ray.

— Olhe a cerveja, Mary.

Olhei mais uma vez para ela, peguei minha caixa e saí para o corredor. Ray disse alguma coisa e ela riu. Chegando à porta, deu dez centavos a Ray por ter ido comprar a cerveja. Já ia fechar a porta, quando se lembrou de alguma coisa e disse a Ray: — Tome aqui também dez centavos para seu amigo que ficou esperando você.

Em seguida, fechou a porta. Tomei a moeda e joguei-a na porta.

— Bandida, ordinária! — gritei e, sem olhar sequer para Ray, descí as escadas e saí da casa.

Mais quinze dias e as férias começariam. Estava ansioso por isso, para que pudesse trabalhar mais para Keough e ganhar dinheiro de verdade:

Naquela tarde, saí da escola com Jerry. Ele pareceu surpreso quando saí com ele pelo portão.

— Você não está proibido de sair da escola, Frankie?

— Não estou mais. Ontem foi o último dia.

— Vai fazer alguma coisa especial hoje?

— Por quê?

— Por nada. Curiosidade apenas.

Andamos alguns minutos sem dizer uma palavra. Por fim, Jerry disse:

— Frank, você gostaria de ir passar este verão no campo comigo?

— Deixe de brincadeira.

— Não estou brincando não, é verdade. Falei com papai e ele me disse que levasse você para jantar lá em casa esta semana para conversarmos sobre isso.

— Tolice Não me deixariam ir de qualquer maneira.

— Deixariam se meu pai pedisse. Sabe quem é meu pai? — perguntou Jerry.

Sabia quem era o pai dele. Era um homem que todos conheciam, o grande Jerry Cowan, o sorridente prefeito de Nova York. O retrato dele saía todos os dias nos jornais — com o cravo na lapela, os dentes à mostra num riso permanente, apertando as mãos de uma delegação ou de um visitante ilustre. Sem dúvida alguma, o pai dele poderia conseguir o que quisesse.

Chegamos à porta do bilhar e eu parei. Olhei para dentro. Estava muito escuro e eu quase nada pude distinguir. Pensei no que era passar o verão ali com aquele cheiro de cerveja azeda e de urina no lavatório e em como seria diferente se eu fosse passar o verão no campo com Jerry. A casa deles devia ser ótima, com criados e tudo mais. Com certeza, podia-se pescar, nadar e fazer muitas outras coisas assim. Fiz uma imagem mental do mergulho num lago. Eu nunca havia entrado num lago. Devia ser formidável. Já havia ido duas ou três vezes a Coney Island para tomar banho no mar, mas onde eu nadava mesmo era no rio, no cais da Rua 54. Um verão no campo devia ser mesmo uma maravilha. Mas, apesar disso, disse a Jerry:

— Muito obrigado, mas não posso aceitar. Eles... não é isso... tenho um emprego aqui e tenho de trabalhar muito neste verão para ganhar o dinheiro de que ando bem precisado. E de qualquer modo não gosto do campo. Sempre fico com saudade da cidade quando vou para lá.

Jerry deu uma risada. Não tinha nada de tolo o meu amigo. Sabia muito bem o que eu estava pensando. Era um amigo estranho. Não era

peessoa de fazer amizade facilmente, ainda que não fosse orgulhoso. Era, isso sim, diferente. Não sabia por que ele gostava de mim, mas se eu pudesse olhar para o futuro naquele tempo e saber o que Jerry e eu... mas deixemos isso para quando chegarmos lá. Já é bem ruim podermos recordar o que aconteceu; pior ainda seria se a gente pudesse saber do que vai acontecer.

— Está bem, — disse ele, — já que é assim que você quer. Mas isso não impede você de jantar uma noite destas lá em casa.

— Vou, sim, — disse eu desajeitadamente sem saber se devia agradecer-lhe novamente ou não. Cheguei afinal à conclusão de que já havia agradecido e disse: — Até à vista. Tenho de entrar para trabalhar.

E fiquei olhando enquanto ele descia a rua e dobrava a esquina.

Entrei no bilhar. O relógio da parede marcava 3h15m. Era cedo ainda. Eu começava a trabalhar às quatro horas e naquele momento não estava com muita vontade de fazer coisa alguma. Procurei Jimmy. Estava falando com alguém e não me viu. Sai então, andei um pouco pela rua e fui-me sentar ao sol na escada da frente de uma velha casa de cômodos para esperar a minha hora de entrada. Tornei a pensar em como seria bom ir para o campo com Jerry.

Acendi um cigarro e estava esperando que o tempo passasse quando ouvi uma algazarra do outro lado da rua. Dois garotos que eu conhecia tinham acuado num canto um garotinho judeu e estavam mexendo feio e firme com ele. Olhei para eles sem muito interesse. Estava com muita preguiça para ir divertir-me junto com eles. Os dois tinham o judeu encostado à parede e o atormentavam.

— Meio homem!

— Assassino de Cristo!

O garoto os enfrentava muito sério, com o rosto pálido mas calmo. Os olhos lhe faiscavam de ódio. Deixara no chão o livro que estava levando e se encostava bem à parede. Levantou os punhos fechados. Era menor do que eu, louro, de olhos azuis e feições delicadas.

Falou afinal:

— Numa luta honesta, posso bater qualquer de vocês!

Os outros deram uma gargalhada.

— A única coisa que você pode fazer conosco é lamber os nossos pés!

Levantei-me e atravessei a rua. Aquilo ali prometia.

— Alô Frankie, — disse um dos garotos.

— Alô, Willie.

— Vamos dar uma surra no judeuzinho! — gritou outro rapaz da turma.

— Não, — disse eu. — Não ouviram o que ele disse? Disse que pode bater qualquer de nós. Não vão deixar isso sem resposta, vão?

Um de nós tem de lutar com ele!

Os outros me olharam desconfiadamente.

— Quem é que vai ser? — perguntei.

Não houve resposta.

— Está bem. Serei eu então.

Abriram-me caminho e eu passei. O garoto olhou para mim. Eu sabia que ele estava medindo a minha força.

Levantei os punhos. Ele avançou e atacou desordenadamente e eu me esquivei com a maior facilidade. Não sabia lutar. Só fazia avançar e desfechar uns socos que eu bloqueava sem qualquer esforço.

Os outros começaram a gritar.

— Duro nele, Frankie!

— Acabe logo com isso Recuei até quase à beira do passeio quando percebi que ainda estava com o cigarro na boca. Resolvi não tirá-lo para mostrar aos outros que sabia o que estava fazendo. Deu outro soco e não me alcançou. Estava começando a respirar com dificuldade. "Ora essa!", pensei eu. "Ele sabe que vai perder para mim. Por que é então que não foge?" Fingi que havia escorregado no passeio e o cigarro me caiu da boca. Quando levantei o corpo, ele ainda estava ali à minha espera. Avancei para ele, dei-lhe um direto no estômago e, logo depois, um cruzado, de direito

no queixo. Ele caiu de costas. Os garotos começaram a dar pulos de satisfação. "Dê-lhe um ponta-pé!" gritavam. O garoto tentou levantar-se mas não conseguiu. Ficou ali a olhar-me. Baixei os braços.

— Agora é a nossa vez! gritou Willie.

Os outros começaram a avançar para ele. Mas eu tomei a frente e disse.

Agora, chega. Vocês já se divertiram. Agora, dêem o fora!

Saíram ainda discutindo a luta e, rindo, dobraram a esquina. Sentei-me então no passeio ao lado do garoto e ofereci-lhe um cigarro do meu maço. Ele não aceitou e agradeceu. Acendi o meu cigarro. Ao fim de algum tempo, ele se sentou no passeio e disse:

— Obrigado.

— Por quê? Pelo soco que lhe dei?

— Não, por ter-me livrado daquela turma.

— Mas não são ruins aqueles garotos. Estavam apenas querendo se divertir. Não tinham intenção nenhuma.

— Belo divertimento! — exclamou ele, levantando-se e apanhando o livro.

— Escute, — disse-lhe eu então, — se você quiser continuar a viver neste bairro, terá de aprender a lutar.

Ele nada disse, mas o jeito pelo qual cerrou os queixos mostrava que era isso mesmo que ele ia fazer.

Nesse momento, o Padre Quinn apareceu na rua e eu me levantei.

— Alô, Francis, — disse ele.

— Alô, Padre, — exclamei, levando a mão à cabeça numa meia continência.

— Será que você estava brigando com esse garoto, Francis?

Antes que eu pudesse responder, o garoto disse:

— Nada disso. Não estávamos brigando. Francis estava era me dando uma lição de box.

— Está bem, — disse o Padre Quinn, sorrindo, — mas não o deixe entusiasmar-se muito com as lições porque às vezes se esquece e pode passar da conta. Como é seu nome, meu filho? Não me lembro de já tê-lo visto na missa.

— Sou judeu, — disse o outro, calmamente. — Meu nome é Martin Cabell.

— Ah! Então deve ser o filho de Joe Cabell não é?

— Sou, sim.

— Conheço seu pai. É um bom homem. Quer dar-lhe lembranças minhas?

— . Pois não. E muito obrigado, Padre.

— Bem, já vou indo. Não se esqueçam do que eu disse: nada de brigas. E mais uma coisa, Francis, tire logo esse cigarro do bolso se não vai abrir um buraco nas calças.

Tirei o cigarro o bolso. Julgava que ele não me houvesse visto escondê-lo. Martin e eu nos olhamos e rimos.

— Parece ótima pessoa, — disse Martin, — E é mesmo.

Descemos a rua juntos — Mora aqui por perto? — perguntei-lhe.

— Moro, sim. Meu pai é dono do drugstore da esquina da Rua 59 com a Broadway. Moramos em Central Park Oeste.

Chegamos à esquina da Nona Avenida. Olhei para a vitrina de uma joalheria e vi que já passava das quatro.

— Tendo de ir correndo, Martin Está na hora do meu trabalho.

— Quando acabar, vá até ao drugstore de meu pai e tome um sorvete por minha conta.

— Está bem. Até logo.

Poucos passos adiante, comecei a correr. Não queria chegar atrasado para Jimmy não se aborrecer.

O bilhar estava vazio quando cheguei. Naquela tarde, os fregueses não estavam querendo aparecer. Fiz a limpeza rapidamente e depois peguei

os livros para fazer os cálculos quando os resultados chegassem. Mais ou menos às cinco e meia, chegaram alguns fregueses e eu tive de descer para pegar algumas garrafas de cerveja. Quando subi, encontrei Silk Fennelli conversando com Keough. Logo que ele me viu disse:

— Alô Frankie — Alô, Sr. Fennelli — respondi, muito satisfeito de que ele ainda se lembrasse de mim.

Ele continuou a conversar com Keough. Quando acabou, chegou aonde eu estava.

— Que tal um daqueles lustros especiais Frankie?

— Neste momento — disse eu e fui buscar a caixa no armário, correndo. Foi um lustro especial mesmo. Esfreguei até que podia ver quase meu rosto no couro.

Vi que ele ficou satisfeito. Deu-me meio dólar e me perguntou se eu havia sido posto para fora de mais algum salão.

Disse que não e ri. Keough apareceu e Fennelli contou o que havia acontecido. Ambos riram. Guardei a caixa e voltei a fazer os cálculos. Keough e Fennelli chegaram perto e começaram a olhar.

— É ele que faz os seus cálculos, Jimmy?

— É, sim, e é muito bom nisso. Sabe onde tem a cabeça com esses números todos.

— Continue assim, rapaz, — disse-me Fennelli sorrindo. Um dia, você será um grande homem nesse negócio.

Depois disso, deu adeus e saiu, tomando o carro que estava encostado ao passeio "Grande homem nesse negócio!", pensei, com as palavras de Fennelli nos ouvidos. "Está certo, serei o maior jogador da cidade, isso é que é. Só que para mim não será jogo. Dirigirei os negócios como Silk Fennelli. Os outros farão o trabalho para mim e eu só receberei o creme. E vou ter um carro ainda maior do que o de Fennelli...

E assim com os meus sonhos a tarde passou e, de repente chegou a hora de ir para casa.

Quando saí, tinha começado a chover. Não me deu vontade de voltar para jantar. Fui andando na direção da Broadway. Quando cheguei ao

drugstore de Cabe estava já bem molhado. Entrei e logo Martin veio ao meu encontro.

— Que bom você ter vindo, Francis Vamos tomar aquele sorvete?

O meu foi de chocolate. Quando acabamos, ficamos por ali conversando. Ele era um ano mais moço do que eu, mas cursava o mesmo ano na escola pública. Em dado momento, uma mocinha se aproximou dele e disse:

— Ande depressa, Marty, senão chegaremos atrasados para o jantar.

Ele nos apresentou.

— Frankie, está é minha irmã, Ruth.

— Alô, — disse eu.

Ela sorriu para mim.

— Muito prazer.

Devia ter uns quinze anos e era realmente bonita — com os cabelos louros cortados quase como os de um rapaz e os mesmos olhos azuis de Martin. Como ele, tinha também jeito de olhar diretamente quando falava. Eu era um pouco mais alto do que ela quando Marty perguntou qual era a minha idade, eu disse dezesseis, na esperança de impressioná-la.

Martin contou-lhe o que havia acontecido naquela tarde e ela se afastou depois de me olhar de uma maneira estranha. Notei o fato, mas nada disse a Martin.

— Escute aqui, — disse-me ele. — Não disse que ia me ensinar a lutar? Eu tenho luvas de box em casa. Por que não vem comigo para dar-me uma lição? Vá jantar e depois apareça lá em casa.

— Não sei se posso. Moro no orfanato e se aparecer lá para jantar, talvez não possa mais sair.

— Tenho uma idéia. Espere um instante.

Foi para os fundos do drugstore e eu o vi conversar com o pai do outro lado da divisão envidraçada. Apontou-me. O pai disse alguma coisa e ele voltou para onde eu estava.

— Já arranjei tudo, Frankie. Depois, teremos a nossa aula. Vai jantar em casa conosco.

Eu não queria a princípio, mas acabei concordando.

O pai e a mãe dele não jantaram em casa naquela noite, O jantar nos foi servido aos três, Marty, Ruth e eu, por uma empregada de vinte e poucos anos chamada Julie. Era uma franco-canadense e falava com um sotaque bem divertido. Sentou-se para jantar conosco. A comida era simples e nós acabamos prontamente. Fomos depois para a sala. Tinham um rádio novo e pudemos pegar com ele um pouco de música. Era a terceira vez que eu ouvia um rádio e achei bem interessante. Uma hora depois do jantar, Marty sugeriu que descêsemos para fazer um pouco de box.

Concordei. Ruth ficou na sala e disse que ia ler um pouco.

Havia embaixo uma boa sala com as paredes tomadas por estantes cheias de livros, um sofá e algumas cadeiras espalhadas. Juntamos as cadeiras num canto e calçamos as luvas.

— Levante as mãos, — disse-lhe eu. — Faça o movimento com a esquerda. Mantenha a direita para trás, perto do queixa... assim.

Fiquei em posição de luta. Ele me imitou. Recuei um pouco e olhei-o. Movi-lhe a mão esquerda mais para fora e encostei-lhe o cotovelo mais para o corpo.

— OK — disse eu. — Agora, você só precisa é acertar-me.

— Não quero machucá-lo, Frankie.

— Não se preocupe que isso não vai acontecer Ele baixou a esquerda e golpeou com a direita. Bloqueei o soco e aproximei-me.

— Não é assim. Você deixou a guarda inteiramente aberta.

Quando você baixa a esquerda, eu posso entrar e atingir você assim, está vendo? Tem de bater também com a esquerda para manter o adversário afastado, entendeu?

— Entendi, — disse ele. E lembrou-se durante alguns segundos, mas depois esqueceu. Deixei-o dar mais um dois socos e errar.

Depois, parei para repetir o conselho.

— Não se esqueça de ficar com a esquerda levantada.

Tínhamos começado de novo quando a porta se abriu. Olhei automaticamente por cima do ombro dele. Ruth entrou. Eu estava olhando para ela ele me atingiu no ombro. Sem pensar, dei um cruzado com a direita e atingi-o no olho. Marty foi ao chão.

Ruth correu para ele, que estava sentado no chão, e olhou para mim.

— Animal! Não pode escolher um do seu tamanho?

Fiquei tão confuso que não pude falar.

— Ele não teve culpa, Ruth — disse Marty. — Pedi a ele que me ensinasse a lutar.

— Mas veja como ficou seu olho. Agora, vai ficar todo roxo.

Disso não havia dúvida. Devia estar uma beleza no dia seguinte. Consegui falar afinal.

— Desculpe, Marty. Não queria bater com tanta força.

Ajudei-o a levantar e ele disse rindo:

— Não tem importância.

Julie ouviu o barulho e chegou à sala.

— É melhor botar uma toalha molhada aí em cima, senão vai inflamar.

Ele tirou as luvas e disse:

— OK. O resto da lição fica para depois. Espere-me aqui que eu não demoro.

Saiu da sala com Ruth e logo depois ouvi a água correr no banheiro.

Eu ainda estava com as luvas. Julie pegou as luvas que Marty deixara cair no chão e perguntou:

— Posso experimentá-las?

— À vontade. Não são minhas.

Ela calçou as luvas e disse:

— A gente fica meio sem jeito com elas.

— Só no princípio. Depois, a gente se acostuma.

— Meu pai sempre disse que eu devia ser menino. Sempre gostei das coisas que os rapazes gostam.

Fiquei calado.

— Ensine-me box, Frankie De verdade não... Só para eu ter uma idéia...

— OK, disse eu.

— Mas não me acerte, veja lá. Tenho muito medo de me machucar, principalmente aqui, — disse ela, colocando as mãos por baixo dos seios e levantando-os.

Gaguejei uma resposta.

— Está bem. Procure dar-me alguns socos e pronto.

Ela estendeu os braços de maneira engraçada e tentou desfechar alguns socos que não acertaram. Bloqueei-os e então avancei e entrei em clinch. Ela prendeu os braços debaixo dos cotovelos de encontro ao seu corpo. Estava muito junto a mim. Aquela luta com uma moça teve um mau efeito sobre mim. Era excitante demais.

— Você é muito forte, — disse ela, apertando o corpo contra o meu.

Ela era um pouco mais alta do que eu — com cabelos fartos e pretos e boca entreaberta. Os olhos tinham um ar estranho. Ficamos assim um instante e de repente percebemos que Ruth estava a observar-nos da porta. Separamo-nos imediatamente.

— Ela me pediu que eu lhe ensinasse box também, — disse eu, vermelho e sentindo uma zoeira nos ouvidos.

— É então um verdadeiro Gene Tunney, não é? — disse Ruth ironicamente. — Martin que falar com você.

Tirei as luvas e entreguei-as a Julie e, depois fui com Ruth até ao quarto de Martin. Ele estava deitado na cama com uma toalha molhada no olho.

— Sinto muito que isso tenha acontecido, Frankie Mas apareça amanhã no drugstore de meu pai e ficaremos de novo juntos.

— OK, Marty. Desculpe tê-lo machucado. Até amanhã.

Ruth me levou até à porta.

— Boa noite, Ruth.

— Boa noite. Escute pode-me fazer um favor?

— Claro.

— Então afaste-se de meu irmão. Você é grosseiro e vulgar e só poderá ser ruim para Martin.

Disse isso com a maior aspereza e bateu-me a porta na cara. Comecei a descer vagorosamente o corredor.

— Psiu! — Era alguém que me chamava. Olhei e vi Julie que estava em outra porta mais adiante. No primeiro momento, fiquei sem saber o que ela estava fazendo ali.

— Venha cá, — disse-me ela com voz nervosa.

Entrei. Era a cozinha do apartamento de Martin, depois da qual ficava um pequeno quarto, bem afastado do resto do apartamento. Fez-me entrar com ela e fechou a porta.

— Isto aqui é meu quarto, — disse ela em voz baixa. — Não faça barulho.

Não fazer barulho... Eu estava tão nervoso que não podia nem falar e fiquei olhando para ela. Apagou a luz e aproximou-se de mim. Passou os braços pelo meu corpo e beijou-me. Senti-lhe a língua nos lábios e as mãos no corpo. Passei também as mãos pelo corpo dela e Julie caiu na pequena cama...

Era meia-noite quando sai de lá. Indo pelas ruas, molhado da chuva e cansado, sentia que já era um homem. Mas era apenas um idiota. Não tinha ainda quatorze anos e era grande demais para a minha idade e para as calças que vestia.

Na manhã do sábado, Keough me deixou sozinho no bilhar. Ia levar a mulher e o filho até à estação onde tomariam o trem para o lugar onde iriam passar o verão.

Limpei todas as mesas, botei a cerveja para gelar no porão e arrumei tudo. Havia feito a limpeza dos lavatórios, polira os vidros do balcão dos cigarros. Tratei depois de lavar as vidraças. Eram meio cobertas de tinta preta para que ninguém pudesse olhar para dentro e em cada uma delas estava pintada a palavra "Bilhares" em pequenas letras. Passei água com sabão nas vidraças e, depois, enxuguei tudo com um pano amarrado à ponta de uma longa vara.

Ainda estava trabalhando quando Jerry e Ray apareceram na rua. Pararam para ver.

— Ih! exclamou Ray. — Você é mesmo um craque para lavar janelas.

— Ora, é muito fácil, — disse eu, todo satisfeito. — Basta a gente pegar a prática.

Passei ainda uma vez o esfregão para causar efeito e concluí o trabalho. Apanhei o balde e os outros apetrechos e disse:

— Podem entrar. Keough não está aí.

Entrara no bilhar. Era a primeira vez para eles. A entrada de crianças era proibida.

— Podemos jogar um pouco de bilhar, Frankie? — perguntou Ray.

— Não. Só os adultos podem. Os menores não podem jogar, — disse eu, apontando uma cartaz na parede acima da máquina registradora. — A polícia pode fechar isto aqui se vocês jogarem.

— Quer ir ao banho com a gente hoje à tarde? — perguntou Jerry.

— Eu bem que gostaria. Passem por aqui na hora e, se houver pouco movimento, talvez Jimmy me deixe ir.

— OK. — disse Jerry. — Vamos passar por aqui.

Fez muito calor à tarde. Jimmy voltara da estação muito contente, assobiando até e, desde que os fregueses eram poucos, me deu folga por algum tempo.

Fomos os três pela rua rumo ao cais da Rua 54. Vi Marty do outro lado da rua e chamei-o. Apresentei-o aos outros e perguntei se ele queria ir tomar banho com a gente.

— Seria bom, — disse ele. — Desde que os seus amigos não se importem.

— Claro que não se importam, — disse eu. — Com mais gente é até mais divertido.

O cais estava cheio. alguns camaradas que eu conhecia. Pete Sampero estava lá com a turma dele, mas não me disse nada e eu não lhe dei a menor atenção. Fomos para debaixo do cais e tiramos a roupa. Depois, caímos na água. Esta era quente e suja porque a boca de um esgoto ficava ali por perto, mas quando se nadava um pouco para fora a água era limpa e fresca. Demos algumas braçadas e mergulhos e então eu disse aos outros:

— Gostaria de voar daqui para o cais para não ter de passar na volta por aquela água suja.

— Ora, — disse Jerry. — se você quisesse ir para o campo, como lhe convidei, poderia nadar num lago de verdade.

Um avião passou e nós todos olhamos e gritamos. Ray então disse:

— Será Rickenbacker que vai ali?

— Nunca ouvi dizer que fantasmas pudessem pilotar aviões, — disse eu. — Rickenbacker já morreu.

— Não morreu não, — replicou Marty. — Está vivo. Foi ele que derrubou o maior piloto alemão, Von Richthofen.

— A verdade é que nós temos os melhores aviões do mundo e os nossos pilotos são os maiores, — disse] Ray.

Boiamos um pouco, olhando as barcas e os navios que passavam pelo Hudson. Depois, saímos da água e nos estendemos ao sol, no cais. Estávamos nus mas tão longe da rua que ninguém nos podia ver. Ficamos

ali durante algum tempo em silêncio. O sol estava muito quente e eu cobri o rosto com a camisa.

Uma sombra se estendeu sobre mim e eu ouvi uma voz dizer:

— Quem deixou esse judeu imundo vir para o nosso cais?

Pensei que era alguém falando a respeito de Marty e fiquei ali bem quieto, esperando para ver o que acontecia.

— Eh, pessoal! — gritou a mesma pessoa. — Venham ver como é um judeu!

Ouvi passos que se aproximavam e pararam perto de mim.

— Engraçado, não é? — disse alguém. E todos riram.

— Vamos, judeu, — disse o que primeiro falara. — Mostre a cara. — Houve um minuto de silêncio ele então me cutucou com o pé, dizendo: — Estou falando com você. Será que não entende?

Tirei a camisa do rosto e me sentei. Jerry, Ray e Marty estavam sentados perto, olhando para mim. Vi que Marty havia vestido as calças, de modo que o camarada devia estar falando comigo mesmo. Eu tinha sido circuncidado em garoto. Levantei-me e enfrentei o sujeito. Era um camarada que eu não conhecia.

— Meu nome é Kane, Francis Kane. E não sou judeu. Quer puxar alguma questão por isso?

— Ele está dizendo a verdade, — exclamou alguém. — É de St. Thérèse.

— Está bem, — disse o outro. — Desculpe. Mas não gosto de judeus. Gostaria de encontrar um por aqui para jogá-lo dentro da água.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, Marty apareceu diante dele.

— Pois eu sou judeu. Vamos ver você me jogar dentro da água.

O rapaz era um pouco mais alto do que Marty, que estava de costas para a água. De repente, o camarada avançou para ele, disposto a jogá-lo dentro da água. Mas Marty fez uma ágil esquiva de corpo para o lado e o camarada, não conseguindo frear o seu ímpeto, continuou e caiu do cais,

espadanando água para todos os lados. Dei uma gargalhada, no que fui acompanhado pelos outros.

Cheguei à beira do cais e gritei para o garoto que se debatia dentro da água:

— O judeu foi mais sabido do que você, hem?

Ele gritou um palavrão e procurou subir para o cais. Mas estava tão furioso que falseou o pé e caiu de novo na água. Novas gargalhadas. Nisto, começaram a gritar:

— Lá vem uma mulher!

Todos nós estávamos sem roupas nos jogamos dentro da água. Depois, quando a mulher foi-se embora, saímos da água e nos vestimos.

— Tenho de voltar para o trabalho, — disse eu e voltamos em silêncio pela Décima Avenida.

À porta do bilhar, Jerry disse:

— Não se esqueça. Amanhã, depois da missa, você irá lá em casa para conhecer meu pai.

Entrei e encontrei Keough, suarento e atarefado. Logo que me viu gritou:

— Vá buscar cerveja lá embaixo. Está fazendo calor e o pessoal está com sede!

Aos domingos, o bilhar não se abria. Eu tinha de ficar na igreja até acabarem as missas porque era coroinha. Depois da última missa, quase ao meio-dia, eu voltava em geral para o orfanato, almoçava e depois saía pelo resto do dia, para ir ao cinema ou a Polo Grounds para ver o jogo de beisebol. Naquele domingo, havia prometido a Jerry que ia conhecer o pai dele.

O pai de Jerry era o prefeito de Nova York — grande democrata, homem do povo, sempre muito cordial e disposto a cumprimentar todo o mundo, apertar as mãos de quem quer que fosse e beijar todas as crianças. Eu não gostava dele. Isso vinha de muito tempo de antes até de eu conhecer Jerry Cowan. Nesse tempo, o pai de Jerry era vereador do nosso distrito e tinha ido fazer um discurso no orfanato por ocasião do jantar do

Dia de Graças. Fez um belo discurso que nenhum de nós compreendeu e pouco se importou com isso. Estávamos todos cheios de peru. Eu tinha nessa época meus nove anos. Ele me havia mandado ao gabinete do superintendente para apanhar um charuto no sobretudo dele. Quando voltei com o charuto, ele tirou do bolso uma moeda de 25 centavos e me deu, dizendo:

— Você é um bom garoto. Tome para você.

— Obrigado. — disse eu, tomando o dinheiro. Lembrei-me então do que o professor havia dito e fui colocar o dinheiro na caixa da igreja.

O Sr. Cowan me viu fazer isso e me chamou.

— Gostei do que você fez. Como é seu nome, meu jovem?

— Francis Kane.

— Muito bem, Francis. Aqui estão mais cinco dólares para a igreja, mas antes que você coloque o dinheiro na caixa, quer-me dizer o que era que você gostaria mais de ganhar pelo Natal?

— Um trem elétrico.

— Pois vai ganhar um trem elétrico. Tenho um filho mais ou menos da sua idade, e é isso o que ele quer também. E os dois vão ter o que querem.

Ele sorriu quando eu botei a nota de cinco dólares na caixa da igreja.

Comecei a contar os dias que faltavam para o Natal. Na manhã de Natal, quando desci para o refeitório onde estava armada a grande árvore, esperava encontrar o trem elétrico lá, mas não o vi. Talvez ainda não tivesse chegado. Não podia imaginar que ele fosse esquecer. Mas o dia se passou sem nenhum trem elétrico chegar.

Só perdi mesmo a esperança quando fui para a cama. Comecei então a chorar com a cabeça no travesseiro.

Irmão Bernhard, que estava passando pelo corredor, ouviu os meus soluços e entrou no dormitório.

— Que é que há, Francis? — perguntou ele com a sua voz bondosa. Sentei-me na cama e falei do trem elétrico.

— Ora, Francis, não chore por uma coisa à toa como essa. É melhor chorar pelo amor dos seus amigos e por nós que não lhe podemos dar metade do amor de que você precisa. — E acrescentou porque era prático, além de sentimental: — Aliás, soube que Cowan está na Flórida desde o princípio do mês e deve estar tão ocupado com as suas outras atividades que nem se lembrou de você. Agora, vá dormir que você vai precisar de toda a sua força amanhã. Vou levar você para andar de trenó no Parque Central. Está nevando, como você pode ver se olhar pela janela.

Olhei e vi que a neve estava mesmo caindo em grandes flocos. Deitei-me de novo, já de olhos enxutos. Irmão Bernhard saiu e eu o ouvi dizer a uma pessoa que encontrou no corredor:

— Não faz mal que os políticos faltem às promessas que fazem aos eleitores, mas gostaria de que não fizessem também as crianças sofrerem.

A luz do corredor foi então apagada e eu comecei a odiar Co-wan com toda a fúria de minha alma de garotinho.

Quando conheci Jerry pouco antes da eleição do pai para prefeito, fiquei sem saber o que fazer. Ele era um garoto simpático e amigo, que não percebia que a única razão da transferência dele de uma escola particular para St. Thérèse tivera sido fins políticos. Simpatizei com ele mas não sabia se devia estender a ele a raiva que tinha do pai.

Tomei então o caminho melhor para chegar a uma decisão. Provoquei-o para uma briga. No meio da luta, sem vantagem para qualquer de nós, que éramos de forças iguais, baixei os braços e disse:

— Não posso brigar mais. Eu gosto de você.

Ele nunca soube por que eu fiz isso. Talvez pensasse que eu era um pouco amalucado. Mas naquele seu jeito gentil e cordial, me estendeu a mão e disse:

— Ótimo. Eu também gosto de você.

E nos tornamos amigos íntimos. Tinha sido no ano anterior. A nossa camaradagem havia aumentado no decorrer do ano escolar e ele queria que eu fosse conhecer o pai para que pudesse levar-me para o campo. Nunca havia dito por que não gostava do pai dele e, para dizer a verdade, ele não sabia nem que eu não gostava do Prefeito. Havia esperado que Jerry se

esquecesse do convite, mas não houve jeito. Logo depois da última missa, ele me apareceu.

— Pronto, Frankie? — perguntou ele com um sorriso.

— Pronto.

— Que é que estamos esperando então? Vamos.

Um mordomo nos abriu a porta.

— Onde está Papai, Robert? — perguntou-lhe Jerry.

— Na biblioteca, à sua espera.

Fui com Jerry para a biblioteca, onde estavam o pai e a mãe dele. O pai ainda tinha o mesmo sorriso fácil e o mesmo olhar cordial. Fiquei admirado da maneira pela qual Jerry se parecia com ele quando sorria. Mas Jerry tinha também a placidez e a delicadeza da mãe — Ah, afinal chegou, Jerry! — exclamou o pai. — Estávamos esperando por você para almoçar.

— Obrigado, Papai. Este meu amigo Frankie, de quem já falei.

Os dois voltaram-se para mim e eu me senti de repente muito envergonhado das roupas surradas que estava usando.

— Prazer em conhecê-lo, — disse o pai, estendendo a mão.

Não me lembro do que eu disse, mas nesse momento o mordomo apareceu e anunciou que o almoço estava na mesa. Fomos todos para a sala de jantar.

A mesa era enorme e quadrada e tinha no centro um grande vaso de flores. Quando se queria dizer alguma coisa a outra pessoa sentada à mesa, era preciso olhar por cima das flores ou pelos lados. Havia mais garfos, facas e colheres do que eu podia imaginar e eu não sabia como usá-los. Mas fiquei observando Jerry e me saí bem. A sobremesa foi sorvete. Depois, voltamos para a biblioteca.

— Jerry me disse que ele quer levá-lo para passar as férias no campo — disse-me o Sr. Cowan.

— É verdade. Fico muito grato a tanta gentileza mas, infeliz mente, não posso ir.

— Por quê? É contra o regulamento... do orfanato?

— Não é por isso. Mas tenho um emprego durante o verão e não posso deixá-lo.

— Mas o campo é muito melhor para você do que trabalhar na cidade com todo esse calor, — disse então a mãe de Jerry.

— Sei disso, — murmurei sem querer ofender-lhe os sentimentos, pois simpatizava com ela. — Mas eu preciso. Vou passar para o curso secundário em setembro e um pouco de grana, isto é, de dinheiro, seria muito bom. Compreendam eu quero ser um pouco como os outros... e não depender sempre da caridade. Desculpe, mas não tive intenção de ser grosseiro.

Ela se aproximou de mim e segurou- a mão.

— Não acho que tenha sido grosseiro. Frankie. Acho você um ótimo rapaz.

Não sabia o que devia dizer a isso. Alguns minutos depois o casal se retirou. Tinham um compromisso em algum lugar e nós subimos para o quarto de Jerry.

Ficamos por ali um pouco sem nada fazer de específico. Por fim, Jerry disse:

— Vamos até ao sótão? Está arrumado como uma sala de brinquedos e nós podemos divertir-nos.

A. primeira coisa que vi quando entramos foi um grande trem elétrico armado. Era uma maravilha; havia pontes. túneis, desvios e três locomotivas.

— Que beleza! — exclamei, atônito.

— Papai comprou isso para mim há três anos antes de irmos para a Flórida. Quer brincar um pouco com ele?

Olhei tudo em silêncio por um minuto, enchendo os olhos. Aproximei-me quase instintivamente. Mas alguma coisa me fez parar. Um pensamento me ocorreu. Ao menos, ele não se esquecera do presente do filho.

— Não, — disse eu, com a voz trêmula. — Está fazendo muito calor aqui. Vamos nadar.

Eu ia começar o curso secundário naquele ano. Jerry ia para a Escola Secundária George Washington e eu resolvi ir para lá também. Marty estava com os mesmos planos. Eu não estava muito interessado nisso porque considerava a escola um mal necessário. Deixaria os estudos logo que tivesse dezessete anos e pudesse legalmente abandonar a escola. A minha única ambição era ser jogador e bookmaker para enriquecer. A conclusão do curso em St. Thérèse foi uma cerimônia simples e calma. Reunimo-nos num grande salão com pais, amigos e professores. Houve três discursos e cada um de nós recebeu um diploma.

Chamaram-me pelo nome. Fui até ao estrado e recebi o diploma das mãos do monsenhor que tinha ido especialmente presidir o ato. Depois, voltei para o meu lugar e sentei-me com o resto da turma. Depois da cerimônia, fiquei olhando os outros garotos em companhia dos pais, todos sorridentes e orgulhosos. Creio que estranhei um pouco ficar tão sozinho assim. Olhei para Jerry e o pessoal dele. Estavam cercados por uma verdadeira multidão, que não deixava Jerry ver-me senão ele me chamaria para ficar com eles. Ao fim de algum tempo, comecei a encaminhar-me para a porta. De qualquer maneira, não apareceria ninguém para abraçar-me e eu me sentiria melhor lá fora. De repente, alguém me bateu no ombro e eu me virei. Era o Irmão Bernhard. O Padre Quinn estava com ele e ambos me sorriam.

— Parabéns! — disse o bom Irmão Bernhard com o seu vozeirão.

— parabéns! — disse o Padre Quinn.

Sorri de repente ao mesmo tempo que sentia lágrimas nos olhos. Fiquei um momento sem poder falar.

O Irmão Bernhard me olhou atentamente. Havia ocasiões em que eu julgava que ele podia ler os meus pensamentos.

— Pensou que nós não viríamos, hem? Mas não podíamos perder a formatura de um dos nossos rapazes, não era mesmo, Padre?

— Claro que não, — disse o Padre Quinn. — Temos muito orgulho de você, Francis.

Encontrei afinal a voz — não a voz que eu normalmente usava, mas de qualquer modo uma voz.

— Obrigado, muito obrigado!

Irmão Bernhard pôs a mão no meu ombro quando nos dirigimos para a porta. Comecei a sentir-me bem. Quando chegamos lá fora, o Padre Quinn se despediu, desejou-me felicidades e tomou o caminho da igreja, enquanto o Irmão Bernhard e eu íamos para o orfanato. Entramos no pátio em silêncio. De repente, ele me fez parar e me disse:

— Francis, tenho um presente para você.

E abriu a mão. Fiquei um momento surpreso, olhando sem compreender para o embrulho que estava na mão dele.

— É seu, Francis. Tome.

Peguei o embrulho e abri-o. Era um relógio de pulso. Era uma beleza! Coloquei a correia no braço com dedos trêmulos.

— Gosta? — perguntou ele.

— Se gosto? — exclamei com voz leve e alegre. — Gosto mais disto do que de qualquer outra coisa que já tive na vida!

Ele sorriu, me tomou pela mão e entramos juntos no grande prédio cinzento.

Aquele verão foi o primeiro em que passei tanto tempo na companhia dos outros. Aprendi a conviver com as pessoas — a pilheria e rir, a não me enfurecer ante cada insulto. Aprendi uma porção coisas naquele verão e Julie me ensinou a maioria delas.

Um dia depois da formatura, Marty me convidou para jantar em casa dele de novo. Os pais iam sair naquela noite. Cheguei cedo. Ele me abriu a porta e disse — Que tal fazermos um pouco de box agora, para ficarmos sem fazer nada depois do jantar?

Concordei. Já estávamos boxeando havia uma hora quando Julie apareceu à porta.

— O jantar está na mesa.

Tiramos as luvas e eu lavei as mãos. Marty quis tomar uma chuveirada e eu fui para a cozinha esperá-lo.

— Onde está Marty? — perguntou Julie.

— Foi tomar um banho e não demora.

Ela estava com um avental que se fechava do lado. Estava com um vestido muito justo e parecia um rapaz, menos na maneira de andar.

— Como vão as lições de box? — perguntou ela, tomando-me as mãos.

— Muito bem.

— E as outras lições Que outras lições?

— Esta — disse ela, passando-me os braços em volta do corpo dela.

Abracei-a. Ela estava quente e era bom apertá-la assim. Dei-lhe beijo na boca e ela fechou os olhos.

Depois, ela inclinou a cabeça para o lado e disse, apontando o pescoço.

— Beije-me aqui.

— Por quê?

— Porque eu gosto, seu bobo. Você vai gostar também. Não gosta de mim?

— Isso é coisa de criança.

— Coisa de criança? E pode-se saber a sua idade, velhote?

— Tenho quase dezesseis anos.

— Bem, eu tenho quase quatro anos mais do que você e não acho Isso coisa de criança. Beije-me.

Beijei-lhe o pescoço. A princípio, não achei graça nenhuma, mas depois gostei. Ela pegou a minha mão e colocou-a em cima do seio suave quente. Falou-me ao ouvido quase como se estivesse falando consigo mesma:

— Não sei o que é que há com você, Frankie. Os garotos não me fazem sentir nada. Mas você é diferente. Você é como um homem, frio, egoísta, calculista, mas ainda com muita coisa de criança. Você é forte, mas quando me abraça é delicado como um bebê. Diga que gosta de mim.

Sacudi a cabeça, ainda beijando-lhe o pescoço.

— Diga, vamos! Diga: "Gosto de você, Julie".

Levantei os lábios para ela, mas nada disse. Ouvimos Marty sair do banheiro assobiando e nos separamos. Olhei-a. Era linda. Os olhos dela cintilavam e a boca ainda estava marcada pelo meu beijo.

— Vou fazer você dizer isso... mais tarde, — disse ela com de terminação, antes que Marty entrasse.

Eu estava rindo com prazer no momento em que Marty entrou.

— De que é que está rindo? — perguntou ele.

— De nada. Uma coisa de que me lembrei.

Sentamo-nos para jantar. Cerca de dez minutos depois, Ruth chegou.

— Desculpe ter chegado atrasado para o jantar, Julie. Mas fiquei presa no clube. Tivemos de eleger uma nova diretoria. — Sentou-se à mesa e olhou para mim. — Você aqui?

— Sim, — murmurei, sentindo que nada poderia aborrecer-me naquele momento. — Dá licença?

Julie trouxe o prato de Ruth e sentou-se à mesa. Olhou para mim e para Ruth como se estivesse percebendo o antagonismo que havia entre nós. Tive a impressão de que ela intimamente estava rindo.

Depois do jantar, fomos para a sala e Ruth tornou a me levar até à porta, quando me despedi às oito e meia.

— Estou vendo que não seguiu a minha sugestão.

— Por que não se mete com a porcaria da sua vida e não me deixa em paz?

A aspereza das minhas palavras foi um golpe para ela. Quando a olhei vi que tinha lágrimas nos olhos. Instintivamente, estendi a mão para ela e murmurei:

— Desculpe.

Ela recuou o corpo e disse:

— Não me toque! Odeio tudo o que há em você: Não é como os outros garotos da sua idade, Há em você alguma coisa de velho, mesquinho

e ordinário, alguma coisa fundamentalmente ruim. Tenho a impressão de que você contamina tudo aquilo em que toca, até meu irmão.

Tentei dizer alguma coisa, mas não pude. Sai e ela fechou a porta.

Julie estava-me esperando na outra porta.

— Por que demorou tanto? Pensei que nunca mais fosse sair.

Entrei com ela para o quarto. Beije-a, primeiro na boca e depois no pescoço, onde ela queria que a beijasse antes. Tirei-lhe o vestido e passei as mãos pela pele fresca e macia.

— Diga primeiro que gosta de mim.

— Gosto de você, Julie, — disse eu, com voz rouca, abraçando-a com mais força.

— . É muito fácil, — dizia-me Jimmy Keough. — Você vai ficar com todo o território daqui até à Rua 64: disse aos rapazes que você iria aparecer. Você só tem de receber as apostas, tomar nota delas e trazer tudo para mim antes das corridas. Se não puder chegar aqui em tempo, terá de me dizer pelo telefone o que é que tem. As suas apostas serão bancadas à parte. Dividiremos os lucros meio a meio. Quando houver prejuízo, você terá de cobrir o deficit da sua metade antes de fazermos a divisão.

Já havíamos conversado muito sobre aquilo. Eu estava ansioso para começar. Tinha um bloco, duas lapiseiras e dois programas de corridas nos bolsos. Encaminhei-me para a porta.

— Não se esqueça, — disse-me ainda Jimmy. — Nada de fregueses novos. Só aqueles que eu aprovar. E não deixe de telefonar se não puder chegar aqui a tempo.

— Está bem, Jimmy, — disse eu, saindo.

A rua estava quente e cheia de sol. Eram quase onze horas e o dia ia ser de torrar. Olhei para a lista de endereços que Jimmy me tinha dado. O primeiro era uma garagem na esquina da Décima Avenida com a Rua 63. Tinha de procurar um camarada chamado Christy.

Entrei e vi um preto corpulento que estava lavando um carro.

— Queria falar com Christy, — disse eu.

— Christy sou eu, — disse ele — Que é que você quer?

— Venho da parte de Jimmy Keough.

— Trouxe o programa? — perguntou ele, largando a mangueira com que lavava o carro.

— Claro, — disse eu, entregando-lhe o programa.

— Joe! — gritou ele para dentro. — O bookmaker está aqui.

Gostei de que ele me chamasse assim. Já era alguma coisa. Dos fundos da garagem, veio outro homem. Olhou para mim um momento com curiosidade e foi para junto de Christy. Estudaram juntos o programa. Encostei-me a um carro enquanto eles resolviam. Por fim, Christy me chamou. Sentei-me no estribo do carro e preparei-me com o bloco, de lápis em punho.

— Sócios em tudo hoje, Joe? — perguntou Christy.

— Claro.

— Então tome as apostas, garoto. Amanhã, seu patrão vai estar arruinado.

— Não faz mal. Ele agüenta.

Riram e Christy disse:

— . Quero 50 centavos em Docket e Red Rose na dupla. E 50 centavos ponta e placê em Garageman. É um palpite, sabe?

— . Tem possibilidade, — disse eu, como se entendesse muito daquilo.

— Claro. E se ganhar deve pagar uma boa pule. E 50 centavos no placê de Red Rose.

— É só?

— Por hoje, é só. Mas se você me trazer um montão de dinheiro amanhã, o jogo será melhor, — disse ele, devolvendo-me o programa.

— Está bem. Se eu precisar de ajuda para trazer o dinheiro, telefone e você vai com um caminhão, está bem?

— É só falar, garoto! É só falar! — disse ele, rindo.

Entregou-me dois dólares, que eu guardei no bolso.

— Até amanhã, amigos.

Em seguida, passei pelo pátio de carga de um edifício na Rua 62. Havia uma grande plataforma de carga de cerca de um metro acima do solo. Dois caminhões estavam ali encostados e em volta alguns homens comiam sanduíches e fumavam. Cheguei perto de um deles e perguntei:

— Conhece Al Andrews?

— Conheço. É aquele ali encostado à porta do elevador.

— Obrigado, disse eu e fui para onde estava Andrews.

— Al Andrews?

— Que é que há?

— Trabalho para Jimmy Keough.

— Entre aqui comigo, — disse ele. — Não quero que o chefe me veja.

Entrei com ele por um corredor até os lavatórios. Entreguei-lhe o programa e ele sabotou as calças e se sentou num dos compartimentos.

Alguns minutos depois, exclamou:

— Sabe que hoje não estou gostando de nada?

Eu ri.

— Toda a corrida tem um vencedor.

— Isso é para os outros. Para mim, não. Todos os matungos em que apostei na semana passada ainda estão correndo.

— Talvez a coisa hoje seja diferente.

— Talvez, — disse ele, continuando a estudar o programa. Ao fim de alguns minutos, disse: — Já sei o que é que eu vou fazer. Um dólar em Smoothie no segundo páreo e dois na ponta em Short Stope no quinto.

Tomei nota e perguntei:

— Mais alguma coisa?

Ele olhou para o programa mais alguns minutos como se fosse uma bola de cristal. Depois, sacudiu a cabeça e me entregou o programa. Puxou um pouco as calças para cima e tirou o dinheiro do bolso, entregando-me.

— Até amanhã, — disse eu. Ele não respondeu. Estava tirando papel higiênico do rolo.

Passei depois por uma farmácia e recolhi três dólares. Depois, fui a um restaurante, onde alguns fregueses que estavam almoçando jogaram sete dólares. Um salão de beleza, uma bombonnière, mais algumas garagens, uma tenda de sapateiro, outro restaurante e só me ficou faltando um endereço. Uma casa de quartos mobiliados. Toquei a campainha e uma empregada preta me abriu a porta.

Olhei para a lista de endereços.

— Mis Neal está?

— Está, sim. Mas você não é muito moço ainda para estar procurando por ela? — levou-me até o segundo andar e disse diante de uma porta fechada: — Miss Neal?

— Entre, — responderam.

Entrei. Havia algumas mulheres por ali sentadas de quimono e robe.

— Que é que você quer? — perguntou uma mulher morena de cabelos pretos.

— Keough me mandou passar por aqui, — disse eu e corri os olhos pela sala, sabendo que havia feito um juízo certo. Estava numa casa de mulheres — Tem aí o programa?

Entreguei-o e outra mulher tomou o outro. Fiquei esperando até que uma delas disse que eu me sentasse. Peguei 19 dólares de apostas ali. Olhei para o relógio que o Irmão Bernhard me tinha dado. Quase duas horas. Tinha de andar depressa, senão chegaria atrasado. Corri sem parar até o bilhar.

— Como correu tudo? — perguntou Jimmy.

— Muito bem, — disse eu, colocando em cima da mesa o dinheiro e os talões das apostas. Tinha feito 51 dólares e 50 cents de apostas. Tratei então de fazer a limpeza e a tarde passou rapidamente. Quando os

resultados chegaram, fiz os cálculos de Keough e de pois os meus. Havia um lucro de 22 dólares e meio nas minhas apostas. A minha parte era de 11 dólares e 25 centavos.

"Onze dólares e vinte e cinco centavos por um dia de trabalho", fui pensando quando voltava para o orfanato naquela noite. Mais do que eu jamais fizera numa semana. Mais dinheiro do que eu já tivera em minha mão de uma só vez. Era bem melhor do que ir passar o verão no campo.

Ao fim da minha primeira semana, tinha ganho 51 dólares. Esse dinheiro e os seis dólares que eu ganhava para fazer a limpeza do bilhar elevavam a minha receita a 57 dólares numa semana, o que era bem mais do que muitas famílias do bairro ganhavam. Não creio que realmente soubesse o valor do dinheiro. Enchia-me de sanduíches, hamburgers e refrigerantes. Pela primeira vez na vida, tinha sempre dinheiro no bolso. Todos os garotos da vizinhança sempre comiam ou bebiam alguma coisa à minha custa. Não podia resistir à tentação de mostrar o meu dinheiro e de pagar coisas para os outros. Considerava-me uma figura muito importante.

Marquei encontro com Julie para irmos nadar depois da igreja no domingo. Quando ela chegou, estava carregando uma maleta.

— Onde está sua roupa de banho? — perguntou ela, logo que nos sentamos no trem.

— Estou vestido com ela.

— E na volta? — perguntou ela, rindo. — Vai ficar com o ter no todo molhado.

— E eu que não havia pensado nisso!

— Bem, guardarei na minha mala, bobinho.

O trem estava em Times Square e a multidão se amontoava. Todos se dirigiam para a ilha a fim de fugir ao calor. Alugamos cabinas numa pequena casa de banhos perto de Steeplechase. Quase ia deixando o dinheiro na cabina, mas me lembrei em tempo de que era arriscado e levei-o. N caminho para a praia comprei um cinto branco que se adaptava ao maiô e que tinha um bolso onde eu podia guardar o dinheiro. Cheguei à praia antes dela. Esperei alguns minutos. Ela estava com um maiô vermelho e me pareceu belíssima. Sem os sapatos de saltos altos, era um

pouco mais baixa do que eu. Parecia ter a minha idade em vez de ser mais velha e fiquei satisfeito com isso.

A água estava ótima. Nadamos durante algum tempo e depois nos estendemos na areia. O sol estava quente e ela, muito branca, começou a ficar um pouco queimada. Eu já estava moreno de tomar banho no cais.

— Como é que está indo no seu emprego, Frankie?

Virei o corpo para ela e respondi:

— Muito bem. Fiz 51 dólares na semana passada.

— Cinquenta e um dólares? Sério?

— Claro. Quer ver? — disse eu, tirando o dinheiro do cinto.

— Guarde isso. Acredito em você.

Guardei o dinheiro.

— Que é que vai fazer com isso?

— Não sei ainda. Talvez comprar umas roupas e algumas coisas que sempre quis ter. Estou cansado de usar roupas de esmola.

Gostaria de ter coisas que eu mesmo escolhesse e de que eu gostasse.

Tirei um maço de cigarros e acendi um para mim e outro para ela.

— Você devia era abrir uma conta num banco, Frankie. Algum dia esse dinheiro pode ser-lhe muito útil. Por exemplo, quando você for para a universidade.

— Quem quer ir para a universidade? Quero é continuar mesmo como bookmaker e ganhar um bom dinheiro. E você vai ser minha pequena.

— Quer mesmo que eu seja sua pequena?

— Claro! — disse eu.

Ela estava tão bonita que tive vontade de beijá-la, mas havia muita gente por perto.

Na véspera de partir para o campo, Jerry foi ao bilhar despedir-se de mim.

— Gostaria tanto de que você fosse comigo, Frankie.

— Não posso, Jerry. O meu emprego aqui...

— Eu sei. Mas se mudar de idéia, me escreva e eu farei papai tomar todas as providências.

— Está bem. Boas férias, Jerry.

— Para você também, disse ele.

— Até setembro.

Apertamo-nos as mãos e ele saiu. Invejava-o naquele momento mais do que nunca. Devia ser ótimo ter tudo o que se quisesse, bastando para isso abrir a boca. Mas fui limpar os lavatórios. Quando acabei, saí para correr a freguesia. Eu havia tomado o conselho de Julie e abrira uma conta num banco da esquina de Broadway com a Rua 63. Estava na minha segunda semana de trabalho e tinha já quase 70 dólares no banco. No dia anterior, as minhas apostas tinham dado um prejuízo de 80 dólares e eu tinha de cobrir esse deficit antes de haver nova divisão de lucros. Mas não estava preocupado. Eu sabia que uma sorte de vez em quando era tão boa para o banqueiro quanto para o jogador. Eles sempre perdiam o que tinham ganho e mais ainda. Achavam que estavam com sorte e jogavam mais pesado. Dentro em pouco, estavam de novo no prejuízo.

Encontrei-me com Ray e Marty, na rua. Iam tomar banho no cais. Convidaram-me para ir com eles e eu disse que não podia. Marty me convidou para ir à casa dele e eu disse que iria naquela noite se tivesse tempo. Outros rapazes os chamaram e eles me deixaram. Perto da garagem que era o meu primeiro ponto havia um grupo que jogava stickball. Apanhei uma bola desviada e devolvi-a.

— Quer jogar, Frankie? — perguntou um deles.

— Não, muito obrigado.

Deixei-os e entrei na garagem.

— Alô, Christy! Onde está você?

Ele saiu debaixo de um carro e disse com o rosto todo aberto num sorriso:

— Alô, Frankie!

— Muito bem, desta vez você acertou, — disse eu, sorrindo. — Ganhou 21 dólares.

Paguei-lhe o dinheiro. Joe, seu companheiro, chegou e eu entreguei-lhes o programa. Jogaram seis dólares em vez dos dois de costume.

Mas o dia, fosse como fosse, não foi tão agradável para mim. Em consequência do que os apostadores haviam ganho, arrecadei mais dinheiro do que em qualquer outro dia desde que começara, mas nem isso me contentou. Quando voltava para o bilhar, passei pelo cais na Rua 54, encostei-me a um poste e fiquei vendo os rapazes mergulharem e nadarem, contentes da vida. Tive vontade de ir para o meio deles, mas tinha de voltar com as apostas.

Uma voz atrás de mim disse:

— Aposto que gostaria de estar com eles, hem, Frankie?

Virei-me. Era Silk Fennelli.

— Bem, não senhor... isto é... eu...

Ele sorriu.

— Está certo, rapaz. Compreendo perfeitamente. Sei o que você está sentindo. Gostaria de estar com eles — nadando, jogando bola ou jogando dados nas esquinas. Mas você não pode. Você tem uma responsabilidade... com você mesmo. Esses meninos não pensam um só minuto no futuro, mas você é diferente. Você quer progredir. Você quer ser alguma coisa. E está aprendendo agora que para conseguir alguma coisa é preciso sacrificar um pouco de outra coisa — de uma coisa de que você talvez precise ou que gostaria de fazer. E você já decidiu como vai ser. Eu um dia já fui assim como você.

— É isso mesmo, Sr. Fennelli. Já me sinto bem longe desses garotos.

— Assim é que é, — disse ele, pondo a mão amistosamente no meu ombro. — Para onde é que vai agora?

— Para o bilhar de Keough.

— Venha no meu carro. Eu ia justamente para lá. E quando chegarmos lá você me pode dar um dos seus lustros especiais.

Fui com ele para o carro. Senti-me muito importante quando paramos em frente ao bilhar e eu saltei com o chefão. Ele me havia perguntado como eu ia de negócios e eu disse. Ele achou ótimo.

Entreguei os talões e o dinheiro a Jimmy. Depois, apanhei a caixa e dei um lustro daqueles em Fennelli.

— O garoto é cem por cento, — disse Fennelli a Jimmy.

— Muito vivo, — disse Jimmy, orgulhoso como se fosse meu pai.

Quando Fennelli quis pagar o lustro, eu não aceitei. Era meio dólar.

— Ora, garoto, pegue o dinheiro.

Vi que ele ia insistir e propus:

— Vamos jogar cara ou coroa. Ou ganho o dobro ou nada.

— OK, — disse ele, jogando a moeda para o alto. — Pode pedir.

Olhei a moeda rodar no ar. Quando ia quase chegando ao chão, gritei:

— Coroa!

E foi coroa. Ele apanhou a moeda e me deu um dólar que eu guardei no bolso.

— Você vai longe, Frankie, — disse ele, rindo.

— Assim espero. Muito obrigado.

Jimmy riu.

— Vá buscar cerveja para a gente, Frankie.

Levei duas bem geladas do porão e abri-as. Beberam rapidamente. Quando acabaram, Fennelli perguntou a Jimmy:

— Vamos acertar a semana passada?

— Claro, Silk! Você bem sabe como eu sou — pago na hora!

Tirou do bolso um maço de notas, contou seiscentos dólares e entregou o dinheiro a Fennelli, que meteu tudo no bolso sem contar.

Deixei-os, fui pegar o balde e o esfregão e tratei de limpar o chão de ladrilhos da frente, perto do balcão. Estava muito quente e eu tirei a camisa, jogando-a num canto. O suor me escorria pelo rosto e eu o enxuguei com o braço. Quando Fennelli passou a caminho da porta, me deu adeus. Retribui com uma meia continência, como fazia com o Padre Quinn.

O verão foi passando. Foi como qualquer outro verão em Nova York — quente, úmido, enervante. As pessoas voltavam do trabalho com o cansaço estampado no rosto como se fosse uma máscara. Os garotos faziam algazarra na rua. Os parques e as praias viviam repletos. Os jornais falavam do calor, nas manchetes. Não havia escola. O barulho da cidade entrava pelas janelas abertas.

Um verão com outro qualquer em Nova York. Mas para mim foi um verão diferente. Sentia-me feliz. Pela primeira vez em minha vida, era livre e não dependia de ninguém. Tinha 700 dólares no banco. Tinha uma pequena. Tinha dois ternos novos. Comia em restaurantes e vivia com dinheiro no bolso. Podia ir aonde quisesse e fazer o que quisesse. Atraía as atenções de pessoas grandes e de garotos. Já era alguém. Estava vivendo à grande. Comecei a pensar em ter de voltar para a escola. Eu não queria ir. Estava ganhando bom dinheiro. Mas sabia que não podia deixar de ir. Não tinha ainda idade suficiente para abandonar os estudos. Pensei em continuar a trabalhar como bookmaker enquanto cursasse a escola. Estudaria no turno da manhã e sairia a tempo de pegar as apostas. As coisas estavam correndo muito bem. Comecei a olhar com superioridade para os outros garotos do orfanato e do bairro. Eu estava realmente subindo.

Foi no fim da tarde do sábado, 22 de agosto. Eu havia feito as contas daquela semana com Jimmy e tinha mais 84 dólares no bolso. O bilhar estava cheio de fregueses que riam, discutiam e gritavam. Dai a pouco, a maioria sairia para ir aprontar-se para os seus programas da noite do sábado. O nosso estoque de cerveja e refrigerantes estava quase no fim. Keough olhou para mim por cima do balcão e disse:

— Estou cansado. Acho que vou fechar cedo hoje para pegar um trem e ir ver a patroa.

— Quer que dê o aviso? Quero.

Fui de mesa em mesa, gritando:

— Vamos fechar! Vamos fechar!

Dai a alguns minutos, a casa estava vazia. Keough contou o dinheiro da fêria e guardou-o no bolso.

— Vamos!

Quando Keough estava trancando a porta, o carro de Fennelli parou em frente à porta. Silk desceu e veio para onde estávamos.

— Está fechando cedo, Jimmy? — perguntou ele, sorrindo.

— Estou. Vou dar um pulo lá em cima para ver a patroa.

— Ótimo. Tem alguma coisa para mim?

— Claro que tenho, Silk. Você me conhece!

Meteu a mão no bolso e tirou o maço de dinheiro, no qual estava passada uma grande tira de borracha. Estavam na porta e eu recuei para dar-lhes lugar, de costas para a rua.

Ouvi o barulho de um carro atrás de mim. De repente, Silk e Keough levantaram a vista. Pareciam estar olhando para alguma coisa atrás de mim. Nada notei de estranho. De repente, Keough ficou muito pálido e o dinheiro lhe caiu das mãos.

Abaixei para apanhar o dinheiro dizendo que ele não devia ser tão descuidado, quando ouvi os tiros. Levantei os olhos, subitamente. Keough tinha as mãos na barriga e estava escorregando encostado à porta. Fennelli estava com as mãos no peito e começou a cair para a frente, tirando as mãos lentamente do paletó. Vi o sangue correr. Foi então que me movimenteí. Não pensei em mais nada. Saí correndo, a princípio de quatro pés e, depois, com toda a força das pernas. Não olhei para trás. Entrei por uma rua, depois por outra e não sabia mais por onde ia. Sabia apenas que estava correndo.

Parei instintivamente defronte do edifício de apartamento onde Marty morava. Mergulhei pela porta adentro e corri pelas escadas até ao andar dele. Fui até a porta dos fundos, onde eu sabia que Julie iria atender e

toquei a campainha. Foi só então que comecei a compreender como estava apavorado. Até então, corraera por uma reação puramente mecânica. O coração batia alucinadamente e eu mal podia respirar.

Julie abriu a porta. Passei impetuosamente por ela e fechei a porta.

— Olá, Frankie — disse ela. Depois, vendo a minha camisa co berta de sangue, exclamou: — Alguma coisa? Que foi que aconte ceu?

Não respondi. Corri para o quarto dela depois da cozinha e joguei-me em cima da cama, onde fiquei arquejante.

Ela entrou também no quarto, fechou a porta e perguntou com os olhos cheios de medo:

— Que foi que houve, Frankie? Está ferido?

— Não. Mas acabaram de matar meu patrão e Silk Fennelli.

— Quem foi?

— Não sei. Depois dos tiros, fugiram.

Percebi então que tinha alguma coisa na mão. Era o dinheiro de Keough. Devia tê-lo agarrado instintivamente. Meti o no bolso, fui até à janela e murmurei:

— Será que me seguiram até aqui?

— Pobrezinho! — disse Julie, puxando-me para junto dela. — Está tão apavorado!

— Não estou com medo não, — disse eu, mentindo. Encostei a cabeça no seio dela. Sentia-me ali tão tranqüilo, tão seguro. Não queria mover-me. Um tremor me sacudiu o corpo. Depois, outro.

Tentei resistir, mas não pude. Daí a poucos segundos, o corpo todo me tremia e eu estava com a camisa coberta de suor. Continuei nos braços dela, tremendo e batendo os dentes como uma criancinha...

Pouco depois, estava sentado na pequena poltrona no canto do quarto de Julie e comecei a pensar. "Ninguém me viu chegar aqui. Queria apenas atingir Fennelli. Nada tinham comigo. Tinham de atirar em Jimmy porque ele os viu e sabia quem eram. Não os vi e eles não quiseram nada comigo. A polícia pode querer interrogar-me. Mas eu nada vi. Nada me

acontecerá enquanto eu ficar calado". Julie foi buscar alguma coisa para eu beber. "Que farei com o dinheiro?" Tirei e contei. Havia 653 dólares. Guardei de novo o dinheiro no bolso. Julie voltou com uma xícara de café.

— Tome um pouquinho de café que você se sentirá melhor.

Sorri para ela e tomei um gole de café — Já estou melhor mas não posso sair daqui com esta camisa toda cheia de sangue. Jogue-a no incinerador e vá buscar para mim uma camisa de Marty.

Ela pegou a camisa e saiu. Pouco depois, ouvi a porta da cozinha abrir-se e, logo a seguir, a batida da tampa do incinerador. Alguns minutos depois voltava com uma camisa de Marty.

Vesti-a. Estava um pouco apertada, mas servia.

— Obrigado, Julie. Acho bom eu sair antes que a família chegue.

— Não é preciso correr, Frankie. Foram todos passar o fim-de-semana fora, menos o Sr. Cabell. E ele só chega lá para uma hora da madrugada depois que fechar o drugstore.

Jantei lá e sai perto das nove horas e fui para o orfanato. Entrei sem ser visto e subi para o dormitório. Os outros garotos estavam todos dormindo. Despi-me e joguei-me na cama satisfeito. Estava muito cansado e adormeci quase imediatamente.

De manhã, desci antes dos outros e dei uma olhada nos jornais. O Daily News tinha dado a notícia na primeira página. Uma grande manchete dizia: "Atiraram em Fennelli". Estava no canto direito um retrato de Silk Fennelli e embaixo vinha a notícia. Dizia assim:

"Nova Guerra de Pistoleiros em Nova York Silk Fennelli, conhecido jogador e quadrilheiro, foi alvejado e gravemente ferido e James (Jimmy) Keough foi morto a tiros ontem por um gangster desconhecido. Keough levou dois tiros no coração e Fennelli dois tiros, um no peito e outro na virilha, ontem à tarde em frente a um bilhar de propriedade de Keough. A polícia está à procura de um garoto que trabalhava para Keough e que pode ter sido testemunha do crime. Os médicos do Hospital Roosevelt declararam hoje que o estado de Fennelli é grave, mas não desesperador. Fiel às leis do baixo mundo do crime, Fennelli não quis fazer declarações. Limitou-se a dizer: "Não sei quem possa ter querido eliminar-me, desde

que sou uma pessoa que só se mete com a sua vida". A polícia continua a trabalhar no caso e espera que fatos novos surjam dentro em breve ".

Julguei pressentir um aviso de Fennelli para mim no jornal — um aviso para que só me metesse com a minha vida. Fui tomar café no refeitório e, depois, fui ajudar missa. Não tinha com que me preocupar.

Depois que uma semana passou e ninguém me procurou comecei de novo a sentir-me em segurança. Podia andar pelas ruas sem medo. Tinha lido nos jornais que Fennelli estava melhor e teria alta do hospital daí a umas três semanas. O bilhar estava fechado e eu perdera o meu emprego, mas isso não chegava a me aborrecer. Coloquei o dinheiro em outra conta e nesse particular não tinha com que me preocupar. Vira Julie algumas vezes durante a semana, mas não falamos mais sobre o que havia acontecido.

Um dia, de manhã, o Irmão Bernhard apareceu na porta do dormitório e me disse — Quer ir ao meu gabinete depois que tomar café, Francis?

— Sim senhor.

Mais tarde, desci para o gabinete dele e encontrei várias pessoas lá: a Irmã Superiora, o Padre Quinn e um desconhecido. Tinha toda a pinta de um detetive. Eu estava muito preocupado, mas procurei dissimular o mais possível. Cheguei diante do Irmão Bernhard e disse:

— Queria falar comigo, Irmão?

— Queria, Francis. Este aqui é o Inspetor Buchalter, da Comissão de Assistência aos Menores. — Voltou-se para Buchalter e disse:

— É esse o rapaz de quem estávamos falando.

Esperei que falassem. Durante alguns momentos, houve um silêncio carregado de tensão na sala. Por fim, a Irmã Superiora disse:

— Francis, você tem sido um bom menino na escola. conheço e observo você desde que era bebezinho. E agora tenho de lhe dizer uma coisa. Não gosto, mas tenho de dizer. Francis, já pensou em ser outra coisa senão um bom menino católico?

— Não, senhora — respondi cautelosamente — Está vendo? — exclamou o Padre Quinn. — Exatamente o que eu disse. A Irmã Superiora

continuou — Se alguém chegasse agora e lhe dissesse que você era de outra religião, como você se sentiria?

Quase dei um suspiro de alívio. Não era sobre o caso de Jimmy e Fennelli — Não poderia acreditar nisso, Irmã Houve sorrisos por toda a sala, os quais diziam orgulhosamente: "Trata-se de um bom menino católico" Ela continuou com mais tranquilidade:

— Lembra-se de alguma coisa de seus pais, Francis?

A pergunta me pareceu boba. Ela sabia tão bem quanto eu que eu vivia no orfanato desde que podia lembrar-me das coisas. Mas respondi delicadamente — Não, senhora.

— Está bem, Francis. O Sr. Buchalter faz investigações sobre os pais de todas as crianças que estão aqui. De tempos em tempos, faz uma revisão para ver se sabe mais a respeito delas na esperança de ajudá-las. E ele tem alguma coisa para lhe dizer O detetive parecia pouco à vontade quando disse:

— Bem, Francis, tive de fazer uma revisão do seu caso quando você concluiu os seus estudos em St. Thérèse. Quando a pessoa vai entrar para o curso secundário, é de praxe fazermos uma revisão de toda a sua história para ver se é possível apurar mais alguma coisa ou encontrar algum parente. Para encurtar razões, encontramos um parente seu ainda vivo: um tio, irmão de sua mãe. Há algum tempo, ele nos escreveu falando da irmã que tinha vindo para Nova York na ocasião em que você nasceu. Ela tinha morrido quando nós o encontramos. Seu tio a identificou por um anel que ela usara e que nós tínhamos em nossos arquivos para entregar-lhe quando você chegasse à maioridade. E agora ele quer legalmente que você vá morar com ele. Apuramos que se trata de um homem bom e responsável. Tem duas filhas. Poderá dar-lhe um lar e cuidar da sua vida.

— Mas, Francis — disse então o Padre Quinn, — ele é diferente de nós. Não acredita no que nós acreditamos. Não é da nossa fé.

— Não é da nossa fé? — perguntei sem saber ao certo o que ele queria dizer — Sim, Francis, ele não é católico.

— Com toda a certeza, Francis, — disse então o Irmão Bernhard, — você terá de ir viver com ele depois que certas formalidades forem preenchidas. Mas não se esqueça nunca do que nós lhe ensinamos a-

qui. Nunca se esqueça da Igreja que o abrigou e o criou. Seja sempre um bom católico, aconteça o que acontecer.

— Sim, Irmão Bernhard, — disse eu, cada vez mais perplexo.

— Seu tio está lá fora, Francis. Gostaria de conhecê-lo? — perguntou-me delicadamente a Irmã Superiora.

— Gostaria, sim, disse eu, com o espírito trabalhando. Eu tinha uma família. Não era um bastardo. Tinha uma família.

O Sr. Buchalter foi até à porta.

— Quer fazer o favor de entrar, Sr. Kane?

Um homem apareceu à porta. Era alto, um tanto calvo, de ombros largos e rosto vermelho. Tinha olhos castanhos que pareciam um pouco enevoados. Olhando-o, lembrei-me vagamente de ter ouvido dizer que todos os que não eram católicos iam para o inferno. Mas eu não me incomodava. Não fazia mal que eu fosse para o inferno desde que eu tivesse alguém que me olhasse assim — com amor e bondade e com os olhos toldados pelo receio de que eu não gostasse dele. Ele sorriu e a sala toda se iluminou. Estendeu-me a mão e eu a tomei. Era uma mão quente e cordial, cheia de compreensões secretas que pareciam correr entre nós como correntes elétricas.

— Então você é que é Frankie!

A voz dele era muito como ele, profunda, comovida e um pouco trêmula.

— Sim, senhor, — disse eu com voz também trêmula.

E havia lágrimas nos meus olhos e amor no meu coração. Porque eu sabia que era parente daquele homem, era do seu sangue e de sua família. Isso eu sabia e sentia.

Foi só um pouco depois que eu fiquei sabendo que o nome dele se escrevia "Cain".

E só alguns dias depois eu soube que era judeu.

Ouvi dizer já não sei onde que as notícias têm uma maneira misteriosa de propagar-se. Pouco depois de eu ter voltado para o

dormitório, todo o mundo no orfanato sabia que eu tinha sido adotado. Os outros garotos me fizeram perguntas e eu as respondi da melhor maneira possível. Não tinha muito para dizer-lhes. Mas estava ansioso para que a tarde chegasse e eu pudesse ir dar a notícia a Julie. Telefonei-lhe antes para saber se o caminho estava livre e depois subi.

Ela me abriu a porta da cozinha. Parecia um pouco cansada, mas não dei muita importância a isso. Contei-lhe então no quarto dela o que havia acontecido naquele dia.

Quando acabei, ela me disse:

— Fico muito satisfeita com tudo isso. Você bem que merecia uma oportunidade assim.

Mas falou sem entusiasmo, O tom de voz dela parecia cansado e apático.

— Mas não parece contente com isso, Julie.

Ela se levantou e foi até à janela. Depois de alguns momentos em silêncio, falou, sem se voltar para mim, com uma voz seca e áspera que eu ainda não conhecia.

— Vou voltar para casa, Frankie.

— Por quê? Não é preciso fazer isso. Continuarei a vir ver você, aconteça o que acontecer.

— Para ter uma mulher à sua disposição?

— Não. Porque gosto de você. Devia saber disso porque já me fez dizer isso muitas vezes.

— Você não gosta mais de mim do que gostaria de qualquer outra mulher que deixasse você fazer com ela o que eu deixo. Nós nunca mais nos veremos — Mas você ainda não me disse por que, Julie.

— Já que você quer saber, eu vou dizer. Para mim, dormir com um garoto como você não tem futuro nenhum. Você nada pode fazer por mim. Não pode nem casar comigo se eu ficar esperando. Qual é então a vantagem que eu tiro, salvo a de ser sua professora? Não, Frankie, a escola de verão acabou. Saia então como um bom garoto.

Já se divertiu demais. Agora, vá saindo!

Fui até onde ela estava e peguei-lhe no braço. Ela sacudiu o braço.

— Mas, Julie...

— Saia, Frankie!

Senti um aperto na garganta e encaminhei-me para a porta.

— Adeus, Julie.

Ela não me respondeu. Abri a porta e sai.

No corredor, tirei um cigarro do bolso e acendi-o. Ouvi o estalo das molas da cama dela e depois ouvi-lhe os soluços. Afastei-me da porta e desci.

Cheguei à rua. Era uma tarde luminosa, mas eu sentia frio. Entrei no parque e estendi-me na grama. Olhava para o céu sem vê-lo. Os pensamentos me corriam pela cabeça... Julie, Julie, Julie.

Escrevi para Jerry e disse-lhe que tinha sido adotado. Ele me respondeu com uma carta em que falava da sua satisfação. A semana passou voando e chegou afinal o dia da minha saída. Meu tio chegaria naquela tarde para levar-me. Eu havia arrumado tudo o que era meu em duas caixas de papelão que levava para baixo, guardando-as no gabinete do superintendente.

Não tinha vontade de voltar ao meu quarto. Ouvi algum barulho no ginásio que ficava no porão e desci para ver o que estava havendo.

No meio da escada, ouvi o sino tocar chamando para o almoço. Subi então para o refeitório. Sentei-me à mesa e baixeí a cabeça enquanto o Irmão Bernhard fazia a oração. Foi então que comecei a ter o estranho sentimento de que nunca tinha estado ali. Os rostos em torno de mim me pareciam estranhos, indiferentes. O mármore da mesa me parecia frio e hostil. Passei os dedos por ela e encontrei o lugar onde eu havia riscado meu nome com uma chave. Já nem me lembrava de quando fizera aquilo. Tinha sido há tanto tempo. Não estava com fome. Comecei a pensar na casa para onde ia sem saber se minha tia ou meus primos gostariam de mim. Fiquei sabendo então que não queria sair do orfanato.

Em dado momento, pedi a Irmão Bernhard licença para sair da mesa. Ele parecia compreender o que eu estava sentindo e concordou.

Sai para o recreio. Era ali que eu havia jogado bola e entrara tantas vezes em fila para ir para a escola. Naquele momento, estava silencioso e deserto, mas eu ouvi perfeitamente a algazarra das crianças que esperavam o toque do sino. Podia vê-las correndo e gritando, brincando de esconder, deixando os livros no chão para marcar os seus lugares na fila. Olhei para a torre de St. Thérèse quase esperando ouvir o carrilhão tocar.

De repente, vi alguém ao meu lado. Ergui os olhos. Era o Irmão Bernhard.

— Está sentindo uma coisa estranha, não é, Francis?

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça.

— Sei como se sente, Francis. Acompanhei você durante muitos anos desde quando era um bebê. Lembro-me de quando você começou a andar, da cara que você fazia quando caía e procurava levantar-se. Você nunca chorava. Apertava a boca de uma maneira engraçada e tentava de novo. Tentei ser mãe e pai para você — atenuar suas decepções, fazê-lo conservar a cabeça erguida quando estava desesperado. Sempre o conheci melhor do que qualquer pessoa, melhor do que você mesmo. Sabia Quando estava feliz e quando se sentia triste. Havia algumas coisas que não lhe podia dizer. Você teria de aprendê-las por si mesmo. Vi você aprendê-las, quando havia linhas de dureza na sua boca e sombras nos seus olhos. Mas nada eu podia fazer. Tinha de limitar-me a ter esperança de que tudo acabasse bem e você não sofresse demais - Mas tenho sempre a impressão de que o que fiz não foi bastante.

— Não diga isso, Irmão Bernhard! Foi formidável! Nunca lhe poderei agradecer mesmo tudo o que fez por mim!

Ele sorriu.

— Não é a mim que deve agradecer, Frankie, é à Igreja. E, apesar de tudo, o sentimento persiste em mim. Sei que ensinamos mui tas coisas boas aqui. Mas é fora desses muros que se aprende mais do que em qualquer outro lugar. Nós que vivemos aqui, levamos uma vida protegida, serena, livre de lutas e perdemos contato com a vida real. Quando você estava aqui dentro, podíamos vigiá-lo e orientá-lo. Mas agora que você vai lá para

fora... quem poderá ajudá-lo? Quem lhe dará abrigo e o defenderá da insensatez dos outros?

Não, Francis, tenho receio de que haja muito mais do que isso, coisas em que nós, aqui, dentro, nem chegamos a pensar. Devíamos andar mais lá, por fora para poder guiar os nossos rapazes...

Tirou um lenço e assoou o nariz. — Chega de sentimentalismo, Francis! Já se despediu do Padre Quinn, da Irmã Superiora e de todas as suas professoras? Teremos saudades de você.

— Terei também saudades de todos, Irmão Bernard. Já me despedi deles hoje de manhã.

— Muito bem, disse ele, entrando comigo. — Ainda nos veremos antes da sua partida.

— Escute, Irmão Bernhard.

— Que é, meu filho?

— É pecado mortal ser judeu?

O rosto dele encheu-se de suavidade ao olhar para mim. Por fim, falou com voz muito lenta e serena:

— Não, meu filho, não é. Nem poderia ser. Há gente que se esquece com muita facilidade de que Jesus Cristo foi judeu.

— Mas, Irmão, se eu sou judeu e tenho de viver com a minha gente, talvez não possa mais ir à igreja, nem me confessar e ser absolvido dos meus pecados. Neste caso, quando morrer, irei certa mente para o inferno.

— Francis, por mais que muita gente goste de pensar o contrário, o céu não é propriedade exclusiva dos católicos. É um lugar onde todas as pessoas boas são bem recebidas. Acredito que seja aberto a toda a humanidade seja qual for a maneira pela qual a pessoa venere Nosso Senhor. Basta acreditar Nele e viver de acordo com as Suas luzes. Seja um bom rapaz, Francis, e ame a sua gente. Faça o que for direito e nada terá de temer, Compreende, meu filho?

— Compreendo, sim, senhor. E é assim que fazer.

— Ótimo! Agora, tenho de ir que o almoço já deve estar quase acabando.

Desmanchou-me afetuosamente os cabelos e entrou.

Os garotos estavam saindo do almoço. Derramaram-se pelo recreio saindo de todas as portas. Entrei no prédio pela porta do ginásio.

Desci a escada que dava para o ginásio e fiquei olhando. Alguns garotos estavam batendo uma bola de basquete do outro lado da quadra. Peter Sampero era um deles. Resolvi ir até lá despedir-me e dizer a ele que esquecesse tudo o que tinha havido entre nós. O grupo ficou em silêncio quando me aproximei. Senti que havia alguma coisa anormal e um arrepio me correu a espinha, embora eu não pudesse compreender de que se tratava. Mas havia aprendido desde há muito a não dar sinais de apreensão. Continuei a caminhar em direção a eles. Parei em frente a Pete e estendi-lhe a mão.

— Quer esquecer-se do que aconteceu, Pete?

Ele olhou para mim, sem tomar conhecimento da minha mão estendida. Depois, deu um passo à frente.

— Claro que vou-me esquecer disse ele, dando-me um murro no queixo.

Cambaleei para trás e cai por cima de um garoto que me dera uma cama-de-gato. Várias mãos me agarraram, prendendo-me ao chão. Não podia mover-me. A minha surpresa foi a princípio tanta que nem tentei. Pete estava diante de mim.

— Judeu cachorro! — exclamou ele. Entrou escondido na nossa escola e nunca disse nada!

Deu-me um pontapé no lado e eu senti uma dor fortíssima. Em seguida, curvou-se e bateu-me no rosto. Consegui então soltar uma das mãos e agarrei-o pela camisa. Ele procurou levantar o corpo ao mesmo tempo que me batia no rosto. Continuei agarrado à camisa e ele me levantou consigo. Livrei a outra mão e apertei ambas em torno do pescoço dele. Encostei-o à parede. Os outros garotos pulavam em volta de mim, batendo-me nas costas e nas pernas. Não lhes dei atenção. Pela primeira vez em minha vida, lutava sem pensar. Estava alucinado pelo ódio.

Apertei-lhe o pescoço e comecei metodicamente a bater com a cabeça dele na parede. Ele continuava a esmurrar-me o estômago. O sangue do nariz e da boca me escorria pelo rosto. Depois, os outros garotos pularam sobre mim e todos nós começamos a rolar pelo chão. Senti as roupas rasgarem-se. Mas pouco me importava. Queria apenas era matar Pete, matar, matar! Bati com a cabeça dele no chão de cimento. De repente, fui agarrado pelos ombros por mãos fortes que me levantaram e me afastaram de Pete. E então tudo ficou em silêncio. O Irmão Bernhard estava-me agarrando e eu não podia mover-me. Pete ainda estava estendido no chão.

— Quem começou isso? — disse severamente o Irmão Bernhard.

Sem pensar no que estava dizendo, um dos garotos menores contou tudo.

— Foi Peter! Disse que estava na hora de dar uma lição a esse judeu imundo!

Sem deixar de segurar-me, o Irmão Bernhard disse aos outros:

— Vão para os seus dormitórios.

Voltou-se em seguida para Peter e disse:

— Vá para casa e nunca mais ponha os pés neste ginásio, que é só para os que moram aqui.

Só me largou quando o último garoto havia saído do ginásio. Olhou então para mim e disse:

— Não tenha raiva deles. Ainda têm de aprender.

Olhei para ele, todo ensangüentado e dolorido e respirando com dificuldade. Nada disse.

— Vá-se lavar, Frankie. Seu tio já está esperando e você não pode trocar de roupa porque tudo já está arrumado nas malas.

Fui para o lavatório e arrumei-me da melhor maneira possível, ajudado pelo Irmão Bernhard. Depois, subimos para o gabinete do superintendente.

Meu tio estava lá. Havia uma mulher com ele e eu supus que fosse minha tia. Acho que meu aspecto era horrível, com as roupas

ensangüentadas e rasgadas. O rosto da mulher ficou muito branco. Atravessei a sala, sentindo dores no corpo todo. Havia um barulho tremendo nos meus ouvidos. Senti que estava caindo no meio de uma porção de rostos que giravam — .. irmão Bernhard, meu tio, Peter, Marty, Raymond, Jerry, o pai de Jerry, Ruth, irmã Atine, o Padre Quinn, Jimmy Keough, Fennelli, Julie.

Tentei abrir os olhos. Não pude. As lágrimas não deixavam. Afinal, depois de horas de esforço, consegui. Estava nu quarto branco. Minha tia, meu tio e o Irmão Bernhard estavam inclinados sobre mim. Pelo canto dos olhos, vi uma enfermeira sair do quarto, sem compreender o que era que uma enfermeira estava fazendo ali. Tentei dizer alguma coisa.

O Irmão Bernhard colocou o dedo nos meus lábios.

— Não fale, rapaz. Você está no Hospital Roosevelt com três costelas quebradas. Procure repousar.

Rolei a cabeça no travesseiro. Na parede havia uma folhinha na qual se lia: 10 de setembro de 1925.

Foi o meu último dia no orfanato de St. Thérèse.

INTERLÚDIO.

MARTY.

Martin estava à porta ouvindo o carrilhão da campainha da porta que tocava dentro do apartamento. Tirou o quepe. A luz forte do teto transformava em ouro fosco os seus louros cabelos já escassos, quase da mesma cor das folhas de carvalho do posto de capitão que levava nas platinas da farda. Como estariam todos? Quatro anos... Era muito tempo.

As pessoas mudavam muito em quatro anos. Ele devia saber disso. Vira durante quatro anos meninos transformarem-se em homens ou, melhor, em velhos cansados. Tinha-os visto chegar ao pronto-socorro com a decepção e o horror estampados nos rostos. A incredulidade em face das realidades do sofrimento e de horror que os cercavam deixaria dentro deles marcas profundas.

Essa tinha sido a sua tarefa — livrá-los daquelas cicatrizes ocultas e invisíveis que lhes estavam gravadas nas almas. O que havia no corpo era relativamente simples. Pegava-se num bisturi, cortava-se e rezava-se. Ao

fim de algum tempo, deixava-se de rezar, mas continuava-se a cortar com um sentimento íntimo de desespero. Ou sobreviviam ou não. As coisas eram simples assim.

A sua tarefa não era tão simples. As coisas que ele fazia com eles não eram tangíveis. Não viviam nem morriam em consequência do que ele tinha de fazer. Apesar disso, fazia tanta diferença como se eles tivessem morrido ou vivido. Só que nada se via quando não se sabia como olhar. Às vezes, via-se uma boca cessar de súbito o seu quase imperceptível tremor ou a luz chegar a olhos apáticos ou a mão tornar-se mais firme. Outras vezes, tudo se traduzia pela posição da cabeça de um homem quando andava. E compreendia-se então que se havia vencido a batalha. Era uma vitória intangível, secreta, que quase não se poderia perceber se não se olhasse no momento exato.

Janet abriu a porta. Ficaram um momento a olhar-se. "Ela não mudou muito", pensou ele febrilmente. "O mesmo rostinho, os mesmos olhos azuis e os mesmos cabelos louros com as pontas es-voaçantes que a fazem ficar com um jeito infantil de garoto."

— Marty, — murmurou ela com a voz doce e agradável.

Ele sentiu a suave pressão dos lábios dela no rosto e na boca. O leve e terno beijo da amizade, da acolhida.

— Já faz...

— Quatro anos, — disse ele com um sorriso. — Estive pensando...

— E nós também, Marty. Já faz muito tempo. Pensamos que talvez você tivesse mudado.

— Engraçado. Estive pensando a mesma coisa sobre você e sobre Jerry. — Ela tomou-lhe o braço e levou-o para o living. Ele continuou a falar enquanto se deixava levar por ela. — Durante alguns segundos, enquanto esperava que você me abrisse a porta, tive a impressão de que me havia tornado um estranho para você.

Ela tirou o quepe das mãos dele e entregou-o a uma empregada que apareceu de repente e desapareceu quase no mesmo instante. Jerry chegou correndo à sala.

Os dois homens se apertaram as mãos com os olhos fitos um no outro e assim ficaram durante muito tempo. Depois, começaram quase ao mesmo tempo a dizer as coisas sem muito nexos que os adultos se dizem quando estão profundamente comovidos.

Janet chegou com alguns drinques. Ergueram os copos.

— À nossa reunião! — brindou Jerry com um sorriso.

— À vocês dois, — retribuiu Marty.

— Esperem um instante, — disse Janet.

Os dois olharam para ela, que ergueu o copo, sorridente e feliz.

— À amizade que o tempo não destrói!

Beberam todos, enternecidos.

O jantar foi uma daquelas coisas com que Martin havia muito sonhado — uma toalha de linho impecavelmente alva, prataria cintilante, louças finas, velas na mesa. E, além de tudo isso, os amigos os amigos da sua infância, com quem ele podia recordar os tempos idos e reviver aqueles dias jovens e febris quando o mundo inteiro era novo e cada dia era diferente, trazendo a promessa e a esperança de um amanhã melhor.

Era inevitável que falassem em Francis. Era o que sempre acontecia mais cedo ou mais tarde. Dessa vez, foi Janet quem tocou nele e Martin pegou a deixa. As recordações encheram-lhe o espírito e fizeram-no falar — Francis, os primeiros dias da sua amizade e, depois, o longo convívio. Era como se houvesse acontecido na véspera.

— Ainda me lembro do dia em que o conheci, — disse ele. — Éramos bem garotos. Eu devia ter treze anos e um grupo de garotos me atacou quando eu voltava da escola. Naquele tempo, eu estava interessado em box, mas não era muito bom. Ele era excelente e eu fiquei sabendo disso desde o primeiro momento em que tentei atingi-lo.

"Mas havia nele outras coisas que me atraíram: um senso instintivo, quase relutante, de honestidade, de sentimentos para com os outros, uma competência tranqüila e um sentimento de segurança em tudo o que ele fazia. As pessoas mais velhas não o intimidavam. Falava com elas como se fosse um igual, como se fosse adulto também.

"Foi ele que me inspirou o sentimento de igualdade. Antes de conhecê-lo, tivera presente sempre no espírito o fato de ser judeu. Não podia esquecer-me disso em vista das obscenidades escritas nas paredes, das agressões que sofria, das piadas que ouvia, das grosserias por que passava. Já estava quase ficando também deformado e fanático, atribuindo a essa circunstância todos os pequenos incidentes que me aconteciam. Mas ele me curou disso, aceitando-me no seu pequeno grupo sem discussão e me aproximando dos amigos dele sem qualquer explicação ou justificativa.

"Aceitou-me e os amigos dele tiveram de aceitar-me. Talvez por causa dele, não sei. Mas agrada-me pensar que ele contribuiu para isso. Muitos anos depois, quando fui para a escola de Medicina, pensava nele e compreendia que devia a ele tanto quanto a qualquer outra pessoa estar ali. Uma vez, ele me disse a respeito de um camarada de quem eu não gostava muito: 'Ora, ele é OK. Você só precisa é de compreendê-lo'.

"E nessas palavras dele achei uma solução para quase tudo o que me estava fermentando na cabeça. Quando se compreende um homem, quando se compreende por que ele faz as coisas, não se precisa de ter medo dele, nem de que esse medo leve a gente a querer destruí-lo. Não sei se, quando era rapaz ou se quando estava na escola, pensava exatamente assim, mas é a ele que atribuo esses conceitos que me têm inspirado a vida.

"Foi na Alemanha em 1935 que pensei de novo intensamente nele. Estava ali fazendo curso de especialização numa universidade. Um dia, de volta das aulas, ia pela rua lendo um livro no qual estava muito interessado no momento. Tinha de concentrar-me na leitura porque nessa época não dominava bem o alemão e, sem ver, esbarrei num homem. Sem levantar a vista, pedi desculpas e continuei. Foi então que a coisa aconteceu. Por um momento, fiquei confuso e voltei a ser um garotinho atormentado na Rua 59 por um grupo de garotos ignorantes. Depois, ouvi a palavra "Jude", usada daquela maneira odiosa e má. Levantei os olhos e vi que o homem estava com a farda das tropas de assalto nazista. Ele me bateu e eu reagi, deixando-o prostrado.

"Voltei então à escola e perguntei a um professor, que também era judeu, por que se permitia que tais coisas acontecessem. 'Você não compreende, meu filho', disse ele sacudindo a cabeça grisalha, 'mas essa gente está doente e com medo e o medo deles se transforma em ódio'.

Nesse momento, lembrei-me de Frankie e perguntei: 'Por que quem compreende as coisas não explica tudo a eles?' O professor me respondeu: 'Somos bem poucos e, além disso, eles não nos querem escutar'.

"Sai da Alemanha no dia seguinte sem completar os cursos. Sabia alguma coisa que procurei dizer ao povo daqui, mas também aqui não compreenderam o que eu dizia. Só algumas pessoas me ouviram — vocês dois, Ruth e mais alguns que eu podia contar com os dedos da mão. Os outros não acreditaram ou não se interessaram.

"Em outras ocasiões, foram muitas as vezes em que me cansava e desanimava com o tratamento de um doente e sentia a vontade de dizer-lhe: 'Não me apareça mais aqui! Nada posso fazer por você' Mas me lembrava de Frankie e dizia: 'A culpa não é do doente, é minha. Não compreendo, não sei ao certo o que ele tem. E se eu não sei, como é que posso curá-lo?' "Devia insistir no caso e lutava durante mais algum tempo. Às vezes dava resultado, às vezes não dava. Houve alguns casos em que nada pude fazer, mas não foi porque não tentasse. Foi porque não os compreendia, não tinha acuidade nem conhecimento suficientes para ver onde era que estava o mal. A culpa era da minha ignorância e não deles".

Riu um pouco e levou o copo de vinho aos lábios.

— Assim fala Martin Cabell um dos maiores psiquiatras do mundo, explicando os seus insucessos à luz da razão. Ou pode ser que tudo seja porque tenho um sentimento de inferioridade.

Olhou para os amigos e o rosto perdeu a sua intensidade, tornou-se mais repousado, mais calmo, mais jovem. Sorriu com o mesmo velho sorriso — quente, amigo, moço.

"Velhos amigos", pensou ele satisfeito. "Como antigamente. Não mudaram. Posso ainda falar e ser escutado por eles". O mundo parecia ter voltado aos eixos e pela primeira vez desde que voltara se sentiu ajustado.

SEGUNDA PARTE

Durante os dias que passei no hospital, aprendi muito sobre meu tio e sua família. Ele trabalhava como vendedor de uma fábrica de roupas no

centro e o casal já vivia em Nova York havia dez anos. Tinham um confortável apartamento de cinco peças em Washington Heights.

Minha tia era uma mulher calada e gentil a quem passei a adorar desde o primeiro momento. Nem por palavras, nem por gestos, parecia jamais pensar mal de mim. Ia todos os dias ao hospital, levando um presente de frutas, de biscoitos ou um livro para me ajudar a passar o tempo. Ficava tanto quanto lhe era possível e depois ia-se embora. Às vezes, levava minhas primas. Eram duas meninas de oito e dez anos.

A princípio, as duas não se aproximaram muito de mim, travadas por uma curiosa mistura de amizade e timidez. Mais tarde, começaram a beijar-me o rosto na entrada e na saída.

Morris e Bertha Cain e as filhas deles, Esther e Irene, foram a primeira família que tive e, se havia uma certa dose de estranheza entre nós, isso era perfeitamente compreensível. As relações de família, que parecem normais para a maioria das pessoas, eram para mim, estranhamente complicadas. Não podia compreender as intrincadas ramificações das famílias, mas fomos rompendo.

Saí do hospital quase nos fins de setembro e entrei diretamente para um mundo novo. O tio Morris tinha um pequeno Buick e me levou nele para casa. Tinha ido buscar-me sozinho. Quando cheguei ao apartamento, vi que haviam arrumado uma festinha para mim. Tia Bertha fizera um bolo e eu fiquei conhecendo muitos outros parentes.

Depois que todos saíram, levaram-me para o quarto que ia ser meu. Tinha sido o quarto de Irene (a mais velha das duas primas) mas ela passara a dormir no mesmo quarto com Esther ou Essie, como chamavam a mais nova. As minhas roupas já estavam arrumadas no armário e tudo me parecia cordial e sincero.

Lembro-me de Tio Morri ter dito, abrindo a porta: "É este o seu quarto, Frankie". Entrei, seguido por ele e por Tia Bertha. As meninas já estavam na cama. A primeira coisa que vi foi o retrato emoldurado de um mulher jovem em cima da cômoda.

— Sua mãe, Frankie, — disse-me Tia Bertha. — É o único retrato que temos dela e eu pensei que devia ficar com você.

Examinei-o. Ela devia ter dezenove anos quando tirara aquele retrato. Os cabelos estavam presos atrás num coque, como era moda naquela época. Havia um sorriso nos lábios e um reflexo de riso interior parecia dançar-lhe nos olhos. O queixo era forte — redondo mas forte, talvez forte demais para aqueles olhos e aqueles lábios. Olhei o retrato durante alguns minutos.

— Você se parece muito com ela, Frankie, — disse Tio Morris.

— Os olhos são da mesma cor e a boca é tão parecida com a dela que quase não é uma boca de rapaz. Gostaria de saber alguma coisa dela?

Fiz um gesto afirmativo — Troque então de roupa para dormir e, enquanto isso, conversaremos.

Tia Bertha abriu uma gaveta da cômoda e tirou um pijama novo.

— Julgamos que você talvez precisasse de algumas coisas, — disse ela, com um sorriso.

— Muito obrigado, — disse eu, pegando o pijama e me sentindo pouco à vontade. Tinha ainda de aprender a aceitar um presente.

Comecei a tirar a camisa.

— Nunca se sinta envergonhado de sua mãe, Frankie. Era uma moça excepcional. Há muito tempo, todos nós vivíamos em Chicago.

É de onde somos. Sua mãe era o orgulho da família. Aos vinte anos, já havia terminado o curso na universidade e estava pensando em trabalhar. Foi nessa época que se tirou esse retrato, pouco depois da formatura dela. Fran era uma criatura muito interessada e ativa. Participava de campanhas pelo voto feminino e pela igualdade de direitos do homem e da mulher. Fazia muitos discursos sobre isso e a família, como já disse, se orgulhava dela. Trabalhava na contabilidade de Marshall Field's, uma grande loja de departamentos de Chicago, e ela era a única pessoa capaz de descobrir os enganos nos balancetes mensais. Foi mais ou menos por essa época que eu vim para Nova York. Pouco depois, ela começou a gostar de um homem que trabalhava ali também. Queria casar-se com ele, mas minha mãe e meu pai não consentiram. O rapaz não era judeu e meus pais costumavam ser muito rigorosos nessas coisas. Para resumir a história, ela acabou fugindo com ele. Recebi uma carta dela

dizendo que viria procurar-me em Nova York, logo que chegasse aqui. Foi a última notícia que qualquer pessoa da família teve dela. Tentamos procurá-la sem resultado. Não havia o menor vestígio dela. Pouco depois, minha mãe morreu e meu pai veio morar conosco. Sempre me dizia: "Se não fôssemos loucos e não tentássemos Faigele a fazer o que nós queríamos, ainda estaríamos todos juntos". Não durou muito depois da morte de minha mãe. Sentia muito a falta dela.

— Mas tudo isso aconteceu ontem, — disse Tia Bertha. — O que está acontecendo hoje é que interessa. Tenho a impressão de que todos eles sabem que você está conosco e se sentem felizes, tão felizes quanto nós nos sentimos de tê-lo aqui. Queremos que goste de nós como gostamos de você, Frankie.

— Sim, senhora, — disse eu, sentando-me na cama para tirar os sapatos e as meias.

— Boa-noite, — disseram.

Tia Bertha curvou-se para mim e beijou-me o rosto.

— Boa noite, — respondi.

Antes de saírem do quarto, Tia Bertha parou na porta e murmurou:

— Frankie...

— Sim, senhora?

Não me chame de "senhora". Chame-me Tia Bertha.

— Sim, Tia Bertha, — disse eu, levando a mão ao rosto, no lugar onde ela me havia beijado. Adormeci com o luar batendo no retrato de minha mãe e tive a impressão no escuro de que ela estava sorrindo.

Acordei cedo na manhã seguinte. O apartamento estava em silêncio e todo o mundo parecia estar dormindo ainda. Levantei-me, fui até à cômoda e olhei para o meu relógio. Seis e meia. Fui até à janela.

A manhã ainda não estava bem clara. O sol ainda não havia aparecido. O meu quarto dava para um pátio, onde se viam mais duas casas. De vez em quando, saía das janelas abertas um som de despertador e o cheiro do primeiro café. As paredes dos edifícios que davam para o pátio

estavam pintadas de branco para melhor refletirem a luz. Saí da janela e vesti-me sem fazer barulho para ir lavar-me no banheiro.

Quando acabei, voltei para o meu quarto e sentei-me. Tinha de acostumar-me a tudo aquilo. Era estranho para mim dormir sozinho e não em companhia de uma porção de garotos e eu sentia falta das conversas e brincadeiras matinais. Ouí alguém passar pelo corredor diante da minha porta. Fui até à porta e abri-a. Era minha tia.

— Bom dia, Frankie. Acordou cedo, — disse ela com um sorriso.

— É que eu costumo mesmo acordar cedo, — Já se lavou — Já. E estou vestido.

— Quer então me fazer o favor de ir comprar pão na padaria?

Assim, eu não terei de ir.

— Vou sim, Tia Bertha.

Ela me deu o dinheiro, disse onde ficava a padaria e eu saí de casa.

Eram quase sete horas e os homens estavam começando a ir para o trabalho. Comprei os pães e, na volta, comprei o News.

Chegando à casa, coloquei as compras em cima da mesa da cozinha e me sentei para ler o jornal. Alguns minutos depois, minha tia me deu o meu café. Cerca de dez minutos depois, meu tio entrou, sentou-se a mesa e disse:

— Bom dia, Frankie. Dormiu bem?

— Otimamente, Tio Morris.

— Estou vendo que comprou o jornal. Alguma novidade?

— Nada demais. Quer ler?

— Quero, sim. Obrigado, — disse ele, pegando o jornal.

Tia Bertha chegou com um prato de torradas e colocou um copo de suco de laranja diante dele.

Depois, comemos ovos e alguns pedaços de pastel que eu havia trazido da padaria. Quando estávamos acabando, as meninas apareceram.

— Bom dia, — disseram quase ao mesmo tempo e beijaram o rosto do pai, cada uma de um lado. Ele abraçou-as e continuou a ler o jornal, tomando outra xícara de café. As meninas foram então beijar a mãe. Ela se inclinou para beijá-las e disse-lhes alguma coisa em voz baixa.

Aproximaram-se de mim e beijaram-me também. Ri, satisfeito. Tio Morris olhou para o relógio — Está na minha hora. Vai à escola hoje, Frankie?

— Acho que sim — Muito bem. Conte-me à noite como foi que se saiu, — disse ele, beijando a mulher e saindo.

— Para que escola vai você, Frankie? — perguntou Essie, a mais nova — Para a George Washington — Eu vou para a P.S., 181 — disse ela.

— Ótimo, — disse eu Ficamos em silêncio durante algum tempo. Não sabíamos sobre o que havíamos de falar.

Tia Bertha deu café às filhas e sentou-se.

— Gostou do seu café, Frankie?

— Foi ótimo, Tia Bertha — Fico muito satisfeita com isso. Agora, vá-se aprontar. Você não deve chegar atrasado no seu primeiro dia de escola Voltei para o quarto, botei a gravata, vesti o paletó e descii para a cozinha. Tia Bertha levantou-se e me levou até à porta. Na saleta de entrada, deu-me algum dinheiro — Isto aqui é a sua mesada da semana, para lanche, condução e o mais que precisar. Se quiser mais alguma coisa, é só me dizer.

Eram três dólares.

— Não, — disse eu. — Chega de sobra. Acho que não vou precisar de mais. Muito obrigado — Que tudo lhe corra bem, — disse ela, fechando a porta.

Sentia-me pouco à vontade, não sabia bem por quê. Tudo me parecia diferente. Talvez fosse porque eu não havia ouvido missa antes de ir para a escola.

A Escola Secundária George Washington ficava na esquina da Rua 181 com a Avenida Audubon, no alto, dominando Heights e, do outro lado do East River, o Bronx. Era um edifício novo com uma cúpula.

Fui mandado ao gabinete do diretor. Dei meu nome à secretária, ela procurou o meu cartão de matrícula. e me disse que fosse para a Sala 608 quando o sino tocasse às nove horas Quando o sino tocou, os corredores ficaram cheios de alunos que passavam para cima e para baixo, rumo às suas salas. Não tive muita dificuldade em encontrar a minha. Entrei e dei o meu cartão ao professor. Ele me indicou um lugar nos fundos da sala. A turma parecia mista, cerca de vinte rapazes de cor e vinte, brancos. O que estava sentado ao meu lado era preto.

— Novo aqui? — perguntou ele com um grande sorriso. — Meu nome é Sam Cornell.

— E o meu é Kane. Francis Kane As coisas eram sem dúvida diferentes ali.

Foi no fim da primeira semana de escola que começamos a falar de religião. Tinha muitas vezes estranhado que os judeus fossem como eram, mas estava começando a compreender. Não iam à igreja durante a semana, nem mesmo no sábado, que era o domingo deles. Acho que me fazia falta o costume de ir à missa todos os dias.

Eu estava dentro de casa, tinha lido todos os jornais e estava começando a ficar inquieto. Tio Morris tinha ido ao escritório, como fazia aos sábados pela manhã, a fim de fazer as contas da semana. Estávamos em casa apenas Tia Bertha e eu. As meninas estavam brincando lá fora, — Tia Bertha, será que posso ir à cidade um instante?

— Claro que pode, Frankie. Não precisa nem perguntar.

Fui à outra sala para pegar meu casaco e voltei. Ela me estava olhando de maneira curiosa, como se alguma coisa a estivesse embaraçando. Era muito delicada para me perguntar aonde é que eu ia e eu não sabia bem o que iria dizer-lhe. Não sabia se podia dizer-lhe que ia ver o Irmão Bernhard e talvez depois passar pela igreja. Mas ela foi mais inteligente do que eu. Quando fui chegando à porta, falou comigo.

— Vai demorar muito, Frankie?

— Não sei, Tia Bertha. Estou com vontade de ir ver alguns amigos.

— Sabe, seu tio e eu tínhamos pensado em levá-lo à sinagoga hoje conosco. Pensei que gostaria de ir agora, desde que não tenha nada de melhor fazer.

Fiquei ali um instante calado, examinando a idéia. Minha tia era decerto inteligente. Talvez fosse capaz até de ler os pensamentos da gente.

— Acha que seria direito eu ir? Afinal de contas, nunca estive lá.

— É claro que é direito, meu filho. E nós ficaríamos muito contentes com isso.

— Está bem, então.

— Espere um pouco que eu vou com você.

No caminho para a sinagoga, ela nada disse. Chegamos a um edifício cinzento.

— É aqui a sinagoga, — disse-me tia Bertha.

Não tinha nada de impressionante. Uma casa baixa, sem torres, sem imagens de santos na porta e até sem a estrela dos judeus. Uma casa igual à outras. Não parecia um lugar sagrado onde as pessoas fossem adorar a Deus. Senti-me vagamente decepcionado.

Fiquei ainda mais decepcionado quando entramos. A porta ficava alguns degraus abaixo do nível da rua e era preciso descer um pouco para entrar. Depois que se passava a porta, chegava-se a uma sala de paredes nuas pintadas de cinzento. Comecei a tirar o chapéu.

Minha tia me interrompeu.

— Na sinagoga, Frankie, fica-se sempre de chapéu. Não se pode estar com a cabeça descoberta.

Ela me fez passar pela porta do outro lado da sala e nós chegamos à igreja. Havia algumas pessoas lá. Tudo também ali era muito simples. Havia bancos estendidos, muitos deles precisando de uma mão nova de tinta. A parede também e ainda mais de reboco, porque estava estalada em muitos pontos.

No fundo, havia um estrado do qual se levantavam quatro postes entre os quais havia estendido um toldo desbotado de veludo vermelho.

Debaixo do toldo, havia uma espécie de armário, diante do qual estava um homem. Estava lendo em voz alta em hebraico um rolo de papel que dois homens seguravam diante dele.

Entramos e fomos sentar-nos num dos bancos da frente. Comecei a ajoelhar-me, mas minha tia me pegou pelo braço e sacudiu de leve a cabeça. Sentei-me junto dela e me disse em voz baixa:

— Um judeu não se ajoelha diante de Deus. A sua humildade deve ser de espírito e não de corpo.

Olhei para ela, arregalando os olhos. Aquilo não parecia absolutamente uma igreja. Não era preciso proceder diferentemente de qualquer outro lugar. Tinha-se apenas de ficar de chapéu na cabeça.

— Onde está o rabino? — perguntei. Os únicos homens que eu via no estrado estavam todos com roupas comuns.

— É o homem que está lendo a Tora.

Calculei que estivesse falando do homem que lia o rolo de papel. Talvez eu esperasse alguém vestido em roupas aparatosas. Mas se era isso mesmo que eu esperava, não vi ninguém assim.

Minha tia apanhou um livrinho no banco ao lado dela e me deu. Metade da página estava impressa em hebraico e a outra metade, em inglês.

— É isto aqui que ele está lendo, — disse minha tia, apontando uma linha. — Ele está lendo em hebraico, mas você pode ler em inglês.

O homem fez uma pausa por um momento enquanto o rolo era virado. Depois, recomeçou. A voz dele tinha um tom monótono de cantiga.

"Boruch atto adonai, elohenu melech ho'olom..."

Olhei para o livro. Minha tia me apontou uma linha em inglês e eu li:

"Bendito seja tu, Senhor nosso Deus..." Essas palavras eu podia compreender. Fechei os olhos e pude ver o Padre Quinn ajoelhado em frente ao altar, com a suave luz das velas dourando a alvura dos seus paramentos. Podia ouvir as vozes do coro. Sentia o cheiro de incenso e o calor da igreja. Meus lábios se moveram involuntariamente: "Santa Maria, Mãe de Deus".

Minha tia me tocou o ombro. Abri os olhos espantado. Ela estava sorrindo mas eu podia ver que tinha os olhos marejados de lágrimas.

— É o mesmo Deus, Frankie.

A tensão me abandonou e eu sorri para ela.

Ela estava certa. A Palavra significa Deus em qualquer língua que se falasse — inglês, latim... ou hebraico.

Quando voltamos para casa, encontramos Tio Morri e minha tia disse a ele de onde vínhamos.

— Que foi que achou? — perguntou-me ele.

— Não sei. É tudo muito estranho para mim.

— Gostaria de ir para uma escola hebraica para aprender mais sobre tudo?

Hesitei e minha tia respondeu por mim — Acho melhor deixarmos que ele decida por si mesmo nessa questão, Morris. Ele já tem idade bastante para saber o que quer.

Vamos deixá-lo pensar sobre isso e, se ele quiser ir, poderá dizer-nos.

Fiquei muito grato a ela por isso. Naquele momento, eu não sabia se queria ir ou não. Tia Bertha me havia dito a mesma coisa que o Irmão Bernhard e, sendo assim, eu não podia ver que diferença faria que eu fosse ou deixasse de ir.

— Mas ele tem de se preparar para a sua bar mitzvah, — disse Tio Morris — Já agora, não faz muita diferença, — disse minha tia. — A bar mitzvah não o fará mais homem do que já é e, se ele sentir a necessidade de uma fé, não terá a menor dificuldade de abraçá-la. Já é duplamente abençoado.

Foram essas as últimas palavras que meus tios jamais me falaram sobre religião. Fiquei com liberdade de decisão no assunto e nunca mais pensei nisso senão de passagem. Não fui para a escola hebraica e nunca mais entrei depois disso numa igreja ou numa sinagoga. Também não pensava muito em Deus. Tinha certeza de poder entender-me com Ele

quando chegasse a ocasião — como me havia entendido com tudo mais na vida, quando chegava o momento e nunca antes.

Nunca se pode fazer reviver o passado. Foi uma verdade que aprendi naquela época. Embora Jerry, Marty e eu continuássemos juntos como bons amigos, nunca mais pudemos voltar à intimidade que havia entre nós antes de eu mudar-me para longe do centro. Não era que houvesse menos camaradagem entre nós. Segundo penso, a nossa amizade se estava tornando mais normal. Eu não estava mais do lado de fora olhando com olhos compridos para as coisas. Tinha minha família e gostava de que fosse assim. Comecei a aprender coisas sobre cuidados e consideração pelos outros de que não fazia a menor idéia. Mas esse sentimento só se referia às pessoas de minha família. Para os outros, mantinha a minha atitude original. Era quase como se eu fosse duas pessoas. Seria difícil dizer onde um grupo de sentimentos terminava e o outro começava. Mas eu não pensava nisso e, o que é mais, nem sabia disso naquela época e, portanto, tudo pouco me interessava.

As coisas iam correndo. Eu era um bom estudante, nem melhor nem pior do que os outros. Não tive grande surpresa quando acabei assumindo uma posição de liderança entre os colegas. Recebi isso como um fato que estava na ordem natural das coisas. Eu sempre tinha sido um líder. Era mais agressivo do que a maioria, mais atirado do que os outros. Não me sentia perturbado pelas vagas especulações dos adolescentes sobre o sexo e observava com divertido interesse as suas conversas e atitudes. Eu já havia passado por essa fase. Mais ainda era um atleta um pouco acima da média. Entrei para o time de basquetebol e para a equipe de natação no meu primeiro ano de escola. Jogava basquetebol da única maneira pela qual sabia fazer as coisas, isto é, para ganhar. Queria lá saber de espírito esportivo! Isso era bom para os idiotas que não tinham velocidade ou inteligência bastante para violar as regras. Além disso, detestava perder.

Mas, apesar desse estado de espírito em relação aos outros, a minha intimidade com minha família crescia à medida que eles iam desbastando as arestas mais ásperas ou mais doloridas da minha natureza. Pouco a pouco, a defensiva em que eu vivia permanentemente começou a desaparecer e, em breve, não restou senão uma agressividade, que por sua vez se tornou mais dissimulada à medida que eu aprendi a usar as conveniências sociais para dobrar os outros à minha vontade. Na noite de

sexta-feira antes das férias de Natal a nossa escola teve um jogo de basquete com a James Monroe, devendo haver uma dança depois do jogo. Estavam falando em eleger-me presidente da classe e eu sabia que muito dependia da minha atuação no jogo daquela noite.

Fui para o campo disposto a dar tudo. A minha atuação foi cheia de intenções. Em primeiro lugar, o meu jogo foi violento, dentro das melhores tradições do que eu havia aprendido na Décima Avenida. Depois, joguei muito para as arquibancadas a ponto de não deixar sobressair ninguém mais do meu time. Quando o jogo terminou, havíamos vencido e eu tinha sido o astro indiscutível no campo.

Alguns dos companheiros não gostaram da minha atitude, pois os ouvi resmungarem quando estavam no chuveiro. Pouco me interessava a opinião daqueles bobocas! Se falassem demais, eu saberia fazer com que se calassem. Vesti-me e fui para o salão de dança. Fiquei da porta olhando o pessoal até que avistei Marty e Jerry em animada conversa com um professor. Eu sabia que havia necessidade de obter permissão para que a minha candidatura pudesse ser apresentada. Fingindo que não estava a par de coisa alguma, passei por eles como se estivesse a caminho da saída, mas procurando ficar bem à vista deles.

— Alô, Frankie! — exclamou Marty. — Para onde é que vai assim?

— Vou para casa. Prometi a minha tia que...

— Mas não pode ir, — replicou ele. — Você é o grande sucesso da noite. Todos querem vê-lo. Além disso, você está sendo esperado na dança.

— Por quem?

— Pelo pessoal todo. Não pode abandoná-los agora. Estão falando no seu nome para presidente da classe e imagine a decepção se você não aparecesse.

Ri intimamente e nesse momento Jerry se aproximou.

— Ouviu essa, Jerry? — disse Marty, pegando-o pelo braço. — Frankie quer ir para casa.

— Por quê? — perguntou Jerry. — Está doente ou o que é?

— Nada disso! Estou é cansado. Pensam que é brincadeira cor rer em campo como eu corri?

— Nada disso! — exclamou Jerry. — Você tem de ir à dança porque vai ser o novo presidente da classe.

— Escutem aqui, — disse eu. — Vocês querem me explicar o que é que há a respeito dessa história de ser presidente da classe?

Quem foi que teve essa idéia?

— A coisa é a seguinte, — disse Marty. — Pensamos que seria uma boa idéia. Você é o camarada mais conhecido da classe. Todo o mundo gosta de você e acha que você seria um ótimo presidente.

— Que é que eu teria de fazer?

— Quase nada, — disse Jerry. — Faria parte do conselho consultivo de alunos e professores e poderia ajudar muito a classe. Além disso, gozaria de alguns privilégios. Vamos para a festa e eu lhe direi o resto.

— Está bem — disse eu. — Mas primeiro tenho de telefonar para casa.

Telefonei e voltei para o ginásio onde se estava fazendo a festa. Uma orquestra de seis figuras estava tocando num canto e alguns pares dançavam. Havia uma mesa num lado onde se servia ponche e refrigerantes. Marty se aproximou de mim em companhia de uma pequena. Reconheci-a, embora não me lembrasse do nome. Era uma pequena que estudava Biologia comigo.

— Vocês dois já se conhecem, — disse Marty. — Ela vai fazer chapa com você como candidata a vice-presidente.

Em seguida, afastou-se e nos deixou. Olhamo-nos e ela sorriu. Tinha um sorriso bem bonito, que lhe animava extraordinariamente o rosto.

— Não quer dançar, Frankie — perguntou ela.

— Claro, mas acontece que não sou muito bom nisso.

— Não faz mal. Eu o ajudarei um pouco.

Tomei-a nos braços e nos primeiros momentos fiquei meio desajeitado e cheguei a pisar-lhe o pé.

— Calma! Calma!

Aceitei a sugestão e fiquei calmo. E não me sai muito mal. A música parou.

— Não foi muito difícil, foi? — perguntou ela.

— Não. Mas você dança bem demais para mim.

— Você vai indo muito bem, Frankie. Só precisa é de um pouquinho de prática.

— Quer tomar um copo de ponche?

Fomos até à mesa dos refrigerantes. Falamos com uma porção de rapazes no caminho, mas ninguém a chamou pelo nome e eu não pude saber como se chamava. Dançamos muitas vezes depois disso. Várias pessoas me cumprimentaram pela minha atuação no jogo. A festa acabou às onze horas e nós saímos juntos. Ela morava num edifício de apartamentos não muito longe de mim e eu a levei até à porta. Ficamos ali conversando sobre a festa e eu de repente percebi que me havia divertido muito.

— Tenho de entrar agora, — disse ela por fim. — Já está ficando tarde.

— Sim, já é tarde.

— Boa noite, — disse eu e num impulso beijei-a. Ela me passou os braços pelo pescoço e eu senti o doce perfume dos seus cabelos. Comecei a beijá-la como havia beijado Julie, mas alguma coisa me fez parar. O beijo dela era inocente e puro, sem nada da ferocidade que Julie mostrava quando me beijava. Fiquei mais calmo.

Cheguei a mover as mãos para sentir-lhe os seios, mas parei antes.

Depois, ela afastou os lábios dos meus e encostou a cabeça no meu ombro. Continuei a abraçá-la. O contato dos nossos corpos não era sexual. Era uma coisa jovem e pura, que dava apenas uma grande felicidade calma.

— Não sei o que você está pensando, Frankie, — disse ela. — Mas não beijo assim todos os rapazes a quem conheço.

— Sei disso — murmurei, sentindo-lhe o perfume.

— Boa noite, Frankie, — disse ela afinal, entrando e fechando a porta.

Já ia saindo quando me lembrei de que ainda não sabia o nome dela. Voltei e olhei para a campainha da porta. Dizia "Lindell".

Lembrei-me então do nome. Era Janet Lindell Saí do edifício assobiando.

Durante a semana de Natal, Jerry e Marty foram à minha casa para ver-me. Tia Bertha havia ido ao cinema com minhas primas. Sentamo-nos na sala.

Jerry, como de costume, foi quem mais falou. Estava tentando convencer-me de que era a melhor coisa que eu poderia fazer candidatar-me a presidente da classe, embora na realidade não fosse preciso convencer-me muito.

— Escute aqui, — dizia ele. — Isso pode ser ótimo para você Fará parte do conselho consultivo e terá pontos a seu favor.

— Claro! disse Marty. — Você comandará a turma e todo o escutarão. Você é um líder natural.

Gostei de ouvir isso.

— OK. Que é que eu tenho de fazer?

— Muito pouca coisa, — disse Jerry prontamente. — Já programamos a campanha toda e nos encarregaremos dos detalhes. Você só terá de fazer um pequeno discurso na sessão de abertura da campanha na sexta-feira depois que voltarmos à escola.

— Não! Isso é que não! Não me vou levantar e fazer um discurso na frente de todo o mundo. Nessa eu não caio!

— Ora essa, é muito fácil, — disse Marty. — Já escrevemos até o seu discurso: — Tirou uma folha de papel dobrado do bolso e me entregou: Tenho mesmo uma cópia aqui.

Comecei a ler e quando cheguei ao meio parei.

— Que foi isso que vocês escreveram? É uma coisa inteiramente maluca. Se querem mesmo que eu seja eleito, dêem isto ao meu adversário. Não faz sentido nenhum.

— A política também não faz, — disse Jerry, — e eu devo saber. Já ouvi meu pai dizer isso uma porção de vezes. Não é o que se diz ou se faz que tem importâncias mas sim se o povo gosta da gente ou não. O melhor homem do mundo não pode ser eleito nem para lixo se não tem o que se chama de personalidade. Marty e eu arranharemos tudo. Você será o último orador do programa. Antes de você, falarão muitos outros arrasando a assistência com coisas cheias de sentido. Você então se levantará, fará o seu discurso e tomará conta do pessoal. .

— É isso mesmo, — disse Marty.

— Está bem Mas se não der certo, vou ficar bem aborrecido com vocês dois.

— Não se preocupe que vai dar tudo certo.

Pratiquei o tal discurso durante dez noites a fio. Jerry e Marty me treinaram até eu ficar enjoado. Disseram-me por onde eu devia caminhar, a posição em que deviam ficar as mãos, como eu devia estar vestido. Dois dias antes da reunião, disseram-me que não pensasse mais no discurso senão no momento em que tivesse de fazê-lo.

Mas não pude deixar de pensar. O discurso não me saía da cabeça durante o dia, enquanto eu estava nas aulas. Ficava acordado à noite pensando nele e, quando ia dormir, era para sonhar com aquilo mesmo. Afinal, chegou o dia. Seguindo as sugestões deles, usei uma gravata borboleta e uma suéter debaixo do paletó.

Senti-me terrivelmente constrangido quando me sentei na plataforma junto com os outros candidatos. Pensei que toda a assistência tinha os olhos voltados para mim. Janet estava sentada ao meu lado. de vez em quando, sorria para mim e eu tentava retribuir-lhe o sorriso. Mas acho que devia estar com um aspecto de completa depressão.

O diretor da escola foi quem primeiro falou. Disse em resumo que os alunos deviam esforçar-se por ser bons cidadãos e praticar a democracia, mas quase não prestei atenção de tão nervoso que estava. Depois, o primeiro orador se levantou.

Prometeu dar aos colegas a melhor representação que a turma já tivera e levou dez minutos falando para dizer isso. Quando ter minou, os chefes da torcida se levantaram e comandaram uma ovação para ele. Depois, houve silêncio e o segundo orador se levantou. Prometeu as mesmas coisas que o primeiro no mesmo espaço de tempo. Notei que os estudantes estavam ficando enervados. Ganhou os mesmos aplausos do primeiro e então foi a minha vez.

Sentia o coração bater com força e a garganta estava seca. Achei que não iria conseguir falar. Olhei para Janet e ela levantou as mãos para me mostrar que estava com os dedos cruzados para dar-me sorte. Encaminhei-me lentamente para o centro da plataforma. Olhei para a assistência e os rostos dos rapazes me pareceram uma massa indistinta. Tive de fazer uma esforço bem grande para começar a falar.

— Sr. Diretor, Srs. Professores, colegas.

Minha voz pareceu ecoar do fundo do auditório. "Está alto demais", pensei.

Todos pareciam de olhos muito abertos, como se eu os tivesse tirado do sono.

— Para dizer a verdade, estou com medo, — disse com um pouco mais de calma e de naturalidade. Todos riram, inclusive os professores. Senti a tensão desaparecer e continuei — Talvez não acreditem, mas o fato é que não sei o que estou fazendo aqui em cima Novas gargalhadas e eu senti que estava senhor da situação.

— Foi ainda há poucos dias que dois colegas e amigos meus me abordaram dizendo: "Você não gostaria de ser presidente da classe?" E eu, como o grande idiota que sou, fui logo dizendo: "Boa idéia!" Eu agora pergunto: esses dois foram realmente meus amigos?

A assistência riu e houve até algumas palmas. "Jerry tinha razão! É isso mesmo que eles querem!" Continuei a falar.

— Acabei de ouvir os discursos dos concorrentes e já estou começando a duvidar de que vá votar em mim mesmo.

Houve muitos risos e vi que os estudantes se inclinaram para a frente nas cadeiras a fim de não perderem o que eu ia dizer. Encaminhei-me lentamente até um canto da plataforma e só então foi que falei de novo.

— Afinal de contas, se fazer parte do time de basquete e da equipe de natação pode servir de recomendação para um presidente de classe (e abri o paletó para que pudessem ver o suéter laranja e preto com a letra "W" da escola), ganharão então um bom jogador de pingue-pongue para a equipe de tênis!

Isso não fez grande sucesso, mas ainda assim houve quem risse. Voltei ao centro da plataforma — Não sei o que vou prometer fazer caso seja eleito presidente da classe. Meus oponentes já prometeram tudo e nada deixaram para mim Isso provocou muitos risos e aplausos. Levantei as mãos pedindo silêncio.

— Não é que eu pense que eles estão errados. Nada disso! Es tão absolutamente certos e concordo com eles em todos os pontos.

Gostaria de prometer-lhes menos deveres para casa, menos horas de aula, mas não posso. Tenho a impressão de que o diretor não concordaria.

Risos e aplausos. Olhei para Marty e Jerry que estavam sentados na primeira fila e vi que estavam sorrindo. Jerry me fez um sinal dizendo que tudo estava ótimo. Continuei.

— Não lhes vou tomar mais o tempo. Sei que estão ansiosos por voltarem para as aulas. (Risos.) Mas quero assegurar a todos, em meu nome e no dos meus oponentes, que quem for eleito fará o máximo pela classe e não é preciso dizer mais nada Fui para o meu lugar e sentei-me. Os estudantes todos se levantaram, batendo palmas e gritando. Janet me disse ao ouvido:

— Levante-se e agradeça — Só se for comigo também, — disse eu.

Ela concordou, tomei-lhe a mão e fomos juntos até ao centro da plataforma. Sorrimos para a turma. Ela estava muito bonita com um vestido cor-de-rosa. Levantei a mão e consegui silêncio.

— Se não quiserem votar em mim, — disse eu, — votem em Janet para vice-presidente. Ela será a vice-presidente mais linda e mais elegante

que a George Washington já teve Riram e aplaudiram até que o sino tocou e a reunião foi encerrada. Descemos da plataforma e fomos logo cercados pelos amigos.

A eleição foi naquela tarde e enquanto estavam apurando os votos, Janet e eu esperamos na redação do jornal da escola. Ruth Cabell apareceu quando eu estava conversando com Janet.

— Você devia inscrever-se no clube dramático, Frankie, — disse ela ironicamente. — Tenho certeza de que Miss Gibbs gostaria de contar com você.

Ruth, que escrevia no jornal, foi saindo antes que eu pudesse dar-lhe uma resposta.

— Quem é essa? — perguntou Janet — É a irmã de Marty Marty entrou nesse momento, todo entusiasmado — Vencemos! Vocês dois foram eleitos! Foi um passeio! Não disse?

Apertou-me a mão todo feliz. Durante um momento, não sorri — pensando no que Ruth havia dito — mas depois comecei a rir.

Jerry apareceu com uma dezena de rapazes, inclusive os meus rivais. Estes me desejaram felicidades, a sala ficou cheia e eu me esqueci inteiramente do que Ruth havia dito.

Se eu não tivesse sido eleito presidente da classe, não teria talvez conhecido a Sra. Scott e Marty não seria o que é hoje. Mas estou antecipando muito as coisas — os pensamentos me surgem com maior rapidez do que os posso escrever.

Conheci a Sra. Scott na primeira reunião do conselho de alunos e professores a que compareci. Fomos apresentados. Vi uma senhora de aspecto bondoso, que devia ter os seus cinquenta anos de idade, de óculos e com uma boca determinada e de lábios finos. Estava realizando uma tarefa qualquer de psicologia para o Departamento do Bem-Estar Infantil.

Quase todos os problemas debatidos na reunião eram sem importância: referiam-se a alunos que chegavam habitualmente tarde ou faltavam muito, que não compareciam às aulas estando na escola e que respondiam aos professores. A nossa missão não era puni-los. Discutíamos cada caso isoladamente, tentando descobrir quem tinha culpa ou não dessas

irregularidades, se o aluno, o professor ou os pais do aluno. Todos os casos eram encaminhados à Sra. Scott. Ela conversava com o aluno e procurava apurar as razões do seu procedimento.

Numa escola tão grande quanto a nossa, o número desses pequenos casos era enorme. A moça que sempre havia ajudado a Sra. Scott a manter um fichário dos casos, formava-se naquele ano. A Sra. Scott me perguntou se eu sabia de alguém que pudesse substituí-la e eu sugeri Marty, sabendo que ele estava procurando melhorar a sua ficha escolar.

Marty e ela deram-se muito bem. Marty gostou do trabalho. Foi decerto nessa época que ele resolveu ser psiquiatra. Sempre havia querido estudar medicina e aquilo estava bem dentro do que ele desejava.

Janet e eu continuamos muito amigos e, dentro da escola, todos nos consideravam namorados. Eu gostava dela, mas a verdade era que, depois de haver conhecido Julie, as coisas não eram nem seriam jamais simples para mim nesse particular. Mas continuamos a sair juntos, a beijar-nos em despedida depois que eu a levava para casa nas noites de sábado e a passar assim pelo enfadonho processo de crescer.

A escola foi correndo. Dentro em pouco, chegamos à Páscoa e as férias de verão começaram. Passei em todas as cadeiras e naquele verão fui para Rockaway com meus parentes.

Foi o melhor verão que eu até então já passara. Havia muitos rapazes e moças e nós nos divertíamos muito. Eu passava quase o dia todo na praia. Olhávamos as moças nos seus maiôs de banho, conversávamos sobre os seus atributos físicos e procurávamos adivinhar as que eram sérias e as que não eram. Deparei com uma que não era e pensei que havia encontrado uma coisa exclusiva até o dia em que descobri que quase todos os outros rapazes pensavam a mesma coisa. Abandonei-a sem explicações.

Ganhei quase cinco quilos durante o verão. Afinal, chegou o tempo de fechar o bangalô e voltar para a cidade e para a escola. Acho que foi o verão mais feliz da minha vida. Não sei por que não me posso lembrar com todos os detalhes de tudo o que aconteceu, mas foi tudo tão agradável que os dias pareceram fundir-se uns com os outros e, quando menos eu esperava, tudo terminou.

De novo na escola. Estava no segundo ano, continuava a brilhar no basquete e na natação e era um dos principais homens da escola, vivendo sempre cercado de um grupo que me servia e adulava, da maneira por que só pode acontecer a um herói de escola secundária.

Todos nós havíamos crescido muito naquele verão — Jerry, Marty e eu, e Janet também. Mas só vim a compreender quanto ela crescera no dia em que a levei para casa depois do jogo de futebol americano do Dia de Graças. Ela ia jantar na casa da avó. Os pais dela já haviam saído e ela iria encontrar com eles depois de ter trocado de roupa. Esperei-a dentro do apartamento porque havia prometido levá-la até a casa da avó antes de voltar para minha casa. Joguei o sobretudo em cima do sofá na sala de estar dela e me sentei para ler o jornal.

Poucos minutos depois, ela apareceu vestida com um roupão de banho e com uma combinação na mão.

— Tenho de passar isto a ferro, — disse-me ela. — Botei para secar hoje de manhã, mas ainda está molhada.

Entrou então na cozinha. Cheguei à porta e fiquei a olhá-la. Ela preparou a tábua de passar, ligou o ferro na tomada e veio para a sala comigo.

— O ferro leva alguns minutos para esquentar, Frankie. Mas não demora.

— Para mim, tanto faz. Tenho tempo de sobra. Ela foi até à janela e exclamou:

— Veja! Está nevando!

Fui para junto dela, olhei e murmurei:

— Não esperava por isso hoje — É a primeira neve do ano.

— Sim, — disse eu, abraçando-a e beijando-a. — A primeira do ano.

Ficamos por um momento assim abraçados. De repente ela se afastou de mim.

— O ferro já deve estar quente, — disse ela, voltando para a cozinha.

— E eu também estou!

Ela riu e experimentou o ferro.

— Não, não está bem quente ainda.

— Que foi que disse? — exclamei, fingindo-me de desentendi do. — Estou fervendo por dentro.

— Não é de você que eu estou falando, bobinho. É do ferro.

Viu então o sorriso no meu rosto e aproximou-se de mim. Beijei-a com um abraço bem apertado. Ela quase nada tinha por baixo do roupão de banho. Fomos até o sofá se sentamo-nos. Beijei-a e ela me beijou também com mais calor. Meti a mão por dentro do roupão. A pele era macia e suave e o seu contato me fez crispar os dedos. Ela teve um sobressalto quando sentiu as minhas mãos nela. Beijei-a de novo, acariciando-lhe as costas em pequenos movimentos circulares. Ela me abraçou com mais força. Meti a mão por dentro do soutien e senti-lhe os seios nus. Depois, comecei a beijar-lhe o pescoço, os ombros.

— Pare, Frankie! — disse ela, quase num gemido.

— Não querida! — exclamei, beijando-lhe o seio.

— Oh, Frankie, Frankie, — murmurou ela, enquanto eu a acariciava.

Tentei desamarrar-lhe o cinto do roupão. De repente, ela me fez parar, segurando-me as mãos.

— Não podemos fazer isso, Frankie! Não é direito!

Tentei beijá-la de novo, mas ela afastou o rosto.

— Temos de parar, Frankie, — disse ela, ofegante. — Isso é tão vulgar.

Eu ainda a abraçava. Por fim, ela me empurrou para o lado e levantou-se, ajeitando o roupão no corpo.

— Não somos mais crianças, Frankie. Não devemos ficar tão excitados assim.

Tomei-lhe a mão, beijei-a e passei-a depois no meu rosto.

— Não devemos não. Você é que está certa.

— Você é tão bom, Frankie! — disse ela, beijando-me impulsivamente voltando para a cozinha.

Fui até à porta, olhei-a e disse, com um sorriso — Mas você é muito má, Janet por me provocar assim.

Ela levantou a vista do ferro com uma expressão de mágoa nos olhos.

— Mas eu não o provoco, Frankie. Acho que estou gostando de você.

— Sei que não me provocou de propósito, querida, — disse eu, tão sério quanto ela.

Ela acabou de passar a ferro a combinação e arrumou tudo na cozinha. Depois, foi para o quarto e se vestiu.

Quando reapareceu, beijei-a. Saímos então do apartamento e fomos a pé até à casa da avó dela.

Despedimo-nos, depois dos cumprimentos pelo dia. Fui pela rua pensativamente. Janet havia também crescido naquele verão.

Foi três dias antes do Natal que eu soube da existência de Sam Cornell Era estranho, mas embora eu fizesse parte do conselho de alunos e professores, nunca estivera presente a qualquer das reuniões em que o caso dele tinha sido discutido. Perdia algumas sessões em virtude dos meus treinos de basquete ou então porque estava com preguiça e sem muito interesse de comparecer.

Marty me encontrou no corredor e me pediu que fosse conversar com a Sra. Scott naquela tarde. Perguntei-lhe o motivo.

— É a respeito de Sam Cornell. Estão pensando em mandá-lo para o reformatório.

— Por que?

— Ele se meteu numa tremenda encrenca. Você estaria a par de tudo se não faltasse de vez em quando às sessões.

— Não tenho tempo para aquela amolação, Marty. Desde já, fi que sabendo que não me vou candidatar à reeleição. Tenho muito o que fazer e não posso estar tratando ainda disso. Sabe que sou agora o capitão do time de basquete?

— Está bem, figurão! — disse ele, sorrindo. — Mas vai falar com a Sra. Scott?

— Vou sim. E agora mesmo que estou com o tempo livre.

Continuamos juntos pelo corredor e ele me levou até à porta dela. Entrei.

— Alô, Sra. Scott. Quer falar comigo?

— Alô, Frankie. Quero falar com você, sim. Por onde tem andado ultimamente? Não o tenho visto nas reuniões.

— Tenho tido muito o que fazer. Sou agora o capitão do time de basquete e tenho de tomar uma porção de providências e de treinar quase todos os dias.

— Soube disso, mas acho que você deve dar um jeito de com parecer às reuniões. Foi para isso que o elegeram presidente da classe.

— Sei disso, mas já resolvi não me candidatar à reeleição.

— O fato de você não querer mais o lugar não justifica o seu descaso enquanto ainda o está exercendo. Não é justo para os seus colegas que votaram em você e é justamente sobre isso que eu quero falar-lhe.

— Soube que queria falar comigo a respeito de Sam Cornell.

— É isso mesmo. Creio que uma das razões pelas quais não chegamos a qualquer resultado no caso de Sam Cornell foi a sua ausência nas reuniões. Sam foi um dos que votaram em você. E quando ele se viu em dificuldades e teve de comparecer perante o conselho, você não estava presente. Se você estivesse lá ele poderia ter tido mais confiança em nós se visse um rosto amigo, alguém que ele soubesse que faria por ele tudo o que fosse possível.

— OK! — exclamei. — E agora? Que é que eu devo fazer? Pedir desculpas?

— Não. Não é essa a atitude que deve tomar. Em primeiro lugar, não seria sincero nas suas desculpas. Você agora está muito:

preocupado consigo mesmo e julgando-se muito importante para ter pena de Sam. Mas não estou preocupada com você. Sei que você

acabará voltando ao seu normal. Mas gostaria de fazer alguma coisa por Sam e sei que você pode ajudar-me.

— Como?

— Sente-se e ouça, Francis.

Sentei-me na cadeira ao lado da mesa dela.

— Como deve saber, Francis, é uma coisa que detesto ter de mandar alguém para o reformatório. Nego-me a acreditar que exista alguma pessoa jovem fundamentalmente ruim. Os princípios dentro dos quais procuro nortear o meu trabalho são os que afirmam que não há incorrigíveis. Se alguns assim parecem, é por nós assim os fazermos e a culpa não é apenas deles, mas nossa também. Compreende o que estou querendo dizer?

— Acho que sim — Ótimo então! Poderemos trabalhar melhor se nos entender mos. — Apanhou uma ficha em cima da mesa e. continuou: — No primeiro e no segundo período escolar, Sam foi um bom aluno. Alcançou 85 de média e o seu procedimento foi irrepreensível. Só teve uma falta durante todo esse tempo e só chegou tarde duas vezes.

"Neste período, porém, já deu trinta faltas, faltou a inúmeras aulas e o seu procedimento tem deixado muito a desejar. As suas notas caíram verticalmente e eu não tenho dúvida de que será reprovado neste ano. Mas nada disso, por pior que seja, seria motivo para expulsá-lo da escola. Mas acontece que já foi surpreendido em vários furtos e foi acusado com outros rapazes do bairro em que vive de arrombar lojas para roubar. Como é natural, fizemos investigações sobre o caso. Quase todas as suas faltas são injustificadas. Falamos com os pais dele, que nada sabem explicar. A mãe nos disse que Sam foi sempre um bom menino e que são as más companhias que o estão estragando. Estou inclinada a concordar com ela. Ainda acho que Sam é um bom menino. Mas, no verão passado, mudou de idéia a respeito do que é certo e errado. Conversei com ele e não pude chegar ao fundo da questão. Não pude apurar o que foi que fez Sam mudar de idéia e não consegui explicar-lhe que era melhor para ele voltar ao caminho certo. Sam não tem confiança em mim e sem essa confiança nada poderei fazer por ele.

"Está sob sentença suspensa do Juiz de Menores e já violou as obrigações que assumiu quando foi julgado. Deveria ir automaticamente

para o reformatório, mas estou procurando provar que ele pode melhorar e que não dará mais preocupações desde que possamos descobrir a causa de tudo e explicar-lhe a situação. Já disse que nada consegui ainda e acho que não vou conseguir. Pensei que Martin poderia fazer alguma coisa, mas ele também não conhece Martin bem e esse não chegou a qualquer resultado. Foi Martin que se lembrou de você. Disse-me que você e Sam tinham sido muito amigos logo que chegaram à escola."

— É verdade. Estive doente e comecei um pouco depois dos outros. Sam me ajudou muito nessa ocasião.

— Nesse caso, Francis, se você o ajudasse agora, estaria apenas retribuindo um favor.

— Mas como é que vou ajudá-lo? Não sei nada sobre o que se faz nessa espécie de trabalho.

— Não precisa saber. Basta mostrar-se amigo dele, cultivar-lhe a amizade. Se ele gosta de você, falará e dir-lhe-á o que está fazendo. Você então me contará tudo e eu lhe direi o que deverá fazer. Se ele tiver confiança em você, estará em suas mãos ajudá-lo. Afinal de contas, é esse um dos motivos da existência do conselho de alunos e professores. Se um rapaz se vir diante de pessoas estranhas e de professores, colocar-se-á imediatamente em posição defensiva, o que automaticamente nos exclui e nos impede de ajudá-lo. Mas quando vê colegas, perde a sua hostilidade e ganha confiança. Você não calcula a quantos estudantes já temos ajudado. Dizem que, quando o médico consegue a confiança do doente, venceu metade da batalha.

E você terá de proceder com Sam como se fosse médico.

— Vou fazer o possível, Sra. Scott.

— Creio nisso, Francis. Quer ler a ficha dele?

— Não, muito obrigado. Prefiro saber de tudo por ele mesmo.

Ela sorriu, quase radiante dessa vez.

— Gostei de você ter dito isso, Francis. Essa é que é a atitude certa. Você parece saber instintivamente o que deve fazer. Que idade tem você?

— Quinze anos — E engraçado, mas às vezes penso que você é muito mais velho. Você tem uma segurança a seu respeito que não é muito comum nos jovens. Talvez se surpreendesse se soubesse quantos dos seus colegas têm os olhos voltados para você. Marty, por exemplo, fala em você como em alguma coisa quase sagrada.

— Ora, isso é porque já nos conhecemos há muito tempo.

— Não é só isso, Francis. Ele me contou como foi que vocês se conheceram.

Lembrei-me de Marty naquele dia, do garoto um pouco pálido mas sem medo que esperava pelos meus muros.

— Ah, ele lhe contou.

— Sim, e contou-me também como você lhe ensinou a lutar box, que iam nadar no cais e que você trabalhava depois da escola e durante todo o verão. Sei muitas coisas a seu respeito.

Nesse momento, o sino tocou. Estava na hora da minha aula de matemática.

— Tenho aula agora — disse eu, levantando-me.

Ela me levou até à porta e disse:

— Tenho a impressão de que vai resolver o caso de Sam.

— Espero poder. Ele é um bom garoto.

— Outra coisa, Francis. Peço-lhe que pense bem na sua decisão de não se candidatar à reeleição. Isso é mais importante do que muitas coisas.

— É uma questão de opinião. Adeus.

— Sem dúvida, — disse ela, sorrindo, — mas voltaremos a conversar sobre o assunto. Obrigada por ter vindo falar comigo.

— No hay de qué, — disse eu, praticando com ela um pouco do meu espanhol.

Ela fechou a porta e eu saí para o corredor cheio de alunos.

Tornei a falar com Marty depois da aula de Matemática.

— Conversou com ela, Frankie? Conversei.

— E que é que vai fazer?

— Não sei, Marty. Não sei nem por onde vou começar.

— Em primeiro lugar, você terá de procurá-lo. — disse ele, sorrindo — Ora, disso sei eu, mas não me agrada muito a idéia de servir de espião junto ao rapaz.

— Escute aqui. Frankie. Você não vai ser espião coisíssima nenhuma. Vai apenas ajudá-lo a sair das dificuldades em que se meteu, como faria qualquer amigo.

— E se ele não quiser nenhuma ajuda e me disser que me meta com a minha vida?

— Você tratará de superar isso. Se não conseguir, ao menos tentou. Mas acho que vai conseguir.

— Obrigado pelo voto de confiança. Mas vamos ver.

— É, vamos ver. Vou chamar Jerry para tomarmos um refrigerante. Que ir conosco?

— Não, muito obrigado. Tenho uma aula agora.

— OK. Até logo.

Continuei pelo corredor e diante da sala de Biologia esbarrei em Ruth, que ia saindo.

— É você! — exclamou ela. — Eu devia saber que só podia ser você!

Aborreci-me. Já estava farto das piadas dela comigo e naquele momento não me sentia com nenhuma disposição para elas.

— Se eu tivesse sabido que ia ver você aqui, teria dado uma volta muito grande para passar a léguas. Você é a última pessoa no mundo a quem eu quero ver.

— Que é que há, garotinho? Zangou?

— Não, não me zanguei. Mas já estou ficando cansado dessa sua má vontade permanente. Que é que tem contra mim, afinal de contas?

— Nada, rapaz, — disse ela, sorrindo com um sorriso igualzinho ao de Marty. — É apenas que acho você falso e impostor. É ruim e cruel e eu não gosto de gente assim.

Fiquei alucinado com aquilo e repliquei furiosamente:

— E você se julga muito melhor do que eu? Não passa de uma cadela mesquinha e egoísta que diz o que entende a respeito de gente que nem conhece.

Ela levantou a mão para me dar uma bofetada, mas eu fui mais ligeiro. Agarrei-lhe a mão com força pelo pulso. Ficamos a olhar-nos assim alguns instantes. Os olhos dela fuzilavam. Depois, larguei-lhe o pulso, onde haviam ficado as marcas dos meus dedos.

— Eu não faria isso se fosse você, — disse eu, sorrindo. — É muito pouco distinto para uma moça fina.

O brilho morreu nos olhos dela, o rosto se descontraíu e ela tentou sorrir. Aquela pequena tinha fibra.

— Tem razão, Frankie. Desculpe. Acho mesmo que nunca lhe dei uma oportunidade... Desde o dia...

— Em que acertei Marty em casa?

— Não. Não foi isso. Foi Julie.

— Julie? Sabia de alguma coisa?

— Sabia que Julie tinha um caso com você e isso me enfurecia.

Vivíamos como irmãs até você aparecer e modificar tudo. Ela começou a ficar muito cheia de segredos... e eu acho que tive um pouco de ciúme. Depois que ela saiu lá de casa, perguntava sempre por você nas cartas que escrevia e lhe mandava lembranças, mas eu nunca lhe disse nada.

O sino tocou marcando o início da aula, mas eu não entrei. Queria que ela me dissesse o que sabia a respeito do que tinha havido entre mim e Julie. Peguei-a pelo braço e saí com ela pelo corredor. Ela me acompanhou sem resistência.

— Por que, Ruth?

— Já lhe disse por quê. Foi uma infantilidade da minha parte.

Sei agora que tudo está acabado. Julie se casou.

Experimentei uma sensação inexplicada de alívio ao saber disso.

— Quando foi que descobriu que eu tinha alguma coisa com Julie?

— Foi num domingo quando vocês dois voltaram da praia e ficaram em frente à porta dela. Ouvi vozes no corredor. Abri a porta da frente do apartamento e vi você beijando-a. Isso completou a minha raiva, pois eu já não gostava de você por causa de Marty.

— Ora, — disse eu, — só isso?

— E não acha que chega?

Compreendi naquele momento que não tinha mais de preocupar-me com ela. E tive grande satisfação com isso. Estávamos num canto do corredor e não havia muitos alunos passando, porque muitas aulas estavam em funcionamento.

— Acho, porque um beijo não é nada, — disse eu, pegando-a de repente pelos ombros e beijando-lhe a boca. — Viu?

Ela começou mais uma vez a levantar a mão. Levantei o braço à altura do rosto, fingindo que ia defender-me.

— Nada disso de novo! — disse eu, sorrindo.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, nunca mais.

— Amigos? — perguntei, estendendo-lhe a mão.

— Amigos! — disse ela.

Apertamos solenemente as mãos.

— Bem, vou indo, Ruth. Tenho uma aula agora.

Já ia no meio do corredor quando olhei para trás. Ruth estava em prantos.

— Que é, Ruth? — perguntei, voltando. — Desculpe, não tive a menor intenção de magoá-la.

— Nada, nada! Por que não se vai embora e não deixa em paz quem quer ficar em paz, seu grande idiota!

E saiu correndo para as escadas.

"As mulheres são birutas", pensei eu quando entrei na aula e pedi desculpas ao professor pelo meu atraso.

O Professor Weisbard era um bom homem. Sorriu quando eu lhe disse que me havia atrasado com assuntos da classe.

— Muito bem! — disse ele, num aparte de teatro que foi ouvi do por toda a classe. — Aqui entre nós, Francis, se eu fosse você limparia dos lábios um pouco desses assuntos da classe antes de sentar-me.

Alguém me agarrou pelo braço quando eu saía da aula, ainda aborrecido com a piada do professor. Era Marty.

— Ah, é você? — exclamei.

— Quem pensou que era?

— Ninguém.

— Escute aqui, Frankie. Sam está agora mesmo lá na sala esperando a Sra. Scott. Você pode entrar lá como por acaso e começar a falar acidentalmente com ele. As coisas seriam mais fáceis assim.

— De quem é essa brilhante idéia?

— Da Sra. Scott. Ela está de propósito fazendo-o esperar para que você tenha uma oportunidade.

— Está bem. Mas vou precisar de uma justificção para faltar á aula de Espanhol.

— A Sra. Scott já pensou nisso também. Entregou-me uma nota para levar ao seu professor.

— Ela pensa em tudo, não é?

— Em quase tudo, Frankie! — disse Marty saindo e sem ligar ao meu sarcasmo.

Entreí na sala de espera da Sra. Scott e vi Sam que esperava sentado num banco. Olhei-o como se fosse uma surpresa encontrá-lo ali.

— Olá, Sam! Que é que está fazendo aqui?

— Alô, Frankie, — disse ele com um sorriso fraco. — Estou esperando para falar com a Sra. Scott.

Coloquei os livros em cima da mesa e fui sentar-me ao lado dele.

— Vim pegar uns papéis, Sam. E você? Para que é que quer falar com essa velhota?

— Não quero nada, mas sou forçado a vir falar com ela. Estou metido numa encrenca daquelas, rapaz!

— Mas encrenca mesmo?

— Estou-lhe dizendo. Estão com vontade até de me mandar andar.

— Não diga, Sam! Há alguma coisa que eu possa fazer?

— Acho que não — disse ele desviando o olhar. Estava quase chorando.

— Escute, Sam, por que não veio falar comigo? Afinal de contas, sou presidente da classe e posso fazer alguma coisa, desde que saiba do que está acontecendo. Somos amigos e eu lhe devo alguns favores. Vamos ali para aquele canto e você me conta o que é que há. Talvez eu possa ajudá-lo e, se não puder, não custa nada tentar. Que é que acha?

Ele me olhou e eu julguei ver-lhe nos olhos um brilho de esperança. Fomos para a janela e ele começou a falar.

— Foi no verão que tudo começou. Queria trabalhar durante as férias porque o pessoal lá em casa estava muito precisado de dinheiro. Fui procurar emprego numa porção de lugares que botaram anúncio dizendo que precisavam de mensageiros, mas não fui aceito porque sou preto. Em outros lugares, poderia ajudar na portaria, mas acharam que eu não tinha idade suficiente. Poderia tentar ganhar algum dinheiro com a minha caixa de engraxate, mas o que se ganha com isso é muito pouco. A concorrência, no verão, dos outros garotos é muito grande.

— Claro. Que sei muito bem disso! Trabalhei muito como engraxate quando estava no orfanato.

— É mesmo? Então você sabe como é difícil. Bem, um dia, um camarada chegou junto de mim e disse: "Por que não vai vender coisas usadas, Sam?" Eu respondi: "Ora, isso não rende nada". "Do jeito que nós fazemos a coisa, rende um bom dinheiro", afirmou ele.

"Como assim?" "Escute, Sam, sei que você é um garoto direito e que está procurando emprego, mas sei também que não está podendo conseguir. E sabe por quê? Porque você é preto." "Escute aqui", disse eu, "por que é que você não me diz alguma coisa que eu ainda não saiba?" "E pensa que é isso só?", disse ele. "Levamos uma vida infernal aqui em Harlem. Dizem uma porção de tolices a respeito de oportunidades e outras conversas fiadas e fica tudo por isso mesmo.

Estudei na escola para ser contador. Formei-me em um bom curso — sempre fui o primeiro da minha turma. Até aí, muito bem. Mas quando chegou na hora de arranjar emprego, o caso mudou de figura. Os brancos, por mais burros que sejam, pegam os empregos. Nós, pretos, só conseguimos conversa fiada e um emprego de varredor da casa. Que vão para o diabo! A gente tem de agarrar o que puder e eles que se vão estourar no inferno "Falar é fácil", disse eu. "Mas não estou só falando", respondeu ele. "Conheço um camarada que compra coisas de segunda mão e não tem muito interesse em saber de onde foi que vieram. E paga um bom dinheiro. O que eu quero saber é se você já não está cansado de viver por baixo? Ou é como o resto desses idiotas que passam a vida inteira levando na cabeça e saboreiam as tolices que os outros dizem como se fossem creme?" "Não sou idiota", disse eu, "e por isso mesmo é que eu não quero que me peguem". "Ora", disse ele, "tudo isso é coisa arrumada. Nós só trabalhamos com garotos como você. Se por acaso algum de vocês for pegado, isso será levado na conta de brincadeira de garoto. Você pode levar uma repreensão na polícia, depois vai para casa e está tudo resolvido. Mas não ser preso. Tudo está arranjado". "Arranjado como?" "Isso é comigo", disse ele. "Da parte que me toca, eu pago à polícia. Toda a vez que vamos fazer um serviço, avisamos o guarda e ele vai para outro lado. Como eu consigo isso, não lhe interessa. Você só tem de fazer o que lhe mandarmos. Está bom?" "Não sei. Vou pensar", disse eu. "Então pense, mas olhe lá, bico calado, senão vai-se arrepender, ouviu?" Pensei e resolvi aceitar. Parecia um negócio seguro. Mas não era. Fomos todos presos. O homem que me

falou e o que comprava as coisas estão na cadeia e parece que vou de ter de fazer companhia a eles.

— Puxa! Que situação! Mas que é que isso tem que ver aqui com a escola?

— Bem, depois que o homem falou comigo, comecei a pensar no caso e achei que ele estava certo. Para que estudar e ter um bom preparo se isso depois não me vai servir de nada? Comecei então a faltar à escola sempre que arranjava um biscate. Fiz um bocado de gazeta e acho que isso junto com a outra coisa vai estragar tudo.

Pensei no caso. Ficamos durante um tempo sem falar. "Que é que eu vou dizer a ele?", pensei. "Ele sabe mais das dificuldades que está enfrentando do que eu".

— Escute, — disse eu, afinal, — vou conversar com ela. Tenho uma idéia (Era mentira. Não tinha idéia alguma.) que talvez dê certo.

Quando eu sair do gabinete dela, direi alguma coisa a você.

Saí antes que ele pudesse fazer-me alguma pergunta e entrei no gabinete da Sra. Scott.

— Então, Francis? — perguntou ela.

Disse-lhe o que ele me havia contado.

Quando acabei, ela me perguntou se eu tinha alguma sugestão.

— Nenhuma!

— Mas eu tenho, Francis. Se você o convidar para que ele o ajude nas suas atividades em favor da classe, isso fará com que ele se sinta útil e integrado. Se você o nomear para um dos comitês de que você participa, creio que tudo estará resolvido. E se você mantiver estreito contato com ele, pode ser que se consiga atenuar um pouco a sua falta de confiança e os seus preconceitos.

— Mas como é que eu posso fazer isso? Todas as minhas no meações têm de ser aprovadas pelo diretor.

— Deixe isso comigo.

— Está bem. Vou falar com ele.

— Espere um pouco, Francis. Não lhe diga que a idéia foi mi nha. Diga que foi sua. Até porque, de hoje em diante, você será o guardião dele e ele ficará sob a sua responsabilidade. Espero que ele não deixe você mal.

— Tenho a impressão de que não deixará. Ainda quer falar com ele?

— Quero sim. Vou dizer-lhe que, se não fosse você, ele não te ria a menor chance. Estou envolvendo você nisso mais do que você pensa.

— Sei disso, — murmurei, já com a mão na porta para sair, — mas está certo.

Sam conseguiu um lugar de ajudante de caixa na cantina e trabalhava na escrita geral da organização. Fazia bem o seu serviço, ganhava dinheiro pelo seu trabalho e isso ainda figurava como pontos favoráveis na sua ficha escolar. A sua freqüência e as suas notas melhoraram. Via-o quase sempre, pois às vezes ia diretamente procurá-lo. Achei que estava indo muito bem. - A época da eleição se aproximava. Eu não queria candidatar-me de novo. As minhas outras atividades me tomavam muito tempo. Fora da escola, eu era tratado com muita consideração por minha família e por meus amigos. Sentia-me o centro de todos os acontecimentos importantes. O meu mundo girava em torno de mim.

Uma tarde, fomos todos à casa de Janet para conversar sobre os nossos assuntos — Janet, Jerry, Marty e eu. Peguei meu lugar favorito, a poltrona do pai dela, e coloquei os pés no almofadão em frente. Gostava da poltrona não só porque era confortável, mas também porque nela eu ocupava a posição mais importante da sala. Jerry e Janet ficaram no sofá diante de mim e Marty sentou-se numa poltrona menor à minha direita. Fui eu quem primeiro falou.

— Escutem, vocês todos sabem que não quero a reeleição. Tenho muitas outras coisas para fazer.

— Mas você pode vencer outra vez. É conhecido e estimado.

Só isso.

— Conversa! O lugar dá muito trabalho e eu não o quero.

— Pode dar muito trabalho, — disse Jerry, — mas não para você. É Janet quem faz quase tudo.

— Se Janet tem queixas a esse respeito, é melhor que ela mesma as faça. Que é que você diz, Janet?

Ela sorriu e sacudiu a cabeça.

— Não tenho queixas a fazer.

— Escute aqui, — disse eu a Marty. — Se acham que o lugar é tão bom assim, por que é que um de vocês não se candidata?

— Você bem sabe que eu não posso, — disse Marty. — O meu trabalho com a Sra. Scott me toma o tempo todo e será muito importante para mim quando eu for para a universidade.

— OK. Então não reclame comigo. E vocês dois? — perguntei, olhando para Jerry e Janet.

— Janet não! — exclamou Marty. — Nunca houve um caso de uma moça ser eleita presidente da classe.

— Isso não quer dizer que ela não possa ser. Que é que acha, Janet?

— Eu não, Frankie. Não tenho a menor chance. Mas Jerry...

Ela olhou para ele, que ficou um instante pensativo e, depois, sorriu.

— Se é assim que vocês querem, aceito, mas com uma condição.

— Qual é? — perguntou Marty, mas eu já sabia qual era.

— Que Janet forme a chapa comigo, — disse ele, sorrindo para ela.

— É claro que Janet fará a chapa com você, — disse eu, antes que ela tivesse tempo de dizer alguma coisa.

Por um momento, julguei que Janet ficara um pouco decepcionada com a minha pronta aceitação. Mas eu podia estar enganado. E isso passou.

No dia seguinte, a Sra. Scott me viu no corredor e veio falar comigo.

— Soube que não se vai candidatar à reeleição, Frankie.

— As notícias voam! — disse eu, sorrindo, certo de que Marty havia dito a ela.

— Pensei que houvesse mudado de idéia depois da nossa conversa.

— Mas não mudei.

— E as outras coisas que eu disse que você poderia fazer? E o caso de Sam?

— Sam não será mais problema e Jerry pode encarregar-se disso. Ele gosta dessas coisas.

— Sabe, Francis? Estou com a impressão de haver cometido um erro a seu respeito.

— É bem possível. Todos nós cometemos erros.

— Espero que não tenha havido erro no seu caso. Sempre o apreciei.

Depois que Jerry e Janet foram eleitos, vi cada vez menos os velhos amigos da turma. As minhas atividades esportivas me ligaram a estudantes mais adiantados e eu fui mais ou menos aceito no grupo deles. Sentia-me mais à vontade com eles do que com o pessoal da minha turma porque na verdade era mais velho em experiência do que eles.

Só uma vez por semana ia procurar Janet e saía com ela. Nos outros dias, saía com outras pequenas. Eram um pouco mais sabidas do que ela e eu costumava ir mais longe.

Um dia, quando saía da escola, Jerry apareceu ao meu lado.

— Olá, — disse eu.

— Olá, Frankie. Que é que há? Quase não se vê mais você.

— Tenho andado por aí.

— Sei disso. Janet também sabe. E não creio que esteja muito contente.

— Não sou mais criança, Jerry. Sei tomar conta de mim mesmo... e Janet também.

— Mas Janet...

— Ora, Janet e eu não temos nenhum compromisso.

Ele me segurou o braço e eu olhei para ele.

— Sabe de uma coisa, Frankie? Há muito tempo que espero ouvir você dizer isso.

— Então já disse. Que é que vai fazer agora, irmãozinho?

— Nada. E não me chame de irmãozinho.

Largou-me o braço e saiu pela rua, assobiando.

Fiquei ali pensando no que podia significar tudo aquilo. Mas, apesar disso, fui ver Janet naquela noite.

Cheguei à casa dela mais ou menos às sete horas e toquei a campainha. Ela me foi abrir a porta e sorriu quando me viu.

— Entre, Frankie.

Quando cheguei à sala, encontrei lá dentro Marty e Jerry. Fiquei surpreso, mas nada demonstrei. Agi como se fosse habitual chegar à casa de Janet e encontrá-los.

— Alô, vocês! — disse eu.

— Ah! — disse Marty, voltando-se para Jerry. — Hoje é o dia em que os deuses descem do Olimpo! Salve pela tua volta, ó irmão há tanto perdido!

— Muito engraçado! — disse eu. — Não ligue para ele, Jerry.

A família dele gosta muito de falar.

— Que é que o traz aqui? — perguntou-me Marty.

— Vim ver Janet, — disse eu sorrindo. — E vocês?

Eu sabia que nenhum deles confessaria que só tinham ido para ver Janet, ainda que essa fosse a verdade.

Marty murmurou a velha desculpa sobre assuntos da classe.

— Bem, não quero interrompê-los, — disse eu. Esperarei que vocês acabem. — Sentei-me na poltrona do pai dela e peguei uma revista. — Onde está seu pessoal, Janet?

— Foram ver Vovó, que não está passando bem.

— Isso é que é ruim. Mas não é nada de grave, é?

— Não. Um resfriado apenas.

Os dois desistiram. Jerry levantou-se e disse:

— Bem, acho que vamos indo. Já dissemos tudo o que tínhamos para dizer.

— Escutem, — murmurei com um falso tom de quem pede per dão na voz, — já disse que não quero interrompê-los.

— É mesmo, — disse Janet, pegando a minha deixa. — Não vão ainda. Vou ligar o rádio. Talvez se pegue alguma coisa boa.

Marty disse que havia prometido chegar em casa cedo.

— Eu também, — disse Jerry E os dois saíram apesar dos nosso protestos. Quando os dois saíram, nós nos olhamos e rimos.

— Venha-me dar um beijo, menina, — disse eu, abrindo-lhe os braços.

Ela se aproximou e eu a beijei demoradamente. Depois, ela sorriu e murmurou:

— Há quanto tempo não aparece!

— Tenho andado muito ocupado. Mas se soubesse o que era que estava perdendo, teria vindo mais aqui.

— Não minta, Frankie. Não me minta nunca. Não é preciso.

— Sei disso, meu bem.

— Eu o amo, Frankie.

Beijei-a, mas sabia que não a beijaria muito tempo. Alguma coisa me dizia que ela e Jerry... Mas os beijos eram tão doces e nós éramos tão jovens e tão sérios — ainda que eu dissesse a mim mesmo que eu não era.

Eu estava fazendo lanche uma tarde várias semanas depois quando Marty se sentou ao meu lado.

— Olá, Frankie. Que há de novo?

— Nada. Você é que vai dizer.

— Não há muito o que dizer. A novidade da escola continua a ser você.

— Sério?

— Sim, todos ainda comentam o fato de você desistir do seu cargo na classe. Dizem que você naturalmente se acha superior a to dos nós.

— Que mal faz falarem? — perguntei, rindo.

— A Sra. Scott também não ficou satisfeita.

— E daí?

— Escute, Frankie. Que é que há com você?

— Nada. Quanto à Sra. Scott já estou é farto dessa história dela de estar ajudando os estudantes. O que ela faz é servir-se de nós para os seus estudos. Com certeza, depois vai escrever um livro e chamar a todos nós de experiência 999 ou coisa parecida.

Ele pegou a minha garrafa de leite e tomou um gole num copo.

— Coma um pedaço de torta também, — disse eu.

— Obrigado, Frankie. Não estou com fome.

— Que veio então fazer aqui?

— Se quer mesmo saber, vim falar com você. A Sra. Scott acha que você poderá gostar de trabalhar conosco. Ela faz muito bom juízo de você.

— Foi justamente o que imaginei. Pois pode voltar no mesmo pé e diz a ela para arranjar outro. Estou fora do mercado.

— Está bem, — disse ele, levantando-se. — Se é isso o que você pensa, direi a ela, mas acho que está cometendo um erro.

— Sei disso, mas pouco me importa. Cometo erros a cada instante.

Saí da cantina para o pátio e atravessei a rua. Havia alguns bancos ali. Sentei-me e acendi um cigarro. Era um lugar alto e dali podia avistar-se o rio até ao Bronx. Era em meados de abril e o dia estava quente e meio enevoadado. Ouvi o sino da escola tocar, mas não tinha a menor vontade de ir às aulas. Estudantes entravam e saíam. Acomodei-me no banco. O cigarro estava no fim. Acendi outro com a ponta e joguei-a fora.

Algumas moças vinham para onde eu estava, entre as quais estava Janet. Virei o rosto para o lado, na esperança de que ela não m visse. Havia três semanas que não ia procurá-la desde a noite em que encontrara Marty e Jerry em casa dela. Mas ela me viu. Disse alguma coisa às amigas e se

aproximou de mim. O sol lhe iluminava os cabelos e ela estava linda, mas eu não queria falar com ela.

— Alô, Frankie, — disse ela sorrindo. Havia no seu sorriso alguma coisa que me impressionou. Era como se ela dissesse: "Não se zangue comigo. Se fiz alguma coisa errada, foi sem intenção".

Sorri também.

— Alô, Janet.

— Não tem aula agora — Tenho, mas estou com preguiça. Acho que a febre da primavera me atacou.

— Está um dia lindo, não é?

— Está.

— Posso sentar-me?

— Claro que pode. Para isso é que servem os bancos.

Ela se sentou um pouco afastada de mim. Durante algum tempo, ficamos calados a olhar para o rio. Mas era como se estivéssemos conversando. Eu podia imaginá-la perguntando-me por que não tinha ido vê-la e eu respondendo que tinha tido muita vontade mas tivera muito que fazer, e, então ela me perguntava se eu não ia voltar a trabalhar com a Sra. Scott, e eu diria que não porque a Sra. Scott era uma impostora e pouco se interessava pela gente, e ela replicava dizendo que a Sra. Scott era cem por cento e que eu estava errado, fazendo-me responder que isso era a opinião dela a que ela tinha todo o direito, e ela depois perguntava como eu ia de estudos e eu dizia que muito bem, pois estava com a média 80, e ela queria saber se eu continuaria naquele ano na equipe de natação e eu dizia que ainda não sabia e ela me perguntava como iam minha tia e meu tio eu dizia que muito bem, mas meu tio havia lutado durante todo o inverno com um resfriado que afinal deixara uma tosse teimosa, e eu então perguntava pelos pais e pela avó dela e ela dizia que estavam todos bem, mas que a avó cada dia ficava mais velha e, enquanto falássemos, eu me lembraria do nosso primeiro beijo, de como ela havia dito que me amava, no dia em que fora passar a combinação a ferro na cozinha, do seu perfume nos cabelos, dos colegas, de Jerry... mas continuávamos calados ali no banco, olhando para o Bronx.

O segundo cigarro acabou e eu acendi outro com a ponta. Joguei-a por cima do gradil e vi-a ir caindo até desaparecer. Foi então que ela falou.

— Você está mudado, Frank... mudou muito no ano passado.

— Isso acontece a todo o mundo. Não estamos ficando mais moços...

— Não é isso, Frankie. Tenho a impressão de que você é outra pessoa que eu não conheço, tão diferente você ficou. Sei que todos nós estamos mudados — Jerry, Marty e eu — mas você parece que se tornou frio, cruel e egoísta. Dantes você não era assim.

Lembrei-me do que Ruth me dissera um dia e olhei para Janet.

— Sou o que sempre fui.

Ficamos de novo em silêncio, olhando um pequeno barco que lutava para subir o rio. Joguei o cigarro fora e não acendi outro, pois sentia a garganta por demais seca. Um vento leve soprava às nossas costas e eu o sentia nos cabelos. Os cabelos de Janet eram também agitados pelo vento e eu senti vontade de tocar neles, para sentir-lhes de novo a sedosa maciez.

Ela olhou para mim.

— Você parece um garotinho depois de ter levado uma surra imerecida, — disse-me ela, com um esforço não muito bem sucedido de sorrir.

Não respondi.

— Frankie, por que é que você não vai mais me ver?

Pronto, ela já falara. Eu nunca saberia quanta coragem lhe fora necessária para que ela fizesse essa pergunta.

Não soube o que responder. Limitei-me a murmurar alguma coisa sobre ter andado muito ocupado...

— Você dantes andava ocupado e sempre achava tempo...

Falei então de estar ela saindo com Jerry.

— Só comecei a sair com Jerry depois que você me trocou por seus novos amigos. Que era que você queria que eu fizesse? Que ficasse em casa chorando à espera do dia em que se lembrasse de mim?

— Mas, Janet, nós éramos muito crianças e não sabíamos o que dizíamos, nem o que queríamos...

— Você talvez não soubesse, — replicou ela, chorando. As lágrimas lhe brilhavam nos olhos como pequenos diamantes. — Mas eu sabia e pensei que você gostasse de mim.

Cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar mansamente.

Senti uma coisa estranha na garganta. Quase não podia falar. Corri os olhos nervosamente em torno. Felizmente, não havia ninguém por perto de nós! Toquei-lhe o ombro. Como podia dizer-lhe que sentia muito havê-la magoado ou que tinha a impressão de que era um verdadeiro imbecil? Pensei em Ave, a pequena do último ano com quem eu havia saído naquelas últimas semanas, nos seus beijos quentes e do seu jeito de prometer com um olhar ou com um meneio do corpo — de prometer muito e dar bem pouco. Como poderia dizer a Janet que amava sua inocência, sua maneira simples, direta, sincera e o calor dos seus olhos? Como poderia dizer-lhe que a queria... e alguma coisa mais?

Ela sacudiu os ombros para afastar-me a mão e exclamou zangada:

— Vá-se embora! Vá-se embora! Sinto-me tão humilhada e como o odeio!

Levantou-se e voltou correndo para a escola, tentando enxugar os olhos com um lençinho pequeno e ineficiente. Pensei em levantar-me e correr atrás dela. Mas me lembrei de que poderíamos ser vistos das janelas da escola e continuei sentado.

O dia estava ficando mais frio e eu senti um arrepio. O sino anunciou mudança de aulas e eu me levantei e entrei. Tinha uma aula de Espanhol. No segundo andar, vi Janet que saía da sala das moças. Aproximei-me dela.

— Janet.

Ela me virou o rosto e disse num tom de voz baixo e frio:

— Não fale nunca mais comigo!

— Está bem, — disse eu, com o mesmo tom de voz. — Se é assim que você quer, faça-se a sua vontade.

Ela se afastou pelo corredor e desapareceu. "Vá para o inferno!", pensei eu. "Ela e a escola que vão para o inferno! Tudo isso é coisa de criança!" E, virando-me, saí para a rua.

A família havia-se sentado para jantar quando eu cheguei. Irene já estava à mesa, mas Essie ajudava a mãe na cozinha.

— Olá, pessoal! — disse eu, entrando.

— Já estava estranhando a sua demora, Frankie, — disse minha tia. — Vá-se lavar depressa. Nós quase já íamos começando sem esperá-lo.

Olhei para ela com estranheza. Para ela, aquilo era quase uma repreensão. Notei-lhe no rosto algumas rugas de preocupação.

— Já me conhece, Tia Bertha! — disse eu, tentando levar a coisa na brincadeira. — Nunca me atraso na hora da comida.

As meninas riram e Essie disse:

— É verdade, Mamãe.

Passei pela sala. Meu tio estava sentado numa cadeira perto da janela. Parecia estar olhando para o espaço, agarrando nervosamente os braços da cadeira.

— Não vai jantar, Tio Morris? Pensei que não estivesse em casa.

— Cheguei cedo hoje, Frankie, — disse ele, tentando sorrir sem conseguir. — Estava muito cansado.

Fui para o banheiro comecei a lavar as mãos. Quando passei de novo, chamei-o.

— Não estou com fome, Frankie.

Havia alguma coisa. Eu podia sentir a tensão no ar. Seria por minha causa, por alguma coisa que eu tivesse feito? Não havia. Sentei-me à mesa na casinha e jantamos em silêncio. Tio Morris não apareceu. Depois do jantar, ajudei Essie a lavar os pratos. Depois, fomos para a sala e ouvimos rádio durante algum tempo. Às oito horas, as meninas foram dormir. Às nove e meia, disse que ia me deitar também. Tinha a impressão de que minha tia e meu tio estavam querendo conversar e eu os atrapalhava. Tinha sido uma noite silenciosa e um tanto triste. Quase sempre, Tio Morris ria,

brincava e jogava com as meninas. Mas naquela noite, não. Quando as filhas o beijaram na hora de dormir, ele não lhes retribuiu o beijo. Fui para meu quarto, fechei a porta e comecei a despir-me. Através da porta fechada, ouvia meus tios que conversavam em voz baixa. De vez em quando, entendia uma ou outra palavra. Estendi-me na cama, cruzei os braços sob a cabeça e olhei pela janela. Tinha sido um dia longo e exaustivo. Dormi um pouco, apesar da de pressão que estranhamente me dominava. De repente, acordei. Meu tio e minha tia estavam conversando no corredor diante da minha porta. Olhei para o despertador em cima da cômoda. O mostrador luminoso marcava duas horas. Tratei de escutar.

Minha tia chorava mansamente e meu tio falava.

— Não há grandes motivos para preocupações. Ouviu o que o médico disse. Uns dois anos no Arizona e eu ficarei curado. Foi uma sorte sabermos da doença ainda no começo. Assim, é perfeitamente curável.

Ela falou nas meninas. Mencionou também meu nome, mas não pude entender bem o que dizia. Tinha alguma relação com a minha idade.

— Não se preocupe com isso, — disse meu tio. — Há escolas lá também e tão boas quanto as daqui. E Frankie irá conosco. Basta explicarmos a situação.

Ela disse mais alguma coisa e eu ouvi a porta do quarto deles fechar-se. Fiquei pensando no que ele iria fazer no Arizona e na relação que a minha idade tinha com isso. Estava quase adormecendo quando compreendi. Arizona... tuberculose..., era isso! Isso explicava a tosse de meu tio durante todo o inverno. Não era resfriado. Era tuberculose!

Pulei da cama, vesti o roupão de banho e fui bater na porta do quarto deles.

— Sou eu, Frankie. Posso entrar?

— Pode, sim, — disse meu tio, que me perguntou depois que eu entrei: — Que é que está fazendo acordado até estas horas?

— Ouvi falarem no corredor e acordei. Há alguma coisa, tenho certeza. Que é?

Minha tia e meu tio se entreolharam e ele falou:

— Nada. Estávamos apenas pensando em nos mudarmos daqui.

É só.

— Eu sei. Para o Arizona. Por quê?

Não responderam.

— É por que está doente?

— Ouviu?

— Ouvi e posso calcular o que seja. Não sou criança.

— Neste caso, já sabe.

— Escutem, — disse eu, sentando-me na cama deles. — Tenho algum dinheiro num banco da Broadway, se houver necessidade.

— Não, obrigado, Frankie, — disse meu tio. — Dinheiro nós temos. Fique com o que é seu.

— Se precisar é só dizer, Tio Morris. São mais de mil e quinhentos dólares.

— Mil e quinhentos dólares. É muito dinheiro! Como foi que conseguiu tudo isso?

— Eu tinha um emprego. Algum dia, contarei tudo ao senhor.

Se precisar desse dinheiro, é só dizer.

— Não, meu filho, não preciso. Mas muito obrigado.

Já ia saindo, mas minha tia me chamou.

— Venha cá dar-me um beijo, Frankie.

Curvei-me sobre ela e beijei-a.

— Você é um ótimo rapaz, — disse ela, sorrindo. — Agora, volte para a sua cama e não se preocupe mais com isso. Tudo vai acabar bem.

Deitei-me e pensei no que ela dissera sobre a minha idade. Havia-me esquecido de fazer uma pergunta sobre isso. Tive vontade de voltar ao quarto deles para perguntar, mas resolvi deixar para o dia seguinte. De qualquer modo, fora bom deixá-los saber que eu tinha dinheiro para me manter. Adormeci.

Acordei tarde na manhã seguinte e tive de sair às pressas de casa sem falar com ninguém. Só tive tempo de dizer: "Até depois da escola". Cheguei na hora em que a minha primeira aula estava começando. Vi Jerry e falei com ele de passagem. Na hora do almoço, vi Ruth e me sentei ao lado dela.

— Como vai, Ruth?

— Bem, mas estudando muito. Vou concluir o curso este ano, como sabe.

— Sei, sim — Por onde é que tem andado ultimamente? Há muito que não vejo você nem Marty. Vocês dois tiveram alguma discussão e estão brigados por acaso?

— Nada disso. O que acontece é que fazemos coisas diferentes.

— Bem, apareça lá em casa. O pessoal terá prazer em vê-lo.

Depois de dizer isso levantou-se. Olhei para a sala. A escola estava com um aspecto diferente para mim, talvez porque eu soubesse que teria de sair de lá se a família se mudasse para o Arizona.

Voltei para casa logo depois do treino de basquete. Entrei no momento em que as meninas iam saindo para brincar. Minha tia estava lendo um jornal na sala e levantou a vista quando me sentei perto dela.

— É a primeira oportunidade que tenho de pegar hoje no jornal.

— Escute, Tia Bertha, — disse eu. — Quando é que vamos nos mudar?

— Não sei ainda. É preciso resolver antes algumas coisas. Seu tio tem de vender o território em que trabalha para outra pessoa. Te mos de arranjar lá um lugar para morarmos e de conseguir escolas para você e para as crianças. E teremos de ter muito cuidado com as despesas. Seu tio vai passar algum tempo sem poder trabalhar.

— Eu posso trabalhar.

— Espero que não seja necessário. Quero que você acabe o secundário e entre para a universidade. Já pensou no que você quer ser?

— Não, ainda não.

— Estive pensando que você podia estudar para ser médico ou advogado. Isso nos daria muita alegria e seria bom para você.

— Não sei. Tenho tempo de sobra para pensar nisso. Mas como é mesmo que está o Tio Morris? Que foi que o médico disse?

— De algum modo, estamos com sorte. Seu tio está com tuberculose, mas está muito no princípio e o médico disse que ele ficará completamente curado dentro de pouco tempo.

— Se for assim, muito bem. Estava muito preocupado.

— Aqui entre nós, eu também. Mas já me estou sentindo melhor. Ontem, eu estava terrivelmente deprimida.

— Sei disso. Ouvi tudo.

— Há pouco que lhe passe despercebido, não é, Frankie? Você é um rapaz estranho. Um tanto velho para a sua idade e um pouco delicado, mas eu gosto.

Passei o braço pelos ombros dela e disse — Também gosto da senhora.

— Quer um copo de leite? — perguntou ela, batendo-me no rosto.

— Se for com biscoitos, conseguiu um freguês.

Nesse momento, meu tio chegou. Ela se levantou e beijou-o.

— Como é que vão as coisas, Morris?

— Muito bem. Vão-me pagar quinze mil dólares pelo meu território. O preço é muito bom e nós poderemos viver muito tempo com esse dinheiro. Só uma coisa não deu certo. Fui procurar o Ser viço de Menores para comunicar a minha intenção de sair do estado.

Perguntaram-me por que e eu disse. Disseram-me então, que não posso levar Frankie.

— Por quê? — perguntei, dando quase um pulo da cadeira, — Parece que há uma regra no orfanato que diz que, quando aparecer uma doença contagiosa na família que adotou um dos rapazes lá criados, a custódia voltará automaticamente para eles. Talvez você tenha de voltar durante

algum tempo para o orfanato. Mas ainda não sei. Amanhã, vou procurar o meu advogado e talvez possa nos resolver tudo.

— Seja como for, não voltarei para o orfanato.

— E não vai voltar, Frankie. Tomarei providências.

Foi uma semana muito cheia de trabalho em casa. Tínhamos entrado em entendimentos para ir viver numa casa perto de Tucson. Minha tia já começara a arrumar a bagagem. A mudança estava marcada para daí a quinze dias. Era uma tarde de sábado em maio e eu estava ajudando minha tia. Estávamos apesar de tudo entusiasmados com a viagem. As meninas não falavam em outra coisa.

Meu tio chegou às duas horas, muito cansado. Sentou-se numa poltrona da sala. Tia Bertha fez uma xícara de chá para ele. Eu estava na cozinha, embrulhando alguns pratos com papel e encaixotando-os, quando meu tio me chamou.

Tia Bertha entrou comigo e nós dois nos sentamos no sofá. Ela me pegou na mão.

— Não sei como é que lhe vou dizer isso, Frankie, — começou meu tio, — mas você tem mesmo de saber mais cedo ou mais tarde e é melhor que seja agora. Você não poderá ir conosco.

Quis dizer alguma coisa, mas minha tia me apertou a mão e disse:

— Deixe seu tio acabar.

— Fui procurar meu advogado na esperança de que ele pudesse fazer alguma coisa. Mas não adiantou. A lei é muito clara e nada pudemos fazer. Falamos inutilmente com várias autoridades. Você terá de voltar para o orfanato e ficar lá até completar dezoito anos. Só em tão poderá viver conosco.

Senti um aperto na garganta, como se fosse chorar. Afinal de contas, sempre havia esperado ir com eles. Nada disse. Minha tia disse então com a sua voz suave e terna:

— De algum modo, Frankie, isso tem suas vantagens. Você poderá concluir o curso secundário aqui junto com os seus amigos.

Tio Morris falou com o Irmão Bernhard, que é muito seu amigo, e ele prometeu que cuidará bem de você. Daqui a pouco, você concluirá o curso e irá viver de novo conosco. Poderá cursar a universidade lá. E enquanto estiver aqui, podemos fingir que você está apenas ausente por algum tempo, como se estivesse numa universidade.

— Não me interessa. Não me interessa fingir nada. Não me interessam os amigos. Não sentirei falta deles. Mas sentirei falta de to dos aqui. Quero ficar com os senhores.

— E nós o queremos conosco, — disse minha tia. — Não sabe quanto. Gostamos muito de você, mas nada podemos fazer. Temos de obedecer à lei. Não há outro jeito.

Senti as lágrimas me subirem aos olhos. Tentei falar e não pude. Fiquei ali calado, sem solução, mas com as lágrimas a correrem-me pelo rosto. Minha tia começou a chorar também. Levantei-me, corri para o meu quarto e joguei-me em cima da cama.

Ouvi meu tio e minha tia que chegavam diante da minha porta.

— Morris, vou entrar e consolá-lo. Viu como ele ficou? Parecia um garotinho castigado.

— Não, — disse meu tio, — é melhor deixá-lo. Ele vai reagir.

Sei que é um homem de verdade.

Afastaram-se e eu fiquei pensando no que ele dissera. Eu era um homem de verdade. E era mesmo. Mas estava agindo como um garotinho castigado. Eu era um homem. Procurei dominar-me. Parei de chorar e saí da cama. Fui ao banheiro e lavei o rosto. Depois, fui para a cozinha.

Meus tios estavam sentados à mesa e levantaram a vista quando entrei.

— Está-se sentindo melhor? — perguntou meu tio.

Bati com a cabeça, sem querer falar. Ainda não tinha muita confiança em minha voz.

— Sente-se e tome um pouco de chá — disse minha tia.

Foi só anos depois que compreendi que meu tio falara alto de propósito para eu ouvir diante da minha porta. Não percebi isso naquela ocasião e me sentia profundamente abatido. Não queria voltar para o orfanato.

Fora muito bom eu não ter falado com ninguém a respeito da minha ida para o Arizona. Não queria também que ninguém soubesse que eu tinha de voltar para o orfanato. Não queria que ninguém tivesse pena de mim.

Foi na sexta-feira, 13 de maio de 1927. Toda a bagagem estava pronta. A minha também. Meu tio ia levar-me para o orfanato com a minha bagagem. Eles partiriam no dia seguinte. Eu só iria para o orfanato depois que eles viajassem. Íamos apenas levar para lá o que era meu.

— Está pronto? — perguntou meu tio.

— Estou, — disse eu pegando minha mala e levando-a para o carro. Rodamos em silêncio para o centro da cidade.

— Nunca pensei que isso pudesse acontecer, — murmurou meu tio, como se estivesse pedindo desculpas.

Não respondi. Não sabia que poderia dizer. Quando chegamos, peguei minha mala e subi para a sala do Irmão Bernhard. Ele apertou a mão de meu tio e depois a minha.

— Você vai voltar para o seu antigo quarto, Frankie, — disse ele, tentando ser agradável. — Podemos levar o que é seu para lá.

Fomos ao meu antigo quarto. Abri a mala em cima da cama. Alguns garotos apareceram, olharam-nos com curiosidade e foram-se embora. Não conhecia nenhum. Deviam ser novatos. Afinal, apareceu um que eu conhecia — Johnny Egan. Tinha crescido durante a minha ausência e estava quase tão alto quanto eu.

— Alô, Frankie. Está de volta?

— Estou.

Ele ficou mais alguns minutos por ali e saiu.

Abri as gavetas da cômoda e arrumei o que era meu. Depois, pendurei os ternos no armário e guardei os sapatos embaixo. Quando acabei, fechei a mala e disse a meu tio.

— Vou levá-la para casa.

— Não, Frankie. Fique com ela. Vai precisar quando voltar a viver conosco.

Descemos para a sala do Irmão Bernhard. Meu tio teve de assinar alguns papéis, depois do que se levantou e apertou a mão do Irmão Bernhard.

— Não se preocupe com Frankie, Sr. Cain. Cuidaremos bem dele.

— Sei disso, Irmão Bernhard. Frankie estará aqui amanhã à tarde. Virá logo depois que nos embarcar no trem.

— A que horas?

— Mais ou menos às três. O nosso trem partirá à uma hora da tarde — Vou esperá-lo então a essa hora. Espero que o senhor fique bom depressa Tornaram a apertar-se as mãos e o Irmão Bernhard disse:

— Até amanhã, Frankie.

— Até amanhã, Irmão Bernhard Saímos da sala, descemos pelo corredor, passamos pelo ginásio e chegamos à rua. Alguns garotos estavam jogando basquete no ginásio. Aquilo não mudara em nada.

Voltamos para casa em silêncio. Foi a noite mais triste que já havíamos passado lá. Fomos para a cama cedo porque era preciso acordar bem cedo no dia seguinte.

De manhã, chegaram os carregadores para fazer a mudança. As dez e meia, a casa estava vazia. Só iam levar com eles duas malas com as coisas indispensáveis para a viagem. Acompanhei-os até à estação. O trem chegou um pouco antes do meio-dia. Levamos tudo para dentro. O tempo voou porque de repente estava na hora das despedidas.

Beijei as meninas e dei a cada uma delas uma caixa de bom-bons que eu havia comprado.

— Vou ter saudades de você, Frankie, — disse Irene, a mais velha, abraçando-me.

— E eu de você, — disse, afagando-lhe os cabelos.

Estendi a mão para meu tio.

— Adeus, Tio Morris. Felicidades e melhoras.

— Adeus, Frankie. Seja um bom rapaz. Não ficaremos muito tempo separados.

Minha tia me abraçou e me beijou chorando.

— Gostaria tanto de que você viesse conosco, Frankie!

— Eu também gostaria, — disse eu com vontade de chorar mas contendo-me para que eles não se sentissem mal. — Obrigado por tudo, Tia Bertha.

— Oh, Frankie, Frankie! Não agradeça nada. Queremos muito bem a você e ficaremos à sua espera, sentindo muitas saudades.

Eu não sabia o que dizer. Nesse momento, um empregado do trem me bateu no ombro.

— É melhor saltar. O trem vai partir a qualquer momento.

Olhei para todos e disse — Bem, adeus!

As lágrimas me jorraram dos olhos e eu saí correndo. Fui para a plataforma diante da janela deles e dei adeus. As meninas estavam com o rosto colado à vidraça. Meu tio estava tentando dizer alguma coisa, mas eu não o ouvia por causa da janela fechada. O trem pôs-se em movimento. Meu tio abriu a janela e eu saí correndo ao lado do trem.

— Não se preocupe, Frankie. Não vai demorar muito.

— Sei disso, Tio Morris. Cheguei ao fim da plataforma e o trem entrou no túnel. Ainda os ouvi dizerem-me adeus. Estava quase sem fôlego. Voltei lentamente. Nunca me havia sentido mais sozinho na vida.

Saí para a rua, atravessei a cidade e cheguei ao orfanato. Demorei-me um pouco do lado de fora, olhando para o prédio. Fechei os olhos e me lembrei de minha tia quando me beijava à noite. Lembrei-me dos sons e dos cheiros agradáveis de casa. Quantas noites amáveis havíamos passado juntos — eu fazendo os meus deveres, Tio Morris lendo o jornal, Tia Bertha levando as meninas para a cama.

Em contraste com isso, ali estava o orfanato desolado e cinzento, com a escola ao lado, a igreja ao canto o hospital do outro lado. Lembrei-me do sino que nos chamava para o refeitório, da regularidade cuidadosamente planejada de tudo o que fazíamos, dos regulamentos que tinham de ser rigorosamente observados. Odiava aquilo. Não queria voltar. E não voltaria.

Olhei para o meu relógio. Eram duas horas. Corri para o banco onde estava o meu dinheiro e retirei duzentos dólares.

Tomei o subway para a estação Grand Central. Ia tomar o primeiro trem para Tucson. Quando cheguei ao guichê, pensei que Tucson seria o primeiro lugar onde me iriam procurar. Estava fugindo e não sabia para onde iria. Vi um cartaz que dizia: "Estrada de Ferro Baltimore e Ohio". Ao lado, havia um horário. Um trem ia partir para Baltimore às 3h10m. Cheguei ao guichê e disse:

— Quero uma passagem para Baltimore no trem das 3h10m.

INTERLÚDIO.

JANET.

Janet estava escutando Martin falar com os olhos semicerrados. A luz suave e amarelada das velas lançava sombras tranquilas sobre o rosto dele. Janet deixava os pensamentos correrem desordenadamente pela cabeça. A sala parecia ter sumido e todas as coisas que ela então prezava ainda estavam para acontecer.

Era segunda-feira, na escola. Mal ela havia chegado, um empregado lhe disse que ela estava sendo chamada à sala da Sra. Scott. Foi até lá sem saber a razão do chamado. Devia ser alguma coisa de que se havia esquecido.

A Sra. Scott estava sentada à sua mesa, tendo ao lado um homem a quem ela não conhecia e mais Jerry e Marty. Os dois levantaram a vista quando ela entrou. O rosto de Marty estava pálido e abatido e a preocupação era visível no rosto de Jerry.

— Irmão Bernhard, — disse a Sra. Scott, — esta é Janet Lindell, a moça de quem lhe falei. Janet, Irmão Bernhard é do orfanato de St. Thérèse.

— Muito prazer, — murmurou Janet.

Irmão Bernhard olhou para ela e perguntou diretamente com alguma ansiedade na voz:

— Viu Francis ou teve alguma notícia dele durante o fim-de-semana?

— Não, — disse ela, surpresa. — Por quê? Houve alguma coisa?

Foi a Sra. Scott quem respondeu — Parece que Francis fugiu. Devia voltar para o orfanato no sábado. Nesse mesmo dia, levou os tios até à estação e não apareceu mais no orfanato.

— Talvez tivesse ido com eles, — disse Janet.

— Não, — replicou o Irmão Bernhard. — Mandamos um telegrama para o tio e ele mandou dizer que Frankie não está com eles.

— Ele não disse nada a nenhum de vocês? — perguntou a Sra.

Scott. — Não falou em ir-se embora, não disse para onde gostaria de ir?

Nenhum deles respondeu. Janet sentou-se numa cadeira e começou a chorar. Jerry se aproximou dela.

— Não chore, Janet. Ele deverá aparecer depois. Você bem sabe como ele é independente. Quis fazer alguma coisa por si mesmo.

— Talvez tenha sofrido algum acidente ou caísse doente e ninguém sabe quem é ele, — disse ela em soluços.

Jerry tomou-lhe a mão e apertou-a.

— Não se preocupe. Nada vai acontecer. Eu o conheço.

Ela o olhou por entre as lágrimas e perguntou:

— Acha realmente isso?

Ele balançou solenemente a cabeça em sinal afirmativo. Janet viu nos olhos dele alguma coisa que a fez olhá-lo de novo. A testa de Jerry estava franzida de preocupação, mas não era por Francis e, sim, por ela. Havia naqueles olhos uma piedade profunda. Mas não era de Francis, era dela. Viu o rosto concentrado com uma nova espécie de interesse e respirou fundo.

Era a primeira vez que percebia o que Jerry sentia por ela. E voltou a chorar — por Jerry, por Francis, por si mesma.

A sala voltou a ser focalizada pelos olhos dela. Martin ainda estava falando e, de maneira bem estranha, ainda que o seu espírito estivesse bem distante, ela ouvira tudo e registrara tudo o que tinha ouvido. Martin tomou outro gole de vinho e continuou a falar enquanto os pensamentos dela enveredavam por outro caminho.

Ela e Jerry tinham-se naturalmente aproximado depois disso. Nunca falavam muito a respeito de Francis até àquela noite, pouco antes de que ela e Jerry se casassem.

Havia jantado em casa de Jerry com os pais dele. Jerry fora licenciado como advogado e iria trabalhar daí a algumas semanas no escritório do Procurador-Geral. Estavam sentados diante da grande lareira da sala de estar, vendo as achas estalarem e inflamarem-se, lançando pequenas fagulhas. Ficaram muito tempo ali sem dizer uma palavra, com os ombros juntos e os dedos entrelaçados.

— Em que está pensando, querida? — perguntou-lhe Jerry.

— Acho que em nada, — respondeu ela com a luz da lareira a dançar-lhe no rosto.

— Você estava tão calada que cheguei a pensar que se havia esquecido da minha presença.

— Como pode dizer uma coisa dessas, Jerry? — perguntou ela, com um começo de riso. — Mas acontece que... vamos nos casar de pois de amanhã e uma moça tem o direito de olhar para a sua mocidade e despedir-se dela antes de entrar na vida de casada.

— Mas você tem certeza do que quer, não tem? — perguntou ele com um ar de preocupação. — Ou ainda tem alguma dúvida?

— Jerry querido, — disse ela, beijando-lhe o rosto, — deixe de tolice. É claro que o amo. Não há dúvida alguma a esse respeito.

Acho apenas que estou um pouquinho deprimida.

Ele passou o braço pelos ombros dela e fê-la descansar a cabeça.

— Perdão, meu amor. Falei sem pensar. Mas é que a amo tanto que não queria vê-la infeliz, ainda que isso significasse...

— Jerry, pare de falar assim. Amo você, vamos nos casar em St.

Patrick depois de amanhã ao meio-dia e vamos viver felizes para sempre, como acontece nas histórias de fadas e nos filmes.

Ela encostou o dedo nos lábios dele e Jerry mordeu-o de leve.

— É que eu estava nesse momento pensando em Frankie, Janet.

É engraçado, não é, como a nossa cabeça funciona? Não se vê uma pessoa durante anos e anos, mas de repente ela aparece em nossos pensamentos tão real e viva quanto se estivesse em nossa presença.

Um dia, quando eu estava na escola, um marinheiro bateu aqui na porta e perguntou a Robert se eu estava em casa. Robert disse que não e ele foi-se embora e não voltou. Nunca soube quem foi. Não conhecia nenhum marinheiro. Pensei muito no caso e quanto mais pensava mais me convencia de que tinha sido Frankie. Mas nada disse a ninguém, nem mesmo a Marty ou a você, porque tive medo...

medo de que, se ele voltasse, eu a perdesse.

Dentro dela, o coração procedia de maneira bem estranha. Começou a doer e a bater rapidamente. Mas falou tranquilamente, censurando-o.

— Como pôde fazer isso, Jerry? Não sabia que a família dele estava muito preocupada? É a você que eu amo e não a Frankie. O que senti por Frankie foi apenas simpatia, coisa de criança, bem diferente do que sinto por você. Devia ter contado a alguém.

E todo o tempo havia uma dúvida dentro dela. Era verdade que o que ela sentira por Frankie não era o mesmo que sentia por Jerry. Mas amava Jerry, tinha certeza disso. Não ia casar-se com ele?

— Sei que errei, querida, — disse ele, com o contentamento na voz a desmentir-lhe as palavras. — Procedi mesquinhamente, mas amava você, amei você desde a primeira vez em que a vi e não que ria perdê-la.

— Você não me perderia ainda que tentasse, — disse ela sorrindo e acrescentou em fingida seriedade e torcendo bigodes imaginários: — Não pense que eu o deixaria fugir das minhas garras, meu caro rapaz!

Ele riu, feliz.

— Como a amo, Janet!

— E eu a você, Jerry.

Casaram-se ao meio-dia em St. Patrick, exatamente como se dizia no convite.

Com algum esforço, o espírito de Janet voltou ao presente. Marty estava dizendo:

— Ele sempre foi o que eu quis ser, desde os meus tempos de garoto.

Janet disse então tranqüilamente.

— Havia em Frankie alguma coisa diferente e que atraía os outros para ele. Parecia cercado de uma aura de aventura, de espírito diabólico que atraía todas as moças do meu tempo, inclusive a mim.

Olhou ternamente para Jerry e sorriu. Tudo isso acontecera havia muito tempo e não havia mais perigo em mencioná-lo.

— Mas havia também alguma coisa furtiva. Era um jeito dos olhos ou do rosto que fazia pensar que ele estava rindo da gente ou de si mesmo ou que se estava divertindo muito com a gente e com a vida. Nunca se podia saber ao certo o que ele estava pensando. Só deixava a gente saber aquilo que ele queria. Tudo isso gerava em mim incerteza, mas me levava a tentar sempre compreender os meus sentimentos.

Continuou, sorrindo para eles:

— Creio que ele procurava conservar a gente na instabilidade e no desequilíbrio, sem jamais dar uma chance à pessoa de firmar-se.

As coisas que nos ofendiam e magoavam nunca parecia magoá-lo.

Era sempre senhor de si mesmo. Parecia estar sempre desafiando a gente e ria quer se aceitasse o desafio, quer não. Não sei. Acho que não era possível compreendê-lo. Tinha tantas facetas que nunca se podia saber a que era verdadeira e a que não era. E isso parecia não ter a menor importância. Gostava-se dele apesar de tudo. Talvez fosse o desafio da personalidade dele que empolgava a gente.

De repente, vieram-lhe lágrimas aos olhos e ela as enxugou com um lençinho.

— Acho que sou uma tola sentimental, mas estou tão feliz de tê-los aqui comigo. Não podem nem saber como me senti sozinha com vocês todos ausentes — Jerry em Saipan, você na França e Ruth... — enxugou de novo os olhos e disse: — Vamos tomar café na sala?

Marty sorriu e segurou-lhe a mão.

— Você é uma tolinha adorável, querida, e eu a amo por isso.

TERCEIRA PARTE

Acordei no dia seguinte num quarto estranho. Ainda meio tonta de sono, corri os olhos em torno. E compreendi afinal onde estava. Baltimore. Não tinha sido a minha intenção fugir. Talvez fosse melhor voltar. Levantei-me e comecei a vestir-me. Enquanto lavava o rosto na pia do quarto, pensei no que poderia estar acontecendo em Nova York. Com toda a certeza, quando eu não aparecera, o Irmão Bernhard devia ter telefonado para minha família. Depois de haver recebido resposta, havia procurado a polícia. Esta faria investigações nas estações da estrada de ferro e mais cedo ou mais tarde descobriria que eu havia comprado passagem para Baltimore. Sabia, portanto, que não poderia ficar muito tempo sem ser descoberto. O melhor que eu tinha a fazer era sair do hotel onde estava e perder-me na cidade.

Acabei de vestir-me e descí. Entreguei na portaria a chave do quarto e disse que ia deixar o quarto. O homem da portaria nada disse. Jogou a chave numa mesa perto dele e continuou a ler o seu jornal. Comprei um jornal no balcão de cigarros do hotel e saí. Poucos passos adiante, encontrei um pequeno restaurante. Entrei e pedi suco de laranja, ovos e café, 25 centavos de dólar. Abri o jornal e comecei a ler os anúncios de empregos. Havia alguns para rapazes: auxiliares de escritório, mensageiros, ajudantes de balcão e assim por diante. Marquei-os com o lápis e acabei o café.

Quando chegou a hora do almoço, tinha passado em todos os lugares marcados mas não conseguira emprego. Perdi-me duas ou três vezes, mas sempre perguntava a alguém que passava e me ensinavam gentilmente o caminho. Não era como em Nova York, onde

também ensinavam, mas dando a impressão de que estavam rindo da ignorância de quem perguntava.

Cheguei à conclusão de que era melhor procurar um lugar para dormir antes de ir a qualquer outro lugar. Tornei a abrir o jornal e passei os olhos pela seção de quartos para alugar. Pareciam estar todos na mesma parte da cidade. Entrei num restaurante para almoçar e ali obtive informação sobre a maneira de ir até lá. Acabei o almoço, peguei um ônibus à porta e saltei na Rua Stafford, numa parte um pouco velha da cidade. Quase em todas as janelas, havia pequenos cartazes que diziam "Vaga" ou "Quarto para alugar". Fui andando até encontrar uma casa que parecia mais limpa do que as outras. Toquei a campainha da porta. Ninguém respondeu. Esperei um pouco e tornei a tocar. Ninguém apareceu e eu já ia desistir e afastar-me quando a porta se abriu e apareceu uma velha, com os cabelos esquisitamente cheios de fitas.

— Que idéia é essa de acordar uma pessoa no meio da tarde?

— É que eu vi o cartaz na janela dizendo que havia um quarto para alugar.

— Ah! Foi isso?

— Foi. Posso alugar o quarto?

— Não, já está alugado. Desde ontem. Esqueci-me de tirar o cartaz da janela.

— Desculpe que a tivesse incomodado então, — disse eu, dando meia volta. Já me ia afastando pela rua quando ela me chamou.

— Venha cá, rapazinho. Volte.

Voltei.

— Pronto, senhora.

— Não me chame de "senhora". Não gosto.

— Desculpe.

Ela me olhou atentamente e perguntou:

— Você é novo na cidade, não é?

Isso me aborreceu. Se ela podia ter visto isso com tanta facilidade, como era que eu ia passar despercebido?

— Sou. E isso faz alguma diferença?

— Nenhuma. De onde é que você vem? De Nova York?

— Não tem nada com isso! Só fiz foi perguntar se tinha um quarto para alugar. Não entrei numa delegacia de polícia para ser interrogado. Passe bem!

— Espere um pouco, rapaz. Perguntei por perguntar. E quero ajudá-lo. Talvez eu tenha um quarto. Entre.

Entre com ela para uma espécie de hall. À direita, havia uma grande porta dupla que ela abriu, fazendo-me entrar numa grande sala onde havia sofás, poltronas e um piano com algumas garrafas de uísque vazias em cima. Havia muitos cinzeiros cheios de pontas de cigarros e charutos, as quais também se viam no chão perto de uma enorme lareira. Sentia-se um cheiro azedo de fumaça e uísque e de alguma coisa mais que lembrava o que se sentia quando o vento soprava do hospital para o orfanato.

— 1h! Como isto aqui está cheirando mal! — disse ela, dirigindo-se a uma das janelas e abrindo-a. As cortinas que fechavam as janelas que davam para a rua eram bem pesadas.

— Sente-se, — disse ela, apontando para um sofá.

Abriu depois um pequeno armário, tirou uma garrafa de gim e se serviu de um cálice, que bebeu de um gole.

— Ah! Assim é melhor! — disse ela sem pestanejar. Tinha um aspecto muito esquisito, vestindo uma espécie de quimono, com os cabelos grisalhos enrolados com pedacinhos de fitas e o rosto afogueado da bebida. Nada disse. Tinha vontade era de rir. Tudo aquilo me parecia maluco.

Ela se sentou e olhou para mim. Ficamos alguns momentos em silêncio.

— Que idade tem você? — perguntou ela afinal, com voz mais calma e controlada.

Hesitei um pouco e vi que de qualquer maneira teria de mentir.

— Dezenove!

— Humm. Por que saiu de Nova York?

— Já lhe disse que nada tem com isso. Só quero saber é se tem ou não um quarto para alugar?

E comecei a levantar-me. Ela me fez sentar de novo.

— Espere um pouco, rapazinho! Não seja tão zangado.

— Está bem.

Não sabia o que a velha queria. Aquilo me parecia nada mais nada menos que uma casa de mulheres. E tinha um terrível mau cheiro. Não viveria ali de jeito nenhum.

— Teve uma encrenca com alguma moça? — perguntou ela, olhando-me atentamente.

Sacudi a cabeça.

— Com a policia, talvez?

Isso podia ser, pensei eu. A menos, depois que o Irmão Bernhard desse parte do meu desaparecimento. Encolhi os ombros displicentemente, mas não falei.

— Oh! — murmurou ela, sorrindo. Podia ver-se que tinha fica do satisfeita com a sua previsão. — Era o que eu pensava. Que é que vai fazer aqui em Baltimore?

— Conseguir um emprego e um quarto para morar logo que sair daqui.

Ela riu.

— E vai proceder direito agora, não é? Não me venha com es sa! E outra coisa: quanto tempo você calcula que iria ficar livre? Pegariam você

num instante e o mandariam de volta para Nova York e para a cadeia antes que você soubesse o que estava acontecendo.

Olhei-a sem dizer nada. Ela se levantou e começou a andar no seu nervosismo de um lado para outro.

— Você não é de falar muito, não é? — disse ela em dado mo mento.

— Só falo quando tenho o que dizer. Aliás, acho que está falando que chegue por nós dois.

Ela parou diante de mim e me apalpou os braços. Pensei que estava tentando fazer alguma coisa e contraí os músculos.

— Bem, é bastante forte, — murmurou ela.

Levantou-se, foi até ao armário e tomou outro gim também de um gole.

— Gosto de você, — disse da. — Gosto desse seu olhar duro e mau. Tenho um lugar para você.

— Para fazer o quê? — perguntei. Não me sorria a idéia de participar diretamente do negócio dela.

— Sabe qual é a casa que tenho aqui?

— Sei.

— Muito bem. Preciso de alguém aqui que mantenha os clien tes na linha, que não os deixe ficarem muito barulhentos. Não terá muito o que fazer. Só de quando em quando é que surge alguma coisa, mas é com alguém que bebeu demais e isso é fácil de se resolver. Você só precisa é de ficar por aqui, assumir ares de valentão e deixar que o vejam. Basta isso. Quero também que me acompanhe quando eu for fazer compras para que pareça que eu sou apenas uma dona de pensão familiar. Trinta dólares por semana, com casa e comida. Serve?

— Parece que sim, mas é um pouco diferente do que eu estava fazendo.

— E que era que você estava fazendo? Um assaltozinho aqui e ali? Conseguindo pouco e sujeito a levar uma bala no corpo a qual quer momento? Isto aqui é melhor e paga mais.

— Mas não vou ter de lhe arranjar fregueses?

— Claro que não! E que casa você pensa que é a minha? Não é qualquer pessoa que pode entrar aqui, fique sabendo. Tenho uma clientela escolhida e fina.

— OK. Quando é que eu começo?

— Agora mesmo. Mas quero dizer-lhe uma coisa. Deixe as pequenas em paz. Isso não quer dizer que não possa de vez em quando divertir-se com uma delas, quando tiver vontade, mas não quero é que tenha favoritas. Não quero discussões, nem brigas entre as minhas pequenas.

— Está bem. Compreendo.

— Faça o seu serviço, meta-se exclusivamente com a sua vida e você nunca será encontrado aqui dentro.

— É nisso mesmo que estou pensando.

— Então está empregado, — disse ela. Foi ao armário bebeu outro cálice e perguntou: — Como é seu nome?

— Frankie. Frankie Kane. E o seu?

— Basta chamar-me Vovó.

Ela foi até à porta e gritou com toda a força dos pulmões:

— Mary! Mary!

Depois, voltou-se para mim.

— Onde está sua bagagem?

— Que bagagem?

— Você deve ter saído mesmo às pressas. Os moços são assim mesmo. Fazem tudo irrefletidamente. Nunca pensam naquilo de que vão precisar. Deve estar sem dinheiro também.

Nada disse.

— Eu sabia! — exclamou ela triunfantemente. — Bastou olhar para você para saber. Aposto que não tem nem dinheiro para pagar um quarto se conseguisse um.

Sorri pensando nos 185 dólares que tinha no bolso.

— OK. Quando formos fazer compras hoje à tarde, comprarei algumas roupas para você. Um terno com ombros bem armados para você parecer ainda maior e umas camisas vistosas. — Foi até à porta e tornou a chamar Mary. — Mas não pense que vou dar isso de presente a você. Descontarei do ordenado da primeira semana. Calou-se quando viu uma preta enorme entrar na sala.

— Pronto, — disse e à velha.

— Meu neto acaba de chegar de Nova York. Leve-o para o quarto vazio no terceiro andar. A mulher me olhou com incredulidade e a velha exclamou:

— Que é que há? Não ouviu o que disse? É meu neto! Ou acha eu não posso ter um neto? Sou igualzinha às outras mulheres têm filhos. A preta sorriu — Trabalho aqui há seis anos, Sra. Mander, e nunca a ouvi falar em neto nenhum — Gente preta é assim mesmo! — gritou a velha. — A gente trata bem e eles logo pensam que mandam na gente. Vá para o inferno! Já lhe disse que é meu neto. Olhe para ele e veja se não se parece comigo. Até os olhos são iguaizinhos aos meus.

A preta me olhou com hesitação, mas murmurou — Acredito, já que está dizendo..

— Assim, sim, — exclamou a velha, exultante. — Mas fique sabendo que não é meu neto coisa nenhuma. É a primeira vez que o vejo. Mas ele vai trabalhar aqui e para todos os efeitos é meu neto.

— Voltou-se para mim e disse: — Não se pode enganar Mary. Ela já trabalha comigo há muito tempo. Não é fácil enganá-la, hem, Mary?

— Não, Sra. Mander, — disse a preta sorrindo — Leve-o então para o quarto dele. Depois, me traga o que comer. E limpe esta sala que está um verdadeiro chiqueiro! Já almoçou, Frankie?

— Já, Vovó — Está bem. Então vá para seu quarto. Vou chamá-lo daqui a uma hora para irmos fazer compras. Subi a escada com Mary. A casa estava em silêncio. Os corredores eram escuros e um pouco sujos. No terceiro andar, parou diante de uma porta e abriu-a. Era um quarto pequeno

que dava para a rua. As cortinas da janela eram também pesadas. Havia uma cama de solteiro encostada à parede e um lavatório do outro lado.

— O banheiro fica ali no fim do corredor. Aquele outro quarto é da Sra. Mander. O meu é mais em cima ainda. As pequenas ficam todas no segundo andar — Obrigado, Mary.

Ela me olhou um instante.

— Você é mesmo de Nova York?

— Sou.

— Mas não é parente dela, é?

— Não Ela saiu e eu fechei a porta. Tirei o paletó e joguei-o em cima de uma cadeira. Estendi-me na cama. Sentia-me cansado e intranquilo. Não sabia ainda como era duro procurar emprego. Tentei fechar os olhos, mas eles me ardiam. Levantei-me, fui até à janela e abri as pesadas cortinas pretas. Mas logo vi que o quarto no escuro me agradava mais. Estendi-me de novo na cama.

A velha podia pensar o que bem quisesse. Ela estava certa numa coisa. A polícia não me iria encontrar ali. Logo que as coisas se acalmassem, eu poderia dar o fora e ir para onde estava minha família. Como estariam eles? Podia imaginar Tia Bertha toda ansiosa com o telegrama recebido do Irmão Bernhard e meu tio dizendo que ela não devia ficar preocupada. O Irmão Bernhard devia estar furioso comigo. A Sra. Mander pensava que eu era um criminoso... Encrenca com a polícia... engraçado... Baltimore... Vovó... casa de mulheres... não quero favoritas...

Comecei a cochilar. A porta se abriu e a Sra. Mander entrou. Estava decentemente vestida, como qualquer outra senhora da mesma idade. Sentei-me na cama.

— Vamos fazer compras, Frankie Levantei-me, vesti o paletó e disse — Vamos. Estou pronto Saímos. Passamos primeiro por um açougue, depois por um armazém. Ela pagava tudo a dinheiro e eles mandavam levar em casa. Depois, entramos numa pequena alfaiataria O dono parecia judeu. Cumprimentou-nos cheio de medidas e disse:

— Estou às suas ordens.

— Tem aí ternos usados de boa qualidade? — perguntou a velha.

— Se eu tenho ternos usados de boa qualidade? — perguntou ele dramaticamente, abrindo os braços. — Apontou para os cabides cheios de roupas. — Tenho o que há de melhor. Pode-se até dizer que são novos. Quase não foram usados!

— Quero um terno para meu neto.

Olhamos pelos cabides até que ela viu alguma coisa que lhe agradou.

— Experimente este, — disse ela.

— Tenho tanta mercadoria na loja e ela vai escolher justamente o melhor terno, — exclamou o homem, — o terno que eu estava pensando em guardar para mim!

Ao mesmo tempo que falava, tirava o terno do cabide e o escovava. Era de casimira cinzenta com listras finas. Experimentei o paletó. Estava um pouco frouxo nos ombros e na cintura. As mangas estavam boas.

— Está como se fosse uma luva, — disse ele. — Talvez um pouquinho folgado aqui nos ombros. Mas, tirando isso, perfeito!

— Quanto? — perguntou ela.

— Doze dólares e meio porque é para a senhora.

Acabou deixando por nove.

— Está bem, — disse ele, afinal. — Não queria vender o terno, mas a senhora o comprou. Que é que se vai fazer? Vou tratar de ajeitá-lo. Vou tirar um pouquinho dos ombros, só um pouquinho.

— Não, — disse ela. Ponha mais enchimento neles. Gosto de ombros largos.

— Está muito bem. A senhora é quem manda.

Ficamos esperando. Daí a quinze minutos estava pronto.

— Vista, Frank, — disse a Sra. Mander.

Vesti e olhei-me num espelho. Ela estava com a razão. Os ombros eram bem largos e eu parecia mais velho. Procurei não me mostrar muito satisfeito.

O homem embrulhou o terno velho e nós saímos. Eram quase seis horas quando chegamos de volta à casa. Mary nos abriu a porta.

— O jantar é às seis e meia. Não se atrase.

— Fique descansada, Vovó — disse eu, subindo a escada para o meu quarto.

Pouco depois, ouvi tocar um sino. Devia estar chamando para o jantar. Desci para a cozinha. Ouvi um murmúrio de muitas vozes atrás da porta fechada. Dominando tudo, ouvi a voz da Sra. Mander. Ajeitei a gravata e entrei.

As conversas pararam e todos os olhos se voltaram para mim. Havia muitas expressões, sendo a predominante a da curiosidade. Calculei que estivessem falando sobre mim antes da minha chegada. Fiquei um momento ali parado, correndo os olhos em torno da mesa. Havia uma cadeira vaga no fim da mesa, defronte da Sra. Mander. Fui até lá e sentei-me.

— Muito bem, Frank, — disse a Sra. Mander. — Trate de servir-se Tirei alguns pedaços de carne que estavam numa travessa no centro da mesa.

A Sra. Mander voltou-se para as mulheres.

— Esse é Frank Kane, que vai trabalhar conosco para manter a ordem. — Apanhou uma garrafa de gim que estava embaixo da mesa e serviu-se de uma boa dose. Depois de beber, voltou-se para mim.

— Esta que está sentada aí ao seu lado, Frank, é Mary. Depois dela, está Belle.

Foi assim dizendo o nome de todas elas e a cada uma eu fazia um breve cumprimento com a cabeça. Pareciam variar em idade de vinte e cinco a quase quarenta e eram de todos os tamanhos e feitios, desde a enorme Mary, que estava sentada ao meu lado e devia ter mais de trinta, até Jenny, que estava sentada ao lado da Sra. Mander e que era bem pequena e de aspecto recatado. Estavam vestidas com um variado sortimento de robes e quimonos. Algumas tinham o rosto todo pintado, com sombra nos olhos. Outras não estavam com pintura alguma e tinham o aspecto cansado, como se tivessem acordado naquele instante. Uma coisa

todas tinham em comum: olhos brilhantes, vivos e penetrantes e os cantos da boca levemente torcidos para baixo, mesmo quando sorriam, dando-lhes um ar de arrogante egoísmo.

Mary parecia dominar as outras. Era uma mulher robusta e vasta, vestida com um peignoir cinza, de seios enormes, braços grossos, papada e cabelos oxigenados. Olhou-me cuidadosamente. Continuei a comer, sem tomar conhecimento do seu exame.

— Que idéia é essa de trazer um garoto para cá como leão-de-chácara? — perguntou ela afinal à Sra. Mander. — Precisamos de alguém que se garanta — de um homem!

Olhou-me para ver o que eu diria, mas eu fiquei calado e continuei a comer.

A Sra. Mander riu e tomou outro cálice de gim, sem dizer nada também.

Mary se levantou e era claro que ela sentia mais confiança, desde que nenhum de nós dissera coisa alguma.

— Não passa de um garotinho! — disse ela à Sra. Mander. — Mande-o para casa antes que ele comece a chorar. Olhe! Já está quase chorando!

Larguei o talher e olhei-a. Ela devia pesar mais de setenta quilos e ter quase um metro e oitenta de altura. Continuei calado e vi que as outras pequenas estavam a observar-nos. Eu sabia que iriam agir de acordo com a orientação dada por Mary, de modo que eu não podia deixá-la dizer o que quisesse.

Ela tornou a sentar-se e, voltando-se para mim, pegou-me o rosto com os dedos, com muita força.

— Vejam o queridinho! Gordinho como um bebê! Quando ela tirou a mão, senti o rosto dolorido.

Ela tornou a voltar-se para mim.

— Por que é que não vai para casa, bebezinho?

O rosto era grosseiro e a voz era cruel e insultuosa. Levantei as mãos e coloquei-as em cima da mesa.

— Perdeu a língua, filhinho?

Sem me levantar, bati-lhe no rosto com as costas da mão e com o pulso, com toda a força de que dispunha. Ela caiu para trás com cadeira e tudo. O sangue lhe escorria do canto da boca e do nariz. Ficou estendida ali no chão, com a mão no rosto, a olhar-me estupidamente. As outras pequenas corriam os olhos de mim para Mary.

Olhei para ela e disse:

— Você fala demais.

Continuei a comer. Ela se levantou, sem tirar os olhos de mim. Colocou a mão em cima da mesa para firmar-se, com o peignoir entreaberto, a mostrar-lhe o seio grande e forte, como um melão maduro. Limpou o sangue do rosto com a manga do peignoir. Hesitou um pouco como se não soubesse se devia sentar-se de novo. Era evidente que estava com medo de mim.

— Sente-se e acabe de comer, — disse-lhe eu. — Depois, suba e vá ajeitar esse rosto. Você tem de trabalhar.

Falei com voz ríspida e seca, tal como ouvira Fennelli fazer muitas vezes. Até a mim dava a impressão de crueldade. Ela enrolou o corpo no peignoir e sentou-se.

— Eu bem disse! — exclamou a Sra. Mander. — Recomendei que o deixassem em paz!

Uma por uma, as pequenas acabaram de comer e foram saindo. Não conversara muito depois do que havia acontecido. Por fim, só ficamos na mesa a Sra. Mander e eu. Ela já estava meio bêbeda. "Deve ter a capacidade de um camelo", pensei eu. "Ou então, tem dentro do corpo algum recipiente secreto para receber o gim".

— Frankie, meu rapaz, — disse ela. — Sempre pensei que precisávamos de um homem permanentemente aqui para dar mais cor local.

Mais ou menos às sete horas, as pequenas desceram dos quartos e foram para a sala. Estavam vestidas com brilhantes vestidos de cetim preto e cuidadosamente pintadas. Era evidente que nada tinham por baixo dos vestidos. Isso se via da maneira pela qual os seios se balançavam quando

elas andavam, do jeito pelo qual os vestidos se colavam aos quadris e às costas e do modo de caminhar. Sentaram-se na sala mal iluminada, formando pequenos grupos à espera de que os fregueses aparecessem. Mary Grande, como era chamada, desceu também e balançou a cabeça tranqüilamente quando passou por mim, como se nada houvesse acontecido. Era chamada de Mary Grande para distinguir-se de Mary, a empregada preta. Esta desceu também alguns minutos depois. Estava com um vestido vistosamente estampado que contrastava violentamente com a sua pele escura e com os vestidos das outras. Sentou-se ao piano e começou a tocar e a cantar com voz chorosa. Era aquele o seu serviço à noite.

Finalmente, a Sra. Mander apareceu. Estava perfeita, como se não houvesse bebido uma só gota. Não sabia como era que ela fazia isso. Quando nos levantamos da mesa do jantar, ela estava tão embriagada que quase não podia andar. Estava vestida com elegância, quase com distinção, bem penteada, o rosto levemente empoado e os óculos no nariz. Parecia tudo menos a dona de uma casa de mulheres.

Disse-me:

— Quem recebe o dinheiro é você, como já lhe disse. Adianta do. Cinco dólares de cada um. Vinte e cinco dólares para quem quiser passar a noite. Não deixe ninguém subir antes de ter o dinheiro na mão. Fique aqui no hall. Tomarei conta deles lá dentro. Caso algum possa pagar mais e valha a pena, eu lhe direi.

Entrou. Vi-a do hall abrir o armário das bebidas e tirar algumas garrafas que arrumou em cima do piano juntamente com alguns copos vazios. Depois, veio de novo ao hall e me avisou:

— Não deixe nenhum bêbedo entrar. É uma gente que só dá trabalho.

A campainha da porta tocou.

— Vá abrir, — disse ela, voltando para a sala. Vi as pequenas arrumando-se, levantando o corpo, com um certo brilho de competição nos olhos. O trabalho ia começar.

Olhei pela abertura quadrada que havia no centro da porta. Era um homem que parecia um empregado de banco ou um pequeno negociante.

— A Sra. Mander? — perguntou.

Abri a porta e deixei-o entrar. Era um velho freguês. Foi diretamente para a sala. Ouvi-o cumprimentar algumas das pequenas. Alguns minutos depois, reapareceu no hall em companhia de Mary Grande. Esta tinha no rosto um ar de triunfo — conseguira o primeiro freguês da noite. O homem tirou dinheiro do bolso e me deu. Três dólares. Olhei pela porta para a Sra. Mander e mostrei-lhe três dedos. Ela bateu com a cabeça.

— OK, — murmurei. Era um velho freguês.

A campanha tocou de novo. Abri a porta para outro freguês. Mais outros apareceram. Ouvia-se na sala o tilintar dos copos, risos e música suave. Algumas pequenas subiam acompanhadas. Mary desceu com o homem. Ajudou-o a vestir o sobretudo e disse:

— Até para a semana.

— Sem dúvida.

Abri-lhe a porta para ele sair. Mary voltou para a sala.

A noite se passou sem qualquer incidente. Era pontilhada dos mais diversos barulhos: copos batendo, a melodia do St. Louis Blues no piano, descargas nos banheiros, passos na escada, portas que batiam, a voz rouca da Sra. Mander, camas que rangiam, sons que se repetiam no silêncio. A noite foi correndo.

Mais ou menos às três horas, a Sra. Mander chegou perto de mim e perguntou:

— Há alguém lá em cima que vá sair já?

— Nenhum.

— Pode fechar então.

Tranquei a porta. Fomos para a cozinha. Havia ali um pequeno cofre embutido na parede, perto da geladeira.

— Você deve ter 315 dólares, — disse ela, olhando para um papel. Olhei-o. Ela havia escrito os nomes das pequenas, com a anotação dos fregueses que tinham tido e do que eles haviam pago. Contei o dinheiro.

Estava certo, sem nada a mais ou a menos. Tirei da cabeça a idéia de ficar com alguma coisa para mim, pelo menos por enquanto.

Ela contou também o dinheiro e guardou-o no cofre. Depois, abriu um armário e pegou uma garrafa de gim.

— Não quer? — disse ela, passando-me a garrafa — Não, Vovó. Muito obrigado.

Ela tomou o primeiro cálice e disse:

— Tem razão. Não toque nisto. É um veneno.

Serviu-se de outro.

— Ah! Eu estava precisando disso. Nunca bebo quando estou trabalhando. — E acrescentou, olhando-me por cima dos óculos:

— Pode ir dormir, Frank. Você serve.

Subi para o meu quarto. Tirei a roupa no escuro, joguei as roupas em cima da cadeira e estendi-me na cama.

Fiquei ali no escuro, com os olhos abertos. Virei-me de um lado para outro. Os olhos me doíam de cansaço e eu não podia dormir. Acendi um cigarro e dei uma tragada forte.

Não estava nada bem. Era a primeira vez em minha vida que não conseguia dormir quando queria. Tinha medo, essa é que era a verdade — medo de coisas que não podia compreender, medo de estar sozinho e longe dos meus e sem Irmão Bernhard, medo de pensar no futuro, pois me parecia estar enterrado num poço de lama. Comecei a chorar.

Sentia-me sujo, incrivelmente sujo até os ossos, tão emporcalhado que nunca mais poderia lavar toda aquela sujeira.

Por que havia fugido?

Passei a noite toda sem poder dormir. Vi a luz do dia chegar ao quarto. Logo que ficou claro, fui até à janela e acendi um cigarro. A rua estava quase deserta. Só se via um caminhão de entrega de leite e alguns madrugadores que já iam para o trabalho. As lâmpadas da rua se apagaram. Fui até ao lavatório e lavei a cabeça e o rosto com água fria. Depois, vesti-me com uma camisa e roupa de baixo limpa, jogando a suja em cima da

cama. Desci o corredor sem fazer barulho. Todos os quartos estavam em silêncio. Cheguei à porta da rua e saí. Do outro lado, havia um pequeno parque. Fui até lá e sentei-me num banco. Perto de mim, uma fonte lançava para o ar um jato de água que rebrilhava ao sol da manhã. Um bando de pardais desceu em revoada até à beira da fonte.

Do outro lado do parque, um marinheiro estava dormindo num banco, com um braço por cima dos olhos, para resguardá-los da claridade. O seu gorro branco estava no chão perto do banco. Um guarda entrou no parque e acordou o marinheiro, sacudindo-o delicadamente pelo ombro. Disse ao marinheiro alguma coisa que eu não pude ouvir. O marinheiro respondeu, pegou o gorro no chão, levantou-se e saiu do parque. O guarda continuou a fazer a sua ronda pelo parque. Pensei em sair antes que ele me visse, mas resolvi que se ele me prendesse eu estava preso e pronto. Talvez no fundo eu esperasse mesmo ser preso e mandado de volta. Eu sabia que por mim mesmo não poderia voltar, reconhecendo o meu erro. Mas se mandassem de volta...

— Muito bom dia, meu jovem, — disse o guarda, quando se aproximou de mim.

— Bom dia, — respondi, acendendo um cigarro e esperando que ele não percebesse o tremor de minha voz.

— Um lindo dia, — disse ele, parando diante de mim. — Acordou um pouco cedo, não foi?

— Não Consegui dormir.

— É, já está um pouco quente demais para o mês de maio, — disse ele, sorrindo. — Mora aqui perto?

— Moro. Vim para a casa de minha avó, que mora aí na rua, — disse eu, movendo vagamente o braço, sem apontar casa alguma em particular. — Sou de Nova York.

— Ótima cidade! Meu irmão mora lá. Está na polícia. É o Sargento Flaherty. Conhece?

— Não. A cidade é muito grande.

— É verdade. Bem, vou continuar a minha ronda. Adeus.

— Adeus, — disse eu.

Descansei a cabeça no encosto do banco e senti no rosto o calor do sol. Era bom e como que me lavava de tudo. Comecei a cochilar.

Acordei assustado. Um cachorro que corria pelo parque me acordara com os seus latidos. Olhei para o meu relógio. Passava um pouco das oito. Senti fome. Levantei-me, segui pela rua e, um pouco adiante, encontrei um restaurante. Entrei e tomei café. Mais ou menos às dez horas, voltei para casa. Mary me abriu a porta.

— Já se levantou? — perguntou ela.

— Já.

— Tomou café?

— Num restaurante aí adiante.

Fui para a sala. Ela estava com um pano amarrado na cabeça e acabara de limpar a casa. As janelas estavam abertas e uma leve brisa entrava na sala. Sentei-me num sofá e comecei a ler o jornal que havia comprado. Dali podia ver qualquer pessoa que descesse as escadas. Cerca de uma hora passou. Sentia o cheiro do bacon frito na cozinha. As outras pessoas da casa deviam também senti-lo e começaram a descer.

Mary Grande foi a primeira. Olhou para a sala, viu-me e continuou para a cozinha. Alguns minutos depois, chegou à porta e perguntou quase servilmente:

— Posso entrar?

— Pode, — disse eu, ainda lendo o jornal.

— Ainda está zangado comigo? — disse ela, sentando-se diante de mim de uma maneira que me mostrou as pernas até às coxas.

— Não. Foi só um mal-estendido.

— Isso mesmo, — disse ela, aproveitando-se da palavra, — um mal-entendido.

— Claro.

— Não quero que fique aborrecido comigo. Sabe o que eu que ro dizer?

Eu sabia o que ela queria dizer.

— Se quiser alguma coisa... — murmurou ela, com os olhos fi tos em mim.

— Não é preciso nada. Não haverá mais aborrecimento entre nós.

Ela se levantou e disse, antes de voltar para a cozinha:

— Bem, não se esqueça. Qualquer hora...

Poucos minutos depois, a Sra. Mander desceu. Foi diretamente ao armário de bebidas e se serviu de uma dose. Depois, virou-se para mim.

— Bom dia. Levantou-se cedo. Não pôde dormir?

— Sempre me levanto cedo.

— Já comeu?

— Já.

Entrou então na cozinha.

Jenny foi a última que desceu. Era a única que estava com um vestido. As outras usavam robes ou quimonos. Ela estava com um estampado alegre e tinha ao pescoço uma pequena cruz de ouro pendente de um cordão de ouro.

Entrou diretamente na sala e disse:

— Bom dia.

— Alô..

— Já tomou café?

Ela se aproximou de mim muito séria, mas com os quadris balançando um pouco.

— Estou muito satisfeita hoje e estou com vontade de ir à mis sa. Quer ir comigo?

— Não, — respondi laconicamente. Como podia alguém sair de um lugar como aquele para ir à missa?

— Venha. Só lhe poderá fazer bem.

— Ora, deixe-me em paz! — disse eu, aborrecido. Pouco me interessa que você vá para a missa ou para o inferno. O que eu quero é que me deixe em paz.

Ela me deu as costas, mas, chegando à porta, voltou-se para mim e disse, sorrindo:

— Sei que irei para o inferno, sim. Mas você também irá. Ire mos todos nós. Você vai ver!

A Sra. Mander voltou à sala e perguntou:

— De que é que estavam falando?

— De quem era que iria para o inferno, Vovó.

— Oh, Jenny está sempre falando nisso. Acredita que vai pagar pelos seus pecados agora e depois. E escute aqui uma coisa: ouvi alguém gemendo esta noite. Ela não lhe pediu que batesse nela, pediu?

— Claro que não.

— É, não podia mesmo ser. Ela teve um freguês por toda a noite. Bem, se ela um dia lhe pedir isso, espero que massacre de verdade aquela tarada.

Conservei-me impassível, olhando a Sra. Mander. Mas não adiantava. De minuto a minuto, aquela casa me enojava mais.

Foi só na noite da quinta-feira que eu cheguei a uma decisão sobre o que ia fazer. Aqueles dias tinham sido relativamente calmos. Eu fora aceito pelas outras pessoas da casa. Tinham o seu lugar e eu tinha o meu. Respeitávamos os direitos uns dos outros. Eu vivia inquieto, mais ou menos descontente comigo mesmo por achar que me havia acomodado com muita facilidade àquela espécie de trabalho.

Tinha dúvidas sobre a natureza do meu trabalho. Achava-o desonroso e não sabia se gostava dele ou não. Os meus sentimentos eram um tanto confusos em relação a tudo.

Na quinta-feira à tarde, sentei-me na sala, lendo um jornal e fumando. Chovia lá fora, uma chuva miúda e triste. A Sra. Mander tinha ido ao cinema com uma das mulheres. Eu tinha ido também no dia anterior. O filme era Sétimo Céu. Lembrava-me da música que um pianista tocara

durante as passagens mais românticas do filme. Deixei o cinema meio deprimido e atravessei a rua para tomar um refrigerante. Passei por um posto de recrutamento da Marinha e olhei pela vitrina. Um oficial alto e queimado de sol estava apontando alguns cartazes a um candidato. Via os gestos mas não podia ouvir o que ele estava dizendo. Imaginei-me nos lugares remotos de que falavam os cartazes. Tive vontade de entrar e fazer perguntas, mas desisti e afastei-me da vitrina.

Larguei o jornal. Sem dúvida, eu estava deprimido naquele dia. Mary entrou, sentou-se ao piano e começou a tocar. Isso não me adiantou nada. A música tinha um subtom de melancolia que não me fez bem algum. Comecei a pensar em casa e na família. Gostaria de saber o que tinha acontecido desde que eu me separara deles.

O piano me enervou.

— Pelo amor de Deus, pare com isso.

Mary nada disse. Fechou o piano e saiu da sala.

— Que é que há, Frank? — perguntou Jenny, que ia passando naquele momento pelo hall. Estava com o seu vestido de cetim em cima da pele e com a cruz de ouro ao pescoço, a cruz que era uma promessa falsa de inocência. Entrou na sala com a sua pele muito clara.

— Nada! — exclamei.

Ela se sentou no braço da minha poltrona, olhando para o jornal que eu estava lendo. Larguei o jornal e perguntei:

— Por que não se vai embora?

Ela me olhou calmamente. Eu me sentia curiosamente enjoado. Era uma sensação desagradável, um frio que me subia da boca do estômago. Era como se eu fosse duas pessoas, uma enjoada das necessidades da outra. Do estômago para cima, eu era uma pessoa; do estômago para baixo, outra.

— Quem deve ir-se embora é você, — disse ela, como se estivesse lendo os meus pensamentos.

Não respondi. Não tinha o que responder. Ela me pegou a mão e passou-a pelo estômago, bem embaixo. Senti-lhe a pele quente por baixo do vestido.

— Por que não se vai embora? — insistiu ela. — Você é um bom rapaz. Quer ir caindo, caindo, até não se poder mais levantar?

Quer ser também um condenado?

E enquanto dizia essas coisas, guiava a minha mão pelo corpo dela.

Despreendi a mão e bati-lhe em cheio no rosto. Ela caiu do braço da poltrona, rolando no chão. Olhou para mim com um ar vitorioso como se eu tivesse feito o que ela queria. Não fiz menção de levantar-me da poltrona.

— Você é forte, — disse ela com voz terna.

Levantei-me e passei por cima dela. Ela ergueu o corpo e segurou uma das minhas pernas, impedindo-me de completar a passada. Tirei-lhe a mão da minha perna. Ela tentou agarrar-me a mão, mas eu lhe dei uma bofetada. Olhei para ela e vi que tinha os olhos semi-cerrados. Gemia, torcendo o corpo.

Puxou-me pelas pernas, mas eu lhe dei um pontapé nos quadris e ela me largou. Fui até à porta e fiquei olhando a chuva. Acendi um cigarro. Um minuto depois, ela estava ao meu lado.

— Você não pode ir-se embora! — exclamou ela. Está com medo!

Senti-me melhor de repente. Estava tudo claro agora, o que me atormentava bem no fundo do espírito. Sorri.

Ela arregalou os olhos e levantou as mãos, como para proteger-se de uma pancada. Olhou-me por um segundo e disse num sussurro:

— Você está louco! Louco de verdade!

Foi depois correndo para dentro da casa. Dei uma gargalhada. Tirei mais uma fumaça do cigarro e joguei a ponta na rua.

O resto do dia pareceu voar. Pensava de vez em quando: "Eu estava com medo". Cada vez que dizia isso, sentia-me melhor. Comecei a compreender por que aceitara aquele lugar. Eu não fora tão esperto, quanto

julgara. A velha me havia embrulhado. Em primeiro lugar, me havia amedrontado com a sua história sobre a polícia. Depois, me oferecera o lugar, sabendo que, se eu mordesse a isca, tudo estaria resolvido. Mas eu já não estava com medo.

Foi com um estado de espírito diferente que exerci as minhas funções naquela noite. Vi com maior clareza a sordidez do ambiente, o caráter furtivo e baixo dos fregueses, o barato ar afrodisíaco das mulheres, a travessia imunda da escada pelas mulheres e pelos fregueses na ida e na volta.

Por volta da meia-noite, apareceu um marinheiro. Parecia já ter estado ali antes e pouco depois subia com Jenny. Desceu meia hora depois e disse, ao passar por mim.

— Que mulher!

Ri com ele e disse:

— Boa, hem?

— Claro, garoto! — Olhou-me então de mais perto e me perguntou:
— Não é moço demais para estar trabalhando aqui?

— Não vai ser por muito tempo. Vou sair daqui.

— Ótimo, — disse ele, encaminhando-se para a porta.

Obedecendo a um impulso, fui atrás dele.

— Espere um pouco, marinheiro!

— Que é que você quer? — perguntou ele, com ar belicoso.

— É verdade o que dizem sobre a Marinha?

— Se é verdade o quê?

— Que a gente fica conhecendo o mundo, se instrui e...

— Claro que é! Está com vontade de alistar-se?

— Se me quiserem...

— Vão querer, sim. Você vai ver.

— Que quer dizer?

— Vá em frente e aliste-se, garoto. Só depois é que você verá.

Não dei importância ao sarcasmo na voz dele.

— É o que eu vou fazer amanhã.

— Faça isso. Você verá o mundo de trás de uma vigia.

— Está falando sério?

Ele me olhou e sorriu.

— É isso mesmo, garoto. Eu, por exemplo, já andei pelo mundo inteiro — Europa, China, os Mares do Sul. É uma grande vida.

De qualquer maneira, é muito melhor do que esse antro aí.

Vi-o afastar-se pela rua e voltei ao meu lugar no hall. Havia chegado a uma decisão.

Como de costume, a Sra. Mander fechou a casa às três horas. Quando contávamos o dinheiro, ela de repente me perguntou:

— Que foi que você ficou conversando com aquele marinheiro?

Por um segundo, cheguei a pensar que ela ouvira alguma coisa.

Mas logo compreendi que não seria possível ela ouvir — da sala e com o piano tocando.

— Nada, — disse eu, — ele deixou cair a carteira e eu a estava devolvendo.

Ela olhou para mim um instante e tomou um cálice de gim.

— É isso o que me agrada em você, Frank. Você é honesto. É a desonestidade que dá má fama a uma boa casa.

Às dez horas da manhã do dia seguinte, eu estava à espera diante do posto de alistamento da Marinha no centro de Baltimore. Não estava aberto ainda, de modo que fui tomar um café ao lado. Pela janela do café, vi um sargento de fuzileiros abrir a porta. Acabei o café mais que depressa e saí.

Entrei no posto no momento em que o sargento se sentava à mesa.

— Quero alistar-me, — disse eu.

— Fuzileiros ou Marinha? — perguntou ele, laconicamente.

— Marinha.

Ele apontou para uma cadeira junto à parede e disse:

— Sente-se ali. O Tenente Ford não demora.

Olhei os cartazes e depois peguei um folheto que mostrava diversos aspectos da vida de um marinheiro no mar e em terra. Um oficial entrou.

O sargento fez continência.

— Um recruta para o senhor, tenente.

O tenente era bem moço. Olhou para mim e me chamou. Sentei-me numa cadeira diante da mesa dele.

Começou a fazer-me perguntas num tom seco. Respondi prontamente.

— Nome?

— Frank Kane.

— Nome médio?

— Mander.

Talvez fosse preciso ter três nomes para entrar na Marinha e eu disse o primeiro que me ocorreu.

— Endereço?

Dei-lhe o endereço da casa da Sra. Mander.

— Data de nascimento?

— 10 de maio de 1909.

— Tem então dezoito anos. Vai precisar do consentimento de seus pais.

— Meus pais morreram.

— E seu tutor?

— É minha avó. Moro com ela.

— Muito bem. Remeter-lhe-emos os papéis pelo correio.

Eu não havia pensado nesse problema, mas não tive dúvidas de que poderia interceptar os papéis e assinar por ela, antes que ela pudesse vê-los. Eu era sempre o primeiro que acordava na casa. O tenente fez mais algumas perguntas e levantou-se. Levantei-me também.

— Quando sua avó assinar os papéis, traga-os aqui. Traga também roupa que chegue para três dias. Fará o exame de saúde e, se passar, prestará juramento e será imediatamente mandado para um campo de treinamento.

— Obrigado, tenente.

Ele sorriu e me estendeu a mão.

— Felicidades.

Voltei para a casa, pisando em nuvens.

A carta chegou na manhã de segunda-feira. Vi-a na mesa do hall, onde Mary a colocara com o resto da correspondência. Apanhei-a, levei-a para o meu quarto e abri-a. Vi que o oficial havia marcado com um "x" o lugar onde ela devia assinar. Assinei-a com uma caligrafia diferente da minha. Depois, guardei tudo no bolso do meu terno azul, o velho.

A minha última noite ali correu sem novidades, na rotina de costume. Quando fechamos a casa, fui como todas as noites para a cozinha a fim de fazer as contas com a Sra. Mander. Quando acabamos, continuei sentado a olhá-la.

Como sempre fazia, ela tomou uma dose de gim. Quando viu que eu continuava sentado em vez de ir para a cama como de costume, olhou-me, cheia de estranheza.

— Que é que há, Frank?

— Vou deixá-la. Amanhã.

— Que é que vai fazer?

Não respondi.

— Está bem, sei que não tenho nada com isso! — exclamou e- la, tomando outro gim. E as roupas que comprei para você?

— Fique com elas. Não preciso mais.

— Não quero saber se precisa ou não precisa! Paguei bom dinheiro por elas!

— E daí?

Ela pensou por um momento e disse.

— Vou dar-lhe um aumento de dez dólares por semana.

— Não me interessa. Não gosto do trabalho — Não faça isso, Frank. Fique e ganhará bom dinheiro. Talvez até eu lhe dê sociedade. Gosto de você. Nós nos entenderemos, fique certo disso.

— Vou-me embora, — disse eu, levantando-me.

— Escute, Frank. Não tenho nenhum parente no mundo e tenho muito bom dinheiro guardado. Estou ficando velha para esse trabalho e preciso de alguém em quem possa confiar. Você é honesto.

Continue comigo e será um homem rico.

Tive pena da velha. A vida para ela era bem dura.

— Desculpe, mas não posso ficar.

Ela perdeu a calma. Deu um soco na mesa e me disse com voz trêmula:

— Vá para o inferno!

Levantei-me e dirigi-me para a porta sem responder. Ela me chamou.

— Frank.

— Que é? — perguntei, voltando-me.

— Precisa de dinheiro?

Sacudi a cabeça.

Ela apanhou algumas notas e me deu.

— Leve isso, Frank. Tenho mais do que preciso.

Peguei o dinheiro e guardei no bolso.

— Obrigado.

— Venha cá um instante.

Aproximei-me e ela me segurou a mão.

— Você é um bom rapaz, Frank. Há dentro de você alguma coisa feroz e cruel que tem de atenuar-se, mas há também uma qualidade de gentileza e bondade. Faça o que fizer, mas não mude. Não perca o que o impede de ser ruim e mesquinho. — Riu, servindo-se de outro gim. — Acho que estou ficando velha, senão não estaria dizendo essas coisas.

Fiquei calado. A velha gostava de mim.

— Então? — perguntou.

— Adeus, — disse eu.

Num impulso, beijei-lhe o rosto velho e seco como um pedaço de papel velho.

Ela levou as mãos ao rosto e pensou alto.

— Há quanto tempo ninguém me beija...

Sai e subi para o meu quarto.

No dia seguinte, prestei compromisso na Marinha dos Estados Unidos. Quando acabei o exame de saúde, o médico disse rindo:

— Já está na Marinha, rapaz.

Mais três homens prestaram compromisso comigo.

— Levantem a mão direita e repitam o que eu disser, — disse o Tenente Ford.

Levantei a mão direita. O silêncio foi tamanho por um instante que ouvi as batidas do meu coração.

— Juro lealdade... — disse o Tenente Ford.

— Juro lealdade... — repeti.

INTERLÚDIO JERRY Jerry recostou-se na sua poltrona favorita, apanhou um cigarro na mesinha ao lado e olhou para Marty e Janet que estavam sentados diante dele. Correu os olhos pela sala. Agradava-lhe a elegância simples e rica da decoração, os quadros nas paredes, o kodakhrome ampliado de Janet em cima do rádio.

A fotografia fora batida durante a lua-de-mel. Tinham ido ao Grande Canyon. Janet estava apontando a rir para alguma coisa que lhe despertara a atenção e ele havia batido o flagrante. Ela aparecia em semiperfil sobre o fundo imenso e belo do canyon. Era a melhor fotografia que havia tirado e muito se orgulhava dela.

Tirou uma fumaça do cigarro e escutou o que diziam. Estavam ainda falando de Francis. Sentia-se aborrecido com o rumo que a conversa havia tomado. Mas sorriu intimamente. Estava procedendo insensatamente. Ninguém podia aborrecer-se com fantasmas. Os fantasmas pertenciam ao passado. E Frankie fazia parte do passado.

Marty dirigiu-se a ele.

— É engraçado, Jerry, mas você nunca me contou como foi que conheceu Frankie. E tem estado muito calado a noite toda.

Jerry viu que estavam esperando uma resposta. Pensou cuidadosamente e começou a falar com aquela encantadora sinceridade de que aprendera a fazer tão bom uso.

— Conheci-o da maneira mais simples possível. Mais ou me nos como aconteceu com você: numa luta. Não conseguimos vencer um ao outro. Apertamos então as mãos e nos consideramos quites.

"Foi há muito tempo. Eu estava freqüentando a Academia Lawrence em Connecticut quando, num fim-de-semana, meu pai entrou no meu quarto para conversar comigo. Sentei-me na minha cama e fiquei a vê-lo andar de um lado para outro enquanto falava. Meu pai era um homem admirável. Ainda quando eu era muito moço, ele me tratava como igual e queria saber da minha opinião a respeito dos mais variados assuntos.

"Naquele dia, aconteceu assim. Ele me disse que daí a dois anos ia ser candidato a prefeito de Nova York e os seus companheiros de partido achavam que... 'Que eu devia estudar em Nova York', disse eu, sem o deixar acabar. Compreendia perfeitamente isso. Fora criado dentro da política. Observara meu pai desde garotinho e muito aprendera com ele."

"É isso mesmo, meu filho", disse êle "Seria ótimo para mim se você concordasse com isso. Se o povo visse você junto com outros garotos de Nova York, a reação seria muito favorável para mim. Sei que você gosta muito da sua escola e que tem os seus amigos lá. Por isso mesmo, acho que

você é que deve resolver. Já é quase um homem e está em condições de saber o que é melhor para você, o que é melhor para nós.' "Eu queria ser como meu pai. Para mim, ele era o maior homem do mundo. Era um líder e isso era o que eu queria ser também, um homem a quem os outros olhassem com respeito e admiração. Sabia o que eu queria e o que tinha de ser feito. Não queria deixar Lawrence, mas havia coisas mais importantes na vida. Fui, por isso estudar em St. Thérèse.

"Mas nunca pude gostar de lá. Era um lugar maltratado e sujo e os outros alunos eram na sua maioria grosseiros sem maneiras e sem compreensão. Nunca lhes mostrei hostilidade, mas não podia sentir-me integrado lá como me sentia em Lawrence."

Riu-se.

— Acho que era um pouco esnobe. Mas procurei superar isso. E acho que consegui, porque a maioria pareceu aceitar-me. Aceitaram-me e gostavam de mim, mas vi logo que nunca seria um líder entre eles, porque havia outro. Era Francis Kane.

"Os outros o conheciam. Era enérgico e forte, fazia as regras e os outros faziam o que ele mandava. A princípio, ficamos longe um do outro, estudando-nos. Tivemos então de empenhar-nos numa luta. Embora nenhum de nós pudesse vencer fisicamente, eu sabia que no fundo ele havia vencido, e que venceria ainda que eu o superasse fisicamente.

"Compreendam que ali naquela escola, eu é que era de um meio diferente. Ele era um deles, vinha deles, vivia com eles e fazia parte deles. E isso era uma coisa que eu nunca poderia ser. Foi ele uma das primeiras pessoas a quem invejei.

"Bem, há um velho ditado em política que diz que, quando não se pode vencer um adversário, deve-se fazer aliança com ele. Foi o que eu fiz. E quanto mais o conhecia, mais gostava dele, apesar da sua maneira de falar, das roupas que usava e das mãos e do rosto sujos. Ele e eu éramos muito parecidos. A única diferença é que o líder era ele. Foi o que sempre procurei identificar nele — essa pequena fagulha que marcava a diferença. Nunca a descobri, mas sabia que existia. Até meu pai viu isso. Um dia, levei Frank para jantar em minha casa e naquela noite meu pai me perguntou quem era ele. Eu disse e ele me advertiu: "Esse rapaz é perigoso.

É inteligente, resistente e agressivo. Não se iluda com a sua maneira de falar".

Sorri e disse a meu pai que sabia disso. Mas Frankie nunca foi perigoso para mim. Era meu amigo e gostava de mim.

Uma empregada entrou na sala com o café e as xícaras numa bandeja.

— Pode deixar que eu sirvo o café, Mary, — disse Janet.

— Sim, senhora, — disse a empregada, retirando-se.

Jerry continuou, tendo na mão a xícara de café.

— Lembram-se de quando ele se candidatou a presidente da classe na velha escola? Ele tinha de fazer o discurso que havíamos escrito para ele. Lembra-se, Marty, do trabalho que tivemos para treiná-lo e do receio que tínhamos de que ele fosse estragar tudo?

Bem, além do receio, confesso que tinha um pouco de esperança de que isso acontecesse, para que houvesse ao menos uma coisa em que eu fosse superior a ele. Lembram-se de quando ele chegou ao centro da plataforma e começou a falar com voz alta demais? Pensei: "Pronto. Ele agora vai estourar". Mas não, começou a falar como se estivesse conversando com outra pessoa — com simplicidade, calma e cordialidade. Foi então que compreendi bem o que Papai dissera. Todos nós sabíamos que Frankie estava apavorado com o discurso que tinha de fazer. Mas, apesar disso, estava dominando a reunião e a assistência. Mostrou ainda que tinha instinto teatral da maneira por que apresentou Janet ao público. Ele estava certo, instintivamente certo. Fazia por instinto as coisas que eu tinha de planejar. Era naturalmente o político que eu sempre me esforcei por ser desde que era garotinho. Ele reunia na sua pessoa meu pai e eu, o magnetismo e o instinto que meu pai tinha pelas pessoas e os planos que eu formulava.

"Naquele momento, cresci mais, vendo os dois aplaudidos ali na plataforma. Disse a mim mesmo que não encontraria muita gente como ele e que devia aprender com ele. E aprendi também a gostar dele.

"Para mim, não havia nada de complicado em relação a Frankie. Considerava-o a essência da simplicidade direta e do tato combinados com

uma inteligência agilíssima. Sabia o que queria e lutava por isso. Dizia o que pensava e fazia o que queria, acontecesse o que acontecesse."

Levou a xícara aos lábios. O café já estava frio. Colocou a xícara na mesa.

— Desse modo, — continuou ele, — Frankie nunca foi para mim o mistério que foi para vocês. Cheguei a conhecê-lo muito bem.

Sabia o que ele ia fazer antes mesmo que o fizesse.

— Mas não sabia que ele ia fugir? — disse Marty.

— É verdade. Mas lembre-se de que não estive com ele no dia em que foi levar a família à estação. Se o tivesse visto ao menos uma vez, teria sabido.

Disse isso, mas os pensamentos que lhe corriam pela cabeça eram diferentes.

"Terei sabido mesmo? Cheguei a conhecê-lo de fato como estou dizendo? Ou ele foi para mim uma ameaça ou um desafio, como sempre imaginei que fosse? As coisas que depois aconteceram não podiam ser previstas por ninguém. Ninguém podia ler o futuro. Mas ele sempre teve as coisas que eu mais queria. Ele era o homem principal da escola e foi o primeiro com Janet. E, embora eu tivesse as coisas que queria depois que ele as deixava, como posso saber se as conseguiria se ele não se tivesse afastado?"

O que Janet queria fazer — seria direito ou faria Frankie voltar para persegui-lo? Não tinha objeções básicas à idéia de Janet, mas desejava saber de onde ela viera. Afinal de contas, Frank tinha existido e, embora pertencesse ao passado, ainda havia um caminho para a sua volta.

QUARTA PARTE

Da escada do edifício da administração, olhei para a base naval. Era o dia 30 de dezembro de 1931 e um vento frio soprava sobre a baía de San Diego. Levantei a gola e acendi um cigarro. Tinha os meus papéis de baixa

no bolso e a mochila com o pouco que me pertencia estava no chão aos meus pés.

Estava satisfeito de estar saindo. Não era que eu pensasse que a Marinha não prestasse. Para mim, tinha sido apenas um lugar melhor do que o orfanato para passar o tempo até que pudesse voltar para junto de minha família. Talvez eu tivesse trocado uma prisão por outra, mas felizmente estava tudo acabado.

A vida na Marinha era em geral monótona e irritante. As restrições, a rotina, o planejamento minucioso de todos os minutos da vida, tudo isso concorria para embotar um pouco a capacidade que se tinha de fazer as coisas por si mesmo. Mas sem dúvida me fez algum bem. Li muito e aprendi muitas coisas. Fiz um curso de Matemática para especializar-me como artilheiro e aprendi Contabilidade para o serviço de intendência, além de inglês, História e um pouco de Geografia.

Mas tudo isso estava encerrado. Tirei a última fumaça do cigarro, joguei a ponta fora, peguei a mochila no ombro e me encaminhei para o portão principal.

Mostrei os meus papéis de baixa ao oficial de dia. Examinou-os e depois devolveu-os.

— OK, marinheiro, — disse, sorrindo. — Até logo.

— Até logo, coisa nenhuma. Adeus. Estou saindo mesmo.

— É o que todos dizem. Mas voltam. Sempre voltam.

— Mas o papai não. Vou para casa.

Sai pelo portão e fui para o ponto de ônibus.

Lancei um último olhar para a base quando o ônibus arrancou e acomodei-me no banco.

O pessoal da família teria prazer em ter notícias minhas. Lembrei-me da última vez em que lhes havia escrito. Fora de Nova York. Tivera uma licença de vinte e quatro horas de meu navio e havia andado a esmo pela cidade durante toda a manhã sem saber o que iria fazer. De repente, me vi diante da casa de Jerry. Impulsivamente, subi a escada e toquei a campainha.

Um mordomo abriu a porta.

— Jerry está? — perguntei.

— Não. Está na universidade. Quer deixar algum recado?

Hesitei um momento e disse:

— Não. Nenhum recado.

Desci as escadas e a porta se fechou atrás de mim.

Senti então realmente saudades de casa. Ali estava eu numa cidade onde havia vivido toda a minha vida e não encontrava uma só pessoa conhecida com quem pudesse falar. Sentia-me desolado. Entrei num hotel, sentei-me a uma mesa na sala dos hóspedes e comecei a escrever uma carta.

"Tio Morris, Tia Bertha, Irene e Essie:

Apenas algumas linhas para dizer que estou bem e espero que também estejam. Espero especialmente que Tio Morris esteja melhor. Sinto muito que lhes tivesse causado preocupação por ter fugido, mas eu não poderia absolutamente voltar para o orfanato depois ter vivido com todos daí. Tenho gozado de boa saúde todo o tempo e estou trabalhando. Espero poder voltar a viver com essa minha família a quem tanto quero quando tiver idade bastante para não ter de voltar para o orfanato. Até então, quero que não se preocupem, pois tenho tudo, inclusive dinheiro.

Todo o meu amor para todos.

Frank".

Quando acabei de escrever, tive uma idéia. Fui ao banco e fiz um cheque de todo o meu saldo. Coloquei-o dentro da carta e botei-a no correio. Não havia mais nada que eu quisesse de Nova York.

Mas isso havia acontecido quase dois anos antes. Estava fora da Marinha e ia para o Arizona para viver com eles. Saltei do ônibus no centro de San Diego, fui para um hotel e ali tomei um quarto. Mas, antes mesmo de subir para o meu quarto, fui ao balcão do telégrafo.

Peguei uma fórmula e comecei a escrever, sorrindo para mim mesmo. Tudo iria correr bem daí por diante. Ia para casa e tinha duzentos dólares no bolso.

O telegrama foi o seguinte:

"Morris Cain, Lincon Drive 221, Tucson, Arizona.

Dei baixa da Marinha hoje. Gostaria de ir imediatamente para aí. Espero partir no fim da semana. Comunicarei o dia em que devem esperar-me. Ansioso por ver todos.

Saudades. Frank".

Subi com o empregado que me levou ao meu quarto. Esvaziei a mochila na cômoda e desci. Perguntei na portaria onde poderia comprar algumas roupas. Disseram-me e eu escolhi lá três ternos de 19 dólares cada um. O homem da loja prometeu-me aprontá-los o mais depressa possível. Disse-lhe que tinha a máxima urgência e ele me disse que os entregaria no sábado, um dia depois do Ano Novo. Fui depois a uma loja de artigos para homens e comprei seis camisas a um dólar e um quarto cada uma. Completei as compras com cuecas, meias e gravatas. Comprei também uma maleta por seis dólares e voltei para o hotel. Poderia partir logo que os ternos ficassem prontos.

Os dias se arrastaram. Passei a véspera e o dia de Ano Novo no quarto. Houve várias festas à noite no hotel e eu ouvi durante a noite música e o barulho das conversas e risadas embora estivesse com a porta fechada. Era curioso, mas eu não me sentia isolado. Tinha muitas coisas em que pensar. Imaginava como a família tinha ficado feliz com o meu telegrama e como estavam todos ansiosos pela minha volta. Com certeza, não conheceria mais as meninas. Já deviam ser umas mocinhas.

No dia seguinte, desci e fui receber meus ternos. Tirei o uniforme e olhei-me no espelho. Havia tanto tempo que não me vestia à paisana que quase não me conheci. Resolvi sair e ir comprar a passagem. Havia um trem que saía para Tucson no dia seguinte. Voltei então para o hotel e tratei de pagar a minha conta. Enquanto ali estava, vi um empregado colocar alguma coisa no escaninho do meu quarto. Pedi que me entregassem o que era.

Era um telegrama de Tucson. Fiquei tão nervoso que não quis abri-lo ali. Subi para o meu quarto a fim de lê-lo.

Encontrei dentro do envelope uma cópia do meu telegrama com a seguinte anotação: "O seu telegrama de 30 de dezembro não pôde ser entregue pelo seguinte motivo: mudança do destinatário para endereço ignorado".

Fiquei por um momento sem compreender. Joguei-me numa cadeira, vendo todas as minhas esperanças desfazerem-se. Durante alguns minutos, senti-me tão arrasado que a cabeça ficou inteiramente vazia. Depois, comecei a refletir, mas sem saber o que ia fazer. Nunca pensei que se mudassem sem me avisar. Mas logo vi que não me podiam avisar pois não sabiam onde eu estava. Senti-me então sozinho, perdido, abandonado e sem esperança. Os rumores da rua entravam pela janela aberta. Ouvi um riso de mulher no corredor. Acendi um cigarro atrás do outro. Não sei quanto tempo fiquei ali sentado, mas, quando olhei para fora, vi que já era noite. Levantei-me e olhei pela janela. A cidade estava toda iluminada. Comecei a andar no quarto de um lado para outro. Não podia fixar a cabeça em coisa alguma.

Desci para o restaurante, pedi um prato e não comi. Paguei a conta, sai e fui para o vestibulo de entrada. Passei algum tempo ali sentado, olhando para as pessoas, mas sem vê-las. Não pensava em coisa alguma. Sentia apenas um insondável vazio. Fui até ao balcão do telégrafo e a moça que lá estava olhou para mim.

Tirei o telegrama do bolso.

— Sabe alguma coisa sobre isto?

Ela olhou e respondeu:

— Não, Sr. Kane. Logo que o recebi, mandei para a portaria.

— É possível que se tenham enganado?

— Não creio. Verificam essas coisas com muito cuidado.

— Obrigado, — disse eu.

Perto do balcão do telégrafo, havia um lance de escada que levava ao posto telefônico. Havia menos gente ali do que no vestibulo. Não queria

ficar inteiramente só, mas não queria ficar lá embaixo no meio de toda aquela gente. Sentei-me numa cadeira perto de uma das cabinas. Já estava ali havia uma hora quando a moça do balcão do telégrafo subiu. Vi-a entrar na cabina perto de mim e fechar a porta. Não ouvi a moeda cair no telefone, nem qualquer conversa. Alguns minutos depois, ela saiu. Parou à porta da cabina e pareceu surpresa de me ver ali sentado. Sorriu para mim e eu cumprimentei-a polidamente. Não estava com muita vontade de sorrir.

Ela tirou um cigarro da bolsa.

— Quer dar-me fogo, Sr. Kane?

Era muito claro! Mas não me interessava. Tirei os fósforos do bolso e acendi-lhe o cigarro. Ela se sentou ao meu lado e eu me afastei um pouco para dar-lhe lugar.

— Obrigada.

— De nada.

— Roupa nova?

— O quê? — exclamei, sem saber por um momento de que ela estava falando. — É a primeira vez que a visto.

— Como se sente fora da Marinha?

— Muito bem, eu acho...

— Mas com certeza é preciso algum ajustamento, — murmurou ela, parecendo interessada.

— É verdade. Mas pouco a pouco, tudo entrará nos eixos.

— Senti muito o caso do telegrama.

— Eu devia ter esperado por isso, — disse eu e comecei a sentir-me melhor. Ela era a primeira pessoa que parecia interessar-se por mim, ali. Era bem simpática: cabelos pretos, olhos azuis, corpo esbelto e elegante. Sorri-lhe. — Não quero aborrecê-la com os meus problemas. Já é muito gentil da sua parte interessar-se por eles.

— Bem, eu tenho um parente muito chegado que está na Marinha e penso às vezes no que ele sentirá quando sair.

— Talvez não seja tão ruim desde que a pessoa saiba o que quer fazer.

— E que é que vai fazer?

Acendi um cigarro antes de responder. Que era que eu ia fazer? Não sabia. Não havia pensado nisso.

— Palavra que não sei. Arranjar um emprego talvez.

— Alguma coisa especial?

— Não. A primeira coisa que aparecer.

— É muito difícil arranjar emprego agora.

— Não sei. Nunca tive muita dificuldade em conseguir o que quisesse.

Ficamos alguns momentos ali calados. Por fim, ela se levantou.

— Bem, vou andando. Está ficando tarde e eu não quero chegar atrasada em casa para o jantar.

— Escute, por que não telefona para casa e não diz que vai jantar fora? Isto é, por que não janta comigo? Perdoe o atrevi mento, mas bem poderíamos jantar juntos e depois correr a cidade. Não conheço isto aqui muito bem:

Ela sorriu.

— É muita gentileza sua convidar-me, Sr. Kane. Mas tenho mesmo de ir para casa.

Pois sim! Tinha de ir como eu tinha. Mas aceitei o jogo.

— Seria um favor que eu muito lhe agradeceria. Não calcula como uma pessoa pode sentir-se sozinha numa cidade desconhecida.

Ela fingiu que estava examinando o caso.

— Está bem, Sr. Kane. Sairei com o senhor. Mas não posso deixar de telefonar para casa, Sr. Kane.

— Meu nome é Frank, — disse eu, pegando a deixa.

— Está bem, Frank, — disse ela, sorrindo. — Meu nome é Helen.

Entrou na cabina e eu fiquei esperando. Mais uma vez ela não deu telefonema algum. Ri comigo mesmo.

Fomos a um nightclub onde havia um bom show. Comemos e bebemos. Eu nunca bebia demais, mas dessa vez não estava ligando muito. Dentro em pouco, estava um pouco alto. Dançamos e bebemos e tornamos a dançar e a beber. Daí a pouco, eram quase duas horas da madrugada. Saímos e eu chamei um táxi.

— Vou levá-la em casa.

— Não posso ir para casa assim, — disse ela, rindo. — Meu pai ficaria furioso.

— Onde vai ficar então?

— No hotel. Sempre fico quando trabalho até tarde.

Entramos no táxi e eu dei ao chofer o endereço do hotel. Eu estava um pouco tonto, mas o ar puro que entrava pelas janelas do carro me fez melhorar. Recostei-me no banco e olhei-a. Ela riu.

— Que é que há?

Estou-me sentindo tão esquisita.

— É mesmo? — disse eu, passando o braço em torno dela e fazendo-a aproximar-se de mim.

O corpo dela se apertou de encontro ao meu, sem resistir às minhas mãos. Beije-i-a.

— Ainda se sente esquisita? — perguntei e beijei-a de novo. Os lábios dela pareciam de fogo.

— Não. Como você beija bem!

— E você ainda não viu nada! — disse eu, continuando a beijá-la e acariciá-la. De repente, ela me empurrou.

— O hotel! — murmurou ela.

De fato, o táxi estava parando diante do hotel. Ela ajeitou o vestido. Saltamos e eu paguei o táxi.

— Vamos entrar, — disse eu, segurando-a pelo braço.

— Não, disse ela, recuando. — Não posso entrar com você. Se ria despedida. Somos proibidas de dar atenção pessoal aos hóspedes.

Temos de nos despedir aqui.

Despedir-nos ali? Estava louca? Eu não ia passar tanto tempo com ela e gastar tanto dinheiro para tudo acabar ali no passeio. Mas talvez eu estivesse errado. Parecia direita e só fizera aquilo mesmo com pena de mim por ver-me tão sozinho. Encolhi os ombros.

— Tem certeza de que vai poder conseguir um quarto?

Ela fez sinal afirmativo com a cabeça.

— Neste caso, boa noite.

Entrei no hotel um pouco aborrecido e decepcionado. Mas comecei a rir quando cheguei ao quarto. Ao menos, ela me fizera esquecer os meus problemas.

Tirei o paletó e a gravata. Peguei a carteira e contei o meu dinheiro. Ainda me restavam 110 dólares. Resolvi pagar o hotel no dia seguinte e ir procurar um quarto barato. Na segunda-feira, trataria de procurar emprego. Tirei a camisa e me lavi no banheiro. Depois, voltei e sentei-me na cama para fumar um cigarro. Bateram então na porta, tão de leve que eu quase não ouvi. Fui até à mesa onde havia deixado o meu dinheiro e guardei-o dentro da cômoda. Em seguida, fui abrir a porta.

Era Helen. Procurei não demonstrar a minha surpresa.

— Como é? — perguntou ela. — Não me vai convidar para entrar?

— Claro, — disse eu, afastando-me um pouco da porta. — Entre.

— Vim apenas agradecer-lhe a boa noite que tivemos. Percebi que me havia esquecido disso.

— Quem deve agradecer sou eu, — disse eu polidamente.

Mas sabia que ela não havia subido ao meu quarto apenas para agradecer. Estendi a mão e desliguei o interruptor. Só a abajur da mesinha de cabeceira ficou aceso.

Olhando-nos um instante na penumbra e eu dei um passo em direção a ela. Recuou instintivamente. Segurei-a pela mão.

— Que é que há, menina? — perguntei, beijando-a.

— Estou com medo. É a primeira vez que faço isso.

Meti a mão por dentro do vestido dela. Os seios eram suaves e quentes. Ela estava com a respiração entrecortada. Levei-a para a cama e beijei-a de novo.

— Uma vez tem que ser a primeira, — disse-lhe entre um beijo e outro. — E não vou machucar você.

Senti-lhe a carne por baixo do vestido, a carne firme de uma mulher jovem, carregada de eletricidade.

— Tenho medo, Frank, — murmurou ela. — Mas você precisa de mim, precisa de alguém. Estava tão sozinho e abandonado lá em baixo.

Acordei de repente no meio da noite. Estendi a mão. Helen não estava na cama. Pulei da cama. Corri para a cômoda e abri a gaveta onde guardara o meu dinheiro. Estava vazia. Disse tudo quanto era nome feio enquanto me vestia. Só havia ficado com cerca de dez dólares de dinheiro trocado nos bolsos das calças. Olhei para o relógio. Quase cinco horas. Saí do quarto e desci pelo corredor, Fui até à portaria.

— A moça do balcão de telegramas anda por aqui?

— Não, — respondeu o homem da portaria. — De qual é que está falando?

— Da que trabalha durante o dia. Chama-se Helen.

— Ah! Essa é extra. Só veio trabalhar ontem porque a efetiva ficou doente. Houve alguma coisa?

E ele ainda perguntava! Tinha havido muita coisa! Eu fora roubado. E ainda devia vinte dólares ao hotel.

— Não. Pensei num telegrama que quero passar. Mas isso pode esperar.

Voltei para o meu quarto. Não me tardara muito ficar sem dinheiro. Quando estava na Marinha, ouvira contar muitos casos de marinheiros que voltavam alguns dias depois de darem baixa porque não tinham mais um tostão, havendo gasto em poucos dias o que tinham levado anos para

ganhar. Nunca pudera compreender isso. Mas tinha acontecido comigo. Acendi meu cigarro e fiquei pensando no que ia fazer.

Às dez horas, desci e fui ao balcão de telegramas.

— Sabe onde está Helen? — perguntei à moça que encontrei lá.

— Como é que eu posso saber? — perguntou ela, encolhendo os ombros. — Foi mandada pela agência de empregos para me substituir quando eu não pude vir trabalhar. Quer que procure saber do endereço dela?

— Quero, sim. É muito importante para mim.

Ela telefonou para a agência e pouco depois me dava a resposta.

— Ela foi contratada apenas por um dia e recebeu o dinheiro aqui no fim do trabalho. Não deu qualquer endereço.

Ponto final. Fui até à portaria e disse que queria falar com o gerente. Levaram-me ao escritório dele. Era um homem de estatura media, grisalho e de voz calma.

— Às suas ordens, Sr. Kane.

Contei-lhe tudo. Ele ouviu em silêncio, com as mãos entrelaçadas. Quando acabou, perguntou-me o que era que eu queria que ele fizesse.

— Não sei o que o senhor poderá fazer, — respondi-lhe com toda a sinceridade.

— Também não sei. Temos um cofre para guardar o dinheiro e os valores dos hóspedes que nos pedem. Há na portaria um cartaz que avisa que não podemos assumir responsabilidade pelo dinheiro ou pelos valores que não forem confiados à nossa guarda. Não pode calcular quantos casos como o seu acontecem neste hotel. Há muita gente que me vem procurar depois de gastar o seu dinheiro em jogo e em outras coisas, na esperança de que o hotel possa fazer alguma coisa. Mas não podemos. Isto aqui é um negócio como outro qual quer e tem de ser corretamente administrado, pois do contrário, esta remos perdidos. Ficou ainda com dinheiro suficiente para pagar a sua conta?

— Não. Já lhe disse que ela me limpou.

— Hum! Isto é que é mau...

— Sei disso. E é por isso que lhe peço alguns dias de prazo.

Conseguirei um emprego e lhe pagarei tudo.

— Tem alguma idéia de como os empregos estão difíceis agora, Sr. Kane? E seu quarto não é barato — três dólares e meio por di- a, se não estou enganado. Não, creio que os proprietários não vão concordar com isto.

— E não pode deixar-me trabalhar aqui até pagar?

— Desculpe, mas isso também não é possível. Já temos gente demais aqui e já recebi ordem para despedir alguns empregados na semana que vem.

— Voltamos então ao ponto de partida e eu lhe pergunto: que é que vamos fazer?

— Não sei. Mas, em vista das circunstâncias, o senhor terá de deixar o quarto imediatamente. Exigiremos que deixe as roupas — menos a que está usando, naturalmente. Será uma garantia do pagamento do quarto.

Aborreci-me com isso e levantei-me.

— Mas você é mesmo um patife! Isso é lá maneira de tratar quem procurou ser honesto com você? Se eu quisesse enganá-lo, poderia ir-me embora do hotel sem lhe dizer nada. Mas não! Tive de ser trouxa e sujeitar-me a servir de bode-expiatório para todos os outros que foram mais sabidos do que você!

Tentou interromper-me, mas eu falei mais forte do que ele.

— Vou sair daqui levando tudo o que é meu e você que tente impedir-me! Espalharei pela cidade que você deixa as empregadas do hotel explorarem roubarem miseravelmente os seus hóspedes. E não sei se vai gostar disso.

Já ia saindo mas ele me fez parar na porta.

— Está bem, Sr. Kane. Não é preciso ficar nervoso. Vamos imaginar que eu o deixe sair levando o que é seu. Tudo será esqueci do, não é?

— Você pode esquecer, mas eu não! — exclamei ainda zanga do e saí, batendo a porta.

Subi para o meu quarto e comecei a arrumar o que era meu. Quando acabei, saí para o corredor e tomei o elevador para descer.

Saindo do hotel, parei na banca de jornais da esquina e comprei um jornal.

— Sabe de alguma pensão onde se possa morar? — perguntei ao homem da banca. — Quero uma pensão boa o que não seja muito cara.

Ele me escreveu o endereço num pedaço de papel. Não ficava muito longe e eu fui a pé até lá. Aluguei um quarto por três dólares e meio por semana, pagando duas semanas adiantado. Isso me deixou com apenas três dólares e cerca de oitenta centavos em trocados. Guardei a roupa na cômoda. Aquele lugar era um lixo em comparação com o hotel, mas ao menos podia ficar ali durante duas semanas.

No dia seguinte, comecei a procurar emprego. Tive sorte. Arranjei um lugar como entregador de um grande armazém em Center Street. Voltei para casa cansado e estendi-me na cama. Não será fácil andar de um lado para outro o dia inteiro, levando encomendas e eu tinha passado uma vida mais ou menos fácil naqueles últimos meses. Tentei calcular o meu orçamento. Peguei um pedaço de papel e fiz a seguinte conta:

Quarto	\$	3
Comida	\$	7
Total	\$	10
Salário	\$	14
Saldo	\$	4

Calculei que um dólar por dia de comida seria bastante. A primeira refeição seria apenas café com pão. O almoço seria um sanduíche e café ou um prato de sopa e café. No jantar, comeria alguma coisa numa cafeteria. Não tinha motivo para preocupações. Eu me arrumaria.

Havia, porém, uma coisa que não entrara nos meus cálculos.

Chegava para trabalhar às sete horas da manhã. Tinha logo de ir fazer as primeiras entregas. Os caixeiros já as haviam preparado na noite anterior e eu as arrumava no carrinho e saía. Não me interessava muito pelo trabalho. Procurava apenas ser cuidadoso economizar aqueles quatro dólares por semana até ter dinheiro suficiente para ir para o Leste. Lá era que eu esperava encontrar a minha gente.

Mas no fim de dois dias estourei. Ia levando uma encomenda para o carrinho, quando de repente fiquei tonto e com ânsias de vômito. Acho que foi a comida ruim que eu vinha comendo. O passeio começou a jogar como um convés de navio. Parecia-me cada vez mais difícil manter o equilíbrio. Deixei cair a encomenda no chão e encostei-me à parede do edifício. Tive consciência dos ovos quebrados e do leite derramado em cima do passeio. Suava frio e só por muita força de vontade não caí no chão. Lutei desesperadamente para não cair. Mas tudo me dançava diante dos olhos.

O patrão apareceu e olhou para o passeio e, depois, para mim. Eu estava branco e o suor me escorria em bagas pela testa, dificultando a visão. O homem não fez a menor menção de ajudar-me. Tentei dizer alguma coisa, mas as palavras me saíram ininteligíveis. — Entre e fale comigo quando estiver no seu juízo perfeito, — disse ele, dando-me as costas e voltando para o armazém.

Olhei-o sem nada poder fazer. Tentei de novo falar sem poder. Fiquei encostado à parede, esperando que a tonteira passasse. E não era só a tonteira. Sentia dentro de mim raiva, vergonha e humilhação. O miserável pensava que eu estivesse bêbado! Podia ter chorado. Mas não tive tempo. Tinha de lutar com aquele passeio que se transformara numa corda bamba da qual eu podia cair a qualquer momento. Sentei-me afinal no passeio com os joelhos para cima e descansei a cabeça nas mãos. Fechei os olhos para não ver as coisas dançarem. Procurei não pensar nisso, não pensar em coisa alguma.

Afinal, passou. Comecei a sentir-me um pouco melhor. Abri os olhos. Estavam úmidos das lágrimas que eu havia contido. A cabeça me doía terrivelmente, mas o passeio não saía mais do lugar. Levantei-me, ainda trêmulo. Entrei no armazém, apoiando-me nas paredes. Um empregado apareceu para limpar o passeio. Fui até ao cubículo que o patrão chamava de escritório.

— Sr. Rogers... — comecei.

— Aqui estão as suas contas, Kane, — disse ele, entregando-me cinco dólares — Mas, Sr. Rogers, só me deu cinco dólares. Trabalhei três di as. São sete dólares.

— Descontei o prejuízo que você deu, — disse ele, olhando para outro lado.

— Mas, Sr. Rogers, eu não estava bêbado. Tive uma vertigem...

Ele nada disse. Era evidente que não acreditava em mim.

— É verdade, Sr. Rogers! Tive uma vertigem...

— É a mesma coisa, — respondeu ele. — Quem é doente, não pode trabalhar. Agora vá saindo que eu tenho muito o que fazer e não posso perder tempo.

Passei pelos caixeiros para tirar o avental e pegar o meu casaco. Olharam-me pelo canto dos olhos. Trabalhara ali muito pouco tempo e ainda não conhecia bem nenhum deles. Sentia que eles pensavam o mesmo que o patrão.

Voltei diretamente para casa. Não me sentia bem para procurar outro emprego naquele mesmo dia. Além disso, experimentava um estranho sentimento de vergonha. Pensei que todos na rua estavam olhando para mim. Fui para o meu quarto, deitei-me e não saí de lá o dia inteiro. Não tinha fome e não tentei comer.

Só saí de casa na manhã seguinte. Mas passei o dia e não consegui emprego. Nem no outro dia, nem daí a dois dias. O meu dinheiro estava quase no fim. Limitava-me a uma refeição bem barata por dia. No meio da semana seguinte, gastei o último níquel. Não havia perspectivas de emprego e no domingo eu teria de dar mais três dólares e meio pelo quarto.

Estava na rua quando me ocorreu a idéia. Iria para Nova York. Tinha amigos ali e conhecia os jeitos da cidade. Seria mais fácil alguém me ajudar a descobrir minha família. Voltei para o meu quarto. Reuni todas as minhas roupas — os ternos que eu havia comprado e todas as camisas menos uma — coloquei-as na mala. Desci e disse à dona da pensão que iria desocupar o quarto no fim da semana.

Fui encontrar uma casa de penhores no fim de Main Street. Entrei e deposei tudo em cima do balcão. Um homem de óculos se aproximou para atender-me.

— Quanto posso conseguir por isso, meu tio?

E pegou os ternos novos e examinou-os cuidadosamente.

— Nada feito, — disse-me afinal. — Não faço negócios com artigos duvidosos.

— Não há nada de duvidoso. Comprei isso na semana passada.

Mais fui roubado quero dar o fora da cidade.

— Terá por acaso a nota de venda dos ternos? — perguntou ele, sem muita convicção.

Procurei na carteira e encontrei a nota dos ternos.

— Cinco dólares por terno — disse ele, depois de olhar a nota.

— E cinquenta centavos por camisa.

— Puxa! Paguei vinte dólares por um terno e você me oferece cinco dólares.

— Os negócios estão ruins e roupa é coisa que não tem muita procura.

Comecei a arrumar tudo dentro da maleta.

— Espere um pouco, — disse o homem. — Quer vender ou empenhar?

— Vender. E a maleta também. Já lhe disse que vou dar o fora daqui.

— Neste caso, darei sete dólares e meio por terno e dois e meio pela maleta.

Fechamos negócio por trinta dólares e mais camisa e calças de trabalho, de algodão azul. Mudei a roupa num quarto dos fundos. Dei-lhe o terno que estava usando junto com os outros. Saí dali e fiz uma boa refeição no primeiro restaurante que encontrei. Depois, comprei um maço de cigarros. Voltei para a pensão, sentindo-me um pouco melhor. Subi para o quarto e tratei de dormir.

Bem cedo no dia seguinte, eu estava perto do pátio de cargas da estação. Ia de volta para casa — de volta para Nova York.

A viagem não foi muito cansativa. Havia muita gente como eu, viajando de carona no trem de carga, por um motivo ou por outro. Alguns não tinham destino certo — gente sem raízes, que vivia à deriva. Outros iam para algum lugar definido — para casa ou para onde pudessem achar emprego.

Como em todos os grupos humanos, alguns eram delicados e prestimosos e outros, mesquinhos e grosseiros. Mas não me saí mal com eles. Tratava da minha vida, nunca ficava tempo demais no mesmo trem. Saltava de vez em quando num lugar qualquer, alugava um quarto barato, comia uma ou duas vezes bem e prosseguia a viagem.

Não me restava mais muito dinheiro quando saltei em Hoboken, defronte de Nova York, do outro lado do rio, mas isso não me preocupava muito. Sabia que ali me arranjaría.

O lugar onde saltei do trem ficava um pouco distante do cais das barcas e a chuva que caía quando pus os pés em terra havia virado neve quando tomei a barca.

A noite estava caindo e a multidão estava voltando do trabalho. Muitos caminhões estavam indo para Nova York na barca. Pulei para dentro de um deles. Logo que o caminhão parou dentro da barca, saltei.

Dentro em pouco, a barca partiu. Fui para a parte coberta destinada aos passageiros e sentei-me, procurando ver Nova York através da vidraça da janela. Mas só via a neve que caía num espesso lençol, a água e o céu.

Quando a barca se aproximou do cais e eu vi os edifícios e as luzes de Nova York começarem a brilhar diante de mim, senti-me em casa, realmente em casa. Entendia perfeitamente aquela cidade e aquela gente.

Ouvi o barulho das correntes de atracação, os portões se abriram e eu me juntei aos outros passageiros que desembarcavam. Sentia frio, mas estava muito cheio de entusiasmo pela minha volta para dar atenção a isso. As calças e a camisa de algodão não davam muita proteção num tempo como aquele, mas na ocasião não dei importância ao fato.

O cais das barcas era na R 42. Atravessei para Times Square e fiquei ali na esquina, como qualquer sujeito do interior que chega pela primeira vez a Nova York, embasbacado diante do grande jornal luminoso do edifício do Times que dizia: "7 horas da noites, 10 de fevereiro de 1932".

Tive fome, de repente. Entrei numa cafeteria e comi bem. Só na hora de pagar a conta foi que vi que ia ficar apenas com 40 centavos. Passei a noite num hotel barato no Bowery onde paguei 25 centavos. Tinha apenas 15 centavos para o dia seguinte, mas estava sorrindo quando me deitei. Estava na minha terra e não precisava de muito dinheiro para arrumar-me ali.

Ainda estava nevando quando acordei. Saí do hotel e fui até à Sexta Avenida, onde ficavam as agências. Em quase todas as esquinas, havia um homem com a gola do capote levantada e um boné com a pala puxada para os olhos, com um fogo de madeira aceso numa lata sobre a qual ele de vez em quando aproximava as mãos, com uma caixa de maçãs diante dele e um cartaz: "Compre uma Maçã a um Veterano".

Dormi naquela noite num portão e, quando acordei na manhã seguinte, a neve havia parado. Estava amontoada em frente a algumas lojas onde haviam limpado os passeios e por toda a parte havia gente tirando a neve dos passeios para a sarjeta.

Parei numa banca de jornais e li os títulos. Um deles dizia:

"Serão Contratados 30.000 Homens para Limpar a Neve". Era uma idéia. Entrei num restaurante e tomei café com pão, o que me custou cinco centavos.

Fui até ao Departamento de Higiene na Rua 8 para pegar o serviço de limpeza da neve. Encontrei uma fila que dava volta ao quarteirão e crescia de instante a instante. Acendi um cigarro e encaminhei-me para o elevado da Terceira Avenida. O portão de saída estava bem fechado e eu gastei o meu último níquel numa passagem.

Saltei do trem na Rua 125. No escritório do Departamento de Higiene, na Rua 126, peguei o lugar e fui logo mandado para o trabalho com uma turma. O homem que chefiava os quinze homens da turma era um gari italiano com o aspecto de homem bem alimentado. Todos nós

olhávamos com inveja o seu ar de prosperidade, pensando como era bom ter um emprego permanente na prefeitura.

— Muito bem, — disse ele. — Venham todos comigo.

Entregou-me uma grande pá de neve com formato de concha. Coloquei-a ao ombro e segui com os outros. Na esquina da Rua 135 com a Avenida Amsterdam, paramos.

Grandes caminhões seguiam de um lado e do outro da rua empurrando a neve para juntá-la em grandes montões. Outros homens trabalhavam no meio da rua, jogando a neve para dentro de um bueiro. Mais adiante, um grupo jogava a neve dentro de um grande caminhão de lixo.

O italiano que chefiava a nossa turma nos levou para o meio da rua onde estavam jogando a neve dentro do bueiro. Disse algumas palavras em italiano ao homem que chefiava a outra turma e esta pegou as suas ferramentas, sendo substituída por nós.

O meu serviço era empurrar a neve até perto do bueiro, onde outros homens estavam esperando para jogá-la com as pás lá dentro. Quando o nosso chefe se convenceu de que havíamos começado a trabalhar de maneira satisfatória, foi para uma grande fogueira acesa num canto da rua, em torno da qual já havia outros homens do Departamento de Higiene. Estavam todos assim se aquecendo e dando ordens de lá, aos gritos, aos grupos que dirigiam.

Um dos dois homens que trabalhavam ao meu lado era um irlandês de lábios finos e rosto cheio e o outro era um preto baixo, mas robusto. Muitos dos homens usavam juponas, suéteres ou capotes e luvas para ter as mãos aquecidas. Não estava sentindo muito frio, mas em breve as mãos começaram a ficar duras de frio e os sapatos e os pés se encharcaram. Quando os dedos ficaram tão frios que começaram a doer, larguei a pá e fui até à fogueira onde estavam os homens do Departamento. Ficaram em silêncio com a minha aproximação e o meu chefe, que estava com um charuto preto aceso, me olhou atentamente.

— Que é que há, rapaz? Preguiça?

— Não. Estou com os dedos quase gelados!

Estendi as mãos para o fogo. O homem meteu a mão no bolso e me deu um par de luvas de trabalho.

— Obrigado, — disse eu, calçando-as.

As luvas tinham muito buracos mas aqueciam bem. Saí de perto do fogo, apanhei a minha pá e voltei a trabalhar. Cerca de uma hora depois, o irlandês me disse:

— Daqui a pouco, é hora do almoço. — Olhou invejosamente para os homens reunidos em torno do fogo e acrescentou: — Olhe aqueles camaradas. Repare o que vão fazer quando o diretor deles chegar.

De fato, alguns minutos depois, apareceu um carro do qual saltou um homem que parecia ser uma espécie de chefe. No mesmo instante, os capatazes se dirigiram para onde estavam as suas turmas e começaram a dar ativamente ordens.

Ouviu-se um apito e o nosso capataz disse:

— Muito bem, rapazes. Guardem as ferramentas no caminhão e tratem de almoçar.

Alguns homens tiraram embrulhos de sanduíches dos bolsos e se espalharam por diversos portais e se sentaram para comer, enquanto outros tomavam o caminho dos restaurantes e balcões de lanche mais próximos.

Eram quase duas horas. Desci a rua até encontrar uma entrada de casa vazia onde eu pudesse entrar para fugir um pouco ao frio.

Entrei afinal num edifício e sentei-me nos primeiros degraus da escada. Tirei um cigarro do bolso, acendi-o e, no momento em que descansei o corpo, comecei a tremer. Não era porque eu sentisse frio ou fome, mas sem alguma coisa para fazer, meu corpo parecia sentir mais intensamente o frio.

Alguns minutos, depois, a porta se abriu e eu vi entrar o camarada que havia trabalhado ao meu lado, seguido por um preto mais ou menos do meu tamanho. Não me viram a princípio, porque o hall estava um pouco escuro.

O meu companheiro de trabalho disse:

— Que foi que Mamãe mandou, Sam?

— Sopa quente, sanduíches e café — respondeu o outro.

— Ótimo! Estou com uma fome! Vamos sentar ali na escada enquanto eu como.

Encaminharam-se para onde eu estava e pararam ao ver-me.

— Que é que está fazendo aqui? — perguntou o meu companheiro.

— Estou fumando.

— Por que não come?

— Não estou com fome.

Sentaram-se na escada ao meu lado. O preto mais velho abriu um saco de papel e tirou duas garrafas de leite — uma com sopa quente e a outra com café — e alguns sanduíches. O cheiro da sopa me fez água na boca.

— Está trabalhando muito? — perguntou o rapaz.

— Muito não, Sam, — respondeu o mais velho que, então, se voltou para mim e disse: — Este é meu irmão mais moço, que veio trazer o meu almoço.

— Muito bem.

Ele começou a beber a sopa na garrafa. Subi mais alguns degraus para dar mais lugar aos dois e olhei para o mais velho. O garoto me estava observando e eu tentei olhar para outro lado para não ver o outro comer. O cigarro me queimou os dedos e eu o joguei por cima do corrimão sem apagá-lo.

Como se alguma coisa sem palavras fosse dita entre os dois irmãos, o mais velho virou-se e olhou para mim.

— Sabe que não estou com tanta fome quando pensava? E de pois, Mamãe me mandou sopa demais. Não quer um pouco? É uma pena desperdiçar comida.

Tomei a garrafa, murmurei algum agradecimento e comecei a tomar a sopa. Não sei de que era, mas sei que estava deliciosa. Alguns minutos depois, o homem estendeu a mão para trás sem olhar para mim e me entregou um sanduíche. Aceitei em silêncio. Ele compreendera, talvez

instintivamente, as circunstâncias em que eu estava e com a extrema delicadeza da gente realmente simples, ofereceu-me ajuda sem qualquer traço de ofensa. Não agradei dessa vez. Era desnecessário e ele não o esperava.

Quando acabamos o café, meti a mão no bolso e tirei três cigarros. Ofereci cigarros aos dois, mas o garoto sacudiu a cabeça. O irmão me explicou:

— Ele não pode. Está na equipe de atletismo do ginásio onde estuda.

Acendi o cigarro dele e o meu.

— Está em Nova York há muito tempo? — perguntou ele.

— Não. Cheguei ontem.

— O frio está terrível hoje.

— É verdade...

— Meu nome é Tom Harris.

Disse-lhe o meu. Ficamos ali sentados sem conversar durante alguns minutos e de repente ouvimos um apito lá fora.

— É para nós, — disse Tom. — Vamos! Espere um pouco.

Sam, empreste seu capote a ele. Você vai passar o dia todo em casa e não precisa dele. Quando voltar de noite, eu levo.

Sam tirou o capote sem a menor hesitação e entregou-me. Vesti-o. Não creio que pudesse ter agradecido, ainda que quisesse. Saí para a rua à frente dele para o lugar onde a turma já se estava reunindo.

A tarde passou um pouco mais depressa do que a manhã. Comecei a sentir que o dia não tinha sido tão ruim assim. A tarde, pouco antes de largarmos o trabalho, o preto me perguntou:

— Onde é que mora?

— Ainda não consegui um lugar para morar.

— Por que não vai para minha casa e não passa lá duas ou três noites — até receber o pagamento?

— E há lugar para mim?

— Claro que há! A casa é muito grande.

O trabalho acabou de repente. Fomos com o capataz até ao escritório e entregamos as ferramentas. O preto me bateu no ombro e eu fui com ele para a Rua 126 entrando numa casa de cômodos entre Convent e a Avenida St. Nicholas, onde eu vi a sua "grande casa". Entramos por um corredor mal iluminado. Sabia-se logo, talvez pela escuridão, talvez pelo cheiro de carne de porco ou pelas luzes fracas junto ao teto, que era um edifício de pretos. Subimos três lances de escadas e eu entrei com Tom num dos apartamentos.

A porta da rua se abria diretamente para a cozinha, na qual havia uma mesa, algumas cadeiras, um armário sujo de madeira e um fogão em cima do qual havia uma grande panela no fogo. Uma preta grisalha de cerca de cinquenta anos estava num canto da cozinha. Tom aproximou-se dela e disse:

— Mamãe, este aqui é Francis Kane. Não tem onde ficar e vai passar a noite conosco.

Não sabia disso naquela ocasião, mas aquela noite se estendeu por quase um mês. Ela chegou perto de mim e me olhou. Não creio que nos fôssemos julgar, um ao outro, mas sabia que se ela não concordasse, eu não poderia ficar.

Afinal, ela disse:

— Sente-se aqui, Francis. Vamos comer neste momento.

Agradei. Jantamos e depois ficamos sentados à mesa. O calor do fogão me dava um pouco de sono e eu sentia a cabeça e os olhos pesados. De vez em quando, sacudia a cabeça para afugentar o sono. Já eram quase sete horas quando ela disse:

— Tom, é melhor você e seu amigo irem dormir um pouco por que às dez e meia você tem de ir para o outro distrito.

Olhei para Tom e ele explicou:

— Posso conseguir trabalho à noite entre a Rua 129 e a Terceira Avenida. Não sabem que trabalho durante o dia noutro ponto.

Quer ir também?

— Quero, sim. E muito obrigado.

— Posso conseguir trabalho para você também.

Não tinha visto o garoto e, quando perguntei a Tom, ele me disse que o irmão trabalhava até tarde num armazém vizinho.

Fomos dormir numa grande cama num quarto onde havia outra cama, que ele me disse que era da irmã dele.

Tirei a roupa e os sapatos e deitei-me. Só me lembro depois disso do momento em que alguém me sacudiu pelos ombros, dizendo:

— Acorde, rapaz! Levante-se! Está na hora de ir trabalhar.

Abri os olhos e sentei-me na cama. Quase não se via nada porque não havia luz no quarto e esse só era iluminado pela luz do quarto vizinho através de um buraco aberto na parede. Meio sonolento ainda, comecei a vestir-me. Logo que os meus olhos se habituaram à escuridão, vi que a outra cama estava ocupada. A cabeça de uma moça saía de baixo das cobertas e os seus olhos me observavam. Não senti o menor constrangimento e, quando saí, dei-lhe boa noite. Ela não respondeu. Desci para a rua com Tom. Cada um de nós levava um embrulho com o lanche que a mãe dele havia preparado. O trabalho era quase o mesmo que havíamos feito durante o dia e quando largamos, às cinco e meia da manhã, voltamos para a casa de Tom e fomos dormir diretamente. As oito e meia, acordamos e trabalhamos o resto do dia.

Trabalhamos ao todo dois dias e meio antes de sermos dispensados. Quando me pagaram, recebi na realidade o salário de cinco dias porque havia trabalhado dois turnos. Tinha 17 dólares e meio no bolso e quando saí do guichê do pagador sentia-me dono de Nova York. Não era tão difícil assim ganhar dinheiro, nem achar trabalho. Pela primeira vez em muitas semanas, tive consciência dos outros — não como seres excepcionais ou diferentes de mim — mas como um deles. Eu também havia trabalhado — durante algum tempo. Passei por uma casa de penhores e comprei um terno, duas camisas, um capote e um par de sapatos, tudo em segunda mão, por onze dólares. Deixei lá as minhas roupas velhas.

Quando cheguei à casa de Tom, procurei a mãe dele e lhe dei metade do dinheiro que me restava, ma ela não quis aceitar. Disse que eu estava precisando do dinheiro.

Eram cerca de duas horas da tarde quando Tom e eu fomos dormir. Só acordamos lá para as nove horas da noite. Logo que nos levantamos, comemos alguma coisa. Estávamos comendo quando a irmã dele chegou e eu vi então como ela era. Tinha quatorze anos. Os cabelos eram crespos mas corridos e ela os penteava para trás, fazendo-os passar por trás das orelhas. O rosto era comprido, a pele pardo-escuro e o batom arroxado. Os ombros eram largos e os braços e pernas magros mas levemente musculosos. Sentou-se à mesa e perguntou a Tom:

— Foram dispensados?

— Fomos, sim.

— Que é que vão fazer agora? — perguntou ela, envolvendo-me visivelmente no seu interesse.

Tom nada disse e eu falei por ele.

— Ainda não sei o que é que eu vou fazer. Acho que vou sair e procurar emprego.

— Que esperança! — exclamou ela. — Não se encontra em prego em lugar nenhum.

— Isso é que eu não sei. Consegui esse com a maior facilidade.

— Teve sorte. Talvez não seja a mesma coisa agora.

— Onde está Mamãe? — perguntou Tom, mudando habilmente de assunto.

— Ela e Sam foram para o culto, — disse Elly, — e eu vim chamar você para ir também logo que acordasse.

— Está bem, — disse Tom.

Vestiu o capote e os dois saíram.

Sabiam que eu não podia acompanhá-los e nem me convidaram. Cerca de uma hora passou. Li o jornal, fumei e estava começando a cochilar quando a porta se abriu e Elly entrou.

— Ainda está acordado? — disse ela, sentando-se a mesa.

— Ainda.

— Vão passar ainda uma hora ou duas no culto. Fiquei cansada e vim para casa mais cedo.

Não disse nada. Estava sentado ao lado da janela e olhei para o pátio. Costumavam deixar a janela um pouco aberta porque um dos vizinhos tinha um rádio e assim eles podiam escutar a música. Mas o rádio não estava tocando naquela noite.

— Bem, boa noite, — disse Elly.

— Boa noite.

Foi para o quarto e eu ouvia os movimentos dela lá dentro. Falou-me pela porta aberta:

— Não está cansado? Por que não vem dormir também?

— Não, não estou cansado. Acho que vou esperar até Tom chegar.

— Só vão chegar bem tarde.

— Não faz mal. Não estou com sono.

Durante cerca de quinze minutos, não dissemos mais nada. Então, com o casaco passado por cima da camisola, ela atravessou a cozinha para ir ao banheiro no corredor. Quando voltou olhou para mim mas eu desviei o olhar. Durante mais alguns minutos, houve silêncio. Por fim, ela disse:

— Quer fazer o favor de me trazer um copo de água, Frank?

— Está bem.

Enchi um copo de água e fui levá-lo. Ela tomou o copo de minha mão e bebeu a água sentada na cama com a colcha sobre o corpo. Mas quando me entregou o copo, a colcha caiu e eu vi que o alto da camisola havia caído, deixando-lhe à mostra os ombros e os seios. Ela olhou para mim.

Fiz menção de sair e ela me pegou pelo braço.

— Que é que há com você, rapaz? Está com medo?

— Não... Pensando melhor, talvez esteja.

— Ninguém vai saber.

— Não é isso, — murmurei e saí do quarto pensando em Tom e na mãe dele e na sujeira que seria aquilo depois do que tinham feito por mim.

Ela pulou da cama e me agarrou pelos ombros, jogando-se em cima de mim. Estava inteiramente nua. Tentei desvencilhar-me dela, mas ela não me largou. Eu sabia que estava lutando não para fugir dela, mas para impedir-me de ir para ela. Finalmente, bati-lhe com força no rosto.

Ela recuou um pouco e disse-me furiosamente:

— Se não ficar comigo, vou gritar bem alto. O prédio todo virá para cá e eu direi o que você tentou fazer comigo.

Voltei-me e dei um passo em direção à porta. Ela abriu a boca e começou a gritar. Fechei-lhe a boca com a mão e disse que se não ficasse calado, eu a mataria. Levei-a para a cama, fi-la deitar-se e mais uma vez me encaminhei para a porta.

— Vou gritar! — disse ela.

— Está bem, está bem... — disse eu, indo afinal para a cama onde ela estava.

Já passava de meia-noite quando os outros chegaram. Elly estava dormindo no quarto e eu estava sentado à mesa da cozinha, tentando ler o jornal com aquela luz fraca.

Sam e Tom vieram falar comigo, e Sam disse:

— Vai fazer muito frio esta noite. Está ventando.

— Acho que a noite vai ser fria, sim, — murmurei.

— Quer tomar alguma coisa quente, Mamãe? — perguntou — Não, meu filho. Talvez Tom e Frankie queiram café. Já está feito. É só esquentar.

Não quisemos café. Fomos diretamente para a cama.

Sai bem cedo no dia seguinte para procurar emprego, mas nada consegui. Gastei trinta e cinco centavos sem qualquer resultado. Não havia possibilidade de emprego mesmo por pouco dinheiro. Fui às agências da Sexta Avenida e, como muitos outros, voltei de mãos abanando. Voltei à sete horas para a casa de Tom e contei-lhes o que havia acontecido.

— Vai conseguir alguma coisa, — disse a mãe de Tom. Deus o ajudará.

— Obrigado por dizer isso, mas não têm aqui o que chegue para a família e uma boca a mais é muito pesada para agüentarem.

— Não diga isso, rapaz. Temos com que nos arrumar.

Comemos milho cozido durante três dias. Milho é uma coisa gostosa, mas como enjoa! Ao fim de uma semana, eu ainda não havia conseguido emprego e só me restavam três dólares.

No sábado à noite, Tom me perguntou:

— Gostaria de ir a uma festa?

— Gostaria, sim, mas...

— Então vamos, — disse ele, não me deixando mais falar. — A entrada custa 25 centavos e as comidas e bebidas são de graça. E há cada pequena!

— Está bem. Mas...

— Mas nada... É uma festa mista. Com certeza, vão pensar que você é algum playboy que foi-se divertir no Harlem.

Cerca de uma hora depois, vestimos os capotes para sair. Quando passamos, Sam estava sentado à mesa da cozinha, lendo.

— É um bocado inteligente esse meu irmão, — disse Tom, enquanto descíamos a escada. — É o primeiro da classe no ginásio.

— É verdade. Parece que está sempre estudando.

Quem foi que já bebeu gim misturado com cerveja? Um copo de cerveja com dois cálices de gim dentro — era isso que se estava bebendo naquela festa. Creio que fiquei logo bêbado depois do primeiro copo sem quase poder saber o que estava acontecendo. Havia cerca de trinta pessoas no apartamento da Avenida St. Nicholas. Um homem tocava violão e havia vários homens e mulheres brancos. Os brancos pareciam evitar-se uns aos outros e só conversavam com os pretos. Uma pequena branca, com quem eu falei, deu-me as costas e continuou a conversar com um preto simpático que estava ao seu lado.

Lá pelas três horas da madrugada, a festa acabou. Tom estava tão alto que quase não podia andar. Peguei-o pelos ombros e ajudei-o a descer as escadas e ir para casa. O ar frio me fez bem e cheguei em casa já em meu juízo perfeito.

Tom estava cantando todo feliz quando entramos no prédio. Quando íamos começando a subir as escadas, caiu desacordado. Tentei levantá-lo e não consegui. A luz do hall estava apagada e eu risquei um fósforo. Nesse momento, ouvi algum movimento no hall ao lado da escada e olhei.

Vi então Elly em companhia de um branco de cerca de 40 anos. Ambos olharam para mim. O rosto do homem pareceu assustado. Tinha o paletó e o capote abertos e, um instante depois, se dirigiu para a porta da rua.

— E o dinheiro? — perguntou Elly, agarrando-o pelo braço.

O homem meteu a mão no bolso, tirou uma moeda que entregou a ela e saiu apressadamente.

Ela então subiu calmamente a escada até onde eu estava e olhou para Tom.

— Perdeu os sentidos?

— Perdeu. Ajude-me a levá-lo para cima. Eu sozinho não agüento.

Segurando-o por debaixo dos braços, subimos com ele até ao apartamento e jogamo-lo em cima da cama. Eram três e meia. Sam estava dormindo e do outro quarto vinha o rumor dos roncos da mãe deles. Voltei para a cozinha e Elly me acompanhou.

— Não vai contar? — perguntou ela.

— Não, — disse eu — Precisamos de dinheiro, — disse ela, com voz de desespero.

— Sam só recebe um dólar e meio por semana no armazém e mais um sortimento de víveres do armazém de quinze em quinze dias no valor de 13 dólares e meio, mais isso não chega. Tenho de conseguir algum dinheiro.

— Qual é a explicação que dá a eles?

— Minto dizendo que trabalho três vezes por semana à noite numa fábrica de fitas da Rua 132. Mas fui dispensada da fábrica no mês passado.

— Há quanto tempo você faz isso?

— Por que não se mete com a sua vida?

— Está bem. É mesmo o que eu vou fazer, — pela janela e sentindo-me de repente muito triste.

Ela se aproximou de mim e perguntou:

— Tem algum dinheiro?

— Não, — disse eu, mentindo por uma razão que não compreendi.

Ela me estendeu uma moeda de 25 centavos.

— Tome, — disse ela. — Talvez precise disso igreja amanhã, que é domingo — Não quero! Muito obrigado! Não!

Ela começou a chorar e nós nos olhamos durante alguns minutos. As lágrimas rolavam-lhe pelo rosto. Os olhos ficaram empapuçados, como acontece com os olhos dos pretos quando choram. Toquei. lhe no ombro.

— Não se preocupe. Tudo vai dar certo.

Ela saiu da cozinha e foi dormir. Quando fui para o quarto, vi que a cama dela estava vazia. Olhei para o outro quarto e vi que estava dormindo com a mãe. Voltei para o nosso quarto e me deitei na cama dela.

No dia seguinte, acordei cedo. Fiquei durante algum tempo na cama, ouvindo o ressonar de Tom e de Sam. Saí afinal da cama e fui à cozinha. Eram seis horas. Lavei o rosto. Ainda estava escuro lá fora, e eu acendi a fraca luz da cozinha. Ensaboei o rosto e comecei a fazer a barba. Sam apareceu, sentou-se numa cadeira e começou a olhar-me.

— Que é que está fazendo de pé tão cedo? — perguntei.

— Tenho de ir ao armazém para fazer algumas entregas.

Ficamos um pouco em silêncio e ele perguntou:

— Que idade você tem, Frankie?

— Vinte.

— Então não é muito mais velho do que eu. Tenho quase dezoito anos. — Pensei que fosse mais velho.

Olhei-o. Era de fato um rapaz bem simpático, com as feições delicadas e os grandes olhos vivos e expressivos.

— Que é que acha de nós, Frankie? De mim, de Tom, de Ma mãe e de Elly? Não se sente diferente?

— Vocês são uma ótima gente. Não poderia ser melhores se...

— Se fôssemos brancos, não é o que você quer dizer?

— Não. O que eu quis dizer é que, se vocês fossem meus parentes, eu não poderia ter encontrado mais bondade ou amizade.

— Bem, tenho de ir, — disse ele, levantando-se. — Voltarei para casa às dez horas, quando tivermos de ir à igreja.

— Até logo, então.

Acabei de fazer a barba, vesti-me e saí. Estava fazendo frio lá fora. Acendi um cigarro e fui até a Rua 125. Passei pelo armazém onde Sam trabalhava e que estava cheio de fregueses. Entrei impulsivamente. Vi Sam, que estava arrumando compras em caixas de papelão. O armazém estava cheio de mulheres, principalmente irlandesas que estavam de volta da igreja. Sam e eu nos falamos de longe.

Quando chegou minha vez, comprei uma dúzia de ovos, bacon, pão e um maço de cigarros. Andou tudo em 72 centavos. Paguei o embrulho e voltei para casa.

A Sra. Harris e Elly estavam na cozinha. Tom ainda estava dormindo. Coloquei o embrulho em cima da mesa.

— Comprei coisas para o café, — disse eu.

— Não devia ter feito isso, — disse a Sra. Harris.

Só comemos depois que Sam chegou. Tom se havia levantado e estava com a cabeça doendo.

— Como nos divertimos! — disse ele.

— Foi uma boa festa, — disse eu.

— Quer ir à igreja? — perguntou à Sra. Harris.

— Vou sim.

Sáímos todos juntos. A igreja era numa pequena loja no mesmo quarteirão. Havia uma grande estufa acesa no centro. Achava esquisito uma igreja numa loja. Para mim, uma igreja devia ser sempre uma construção imponente com cerimônia solenes. A Sra. Harris olhou para mim e disse, como se estivesse lendo os meus pensamentos:

— Deus está em toda a parte, meu filho, até mesmo com os pobres.

Senti-me um pouco envergonhado de mim mesmo. Quando entrei, todos me olharam mas, vendo com quem eu estava, não me deram mais atenção. A família conhecia todos os presentes e, depois dos serviços, apresentou-me. Falei com o ministro. Era um homem de sorriso muito cordial e eu me senti um pouco melhor quando a Sra. Harris disse que eu era amigo deles.

Voltamos para casa. Sam pegou os livros dele e começou a estudar.

Na terça-feira, Tom e eu conseguimos algum trabalho com a entrega de carvão de um caminhão. Cada um de nós ganhou três dólares. Mas não houve mais trabalho no resto da semana.

Na quinta-feira, houve culto à noite e eu fiquei sozinho em casa.

Elly voltou para casa cedo e ficamos sentados juntos, mas sem dizer coisa alguma. Havia muito em que pensar, mas não bastante para conversar. Quando os outros chegaram, fomos dormir.

Os dias foram passando. Em breve, estávamos em março e a temperatura subiu um pouco. Vi que a situação na casa estava piorando e resolvi sair de lá.

Uma tarde em que Elly e eu estávamos sozinhos em casa, eu lhe disse:

— Acho que tenho de ir-me embora Ela me olhou surpresa.

— Bem sabe que não posso ficar aqui para sempre, Elly.

Ela me segurou a mão e eu a abracei. A lembrança daquela noite e a proximidade dela me provocaram. Ela percebeu isso imediatamente e me

levou para o quarto. Alguma coisa no jeito pelo qual ela se deu, no ímpeto do seu corpo jovem me mostrou que ela não queria que eu me fosse embora. Não era amor, nem paixão. Era o calor, a bondade e a compreensão.

Levantamo-nos da cama ofegantes, com as mãos dela nos meus quadris. Eu ainda tinha na mão o seio rígido. De repente, joguei-a de novo na cama.

— Compreenda que tenho de sair daqui! É preciso! Não posso ficar aqui, tomando tudo sem dar nada.

Fui brutal com ela. Gemeu sem quase poder falar, mas disse com voz entrecortada:

— Você... tem de... ir-se embora...

Naquela noite, disse aos outros que ia deixá-los. Pediram-me que não fizesse isso.

— Conseguirei emprego em outro lugar. Já vi que aqui não há jeito. Vou-me embora amanhã.

Na manhã seguinte, fiz as despedidas, apertando a mão de Tom e de Sam e beijando a Sra. Harris e Elly. Agradei o que tinham feito por mim.

— Felicidades, Frankie, — disse a Sra. Harris. — Não se esqueça de nós se precisar de alguma ajuda.

— Não me esquecerei, — disse eu, sorrindo. — Adeus.

Fechei a porta, desci as escadas e cheguei à rua. Era um dia de sol, quase quente e eu tinha certeza de que as coisas iriam melhorar para eles.

Não sabia para que lado ir. Levava as minhas poucas camisas num saco de papel debaixo do braço. Comecei a caminhar na direção da Oitava Avenida.

A voz gentil da Sra. Harris me soava aos ouvidos. "Não se esqueça de nós se precisar de alguma ajuda". Sorri comigo mesmo. Precisavam tanto de ajuda e, entretanto, sempre haviam tido muito para me dar. Parei na rua um instante, sentindo um bolo na garganta. "Você está ficando um molenga", disse a mim mesmo. E continuei meu caminho.

Desci a Oitava Avenida. Fui de loja em loja pelo caminho perguntando se precisavam de um empregado. Algumas pessoas me disseram que não precisavam de ninguém, delicadamente. Outros, não. Dependia da maneira pela qual se sentiam. Na esquina da Rua 72 com a Avenida Colombo, consegui trabalho numa cafeteria, para lavar pratos à tarde. Pagaram-me depois das quatro horas com um dólar e comida. Guardei o dólar no bolso. Quando acabei de comer, fui procurar o gerente e perguntei se ele não precisava do mesmo serviço na tarde seguinte. Era um homem baixo e gordo que tinha olhos bondosos e um sorriso quente.

— Desculpe, mas foi só hoje. E eu realmente não precisava, mas quis...

— Compreendo, — disse eu, sorrindo-lhe. — De qualquer maneira, muito obrigado.

Sai. Estava escurecendo. Tinha de achar quanto antes onde dormir. Do contrário, passaria a noite na rua. Fui até ao Hotel Mills e aluguei um quartinho por 50 centavos. Havia jornais na portaria e fiquei por ali lendo antes de ir deitar-me. Pensei que tinha de fazer alguma coisa para procurar minha tia e meu tio. Mas não queria que eles me vissem sem dinheiro e mal vestido como eu estava. Tinha sempre receio de encontrar algum conhecido e ter de explicar a minha situação.

Fui bem cedo para a Sexta Avenida, às sete e meia da manhã. As agências estavam cheias como de costume, mas nada aparecia. Fui mandado para vários lugares, mas quando chegava lá, já tinha havido alguém na minha frente ou a pessoa mudara de idéia. Comi num restaurante barato da Sexta Avenida perto da Rua 46. Paguei 35 centavos por um prato de salsichas com feijão e café. Voltei ao hotel e aluguei uma vaga num quarto onde havia mais dez pessoas. Eram de um tipo um tanto diferente das que se encontravam nos albergues da Bowery. Aqueles homens ainda não haviam chegado ao fim da corda. Alguns deles jogavam cartas. Espiei um pouco o jogo e fui dormir.

No dia seguinte, tentei outro lugar. Tive sorte. Entrei no depósito de uma grande cadeia de armazéns e fui contratado quase no mesmo instante. No armazém da Avenida Colombo com a Rua 69 o entregador havia acabado de sair da casa.

O gerente me olhou e perguntou quase como se estivesse fazendo um desafio:

— Que é que você quer?

— Emprego — Não há vaga.

Nesse momento, o telefone tocou e ele atendeu, dizendo:

— É Rayzeus quem fala Fiquei à espera. O gerente nada dizia, limitando-se a escutar o que lhe diziam do outro lado do fio. Não sei como foi que percebi que aquilo podia representar um emprego. Mas de repente senti as mãos cheias de suor e o coração a bater mais depressa. Havia um emprego e eu o queria, fosse qual fosse.

O gerente desligou o telefone. Um motorista de caminhão entrou e lhe entregou uma fatura. Falaram durante alguns segundos e o motorista saiu. O gerente então olhou para mim.

— Que é que ainda está fazendo aqui — Um emprego.

— Já lhe disse que não há vaga.

— Acabaram de pedir-lhe alguém pelo telefone.

Ele me olhou um pouco espantado e disse:

— Tem alguma experiência?

— Tenho, sim. Trabalhei num grande armazém em San Diego.

Mas não disse que só havia trabalhado dois dias.

— Que idade tem?

— Vinte anos.

— Então, não vai querer o lugar. É para trabalhar como entregador. O salário é de oito dólares por semana.

— Aceito — Mas eu disse que são apenas oito dólares por semana.

— Aceito, — disse eu, metendo as mãos no bolso para que ele não visse como tremiam. Como eu desejava que ele não me mandas se embora! Nunca havia querido mais coisa alguma na vida!

— Não poderia contentar-se com oito dólares por semana, — disse-me ele. — Já não é um garoto e precisa de mais do que isso para viver.

— Escute, cavalheiro, — disse eu, com as mãos nos bolsos e a voz um pouco alterada pela tensão, — preciso desesperadamente de um emprego. Estou sem um tostão. Trabalhei há seis semanas no serviço de remoção de neve das ruas e esse foi o último serviço que eu tive. Oito dólares representam uma fortuna para mim!

O homem se recostou na cadeira, olhou um pouco para o lado e perguntou:

— Vive com sua família?

— Não. Não tenho família. Neste momento, estou dormindo no Hotel Mills.

— Por que vai querer trabalhar em troca de oito dólares por semana? Um homem grande, forte e moço como você, com certeza pode conseguir um lugar onde ganhe mais.

— Já procurei, meu caro senhor. Palavra de honra que fiz tudo, mas não houve jeito. E não se pode viver de mãos vazias.

O homem ficou alguns minutos em silêncio. Eu já não sabia onde tinha a cabeça. Aquela brincadeira de gato com rato me estava endoidecendo. De repente, ele se virou na cadeira para mim.

— Está bem. Vou dar-lhe o emprego.

Senti uma fraqueza nas pernas. Sentei-me numa cadeira perto da mesa e tirei um cigarro do bolso. Coloquei-o na boca e tentei acendê-lo, mas não pude nem riscar o fósforo, tanto as mãos me tremiam. Foi o homem que riscou o fósforo e acendeu o cigarro para mim.

— Obrigado, senhor. Muito obrigado.

Senti um começo de vertigem durante alguns segundos. Cheguei a pensar que fosse vomitar. O estômago se embrulhou e eu senti na boca o gosto amargo da bile. Engoli desesperadamente. Não, meu Deus! Por piedade, agora não! Descansei a cabeça entre as mãos.

O homem se levantou da cadeira e chegou perto de mim. Colocou a mão em meu ombro e disse com uma voz que havia perdido todo o tom agressivo.

— As coisas devem ter sido bem ruins para você, meu filho.

Fiz um sinal afirmativo, sem levantar a cabeça. Sentia-me melhor e a náusea havia passado. Olhei para ele.

— Está melhor agora? — perguntou.

— Estou, sim, senhor. Estou bem. Foi só... o... sabe o que quero dizer, não sabe? Quando. é que começo a trabalhar e onde?

Ele voltou para a mesa e sentou-se. Escreveu num pedaço de papel que me entregou. Peguei-o e li o endereço.

— Pode começar agora mesmo se quiser.

— Era o que gostaria, se fosse conveniente para o senhor.

Pegou outra folha de papel em cima da mesa e perguntou:

— Como é seu nome?

— Frank Kane.

Escreveu algumas palavras e me entregou o papel.

— Isto basta, — disse ele, sorrindo. — Entregue esse papel ao gerente do armazém e, se ele tiver algumas perguntas para fazer, diga-lhe que telefone para Rayzeus, no escritório central.

— Obrigado, Sr. Rayzeus. MUITÍSSIMO obrigado.

— Felicidades, Frank, — disse ele, levantando-se da cadeira e estendendo-me a mão.

Apertei a mão dele e saí. O dia estava maravilhoso. Eu já me sentia diferente. Um emprego tinha uma influência decisiva sobre o estado de espírito. Jurei a mim mesmo que, me sairia bem. Não podia deixar mal um homem como' o Sr. Rayzeus. Olhei para a carta de apresentação que levava. Eram as palavras mais lindas que eu já tinha lido.

"Harry

Apresento-lhe Frank Kane.

Faça-o trabalhar.

Vai ganhar 10 dólares por semana.

J. Rayzeus"

Não podia falhar àquele homem. Dera-me espontaneamente mais dois dólares por semana. Seria capaz de cortar o braço direito para ser-lhe agradável! Fui até ao subway da Rua Franklin assobiando.

Saltei do subway na estação da Rua 66 e caminhei até ao armazém. Era quase meio-dia e o sol fazia cair sombras esquisitas dos trilhos do elevado para a rua. Fui até ao armazém e parei diante dele. Era uma casa pequena com uma vitrina. Na fachada, estava pendurada uma tabuleta que dizia: "A Maravilha — Chá e Café". A vitrina tinha uma pequena exposição de comestíveis, mas o povo passava sem olhar para ela. Ficava num prédio reformado, um pouco afastado da esquina, entre um drugstore e uma casa de bebidas. Mais adiante, havia uma sorveteria, uma quitanda e um açougue, que formavam o centro comercial do quarteirão. Por cima do armazém havia um clube em cujas janelas lia-se: "Aliança dos Trabalhadores".

Entrei no armazém. Uma freguesa estava escolhendo algumas coisas de lata, tendo ao lado um homem de avental branco que a servia. Esperei que ela acabasse e saísse para então falar com o homem.

— O Sr. Rayzeus, do escritório, me mandou aqui.

— Ótimo! — disse ele, que parecia estar esperando alguma coisa.

Dei-lhe a carta. Ele a leu e guardou-a no bolso.

— OK, — disse sorrindo e estendendo a mão. — Sou Harry Kronstein.

Apertei-lhe a mão.

— Muito prazer em conhecê-lo, Sr. Kronstein.

Ele apanhou um avental embaixo do balcão e me entregou.

— Vista isso. A primeira coisa que pode fazer é varrer a casa.

Peguei o avental. Havia uma vassoura num canto, aos fundos do armazém. Comecei a varrer da frente do armazém, começando da porta, indo até em frente ao balcão e passando para o canto da sala dos fundos. Varri depois atrás do balcão até aos fundos. Servi-me da tampa de uma caixa para juntar o lixo e esvaziei tudo numa caixa que havia na sala dos fundos. Depois disso, fui procurá-lo.

— E agora?

Harry olhou para mim satisfeito e perguntou:

— Onde foi que aprendeu a varrer uma casa assim? Há muita gente que não sabe nem como começar.

— Já trabalhei em muitas casas, — disse eu.

Havia espalhados pelo chão muitos caixões de latas de conservas que um caminhão havia acabado de levar. Ele apontou os caixões.

— Arrume aquelas latas nas prateleiras onde puder e leve o res to para a sala dos fundos.

As prateleiras pareciam bem cheias, mas em alguns lugares havia falta de certos artigos. Vi quais eram os artigos de que havia poucas latas e procurei um caixão da mesma espécie. Logo que encontrava, levava o caixão para perto da prateleira correspondente. Dentro em pouco tinha vários caixões espalhados pela casa. Os outros para que não pude achar lugar, levei-os para a sala dos fundos e empilhei-os lá. Perguntei, então, onde era que estava a escada para que eu pudesse encher as prateleiras. Já havia arrumado nas prateleiras cerca de três caixões, quando ele me fez parar.

— Vamos, — disse ele. — Está na hora de fechar para o al moço.

Fomos almoçar na sorveteria. Sentamo-nos num dos compartimentos que ali havia e eu pude observá-lo bem. Era um pouco mais baixo do que eu. Tinha olhos azuis muitos claros, escondidos pelas lentes grossas dos óculos. Era calvo, tendo apenas uma franja de cabelos ruivos nos lados da cabeça e um bigode bem ruivo e basto. Tinha um queixo comprido e redondo que descia quase até ao seu po-mo-de-adão. Falava pausadamente e parecia cuidadoso e estudado nos movimentos até no sorriso. O sorriso

era cordial, mas de certo modo não tinha o ar de espontaneidade que seria de desejar.

Falou muito. Eu lhe contei o que havia acontecido ultimamente e ele me disse que o armazém não tinha caixeiro. Eu teria de servir de vendedor e de entregador ao mesmo tempo. Almocei um sanduíche e uma xícara de café. Depois, voltamos para o armazém.

Mais ou menos às quatro horas, acabei de arrumar as latas. A esse tempo, ele já havia recebido uma porção de pedidos, que eu fui entregar. Recebi cerca de 40 centavos de gorjetas. Quando voltei para o armazém, ele me mandou esvaziar a vitrina. Esta era pequena e num instante eu a esvaziei. Lavei depois os vidros por dentro e por fora, como me lembrava de ter feito no bilhar de Keough. Quando entrei, ele me levou para o refrigerador e me mostrou como devia cortar diversas qualidades de queijos e de manteiga para arrumá-las na vitrina.

Agradei-lhe por ter-me ensinado e ele sorriu.

— Quanto mais depressa você aprender, melhor. Poderá ser muito útil aqui e eu preciso muito de ajuda.

— Se há mais alguma coisa que eu possa fazer, é só me dizer, — disse eu. — Quero fazer um bom serviço aqui, pois preciso do emprego.

— Vai fazer um bom serviço, — disse ele. Tirou o relógio do bolso. Eram sete horas e estava na hora de fechar o armazém e ir para casa. Tiramos os nossos aventais, fechamos tudo e saímos.

Fui até o hotel e tornei a tomar um quarto para mim só. Depois saí e fui jantar. Acabado o jantar, senti-me melhor. Dei um pequeno passeio pelos arredores e voltei para o hotel. Pedi ao porteiro que me acordasse às sete horas porque não tinha despertador e não queria chegar atrasado ao trabalho.

No dia seguinte, esperei à porta do armazém que Harry chegasse para abri-lo. Apareceu na rua com o seu andar descansado e me deu bom dia. Entramos e eu varri a casa. Ele me mandou buscar café na sorveteria. Cerca de uma hora depois de termos aberto a casa, às oito horas, o Sr. Rayzeus apareceu. Eu estava limpando os vidros do balcão. Levantei os olhos e dei-lhe bom dia. Ele me respondeu com um aceno de cabeça e foi conversar com Harry, que estava junto à registradora.

Os dois conversaram durante algum tempo e ouvi mencionarem o meu nome várias vezes. Depois, o Sr. Rayzeus saiu, entrou num carro e foi-se embora. Acabei de limpar os vidros do balcão e Harry me disse que fosse apanhar algumas latas na sala dos fundos. Íamos acabar de arrumar a vitrina.

Acabamos a vitrina antes da hora do almoço e fomos almoçar na sorveteria. Depois do almoço, voltamos para o armazém e eu fui fazer algumas entregas. Recebi uns 20 centavos de gorjetas. A nossa freguesia era uma mistura de gente muito pobre — até os que viviam do socorro do governo — e de famílias da classe média que ganhavam de vinte a trinta dólares por semana. Tínhamos um sortimento de gêneros baratos, mas sempre tínhamos alguns artigos especiais para vender. O grosso do nosso movimento era feito por alguns restaurantes que Harry chamava os nossos fregueses por atacado. Compravam caixas de ovos, sacos de açúcar e caixas de alimentos enlatados. Harry me mandou passar por lá para receber os pedidos. Às sete horas, preparei-me para sair. Ele ainda ficou com a casa aberta alguns minutos depois das sete e eu esperei até que ele fechasse. Fui jantar então e voltei para o hotel.

O dia seguinte era sábado. Era um dia de muito trabalho, como Harry me havia dito. Ficaríamos abertos até à meia-noite e eu iria começar a atender os fregueses. Era também o dia do pagamento.

O dia amanheceu luminoso e claro. Cheguei de novo antes de Harry e fiquei esperando por ele. Abrimos a casa, e tomamos café. Depois, arrumei as garrafas de leite e de creme no refrigerador e esperei a freguesia. Às nove horas, entraram algumas freguesas.

Harry me fez um sinal e eu fui atender uma delas.

Era uma italiana alta e morena que falava com a voz áspera, que parecia característica dos italianos da classe mais pobre. As primeiras coisas que ela pediu foram muito simples. Depois, pediu queijo e eu fui tirá-lo do refrigerador. Queria 250 gramas mas, com a falta de prática, eu cortei um pouco mais. A balança acusava umas 400 gramas. Ao preço de 80 centavos o quilo, aquele pedaço custava bem 30 centavos. Já ia dizer o preço, mas Harry se aproximou de mim e disse baixinho. "Trinta e seis".

Tirei o queijo da balança e disse à mulher o preço que Harry me havia recomendado. Ela disse que estava bem e eu embrulhei o queijo. Ela

ainda comprou uma dúzia de ovos dos mais baratos e meio quilo de café também barato. Peguei um pedaço de papel e fiz a lista das compras da mulher. Quando acabei de escrever tudo, somei e o resultado foi 2 dólares e 38 centavos. Harry tinha olhado por cima do meu ombro quando eu marcava os preços e eu tive uma i-déia de que ele queria conferir a minha nota. Entreguei-lhe o papel, ele correu os olhos e me devolveu sem comentários. Devia estar tudo certo. A freguesa me deu uma nota de cinco dólares. Coloquei-a em cima da registradora e disse em voz alta:

— Dois e trinta e oito em cinco.

Harry registrou a venda me deu o troco. contei-o para a mulher e disse:

— Muito obrigado. Apareça.

Havia feito a primeira venda. Virei-me para atender a outra freguesa, mas Harry já havia tratado disso. Aproximou-se de mim com um sorriso.

— Saiu-se muito bem. Mas ainda precisa aprender algumas coisas. Quando se corta queijo e sai um pouco mais do que o peso pedi do, não tenha receio de cobrar um pouco mais além do peso marcado. Os fregueses não percebem nada, a maioria não é capaz nem de calcular o preço exato e isso nos ajuda a acertar a escrita em relação ao que comemos de manhã e à quebra dos ovos, por exemplo, para a qual o escritório não nos dá nenhum desconto.

— Compreendo! — disse eu.

Claro que compreendia! Isso só servia para confirmar as minhas idéias. Tudo tem um ângulo. O que é preciso apenas é procurá-lo.

Era domingo e eu dormi até tarde. Logo que acordei olhei para a cômoda onde havia colocado o novo despertador de 65 centavos que comprara na noite anterior. Passava um pouco das onze. Olhei e vi que o saco de compras ainda estava lá. Apanhei um cigarro e acendi-o. Acomodei a cabeça no travesseiro e olhei a fumaça que subia para o teto. Sentia-me repousado e satisfeito e pensei no dia anterior.

As semanas anteriores pareciam bem distantes. Nunca mais sentira frio, nem trabalhara na neve ou passara fome. Estava feliz.

Lembrei-me da noite anterior, quando o Sr. Rayzeus havia chegado perto das dez horas em companhia de outro homem. Harry me disse que aquele era o patrão, o dono de todos os armazéns da cadeia de que o nosso fazia parte. Era um homem calmo, sorridente e grisalho que me sorriu amavelmente quando passou por mim. Eu estava atendendo a um freguês e sorri também, sem saber quem era ele. Foi até a registradora, apertou a mão de Harry e conversou alguns minutos com ele. Depois, deu uma volta pelo armazém e saiu.

O Sr. Rayzeus ainda falou alguns segundos com Harry e saiu também. Ao passar por mim, disse "Boa noite, Frank" e eu fiquei contente de que ainda se lembrasse de mim.

Mais tarde, depois que fechamos e eu varri a casa, Harry me chamou à registradora para me pagar. Entregou-me sete dólares e perguntou se estava certo.

Fiquei um tanto confuso e disse:

— Deu-me demais. Só trabalhei três dias, meia semana. São cinco dólares.

Harry sorriu.

— Os outros dois são por minha conta. Sempre deixo os em pregados levarem para casa um pacote de gêneros no sábado à noite.

Mas você não precisa dos gêneros e eu lhe dou o equivalente em dinheiro. Ande direito comigo que eu andarei com você.

— Obrigado, — disse eu. Farei o possível para merecê-lo.

— Sei disso.

— Se me permite, gostaria de levar alguns gêneros para algu mas pessoas que foram boas comigo. Vou pagar.

— Pode escolher, — disse Harry, voltando-se para a registradora a fim de conferir a caixa.

Peguei uma dúzia de ovos dos melhores, um quilo da melhor manteiga, um pacote de bacon, um queijo bom, açúcar, farinha de trigo, algumas latas e uns pacotes de cereais. Calculei os preços e acrescentei dois pães e um grande bolo de 25 centavos. Cheguei junto de Harry e

entreguei-lhe a nota. Havia escrito cada artigo que escolhera com os preços. Andava tudo em três dólares e dez centavos. Coloquei o dinheiro em cima da registradora e comecei a arrumar tudo dentro de um saco.

Harry se aproximou de mim com o dinheiro na mão.

— Para quem vai levar isso?

— Para uns amigos meus. Quando cheguei a Nova York em fevereiro sem um tostão, acolheram-me em casa deles. São muito pobres e eu não podia ficar muito tempo lá, mas se não fossem eles, eu teria morrido de fome.

Ele ficou em silêncio enquanto eu acabava de arrumar o saco e, depois, me entregou o dinheiro.

— Fique com ele.

— Mas eu quero pagar, Harry. O dinheiro que tenho me chega.

Fiz hoje mais de dois dólares de gorjetas.

— Fique com o seu dinheiro, Frank. Desta vez, será por conta da casa.

Guardei o dinheiro no bolso e disse:

— Muito obrigado. Não sabe quanto lhe agradeço.

— Nem pense nisso! Vamos tomar um café no restaurante antes de irmos para casa.

Ficamos sentados conversando mais de uma hora. Eram quase duas horas da madrugada quando voltei para o hotel. O porteiro da noite me reconheceu quando eu entrei e me deu a chave do quarto. Olhou para o pacote e disse com um sorriso:

— Não se pode cozinhar nos quartos, Sr. Kane.

— Não se preocupe. É coisa que não pretendo fazer.

O cigarro estava quase no fim. Apaguei-o num pires em cima da cômoda, fiz a barba e desci para o corredor a fim de tomar um banho de chuveiro. Era tarde e não havia fila. Tomei um bom banho quente e esfreguei-me com a toalha até a pele ficar vermelha. Voltei então para o quarto e me vesti. Tomei o subway, saltei na Rua 125 e tomei o caminho

da casa dos Harris. Era quase uma hora da tarde. Subi as escadas mal iluminadas com o velho cheiro de carne de porco frita e bati na porta.

Foi Tom quem abriu, O rosto dele se abriu num sorriso ao ver-me.

— Estava agora mesmo falando em você. Entre!

Entrei e ele falou para o quarto:

— Adivinhe quem está aqui, Mamãe! — Virou-se para mim e me apertou a mão com força. — Como vai, rapaz?

Consegui tirar a mão antes que ele a esmagasse.

— Bem, muito bem!

Sam e Elly entraram na sala, correndo, seguidos mais lentamente pela mãe. Apertei a mão de Sam e Elly e beijei a Sra. Harris. Da maneira pela qual me receberam, parecia que não me viam havia anos em vez de apenas cinco dias. Quando as coisas serenaram um pouco, coloquei o saco em cima da mesa.

— Estou empregado, — disse eu, com satisfação. — Trabalho num armazém, como Sam, e trouxe alguma coisa para vocês. Ovos, manteiga, queijo, um bolo..

Parei ao ver que a Sra. Harris se havia sentado numa cadeira e estava chorando.

Fui para junto dela, passei as mãos pelos ombros dela, sentindo-lhe os ossos, e disse:

— Ora, Mamãe, que é isso? Que é que há?

— Nada, Frankie. Acho que estou chorando de alegria. Tenho rezado todos os dias por você, para que você conseguisse alguma coisa e pudesse sorrir de novo.

Fiquei em silêncio. Olhei para Sam, Tom e Elly.

— É verdade, Frank, — disse Tom. — Ela nos dizia todos os dias que devíamos rezar por você. E foi o que fizemos, não foi?

Os dois irmãos bateram com a cabeça. Virei-me para a Sra. Harris:

— Não sei o que dizer.

— Então não diga nada, — disse ela com um sorriso. — Não é preciso. O Senhor nos ouviu e nós só temos é que dizer: obrigado, Senhor. Obrigado por tantas graças.

Mais tarde, depois que comemos e eu contei tudo o que me havia sucedido — o emprego que eu tinha, quanto estava ganhando e o que fazia — a Sra. Harris disse:

— Para nós a semana foi boa também.

— Como assim?

Ela olhou muito contente para a filha e disse:

— Elly conseguiu um bom emprego. Está trabalhando em outra fabrica de fita onde faz mais de quinze dólares por semana.

— Ótimo, — disse eu, olhando automaticamente para Elly. Ela estava muito séria e me olhou com um ar quase de desafio. Fiquei sabendo no mesmo instante em que era que Elly estava trabalhando, mas não podia dizer coisa alguma. A velha não merecia isso.

— Há noites agora em que ela trabalha até tarde, — continuou a Sra. Harrys. — Mas Elly é muito boa e não se importa com isso. — Olhou para o relógio na prateleira da cozinha e se levantou. — Co mo o tempo voa! Já quatro horas e nós ternos de ir para o culto da tarde. Você irá comigo, Tom. E você também, Sam. Elly já foi à igreja hoje de manhã e pode ficar fazendo companhia a Frank até a gente voltar. Andem depressa!

Os dois homens saíram com a mãe, um de cada lado, ajudando-a a descer a escada. A Rainha da Inglaterra não poderia ser tratada com mais gentileza, mais carinho e mais ternura do que eles a tratavam. Fechei a porta e voltei-me para Elly.

Estava à janela, olhando para o pátio. Sentei-me perto dela, acendi um cigarro e disse calmamente:

— Está empregada então, Elly?

Ela não olhou para mim e respondeu com voz amarga e baixa:

— Sabe muito bem que não estou.

— Não sei de nada. Por que não me conta?

— Trabalho num apartamento com algumas mulheres. O que fazemos é dividido pelo meio com a dona do apartamento.

— Deve haver alguma outra coisa para você fazer.

— Acha que há?

Fez uma pausa e continuou:

— Há uma coisa mais que eu poderia fazer, mais isso se eu fosse branca. Podia entrar na loja de departamentos da Rua 125 e dizer:

"Sou branca e vocês podem me contratar para vender coisas aos pobres negros que não podem conseguir empregos porque são pretos e aqui nesta loja só há empregados brancos".

"Se eu pudesse fazer isso, Tom não teria também de ficar em casa o dia inteiro sem fazer nada, olhando para as mãos fortes e capazes, mas que não encontram nenhum trabalho até que a cabeça dele começa a encher-se de coisas. Sinto um aperto na garganta só de ver meu irmão sofrendo assim até encontrar o que lhe parece uma solução. Sai então e vai beber um gim ordinário e venenoso feito por algum branco que o vende bem barato aos pobres negros para que eles fiquem com a cabeça em fogo e não se lembrem mais de que são pretos. Durante algum tempo, ele é branco e o dono do mundo e ri satisfeito da vida até mergulhar no sono da bebida. Acorda no dia seguinte com a cabeça estourando, a garganta seca e o estômago queimado. Põe então as mãos na cabeça, as mãos que são pretas e não têm o que fazer. Chora então não com lágrimas nos olhos, mas no coração e pergunta: 'Onde estão aquelas belas mãos brancas que eu tinha ontem?' "Sam trabalha num armazém todas as manhãs antes da escola. Sabe de tudo no armazém, dos preços e do estoque. Mas só serve mesmo é para fazer entregas. Não pode atender aos fregueses. Não pode cortar queijo, nem manteiga. O pretume de suas mãos poderia passar para o creme ou para o pão branco que tem de descer pela garganta dos brancos."

Olhou-me com o rosto fechado e triste os olhos tão velhos quanto o tempo.

— Talvez haja outra coisa que eu possa fazer, mas o que faço mesmo é estender-me nua em cima de uma cama e fingir que estou com vontade e ansiosa para enganar quem está no quarto comigo. A pessoa nunca se preocupa de que a cor pegue nele, mas sempre me pergunta: "Não tem

nada, menina? Se tem, diga que eu não me zango. Só quero é procurar um médico quanto antes". Eu bem que gostaria de dizer: "Não tenho nada, fique descansado. Posso ser preta por fora, mas por dentro sou tão limpa quanto qualquer branca que você possa conhecer". Mas isso não daria certo e eu digo apenas:

"Estou bem. cavalheiro".

Olhou para mim firmemente e repetiu:

— Estou bem, cavalheiro.

A maneira pela qual disse me tocou no fundo do coração. Estendi os braços para ela e disse:

— Para mim, você está sempre bem.

Ela se aproximou de mim, sentou-se no meu colo, encostou a cabeça no meu peito e chorou. Deixei-a chorar à vontade. Ao fim de muitos minutos, parou, levantou-se e acendeu um dos cigarros do maço que eu havia deixado em cima da mesa.

— Não sei por que lhe conto essas coisas, — disse ela em voz tão baixa que eu quase não podia ouvir. — Você não tem culpa de que o mundo seja como é. Mas eu tenho de desabafar com alguém e não pode ser com o povo daqui de casa.

— Sei como é que a gente se sente quando tem alguma coisa na cabeça e não tem a quem contar. Já me tenho sentido assim algumas vezes. Ela foi até à pia e lavou o rosto. Depois, penteou o cabelo que estava amaciado por um preparado especial. A pele preta era muito fina e brilhava com uma palidez translúcida que lhe dava um subtom branco. o corpo era esbelto, com os seios firmes, uma suspeita de barriga, ancas fortes e pernas esguias que ainda o pareciam mais com os sapatos de salto alto. Sentou-se, tirou mais algumas fumaças do cigarro aceso e disse:

— Agora, sinto-me melhor.

Eu estava arrasado de pena dela. Ficamos em silêncio, esperando a volta da família. Ouvimos a voz de Tom nas escadas. Ela apagou o cigarro e foi lavar a boca.

— Mamãe não gosta de que eu fume, — disse-me ela.

Saí da casa deles às sete horas, antes do jantar, porque não queria tirar coisa alguma deles. A minha porção teria de sair da escassa ração com que viviam. Prometi ir vê-los de novo na semana seguinte e fui comer numa cafeteria da Rua 125. Fui depois a um cinema e vi um filme chamado Skippy, baseado numa história em quadrinhos publicada no American. Mas não havia verdade de espécie alguma no filme. Não há ninguém que viva assim.

No fim da semana seguinte, minha vida se havia organizado numa espécie de rotina. Na sexta-feira à noite, quando voltei do trabalho, falei com o gerente do hotel sobre um quarto permanente. Por três dólares por semana, consegui um quarto com banheiro. Era bem maior do que aquele que eu tinha ocupado. Tinha duas janelas de frente para a rua e um armário embutido bem grande. Havia duas poltronas, uma cadeira comum e uma mesinha de cabeceira. Uma mesa de um lado e uma cômoda do outro completavam o quadro.

O sábado foi um dia de muito trabalho. Corri de um lado para outro o dia inteiro e recebi boas gorjetas como acontecera durante toda a semana. Os fregueses pareciam gostar de mim e eu tinha o maior cuidado em ser delicado e em fazer tudo o que me pediam. Descobri que tinha muito jeito para vender. Conversava com a maior facilidade com os fregueses, pilheriando com os que gostavam disso e tratando respeitosamente os que exigiam respeito. O trabalho era árduo, mas eu gostava.

A minha visita à família Harris no domingo foi bem calma. Tom estava lendo um jornal quando cheguei. Coloquei o saco de víveres em cima da mesa.

— Onde está o pessoal, Tom?

— Foram dar um passeio.

— Alguma novidade — Não. Trabalhei um dia no caminhão de carvão. Mas isso e nada é a mesma coisa.

— É duro.

— Claro que é.

Dei-lhe um dólar, que ele aceitou naturalmente.

— Compre um maço de cigarros ou vá a um cinema. O que você precisa é mudar um pouco de vida. Ficar sentado aqui dentro pensando e preocupando não adianta nada.

— Quem é que está preocupado? Eu? Não.

Esperamos que os outros voltassem do passeio e, então, sentamo-nos e comemos. Sai às seis horas e fui jantar. Depois, comprei um jornal e subi para o meu quarto. Tirei a roupa, deitei-me na cama e li o jornal. Depois, apaguei a luz, acendi um cigarro e fiquei ali no escuro fumando pensando. Talvez eu pudesse arranjar um emprego para Tom. Peguei no sono com um idéia começando a formar-se na cabeça.

As semanas foram passando e fundindo-se umas com as outras, correndo mansamente pela minha vida. Estava ganhando bastante para viver bem se tivesse cuidado e o único dinheiro extra que eu gastava era com o que eu levava no domingo para a casa dos Harris. Ia lá todos os domingos e sempre saía de lá com uma vaga depressão.

Março deu lugar a abril, abril a maio, maio a junho. Comprei algumas roupas de que precisava, mas durante a semana só usava as calças e a camisa de trabalho. Comprei um terno novo para os domingos, mas só o vestia para ir à casa dos Harris.

Um dia, quando estava ajudando a descarregar o caminhão com as mercadorias, o motorista me disse que ia colocar outro caminhão em serviço.

— Quem é que vai dirigir? — perguntei.

— Tony, meu ajudante.

— Quer dizer então que vai precisar de outro ajudante.

— Vou, sim. Aliás, vamos precisar de dois ajudantes — um para mim e outro para ele.

Ali estava um emprego para Tom. Resolvi falar com o Sr. Ray-zeus quando ele aparecesse no dia seguinte.

Quando ele chegou, perguntei-lhe se podia falar com ele um minuto. Falei-lhe então de Tom e ele me perguntou se era pessoa de confiança — Claro que é. E quer trabalhar, pois precisa de um emprego.

— Sabe de uma coisa, Frank? Não tenho tido muita sorte com empregados negros. Nas primeiras semanas são ótimos e não se pode desejar gente melhor. Mas no momento em que se vêem com algum dinheiro no bolso, metem-se na bebedeira e só reaparecem quando estão sem um níquel — Não sei dos outros, mas esse eu conheço. Fará um bom ser viço e não é um vagabundo.

— Conhece mesmo o rapaz bem — Conheço, sim. Já trabalhei com ele e sei que é direito.

— Está bem. Mande-o falar comigo na semana que vem. Vou ter uma conversa com ele — Obrigado, Sr. Rayzeus Fui trabalhar de novo, exultante. Agora, talvez as coisas fossem melhorar para eles. Estava ansioso para que chegasse o domingo e eu pudesse dar a notícia O domingo foi claro e quente. Vesti o meu terno novo e fui para a casa dos Harris. No caminho, fui pensando em como eles ficariam contentes quando soubessem, especialmente a Sra. Harris. Cheguei ao prédio e comecei a subir as escadas. O velho casarão nunca mudava. O cheiro continuava o mesmo e os degraus soltos rangiam quando se pisava neles. A luz era mortiça como sempre e as paredes continuavam com a tinta descascada Entrei no apartamento. Elly estava sentada lendo o Sunday News, com a página colorida das histórias em quadrinhos aberta na mesa diante dela, A janela escancarada deixava entrar no apartamento todos os barulhos que vinham do pátio. Uma criança chorava, um casal estava discutindo em altas vozes e um rádio ligado a todo o volume tocava música de jazz, tudo isso formando uma e de sinfonia da pobreza.

— Alô, Frank! — disse Elly, levantando a vista.

— Alô. Onde estão os outros?

— Mamãe foi à igreja com Sam, — respondeu ela com voz cansada.
— Tom saiu bem cedo e só vai voltar à tarde.

Coloquei o saco em cima da mesa e abri — Convém guardar isso na geladeira. Algumas coisas podem estragar-se.

Ela se levantou e foi guardar o que eu havia levado. Estava muito quente ali dentro e eu tirei o paletó, colocando-o nas costas da cadeira. Elly estava com um vestido novo. Era der cetim preto e estava tão justo que os seus movimentos me mostraram que ela não devia ter muita coisa além

dele em cima da pele. Quando acabou, voltou para a cadeira onde estava sentada.

O tempo foi passando. O suor me corria pelo pescoço, ensopando-me o colarinho. Abri a gola da camisa.

Ela descansou a cabeça no braço em cima da mesa e ficou assim em silêncio. Quando ela se inclinou, percebi o tom mais claro dos seios pelo decote do vestido — Que é que há, Elly? Não está passando bem?

— Não. Estou doente.

Levantei-me e cheguei perto dela.

— Que é que está sentindo?

— Tem um cigarro aí?

Acendi-lhe um dos meus cigarros. Ao vê-la tão perto de mim, abracei-a impulsivamente. Ela não fez o menor gesto de resistência, mas deixou-se ficar inerte nos meus braços. Tentei inutilmente despertar-lhe alguma reação. Ela continuou impassível, sem ao menos largar o cigarro aceso que tinha entre os dedos. Larguei-a afinal e voltei para a minha cadeira, sentindo-me estranhamente decepcionado.

Ela foi até à janela, ficando alguns minutos ali a olhar para fora. Depois, aproximou-se de mim e disse com voz triste:

— Não pense que não me interessa por você, Frankie. Prefiro estar com você a estar com qualquer outra pessoa. Mas a verdade é que estou doente — Se está doente, por que não procura um médico?

— Já procurei, — disse ela com um tom em que havia uma ponta de medo, — Que foi que ele disse?

— Peguei uma doença ruim — Que foi?

— Sífilis — Passaram-me imediatamente pela cabeça muitas coisas que eu não podia dizer. Tentei dizer alguma coisa, mas só fiz foi gaguejar.

Ela me olhava de um jeito estranhamente arrogante — Que é que vai fazer agora? — consegui afinal perguntar.

— Não sei. O médico diz que tenho de ir para o hospital para fazer um tratamento completo, mas...

— Você não vai continuar a...

— Por que não? — exclamou ela. — Por que não vou continuar? Não foi como eu peguei?

— Mas você pode passar isso a outra pessoa.

— Que me importa? Ninguém se importou de pegar isso em mim. Azar deles. Não vou passar fome por causa disso.

— Não será preciso passar fome. Arranjei emprego para Tom num caminhão da cadeia em que trabalho.

— Conversa sua...

— Não é, não. Vim hoje mesmo dizer a Tom que vá procurar o homem no escritório.

Ela se mostrou convencida.

— Assim sendo, você pode tratar-se e ficar curada, sem ter de preocupar-se com o resto da família.

Ela fez um jeito de quem ia chorar, mas não chorou. Chegou onde eu estava e segurou-me a mão.

— É tão bom, Frankie! Tão bom que nem posso acreditar!

A Sra. Harirs chegou e ficou na porta olhando para nós. Elly correu para ela, dizendo:

— Mamãe, Frank está-me dizendo que arranjou um emprego para Tom!

A boa velha escancarou o rosto num sorriso e perguntou:

— É verdade, Frankie?

— É, sim. Tom deve ir falar com o meu chefe amanhã mesmo.

— O Senhor estava cuidando de todos nós quando Tom trouxe você a esta casa, — disse ela simplesmente.

Elly sorria, feliz. A mãe tinha também um ar de serena felicidade. Sam chegou e recebeu a notícia. Sentíamo-nos todos muito alegres. Pedi a Sam que descesse para me comprar um maço de cigarros e uma garrafa

grande de refrigerante para tomarmos por causa do calor. Tom ainda não havia aparecido. Elly desceu com Sam.

A Sra. Harris estava sentada na sua velha cadeira de balanço que rangia no assoalho enquanto ela se balançava. Depois que os passos dos filhos na escada não foram mais ouvidos, ela me disse:

— Você tem sido para nós um amigo de verdade, Frankie. Sou muito grata a tudo o que tem feito.

— Não fiz nada. Fizeram mais por mim do que eu jamais pode rei fazer por todos aqui.

Houve alguns minutos de silêncio e ela falou de novo.

— Nunca lhe perguntei isso, Frankie — porque não é da minha conta — mas você não tem outros amigos além de nós? Não há alguns brancos que você conheça?

Pensei em Jerry, em Marty e nos meus parentes antes de falar.

— Não. E se houve, já passou e não adianta mais. Foi há tanto tempo...

— Nunca procurou ninguém?

— Não. Como já disse, sei que não adianta. Com certeza, todos já se esqueceram de mim.

— Os amigos de verdade nunca se esquecem, passe o tempo que passar. E eu acho que você deve ter alguns amigos brancos, gente com quem você possa sair e divertir-se, rapazes e moças da sua idade.

— Não, basta-me a amizade de vocês. Têm sido tão bons para mim que não quero saber de mais ninguém.

— Mas você não pode sair conosco, Frankie. Você não pode ir dançar conosco. Nós somos pretos. Não é assim que se vive.

— Não quero saber como os outros vivem. E a verdade é que eu não gosto de dançar.

Ela sorriu e continuou:

— Há mais uma coisa que eu quero lhe dizer. É a respeito de Elly. Tenho a impressão de que ela está começando a gostar de você e não pode

haver senão aborrecimento para todos nós se a coisa for mais adiante na cabeça dela. Sem querer ofender os seus sentimentos, isso também não é possível.

Pensei naquilo e enquanto estava pensando ela continuou a falar.

— Ela fala a semana toda em sua vinda e, quando chega domingo, bota o vestido melhor para esperá-lo.

Eu sabia mais sobre Elly do que a própria mãe, mas ela nunca me dissera coisa alguma sobre o que pensava ou sentia. Sabia que não a amava e não acreditava nem por um minuto que ela tivesse amor por mim. Havia um sentimento entre nós, mas era uma mistura de camaradagem e de sexo, difícil de definir e que desafiava qualquer tentativa de análise. Disse então:

— Compreendo o que quer dizer e não tenho dúvida em fazer-lhe a vontade. Não gostaria de que ninguém aqui nesta casa sofresse por minha causa.

— Eu sabia que você ia dizer isso, Frankie. Você é um bom rapaz. Se eu achar que há necessidade de tomar alguma decisão, de pois eu lhe direi.

Sam chegou com o refrigerante. Abrimos a garrafa e cada qual tomou um copo. Sam me perguntou então se eu queria ir com ele ao campo perto de City College para ver um jogo de beisebol.

Hesitei. Queria esperar por Tom para lhe falar no emprego, mas a Sra. Harris achou que eu devia ir com Sam. Disse que estava cansada e gostaria de tirar um cochilo e que nada diria a Tom até à minha volta. Vesti o paletó e saí com Sam. Quando descíamos as escadas, ele me disse que Elly tinha ido ver uma amiga mas voltaria depois. Fomos para o parque.

Fazia muito calor no campo. O sol batia de chapa no lugar onde estávamos, mas o jogo estava muito bom e nos interessou muito. Compramos cachorro-quente e limonada olhamos o jogo até ao fim.

Voltamos para casa quase às seis horas e Tom ainda não havia chegado. Elly, que já havia voltado, queria que eu ficasse para jantar, mas eu pedi desculpas e fui jantar na Rua 125. Depois, fui a um cinema e saí de lá alguns minutos depois das dez horas. Resolvi voltar à casa dos Harris e ver se Tom já havia voltado. Entrei pela Avenida St. Nicholas e dirigi-me para a casa deles.

Quando dobrei a esquina para a casa, um carro de bombeiros passou por mim, tocando a sirene. Havia um incêndio no quarteirão. Saía fumaça em grande quantidade de um prédio. Fiquei olhando displicentemente o incêndio até compreender horrorizado que era no prédio onde os Harris moravam. Saí na carreira para lá.

Havia já muita gente nas imediações e a polícia estava fazendo recuar a multidão. Os bombeiros estavam levantando uma grande escada para o sexto andar e os fortes jatos das mangueiras convergiam para a casa em fogo. Comecei a andar por entre o povo para ver se via algum dos Harris. Mas estava escuro e eu não podia ver bem. Alguém me segurou pelo ombro. Virei-me. Era Tom.

— Frankie! — exclamou ele. — Onde está o pessoal?

— Não sei. Acabo de sair de um cinema. E você? Não estava em casa?

— Não. Estou chegando agora.

Nesse momento, Sam e Elly apareceram correndo e perguntaram quase sem fôlego a Tom:

— Onde está Mamãe?

— Agora é que estou chegando aqui. Não estava com vocês?

— Não. Disse que estava cansada e foi para a cama cedo.

Falamos com um dos polícias que era um preto bem alto.

— Tiraram minha mãe lá de dentro? — perguntou Tom.

— Como é ela

— Uma velha, a Sra. Harris, de sessenta e dois anos, cabelos grisalhos.

— Não, não vi ninguém assim sair da casa, — disse. o polícia.

É melhor perguntar ao comandante dos bombeiros que está ali.

A pergunta foi repetida ao comandante dos bombeiros, mas ele sacudiu também a cabeça.

— Não, não vi nenhuma senhora assim. Mas não se preocupe.

Se ela estiver lá dentro, nós a tiraremos Tom virou-se para a casa.

— Mamãe ainda está lá e eu vou buscá-la!

Correu para o prédio mas dois policiais o agarraram.

— Não pode entrar. — disse um deles. — Os bombeiros vão salvar sua mãe.

— Minha mãe está lá dentro! — gritou ele, lutando para livrar-se. No terceiro andar nos fundos. Tenho de ir buscá-la.

— Mas não pode ir! — gritou um dos policiais.

Tom conseguiu soltar uma das mãos e assentou um murro no outro polícia que o segurava. O polícia se esquivou e acertou um murro no queixo de Tom que cambaleou. Deixaram-no cair no chão, amparando-o delicadamente.

— Não podemos deixar que ele entre, — disse o polícia às pessoas que o cercavam. — Iria morrer com certeza. A casa está-se queimando como se fosse uma caixa de fósforos.

Alguém deu um grito. Olhei e vi Elly que havia rompido o cordão de isolamento e corria para o prédio. Sam estava ajoelhado no chão ao lado do irmão. Sai correndo atrás de Elly.

— Volte! Volte! — gritei desesperadamente.

Ela entrou pela porta do prédio e eu fui atrás dela. No momento em que ia chegando à porta, senti um jato de água nas costas.

Um bombeiro havia voltado a mangueira para mim. Entrei aos tropeções no prédio. O hall estava escuro e todo tomado de fumaça. A água da mangueira salpicava-me a cabeça. Rastejei até à escada e comecei a subir, gritando:

— Volte, Elly! Elly! volte!

Ninguém me respondeu. Fui até ao terceiro andar. Elly estava entrando na cozinha. Dei um pulo pela porta e segurei-a. Tentei puxá-la para fora. As chamas haviam tomado todo o fundo do apartamento. Havia tanta fumaça que quase não nos podíamos ver. Elly estava tossindo.

— Você tem de voltar comigo! — disse eu, puxando-a.

— Mas Mamãe está ali dentro e eu tenho de salvá-la. Está-me ouvindo, Mamãe? Já vou!

Arranhou-me furiosamente o rosto com as unhas. Tentei bater nela, mas não acertei. Ela então me deu um pontapé, desvencilhou-se de mim e correu para o quarto.

As chamas recrudesceram depois que ela passou. Senti que me queimavam o rosto. Procurei segui-la. Ouvia-lhe os gritos lá dentro:

— Mamãe! Mamãe! Onde está você?"

Ouvi então um fragoroso barulho e um grito que se estrangulou no meio. Por um minuto, o fogo à minha frente diminuiu e eu vi que a parede entre os quartos havia caído e que parte do teto bloqueava a entrada. Em seguida, as chamas voltaram a crescer e eu tive de fugir para o corredor, com aquele grito ainda a ressoar-me nos ouvidos. Corri para as escadas. Tropecei no primeiro degrau e rolei até o patamar seguinte. De todos os lados caíam em volta de mim pedaços de madeira em chamas. Corri até o último lance de escadas. Diante de mim, a entrada estava ardendo, mas não havia outro caminho. O jato de água de uma mangueira entrou pelo hall. Quase de rastos, procurando conservar-me sob o jato, corri para a rua. Levantei-me então e corri para onde estava o povo.

Um dos bombeiros segurou-me e perguntou asperamente:

— Está bem?

— Estou, — respondi, tossindo.

Ele me amparou, levando-me para uma distância segura. A multidão estava sendo forçada a recuar pela polícia, que gritava:

— Afastem-se! Afastem-se! O prédio vai desabar!

Cheguei perto de Tom e de Sam. Tom ainda estava estendido no chão, mas começava a voltar a si, mexendo com a cabeça. No momento em que levantou o corpo, o prédio ruiu estrepitosamente.

Uma nuvem de pó se levantou no ar com uma ou outra língua de fogo a subir no céu negro da noite. Tom levantou-se. Não sabia que Elly havia corrido para o prédio. Deu dois passos na direção da casa incendiada e gritou com a cabeça para o alto, como se estivesse falando para o céu:

— Eles vão pagar por isso, Mamãe! Está ouvindo? Vão pagar por isso, todos eles! Os exploradores dos brancos, todos esses malditos que não nos deixam viver em casas melhores! Vão pagar por isso! É uma promessa, está ouvindo, Mamãe? É uma promessa!

Um polícia correu para ele e tentou fazê-lo recuar. Tom voltou-se contra ele. Agarrou-o pelo pescoço e tentou estrangulá-lo. O rosto do polícia se mostrou muito branco ao clarão das chamas.

— Você é o primeiro! — gritou Tom com um brilho demente nos olhos. — É o primeiro mas não será o último! Todos vocês vão pagar!

O polícia preto com quem havíamos falado da correndo. Tentou afastar Tom do outro guarda e não conseguiu. Finalmente, recuou um pouco, pegou o cassete e desfechou-o na cabeça de Tom. Este caiu como uma rês abatida. o guarda atacado continuou de pé ao lado dele, atordoado e ofegante.

Dois homens vestidos de branco apareceram, colocaram Tom numa padiola e levaram-no para uma ambulância. Sam e eu corremos para junto do chofer.

— Ele é meu irmão, — disse Sam. — Posso ir também?

— Pode, sim. Entre lá atrás.

Entramos na ambulância. O interno que estava lá me olhou com curiosidade.

— Está bem amarrotado, hem? — murmurou ele.

Olhei para o meu terno novo. Estava todo sujo, molhado e rasgado. Nunca mais poderia usá-lo, mas isso não tinha a menor importância.

— Não foi você o camarada que saiu correndo atrás da moça?

— perguntou o interno.

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça.

— Deixe-me então examiná-lo, — disse ele, pegando o estetoscópio. — Tire o paletó.

Obedeci automaticamente. Fiquei olhando Sam, que estava sentado ao lado do irmão. O rosto dele estava parado. Parecia não haver

compreendido ainda tudo o que acontecera. Não chorava. Limitava-se a olhar para o irmão. Creio que nem sabia que estávamos na ambulância com ele.

Eu estava molhado até à pele. Sentia o rosto seco e queimado, os cabelos das costas das mãos estavam chamuscados e as mãos estavam quentes. O médico me deu alguma coisa para tomar depois que me examinou e me tomou o pulso.

— Você tem muita sorte! — exclamou ele. — Não tem uma só queimadura grave!

Duas horas depois, eu estava sentado com Sam no corredor do hospital, esperando que o médico saísse e desse notícias de Tom. Ele havia levado uma pancada fortíssima na cabeça e, durante algum tempo, pensaram no hospital que não escapasse, o que teria sido bem melhor para ele.

Quando nos deixaram entrar no quarto, Tom estava sentado na cama, chorando. As lágrimas lhe rolavam pelas faces. Sam, que até àquele momento quase não havia falado, gritou: "Tom! Tom!" e correu para ele e abraçou-o.

Tom olhou-o sem parecer reconhecê-lo. Continuou a chorar, balbuciando coisas ininteligíveis, incoerentes. Empurrou Sam.

— Saia daqui. Quero é Mamãe. Onde está ela?

Olhei para o médico e este me respondeu antes que eu lhe fizesse a pergunta:

— Nunca mais será o mesmo homem. Sofreu muitos choques e a cabeça dele não resistiu. Só precisa agora é de repouso e sossego.

Sam estava de costas para nós, olhando para Tom, mas ouviu tudo o que o médico disse. Virou-se para mim com lágrimas nos olhos e a boca torcida em soluços controlados.

— Chore à vontade, — disse-lhe eu. — Há horas em que até os homens choram.

Ele se sentou numa cadeira, pôs a cabeça entre as mãos e chorou desesperadamente, com o corpo sacudido pelos soluços. Aproximei-me

dele e coloquei a mão no seu ombro. Ao fim de algum tempo, parou de chorar e nós saímos para o corredor. Sentamo-nos de novo ali, sem a menor idéia do que íamos fazer.

Mais de meia hora passou e afinal ele falou. A voz dele se tornara de repente mais velha, mais amadurecida.

— Frank, pode conseguir para mim o emprego que ia arranjar para Tom?

— E os seus estudos, Sam?

— Vou conseguir dispensa do que me falta para poder trabalhar. Já tenho idade bastante e tenho de fazer alguma coisa. Pode conseguir isso para mim?

— Acho que sim.

— E estranho, — murmurou ele, quase como se estivesse falando consigo mesmo. — Há ainda poucas horas, eu tinha lar, família e um lugar para onde ir. Agora, não tenho mais nada!

— Quer ir morar comigo até podermos acertar tudo?

Ele me olhou com gratidão. Nesse momento, um preto alto apareceu no corredor. Veio para onde estava Sam e eu reconheci o ministro a quem fora apresentado na igreja da loja.

Sam levantou-se ao vê-lo chegar.

— Alô, Reverendo.

— Sam, — disse o ministro, passando o braço pelos ombros do rapaz, — vim logo que soube. Você vai para minha casa comigo e vai ficar lá. Não está sozinho. E ainda tem o Senhor.

— Conhece meu amigo? — perguntou Sam, apontando-me.

— Já nos conhecemos, sim, — disse ele, estendendo-me a mão.

— E disseram-me que procedeu com muita coragem.

Não respondi. Descemos juntos o corredor e nos despedimos à porta do hospital. O ministro levou Sam para um táxi e me perguntou se queria que me deixasse em algum lugar. Agradei e disse que poderia ir para casa sozinho. Vi o táxi partir e tomei o caminho do hotel.

Elly e Mamãe Harris foram enterradas dois dias depois numa manhã chuvosa de terça-feira. O ofício fúnebre foi rezado na pequena igreja e depois, dirigimo-nos para o cemitério. Quando a terra começou a cair me cima dos caixões, o ministro fechou o livro e falou. Eu estava perto de Sam e olhei-o. Estava sozinho à beira das sepulturas, enquanto a chuva caía. Tom ainda estava no hospital e lá ficaria por muito tempo.

O ministro falava e a chuva que lhe batia no rosto misturava-se com as lágrimas que não podia conter. Parecia uma grande estátua de ébano contra o céu cinzento.

— Senhor! — exclamava ele. — Olha para nós, teu povo, que a ti recorreremos em busca de força, compreensão e esperança..

Foi essa a palavra que durante alguns dias me ressoou nos ouvidos. Esperança! Onde estaríamos nós sem ela?

INTERLÚDIO

JERRY

"É estranho", pensava Marty, "Jerry pode me dizer o que quiser mas ele não conhecia Frank. Mais estranho ainda é que nenhum de nós parece pensar sobre ele da mesma maneira. Era uma pessoa diferente para cada um de nós. Cada um de nós o via diferentemente, à luz da sua experiência e conhecimento. Quem estará certo? Talvez nenhum de nós. Mas não sei... Talvez Ruth. Ela foi a primeira a ver..."

Os seus pensamentos foram interrompidos por Jerry, que lhe perguntou se queria beber alguma coisa. Recostou-se na cadeira e ficou vendo Jerry preparar os uísque. Quando voltou a cabeça, viu que Janet estava olhando para ele. Sorriu para ele e Marty retribuiu gentilmente o sorriso. Velhos amigos... Eram bem conhecidos, pensava-se que se sabia tudo sobre eles e, entretanto, ainda se tinha muito que aprender nesse particular.

Pegou o copo que Jerry lhe deu e começou a beber lentamente, saboreando o maciez do bom scotch.

Janet voltou-se para ele.

— Que era que Ruth pensava dele? — perguntou ela, acendendo um cigarro.

— Que coisa mais curiosa! — exclamou Marty. — Estava agora mesmo pensando nisso.

"Creio que Ruth foi a primeira pessoa de todos nós que viu Frank como realmente era. A primeira vez em que o viu, no dia em que o levei à minha casa pela primeira vez, não gostou. Teve um pouco de medo dele, o que não era natural nela.

"Ela me encontrou sozinho por um instante e disse. 'Ele não é mais garoto', disse ela, perplexa. 'Parece mais um homem. O olhar dele faz a gente sentir-se velha e consciente de si mesma'.

"Pobre Ruth! Na realidade, ele a impressionou mais do que a qualquer de nós. Ela era alguns anos mais velha do que nós e muito mais adulta do que pensávamos. Só muito tempo depois é que ela me falou a respeito dele.

"Talvez se lembre de que nós tínhamos uma moça trabalhando lá em casa naquele verão. Chamava-se Julie, se não estou enganado, mas o nome não tem importância. Devia ter uns vinte anos e era bem bonita ao seu jeito francamente sexual. De qualquer maneira, Frank a viu e 'rendeu-se aos seus encantos', como se dizia antigamente.

"Naquela noite, Frankie me dera uma lição de boxe e um olho arroxado. Ruth ficou muito aborrecida com isso. Disse-lhe boas quando ele se despediu e se arrependeu no momento em que ele saiu. 'Afim de contas', pensou ela, 'o pobre rapaz é órfão e nunca deve ter tido um só amigo'. Foi ao meu quarto ver como eu estava passando e ficou algum tempo ali conversando.

"Depois, saiu e foi até à cozinha para beber um copo de água. Quando acabou e ia botar o copo em cima da pia, julgou ouvir barulho no quarto de Julie. Foi até à porta, pensando que Julie devia estar ainda acordada e que as duas poderiam conversar um pouco. Mas quando já estava com a mão na maçaneta da porta, ouviu a voz de outra pessoa dentro do quarto.

"Ficou um pouco nervosa e foi para um pequeno corredor perto da cozinha e ficou ali, de costas para a cozinha. Não tinha, a princípio, a intenção de espionar, mas havia um espelho na parede pelo qual ela podia ver tudo o que aconteceria na cozinha. Viu a porta do quarto de Julie abrir-

se. Julie olhou m volta para ver se havia alguém e então entrou na cozinha seguida de Frank. Julie fez Frank sair pela porta de serviço e ali ele a beijou. Ruth percebeu, olhando-os, que ali não se tratava de simples namoro. Tudo entre eles estava impregnado de sexualidade. Tentou desviar os olhos, mas não pôde. Sentia-se fascinada pelo que via no espelho. Para ela, aquilo era um exemplo eloqüente da sordidez do sexo, mas era também uma armadilha em que ela caiu sem saber.

"Sentia por procuração a intensidade das emoções de Frank e estava perdida sem ter consciência disso. Não tinha na época experiência suficiente para compreender corretamente o que ela própria sentia tentar analisá-lo. Sabia apenas que o que ela sentia fora sentido por outras pessoas e que nada seria capaz de satisfazê-la enquanto não soubesse o que era que desejava nele.

"Tentou tirar aquilo da idéia dizendo que ele era um garoto. Mas não podia desconhecer que Julie sabia também que Frank era um garoto e, apesar disso, sentia por ele o mesmo que ela sentia.

"Ruth voltou para o quarto dela, chorando, sem saber por quê. Se eu soubesse disso naquela ocasião, teria falado em 'choque emocional'. Passou a noite sem dormir e, quando se levantou no dia seguinte, exausta e nervosa, havia formulado inconscientemente um plano para amesquinhá-los aos seus olhos.

"Desde então, não teve a menor piedade com Frank — fazia pilhérias com ele, ria das suas gafes, diminuía tudo o que ele conseguia. Não sei se Frank chegou a compreender por que ela fazia isso. O que sei é que um dia na escola ele a beijou. E todas as coisas que ela havia arquitetado a respeito dele se desmoronaram por completo.

"Ruth ficou sabendo então que aquele era o único homem que ela seria capaz de querer na vida e que isso não era um capricho de criança, mas uma emoção adulta, séria e sincera e ansiosa por uma satisfação adulta.

"Só vim a saber disso muitos anos depois. Ela havia começado a trabalhar na seção hospitalar do Departamento de Assistência. Lembra-se desse tempo, Jerry? Foi seu pai quem conseguiu o lugar para ela. Eu estava trabalhando como interno no Hospital Geral de Manhattan no último turno e chegava em casa às três horas da madrugada.

"Uma noite, quando cheguei, vi a luz acesa na sala. Fui ver o que era e encontrei Ruth que pegara no sono na poltrona. Acordei-a delicadamente, pois não queria assustá-la. Ela abriu os olhos e as primeiras palavras que me disse foram: 'Acabo de ver Frank'. Limitei-me a murmurar: 'Frank?' Que Frank? Acho que ela nem me ouviu, pois começou a falar precipitadamente: 'Você não seria capaz de reconhecê-lo, Marty. Está muito mudado. Os cabelos estão quase brancos e ele parece cansado, solitário e derrotado. E ainda mais, com fome. Foi por isso que o levaram para o hospital. Havia perdido os sentidos no meio da rua. O médico disse que ele já estava sem comer havia vários dias'.

"Espere um pouco, menina — disse eu. — De quem é que você está falando? — Ela me olhou como se estivesse surpresa de que eu não soubesse de quem estava falando e disse: 'Francis Kane'.

"De repente, fiquei tão agitado quanto ela. 'Frankie?' — disse eu num grito, esquecendo-me de que horas eram. 'Onde foi que você o viu?' — 'É exatamente o que lhe estou tentando dizer. Vi-o no hospital hoje à noite'.

— 'E que foi que ele disse, Ruth? Reconheceu-a?' — 'Não', disse ela, desatando a chorar. 'Negou que nos conhecesse. Negou que fosse o Frank Kane que eu sabia que ele era — mesmo depois de eu ter dito que o amava.'

— 'Era um pouco demais para mim. Deixei-a cair no sofá e perguntei: 'Você disse o quê?', perguntei, pensando que não tinha ouvido direito.

"Ela parou de chorar e me olhou com firmeza: 'Disse-lhe que o amava e que não me esquecia do beijo que me dera no corredor da escola, mas ele só fez pilheriar e afirmar que não era a pessoa que eu julgava. Disse então que iria voltar com você amanhã de manhã, que ele talvez sofresse de amnésia e, por isso, não podia lembrar-se de nós. Mas eu sei que ele se lembra perfeitamente de tudo, mas que se cercou de um muro no qual colocou um cartaz proibindo a entrada e não deixará ninguém passar. E foi isso que me convenceu mais ainda de que era ele, porque logo que nos conhecemos, quando eu dizia alguma coisa que o feria, ele ficava com aquela mesma expressão de alheamento, como se um muro invisível fosse levantado em torno dele e ninguém pudesse transpô-lo, conseguindo ao máximo machucar-se, caso insistisse.' "Olhei-a durante algum tempo em

silêncio. Compreendi então muitas coisas a respeito dela — porque nunca tivera um namorado, porque nunca pensara em casar-se. Ela já estava quase com vinte e cinco anos e eu a havia conhecido quase todos os dias da sua vida e naquele momento é que começava a compreendê-la. É curioso. Conhecemos tão pouco de nós mesmos que não é de surpreender que só se comece a compreender uma pessoa com quem sempre se conviveu depois de vinte e cinco anos.

— 'Iremos lá amanhã de manhã e eu vou ter uma conversa com ele', disse eu por fim. 'Não adianta Marty, tenho certeza de que a- manhã de manhã ele não estará mais no hospital'. 'Vamos então a- gora mesmo', disse eu, levantando-me.

— "'Não, Marty, não iremos lá agora', disse-me ela com voz suave. 'Se fizermos isso, ele nunca nos perdoará. A única coisa que ele realmente teve e ainda tem é o seu orgulho e se lhe tirarmos isso, ele não será mais o Frankie que conhecemos. Temos de deixar que ele resolva o seu caso por si mesmo, como sempre fez'. 'E você, Ruth?' 'Eu posso esperar'. Fez-me sentar ao seu lado e apoiou a cabeça no meu ombro. 'Compreenda, Marty. Ele nunca teve realmente uma chance de ser jovem. Sempre teve de lutar muito e de enfrentar um mundo hostil. Nunca foi um adolescente no sentido exato do termo. Saltou diretamente da infância para a idade adulta. Era por is so que ele nos parecia velho quando nós éramos garotos. Era por isso que alguns gostavam dele e outros não. Não era possível haver meio-termo em relação a ele. Tinha de ser uma coisa ou outra. Mas no fundo ele não passava de um garotinho ávido por um carinho, ansioso por amor.' 'Mas, Ruth, se ele se afastar desta vez, talvez nunca mais volte'. 'Eu sei, Marty, mas é um risco que eu tenho de correr'. Sorriu e acrescentou como se soubesse mais do que queria dizer. 'E creio que voltará. Quando isso acontecer, vou-me casar com ele e tirar do rosto dele aqueles sinais de solidão e de amargura. Farei ruir aquele muro para construir outro — feito de amor e não de desconfiança'. 'Mas isso pode levar anos'. 'Podemos esperar', respondeu ela, com os olhos cheios de calor e confiança. 'Somos moços e podemos esperar. Enquanto isso, há outros a quem posso ajudar. Há muitas crianças como Frank neste mundo — muitas crianças que são forçadas a desistir da infância para conseguir o necessário. Todas as crianças têm direito a uma oportunidade. Gostaria de contribuir para ajudá-las nesse sentido.

— 'Não iremos então ao hospital esta noite?', perguntei. 'Não, Marty', disse ela, 'não iremos esta noite. Deixemo-lo descansar bem.

Ele precisa muito disso'. Aparecemos lá no dia seguinte e, como Ruth havia previsto, ele já havia saído.

'O tempo foi passando. Terminei os meus estudos e comecei a clinicar. Vocês dois se casaram e Jerry foi trabalhar na procuradoria. Ruth chegou a chefe de seção no Departamento de Assistência Infantil. Estávamos todos crescendo. Mas nós víamos e observávamos o crescimento uns dos outros. Eu sabia onde vocês estavam e vocês sabiam a todo o tempo o que eu estava fazendo.

'Mas nenhum de nós sabia de Frank, nem mesmo depois que ele voltou para a nossa vida. Não soubemos nem mesmo depois que ele se casou com Ruth. Talvez ele tivesse contado a ela, mas ela nunca nos disse nada. Francis passou pelo que eu gosto de chamar 'os anos perdidos'. Não sei o que foram para ele esses anos, de transição para a idade adulta. Será que alguém sabe? Não sei..."

Marty acabou de beber o seu uísque e foi até à janela. O seu espírito estava anuviado e ele se sentia curiosamente deprimido. A noite perdera para ele toda a sua magia.

— Marty — , disse Jerry, chamando-o.

Voltou-se e notou que Jerry estava com uma fisionomia diferente, como que livre da tensão que o dominara. Parecia mais animado e seguro de si mesmo.

— Talvez eu possa dizer-lhe o que foram esses anos — murmurou Jerry.

QUINTA PARTE

Sam deixou os estudos e foi trabalhar no caminhão. Ganhava cerca de doze dólares por semana e morava com alguns parentes seus no fim do Harlem. No meado do verão, eu já estava bem articulado com o trabalho do armazém. Embora Harry nada me dissesse, eu podia ver da maneira pela

qual ele me tratava e do jeito com que os fregueses falavam comigo que ia muito bem, O trabalho me tomava a maior parte do tempo só aos domingos, que era o meu dia de folga, ficava sem fazer nada e acabava entrando num cinema.

Não fazia amigos com a facilidade de outros tempos, de modo que os meus interesses externos eram de certo modo restritos. Mas não me importava muito com isso. Estava satisfeito de que a minha vida transcorresse daquela maneira rotineira. Nos meus momentos de descontentamento, dominava-me para jogar tudo no fundo da cabeça juntamente com outros anseios indefinidos. Fiz várias tentativas de descobrir o paradeiro de meu tio junto à firma para a qual ele havia trabalhado, mas parecia que toda a família havia desaparecido de vez. Não houve muito movimento no armazém durante o verão e Harry me disse que iria pleitear um aumento para mim no outono. O meu salário era de dez dólares por semana aos quais se juntavam os dois dólares que Harry costumava dar-me e cerca de três dólares de gorjetas em média, o que fazia um bom total de quinze dólares por semana e me dava perfeitamente para viver. Gostaria de ter mais dinheiro, mas quem é que não gostaria? A verdade é que os empregos estavam muito difíceis naquela época e eu devia dar-me por satisfeito. Não era tanto dinheiro quanto eu ganhava no tempo em que trabalhava para Keough, mas eu não estava interessado em voltar a fazer aquela espécie de trabalho. Não abandonava, porém, a esperança de conseguir um emprego que me desse mais dinheiro.

Em julho, Oto, proprietário da sorveteria em nossa rua, me perguntou se queria trabalhar para ele nos domingos à tarde, quando era maior o seu movimento. Pagar-me-ia dois dólares para trabalhar de uma hora da tarde às oito da noite. Desde que não tinha nada mesmo para fazer aos domingos, aceitei. Dentro de poucas semanas, estava inteiramente a par do serviço a ponto de poder ficar sozinho na casa. Gostava muito de conversar com os rapazes que apareciam por lá. Muitos deles vinham do clube que ficava em cima do armazém.

Eu sempre sentira curiosidade a respeito daquele clube. O letreiro nas janelas dizia "Aliança dos Trabalhadores", mas o nome nunca me pareceu apropriado porque quase todas as pessoas que lá iam recebiam pensão de desemprego e não trabalhavam. Todos os sábados à noite, quando

ficávamos trabalhando até tarde no armazém, ouvíamos um bocado de barulho lá em cima.

Numa noite de sábado, quase à meia-noite, quando fechamos, resolvi subir e saber a causa daquele barulho. Vários sócios do clube já me haviam convidado para ir até lá, mas eu nunca tivera a menor vontade de subir. Acho que naquela noite estava um pouco agitado e precisando de algum convívio humano.

O local onde se reuniam era um grande apartamento, onde haviam derrubado paredes para fazer um enorme salão. Havia num canto do salão uma orquestra de quatro figuras e uma mesa preparada com pratos de frios, e pão, um barril de chope, um vaso de ponche e algumas garrafas grandes de vinho tinto. A orquestra estava tocando alguma música harmoniosa que eu não conhecia e alguns pares de moços estavam dançando, enquanto os mais velhos formavam pequenos grupos e conversavam com sanduíches na mão.

Entrei procurando alguém que eu conhecesse. Por fim, vi um camarada chamado Joey — não sabia o sobrenome dele — que costumava fazer compras no armazém.

— Não esperava você por aqui — disse ele, aproximando-se e com surpresa na voz.

Apertei-lhe a mão estendida e disse rindo — Resolvi vir ver o que é que vocês fazem aqui em cima.

Ele me pegou pelo braço.

— Venha que eu lhe vou mostrar a casa.

Apresentou-me a vários rapazes e moças e eu cumprimentei várias pessoas que conhecia do armazém. Depois, levou-me para a mesa, meteu-me um sanduíche nas mãos e disse-me: "Divirta-se". Correu então para a porta a fim de falar com alguém que estava chegando. Calculei que ele fazia parte da diretoria do clube, pois parecia conhecer todo o mundo.

Pouco depois, vi uma pequena que eu conhecia conversando com um rapaz. Eu a conhecia do armazém porque havia uma espécie de brincadeira habitual entre nós. Ela sempre ia comprar uma garrafa de ketchup e fazia o pedido muito depressa de uma maneira que eu achava engraçada.

Encaminhei-me para ela, tirei uma dentada do sanduíche para ter a boca cheia e perguntei-lhe:

— Foi buscar o seu ketchup hoje? — perguntei.

Ela me olhou, parecendo também um tanto surpresa.

— Que é que está fazendo aqui?

— Sou do partido!

— Isso é que eu duvido!

— Está bem. Só vim então porque a comida é de graça.

— Essa é que é a verdade. É por isso que todos nós estamos aqui.

O outro camarada se afastou e começou a conversar com outra — Vamos dançar? — perguntei-lhe.

— Está bem. Vou arriscar-me.

Coloquei o resto do sanduíche em cima de uma cadeira e começamos a dançar.

— Isso aqui é muito agradável — disse eu.

— E é de graça.

Já era tarde, mas continuou a chegar mais gente enquanto dançávamos. Pisei muito os pés dela. Havia já muito tempo que eu não dançava.

— Você pode saber muito bem cortar queijo disse ela, aborrecida, depois que lhe pisei o pé pela sexta vez. — Mas dançar é coisa que você nunca soube em sua vida!

Apertei-a de encontro a mim e murmurei:

— Dançar é apenas um pretexto...

Ela me empurrou com uma exclamação de indignação e nisso a musica parou.

— Está na hora do discurso — disse ela.

— Quer dar o fora daqui? — perguntei, pois tinha outras idéias.

Ela não quis. Voltamos para a cadeira onde eu havia deixado o sanduíche e nos sentamos.

— Fique — disse ela — , que talvez possa aprender alguma coisa Olhei e vi Joey subindo a uma grande mesa que haviam arrastado para o meio do salão. Levantou a mão, pedindo silêncio e disse:

— Atenção, muita atenção! Como sabem, temos hoje aqui conosco um grande orador que todos vocês conhecem e já ouviram.

Não é preciso que eu o apresente. O trabalho que ele desenvolve na sua seção da cidade todos conhecem. Todos nós estamos a par dos serviços por ele prestados a todos nós e ao partido. Dou a palavra a Gerro Browning.

Saltou para o chão e, com grande surpresa para mim, um negro alto e jovem tornou o lugar dele em cima da mesa. A assistência era um bocado misturada. Irlandeses, italianos, escandinavos, poloneses, tudo. Ele era o único negro presente, mas foi muito aplaudido. Todo o mundo gritava e batia palmas enquanto ele olhava em torno calmamente, sorrindo um pouco. Afinal, levantou as mãos e houve silêncio. Ele então disse com a voz estranhamente sem qualquer sotaque:

— Amigos, vejo muitas caras novas esta noite. São pessoas que ainda não conheço, mas têm caras sinceras e humanas. São gente como nós, querem da vida o mesmo que nós queremos e é com satisfação que lhes agradeço a presença esta noite.

Todos aplaudiram. Ele esperou que os aplausos cessassem e continuou:

— Não vou falar esta noite sobre o partido ou sobre os seus princípios. Não vou repetir as coisas que todos já sabem tão bem.

Em vez disso, vou contar a história de um homem que mora aqui nesta rua.

"Esse homem nunca esteve aqui nesta sala. Nunca veio a qualquer das nossas reuniões. Embora eu e outras pessoas o tivéssemos convidado, ele nunca veio. Como muitos de vocês, recebeu durante algum tempo pensão por desemprego e ultimamente conseguiu um lugar em Long Island na companhia de eletricidade. Talvez um dos motivos pelos quais ele

nunca apareceu aqui foi o receio de que os seus patrões soubessem que ele pertencia ao nosso clube e pudessem despedi-lo, forçando-o a receber de novo a pensão de desemprego até conseguir outra coisa. De qualquer modo, disse várias vezes que o haviam avisado que se afastasse de nós e não tivesse qualquer espécie de relações conosco — que nós éramos um bando de canalhas agitadores e que ele perderia o pouco que conseguira e tinha.

"Na semana passada, quando cavava o chão para o assentamento de um novo cabo, a pá dele, ao ser metida na terra, tocou num fio descoberto. O choque da corrente elétrica atingiu-o e jogou-o a três metros de distância, produzindo-lhe contusões e queimaduras graves. Ainda está num hospital e não sabemos se escapará.

"Quando eu soube do acidente, fui procurar a esposa dele e perguntei-lhe o que poderíamos fazer para ajudá-la. Ela achou que nada havia que pudéssemos fazer, mas me contou onde e como o marido dela sofrera o acidente. Na mesma noite, comuniquei tudo à sede do partido. Mandaram um médico, especializado nesse tipo de trabalho, para vê-lo no hospital, e um investigador para olhar o local do acidente. O médico está lutando neste momento para salvar a vida do homem.

"O relatório do investigador que está comigo diz claramente que o homem não foi vítima de um acidente do trabalho comum, mas de um acidente causado pela negligência da companhia para a qual trabalha. Eis as palavras textuais do relatório: 'A lei determina que os cabos de energia descobertos sejam assentados a uma certa distância abaixo do nível da rua. Os cabos existentes no local do acidente não estavam assentados na profundidade necessária e determinada expressamente por lei. Estavam um metro mais alto do que deviam estar'. Ouviram bem, amigos? Um metro mais alto do que deviam estar! Esse metro pode representar para aquele homem a diferença entre a vida e a morte. Esse metro pode ser a diferença entre a fome e o sustento para a família daquele homem. Já falei com os nossos advogados e eles vão intentar uma ação contra a companhia e providenciar para que se faça justiça neste caso."

O povo começou a aplaudir, mas ele levantou as mãos pedindo silêncio. Com as mãos assim acima da cabeça, parecia quase um profeta.

— Amigos — continuou ele — , a mulher do homem de quem falei está aqui esta noite. O dinheiro que vai receber da junta de indenização mal dará para comprar comida para os filhos. Não chegará para pagar o aluguel, nem as contas de luz gás. Sei muito bem que vocês mal podem poupar alguns níqueis do pouco que têm para aju dá-las, mas quero que façam justamente isso.

"O partido se encarregará das despesas judiciárias com a ação que foi intentada. Mas sei perfeitamente que podem privar-se de alguma coisa para ajudar a mulher e a família desse homem. Não se esqueçam de que o que aconteceu a ele pode acontecer a qualquer de vocês. E o que acontece a qualquer de nós, atinge-nos a todos. Temos de trabalhar juntos. Temos de lutar juntos."

A sua voz se tornou mais calma, mais determinada, mais positiva.

— Temos direito a viver, a trabalhar e a comer. Não conquistaremos esses direitos se não estivermos dispostos a ganhá-los por nós mesmos. Não se esqueçam de que, quanto mais forte for o partido e mais gente tiver, mais respeito poderemos exigir para os nossos direitos fundamentais. Quero que se esforcem para conseguir novos filiados. Quero que vendam ou distribuam os nossos papéis e folhetos. Mas, mais do que tudo, quero que dêem todo o apoio possível ao nosso clube para que o clube possa dar todo o apoio possível a todos vocês!

Desceu da mesa e muita gente se reuniu em torno dele, todos falando.

Olhei para a moça que estava ao meu lado. Nunca pensara muito nela, como nunca pensara muito no pessoal daquele clube. Tinha ouvido Harry dizer muitas vezes que a maioria não trabalharia ainda que tivesse uma oportunidade. Mas estava em dúvida naquele momento.

Os olhos da moça brilhavam. O rosto estava pálido de emoção, acentuando o contraste com o batom e o rouge.

— Vamos, disse ela, estendendo a mão. — Você está trabalhando. Dê alguma coisa.

Tirei uma moeda de 25 centavos.

— Você pode dar mais do que isso. Quero um dólar!

Dei-lhe um dólar e disse, rindo:

— Pensei que a coisa aqui fosse de graça e agora estou pagando como em qualquer outro lugar.

— Deixe de ser sujo! — disse ela friamente. — Gostaria de que isso acontecesse com você?

Levou o dólar e entregou-o ao homem que tinha acabado de falar. Com certeza, ele perguntou quem dera o dinheiro, pois ela apontou para mim.

Pouco depois, ele se afastou das pessoas que o rodeavam e se aproximou de mim.

— Obrigado pela sua contribuição — , disse ele, estendendo-me a mão. — Foi mais do que qualquer outra pessoa deu.

— Eu estou trabalhando — , respondi, apertando-lhe a mão.

— Os outros trabalhariam também se tivessem oportunidade, — replicou ele, calmamente.

— Não quis dizer isso. Quero apenas dizer que o dinheiro não me faz muita falta.

— É novo aqui. É a primeira vez que o vejo.

— Chamo-me Frank Kane e trabalho no armazém aí embaixo.

— Prazer em conhecê-lo — disse ele, sorrindo. — Espero vê-lo outras vezes aqui.

— E vai ver — , disse eu, delicadamente.

Ele se afastou e a moça veio falar comigo.

— Vi você conversando com Gerro — disse ela, com o mesmo tom de voz como se eu tivesse falado com Deus.

— Está bem, menina. Se os discursos já acabaram, vamos sair e pegar uma última sessão de cinema na Rua 42. E por falar nisso, eu ainda nem sei o seu nome.

— Terry. Eu sei o seu, pois já ouvi no armazém. É Frank.

— Então vamos. Ou quer ficar aqui o resto da noite?

— Espere um pouco que eu vou arrumar-me.

Fiquei a olhá-la enquanto ela ia para o toalete das senhoras. De repente, deu-me uma vontade enorme de sair com ela. Havia já muito tempo que não saía com uma pequena. "Não é nada má", pensei eu, "e quem sabe se não terei sorte esta noite?"

Marquei encontro com Terry para a tarde do dia seguinte: Íamos tomar banho de mar na ilha. Ela era um estouro, mas positivamente trancada. Era naturalmente insensível. Dizia coisas e fazia gestos que deixavam o sangue fervendo, mas tudo isso era pura conversa, fazia parte da sua representação. Deixava a gente pegá-la até que se começava a ver estrelas e, logo que se queria um pouco mais, esquivava-se violentamente.

— Não sei — dizia ela com um sorriso que era uma zombaria para o tormento alheio —, mas todos os homens são a mesma coisa.

Saem com uma pequena e logo pensam que têm direito a tudo. Por que não se pode divertir sem querer essas coisas?

— Mas, menina, você não pode proceder assim. Ainda vai fazer alguém ficar maluco com isso! Vamos, seja camarada. Não vai acontecer nada.

Quanto a isso, eu tinha razão. Nada aconteceu. Mas, por intermédio dela, passei a fazer parte do pessoal do andar de cima. Comecei a ver que eu não era a única pessoa no mundo que tinha de usar o couro para ganhar alguns tostões. Outras pessoas tinham o mesmo problema — todas elas, fossem quem fossem. Todas tinham de ganhar esse dinheiro miserável ou morrer de fome. Notava o jeito esquisito de algumas caras. O tempo e as circunstâncias lhes haviam estampado a derrota nos rostos. A caridade deixara também a sua marca de humilhação que sentiam. Cada um mostrava isso de maneira diferente.

Alguns entravam no armazém com o seu vale de comida, sorridentes e alegres, num grande fingimento. "Vai-se comer de novo!" exclamavam animadamente e iam de canto em canto febrilmente, comprando comida e mais comida até que a importância do vale se esgotava. Alguns abriam o vale em cima do balcão e diziam num tom de voz meio belicoso: "Aceitam isto aqui?" Outros chegavam sossegadamente, esperavam que a gente atendesse aos outros fregueses e o armazém ficasse vazio. Inclínavam-se

então sobre o balcão com o vale na mão e perguntavam com alguma hesitação e vergonha: "Aceitam isso aqui?" E havia ainda alguns que entravam, pediam o que queriam e só depois que tudo estava embrulhado, tiravam o vale do bolso e perguntavam num tom de voz que era um desafio a qualquer resposta negativa: "Aceitam isto aqui?"

Uma coisa todos eles tinham em comum. Nunca se referiam aos vales pelo seu nome, "Vale de Socorro de Emergência". Chamavam-lhes "este" ou "isto". E quando compravam tudo aquilo que julgavam que lhes bastaria para o período até receberem o outro vale, compravam um pedaço de bolo ou algumas balas para as crianças. Alguns pediam cigarros ou dinheiro pelo resto do vale. Não tínhamos permissão para dar cigarros ou dinheiro. Mas dávamos. De vez em quando, aparecia alguém que nos oferecia um vale de 13 dólares e meio em víveres em troca de cinco ou seis dólares em dinheiro. Comprávamos os vales. O mesmo faziam todos os outros negociantes do bairro. O socorro público tinha muitos efeitos sobre a pessoa. O mais comum era fazê-las perder a liberdade.

Mas lá em cima, no clube era diferente. O clube estava-se esforçando para que o governo desse às pessoas contempladas com o socorro dinheiro em vez de vales. Alegava que as casas comerciais cobravam dos portadores de vales preços mais altos do que dos fregueses que compravam a dinheiro. Soube que alguns negociantes se justificavam dizendo que tinham de esperar noventa dias pelo dinheiro. De qualquer modo, havia sempre queixas lá em cima. Outras coisas eram também debatidas. Dizia-se no clube que o governo ia instituir um vasto programa de obras para ajudar as pessoas que recebiam socorro. Todos os dias surgiam novos rumores. Mas, enquanto isso, o povo continuava a sofrer e a apertar o cinto.

Encontrava-me com Terry nas quartas-feiras à noite. Não queria sair com ela aos domingos porque tinha de gastar muito dinheiro sem proveito algum. Não que eu não gostasse dela. Gostava até de- mais, mas não podia despedir-me dela todo exaltado e ir para a cama e passar a noite a virar-me de um lado para outro, sem dormir, com uma porção de pensamentos a passar-me pela cabeça. Não podia ir procurar mulheres de outra espécie para acalmar-me, depois do que eu tinha visto delas. O resultado é que passava horas horríveis, jurando que nunca mais sairia com ela e com uma vontade enorme de castigá-la pelo que fazia comigo. "Na próxima vez, deixo-a moída de pancada se tentar me impedir alguma coisa", pensava eu.

Mas não fazia nada disso. Acabei transferindo o dia dos nossos encontros do sábado para a quarta-feira. Ia com ela a um cinema, depois levava-a para casa e passava alguns minutos na porta, conseguindo alguns beijos e rápidas carícias. Depois, ia-me embora. Mas estava cansado depois de um dia de trabalho e, quando caía na cama, dormia mesmo... às vezes.

Numa tarde de quinta-feira, fui levar um pedido a uma casa. Estava um bocado nervoso naquele dia. Na noite anterior, conseguira meter a mão por dentro do vestido de Terry e sentir-lhe o seio quente e macio. Ela deixou a minha mão ali, mas quando quis ir mais além, ela me repeliu decididamente. Seria ela insensível? Por mais que eu me esforçasse, esse pensamento não me saía da cabeça.

Toquei a campainha e uma mulher jovem apareceu. Tinha cabelos alourados, o rosto magro e estava com um vestido velho. Era uma freguesa nova. Havia esgotado o vale do socorro e comprara mais alguns artigos, pedindo que o resto lhe fosse entregue mais tarde em casa, quando ela esperava ter algum dinheiro.

— Compras — disse eu, ficando no corredor. — Um dólar e 25 a receber.

Harry me havia dito que não deixasse as compras sem receber antes o dinheiro.

— Faça o favor de entrar e levar para a cozinha — disse ela com voz quase sumida.

Entrei no apartamento, deixei as compras na mesa da cozinha e voltei-me para ela.

Estava olhando ansiosamente os embrulhos e disse:

— Meu marido deve chegar dentro de poucos minutos com o dinheiro. Não pode deixar as compras aqui? Irei pagar mais tarde no armazém.

— Desculpe. Gostaria de fazer isso, mas não posso. Isso não está registrado como venda a crédito e o patrão será capaz de me despedir se eu não cumprir as ordens dele.

Comecei a recolher as compras, mas ela me disse nervosamente:

— Espere um pouco. Meu marido não deve demorar. — Uma criança apareceu na sala. Era a filha dela. A mulher pegou-a no colo e me disse: — Pode sentar-se, se quiser.

Sentei-me numa cadeira perto das compras e acendi um cigarro, depois de oferecer-lhe um, que ela recusou. Quando acabei de fumar o cigarro, levantei-me.

— Está ficando tarda e eu tenho de ir, moça. O patrão já deve estar pensando que me aconteceu alguma coisa.

— Mais alguns minutos, por favor — disse ela. — Deve estar chegando a qualquer momento. — Foi até a janela, olhou a rua e disse com aflição: — Não demora... Não demora...

Ora essa! Podia não demorar, mas dinheiro era coisa que não ia trazer. De qualquer maneira, eu teria de levar as compras. Mas esperei mais cinco minutos. Ao fim desse tempo, levantei-me.

— Desculpe, moça, mas tenho de voltar. Quando seu marido chegar, diga-lhe que vá até ao armazém que nós lhe entregaremos as compras.

Peguei a caixa com os embrulhos e levei-a ao ombro.

— Por favor, não leve. Deixe tudo aqui. Quando ele chegar, irá lá pagar, dou-lhe minha palavra!

— Acredito e gostaria de deixar as compras, mas não posso.

Não vai querer que eu perca o meu emprego, não é?

Eu já estava ficando um pouco aborrecido com a atitude dela. Talvez estivesse ainda mais aborrecido comigo mesmo por não deixar as compras. Mas ninguém ia enganar-me. Sabia de muita gente que fora lograda em casos como aquele.

— Mas nós ainda não tivemos nada para comer hoje — disse ela. — Só a menina. Meu marido foi à cidade pegar um emprego.

Nós lhe pagaremos, tenho a certeza!

— Por que vem dizer isso a mim, moça? Não adianta nada. De ve falar é com meu patrão. Se ele quiser confiar na senhora, deixarei as compras aqui.

— Já falei — disse ela, deixando a menina no chão e sentando-se.

Do jeito que ela falou, fiquei sabendo qual tinha sido a resposta.

— Que é que eu posso fazer então? — perguntei, virando-me para a porta. De repente, ocorreu-me uma idéia e eu olhei para ela.

— Anão ser...

Só disse isso, mas o silêncio que se seguiu foi cheio de significação. A princípio, ela me olhou com um brilho de esperança nos olhos, mas esse brilho logo se desvaneceu quando ela me olhou. O rosto dela ficou vermelho e ela olhou nervosamente para as mãos que se apertavam convulsivamente.

Olhei também para as mãos dela. Estavam vermelhas e maltratadas de trabalho. Eram as mãos de uma mulher a quem os serviços de casa haviam envelhecido prematuramente — todos os serviços de casa.

— Não! — sussurrou ela. Falava tão baixo quase como se estivesse falando sozinha. — Não, não, não!

— Está bem, moça — disse eu, cruelmente. — Como quiser.

Mas é bom não se iludir. Nós dois sabemos muito bem que não há muita chance de que ele arranje emprego hoje.

Fui até à porta e levei a mão à maçaneta.

— Espere um pouco — disse ela. — Deixe-me pensar.

Colocou as mãos na cabeça enquanto a menina olhava solene mente para nós dois.

Esperei. Podia quase ver os pensamentos que lhe corriam pela cabeça. E sabia qual seria o resultado, qual seria a resposta que ela me ia dar.

Levantou afinal a vista para mim. Mas alguma coisa lhe havia desaparecido do rosto. Não sabia bem o quê, mas estava diferente. Falou com a menina:

— Laura, desça e vá esperar seu pai lá embaixo. Quando ele vier, dê um grito debaixo da janela para eu ficar sabendo.

A criança passou tranqüilamente pela porta ela. Olhou para trás e deu adeus. Depois, desceu a escada. Esperei que ela chegasse lá embaixo para fechar a porta. Larguei depois a caixa das compras e olhei para a mulher.

Ela me olhou um momento e então se dirigiu para o quarto. Era um quarto pequeno com uma janelinha onde se via uma cama e um berço. Havia uma pequena imagem da Virgem com o Menino e uma fotografia dela ao lado do marido em cima de uma cômoda. Ela entrou, ficou um instante parada e então disse:

— Aqui não.

Voltou para a sala e eu acompanhei-a. Ela se sentou no sofá, tirou os sapatos e deitou-se. Sentei-me na beira do sofá. Sentia todas as veias latejarem-me. Botei as mãos nas coxas dela. A pele estava fria como gelo e ela estremeceu quando a toquei. Cometi então um erro. Olhei involuntariamente para o rosto dela.

Não era uma mulher que estava ali ao meu lado. Era uma casca vazia. Olhei-a durante todo um minuto. Não moveu um músculo nesse tempo. Completamente imóvel, só fazia olhar-me.

Levantei-me e consertei-me. A princípio, ela me olhou como se não acreditasse. Depois, levantou-se também.

— Apesar de tudo, obrigado — disse eu. — Pode ficar com as compras.

Ela deu um passo na minha direção e de repente caiu com o corpo para a frente. Segurei-a antes que ela chegasse ao chão, O corpo dela estava de súbito quente. Eu podia sentir a onda de calor que lhe aquecia a pele. Encostou a cabeça no meu ombro e começou a soluçar, mas dessa vez sem lágrimas. Eu a sustentava, mas impessoalmente. Parecia que toda a força lhe havia fugido das pernas.

— Desculpe, desculpe... mas não pode imaginar o que temos passado... quantas vezes Mike tem passado fome para a menina poder comer, quantos dias ele tem passado sem botar um cigarro na boca...

Ela estava arrasada. Ali estava eu com uma mulher nos braços, que chorava pelos sacrifícios que o marido tinha feito. Pensava naturalmente

que ela mesma nada havia feito pela menina. Senti-me de repente envergonhado.

— Calma! — disse eu, interrompendo-lhe os queixumes. Calma! Tudo vai-se resolver.

Ela me olhou, cheia de gratidão.

— Você é bom — disse ela, num sussurro.

— Eu sei, eu sei — disse eu, rindo. Kane, o trouxa, o maior idiota do século!

Atravessamos a cozinha em silêncio. Na porta, ela me fez parar e disse:

— Muito obrigada.

Não tem importância, moça!

— Desci as escadas e saí para a rua. Já ia na metade do quarteirão quando vi a menina. Um homem correu para ela, pegou-a no colo e jogou-a para o ar.

— Papai, Papai!

Ele dançou um pouco com ela e deu-lhe, exultante, a notícia:

— Laurinha, Papai conseguiu um emprego!

Passei por eles e disse ao homem:

— Parabéns, Mike. Conseguiu mais do que um emprego.

Fui andando. Ele me olhou um instante e coçou a cabeça. Devia estar em dúvida sobre se me conhecia ou não. Depois, saiu correndo para a casa com a filha nos braços.

Voltei para o armazém ficando cada vez com mais raiva. Terry, aquela bandida, ia-me pagar tudo aquilo. Na primeira vez em que se encontrasse comigo, não ia livrar-se de mim.

E não se livrou.

Na manhã seguinte, a senhora em cuja casa eu deixara as compras apareceu no armazém. Foi diretamente para onde eu estava, levando a menina pela mão. Tinha um aspecto bem diferente do da véspera. Talvez

fosse o jeito pelo qual levantava a cabeça, talvez fosse o seu andar. Havia mais confiança nela e a sombra da derrota se lhe apagara dos olhos.

— Meu marido — disse ela sem preliminares, queria saber se me podia dar algumas coisas a crédito até amanhã, que é o dia do pagamento.

— Sei que ele está empregado. Vi-o na rua. Espere um instante que vou perguntar ao patrão.

Expliquei a situação a Harry. O marido dela tinha começado a trabalhar ela precisava de algumas coisas até o dia seguinte quando o marido recebia o primeiro pagamento.

Eu estava envergonhado com o meu procedimento do dia anterior. Só naquela manhã tivera plena consciência do que havia feito. Naquele momento, estava ansioso para reabilitar-me. Harry me disse que estava certo se eu julgava que se tratava de gente direita. Voltei para onde ela estava e dei-lhe tudo o que ela pediu. Enquanto estava embrulhando as compras procurei pedir-lhe desculpas do que havia feito. Falei bem baixo para que ninguém mais senão ela me pudesse ouvir.

— Estou muito contente de seu marido ter conseguido um emprego — disse eu.

Ela não respondeu.

— Desculpe o que eu fiz ontem — continuei. — Não sei por que agi daquela maneira, mas tenho ouvido tantas histórias mentirosas que não posso mais saber se alguma é verdadeira. Não sei em quem confiar.

— Por que não confia em todos para só deixar de confiar quando houver motivo? — disse ela simplesmente, com o rosto vermelho.

Senti-me ainda pior, mas não pude dizer-lhe mais nada. Podia dizer-lhe que algumas pessoas enganam e outras não — e que as primeiras prejudicam as outras. Mas nada disse. Acabei de fazer o embrulho. Ela o pegou e saiu.

A tarde, Terry apareceu, sorrindo para mim.

— Quer-me dar um vidro de ketchup?

— Ih! Em sua casa não se gasta outra coisa?

Eu sabia, da maneira pela qual agia, que ela não estava aborrecida comigo. Pensei então que eu já devia ter procedido assim com ela há muito tempo, pois então não me veria na situação em que me tinha visto. Peguei um vidro de ketchup na prateleira e botei-o em cima do balcão.

— Mais alguma coisa?

Ela sacudiu a cabeça e eu coloquei o vidro dentro de um saco. Ela me pagou os dez centavos e perguntou:

— Vai à reunião amanhã?

— Vou, sim. Espere-me lá Depois que saiu, Harry se aproximou de mim — Por que é que você está indo a essas reuniões lá em cima?

Esse pessoal quase todo vive do socorro do governo. A maioria não quer mesmo trabalhar.

— Não sei... Parecem uma gente muito decente. Apenas não tiveram sorte. Além disso, divirto-me muito lá em cima.

— Não me diga que está ficando comunista!

— Nem sei o que é comunismo — disse eu, rindo. — Acho a gente lá de cima igual o todo o mundo. Querem as mesmas coisas que os outros — emprego, comida e um pouco de distração. Quero as mesmas coisas e não sou comunista.

— Acreditam no amor livre — disse Harry. — Pensam que o casamento não é necessário.

— Disso não sei. Os que vão lá são na sua maioria homens casados.

— Uma coisa é certa — disse Harry — , se fossem decentes não deixariam as filhas andarem à toa... como essa Terry, por exemplo.

Aposto que todos lá em cima já estiveram com ela.

Aquilo me irritou. Ia responder de maneira bem rude, mas controlei-me, O que disse com um sorriso foi:

— Ela é uma pequena com quem todo o mundo gostaria de estar se pudesse.

Uma freguesa entrou no armazém Harry foi atendê-la. Comecei a desempacotar umas latas e esquecemos toda a nossa conversas.

Os meses foram passando. Sam deixou o emprego e foi morar com alguns parentes em Hartford. Continuei no armazém e fui aumentado para 15 dólares por semana. Aos domingos, trabalhava para Oto e trabalhava muito bem. Economizei algum dinheiro, comprei roupas novas, ganhei um pouco de peso e me senti um pouco melhor e mais cordial para com todo o mundo. Conhecia quase todas as pessoas do bairro. Entre o armazém e o clube, tinha sempre muito o que fazer. Não era grande a minha atividade no clube, mas parecia-me que lá eu estava mais perto do povo em geral.

Uma noite, cerca de uma semana depois do Dia de Ação de Graças, Gerro Browning chamou-me pelo nome quando saí do armazém. Fiquei esperando que se aproximasse e então fomos juntos a pé em direção ao centro.

— Onde é que você mora, Frank? — perguntou ele.

— No Mills — disse eu, sem saber por que ele estava interessado.

— Que é que vai fazer agora?

— Vou comer alguma coisa. Depois, irei para casa.

— Não se incomoda de eu jantar com você?

— Absolutamente — respondi, surpreso de que ele pedisse para jantar comigo. — Até gostaria de ter alguém com quem conversar, para variar.

— Não tem família? — perguntou ele, olhando-me com curiosidade.

Sacudi a cabeça.

— Qual é a sua idade?

— Vinte e dois anos. Escute, não me importo com as suas perguntas, mas quer me dizer o motivo desse súbito interesse por mim?

— Não sei exatamente — disse ele com um riso breve. Mas você me interessa.

— Por quê? Não sou diferente dos outros?

— Acha mesmo que não é?

— Não, não sou Entramos numa cafeteria, pegamos as nossas bandejas e, depois de servidos, sentamo-nos a uma mesa. Durante alguns minutos, comemos em silêncio. Por fim, ele disse:

— Seu cabelo, por exemplo.

— Que é que tem meu cabelo? — perguntei, levando instintivamente a mão às têmporas. — Está penteado, não está?

Ele começou a rir.

— Não, não é isso. É que é diferente. Você não me perguntou?

— Não tem diferença alguma dos cabelos dos outros.

— Tem, sim — disse ele, sorrindo. — Está começando a ficar branco. Não muito, mas já dá para se ver. E você é ainda muito moço para ter cabelos brancos.

— Talvez eu me preocupe muito com as coisas.

— Não, você não é desse tipo. O que acho é que deve ter passado muita coisa na vida.

— Como é que sabe?

Ele levou um pouco de comida à boca antes de responder.

— Por algumas pequenas coisas. A maneira pela qual você age.

Costuma sentar-se atrás dos outros ficar olhando todo o mundo com um ar de divertimento, de superioridade ou de seja lá o que for que se mostra nos olhos. Depois, a maneira pela qual você fala — sempre positivo direto, seguro, sem qualquer indecisão. E há o seu jeito de andar — na ponta dos pés por assim dizer — pronto a saltar de um lado ou de outro, como um animal, sempre cauteloso, sempre em guarda. Repare como se sentou aqui no restaurante — com as costas para a parede. E olha instintivamente para todo o mundo que entra ou que passa enquanto estamos comendo e conversando. Quem é que você está vigiando e contra quem é que está em guarda?

— Nunca percebi isso — disse eu, sorrindo. — Não estou em guarda contra coisa alguma. Acho que é apenas um hábito.

— Há sempre uma razão para os nossos hábitos.

Tínhamos acabado de comer. Ele se levantou, foi buscar o café e levou-o para a mesa.

Sentou-se fumando e girando distraidamente com os dedos um pequeno objeto preso à corrente do relógio.

— Que é isso? — perguntei, apontando o objeto.

Ele tirou o relógio do bolso e mostrou — É uma chave de Phi Beta Kappa — disse ele.

Olhei a chave que tinha umas letras esquisitas.

— É a chave de jeito mais estranho que já vi. Que é que ela a- bre?

Ele riu e disse:

— Dizem que abre a porta da oportunidade. Mas não abre. Acho às vezes que é uma chave falsa. — Percebeu que eu não estava entendendo. — É na universidade que se ganha isso. É a insígnia de um clube muito fechado no qual só entra quem tem as mais altas qualificações.

— Esteve na universidade?

— Estive.

Devolvi-lhe o relógio e a corrente e pensei em Marty e Jerry que já deviam naquela época estar acabando a universidade.

— Tenho alguns amigos que estão na universidade.

— Qual delas? — perguntou ele, mostrando-se interessado.

— Não sei. Há muito que não os vejo.

— Como sabe então que estão na universidade?

— Eu os conheço.

— É engraçado como as pessoas se perdem de vista — disse Gerro, pensativamente.

Isso pareceu quebrar o gelo entre nós. Ficamos conversando durante uma hora. Falei de mim, contando-lhe coisas que ainda não havia dito a ninguém, e ele se mostrou verdadeiramente interessado. Despedimo-nos como bons amigos.

O inverno de 1932-1933 foi muito severo. Havia muita gente desempregada, que era sustentada pelo socorro. De dia para dia era mais evidente, até para mim que vivia em relativa segurança, que era preciso tomar providências para assegurar a subsistência das pessoas que nos rodeavam. Todos os dias os jornais anunciavam: "Nova crise". Havia gente com fome. Havia gente com frio. Bônus para os veteranos. Empregos para o povo. Não se iluda, amigo, a prosperidade não está ali na esquina.

Mas isso, estranhamente, não parecia afetar-me. Eu estava em segurança. Não passava fome. Não sentia frio. Tinha um emprego.

Quando subia para o clube, as queixas das pessoas presentes nunca me pareciam muito reais. Os discursos que eu ouvia nunca pareciam dar resultado. As exigências feitas nunca eram atendidas. E pouco a pouco o povo foi-se desesperando e perdendo a esperança de voltar a ter trabalho um dia. Homens que saíam religiosamente de casa todos os dias a fim de procurar trabalho deixaram-se ficar em casa. Adotavam uma atividade de completa apatia. A queixa deles era a de todo o mundo. "Não sabe que estamos em depressão? Tem algum níquel sobrando, amigo?"

Várias casas comerciais na avenida tiveram de ser fechadas, por falta de freguesia. Ninguém parecia incomodar-se com isso. As casas ficavam vazias com grandes cartazes de "Aluga-se Esta Loja" nas vitrinas. Só se falava em vender barato: "Abaixo do custo", "preços pela metade", "liquidação", "venda de aniversário". Tudo era pretexto para uma venda. Mas não havia vendas.

Todo o mundo estava desorientado e confuso. Ninguém sabia de quem era a culpa. Nos subways, nas vitrinas, portas havia papeizinhos colados: "Compre o Que é Americano". O Morning Americam e o Evening Journal lançaram uma campanha nacional: "Faça voltar a prosperidade comprando produtos americanos". Havia em Columbus Circle homens que falavam contra o governo, contra o Presidente, contra os judeus, contra os negros, contra os católicos, contra tudo. Atacavam rudemente a tudo — sindicatos, greves, furadores de greve, patrões, patrões judeus, banqueiros judeus. Desordenadamente, violentamente, estupidamente, atacavam todos os que estavam em volta.

Compre Nacional. Compre Americano. Andava-se pelas ruas entre notícias de distúrbios em Harlem — distúrbios de gente faminta na

Cozinha do Inferno. Os temperamentos estavam exaltados e a selvajaria latente nas pessoas subia à superfície. Toda aquela confusão estava sendo agitada como por uma mão sinistra que parava de poucos em poucos minutos para acrescentar mais algum tempero de ódio, de desconfiança, de calúnia, de insinuação Coloquem os negros no seu lugar. Os brancos precisam dos empregos. Querem ter uma irmã estuprada por um negro, querem?

Corram os olhos em torno. Quem domina todos os negócios? Os judeus. Quem são os donos dos bancos? Os judeus. Quem tem os melhores empregos? Os judeus. Quem são a maioria dos médicos e advogados? Judeus. Quem são Os comunistas? Os judeus. Quem são os grevistas? Os judeus. Este país é nosso ou deles?

Os negros são como um câncer. Basta deixá-los entrar num edifício ou num bairro para que eles se espalhem por lá como moscas. Arruinam a propriedade imobiliária. Arruinam os bairros, arruinam a todos nós. Teremos medo de andar na rua à noite se deixarmos os negros entrarem. Teremos medo quando nossas filhinhas voltarem da escola. Os negros são como o câncer. Quando começam, tudo está perdido. E matarão a todo nós, se deixarmos.

Foi um inverno duro por muitos motivos. Lembro-me daquela noite de fevereiro — a noite do Dia de Lincoln — em que ouvi Gerro chorar.

Eu estava nos fundos da sala. O clube estava meio vazio e os sócios se limitavam a ficar ali conversando calmamente. Não havia mais orquestra, nem danças. O dinheiro era necessário para coisas mais importantes. Muita gente havia deixado de ir às reuniões. Ou tinham perdido a esperança ou tinham dado ouvidos às mentiras dos outros, deixando-se seduzir pela eloquência grosseira e inflamada dos oradores de esquina Eu estava conversando com Terry. Como de costume, ela se estava queixando.

— Sabe que estou atrasada? Será mesmo que não se descuidou?

— Claro que não me descuidei — disse eu, rindo. — Mas deixe de estar-se preocupando Se você estiver mesmo, posso sempre dar-lhe um empurrão na escada e tudo se resolverá assim.

Ela ficou furiosa.

— Francamente não sei por que lhe dou atenção. Você não me a mínima De mim só quer uma coisa.

— E tenho de querer mais?

— É assim, não é? — exclamou ela, com a boca torcida e os olhos fuzilantes, — Pois um dia você não me encontrará mais para lhe dar o que você quer. Você vai ver!

— Você não é a única no mundo!

— Vá para o inferno! Fique brincando até o dia em que eu me casar!

— Quem é que vai-se casar com você?

— Há quem me queira — disse ela, de repente muito segura de si mesma. — E está muito bem empregado. É chofer de um ônibus da Quinta Avenida. E é um verdadeiro cavalheiro, incapaz de forçar uma mulher a fazer o que não quer.

— Isso vem apenas provar o velho ditado: De minuto em minuto, nasce um trouxa no mundo". Por que não se casa com ele?

— Isso é que eu não sei — disse ela. De repente, mudou o tom de voz, e me perguntou ternamente: — Nunca pensou em se casar, Frank?

Levantei as mãos, fingindo-me horrorizado.

— Acha que eu sou maluco? Para que fazer uma mulher apenas infeliz, quando posso dar infelicidade a todas elas? Escute — acrescente, — rindo — está-me pedindo em casamento? Pegou-me de surpresa Ela se zangou de novo.

— Pode rir à vontade. Se vier este mês, eu me caso com ele e você vai ficar chupando o dedo.

Deu-me as costas e eu fiquei a olhá-la pensativamente. Nunca se podia saber quando ela estava falando a sério. Mas a verdade era que eu não queria casar-me com ninguém!

Gerro subiu à mesa para falar. Levantou as mãos pedindo silêncio e disse:

— Companheiros!

Mas foi só o que pôde dizer. No mesmo instante, uma pedra quebrou uma vidraça e caiu dentro da sala. Depois, jogaram mais pedras. Ficamos um instante parados, sem poder compreender o que estava acontecendo. Gerro continuou na mesa, com a boca aberta de espanto.

Era eu quem estava mais perto da janela. Olhei para a rua e vi vinte ou trinta homens que olhavam para nós. Não reconheci nenhum deles. Senti alguém segurar-me a mão. Era Terry.

— Que é que eles querem? — perguntou ela, amedrontada.

Não tive necessidade de responder. Um homem lá embaixo gritou:

— Queremos esse negro atrevido. Não vai continuar a fazer o que quer com as mulheres brancas do bairro. Tem de aprender a respeitar os brancos!

Olhei para Gerro. Estava no centro da sala e parecia sozinho. Os outros, com o medo estampado nos rostos, se encolhiam pelas paredes. Uma mulher perguntou alarmada, quase num grito:

— Por que não chamam a polícia?

— Acho melhor eu descer e ir falar com eles — disse Gerro calmamente, encaminhando-se para a porta.

— Não o deixe ir, Frankie — disse-me Terry. — Podem matá-lo!

Reagi automaticamente ao pedido dela.

— Espere um instante, Gerro. Não adianta nada você descer.

Vamos fazer as mulheres saírem primeiro.

Ele parou perto da porta e se dirigiu para a janela.

— Fique onde está! — disse-lhe eu.

Ele parou e ficou a olhar-me. Voltei para a janela e gritei para a turma na rua:

— Se nós o entregarmos, vocês deixarão os outros saírem?

Os homens falaram entre si e um deles gritou: — OK!

— Está bem então. As mulheres sairão primeiro; depois, os homens. Quando todos saírem, vocês poderão subir e agarrá-lo.

— Não! — gritaram lá de baixo. — Você descerá por último com ele.

— OK! — respondi.

— Não pode fazer isso, Frankie. Você não pode entregá-lo as sim! — disse Terry, num sussurro.

— Cale essa boca! — respondi-lhe em voz baixa. — Não vão pegá-lo. Assim que sair daqui, vá chamar a polícia. Depois, vá para casa e fique lá até eu entrar em contato com você. — Disse então em voz alta aos outros. Vocês todos sairão daqui. Portanto, não se preocupem. Saiam em fila, de chapéu na mão, para que eles possam ver que vocês são brancos. Vão para casa e fiquem lá até amanhã de manhã. E não abram a boca para falar com ninguém. Saiam e façam a pista!

Um dos homens protestou.

— Não podemos deixar Gerro aqui!

— Não vou deixar Gerro aqui!

— Não vou deixar — disse eu. — Agora, vão saindo. Não que rem que aconteça nada às mulheres, não é?

Começaram a encaminhar-se para a porta. Alguém gritou da rua:

— Tragam esse negro para a janela para a gente ver que ele não está fugindo.

Isso atrapalhava um pouco os meus planos. Eu pretendia dizer a Gerro que fugisse pelo terraço, passando para os outros prédios. O pedido dos arruaceiros nos retardaria um pouco. Gerro dirigiu-se para a janela. Fiu-lo parar. Chamei Joey e disse-lhe que fosse até ao terraço e abrisse a porta de alçapão para que nós pudéssemos fugir. Depois, descesse e saísse com os outros.

— Agora — disse eu aos outros — , vão saindo em fila e bem devagar. Todo o tempo que vocês ganharem com isso será precioso para nós.

Não houve confusão. Desceram em silêncio e com firmeza e saíram do prédio. Olhei pela janela e vi os primeiros saírem pela porta. Passaram perto do grupo, chegaram à esquina e desapareceram.

Lá embaixo, alguém gritou:

— Onde está o negro?

Fiz sinal a Gerro e ele chegou à janela com o rosto sério e firme, os lábios apertados. Se estava com medo, não o demonstrava. Vi Terry chegar à esquina. Parou ali um instante para olhar para nós na janela e dar adeus. Jogaram uma pedra lá de baixo. Abaixei-me instintivamente. A pedra foi attingir Gerro no rosto, mas ele não se moveu com o impacto.

Olhei-o em silêncio. O rosto fora ferido pela pedra e estava sangrando. Ele nem movia a cabeça. Não mostrava o menor sinal de estar ferido, nenhuma reação. O sangue lhe escorria pelas faces e pelo pescoço, manchando-lhe o colarinho da camisa. Dei-lhe o meu lenço que ele encostou ao rosto com tão pouca emoção quanto se fosse uma toalha quente de barbeiro. Continuou na janela olhando para os desordeiros.

— Conhece algum deles? — perguntei-lhe.

— Conheço quase todos — respondeu ele, com voz um pouco trêmula.

Alguns daqueles patifes deviam ter sido sócios do clube, pensei eu. Esperei que Joey voltasse antes que a última pessoa houvesse saído.

— Frank! — disse afinal Joey da porta.

— Tudo OK? — perguntei, sem sair da janela.

— Tudo! — respondeu ele.

— Vá saindo então! Não se esqueça de ser o último. — Disse então a Gerro na janela: — Venha comigo quando vir Joey chegar à rua.

Ele não respondeu. Mais algumas pedras foram jogadas. Esquivei-me delas, mas Gerro continuou no mesmo lugar, imóvel. Vi Joey aparecer na rua.

— Vamos sair! — gritei. Antes de afastar-me da janela, vi os desordeiros se dirigirem para a porta. Gerro continuava na janela.

Agarrei-o pela mão e puxei-o.

— Vamos nos embora Corri para a porta, quase arrastando Gerro. Chegamos ao patamar. Ouvia passos lá embaixo na escada. Virei-me para

o outro lado e comecei a correr pela escada para o último andar. Vi que o alçapão quadrado da saída tinha sido tirado e pela abertura viam-se as estrelas. Fiz intimamente um elogio a Joey.

Empurrei Gerro pela escada à minha frente e vi-o desaparecer pelo alçapão, depois do que segui-o. Havia gritos embaixo, na sala do clube. O barulho mostrava que estavam quebrando os móveis. E houve também um tropel pela escada. Já estava quase chegando ao terraço quando senti uma mão agarrar-me pelo pé. Olhei e vi um dos desordeiros que subia a escada. Meti o pé nele com toda a força. Acertei-lhe a cara. Ele caiu da escada e eu galguei o alçapão.

Corri os olhos em torno. Os terraços estavam cobertos com os restos da última nevada. Vi a tampa ao lado do alçapão e perto dela um colchão velho, que provavelmente algum inquilino esquecera ali depois de passar as noites no terraço durante o verão.

— Ajude-me aqui — disse eu a Gerro.

Ele ainda estava com o rosto sangrando, mas curvou-se e me ajudou a colocar a tampa. Joguei depois o colchão em cima, na esperança de que isso os retardasse um pouco mais. Alguns terraços tinham aberturas de alçapão como aquela. Corri sobre os prédios para eles. A primeira ficava a cerca de duas casas de distância. Quando tentei abri-la, não consegui. Estava trancada.

Olhei para o prédio de que havíamos partido. A tampa ainda estava na abertura, mas se movia. O colchão subia e descia e estava escorregando um pouco. Os arruaceiros não tardariam a passar. Corremos para o prédio vizinho.

Tivemos mais sorte lá. A porta estava aberta. Entramos e eu tranquei a porta com o ferrolho depois de passar. Descemos as escadas e saímos do prédio na Rua 68, tomando então o caminho do parque.

Olhei para a rua. Não havia qualquer sinal de perseguição. Tomamos um carro que passava em Central Park Oeste.

— Siga depressa — disse eu ao motorista. — Já lhe direi para onde vamos.

Gerro jogou-se no banco e cobriu o rosto com as mãos. O lenço que tinha nas mãos já estava todo ensangüentado. Afastei-lhe as mãos do rosto e examinei o corte.

— O ferimento está feio. É preciso um médico fazer um curativo nisso.

Disse ao motorista que nos levasse para o Hospital Roosevelt. Saltamos no hospital e eu paguei ao motorista. Fomos para a sala de pronto-socorro e um interno examinou o ferimento. Era preciso dar alguns pontos. Enquanto o médico tratava de Gerro, respondi às perguntas da enfermeira que preenchia uma ficha. O médico terminou o curativo e recomendou a Gerro que fosse para casa e descansasse um pouco. Deu-lhe alguns comprimidos para tomar e nós saímos do hospital.

Um relógio numa loja do outro lado da rua marcava onze horas. Olhei para Gerro.

— Você tem de ir para casa já. Está-me parecendo um tanto fraco.

Ele tentou sorrir.

— Vou para casa, sim. Mas não é preciso você se incomodar, Frank. Obrigado por tudo. Você foi formidável!

— Nem pense nisso. Acha mesmo que pode ir sozinho?

— Claro que posso! — disse ele, mas tive a impressão de que o corpo oscilava um pouco.

Estendi a mão para firmá-lo e disse:

— Acho que vou com você. Podemos acabar a noite juntos, como começamos. Ele não protestou — Onde é que você mora? — perguntei.

— Acho melhor eu não ir para casa. Meu pessoal vai ficar mui to preocupado se me vir neste estado. Acho que vou para a casa de uma pessoa amiga.

— Está bem, Gerro, mas vamos logo que você precisa de descansar.

Tomamos um táxi. Ele deu ao chofer um endereço em Greenwich Village. Gerro se recostou nas almofadas e durante algum tempo, enquanto

o táxi rodava para o centro, não falamos. Ele olhava pela vidraça. Eu de vez em quando olhava para ele.

Afinal, ele baixou a cabeça para as mãos e começou a chorar. Eu sabia que não era de dor. Era o choque, a humilhação que se exprimiam naqueles soluços duros e contidos.

— Loucos! — murmurou ele. — . Pobres loucos desorientados!

Quando é que vão aprender?

O táxi parou diante de um pequeno edifício remodelado, de apartamentos. Sobre a porta lia-se o letreiro: "Edifício Studio". Saltei, paguei ao chofer e nós entramos no prédio. Paramos diante de uma porta no segundo andar. Gerro tocou a campainha. Pela contração do rosto dele, eu percebia que o ferimento estava começando a doer.

Tocamos de novo a campainha. Esperamos um pouco, mas ninguém apareceu.

— Acho que o seu amigo não está, Gerro.

— Tenho a chave — disse ele, tirando a chave do bolso e a- brindo a porta. Entrei com ele no apartamento. Gerro acendeu a luz.

Num canto da sala, havia uma máquina de escrever e algumas tiras de papel rasgadas. No outro lado, via-se um cavalete de pintura, mostrando um retrato de homem, inacabado. Havia uma mesa e várias poltronas espalhadas pela sala. Noutro canto, perto da janela, via-se uma kitchenette com fogão, geladeira e armário. Do outro lado da sala, havia uma porta. Gerro abriu-a. Vi duas camas e uma penteadeira lá dentro. Gerro fechou a porta e voltou para a sala.

— Parece que não estão em casa — murmurou ele com um ar de incerteza, como se não soubesse o que devia fazer. — Mas acho que agora estou bem. Você podia ir para sua casa. Já é bem tarde e você deve estar exausto.

— Só vou depois que o meter na cama e depois que você tomar alguma coisa quente e os comprimidos que o médico lhe receitou.

— Não é preciso você se incomodar.

Tive a impressão de que ele queria que eu saísse, mas repliquei:

— Nada disso! Vá para a cama. Vou botar água no fogo. Sabe se há chá por aqui?

— Deve haver no armário.

Fui até ao fogão, enchi uma chaleira com água e depois voltei-me ao ver que ele me olhava.

— Vá tirar a roupa e deitar-se.

Gerro foi para o quarto e fechou a porta.

Preparei o chá e fui com uma xícara até à porta fechada.

— O chá está pronto, Gerro.

— Pode entrar.

Ele estava na cama mais afastada da porta, perto da janela. Tinha vestido um pijama azul e o rosto escuro se destacava do travesseiro branco, tendo ainda o curativo a dar-lhe um aspecto estranho.

— Como se está sentindo, Gerro?

— Um pouco melhor, mas com uma terrível dor de cabeça.

— Beba isto e sentirá melhor. Está com os comprimido que o médico lhe deu?

Abriu a mão e mostrou-os — Muito bem. Torne-os com o chá.

Ele engoliu os comprimidos e estendeu a mão para pegar a xícara de chá, mas eu vi que a mão estava tão trêmula que ele mal podia segurá-la. Ajudei-o a beber, segurando a xícara. Afinal acabou e descansou a cabeça no travesseiro.

— Mais alguma coisa que queira que eu faça para você, Gerro?

— Não, muito obrigado. Já fez demais.

Ficamos algum tempo em silêncio e eu vi que ele começava a cochilar. De repente, abriu os olhos e perguntou:

— Frank, você teve medo quando estávamos lá no clube?

— Claro que tive um medo louco — disse eu, sorrindo.

— Você não está dizendo a verdade, Frank. Você não teve um pingo de medo. Eu o estava observando. Ficou impassível e deu-me até a impressão de que estava gostando. — Você também não mostrou medo, Gerro. Queria descer sozinho para falar com eles.

— Estava mais era com medo. No meu intimo, sabia que estava com medo e tinha vergonha disso. Pensei que havia vencido esse medo há muito tempo. É um medo de natureza peculiar — o medo de uma turba de brancos. É um medo especial dos negros e eu havia muito que não o experimentava.

— Bem, você pode ter sentido medo, mas não demonstrou na da. Agora, não pense mais nisso e veja se dorme. Quando acordar amanhã, tudo parecerá diferente.

— Acha que amanhã será diferente? Poderão as coisas um dia ser diferentes do que são hoje? A espécie humana não muda com facilidade. Quando as coisas não correm bem, procura-se sempre um bode-expiatório. Esquecem qualquer coisa que se tinha feito por eles na sua sede irracional de vingança.

Levantei-me e falei com um tom determinado:

— Tire essas coisas da cabeça e trate de dormir. Precisa agora de um pouco de repouso. Vou ficar na sala. Se precisar de mim é só me chamar.

— Você é um camarada curioso Frank — murmurou ele. — Já lhe disse isso, não disse?

— Já e pode dizer-me outra vez, amanhã, depois de um bom descanso. Boa noite, Gerro.

— Boa noite.

Fechei a porta com cuidado. Depois, fui lavar a xícara e guardei-a no armário. Sentei-me então e acendi um cigarro. Quando já havia fumado a metade, tive a impressão de que ele me havia chamado. Levantei-me e olhei para dentro do quarto. Ele estava dormindo. Voltei para a poltrona.

Havia um pequeno retrato de Gerro na mesa ao lado do cavalete. Era um bom retrato. Eu não tinha dado muita atenção a isso até então, mas Gerro era um homem bonito, com um rosto sensível e bem feito, com maçãs salientes, olhos inteligentes e uma linha longa e firme de queixo.

Deixei o retrato no lugar e tornei a sentar-me. Lembro-me de ainda haver olhado para o relógio, verificando que já passava de uma hora. Peguei então no sono.

Acordei ao ouvir uma chave girar na fechadura. Olhei rapidamente para o relógio e vi que já eram três e meia. Esperei que a porta se abrisse e vi então uma moça entrar na sala. Deu alguns passos e parou logo que me viu.

Era muito bonita — pequena, com Os cabelos vermelho-escuro, os olhos castanhos e uma boca bem feita, O casaco estava aberto e eu percebi que o corpo era magnífico, sexy. Todas as coisas certas nos lugares certos. Pernas bonitas e uma pele bem lisa e cremosa. Pisquei os olhos. Era por isso que Gerro tinha querido fazer-me sair. Levantei-me.

— Quem é você — perguntou ela. A voz correspondia à aparência. Era suave e profunda.

— Sou Frank Kane — respondi. — Amigo de Gerro.

— Onde está ele?

Apontei para o quarto.

— Está dormindo. Sofreu um pequeno acidente e eu vim com ele.

Ela fechou a porta e entrou, tirando o casaco. Depois, foi até à porta do quarto e abriu-a. Vi que ele ainda estava dormindo. Ela entrou no quarto, aproximou-se da cama e ficou a olhá-lo. Ao fim de algum tempo, saiu e fechou a porta.

Vi que ela estava um pouco pálida e disse:

— Não se preocupe. Não é nada demais.

— Que foi que houve?

Tirei o maço de cigarros e ofereci-lhe. Depois dos cigarros acesos, contei-lhe tudo. Quando acabei, ela se encolheu na poltrona.

— Deve ter sido horrível — murmurou.

— Mas poderia ter sido muito pior.

— Estou falando é dele — disse e — Não sabe quanto ele se dedicou àquele clube e o orgulho que tinha dele. Como ficava satisfeito com a

maneira pela qual o aceitavam ali! Sempre disse que isso era apenas o começo — um prenúncio de dias melhores, quando to dos, fosse qual fosse a cor ou o credo de cada um, se entenderiam uns com os outros. Deve ter sido um choque tremendo para ele.

— Bem, o ferimento não foi tão grave assim.

— Não, ele esquecerá bem depressa o aspecto físico do caso. O ferimento mais grave foi psicológico — o seu orgulho e o seu espírito — e isso vai custar muito mais a cicatrizar do que o ferimento do rosto.

Peguei o meu sobretudo e disse:

— Bem, vou indo. Só estava esperando que chegasse alguém para dizer que ele não devia ser perturbado.

— Não — disse ela prontamente — , não se vá embora. Já e tarde. Não sei onde mora, mas pode passar a noite aqui. Durma no quarto com Gerro, na outra cama. Dormirei aqui no sofá. Está-me parecendo muito cansado.

— Não. De qualquer maneira, muito obrigado, mas acho que é melhor eu ir.

Dirigi-me para a porta. Ela me acompanhou e disse:

— Por que não fica? Não me importo de dormir aqui no sofá, sinceramente De qualquer modo, é isso mesmo que tenho de fazer.

Olhei-a, estranhando Ela ficou muito vermelha e baixou os olhos para o chão.

— Espere um pouco. Acho que não compreende. Sou a esposa dele.

Estive a ponto de sorrir.

— Escute, não quero parecer grosseiro, nem malicioso. O problema é seu e não meu. Para mim não tem importância nenhuma quem seja ou o que seja. Acho Gerro um grande sujeito. Acho até que pode ser um grande homem. Sou apenas uma das pessoas que têm a sorte de conhecê-lo. É só.

Ela se sentou numa poltrona. Parecia furiosa consigo mesma.

— Desculpe ter-lhe dito isso. Menti. Não sou esposa dele. — Levantou a cabeça e olhou-me com altivez. — Mas gostaria de ser.

Gostaria de ter a coragem de pedir-lhe que se casasse comigo.

Olhei-a firmemente até que ela começou a ficar vermelha de novo. Mas não desviou os olhos. Joguei o sobretudo num canto.

— Isso é maneira de tratar um hóspede? — perguntei jovial mente. — Não tem nada para se comer aqui dentro. Estou com fome, senhorita...?

— Marianne Renoir.

— Não há nada para se comer, Marianne? — perguntei, sorrindo.

— Ovos? — disse ela, sorrindo também. — Terá de contentar-se com isso, pois é só o que há, — Encaminhou-se para a kitchenette. — Fritos ou mexidos?

Dez minutos depois, estávamos sentados à mesa, comendo. Isto é, eu estava comendo e ela falava.

— Gerro não teria gostado de saber do que eu lhe disse. Não quer mentiras a nosso respeito. Diz que a verdade é sempre muito mais simples.

Acendeu um cigarro e continuou.

— Conheci Gerro logo que entramos para a universidade. Sabe como são essas coisas. Um minuto, conversa-se sobre um problema comum dos estudos e, no minuto seguinte, descobre-se que há coisas mais importa de que falar.

"Bem, a coragem foi minha. Vamos desafiar o mundo, disse eu. De que valem os preconceitos alheios? Que importância tem o que os outros pensem ou digam? Vamos mostrar-lhes uma coisa. Gerro nunca disse coisa alguma. Limitava-se a sorrir naquela sua maneira doce, calma e sincera, sem dizer uma palavra.

"Acho que, já naquela época, eu falava demais para impedi-lo de enfrentar a realidade. Minha família nunca haveria de concordar. Sou do Haiti e, embora haja em mim um pouco de sangue negro, acho que do tempo de meus bisavós, meus pais têm mais orgulho da sua cor do que se fossem brancos puros. E a família de Gerro era a mesma coisa, embora de um ponto de vista diametralmente oposto.

"Gerro sempre quis ser escritor e jornalista Estudou jornalismo na universidade. Ma logo percebeu a enorme desproporção entre a sua

competência e as oportunidades que lhe apareciam. Resolveu então trabalhar para modificar esse estado de coisas. Pensou que, se ele se esforçasse ao máximo e outras pessoas fizessem também tudo o que pudessem, os outros acabariam por aceitá-lo, como ele estava disposto a aceitar todas as pessoas. É por isso que eu acho que ele deve ter sentido muito o que aconteceu esta noite. "Trabalha tanto que só tem tempo de vir-me ver uma vez por semana. E quando chega aqui, senta-se diante daquela máquina e começa a escrever coisas tão admiráveis, belas e sentidas que não sei como alguém pode lê-las sem chorar. Derrama o coração e a alma naquela máquina e, quando acaba, olha para mim, sorri e me pede que leia. Enquanto leio, ele anda de um lado para outro nervosamente, acendendo um cigarro atrás do outro, inquieto por saber da minha opinião.

"Quando eu acabo e digo-lhe que tudo está magnífico, ele me toma das mãos as páginas datilografadas e pergunta ansiosamente. 'É verdade, Marianne? É verdade mesmo?' "E era verdade. Era a verdade que ele escrevia — a verdade nua, crua, honesta, sem compromissos. Era todo o desespero de uma alma humana, a sua sensibilidade aos sentimentos dos seus semelhantes. Era a verdade — um farol brilhante e claro numa noite de nevoeiro, obscurecida pelos preconceitos e pela ignorância."

Levantou-se e apanhou o retrato de Gerro que eu havia examinado pouco antes.

— Pinte-o num dia em que ele estava trabalhando. Só percebeu o que eu estava fazendo, quando acabou o trabalho e me viu.

Sorri para ele e mostrei-lhe o retrato. E sabe o que foi que ele me disse? "Mas, querida, você me fez um homem bonito!" Com se ele não fosse bonito, bom e honesto por direito próprio.

Olhou para o retrato ainda alguns minutos. Eu havia acabado de comer os ovos. Ela, no seu enlevo, nem tomava conhecimento de minha presença.

— Oh! Como desejo que nós fossemos casados!

Comecei a falar, mas uma voz me interrompeu. Era Gerro, que estava na porta do quarto, sorrindo para nós.

— Vejo que vocês dois já se conhecem — disse ele. — Mas posso jurar que, como de costume, ela só contou o lado dela da história. Não lhe

disse que ganhou a Bolsa Ross de Estudos Artísticos, disse? Disse que a família dela é uma das mais ricas do Haiti? Dis- se que se eu me casasse com ela não teríamos um centavo para viver?

Ela se levantou e correu para ele.

— Estava com tanto receio por sua causa, Gerro — Receio, Marianne? — disse ele, sorrindo. — Não acredito.

Talvez eu tivesse receio. Mas você, não.

Levantei-me da mesa e disse:

— Escutem aqui. Estou cansadíssimo. Vamos entrar em recesso por esta noite, está bem? Amanhã ouvirei o seu lado da história, Gerro. Agora, vamos dormir.

Deitei-me no sofá da sala. Já estava quase dormindo quando ouvi alguém sair do quarto. Era Marianne.

— Ele já está dormindo, Marianne? — perguntei em voz baixa.

— Já — disse ela, aproximando-se do sofá. E você? Ainda não dormiu?

— Não.

— Ele me contou o que você fez. Vim agradecer-lhe. Eu não sabia... — murmurou ela, rindo de repente.

— De que é que está rindo?

— Sabe o que foi que eu pensei quando entrei no apartamento e vi você ali na poltrona? Pensei que fosse um ladrão e que havia pegado no sono, acordando quando entrei. Havia no seu rosto alguma coisa que parecia estar rindo de mim e dizendo: "Está bem, fui pega do. E agora, que é que vai fazer?" Estava com medo de entrar, mas não podia fugir. Um dia, vou pintar o seu retrato... embora eu saiba agora que é uma boa pessoa.

Não respondi.

Ela se curvou para mim e deu-me um beijo no rosto. Havia nela um perfume, uma feminilidade de que tive imediata consciência.

— Isto é por ter sido bom com Gerro, como foi.

Passei os braços e torno dela e puxei-a para mim.

— Esse foi por causa de Gerro — sussurrei-lhe eu. — Este agora é por minha causa.

Beijei-a na boca. A princípio, ficou tão surpresa que não me pôde impedir. Depois, beijou-me também. Passou os braços sob a minha cabeça e manteve o meu rosto junto do dela. Quando nos separamos, perguntei-lhe:

— Por que disse tudo aquilo enquanto eu estava comendo? Por mim ou por você?

Ela me olhou firmemente durante alguns segundos. Depois, levantou-se e disse:

— Patife! Patife imundo! Agora, não posso mais pintar o seu retrato. Você é mesmo um ladrão, como pensei da primeira vez. — Voltou para o quarto e parou à porta para dizer-me: — Não quero vê-lo nunca mais!

Virei-me no sofá para olhar para ela e perguntei — Você diria isso se eu não fosse amigo de Gerro, Marianne?

Ela entrou no quarto sem me responder. Fiquei olhando para o teto, sorrindo comigo mesmo. Ela tinha razão. Eu nunca mais a veria, enquanto Gerro fosse meu amigo. Era perigoso demais para nós ambos. Eu gostava dela — mais do que já havia gostado de qualquer mulher. Havia alguma coisa nela — em nós — que parecia atrair-nos um para o outro. Senti isso logo que a vi. Sabia que ela devia ter sentido também. Eu gostava da voz dela, do rosto móvel e expressivo, das mãos com os dedos longos, firmes e sensíveis. Tinha gostado do contato dos lábios dela, com os cantos da boca movendo-se levemente. Mas nunca poderia vê-la enquanto Gerro fosse meu amigo.

Saí do apartamento de manhã bem cedo, antes que qualquer deles acordasse. Era segunda-feira e eu tinha de trabalhar. Saí do apartamento furtivamente... como um ladrão.

Pouco depois de abrirmos o armazém, Terry apareceu. Estava furiosa.

— Você não disse que ia entrar em contato comigo ontem à noite.

— Não pude — disse eu, tentando acalmá-la, enquanto Harry nos olhava com curiosidade. — Gerro ficou ferido e eu tive de passar a noite com ele. Que foi que aconteceu depois que eu saí?

— Não sei — disse ela, já bem mais calma. — Chamei a polícia, como você recomendou, e depois fui para casa. Acho que o clube deve estar em pedaços. Como vai Gerro?

— Vai ficar bom. Saímos pelo terraço.

— Que é que vão fazer com o clube?

— Não sei, Terry Saímos para a rua e olhamos para o clube. Todas as vidraças das janelas estavam despedaçadas. Subimos. Os poucos móveis que havia estavam completamente destroçados. Havia escrito obscenidades nas paredes. Quando descemos, Terry estava com uma cara esquisita.

— Acho que agora tudo está acabado — murmurou ela.

— Talvez. Mas nunca se pode saber. Se o clube significava muito para os sócios, eles tratarão de reabri-lo.

— Claro que significava muito! — disse ela.

— Que significava o clube para você? — perguntei, com curiosidade.
— Que era que você ganhava com ele?

Ela hesitou um momento antes de responder.

— Ora, era um lugar onde a gente via os outros, fazia amizades e conversava sobre as coisas. Era um lugar de reunião.

— Não era um lugar onde você podia repartir o que tinha com os outros? Não era um pouco mais do que um lugar de divertimento apenas?

— Acho que sim — disse ela sem muita certeza.

Eu tinha razão. A maior parte das pessoas não faziam uma idéia exata do clube. Este era apenas um lugar aonde iam. O que se fazia ali de bom devia-se exclusivamente ao trabalho de alguns diretores, de homens como Gerro. O sócio comum não fazia idéia da importância que tinha ou podia ter o clube. Despedi-me de Terry e fui trabalhar.

Na quarta-feira à tarde, Harry atendeu o telefone.

— É para você — disse-me ele, passando-me o fone.

— Alô, — disse eu.

— Alô, Frank. É Gerro.

— Como está passando?

— Já estou bom. Só telefonei para saber se você pode jantar comigo esta noite.

— Será ótimo. Onde?

— Aqui em casa de Marianne.

Não esperava por isso e fiquei sem saber o que dizer. Não queria ir lá; não queria vê-la. Ou, melhor, queria vê-la, mas sabia que não devia. Tinha pensado muito nela naqueles dias — muito mais do que seria crível. Era curiosa a maneira pela qual ela me havia ficado na cabeça.

— A que horas?

— Vamos dizer sete e meia — Espere um pouco Gerro. Agora é que me lembrei. O caminhão chega hoje à noite e eu tenho de esperar por ele. Não poderei ir.

Sinto muito.

— Oh! É uma pena. Marianne queria tanto que você viesse. Será uma decepção para nós dois.

Achei engraçado meu coração disparar quando Gerro falou no nome dela.

— Peça muitas desculpas a ela em meu nome, mas você deve compreender.

— Compreendo, sim. Fica para outra vez.

— Sim, outra vez.

Despedimo-nos e desligamos.

Fiquei satisfeito depois daquele telefonema. Ela devia ter pensado também em mim, pois do contrário eu não receberia aquele convite.

Gerro me telefonou de novo na semana seguinte e eu fui jantar com ele num restaurante da Rua 14. Conversamos muito. Eu estava começando a gostar um bocado dele. Era talvez a primeira pessoa que eu conhecia havia muito tempo e com quem fazia boa amizade.

— Que é que você vai fazer agora? — perguntei-lhe quando já estávamos na sobremesa.

— Vou passar para um clube no Harlem.

— Não sei por que você tem tanto trabalho com essa gente, Gerro! A maioria não sabe o que você está querendo realmente fazer ou não se interessa. Querem apenas um lugar onde possam divertir-se um pouco.

— Sei perfeitamente disso, — replicou ele, causando-me surpresa. — Sei que a maioria não compreende o que nós tentamos fazer. Mas isso não é motivo para que eu não procure ajudá-los. Mais cedo ou mais tarde, todos acabarão compreendendo que o que esta mos fazendo é que é o certo. Pode demorar algum tempo, mais a- prenderão.

— Vai então para o Harlem — disse eu, pensando na família Harris. Ele podia fazer muito ali. Tinha capacidade para isso.

— É verdade. A organização acha que poderia fazer melhor ser viço no meio da minha gente.

— Mas você fez muito bom serviço aqui, Gerro!

— Eu também pensava assim, mas agora não sei. Eu havia esperado que, trabalhando com eles, faríamos com que as velhas animosidades e divergências fossem esquecidas. É essa a única maneira de conseguir uma verdadeira união: trabalhar-se juntos para um objetivo comum. Dessa maneira, nós nos conheceríamos melhor e co- compreenderíamos que todos nós desejamos a mesma coisa. Desse modo, acabar-se-iam as divergências.

— Acho que tem razão — disse eu. Não sabia até que ponto ele tinha razão, mas sabia que ninguém pode modificar as pessoas da noite para o dia.

Encontrei-me com ele uma vez por semana depois disso e era sempre para mim a melhor noite da semana. Ficava à espera dele. Éramos já muito bons amigos.

Passei a ver menos Terry. O clube se mudara para nova sede a umas cinco ruas de distância e eu não fui a qualquer das reuniões ali. Estava mudado depois que conhecera Marianne. Começava a sentir que havia mais coisas que eu queria de uma mulher do que a mera posse física do seu corpo. Terry era uma boa menina, mas não tinha aquilo de que eu precisava. Não havia entre nós a menor pretensão de amor. As nossas relações eram puramente físicas. De uma maneira vaga, eu sentia que não era isso apenas o que eu queria. Não tinha com ela aquele sentimento de exaltação, de curiosidade e de consciência profunda que eu experimentava ao pensar em Marianne. Cheguei a pensar que estava apaixonado, mas tirei isso da cabeça, rindo. A idéia de uma paixão era para mim um absurdo. Era uma coisa que só acontecia nos livros e nos filmes, mas que não tinha qualquer relação com a vida real. Tinha certeza de não estar apaixonado.

Numa noite em março, estávamos no vestíbulo de entrada do prédio onde Terry morava. Eu a beijara e ela me repelira. Dessa vez, eu não havia insistido e ela estava ali no escuro olhando para mim. Falou por fim.

— Você está mudado, Frank.

Ri-me.

— Está mudado, sim — continuou ela. — Há alguma coisa diferente em sua cabeça.

— Que eu saiba, não há nada.

— Você pode não saber, mas há. Depois, estive pensando. O que estamos fazendo tem de acabar.

Eu nada disse.

— Vê como tenho razão? — continuou ela, com mais segurança. — Há alguns meses, você teria discutido comigo para convencer-me do contrário. Agora, fica calado. Para mim, é melhor assim. Eu ia mesmo parar com isso porque vou casar-me.

Ela não compreendeu bem o meu suspiro de alívio. Eu estava esperando outra coisa.

— É mesmo com a pessoa de quem já lhe falei. É motorista de ônibus. O emprego é bom e ele faz quase quarenta dólares por semana. Gosta de mim e, se eu me casar com ele, posso sair deste buraco e ter tudo

o que eu quero. Podemos ir morar em Long Island num bom apartamento Com aquecimento e não nesta friagem onde vivo. Não terei mais de me preocupar com contas ou comida ou de ficar contando tostões.

Procurei fingir tristeza, mas era difícil. Ela botou a mão em meu braço.

— Não leve a mal, Frank. Mas é o inevitável. — Parecia a artista de um filme que tínhamos visto juntos na semana anterior. — Tivemos um bocado de bons momentos juntos. Vamos separar-nos como amigos.

Olhei para ela. Não era possível que estivesse dizendo aquelas tolices a sério. Mas o rosto sério mostrava que estava. Tive uma vontade enorme de rir e, por isso, foi com a voz estrangulada que disse.

— Se é assim que você quer, Terry..

Ela pensou que fosse tristeza.

— É adeus então, Frank.

Segui as regras do jogo.

— Não, Terry. Você não pode estar falando a sério.

— Estou, sim, Frank. Adeus Ela se deixara levar tanto pelo que dissera que tinha lágrimas de verdade nos olhos.

Dei-lhe um beijo no rosto.

— Acho que está certa. Não sirvo para você. Só desejo é que seja muito feliz. Adeus e boa sorte, Ela desatou em soluços e subiu as escadas chorando. Saí então para a rua, rindo.

Um mês depois, quando entrei no restaurante onde havia combinado encontrar-me com Gerro, vi Marianne sentada à mesa com ele. Parei um instante à porta hesitando e então continuei, porque ele me havia visto. Sentei-me.

— Marianne veio jantar conosco — disse Gerro, sorrindo.

— Estou vendo. Como vai, Marianne?

— Estou bem — disse ela, sorrindo para mim de uma maneira que me fez o sangue correr mais depressa. — E você, como vai?

— Muito bem — disse eu, olhando o cardápio para que ela não pudesse perceber o que me passava pela cabeça.

— Com licença um instante — disse Gerro, levantando-se — Peçam um suco de tomate para mim.

Dirigiu-se para o lavatório dos homens. Eu não acabava mais de olhar o cardápio.

— Que é que há, Frank? — perguntou Marianne, com um sorriso. — Ficou surpreso de que eu tivesse vindo?

— Um pouco.

— Ora não se incomode com isso. Eu estava apenas com curiosidade de saber como você era a luz do dia.

Olhei para fora pela janela do restaurante. Já estava escuro havia mais de uma hora.

Ela seguiu o meu olhar e riu.

— Não acredita em mim, então?

— Não.

Ela tornou a rir.

— Acho que você está é com medo de mim, Frank. Com certeza, julga que sou uma mulher mal intencionada.

— Já lhe disse da outra vez que não me interessa saber quem você é. Eu sou amigo de Gerro.

— Touché! — exclamou ela. Depois, debruçou-se sobre a mesa e me disse muito séria: — Frank, é possível a uma mulher amar dois homens ao mesmo tempo. Gerro é admirável — doce, bondoso e dono de tudo o que uma mulher deseja num homem. Gostaria de que fôssemos casados e é com toda a sinceridade que digo isso. Mas você é diferente. Você é ruim, egoísta, desonesto. Mostra isso no rosto. Parece querer tudo o que os outros possuem. Mas você me interessa. Sinto vontade de desmontá-lo peça por peça para ver o que faz você andar. Mas você é esquivo. Eu sabia que nunca me iria procurar e por isso pedi a Gerro que me trouxesse. Tinha de vê-lo de novo. Tinha de saber o que você sente por mim. Agora, já sei.

Está mais do que visível por baixo dessa máscara que você teima em colocar no rosto.

— Neste caso, acho que pode ver também que é o amor de Gerro e que ele já tem muitos problemas e não precisa de que eu vá complicar-lhe ainda a vida particular. Há anos, é você quem dá forças a Gerro. Não vou privá-lo disso.

Ela baixou a vista para o prato e mordeu os lábios. O rosto vermelho. Corava com muita facilidade. Ia responder-me quando Gerro voltou e a conversa parou aí.

Quando saí depois do jantar, fui caminhando lentamente pela rua. "Se não fosse Gerro..." pensava eu. Mas tirei resolutamente o pensamento da cabeça e voltei para o hotel.

Abril chegou, trazendo o primeiro toque suave da primavera. Primavera em Nova York! Tinha sem dúvida um efeito sobre a gente, mas não era nada daquilo que se costuma atribuir à primavera. Era a primeira sortida dos dias insuportáveis e quentes que viriam. Era o primeiro sinal de um verão tórrido e desagradável. Eu ia vivendo automaticamente — um dia atrás do outro, fazendo a mesma coisa todos os dias. Não sabia se era feliz, mas sabia que vivia conformado, de uma maneira estranhamente insatisfeita.

Gerro perguntou-me uma noite se eu podia ir à Union Square no primeiro de Maio. Fora designado para fazer um discurso e queria que eu o ouvisse. Eu não sabia se podia ir, pois o Primeiro de Maio caía numa segunda-feira. Mas disse que pediria a Harry algumas horas de folga à tarde. Se conseguisse isso, iria.

Não tinha visto Marianne desde a noite do jantar, em março. Pensei vagamente que talvez ela estivesse lá também. Não sei se foi isso que me fez afinal decidir comparecer ao comício do Primeiro de Maio. Mas isso deve ter influído na minha decisão, porque a verdade é que eu não gosto de ouvir discursos.

De qualquer modo, no dia 1.º de maio, segunda-feira, tive folga para ir. Havia muita gente na praça, em cujo centro haviam armado um coreto para os oradores. Alguns homens andavam pelo meio do povo distribuindo um papel no qual estava impresso o programa do dia. Vi que Gerro seria o

quarto orador. O tema do seu discurso, de acordo com o programa, seria "O Direito Inato da Igualdade".

Consegui chegar perto do coreto. Estava falando um homem que eu não sabia quem era e não me interessava. Procurei ver se avistava Gerro. Estava no coreto com outros homens, que esperavam evidentemente a sua vez de falar. Dei-lhe adeus. Os olhos dele, que estavam correndo nervosamente pela multidão, pararam em mim. Sorrii e fez um gesto com a cabeça para mostrar que me havia visto. Comecei a procurar no meio da multidão para ver se via Marianne. Mas ela não estava lá.

Puxaram-me pela manga do paletó. Voltei-me e vi Terry.

— Alô — disse eu, sorrindo. — Não esperava vê-la aqui.

Ela sorriu também e disse:

— Vim ouvir Gerro falar. Estou aqui com meu pessoal.

— Ótimo — murmurei desajeitadamente, sem saber mais o que ia dizer. — Como vai indo você?

Era uma pergunta idiota, pois eu a via quase todos os dias no armazém. Mas parecia que nos havíamos tornado dois estranhos e nada mais tínhamos para dizer um ao outro.

— Vou bem. Muita gente, não é?

— Muita — disse eu, ainda procurando Marianne com os olhos.

Ficamos alguns minutos em silêncio. Não havia mais nada para dizer. Afinal, ela disse:

— Tenho de voltar para onde está o meu pessoal.

— Está bem, Terry.

— Adeus.

Continuei a olhar para todos os cantos, mas não vi Marianne. Olhei para o coreto e vi Gerro encaminhar-se para a escada. Fui até lá.

Apertei-lhe a mão.

— Olá, rapaz!

— Foi muito bom você ter vindo, Frank. Eu estava um bocado nervoso até ver você. É a primeira vez que faço um discurso para tanta gente, mas bastou ver você para me sentir melhor. Gosto sem pre de falar para alguém no público que eu conheça. Faz a gente esquecer os outros.

— Fico então contente de ter vindo — disse eu, rindo. Olhei em torno e perguntei displicentemente — Marianne veio também?

— Não. Ela diz que não suporta multidões.

Dissimulei a minha decepção. Conversamos mais alguns minutos e ele voltou para o coreto. Fiquei à espera de que ele falasse. Havia mais dois oradores antes dele.

Via-se ali gente de toda a espécie — pobres de todas as raças, todas as cores, todos os credos, vestidos com o que tinham de melhor. A pobreza não era exclusividade. Não era precisa ter nascido nos Estados Unidos para viver na miséria. Além da multidão, havia polícias a cavalo para manter a ordem. Montavam belos cavalos alazões, e seguravam firmemente os cassinetes na mão. Pareciam prontos a reprimir qualquer desordem.

No coreto, o primeiro orador havia terminado e era outro que estava falando. O calor estava forte e eu saí do meio do povo para comprar uma coca-cola. Voltei então para junto do coreto, onde Gerro estava na primeira fila, na ponta mais próxima da escada. Acabei de tomar o refrigerante e, como não encontrei um lugar para deixar a garrafa, continuei com ela na mão.

De repente, vi um movimento da multidão como uma onda que se estendesse na direção do coreto. Começaram a gritar: "Briga! Briga!" Gerro se aproximou da beira do coreto e ficou olhando. Procurei um lugar onde pudesse ver melhor e divisei alguns homens que lutavam. Voltei os olhos para o coreto e vi Gerro descer a escada. Do outro lado, vi um polícia que galopava para o ponto onde havia a briga, fazendo gente correr para todos os cantos, saindo da frente do cavalo.

Depois disso, tudo aconteceu rapidamente. Gerro tentou apartar dois dos homens que brigavam. O guarda se aproximou, brandindo o cassinete para os homens que brigavam. Gritava alguma coisa, mas não pude ouvir o que era, tamanho era o barulho que fazia o povo. Vi Gerro dar um pulo e

tentar agarrar o braço armado de cassetete do polícia. Eu sabia que ele estava apenas querendo impedir que o polícia batesse em alguém. Mas o polícia fez rodar o cavalo e conseguiu livrar o braço das mãos de Gerro. Em seguida, desceu o cassetete duas vezes com toda a força na cabeça de Gerro. Este escorregou atordoado ao lado do cavalo e tentou agarrar-se ao animal para não ir ao chão. Nesse momento, quando ele estava com as mãos perto da anca do cavalo, o polícia virou o cavalo para o povo. Virando-se, o animal deu um coice no peito de Gerro, que caiu atrás do cavalo. O povo então avançou para o polícia e este fez o animal recuar. Os cascos pisaram Gerro, que estava estendido no chão.

Tentei abrir caminho para chegar até onde ele estava, mas havia muita gente na minha frente.

— Por que não o tiram dali? Ele vai ser morto. — Gritei desesperadamente.

O polícia parecia não saber que Gerro estava debaixo das patas do cavalo. Continuava de cassetete em punho, procurando acertar os que estavam mais perto. Levantei as mãos cheio de raiva e percebi que ainda estava com a garrafa na mão. Sem saber bem o que fazia, joguei a garrafa. Esta girou no ar e foi atingir o polícia no rosto. O homem se balançou tonto na sela. O sangue começou a correr-lhe da boca e do nariz e ele escorregou da sela e caiu no chão. Ouvi os apitos dos outros polícias que acorriam ao local.

Fiquei um momento atordoado. Depois, compreendi que tinha de sair quanto antes dali. Vi então Terry. Ela estava olhando para mim com os olhos arregalados e a mão na boca. Desapareci no meio da multidão. Se a polícia me pegasse e descobrisse que fora eu quem havia jogado a garrafa, eu levaria a maior surra de minha vida.

Cheguei ofegante ao portão do subway e virei-me para olhar para trás. Havia ainda muita gente e eu nada podia fazer por Gerro se ficasse ali. Resolvi voltar para o armazém e ficar esperando lá notícias dele.

Cheguei ao armazém poucos minutos antes das três horas. Havia passado antes por um bar para tomar um drinque. Depois, tomei uma xícara de café e fiquei mais calmo. Entrei, vesti o meu avental e comeci a trabalhar. Felizmente, Harry estava muito ocupado e não me fez perguntas sobre o discurso.

As duas horas seguintes se arrastaram. Eu estava esperando que o telefone tocasse. Queria ter notícias de Gerro e sabia que ele telefonaria se pudesse. Só por volta das seis horas foi que o telefone tocou. Harry atendeu e me passou o fone.

— Alô?

— Frankie? — disse uma voz muito nervosa. — É Terry. Fuja quanto antes. A polícia está à sua procura.

— Espere aí, Terry. Como é que a polícia sabe? Só você é que me viu.

— Só eu, não. Houve outras pessoas que o viram, Frank, inclusive gente do clube. A polícia estava interrogando todo o mundo e a qualquer momento vai saber onde é que você está. Aquele polícia está no hospital e pode morrer...

Eu não queria pensar nisso.

— E Gerro? Sabe como é que ele está, Terry?

— Não sabia? — perguntou ela, chorando. — Morreu. O cava lo o acabou a patadas.

Senti tudo rodar em volta de mim. Mas me dominei.

— Frankie? Alô? — disse Terry.

— Pronto, Terry.

— Ande depressa, Frankie. Você não tem muito tempo.

— Está bem. Obrigado — disse eu, desligando o telefone.

Não sei quanto tempo fiquei ali parado até que tive forças para chegar perto de Harry e dizer:

— Vou deixar a casa Ele estava cortando fatias de queijo na máquina e teve uma surpresa tão grande que quase cortou o dedo.

— Por que, Frank?

— Estou metido numa encrenca terrível. Houve uma briga lá no comício e eu tive de fugir.

— Eu já sabia! — exclamou ele. — . Não lhe disse que se afastasse dessa gente, que você ia arrepender-se?

— Não adianta mais nada falar. Além disso, eles não tiveram nenhuma culpa.

Harry acabou de cortar o queijo, embrulhou-o e entregou o embrulho à freguesa que estava esperando perto da porta onde não me podia ver nem ouvir. Voltou depois para onde eu estava.

— Desculpe, Harry. Nunca pensei em sair assim, deixando vo cê sem ninguém. Mas não tenho outro jeito. Você sempre foi correto comigo e muito gentil e quero que saiba que lhe sou muito grato.

Quer dizer isso também por mim ao Sr. Rayzeus?

Fui para a sala dos fundos e tirei o avental. Pendurei-o num prego da parede e voltei para o armazém. Estendi a mão para, Harry.

— Mais uma vez, obrigado por tudo.

— Sinto muito a sua saída, Frank. Você sempre foi um bom empregado e eu sempre gostei muito de você.

— Sinto muito também — disse eu, encaminhando-me para a porta.

— Espere um pouco, Frank. Você está esquecendo uma coisa.

— Voltei-me, surpreso. — O pagamento.

— Mas hoje ainda é segunda-feira.

— Ora essa! Você faz jus a muitas semanas extras de pagamento.

Tomei o dinheiro, guardei-o no bolso e disse:

— Obrigado. Eu bem que preciso.

De fato, eu tinha apenas pouco mais de cem dólares guardados no meu quarto de hotel. Não se podia economizar muito com o que eu ganhava.

— De nada, garoto — disse Harry, levando-me até à porta. — Espero que tudo lhe corra bem.

Cruzei os dedos para dar sorte. Ele riu, apertou-me a mão e cruzou os dedos também.

Olhei para um lado e para outro da avenida. Estava tudo calmo como de costume. Tomei o subway e fui até ao hotel. Arrumei tudo o que tinha na maleta que comprara algum tempo antes e paguei a minha conta. Já ia tomar o rumo da estação da estrada de ferro quando tive uma idéia.

Marianne! Quem iria dizer a ela? Não devia ser uma pessoa estranha que nada soubesse dos sentimentos existentes entre os dois. Esperava que ela não soubesse pela leitura de algum jornal, que publicaria friamente a notícia para conhecimento de quem tivesse apenas um interesse mínimo pelo fato. De instante a instante, mais me convencia de que eu é que teria de dizer-lhe. Mas só tive plena consciência da minha decisão quando me vi em frente à porta dela, de maleta na mão e tocando a campainha.

Esperei que estivesse em casa. Estava, pois lhe ouvi os passos rápidos em direção à porta. Abriu-a e viu-me. Ficou um instante confusa ao ver a maleta. Entrei sem esperar que ela me mandasse.

Ela fechou a porta e olhou para mim.

— Vai viajar, Frank?

— Vou, mas antes vim dizer uma coisa.

Ela não podia saber de que eu estava falando e, por isso, interpretou mal as minhas palavras. Aproximou-se de mim, com um olhar terno no rosto. Notei com surpresa que os olhos dela eram cinzentos e não castanhos, como eu havia pensado. Eram de um cinza-escuro enevoados.

— Que é que tem para me dizer? — perguntou ela, com voz macia.
— Por que é que você não pode viajar sem me dizer?

Larguei a maleta e agarrei-a pelos ombros. Na minha confusão, pensei que assim ela compreenderia mais depressa.

— Você está-me machucando, Frank!

Larguei-a e disse mais delicadamente:

— É melhor sentar-se.

— Não quero — disse ela, com os olhos a dilatarem-se de medo.

— Que é?

— Gerro morreu.

Ela me olhou um momento sem compreender, mas de repente ficou muito pálida e virou os olhos. Segurei-a antes que caísse. Depois, carreguei-a nos braços e levei-a para o quarto, deitando-a na cama. Fui buscar um copo de água e, quando voltei, ela estava começando a mover-se. Levei-lhe o copo à boca e algumas gotas desceram pelo pescoço. Afrouxei-lhe a blusa e fiquei esperando que ela voltasse a si.

Afinal, ela bateu as pestanas e abriu os olhos.

— Não queria que você soubesse por mais ninguém — disse eu, gentilmente. — Achei melhor que eu mesmo lhe dissesse, mas acho que não tive muito jeito.

Ela sacudiu debilmente a cabeça — Como... como foi?

— Houve uma briga na praça onde ele devia falar. Um polícia bateu nele com o cassetete e ele caiu embaixo do cavalo do polícia.

Joguei uma garrafa no homem que está no hospital e eu tenho de fugir.

— Mas Gerro... — perguntou ela com voz sumida. Gerro so freu muito?

— Não. As coisas se passaram tão depressa que ele não deve ter sentido nada.

Eu não sabia se ele havia sofrido ou não. Mas para ele isso não tinha mais importância e para ela era melhor pensar que ele não sofrera.

Ela sentou-se na cama e murmurou.

— Foi melhor assim... Depressa... se tinha de acontecer. Gerro não podia tolerar qualquer dor.

Cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar. Deixei-a chorar alguns minutos. Depois, levantei-me. Quanto mais tempo eu me de morasse ali, mais perigoso seria para mim. Ela parou de chorar e levantou os olhos para mim.

— Você era amigo dele — disse ela. — Não sabe como ele fi cou orgulhoso de que você tivesse lutado por ele. Disse-me isso mui tas vezes. E você lutou por ele até ao fim.

Não soube o que dizer. Não me era possível dizer displicentemente: "Não foi nada. Tive prazer com isso". Uma coisa assim acontecia e, por mais que eu fizesse, não era possível impedi-la.

— Sinto muito — disse eu. — Não sabe como estou sentido.

Ele era magnífico.

— Nunca haverá ninguém como ele — murmurou ela.

Ficamos em silêncio durante um minuto e por fim eu disse:

— Se acha que já está bem, vou indo.

— . Estou bem, sim — disse ela, tristemente.

— Adeus — disse eu da porta do quarto.

— Adeus — respondeu ela.

Fui em direção à porta do apartamento quando ouvi passos a-trás de mim, Virei-me e Marianne me caiu nos braços. Abracei-a com o rosto colado ao dela e sentindo-lhe as lágrimas quentes correrem-me pela face. Passei a mão pelos cabelos dela.

— Marianne...

Ela me disse com os lábios junto ao meu ouvido.

— Tome cuidado com você. E volte. Vou precisar de você agora que...

Não a deixei acabar a frase.

— Voltarei, sim, Marianne. Quando acabar o verão e isso estiver esquecido, estarei de volta.

— Promete? — perguntou ela como uma criancinha.

— Prometo! — respondi, olhando-a nos olhos. Estavam cheios de lágrimas e eram violeta, não cinzentos como eu havia pensado. — Fique aqui e me espere que eu voltarei.

Saí sem beijá-la.

Quando fechei a porta, ouvi-a dizer:

— Tenha muito cuidado, querido.

Estava escuro na rua e eu pensei que seria muito perigoso para mim ir para a estação. Se a polícia já sabia quem havia jogado a garrafa, devia estar à minha espera lá. O melhor seria tomar a barca para Nova Jersey.

Ela me chamara "querido"! Por um momento, senti remorsos ao lembrar-me de Gerro. Depois, compreendi que ele estava morto e essas coisas já não tinham importância para ele. Além disso, eu tinha feito tudo o que podia. Enquanto ele estava vivo, eu nem me aproximara dela. "Querido!"

Atravessei sem novidades na barca. Um chofer de caminhão que ia para Newark deu-me carona. Na estação de Newark, comprei passagem para Atlantic City. Era um lugar de veraneio e o melhor ponto para conseguir um emprego, se houvesse algum.

Olhei receoso de um lado para outro da estação enquanto esperava o trem. Lá estava eu de novo no velho carrossel. Iria parar algum dia? De repente, comecei a rir intimamente.

"Querido", dissera ela. Pela primeira vez em minha vida, eu amava de verdade alguém.

Consegui um emprego duas horas depois de ter chegado a Atlantic City. Havia ainda muitos empregos, pois se estava no início da estação de veraneio. Empreguei-me numa sorveteria da praia. Eu trabalharia à noite, chegando às três da tarde e ficando até uma da madrugada. O salário era de vinte dólares por semana com comida, sete dias na semana e o emprego era garantido até setembro. Para mim estava bem. Eu tinha para onde ir quando o verão chegasse ao fim.

Depois de pegar o emprego, aluguei um quarto num hotel barato por oito dólares por semana. O hotel ficava perto da sorveteria. Não tive muita dificuldade com o serviço. O tempo que eu passara trabalhando com Oto estava dando resultado. Eu era um bom caixeiro de sorveteria. Dentro em pouco, passei a ser excelente porque aprendi a trabalhar com uma certa economia de movimentos que permitia serviço mais rápido, maiores vendas e menos cansaço para mim.

Passava em geral o dia na praia até quase à hora de começar a trabalhar. Ia então para o hotel, vestia-me e ia para a sorveteria. Almoçava lá, trabalhava até à hora de fechar e, depois, voltava para o hotel e dormia.

O verão foi passando lentamente, Eu trabalhava muito, mas me sentia bem, O sol da praia me queimou a pele e eu ganhei um pouco de peso. Não queria saber de amizades, nem com homens, nem com mulheres. Não tinha necessidade disso. Por enquanto, estava muito contente em viver sozinho. Havia muitas pequenas com quem eu poderia sair se quisesse — encontrava-as na praia ou na sorveteria — mas não queria.

Comprava todos os jornais de Nova York, matutinos e vespertinos, mas além da primeira notícia do caso em que se dizia que o polícia havia ido para o hospital, não pude mais encontrar uma só linha sobre o assunto. Mas não me ia arriscar. Não escrevia a Marianne nem lhe telefonava com receio de que ela estivesse sob vigilância da polícia, empenhada em apurar mais alguma coisa sobre os antecedentes de Gerro. Dava tempo ao tempo e esperava que o verão passasse.

Pensei muito também naquele verão. Pensei muito em mim, em minha tia e meu tio, em Marianne. Procurei descobrir o que havia entre Marianne e mim que nos fazia ser como éramos. Que havia em nós que tinha feito com que mudássemos de sentimentos quase na mesma hora em que Gerro se afastara de cena? A única explicação que podia achar quanto a mim era que eu era um realista, O que havia acontecido acontecera e nada do que eu pudesse fazer alteraria esse fato. Era também um oportunista. Sabia o que queria e, quando a oportunidade chegava, aproveitava-a, fossem quais fossem os meus sentimentos anteriores. Queria Marianne — ela tinha para mim uma atração que mulher nenhuma tivera ainda e que, embora fosse alguma coisa bastante vaga que eu não podia precisar bem, me fazia ansioso por tê-la só para mim. Por último, amava Marianne. De todas as explicações, esta me parecia a mais vaga, tola e fútil. Aceitava-a apenas em parte e rejeitava-a à luz da razão.

Quanto a Marianne só podia saber quais os seus sentimentos quando a visse de novo, Julho passou e agosto estava chegando ao fim. Ainda me restavam cerca de três semanas de trabalho. Depois disso, voltaria para Nova York. Tudo me parecia seguro. A briga na praça não tivera a repercussão que eu havia esperado. Estava disposto a ir para Nova York logo que a sorveteria fechasse.

Era a última quarta-feira de agosto. Eu estava estendido na areia com o braço sobre os olhos, a fim de protegê-lo do sol. Estava quase cochilando

ao calor do sol, quando tive de repente uma idéia que me fez ficar inteiramente desperto. E se Marianne não me estivesse esperando? Saí da praia, fui a um telefone e pedi uma ligação para ela.

Eram quase onze horas da manhã. Talvez ela não estivesse em casa. Comecei a sentir-me ridículo e já ia desligar quando uma voz clara, quente, musical, me disse: — Alô.

Gaguejei quase na emoção com que falei.

— M-Mariane!

— Frank! — exclamou ela, surpresa. — Oh, querido! Onde es tá você? Já estava começando a pensar que nunca mais voltaria!

Fiquei radiante com o sentimento que havia na voz dela.

— Estou em Atlantic City. Estou trabalhando aqui. Tive de telefonar-lhe para saber como você vai — Vou muito bem. E você?

— Otimamente.

— Quando é que vai voltar?

— Daqui a três semanas, quando terminar o meu trabalho aqui.

— Não pode vir mais cedo? Quero ver você. Há tantas coisas...

Não concluiu a frase.

— Eu bem que gostaria, mas não posso. Prometi ficar até o fim da temporada. E tudo aí está bem?

Ela sabia a que eu estava me referindo — Tudo por aqui normal. Mas, querido, não posso ir aí vê-lo?

Podemos passar uns dias juntos. Não quero mais esperar.

— Não sei — disse eu com hesitação. — Trabalho de três horas da tarde à uma da madrugada e nós não poderíamos ter muito tempo para ficar juntos — Não faz mal. Aproveitaríamos todos os minutos e eu estou precisando de descanso. Estes meses têm sido bem duros para mim.

Tenho procurado botar umas coisas em ordem na minha cabeça.

— Você também? Tenho pensado muito em nós.

— Está vendo? Tenho de ver você. Tenho de saber se você sen te o mesmo que eu. Vou aí. Onde é que você está?

Disse-lhe onde era.

— Irei de carro para ai ainda hoje à noite. É só o tempo de ar rumar algumas coisas.

— Trabalharei na sorveteria até uma hora da madrugada. Acho melhor ir procurar-me lá. Fica na praia, no Hotel Vitória.

— Estarei lá hoje à noite — Ótimo! Até lá então.

— Como eu amo você, querido!

Fiquei por um momento sem ação, com as palavras ressoando-me no ouvido — Marianne — murmurei. — Marianne — Sim... E você me ama, Frank?

— Você sabe muito bem disso.

— Sei, sim. Desde o momento em que vi você no meu aparta mento, desde aquele primeiro beijo que sei disso. Não foi direito o que você fez. Foi uma canalhice. Nós dois sabíamos disso e nada podíamos fazer. — Pareceu-me ouvir um suspiro pelo telefone. — Até logo, querido.

— Até logo — disse eu, desligando e voltando para a praia.

A meia-noite, que era a hora em que eu principiava a arrumar a sorveteria para sair, ela ainda não havia chegado. Eu já havia desistido de esperá-la, certo de que só iria chegar de manhã. Charlie, meu patrão, estava trabalhando do outro lado. Eu estava limpando as bombas e nós dois conversávamos, pois não havia mais fregueses.

Charlie costumava zombar de mim porque nunca me vira sair com pequena alguma e eu não me dava ao trabalho de explicar-lhe. O movimento depois daquela semana começava a cair. Ele tinha uma casa em Miami Beach para onde iria depois de fechar aquela. Tinha um sócio que havia ficado em Miami Beach, tomando conta da outra sorveteria.

Acabei de limpar as bombas, arrumei os copos nas prateleiras e olhei para o relógio.

— Quer sair mais cedo, Frank? — perguntou ele, rindo. — Ar rumou alguma coisa hoje?

Sacudi a cabeça.

Deu uma hora e nós fechamos a casa. Esperei alguns minutos em frente à sorveteria para ver se ela chegava. Fui então sentar-me num dos bancos da praia o acendi um cigarro. Tinha havido decerto algum contratempo e ela não pudera vir naquela noite. A praia estava quase deserta. Eram raras as pessoas que ainda passeavam. No mar passava um navio todo iluminado. Devia estar a caminho da Flórida. Talvez Marianne tivesse falado apenas por falar, sem qualquer intenção de ir mesmo a Atlantic City.

Senti de repente duas mãos cobrirem-me os olhos. Uma voz suave perguntou:

— Sabe quem é?

Se eu sabia quem era! Não podia haver dúvida possível. Mas resolvi entrar no espírito da brincadeira.

— Jane? — perguntei.

— Não — respondeu Marianne.

— Helen? Mary? Edna? — perguntei, começando a rir.

— Só pode dizer mais um nome — disse Marianne. — Se não adivinhar, vou-me embora agora mesmo. Talvez fosse melhor mesmo não ter vindo. Você me parece por demais preocupado.

Tirei as mãos dela dos meus olhos, beijei-as e depois esfreguei-as no meu rosto. Fi-la sentar-se no banco ao meu lado.

— Marianne! Pensei que não ia mais chegar!

Ela sorriu, mostrando os belos dentes brancos e com os cabelos avermelhados a brilharem ao luar.

— Não podia deixar de vir sabendo onde você estava, querido, ainda que não quisesse!

Beijei-a. Foi um beijo doce, terno, quente e apaixonado, tudo ao mesmo tempo. Era como se a lua e todas as estrelas houvessem descido do

céu e estivessem girando entre nós dois. Era como se eu estivesse flutuando no ar ou caminhando por cima das nuvens. Eu era ao mesmo tempo um garotinho e um homem adulto e completo. Estava exultante e sentia um aperto na garganta que não me deixava falar.

Olhei-lhe os olhos e vi que eram suaves e estavam banhados em lágrimas. Abracei-a, sentindo o pulsar do seu coração junto ao meu. Tornei a beijá-la. Era como um encantamento, com o mundo desaparecendo diante dos meus olhos e com todos os sons a fugirem dos ouvidos. Um momento de puro êxtase!

— Lembra-se do que eu lhe disse pelo telefone? — perguntou ela. — Os nossos sentimentos são idênticos. E ninguém pode fugir dos seus sentimentos. Gerro me falou muito a seu respeito. Sei que você fugiu uma vez de um orfanato. Pensei que podia fazer isso de novo e fugir de mim. Mas agora sei que não é possível. Não pode mais fugir!

— Marianne, amo você. Você é tudo o que a vida já me deu de melhor. É tudo para mim. Amo você.

Ela pousou a cabeça em meu ombro e murmurou:

— Queria ouvir isso dos seus lábios. Amo-o, amo-o, amo-o.

Levantamo-nos do banco e começamos a caminhar pela praia.

Deitamo-nos na areia, falamos sobre um milhão de coisas e tornamos a falar, a falar. E enquanto caminhávamos ou falávamos, tínhamos os braços passados pela cintura um do outro, com as mãos juntas e os olhos misturados.

E mais tarde, quando a lua estava descambando no céu para os lados do oeste e nós dois ficamos à janela do meu quarto, olhando o mar e fumando, compreendi de repente que havia chegado a minha hora de amar, e que a diferença estava em dar, não em receber.

E ao amanhecer, quando acordei de súbito e sentia-a adormecida ao meu lado, fiquei maravilhado com a idéia de que eu pudesse possuir tanta beleza e paixão. Ela deve ter sentido o meu olhar porque acordou nesse momento e, enlaçando-me nos braços, murmurou: — Nunca me deixe, Frank! Nunca!

Nunca hei de deixá-la Marianne! — disse eu, certo para todo o sempre do que dizia.

Fomos á praia na manhã seguinte. Ela estava com um belo maiô novo e tão bonita que dava vontade de devorá-la. Era uma dessas mulheres que são belas de qualquer maneira — com pouca roupa, sem roupa ou inteiramente vestida. Tinha um corpo esbelto e cheio e pernas longas e bem feitas. Os seus movimentos eram graciosos e toda ela era impregnada de sutil vivacidade. Era admirável e dava orgulho estar com ela. Via com os homens a olhavam e palavra que era um prazer sentir a inveja que tinham de mim.

Ela tinha plena consciência da sua beleza. Sabia que era dinamite com um maiô branco. Procurava hábil e francamente atrair as atenções e sorria feliz para mim quando eu lhe dizia com era bela.

Depois de nadarmos um pouco, deitamo-nos na areia e rimos felizes. O sentimento de plenitude que eu tinha quando estava com ela era alguma coisa nova em minha vida e eu me entreguei completamente a ele.

Ao meio-dia comprei cachorros-quentes para comermos na praia. Enquanto comíamos, pedi-lhe notícias de Nova York. A velha cidade estava no mesmo. Quanto a ela, acabara de fazer dois retratos que lhe haviam encomendado e estava exausta. O meu telefonema chegara no momento exato quando ela estava em dúvida sobre o que ia fazer. Estava contentíssima de estar ali, de estar ao meu lado, de viver apenas.

Segurei-lhe a mão e ficamos alguns minutos em silêncio. Perguntei-lhe então se fora ao enterro de Gerro.

— Não — respondeu ela.

— Por quê?

— Porque sou covarde. Porque não podia suportar a idéia do que haviam feito com ele. Porque não queria pensar que ele havia, morrido e eu ainda estava viva e gozando a vida. Por sua causa e pelo que eu sentia que havia entre nós dois. Amava a ambos e não sabia a quem era que queria mais. Amava a você por uma série de razões e a ele por uma série de razões diferentes. Por que vocês dois eram tão distantes e ao mesmo tempo tão próximos um do outro.

Não pude ir.

— Gerro era formidável. Foi uma pena o que aconteceu. Não havia e não há muita gente igual a ele.

Ela me olhou de maneira estranha.

— Está sendo sincero mesmo, Frank? No seu íntimo, não se sente secretamente satisfeito com o que aconteceu? Afinal de contas, se isso nunca tivesse acontecido, talvez nunca... nós dois...

Eu ainda não havia pensado nisso exatamente assim. Talvez ela tivesse razão. Se tinha, fora por isso que eu a procurara antes de sair da cidade e não pelo motivo que eu imaginara. Senti-me um tanto confuso. Olhei-a. Ela estava estendida de costas na areia, com o belo cabelo palpitando como fogo na cabeça, e os seios firmes e esféricos arredondando-lhe o maiô, o estômago liso e dissolvendo-se na suavidade dos quadris e das coxas. Olhei-a, desejei-a e comecei a compreender os meus sentimentos.

Falei um pouco devagar, pois queria pensar claramente no que dizia e articular bem as palavras:

— Não, Marianne. Não é isso o que eu sinto. Sou o que sou.

Quero o que quero. Mas o que quero é por mim mesmo e não à custa de outra pessoa, por mais que eu possa querer alguma coisa.

Sinto que de qualquer maneira você e eu íamos ser o que somos agora. O fato de que as circunstâncias tivessem tornado tudo possível não altera a sinceridade do meu pesar pelo que aconteceu a Gerro. Você e eu teríamos encontrado um meio, ainda que nada tivesse acontecido a ele.

— Não creio — disse ela maliciosamente. — Da maneira pela qual você agia, do jeito pelo qual me evitava, isso nunca teria acontecido. E veja o que teríamos perdido! Tudo isso, você e eu, perfeição, ritmo, harmonia e felicidade. Algumas pessoas pensam que foram feitas uma para a outra, fisicamente, mentalmente e, até (riu um pouco), moralmente. Você e eu somos de outra massa. Somos predatórios, egoístas, mimados. Não estou dizendo com isso que você tenha sempre tido tudo o que quis pelo simples fato de desejá-lo, como me tem acontecido. Mas de um modo especial você

tem sido mimado, pois só pensa em si mesmo e marcha diretamente para aquilo que deseja. Você sabe que não presta, não sabe? Sabe que o que estamos fazendo pode ser considerado errado por muitas pessoas. E você pouco se importa. Vai em frente e faz aquilo que quer. Você é um animal: na sua maneira de andar, na sua maneira de agir, na sua maneira de pensar — tudo em preto e branco. Para você, não há tons intermediários, E é isso justamente o que eu amo em você. Você é uma estranha mistura contraditória e eu amo todas as facetas da sua alucinada personalidade. Além do mais, não é muito desagradável olhar para você com essa pele deliciosamente queimada. Aposto que as pequenas daqui não lhe davam sossego.

Ri ao ouvi-la dizer isso. Poucas se haviam dado ao trabalho de olhar para mim.

— Havia brigas na praia por minha causa a cada instante — disse eu.
— Não me davam uma folga.

— Ordinário — disse ela, chegando o corpo para perto de mim.

Passei o braço por ela e beijei-a.

— Assim sim! — exclamou alguém perto de nós. Levantei os olhos e vi Charlie, meu patrão. Tinha saído da água e estava com o corpo todo molhado. Sorri para ele.

— Olá, Charlie!

— Olá, Frankie! — disse ele, sentando-se ao nosso lado.

Tive de apresentá-lo. Estava um pouco aborrecido pelo fato de ter sido visto por ele, mas não havia jeito a dar. A praia era pública.

— Marianne, este é Charlie — disse eu.

Os dois se cumprimentaram. Marianne era bem esperta. No momento em que soube que ele era meu patrão, começou a agir sobre ele.

— Não sei por que Frank tem de ir até o fim da temporada se o movimento agora é quase nenhum — disse-lhe ela. — Ele devia era tomar algumas semanas para descansar antes de voltar para Nova York.

— Isso depende de Frank — disse Charlie pensativamente — Ele pode fazer o que quiser depois da segunda-feira.

Foi o embuste rápido que eu já vira, pensei, olhando para Marianne com novo respeito. Ela certamente sabia o que queria e não estava disposta a me deixar trabalhar enquanto estivesse ali.

— Falaremos sobre isso depois — disse eu, adiando a resposta e levantando-me — Vamos, querida, que eu tenho de me vestir. Está quase na hora de ir para o trabalho e o patrão vai-se zangar se eu chegar atrasado.

Fiz Marianne levantar-se e Charlie também se levantou. Sorria, percebendo o jogo entre nós dois.

— Até logo — disse ele, afastando-se.

Quando saí do chuveiro, ela já estava vestida e penteava os cabelos em frente ao espelho. Eu tinha a toalha passada pelo corpo e atravessei o quarto para onde ela estava.

— Por que foi que disse aquilo a Charlie? — perguntei-lhe, sorrindo.

— Não lhe disse que eu era egoísta? Pois não quero que você continue trabalhando com um tempo tão bonito assim quando podia estar realmente descansando e junto de mim.

— Você é uma sereia! — exclamei. — Mas não se esqueça de que eu, se não trabalhar, não terei o que comer. Nem todo o mundo tem uma família rica que o sustente.

— Não se preocupe com isso — disse ela, sorrindo. — Tenho tanto dinheiro que nem sei mais o que vou fazer com ele. Por que não se despede logo? Poderíamos sair deste hotel e ir para o Towers, onde nos divertiremos de verdade.

— Assim com essa facilidade?

— Assim com essa facilidade! — disse ela, chegando-se a mim. — Há tantas coisas que quero fazer por você, querido. Quero vê-lo bem vestido. As suas roupas são horrorosas. Você é lindo e, com boas roupas, ficará um estouro. Gostaria também de ensiná-lo a comer. Você devora tudo como se estivesse com uma fome de três dias e tivesse medo de que a comida fosse fugir do prato. Quero passá-lo a limpo sem mudar você nem um pouco. Gosto da perfeição e sou louca por você.

— Quer então modificar-me e sustentar-me? Não estou gostando. Quais são exatamente as suas intenções, minha senhora?

— Adivinhe! — disse ela, puxando a toalha do meu corpo e caindo nos meus braços.

Mais tarde, na sorveteria, quando o movimento havia diminuído um pouco, Charlie me perguntou quem era ela.

— Minha pequena, Charlie. Veio de Nova York para passar alguns dias comigo.

— Ela é OK, Frank. Deve estar apaixonada por você. Com uma garota daquelas, não é de admirar que você nunca desse atenção às pequenas daqui. Cheguei a pensar que você era doente ou outra coisa.

Fiquei calado.

— Vai sair daqui como ela quer, Frank?

— Não sei, Charlie. Não resolvi nada.

Mas era pura conversa. Eu sabia que ela me tinha onde queria e se ela me mandasse sair, eu sairia.

E foi o que eu fiz — na segunda-feira, á noite.

Passamos três semanas em Atlantic City. Mudamo-nos para o Hotel Towers e ficamos num apartamento de três peças no décimo terceiro andar com um terraço que dava para o mar. Pedíamos a comida no quarto. Marianne tinha aversão aos restaurantes de hotel. Era pelo menos o que dizia. Gastava muito com tudo isso. Eu não sabia exatamente quanto, pois pagava prontamente todas as contas de um suprimento de dinheiro aparentemente inesgotável que parecia levar com ela.

Comprei-lhe uma pequena pulseira com uma moeda de prata, numa das lojas da praia. Custou-me onze dólares e mandei gravar nela: "A Marianne com muito amor, Frank". Dei-lhe o presente numa madrugada, às três horas. Estávamos no terraço, gozando a brisa fresca que vinha do mar. Ela estava com um vaporoso negligê e eu estava apenas de short, fumando uma cigarro. Lembrei-me então do meu presente e que havia esperado uma oportunidade para dá-lo. Entrei e fui buscar a pulseira.

Senti-me um pouco desajeitado. Não lhe tinha dado muitas coisas e não sabia bem o que dizer.

— Isto é para você, Marianne — disse constrangidamente entregando-lhe a pulseira.

Ela pareceu surpresa e aceitou o presente com alegria.

— Que linda, Frank! — exclamou ela e leu a inscrição em voz alta. — "A Marianne, com muito amor, Frank". Muito doce... e original também.

Julguei perceber uma nota de ironia na voz dela e isso me doeu. Repliquei com voz bem calma:

— É original, sim. Nunca disse isso e nunca pensei isso de nenhuma outra mulher.

Ela reagiu prontamente ao meu tom de voz.

— Querido! Não foi isso que eu quis dizer. Não tive a menor intenção de ofendê-lo. Desculpe. Gosto da pulseira e sempre a usa rei. Faça o favor de colocá-la.

Estendeu o braço. Prendi-lhe a pulseira no braço. Ela estava com um anel de brilhante, cercado de rubis, no dedo. As pedras cintilavam ao luar e o contraste era tremendo. A pulseira era uma coisa triste diante do esplendor daquele anel. Arrependi-me de tê-la comprado. Com isso havia, apenas, acentuado a diferença entre nós. Prometi a mim mesmo que, quando voltasse para Nova York, iria ganhar dinheiro de verdade para comprar-lhe coisas que não ficassem em desvantagem comparadas com o que ela já possuía.

Voltamos para Nova York no dia 20 de setembro. Fui morar no apartamento dela e, alguns dias depois, decidi sair e ir procurar emprego. Mas os empregos estavam muito difíceis e eu não tive muita sorte nos primeiros dias.

Ela, enquanto isso, tinha muito o que fazer. Recebera muitas encomendas e vivia num estado constante de energia e trabalho efervescente. Quando ela estava trabalhando, era uma pessoa inteiramente diferente. Dava-me algum dinheiro e dizia-me que saísse de casa, que fosse a um cinema ou a qualquer outro lugar e só voltasse muito depois. A

princípio, tudo foi novidade para mim. A rainha não podia errar. Gostava de vê-la pintar, com o curioso ar de concentração que a envolvia. A cabeça, os olhos, o corpo, tudo parecia sob tensão e inteiramente absorvido pelo trabalho. Se eu falava com ela, respondia-me por monossílabos ou não me respondia. Andava muitas vezes pela sala como se eu não estivesse presente. Quando pintava, dava pinceladas nervosas e murmurava nomes feios quando deparava com algum efeito difícil. Dentro em pouco, o rosto e a testa apareciam manchados de tinta quando ela afastava com as mãos os cabelos, dos olhos.

Mas, se o dia tinha corrido bem e ela estava satisfeita com o que havia pintado, mostrava-se à noite doce e amorosa com uma espécie de alegria infantil. Fazia pilhérias e nós tomávamos champagne e eu preparava algumas coisas gostosas para comermos. Era eu quem cuidava principalmente da cozinha, porque ela dizia que não tinha jeito para cozinhar e não podia suportar nada que ela mesma preparasse. De vez em quando, aparecia algum amigo para visitá-la — artistas como ela, escritores, homens e mulheres de variada capacidade intelectual que pareciam viver num mundo à parte. Quando eu lhes era apresentado, olhavam para mim polidamente e queriam saber o que eu fazia. Quando descobriam que eu não era um deles, deixavam de tomar conhecimento de mim e me excluía das conversas a não ser que quisessem outro drinque, quando então me chamavam como se eu fosse um empregado.

Mas eu continuava desesperada, louca, alucinadamente apaixonado. A rainha não podia errar. Levava-me para fazer compras com ela e muitas vezes gastou trezentos dólares de roupas, comigo. Eu tinha ternos, sobretudo e camisas feitos sob medida. A minha roupa de baixo era de um luxo fora do comum e eu dormia com pijamas de seda. No começo, procurei emprego. Quando afinal se abriu uma possibilidade e eu cheguei em casa todo satisfeito, Marianne franziu o rosto e perguntou:

— Quanto é que vaio ganhar?

— Dezenove dólares por semana! — disse eu, cheio de confiança.

— Só dezenove dólares? — perguntou ela com um gesto dramático.

— Que é que você pode fazer com tão pouco dinheiro? Isso não lhe dá nem para os cigarros.

— É um emprego, afinal de contas — disse eu. — É melhor do que nada.

— É pior do que nada — replicou ela energicamente. — É um insulto à sua inteligência, à sua capacidade, à sua energia. Você vale muito mais do que isso. Além disso, querido, por que vai trabalhar por tão pouco dinheiro quando não precisa disso? Posso dar-lhe duas vezes isso por semana, se você quiser.

Comecei a perder a calma.

— Mas não posso viver assim para sempre. Não é direito. E, além disso, não me sinto bem em lhe pedir dinheiro, sempre.

— Mas isso não tem a menor importância, querido — disse ela, beijando-me. — Se o dinheiro fosse seu, pouco me incomodaria de pedir-lhe sempre que tivesse necessidade.

— Mas isso é diferente.

— Não, não é. Nós nos amamos muito e tudo o que é de um, é do outro, também.

Não era possível discutir com ela sobre isso quando ela resolvia ser gentil. E foi assim que as coisas continuaram durante algum tempo. Era uma vida fácil e eu gostava da vida fácil. Tinha conhecido muito bem o outro lado da vida e, de qualquer modo, achava que mais cedo ou mais tarde me apareceria uma boa oportunidade e eu conseguiria um emprego decente. Deixei o barco correr.

Cerca de um mês depois, quando fui pegar um cigarro na mesinha da sala, notei que o retrato de Gerro não estava mais lá. Procurei-o por toda a parte e não o encontrei. Fora substituído por um retrato meu. Pareceu-me bom. Não entendo muito dessas coisas. Mas, olhando melhor, percebi que não se parecia muito comigo. Eu estava no retrato muito descansado, muito displicente, muito à vontade. Deu-me a vaga impressão de haver alguma coisa errada.

— Gostou, querido? — perguntou de repente Marianne, que chegara sem eu ver.

Virei-me para ela e disse gentilmente — Está muito bom.

— É um presente para você, por ser como é, maravilhoso, e por me fazer muito feliz — disse ela, dando-me um beijo.

— Muito obrigado.

— Não me agradeça. Fiz porque tive vontade de fazer. Foi difícil porque eu não queria que você desconfiasse. Pintei-o escondido de você, nos momentos em que .me era possível.

— Imagino.

— Não está satisfeito? — perguntou ela, com voz preocupada.

— Que é que não está certo?

— Onde está o retrato de Gerro?

— Ah! — disse ela, sentando-se numa poltrona. — O agente viu, achou que podia conseguir um bom preço por ele e eu entreguei a ele para vender.

— Peça-o de volta. Quero o retrato!

— Para quê? — perguntou ela, olhando-me com estranheza.

— Porque quero. Peça-o de volta.

Eu mesmo não sabia por que era que o queria.

Ela estava começando a se aborrecer e me disse exaltadamente:

— Basta que me dê uma justificativa que seja e eu farei isso.

Mas não posso absolutamente compreender para que você quer o re trato.

— Pois vou-lhe dizer. Esse retrato meu está muito bem feito.

Mas é apenas isso — um retrato bem feito e amável. Nada revela a meu respeito. Mostra apenas o meu exterior, a minha casca. Talvez eu nada tenha dentro de mim que se possa botar num retrato, mas Gerro tinha. E você pegou bem o que havia dentro dele. E se você perdeu a coragem de enfrentar o que se mostrava naquele retrato e tentou substituí-lo por esse retrato mentiroso meu, cometeu um erro.

Não é assim que se enterram as coisas. Você pode não querer o retrato, mas eu quero.

Ela se levantou de um repelão, com o peito arfando. Embora eu pouco entenda de pintura, a reação dela mostrava que eu havia acertado em cheio. Gritou-me:

— Fique sabendo que o retrato não vai voltar! Engraçado você querer me dizer o que é que eu devo fazer! Você não está em condições de me dar ordens!

Arranquei o meu retrato da moldura e rasguei-o em tiras.

— Pare de gritar como uma lavadeira! — disse-lhe calmamente embora estivesse fervendo por dentro.

Ela avançou para mim quando viu o que eu havia feito com o retrato e começou a bater-me e arranhar-me o rosto, ao mesmo tempo que gritava como uma alucinada:

— Ignorante! Idiota! Por que tenho pena de você e lhe faço as vontades, pensa que é dono de mim? Saiba que posso jogá-lo de novo na lama em que o encontrei!

Uma coisa explodiu de repente dentro de mim. Dei-lhe uma bofetada tão violenta que ela caiu em cima do sofá com a mão no rosto e olhando para mim, como se não acreditasse no que havia acontecido.

Fui para perto dela e disse com voz fria como gelo:

— Vá buscar o retrato de Gerro ou eu a matarei de tanta para cada!

A expressão do rosto dela mudou de súbito. A feições se suavizaram e os olhos ficaram lânguidos.

— Bem sei que você será capaz de fazer isso... — murmurou ela, com a voz rouca habitual.

— Sou capaz. Sim. E quero o retrato!

Ela passou os braços pelo meu pescoço e me abraçou.

— Meu querido, meu forte, ordinário e simples amor, é claro que lhe vou fazer a vontade. Tudo o que você quiser, eu faço.

Beijou-me e os lábios dela foram como um incêndio que virou o mundo de pernas para o ar para mim. Mas na manhã seguinte, o retrato de Gerro estava de novo no lugar.

Foi quando estava sentado na grande poltrona do canto fumando o cachimbo que Marianne me dera, que tomei a decisão. Tirei o cachimbo da boca e olhei-o com desgosto. Sentia na boca o gosto desagradável do sarro. Não sabia para que fumava aquilo. Não gostava de cachimbo e nunca iria gostar. Mas Marianne me perguntara um dia: "Por que não fuma cachimbo, querido?"

"Não sei", havia respondido. "Nunca experimentei". Ela sorria, dizendo: "pois eu acho o cachimbo muito viril, um toque perfeito de masculinidade. É uma coisa que nenhuma mulher devia fumar." "Gostaria de ter um cachimbo?" Respondera: "Não, acho que não. Vou ficar mesmo com os meus Camels."

Mas no dia seguinte ela me comprou não um, mas quatro cachimbos, juntamente com uma estante e uma caixa para o fumo. Comprou também uma mistura especial de fumo aromático e me entregou tudo com uma pequena cerimônia. Quis que, no mesmo instante, eu enchesse um dos cachimbos e o pusesse na boca.

— Deixe que eu acendo para você — disse ela ao meu lado, encantadoramente inclinada para o lado e uma caixa de fósforos na mão.

Riscou o fósforo, acendeu o cachimbo e recuou um pouco para observar-me. O gosto do fumo era amargo. Eu sabia que tinha de curar o cachimbo até que ele tivesse bom gosto e tremi ante a perspectiva de curar quatro cachimbos. Tirei uma grande baforada.

Ela se sentou de repente no chão e ficou-me olhando.

— Você está maravilhoso — disse ela com um olhar de adoração como o de uma criança. — Parece que foi feito para fumar cachimbo.

Depois disso, nada pude fazer senão fumar cachimbo mesmo. Não queria que ela soubesse que eu detestava aquilo, que o cachimbo me enjoava. Mas, com o correr do tempo, em vez de habituar-me, cada vez fumava menos cachimbo e não sei quantas vezes jogava-o de lado e acendia um cigarro para tirar da boca aquele gosto horrível.

E naquele momento, olhando para o cachimbo, senti que era um símbolo daquilo em que eu me havia transformado. Ali estava eu, moço,

forte, sadio, cheio de vontade de fazer alguma coisa e sem fazer nada. Não era que o trabalho em si me interessasse — gostava tão pouco de trabalhar quanto qualquer outra pessoa — mas sentia de repente a minha inutilidade. Vivia contente, deixando-me levar, contente de viver, de estar ao lado de Marianne, de amá-la e deixar que ela me amasse, contente de ceder e deixar o barco correr porque era indolente demais para tomar uma decisão.

Voltei inconscientemente os olhos para o retrato de Gerro. A luz do abajur caía sobre ele, deixando o resto da mesa na sombra. O seu rosto enérgico e forte tinha uma estranha atração sobre mim. Fechei os olhos e pareceu-me ouvi-lo mais uma vez dizer: "Tenho um objetivo na vida. Todas as coisas que eu quero da vida nunca serão possíveis enquanto eu não fizer isso. O mundo nos dá não o que tiramos dele, mas o que nele colocamos". Lembrei-me de que ele me dizia: "Que é que você procura, Frank? Contra quem é que está em guarda? Que é que você quer? Que é que está fazendo para consegui-lo?" Ocorreram-me outras frases: "Você já é adulto bastante para contentar-se com um pouco menos e ajudar... Muito obrigado, foi quem mais deu. Estranho você ter cabelos brancos... Só quando trabalhamos junto com os outros é que podemos conseguir o que queremos... Viver no mundo como homens, entre os homens e com os homens..."

A voz de Marianne interrompeu-me o devaneio.

— Em que é que está pensando, Frank?

Sorri e disse olhando para o retrato de Gerro — Nele.

— Eu sabia — disse Marianne, seguindo o meu olhar. — Você tinha uma expressão no rosto como se ele estivesse falando.

— Talvez estivesse. Talvez me estivesse dando bons conselhos.

Larguei o cachimbo e acendi um cigarro. Nesse momento, tomei uma decisão. Nunca mais botaria um cachimbo na boca. E logo depois, outro pensamento me ocorreu e eu disse:

— Marianne...

Ela se levantou, sentou-se no chão aos meus pés, abraçou as minhas pernas e ergueu o rosto para mim, dizendo:

— Que é, querido?

— Vou arranjar um emprego.

— Era nisso que você estava pensando?

— Era.

— Mas, querido, para que vai perder tempo com coisas insignificantes, sem necessidade? Não se sente feliz? Não tem tudo de que precisa?

— Tenho. Mas sinto-me inútil, longe das coisas, sem contato com o mundo. Nunca me senti assim.

— E que é que lhe interessa o mundo? Nem tão agradável assim ele é. Aqui é muito melhor. Só nós dois no nosso mundo particular, sem ninguém para nos aborrecer, com as suas dificuldades e os seus pequenos problemas. Não me ama?

Olhei-a. Ela estava com o queixo apoiado nos meus joelhos e os olhos voltados para mim.

— É claro que a amo, mas nada tem uma coisa com a outra.

Amo você, adoro-a mesmo sou muito feliz com você, mas isso não basta. — Procurei alguma coisa que a fizesse compreender e disse:

— Escute, se você não tivesse a sua pintura para ocupar o espírito, como você se sentiria?

— Isso é coisa diferente. É arte, é um sentimento, uma obsessão. É alguma coisa acima das nossas forças a que não se pode resistir. Não é trabalho apenas.

— Mas não deixa de ser trabalho e você se sentiria vazia se não o tivesse, o que eu quero fazer pode não ser arte, como você diz, mas me dará a mesma satisfação que a pintura lhe dá.

Ela se levantou e olhou para mim. A sua voz tomou um tom que eu já conhecia. Ela não tolerava ser contrariada — Estou começando a acreditar que você estava mesmo falando com ele.

Essa frase me deixou curioso — Por que diz isso? Ele alguma vez lhe disse essas coisas?

Ela não respondeu imediatamente. Pensou um pouco e afinal disse — Muitas vezes. Pedi-lhe que fizesse o que eu queria, que não jogasse fora a nossa chance de felicidade, mas foi isso justamente que ele fez. E foi uma coisa tão idiota, tão terrivelmente fútil... A- final de contas, tínhamos tudo o que podíamos querer. Mas ele nunca estava satisfeito. E veja qual foi o resultado que lhe deram os seus ideais. Você agora quer fazer a mesma coisa: destruir a nossa felicidade.

Sentou-se numa poltrona e começou a chorar. Fui até ela, passei um braço pelos ombros dela e disse:

— Não chore, meu bem, não estou querendo destruir-nos. Quero apenas sentir-me de novo um homem. Agora, não sou mais do que uma casca vazia, sem nada dentro. Sinto-me tão inútil quando vou pela rua e vejo a gente que vai para o trabalho ou volta. Sinto-me tão vazio quando vou ao cinema à tarde e vejo na tela aquelas figuras que se movem imitando a vida. Quero alguma coisa para fazer, para sentir que estou vivo.

Ela parou de chorar e perguntou — Então por que não trabalha em casa? Por que não faz como Gerro? Experimente escrever. Você sabe expressar-se, sabe dizer o que pensa. Por que não pode escrever?

Não pude deixar de rir, tanto a coisa era absurda. Eu, escritor?

— Não, isso não vou fazer. É gentil da sua parte pensar que eu sou capaz de escrever, mas eu sei que não sou. Nada disso! Vou sair e procurar um emprego.

Mas os empregos não estavam mais fáceis de conseguir do que dantes. O tempo estava mais frio e eu voltava da minha busca de emprego enregelado e com raiva do meu insucesso.

Ela interrompia a pintura ou o que estivesse fazendo no momento e ia ao meu encontro.

— Conseguiu alguma coisa? — perguntava.

E eu sacudia a cabeça.

— Nada.

— Por que não deixa então de torturar-se e não pára com esse desperdício de energia? — dizia ela. — Sente-se e descanse. Nós temos tudo.

Olhava para ela e não respondia. Mas, pouco a pouco, fui perdendo a esperança. Dentro de um mês, deixei de sair para procurar trabalho, e fiquei em casa.

Marianne ficou feliz com isso, mas eu estava desolado. Doía-me pensar que não fora capaz de conseguir coisa alguma. Sentava-me na poltrona grande, olhava para o retrato de Gerro e o olhar dele caía sobre mim. Ficava ali horas sem conta, olhando para o retrato e pensando no meu fracasso.

Um dia, quando eu estava sentado ali olhando para o retrato e Marianne trabalhava com os pincéis, uma voz disse dentro de mim: "Você está liquidado! Nunca será nada na vida! Viverá até ao fim, de esmolas!"

A voz era tão real e tão forte que eu involuntariamente respondi em voz alta:

— Nunca!

A minha voz foi tão áspera que Marianne jogou furiosamente os pincéis e a paleta em cima da mesa. Eu lhe perturbara a concentração na pintura.

— Já não lhe disse um milhão de vezes que fique em silêncio quando eu estiver trabalhando? — gritou-me ela.

Olhei-a com surpresa. Quase me havia esquecido de que ela estava na sala.

— Desculpe — disse eu.

— Desculpe! Acha que basta pedir desculpas e tudo está resolvido, não é? Sabe o que foi que você fez, idiota? Estragou o meu quadro — está aí o que você fez. Agora, nunca mais vou dar com o tom exato!

De repente, zanguei-me também. Foi como uma fagulha em madeira seca. Explodi antes que tivesse consciência disso. A voz me saiu estrangulada e dura, tamanha era a raiva que eu sentia.

— Não! Não lhe estou pedindo desculpas! Não admito que me culpe por não conseguir o que está acima das suas forças! Não sou responsável pela sua incapacidade.

— Incapaz, eu? Quem é você para me chamar de incapaz? Agarrou a faca da paleta que estava na mesa perto dela e avançou ameaçadoramente para mim.

Ri friamente e disse-lhe com desprezo — Vai tentar isso, vai?

Ela parou, olhou para a faca nas mãos e depois para mim. Jogou a faca no chão. A raiva e a vergonha pareceram correr-lhe pelo rosto, uma tangendo a outra, como nuvens diante da lua.

— Cachorro miserável! — gritou ela. — Canalha, ordinário e sem-vergonha!

O sangue me correu do rosto. Senti-me gelado, pálido e rígido de raiva. Tive vontade de matá-la, mas ficamos ali parados a encarar-nos enquanto os segundos passavam. As têmporas me latejavam alucinadamente. As mãos me doíam, de tão crispadas.

Por fim, abri-as e senti-as úmidas e trêmulas. Virei-me, peguei o chapéu e o sobretudo no cabide e saí pela porta a fora, ainda ouvindo a voz dela que me chamava: "Frank! Volte, Frank!"

A voz me seguiu até à rua, ressoando-me aos ouvidos. "Aonde é que você vai?" Depois, a batida da porta e o grito. "Por favor, volte!" como que arrancado do fundo da alma e impregnado do medo de perder-me.

Eu sabia que ia voltar, mas naquele momento sentia um rude prazer em fazê-la sofrer e sentir a dor e a humilhação que eu havia sentido.

Já era bem tarde quando voltei e estava bêbedo pela primeira vez em minha vida, mas não tão bêbedo que não soubesse o que estava fazendo ou — quando nada — que não soubesse de algum modo o que estava fazendo. Parei um momento diante da porta e escutei. Não havia barulho algum e eu meti a chave na fechadura, abri a porta e entrei.

Fui aos tropeções até à mesa e peguei o retrato de Gerro.

— Gerro, meu amigo, sinto muito a sua falta — murmurei, chorando. Arrastei-me até à minha poltrona e deixei-me cair nela, ainda segurando o retrato. Olhei-o. — Que é que vou fazer, meu amigo?

Estou perdido.

A porta do quarto se abriu e Marianne apareceu no seu negligê. Estava por baixo com uma camisola preta.

— Marianne — exclamei, mostrando o retrato. — Ele não quer falar comigo!

Ela me olhou pensativamente por um momento. Depois, tomou-me o retrato e colocou-o em cima da mesa. Depois, ajudou-me a levantar, levou-me para o quarto e tirou-me a roupa. Estendi-me desamparadamente na cama enquanto ela me tirava os sapatos.

— Oh, querido — murmurou ela, enquanto me desabotoava a camisa e me vestia o pijama — por que fez isso? A culpa foi minha... desse meu temperamento de cadela!

Olhei-a e nunca me pareceu mais bela do que naquele momento, mostrando no rosto as rugas da preocupação e do remorso.

— Marianne — disse eu solenemente — , você é uma cadela, mas eu a amo.

Rolei de bruços na cama e peguei no sono no mesmo instante.

Foi numa festa do Dia de Ação de Graças em casa de uma das amigas dela que nós começamos de fato a separar-nos. O tempo passava lentamente e eu, embora não estivesse inteiramente satisfeito, vivia contente, deixando as coisas como eram. Marianne se tornara extremamente possessiva para comigo. Eu não reclamava e, para dizer a verdade, até gostava. Gostava dela e do seu jeito de falar, caminhar e andar. Gostava do modo pelo qual ela me apertava quando dançávamos e que fazia tudo parecer tão íntimo, tão pessoal, tão ousado.

Mas estávamos noutra festa com o grupo habitual e convencional. Marianne e eu sozinhos era uma coisa — íntima, cordial e cheia de compreensão — , mas, Marianne e eu, num grupo, passava a ser coisa bem diferente. Ela gravitava naturalmente para onde estavam os artistas seus colegas e só se conversava então sobre o ofício que tinham. Eu era

excluído dessas conversas — não intencionalmente, mas como se fosse uma coisa lógica, pois eu não podia dizer o que quer que fosse a esse respeito. Andava assim de um lado para outro, de copo na mão, e esperava aborrecido, cansado e isolado que a festa acabasse e nós pudéssemos voltar para casa.

Voltávamos em silêncio. Encurtávamos caminho através de Washington Square, onde os ônibus de dois andares esperavam passageiros, vendo o nosso hálito cortar o ar gelado da noite, sem dizer uma palavra. Quando chegávamos em casa, Marianne dizia:

— Boa festa, não foi?

— Hum-hum — resmungava eu.

Ela não dizia mais nada. Sabia talvez que eu não tolerava aquelas festas, mas nunca iria dizer-lhe.

A festa daquela noite não foi diferente das outras. Marianne conversou muito e eu fiquei encostado às paredes. A noite foi passando. Às dez horas, chegou mais gente e novos grupos formaram-se. Eu estava começando a ficar farto de meu papel e pensava em sair dali e ir para casa. Procurei Marianne com os olhos para dizer-lhe que me ia embora. Nesse momento, alguém agarrou-me pelo braço e eu me virei para ver quem era.

Era um modelo quer de vez em quando, posava para Marianne.

— Lembra-se de mim? — perguntou ela, sorrindo.

— Claro que me lembro — respondi, satisfeito de ter alguém com quem falar. — Como vai?

Não muito bem. Esta festa está um lixo.

Ri. Era bom encontrar alguém que se sentia do mesmo modo que eu.

— Por que veio, então? — perguntei.

— Porque preciso. Minha profissão. Tenho uma coisa para vender — disse ela, apontando com as mãos — Compreendo — disse eu. Ela de fato tinha o que vender.

— Vamos dançar?

Concordei e fomos para um canto onde o rádio estava tocando. Ela dançava bem e me fez dançar melhor do que de costume. Várias pessoas pararam de falar e ficaram a olhar-me. Pelo canto dos olhos, vi Marianne e o seu grupo em silêncio quando passamos por eles, dançando.

— Formam um par excepcional — ouvi uma pessoa do grupo dizer a Marianne. — Por que não os pinta?

Não ouvi a resposta de Marianne. A loura me perguntou:

— E você?

— Eu o quê?

— Por que é que vem a estas festas? Parece tão à vontade aqui como um peixe fora da água.

— Bem, não tenho outra coisa para fazer — disse eu, encolhendo os ombros.

— Compreendo — disse ela, virando a cabeça a fim de olhar para Marianne. O que ela pensava era bastante claro — eu tinha de obedecer às ordens de quem mandava.

De repente, não quis mais dançar. Estava um pouco com raiva de mim mesmo.

— Quer um drinque? — perguntei.

Ficamos de pé, olhando os outros. Vi Marianne olhar para nós rapidamente e desviar os olhos.

Ao fim de algum tempo, não agüentei mais isso.

— Vamos tomar um pouco de ar, lá fora? — perguntei à moça.

Ela aceitou. Pegamos os nossos casacos e saímos. Caminhamos em silêncio, atravessamos o parque e depois demos a volta por ele. Houve um momento em que paramos para ver um grupo que embarcava num ônibus. Continuamos a caminhar sem conversar, de mãos dadas.

Voltamos. Quando cheguei à porta da festa, disse:

— Não vou entrar.

Foram as primeiras palavras que proferi desde que havíamos saído.

— Não estou também com nenhuma vontade, mas é preciso — disse ela. — Alguém me convidou para trabalhar amanhã.

Tive a impressão de que, se eu dissesse alguma coisa, ela não voltaria. Mas fiquei calado.

Ela me olhou um instante, sorriu e disse:

— Está bem aborrecido, não está?

Não respondi. Ela me deu as costas e entrou. Voltei para casa. Sentei-me na poltrona e comecei a ler os matutinos. Pouco depois de uma hora, Marianne chegou.

— Gostou da festa? — perguntei-lhe.

— Por que não ficou lá para saber? — replicou ela de mau modo.

Compreendi que estava zangada e fiquei calado. Não estava com vontade de brigar naquela noite.

Ela entrou no quarto e voltou alguns minutos depois.

— Onde está Bess?

Percebi logo que se estava referindo à modelo e sorri.

— Deve estar na festa. Deixei-a à porta e vim para casa.

— Não a vi voltar.

— Não posso saber o que foi que ela fez depois que a deixei, — disse eu, sorrindo de novo. — Tenha calma, menina. Estou começando a pensar que está com ciúmes.

Foi o que eu podia dizer de pior. Ela se descontrolou por completo e gritou:

— Ciúmes? Daquela cadela ordinária? Quem você pensa que eu sou? Mas não gostei do que você fez, fique sabendo! Quando você sair comigo, espero que fique comigo! Gostaria de que os outros comessem a falar de você!

Eu já estava começando também a aborrecer-me.

— Por mim, podem falar à vontade. Não há jeito mesmo de fechar-lhes a boca. E que nos importa lá o que digam?

— Não me importo de fato, mas que é que você acha que eu sinto? Sabem de tudo a nosso respeito e vêem você sair com aquela loura cachorra!

— E você se interessa pelo que eu sinto? Em todas as festas, sou jogado de lado como um sobretudo para só ser lembrado e apanhado na hora de voltar para casa. Não seja idiota! — disse eu, acendendo um cigarro. — Não pense mais nisso.

— Aquela vagabunda se jogou para você no momento em que o viu!

— Ela me pareceu uma boa pequena. E que é que há de errado no que ela fez? Não foi o que aconteceu com você?

— Não foi nada disso! E fique sabendo, se eu a tivesse encontrado aqui, seria capaz de arrancar-lhe o coração.

Comecei a rir, achando muita graça em tudo aquilo.

— Foi por isso que você foi olhar o quarto logo que entrou?

Acha que eu seria tão idiota para trazê-la para cá, ainda que eu quisesse?

Ela se plantou diante de mim, com os olhos faiscando. Disse-me então com voz tensa, mas controlada:

— Não se esqueça do que lhe vou dizer. Você me pertence.

Tudo o que você tem, tudo o que você é, tudo o que você ainda possa ser é por minha causa, porque eu dei a você. E do mesmo modo que lhe dei, posso tirar tudo. Posso jogar de novo você no lugar onde o encontrei, na hora que eu quiser. Quando sair comigo para qualquer lugar não se esqueça disso. Tem de ficar comigo, esteja cansado ou não esteja, goste ou não goste. Só sairá quando eu mandar, ouviu?

Fiquei furioso de ouvir isso, mas me contive e continuei friamente sentado. Ela tinha razão. Eu nada tinha de meu. Até as roupas que eu vestia e o dinheiro que tinha no bolso eram dela.

— Ouvi, sim, menina. Se é isso mesmo o que você quer, está bem.

Ela me olhou, estranhamente desapontada, como se esperasse que eu respondesse e brigasse.

— É isso mesmo o que eu quero — disse ela sem muita firmeza.

Levantei-me, fui para o quarto, tirei a roupa e meti-me na cama. Peguei no sono. Não sabia que horas eram, quando acordei. Ela me havia chamado.

— Está acordado, Frank?

— Agora estou — disse eu.

De repente, os meus olhos se abriram. A penumbra do quarto não era a única coisa que eu podia ver. Via-me como realmente era, — um homem sustentado por uma mulher, um gigolô! Estremeci ante a idéia.

— Venha cá, querido — disse ela, num sussurro.

— Sim, minha senhora — disse eu, levantando-me e indo sentar-me na beira da cama dela.

— Aí não, meu bem — disse ela, com os olhos luminosos na penumbra. — Deite-se aqui ao meu lado e beije-me.

Estendi-me ao lado dela e tomei-a nos braços. O corpo era quente e macio e eu sentia as faíscas que jorravam dele quando o tocava. Eu era pago para aquilo e dei-lhe naquela noite o valor justo do seu dinheiro.

Eu a amava. Sabia que sempre a amaria. Pouco importava o que ela dissesse ou fizesse. Mas durante toda aquela noite havia alguém atrás de mim, que me observava, ria e me dizia ao ouvido: "Faça' tudo o que ela mandar. Dance conforme ela puxar os cordéis. Mas não se esqueça de que uma coisa acabou. Ha-ha-ha! E você nunca mais a terá! Nunca! Nunca! Nunca!"

Ela estava dormindo quando a luz cinzenta do amanhecer entrou pelo quarto. Olhei-a. Os cabelos lhe coroavam a cabeça como uma chama viva sobre o travesseiro. A boca esboçava um sorriso e o rosto estava repousado e feliz.

Olhei-a e meu coração bateu por ela de uma maneira estranha e convulsiva. Amava-a, mas alguma coisa essencial desaparecera. E no fundo do coração sabia que eu também ia desaparecer da vida dela. Isso era tão certo como o dia que vem depois da noite, e, contudo...

A semana das festas — a lenta, alvoroçada e alegre semana entre o Natal e o Ano Novo. As crianças estavam em férias e até as pessoas que trabalhavam tinham um ar diferente — um ar de expectativa, de alegria contida, de esperança e confiança no que lhes ia acontecer no ano prestes a começar.

Passei quase toda a semana sentado à janela do apartamento, olhando — vendo as pessoas que saíam para o trabalho ou voltavam para casa, vendo as crianças que brincavam, vendo os homens da limpeza pública que tiravam a neve das ruas, vendo o carteiro entregar cartas, vendo o leiteiro deixar o leite, vendo os guardas patrulharem a rua, vendo, vendo, vendo o mundo passar diante de mim, por trás de uma vidraça. Aquela situação de ver o mundo e não fazer parte dele já me estava enlouquecendo. Estava começando a sentir a garganta apertada e o estômago embrulhado. A inatividade me atacava os nervos. O fim estava próximo. Eu sabia. Não podia demorar. E demorou menos do que eu previa.

Era a noite de Ano Novo e as buzinas tocavam. Todo o mundo estava um pouco alto, menos eu. Não sei por quê. Tentei ficar mais alto do que um avião a jato, mas quanto mais bebia, menos sentia o efeito. Estava numa boate em Greenwich Village. Marianne, os amigos dela e eu. De repente, tive a impressão de que havia saído de dentro de mim mesmo e estava olhando tudo como se fosse um estranho, ironicamente tolerante, sarcasticamente divertido pelo procedimento insensato e infantil daqueles pretensos adultos que procuravam desesperadamente fingir que se alegravam com a passagem do tempo, quando a verdade era que intimamente estavam com medo. Tinham medo do dia de amanhã. Ri alto, mas eu também era assim — estava com medo do dia de amanhã. Marianne olhou para mim, com um pouco de curiosidade no olhar.

— Está-se divertindo, querido?

Não respondi, mas tornei a rir. Ela pensou que eu estivesse um pouco bêbedo. Puxei-a para mim e beijei-a. O beijo foi doce e quente e eu me senti forte e poderoso. De que podia ter eu medo? Era jovem e forte — muito forte. Ela me beijou. Beijei-lhe o pescoço até aos ombros.

— Frank, murmurou ela com voz rouca e apaixonada. — Aqui não, Frank! Aqui não!

Larguei-a e ri de novo. Ela riu comigo. Rimos juntos. Rimos, rimos, rimos até perder o fôlego. Depois, olhamo-nos sérios.

Havia arrogância e orgulho nos seus olhos. Pareciam dizer: "E-le é meu! Meu! Ele me pertence e eu pertença a ele. Tenho orgulho dele como ele tem de mim". A mão dela procurou a minha e apertou-a firmemente em baixo da mesa. Parecia correrem entre nós várias correntes — sentimentos sem palavras, emoções sem linguagem. Olhávamos um para o outro e sentíamos-nos orgulhosos. A noite foi passando.

As luzes diminuíram e se apagaram. A orquestra começou a tocar Auld Long Syne. De repente, ela estava nos meus braços e nós nos abraçávamos, sentindo o calor um do outro. Beijamo-nos.

— Amo-o, querido, murmurou ela com os lábios junto aos meus. — Feliz Ano Novo!

— Amo-a — disse eu. — Feliz Ano Novo!

Beijei-lhe o rosto e vi que estava molhado com o sal das suas lágrimas. Senti-o na língua, na boca. E compreendi que ela soubera todo o tempo em que eu estava pensando.

Ela me beijou de novo, com a boca entreaberta, abraçando-me com muita força.

— Não vá, querido. Por favor, não vá.

— É preciso — disse eu. Tenho de ir. Nada posso fazer.

As luzes se acenderam e nos encontraram olhando um para o outro. Ela estava pálida e com os olhos abertos e cheios de lágrimas. Apenas as nossas mãos se apertavam quando nos sentamos.

Saímos alguns minutos depois e fomos para casa em silêncio. A noite estava límpida, clara e nova. Um milhão de estrelas brilhava no céu. O ar era novo, tudo era novo — já era 1934. Entramos em silêncio no apartamento. Tirei o sobretudo e joguei-o em cima de uma cadeira. Fui ao armário, tirei minha maleta e abri-a em cima da cama.

Sem uma palavra, ela começou a me dar o que era meu: camisas, sapatos, meias, gravatas, pijamas e ternos. Tive de fazer pressão com o

joelho para poder fechar a maleta. Afinal, o fecho se prendeu com um estalo.

Levantei-me e olhei-a. Acho que minha voz tremia.

— Bem... adeus.

Ela se jogou nos meus braços.

— Não, Frank, você não pode ir! Eu preciso de você!

Chorava. Era a primeira vez que eu a via chorar de verdade.

Abracei-a em silêncio e, ao fim de algum tempo, disse:

— É melhor assim, querida, muito melhor. Acredite em mim.

Com o tempo, acabaríamos tendo ódio um do outro. É melhor agora do que quando nos detestarmos.

— Mas, querido, você é meu mundo, minha vida — disse ela, beijando-me. — E que é que você vai fazer? Você não tem emprego... não tem nada. Como é que vai viver. Não posso tolerar a idéia de que você vá trabalhar em alguma coisa mesquinha, humilhante.

Aqui comigo você está em segurança. Posso olhar por você, protegê-lo. Posso dar-lhe o que você quiser, o mundo todo!

Lembrei-me de uma frase que tinha lido e citei-a.

— De que vale ao homem ganhar o mundo se perder a alma?

Ela me olhou estranhamente e então me beijou com paixão, na boca.

— Despeça-se de mim com amor e carinho, querido — disse ela, estendendo a mão e apagando a luz.

Despedi-me dela com doçura, com carinho, com paixão. O tempo correu em torno de nós e através de nós, levou-nos juntos por toda uma vida e acabou trazendo-nos de volta para o pequeno apartamento de Greenwich Village. Cheguei à porta desajeitadamente, de maleta na mão, como um estranho que parte depois de uma visita longa e inesperada.

— Espere um pouco — disse ela. Entrou e foi buscar o retrato de Gerro, que me entregou. — Leve-o. Você tem alguma coisa dele dentro de você e alguma coisa de mim. Nós três juntos significamos mais do que

peessoas — mais do que a vida apenas. Há em você agora um brilho, uma incandescência que você nunca teve até esta noite. Vi como essa nova alma se fundiu na boate e compreendi no mesmo instante que já o havia perdido e que nada mais podia retê-lo.

Beijamo-nos ainda. Saí da porta e ela a fechou devagar. Ouvi soluços quando desci o corredor e saí do edifício.

Olhei para o céu. As estrelas ainda estavam brilhando, mas para o lado do nascente despontavam os primeiros clarões do dia. Era um novo dia que chegava — um luminoso dia. Caminhei com confiança para ele, com a cabeça cheia de pensamentos de Marianne. Não tinha planos nem imediatos, nem futuros. Hoje e amanhã cuidariam de si mesmos.

Percorri quatro ou cinco ruas antes de perceber que levava ainda na mão o retrato de Gerro. Guardei-o no bolso. Estava sentindo um pouco de fome e também de sono, porque ainda não havia dormido naquela noite. Vi as luzes de uma cafeteria, na esquina, que ficava aberta a noite toda e entrei. Tomei café com torradas enquanto debatia algumas idéias na cabeça.

Quando acabei, resolvi ir para um hotel e dormir um pouco. No dia seguinte, começaria a procurar trabalho. Tinha certeza de que daquela vez tudo ia dar certo. A manhã estava um tanto fria e clara e eu me dirigi para a estação de subway mais próxima. As ruas estavam quase vazias. Era Dia de Ano Novo e poucas eram as pessoas que trabalhavam no feriado. Um homem descia apressadamente a rua à minha frente. Não reparei muito nele porque estava andando muito cosido às paredes das casas. De repente, desapareceu numa porta. Continuei a andar. Um carro veio descendo a rua, no mesmo sentido em que eu ia. Só o notei porque vinha muito devagar. Dele partiu uma descarga de tiros quando passou em frente à porta onde o homem entrara. Em seguida, ganhou velocidade e dobrou a esquina. Fiquei por um segundo imobilizado, sem saber o que fazia. Por fim, corri para a porta. O homem saía de lá, cambaleando. Larguei a maleta no chão e amparei-o. Um momento se passou, enquanto nos olhávamos um ao outro.

Foi ele que me reconheceu.

— Frankie! — gaguejou ele com o sangue a escorrer-lhe dos cantos da boca. — Ajude-me!

Descansou o peso do corpo em mim e eu, logo no primeiro instante, não pude pensar em nada. Fiquei apenas olhando, atordoado, o rosto que empalidecia rapidamente. Era como se o tempo houvesse andado dez anos para trás, pois Silk Fennelli estava mais uma vez ensangüentando-me as roupas. Mais uma vez sentia-me paralisado pelo medo. Dez anos e a cena se repetia em condições quase idênticas.

Mas dessa vez não fugi. Levei-o para o Hospital Bellevue. Deixei a maleta no passeio onde a havia largado, coloquei-o num táxi e levei-o para o hospital.

Não fiquei por lá. Saí logo que fiz entrega dele. Não tinha a menor vontade de ser interrogado pela polícia. De novo na rua, acendi um cigarro. Lembrei-me então da minha maleta. Tomei um táxi até o lugar onde havia encontrado Fennelli, mas não vi mais a maleta. Olhei de um lado para outro da rua, mas já sabia que não adiantava. Ri tristemente. Eu devia saber que não a encontraria mais.

Senti-me de repente muito cansado. Fui para um hotel, tomei um quarto e dormi. Já era quase noite quando acordei. Sentei-me na cama e contei o meu dinheiro. Só me restavam dez dólares. Tinha de me arrumar com isso até conseguir alguma coisa. Desci para comer algo. Li os jornais e tornei a deitar-me.

Tentei dormir de novo, mas não pude. Estava sem um pinga de sono. Fiquei ali no escuro, virando-me de um lado para outro e pensando. Por fim, levantei-me, vesti as calças e me sentei junto à janela, fumando.

Dez anos! Era estranho. Fennelli não havia mudado muito em dez anos, mas eu estava muito diferente e eu não sabia como ele me havia reconhecido tão depressa. Talvez alguma coisa em mim não tivesse mudado: talvez fosse a situação. De qualquer maneira, não podia compreender. Comecei então a pensar nas coisas daquele tempo, nas pessoas que tinha conhecido e no que estariam fazendo, nas minhas amizades da mocidade — Jerry, Marty, Janet. Que teria sido deles? Já passara tanto tempo que era até difícil lembrar-me deles, direito.

Lembrei-me da primeira refeição com a família: o cheiro do pão fresco que eu tinha ido buscar na padaria, o sorriso de minha tia, quando eu chegara. Lembrei-me da escola, dos risos, das brincadeiras. Lembrei-me de tantas coisas que acabei sentindo-me velho e cansado.

Voltei para a cama e deitei-me, O cansaço desapareceu e eu continuei acordado. Lembrei-me de Marianne e de como, nas noites em que eu custava a dormir, ela ia para minha cama e deitava-se ao meu lado. Ficava conversando e eu sentia o seu calor e pouco a pouco ia-me acalmando. Ela adormecia antes de mim e quase sempre estendia sobre mim a longa perna branca e eu acabava adormecendo tranqüilamente.

Mas Marianne não estava ali e eu não podia dormir. Ainda a via na porta, despedindo-se de mim. Ouvia-lhe a voz baixa, rouca e controlada. Que havia ela dito? Tentei lembrar-me e então ouvi perfeitamente as palavras dela, enquanto a sombra da porta lhe caía sobre o rosto.

"Há em você alguma coisa de Gerro... e de todas as outras pessoas que você já conheceu. Mas o que há principalmente é você mesmo..."

E eu? Nunca olhara para dentro de mim mesmo. Como era eu? De todas as pessoas que eu conhecia, quem eu menos conhecia era a mim mesmo. Porque eu fazia as coisas que fazia? Que era mesmo que eu queria? Por que me contentava em deixar-me levar pela maré, sem nunca procurar uma solução para a minha vida? Que era que eu queria? Dinheiro? Amor? Amigos? Respeito? Procurei febrilmente uma resposta, mas não a encontrei.

Tinha lido muito enquanto vivera com Marianne. Ela tinha alguns livros e eu os devorava todos — alguns bons, alguns maus — mas a explicação não estava neles. Que pensavam de mim os outros? Que havia em mim que lhes agradava? Por que me abriam os lares e os corações quando eu lhes dava tão pouco em troca?

Tive saudades de Marianne. Durante o dia, dormira exausto. Mas ali, à noite, fui dominado por um sentimento estranho e peculiar de solidão. Tive vontade de correr para o telefone, discar para ela e ouvir-lhe a voz baixa e suave: "Alô, querido".

Mas não podia fazer isso. Não é possível voltar atrás. Era uma coisa que eu havia aprendido desde muito tempo. Nunca se pode voltar atrás... Nunca! Afinal, adormeci. Marianne, Marianne, até meu sono foi cheio de você. Foi você que deu calor e vida à minha noite. Por que não me abandona, Marianne?

Acordei com o sol a bater-me no rosto. A princípio, cobri o rosto com o braço sem querer levantar-me e enfrentar a realidade do dia. Mas fui pouco a pouco revivendo. Sentia a energia invadir-me o organismo e chegar ao espírito. Os pensamentos eram cada vez mais fortes. Já estamos no amanhã. Hoje é hoje — o seu dia. Levante-se e enfrente-o.

Desci pelo corredor até ao banheiro e, depois, voltei para o quarto e vesti-me. Entreguei a chave na portaria e saí. Apesar de tudo, aquele local era muito caro para mim. Dois dólares de diária eram demais. Teria de voltar ao Hotel Mills. Estava mais de acordo comigo.

Comprei um Times e comecei a ler os anúncios de empregos. Não sabia bem o lugar que eu queria, mas não encontrei nada que me conviesse. Fui até às agências da Sexta Avenida, mas também não adiantou nada. Mas não me preocupei. Tinha certeza de que me surgiria uma oportunidade. Era o dia de amanhã e o amanhã era meu.

Dois meses depois, ainda era amanhã. Mas eu não sabia mais se ele era meu. Estava começando a duvidar de que algum dia tivesse o amanhã que me havia prometido. Estava-se no princípio de março e o frio ainda estava severo. O meu sobretudo novo e grosso tinha ido havia muito fazer companhia a meu relógio e a tudo mais que eu podia empenhar. Havia semanas que eu não fazia uma refeição completa. Tinha entrado em tudo quanto era fila — fila de pão, fila de sopa, fila de trabalho — mas não havia trabalhado um só dia.

Na noite anterior, tinha dormido num portal. Fora expulso de lá bem cedo, enregelado e miserável, pelo encarregado do edifício que ia fazer a limpeza. Ainda lhe ouvia a voz gutural e estranha de inglês, brandindo a vassoura: "Passa fora, vagabundo!" Saí de lá corrido como um ladrão e só tinha querido roubar um pouco de repouso... e de paz.

Estava com fome e com frio. Procurei automaticamente um cigarro, mas não tinha mais cigarros. Fui olhando para a beira do meio-fio à procura de uma ponta. Afinal, encontrei uma. Um homem vinha descendo a rua. Pareceu-me que ele seria capaz de dar-me alguma coisa. Vi-o aproximar-se de mim e passar, enquanto eu ficava ali, colado ao chão. Depois que ele passou, tive raiva de mim mesmo. Por que não lhe pedira nada? É uma coisa fácil. Basta dizer: "Cavalheiro" e engrolar alguns sons na garganta. Não é preciso dizer mais. A pessoa já sabe. Mas eu não podia

fazer isso. Havia alguma coisa dentro de mim que não deixava, O homem virou a esquina e eu continuei o meu caminho.

Idiota! Dizia eu comigo mesmo. Idiota! Idiota! Idiota! Nunca Vai aprender? Deixe de ilusões. Você não é nada de especial. não é melhor do que os outros. Peça esmolos, humilhe-se, agache-se, lamba as botas. É assim que se faz. É assim que se vive.

Volte para Marianne... Marianne! Ela o receberá de braços abertos. E você viverá com conforto de novo. Sem sentir frio, de barriga cheia e com uma bela mulher à sua disposição. Como seria bom ter uma mulher naquele momento! Comecei a rir. Que era que eu preferia naquela hora? Um bom bife ou uma boa mulher? Tornei a rir, vendo diante dos olhos um suculento bife tão real como o poste à minha frente.

Cheguei mais uma vez diante daquela porta e toquei a campainha. Comecei a pensar no que ia dizer. "Marianne, estou com fome, com frio e com sono. Deixe-me entrar. Aceite-me de novo. Nunca mais a deixarei, Marianne, nunca mais! Por favor, Marianne"

Que diria ela: "Não! Suma-se daqui!" Não, ela não podia dizer isso. Não era minha? Ela mesma havia dito. Depois de muito tempo, a porta se abriu.

— Não, a Srta. Renoir não mora mais aqui. Voltou para o Haiti no mês passado. Com licença.

A porta se fechou. Fiquei alguns minutos a olhar para ela e saí. Atravessei a rua e comecei a andar para fora do centro. Sentia-me alto, muito alto, como na vez em que ficara bêbedo. Ri, pensando que estava tão alto que podia olhar se quisesse pelas janelas dos segundos andares, espantando as pessoas. A minha cabeça começou a flutuar no ar e dentro em pouco estava entre as nuvens. Mas as nuvens estavam úmidas e escuras e eu não podia ver nada. Senti-me então tropeçar, a cair. E de repente foi noite — a noite do Ano Novo — e eu era forte e no céu brilhava um milhão de estrelas. Era só para mim que cintilavam. Era o dia de amanhã — o meu amanhã!

Puseram-me numa cama num grande salão cinzento onde havia umas quarenta camas. O médico apareceu à noitinha e me examinou. Havia uma enfermeira com ele. O médico olhou para mim e perguntou:

— Como se sente?

— Melhor.

— Ficar sem comer é coisa muito difícil — disse ele num esforço mal sucedido de fazer graça.

Não me estava dizendo nenhuma novidade. Fiquei calado e ele disse à enfermeira:

— É melhor registrá-lo. Ele deverá ficar aqui um dia ou dois.

— Tornou a falar comigo: — Você vai descansar por mais algum tempo. Quer mais alguma coisa?

— Cigarros? — perguntei, com receio de que estivesse pedindo demais.

Ele meteu a mão no bolso, tirou um maço de Camels pela metade e jogou em cima da cama, junto com uma caixa de fósforos.

— Fique com o resto. Mas tenha cuidado para a enfermeira não ver. E não vá tocar fogo na casa... ainda que isso seja uma boa solução — concluiu ele, correndo a vista pela enfermaria e encolhendo os ombros.

Saiu acompanhado da enfermeira. Parecia um bom rapaz. Fiquei aborrecido de não lhe ter agradecido os cigarros. Esperei que os dois saíssem e acendi um cigarro, fumando-o lentamente. Cigarro de maço tem um gosto melhor do que as pontas que se apanham na rua.

Quando o cigarro acabou, coloquei-o num pratinho que havia ao lado da cama. Depois, recostei-me nos travesseiros e gozei o conforto. É engraçado como a gente se sente bem de barriga cheia, deitado numa boa cama e ainda com o gosto de um cigarro na boca. Fechei os olhos.

Uma voz gentil ao lado da cama perguntou:

— Está acordado?

Uma moça estava sentada perto da minha cama com um bloco de papel e um lápis na mão.

— Estou — disse eu.

— Sou Miss Cabell — disse ela. — Não quero aborrecê-lo se está com muito sono, mas tenho de preencher estas fichas.

— OK. Vamos ver.

Ela não me parecia estranha. Estava com um costume marrom sal-e-pimenta de corte quase masculino, blusa branca e grandes óculos pretos.

— Como se chama? — perguntou ela. — Não havia nas suas roupas nada que o identificasse.

— Kane — disse eu, tentando ver se a localizava.

Ela anotou o nome e perguntou:

— Endereço?

— Não tenho.

— Como? Não tem endereço?

— Não. Pode escrever "Nova York".

Estava começando a ficar irritado. Eu conhecia aquela moça. Mas quando a memória ia chegando, fugia de novo.

— Idade? — perguntou ela.

— Vinte e três anos.

— Desculpe. Quando nasceu? Em que data?

— No dia 21 de junho de 1912.

Ela continuou a escrever e a murmurar o que ia escrevendo.

— Sexo — masculino. Cor — branca. Olhos — castanhos. Pele — morena. Cabelos — pretos e grisalhos. É muito moço para ter ca belos grisalhos.

— É porque tenho muitas preocupações.

— Oh! Desculpe. Não tive a intenção de ser impertinente.

— Não tem importância. Nem pense nisso.

Ela continuou.

— Altura?

— Um metro e setenta e três — Peso?

— Sessenta e três quilos quando me pesei pela última vez.

Ela olhou para mim e sorriu. O sorriso foi a chave. Era um sorriso de que eu me lembrava. Marty! Já sabia quem era — Marty e Ruth — Ruth Cabell. Esperava que ela não se lembrasse mais de mim. Não queria que ninguém me visse naquela situação.

— Deve ter sido há muito tempo. Vamos dizer... cinquenta quilos.

— Pode ser, — disse eu, procurando tirar qualquer interesse da minha voz.

— Onde é que trabalha?

— Não trabalho. Estou desempregado.

— Qual é a sua espécie de trabalho?

— Qualquer espécie de trabalho, isto é, quando encontro.

— Onde nasceu?

— Nova York.

— Tem curso secundário ou qualquer espécie de instrução?

Quase cáí nessa. Se eu tivesse dito que havia estudado na Washington, ela me identificaria logo.

— Não.

— Tem certeza?

Notei que ela não estava escrevendo e tinha um brilho de interesse no olhar. Respondi:

— Claro que tenho.

Ela se levantou, foi até aos pés da cama e olhou firmemente para mim. Olhei-a também.

— Francis Kane — murmurou ela. — Frank Kane. Frankie.

Não se lembra mais de mim, Frankie? Sou Ruth, irmã de Marty.

Como poderia esquecê-la? Mas disse, impassível:

— Desculpe, moça, mas creio que me está confundindo com outra pessoa.

— Não estou não — disse ela, com um toque de irritação na voz, que me fez lembrar ainda mais a Ruth de outros tempos. — Você é Francis Kane, não é?

— Sou, sim.

— Então eu estou certa, disse ela, tirando os óculos. — Escute, você estudou na George Washington com meu irmão. Antes disso estive no orfanato de St. Thérèse. Deve lembrar-se disso.

— Sinto muito, mas continuo a dizer que está enganada. Não estive em nenhum desses lugares e não conheço seu irmão.

— Mas seu nome é Francis Kane.

— Moça — disse eu, procurando parecer pacientemente resignado — há muitas pessoas que têm o mesmo nome. E, além disso, este outro como era? Não se parecia muito comigo, não é?

Ela me olhou alguns segundos antes de responder e disse, com alguma dúvida na voz:

— Não, não se parecia muito, mas isso foi há oito anos.

— Está vendo? — perguntei, com um leve tom de triunfo.

— Não, não estou vendo nada. Deve ter esquecido. Esteve do ente e pode ter esquecido. Não é a primeira vez que isso acontece.

— Uma pessoa não esquece os amigos por mais tempo que pas se sem vê-los — disse eu.

Ela tornou a sentar-se e disse:

— Talvez tivesse tido um ataque de... — Hesitou em dizer a palavra.

— Amnésia? — perguntei, rindo. — Acho que não.

— Não posso estar errada — disse ela e tentou novo caminho:

— Lembra-se de Julie? Ela trabalhava para nós. Você dava lições de boxe a meu irmão. E Jerry Cowan? E Janet Lindell? E sua tia e seu tio, Bertha e Morris Cain? Esses nomes não significam nada para você?

Sacudi a cabeça e fechei os olhos. Esses nomes significavam tudo para mim — todo um mundo de perfeição e de amor. Abri os olhos e sacudi a cabeça.

— Não. É a primeira vez que os ouço.

Descansei a cabeça no travesseiro e ela continuou, solícita.

— Você está cansado. Eu o estou perturbando. Está um pouco pálido. Não quero perturbá-lo. Quero apenas ajudá-lo. Procure ver se se lembra. Lembre-se de que houve Julie e depois Janet, e eu tinha ciúmes delas — tinha ciúmes de você, de todas as pessoas que gostavam de você e dos motivos por que gostavam. Não sabia por quê.

Talvez fosse porque eu gostava muito de você — mais do que eu sabia, mais do que queria reconhecer. Gostava de implicar com você, de insultá-lo. Um dia, no corredor da escola, você me beijou, e disse que íamos ser amigos. Lembra-se? Quando você me beijou, compreendi de repente tudo o que sentia por você, tudo o que sempre havia sentido e fiquei envergonhada de tudo o que lhe havia dito. Deve lembrar-se disso. Não pode ter esquecido.

Ri um pouco e disse com um esforço para ser irônico:

— Ora, se eu a tivesse beijado algum dia, não me esqueceria com facilidade.

Ela ficou muito vermelha e era evidente que estava com raiva de si mesma por ter ficado vermelha. Alguns segundos depois, dominou-se, voltou-se para mim e voltou a falar num tom de voz impessoal.

— Desculpe. Talvez eu esteja errada mesmo. Mas não quis o- fendê-lo. Estava apenas procurando ajudar.

— Sei disso e lhe agradeço. Só sinto é não ser a pessoa que procura.

Levantou-se com o bloco e o lápis na mão e disse de novo com voz impessoal:

— Talvez você é que esteja enganado. Amanhã vou trazer meu irmão aqui e pedir-lhe que olhe para você... Talvez Jerry Cowan também. Eles hão de saber.

— Isso não vai adiantar nada — disse eu. Mas pensava coisa muito diferente. Eles me reconheceriam no mesmo instante, por mais que eu estivesse mudado.

— Meu irmão trabalha como interno noutro hospital e não poderá vir aqui antes do meio-dia. Mas nós viremos e espero que você seja quem eu penso. Tenho muitas coisas para lhe dizer.

Ficou ali à espera e eu quase sucumbi. Havia muitas coisas que eu queria saber. Que era feito de minha família, por exemplo. As perguntas se cruzavam na minha cabeça. Mas dominei-as. Ruth nada havia perdido da sua habilidade.

— Faça o que quiser, moça — disse eu, como se estivesse cansado de tudo aquilo — mas, como já disse, não vai adiantar nada.

— Talvez — disse ela, com uma rápida sombra de desapontamento no rosto! — Boa noite.

Vi-a atravessar a enfermaria e sair, mas não respondi. Peguei depois um cigarro e acendi-o com as mãos trêmulas. Amanhã ao meio-dia! Isso queria dizer apenas que a essa hora eu já devia estar longe dali. Não teria coragem de ficar e tentar blefar os meus dois amigos. Sairia depois de um bom almoço de manhã. Não me podiam obrigar a ficar. Eu não era um criminoso.

Fiquei ali deitado, pensando nos motivos pelos quais eu ainda não havia encontrado emprego, por que eu sempre fazia uma confusão de tudo. Talvez fosse porque eu nunca fazia um plano. Talvez fosse porque eu tentava pegar qualquer coisa indiscriminadamente. Devia ser isso. Daquela vez, eu precisava de ter um plano. Não podia falhar de novo. Daquela vez tinha de ser para valer. Mas qual devia ser o plano? Que podia eu fazer para não falhar? Tinha de ser alguma coisa sólida, segura, indestrutível.

Analisei uma porção de idéias, cada qual mais maluca do que a outra. Lutavam dentro da minha cabeça e mal uma aparecia eu a afastava. Em dado momento, corri os olhos pela enfermaria. Perto da porta havia uma placa que dizia: "Enfermaria 23 — Hospital Bellevue". Foi então que encontrei o que procurava. Caiu-me no espírito com tal violência que eu me admirei de não ter pensado nisso antes. Aquilo não podia falhar. Era tiro e queda. Apaguei o cigarro e tratei de dormir.

Cheguei à esquina e olhei para o relógio na vitrina do outro lado da rua. Onze horas. Havia escapado por pouco. Tivera um pouco de trabalho em convencer o médico de que me estava sentindo bem. Mas que poderia ele fazer se já havia dito que eu estava OK?

Ficou um pouco preocupado quando lhe pedi que me deixasse sair.

— Devia passar mais uns dias aqui — disse ele. — Precisa mesmo de repouso.

Estava sendo delicado, mas eu lhe respondi:

— Sinto-me bem melhor, doutor. E tenho amigos que me ajudarão e olharão por mim. Fique descansado.

— Está bem. Vou fazer-lhe a vontade. Não o posso forçar a continuar aqui, mas recomendo-lhe que tenha cuidado. Está mais combalido do que pensa. Procure os seus amigos e passe com eles alguns dias, descansando.

— Não se preocupe, doutor. É isso mesmo que eu vou fazer.

Vi-o assinar os papéis que me davam alta, entregando-os a uma enfermeira. Em seguida, me disse:

— Não se esqueça de fazer o que eu lhe disse.

— Vou fazer, sim, doutor. Obrigado, muito obrigado — disse eu e estendi-lhe a mão.

Ele teve um momento de surpresa, mas logo me apertou a mão. A enfermeira chegou com as minhas roupas. Vesti-me e em breve atravessei os corredores e saí do hospital.

Olhei o relógio de novo — onze horas. Podia já contar com um emprego. Tomei o meu caminho. Tinha de procurar Silk Fennelli naquele mesmo dia. Devia lembrar-se do que eu fizera. Salvava-lhe provavelmente a vida, levando-o para o hospital sem perda de tempo. Tudo se resolveria naquele dia. Já que eu tinha de voltar, voltaria logo ao ponto de partida.

Ele não me iria repelir.

INTERLÚDIO

FRANCIS

Jerry foi até ao aparador e preparou outro uísque. Olhou-o de encontro à luz. Estava como devia ser: pródigo no scotch e com um traço de soda, apenas. Virou-se para Marty e chamou-o, para uma cadeira.

— Os anos perdidos — murmurou ele calmamente. — A maneira pela qual você disse a frase me esclareceu. Durante este período do tempo em que ele desapareceu até o tempo em que tomamos a vê-lo, Frank cresceu e desenvolveu-se também. Talvez não no mesmo sentido em que isso aconteceu conosco. Mas de modo diferente. Alguma coisa deve ter-lhe acontecido no decurso dessa fase para fazê-lo voltar ao caminho único no qual sabia que ia dar-se bem.

"Não sei o que foi. Talvez ninguém saiba, nem venha a saber. Mas há traços do tempo em que ele principiou a voltar para as nossas vidas. Traços apagados, meros indícios — mas suficientes para dar uma idéia do que lhe estava acontecendo e do que ele estava fazendo.

"Começou curiosamente pouco depois de eu ter ido trabalhar como assistente do procurador-geral. Foi em abril de 1936. A polícia estava investigando um caso de tiroteio entre gangsters num dos hotéis da cidade. Os rumores davam como implicados certos jogadores bem conhecidos. Estávamos explorando sem resultado todos os ângulos quando um dos nossos informantes apareceu com uma estranha história sobre um homem que trabalhava para Fennelli — um homem de quem nunca tínhamos ouvido falar. Mas, de acordo com o informante, ele subira em poucos anos — talvez dois, talvez três — de agente de bookmaker a uma das figuras principais da organização. Esse homem se chamava Frank Kane. Eu estava muito ocupado nesse tempo com outro caso que acompanhava nos tribunais e deixei tudo isso de lado até alguns anos depois quando peguei no dossiê".

Os homens estavam sentados jogando pôquer quando a porta abriu e um homem entrou. Pararam de jogar um instante para olhá-lo. Era difícil calcular-lhe a idade. Era magro e o rosto era quase emaciado. Não tinha sobretudo, embora lá fora estivesse fazendo um frio terrível. A sua pele tinha um aspecto jovem que não combinava bem com os seus olhos e os seus cabelos grisalhos. Os olhos eram castanhos, quase pretos e não tinham profundidade, nem expressão. A boca era pequena e ele falava quase sem descerrar os lábios. A voz era estranha — velha, cansada e vazia de

expressão como os olhos, com um subtom baixo e áspero. Ficou na porta olhando-nos firmemente, sem bater as pálpebras.

— Quero falar com Fennelli — disse ele.

Piggy Laurens, que se considerava engraçado, levantou-se e foi até onde estava o desconhecido.

— Vá dando o fora! Fennelli não dá esmolas!

O homem fechou calmamente a porta, deu alguns passos e plantou-se bem diante de Piggy. Os braços estavam caídos, não havia expressão no seu rosto, mas a voz era dura e controlada. Disse com os olhos fixos em Piggy:

— Não estou pedindo a opinião de subalternos.

Piggy ficou vermelho e deu um passo na direção do homem, mas olhou então para os olhos dele. Piggy não era de modo algum covarde, mas não deve ter gostado do que viu. Contudo, não podia mais recuar e tinha de agir. Deu outro passo à frente.

Os outros olhavam da mesa do jogo com muito interesse. Estavam à espera do momento em que o desconhecido recuasse e fugisse.

A mão de Piggy iniciou um movimento ameaçador para os bolsos. A voz do desconhecido a fez parar no meio do caminho.

— Se tentar fazer isso — disse ele no mesmo tom de voz — , eu o matarei.

Os braços ainda estavam caídos, mas os lábios se haviam arreganhado num sorriso que parecia um esgar de fera e os olhos pareciam emitir faíscas. Ouviu-se então a voz de Silk da porta da sala dos fundos:

— Vá sentar-se, Piggy.

Piggy voltou para a sua cadeira e sentou-se meio sem jeito.

O desconhecido e Fennelli se olharam através da extensão da sala. Houve silêncio por um momento. Depois, os passos do desconhecido ressoaram na sala.

— Vim pegar o emprego que você me prometeu — disse ele, chegando perto de Fennelli.

Fennelli olhou-o e, depois afastou-se da porta, fazendo-lhe sinal para que entrasse. O desconhecido entrou e Fennelli seguiu-o.

— Como demorou a chegar aqui, Frankie! — disse Fennelli, ao fechar a porta.

Os homens ouviram isso e tornaram a pegar nas cartas.

Jerry tomou outro gole de uísque.

— O informante disse que esse homem estava organizando to da a rede do jogo na cidade, empenhado em por termo à guerra entre as quadrilhas que estavam provocando a atenção e a ira do público.

Os jornais estavam explorando muito essa guerra e atacando o departamento por não acabar com ela. Kane tinha a solução para o caso. Ia estabelecer um cartel, uma organização que fixasse os territórios dos diferentes grupos e exigisse o respeito ao acordo firmado.

Tinha convidado os principais chefes da cidade para uma reunião.

Se Fennelli soubesse o que ia acontecer, talvez nunca tivesse dado emprego a Frank. Começara como agente de bookmaker, mas não ficara muito tempo nisso. Era um organizador inato. Dentro em pouco, tinha outras pessoas que recolhiam as apostas para ele e com quem ele rachava as comissões. Depois, Silk levou-o para o grupo e deu-lhe a direção de todos os bookmakers.

Para os outros do meio, Frank Kane foi sempre uma pessoa estranha. Só Fennelli sabia quem ele era e de onde vinha, e Fennelli não falava.

Frank sentou-se na mesa ao lado de Fennelli. A cidade estava bem representada na reunião: Madigan e Moscowits, do Bronx; Luigerro, do Sul de Brooklyn; "Fats" Crown, de Brownsville; "Big Black" Carvell, de Harlem; Scutz, de Yorkville; Taylor, de Richmond; Jensen, de Queens; Riordan, de Staten Tsland; Antone, de Greenwich Vil Kelly, de Washington Heights.

A reunião se realizava num quarto de hotel e parecia uma sessão de diretoria de alguma importante empresa. Diante de cada homem, havia um bloco e lápis em cima da mesa. Por toda parte, viam-se charutos, cigarros e cinzeiros. Eram duas horas da tarde e o sol entrava pelas janelas abertas quando Fennelli se levantou para falar.

— Todos sabem por que foram convidados para vir aqui. Fala-se que o Governador vai nomear um procurador especial para limpar a Cidade. Se puserem no lugar um homem a quem não possamos dominar, estaremos perdidos, se não tratarmos de arrumar a nossa casa antes.

A voz de Fennelli era calma, agradável e bem modulada. A sua maneira de falar era simples. Considerava-se um homem de negócios que falava a outros homens de negócios com a esperança de convencê-los a proteger os seus interesses. O fato de que ele assumisse as funções de direção era puramente accidental. Quando Frank lhe havia sugerido a idéia, ele rira. Convencera-se depois com novas explicações de Frank. Resolveu fazer uma tentativa quando a indignação pública aumentou e dois dos seus homens foram vitimados.

— De acordo com o plano que temos aqui — disse ele — pode remos trabalhar sem interferência da polícia. Os atritos entre nós serão eliminados com a apresentação das queixas que cada qual tiver ao comissário. — Gostava daquela palavra. Fazia-o pensar no Juiz Landis e na excelente organização do beisebol, que eliminava todos os interesses externos. — Deixará de haver tiroteios, publicidade e pressão do povo para a limpeza da cidade. Há dinheiro de sobra para todos nós — se formos inteligentes. Ainda que ser inteligente não seja no caso o que sempre pensamos que fosse, acho que devemos agir imediatamente com inteligência. Somos uma grande indústria — uma das maiores do país. Se alguma coisa acontece a uma grande empresa que ponha em risco os seus interesses, tomam-se imediatamente medidas defensivas. É isso justamente o que estou propondo — um meio de proteger os nossos investimentos.

Fennelli sentou-se. Madigan foi o primeiro a fazer uma pergunta.

— Tudo isso é muito bonito, mas quem é que vai fazer ficar dentro de seu território um camarada que queira expandir-se?

— O comissário — respondeu Fennelli.

— Como? — insistiu Madigan.

— Conversando com as pessoas envolvidas na questão.

— E se isso não der resultado?

— Neste caso, torpeda!

Madigan teve um sorriso de triunfo.

— Mas aí cairemos justamente no que queremos evitar!

Fennelli ficou atordoado. Não havia pensando nisso. Mas Kane tinha. Levantou-se prontamente e falou:

— É justamente isso que queremos evitar e vamos evitar por meios de acordo. Se todos quiserem cooperar, poderemos ter êxito.

A minha idéia — disse ele, roubando arrojadamente o mérito de Fennelli, que havia convocado a reunião — é a seguinte: Vocês elegerão o comissário. Ele exercerá as suas atividades num escritório que se tornará o centro nervoso dos negócios. Organizará um fichário e um serviço de informações para que possam controlar os preços, distribuir as quotas, fixar as percentagens. O comissário providenciará para que tenham uma quota justa dos negócios e dos lucros obtidos. Será o representante de todos e trabalhará exclusivamente para protegê-los.

— E quem poderá ser esse comissário? — perguntou Madigan.

Fennelli se acomodou na cadeira. Sabia o que ia acontecer.

Frank ia indicar o seu nome.

— Eu! — disse calmamente Kane.

— Você! — exclamou Fennelli exaltadamente. — Que diabo é você?

Kane encarou-o calmamente.

"A primeira traição!" pensou Moscowits. "Isso dará em nada como todas as outras tentativas". Estava ficando um pouco cansado de tudo aquilo. Queria abandonar tudo e ir-se embora — para muito longe. Mas se houvesse um pouco de paz em vez daquela contínua luta de golpes e contragolpes, talvez ficasse mais um pouco.

— Sou o homem talhado para o lugar — disse Kane, sem alterar a voz. — Sou a única pessoa aqui que nada tem para proteger.

Não devo coisa alguma a nenhum de vocês. Não me beneficiarei se algum de vocês receber mais ou menos. Além disso, nenhum de vocês

aceitará qualquer dos outros. A única pessoa que podem escolher sou eu — ou o procurador especial.

Fennelli se tranqüilizou, pensando: "Ele tem razão, sem dúvida! Eu não confiaria em nenhum dos outros e nenhum deles confiaria em mim. Além disso, posso controlá-lo e é só de que eu preciso".

— OK — disse em voz alta. — Compreendo o que quer dizer.

Kane olhou para os participantes, sentindo uma terrível agitação íntima. "Conseguiu!" dizia-lhe constantemente uma voz, mas nada disso se mostrava nas suas maneiras.

— Há alguma objeção? — perguntou ele.

— Quanto é que isso nos vai custar? — quis saber Antone.

— Isso vai variar de acordo com o volume de negócios de cada um — disse Kane. — As quotas, no começo, irão de quinhentos a dois mil e quinhentos dólares por semana. No seu caso, a quantia que terá de pagar está escrita num pedaço de papel dentro de um envelope. Tenho um envelope para cada um, com o nome escrito por fora. Quem quiser, poderá discutir a sua quota ou aceitá-la. Depende de cada um deixar saber ou não a sua quota, porque esta se baseia no volume de negócios de cada um.

Tirou um maço de envelopes do bolso do paletó e entregou-os a cada um dos homens sentados à mesa.

Os homens abriram prontamente os envelopes e olharam com variadas expressões para as quantias escritas no papel incluso:

"Dois mil por semana", pensou Moscowits. "Não é muito".

"Fats" Crown levantou-se impetuosamente.

— Tudo isso para mim é simples besteira Nada disso me agra da! Ninguém me pode dizer o que eu posso ou não posso fazer.

Falou olhando para Luigerro. A rivalidade entre os dois era bem conhecida.

Kane olhou para ele:

— Qual acha que é o volume dos seus negócios? Cada qual deve escrever "sim" ou "não" no seu papel e assinar o seu nome e então veremos o que é possível fazer.

Os homens escreveram e passaram os papéis a Kane. Ele examinou-os um por um e, em seguida, levantou os olhos para os homens. Falou diretamente a Crown:

— O seu é o único "não". Não quer reconsiderar a sua decisão?

Crown sacudiu a cabeça.

— Isso não vai adiantar nada. Não vou consentir que ninguém...

Kane interrompeu-o:

— Se prefere assim, está no seu direito. Mas fique sabendo que não é possível deixar que os negócios de todos fiquem arruinados por causa de um idiota. — Acrescentou quase com gentileza: — Pode retirar-se da reunião...

Crown olhou em volta da mesa e disse:

— Vou sair, mas quero avisar uma coisa. Não entrem no meu território! É só!

Saiu pisando com força e bateu a porta.

Os outros homens olharam para Kane. Era importante ver como ele iria resolver aquela situação. O que ele fizesse naquele momento indicaria o rumo que ia tomar no futuro.

Kane foi até um canto do quarto e pegou um telefone. Discou um número.

— Fats abandonou a reunião — disse ele calmamente quando atenderam. Em seguida, desligou.

Voltou à mesa e sentou-se.

— Nós continuamos em atividade — disse ele. — Agora, a primeira providência é uma sede. Tenho um escritório em Jersey City...

"Bandido!" pensou amargamente Fennelli enquanto Kane expunha seu plano. "O cachorro já estava com tudo pronto!" Mas com esse pensamento se misturava uma certa dose de relutante admiração.

— Ninguém quis acreditar no que o informante havia dito — disse Jerry, observando o rosto de Marty, para ver se havia nele alguma expressão de surpresa. Mas Marty estava impassível como um médico que ouvisse um doente narrar os seus sintomas. Só formaria a sua opinião depois que ouvisse e assimilasse todos os fatos.

"A polícia achou que aquilo era absurdo. Não acreditou que "Fats" Crown tivesse sido liquidado por uma organização que congregava todos os quadrilheiros da cidade. Tentaram ver se implicavam Tony Luigerro no caso, mas nada conseguiram.

"Depois do assassinato de "Fats" Crown, houve paz na cidade. A guerra entre as quadrilhas cessou e pouco a pouco o interesse do público se desviou para outros assuntos. A pressão se atenuou e a idéia de um procurador especial foi momentaneamente posta de lado.

"Enquanto isso, Frank continuou a construir e consolidar o seu império. A sua organização começou num escritório de duas salas em Jersey City. O nome na porta dizia: "Empresa Frank Kane". Mas estava crescendo. Daquele pequeno escritório de duas salas, estendiam-se tentáculos por todo o país, para Chicago, St. Louis, San Francisco, Nova Orleans. Para norte, leste, sul e oeste, estendiam-se em todas as direções, cobrindo todo o país. O jogo organizado se tornou uma das maiores e poderosas empresas do país.

"Já em fins de 1940, o escritório de duas salas havia aumentado para cinqüenta salas em quatro andares com mais de duzentos empregados, entre contabilistas, secretárias e auxiliares de escritório. A sua mesa telefônica com oito telefonistas tinha ligação direta com todos os centros de jogo do país. Era um grande business dentro do conceito americano. Nada havia nele de pequeno.

"Tinha chefes de departamento, diretores e subdiretores. Tinha um caro e bem montado serviço jurídico, a cuja frente estava um dos mais famosos advogados do país. Tinha um departamento de relações públicas, com um homem muito competente saído de uma das maiores agências. Pode parecer estranho que uma organização clandestina tivesse interesse em relações públicas. Mas o fato é que o departamento procurava apresentar o jogo como coisa simpática ou, diretamente, mostrando como os bookmakers choravam quando alguém perdia demais nas corridas, ou

indiretamente, chamando a atenção para os desastres e as mortes que ocorriam nas competições de atletismo, nas lutas de boxe, em todos os esportes. Tinha jornalistas competentes que escreviam sobre todos os ângulos dos esportes. Não perdiam uma só oportunidade.

"E no centro de tudo isso estava Frank Kane. Sob a sua direção, a organização chamada Empresas Frank Kane não cessou de expandir-se. Havia um departamento que tinha totalizadores para todos os prados importantes do país. As máquinas em funcionamento nos prados eram reproduzidas no escritório por meio de computadores eletrônicos operados por peritos, de modo que era possível a cada momento saber as apostas recebidas pela organização em qualquer Prado do país. Era fácil cotejar as apostas com o jogo feito no Prado e quando não havia equilíbrio, um agente do Prado recebia ordem de jogar tanto neste ou naquele cavalo, de modo que a organização não deixasse de ter lucro.

"Fixou limites para o que os bookmakers poderiam pagar. Vinte por um para a ponta. Quinze por um para a dupla. Dez por um para o placê. Cinquenta por um para as acumuladas. Cem por um para os bolos duplos. Antes disso, os bookmakers pagavam os rateios numa base de competição, dependendo do volume de negócios que precisavam e queriam. De vez em quando, algum deles ficava em posição crítica e deixava de pagar. Frank Kane acabou com isso. Foi estabelecido um limite para os bookmakers de acordo com a sua base financeira. O que ultrapassasse esse limite cabia à organização que distribuía os lucros com os bookmakers na base de comissão. Dessa maneira, os bookmakers podiam e deviam transferir as suas apostas quando estas ultrapassavam a sua capacidade financeira. Isso teve um efeito estabilizador sobre os negócios. Em dois anos, nenhum bookmaker deixou de pagar as apostas recebidas. Era assim como um banco central que garantisse os depósitos feitos nos bancos particulares.

"Talvez o mais estranho de tudo isso fosse o fato de que, apesar da sua extensão, eram relativamente poucas as pessoas estranhas à organização que sabiam da sua existência. E ainda menos gente sabia da existência de Frank Kane. Mas um dia os jornais revelaram tudo. Uma conferência entre o Governador e o Prefeito deu em resultado a seguinte declaração:

A cidade e o Estado de Nova York, e até todo o país, correm o risco de cair em poder e nas mãos de um homem. Esse homem organizou o jogo como uma indústria, de tal maneira que está afetando consideravelmente todo o nosso bem-estar econômico, quer joguemos, quer não.

Fez cair muitas pessoas em servidão econômica, forçando-as a contrair dívidas com pequenos e grandes agiotas e um sem mundo de falcaturas e desvios de toda espécie e além do jamais se pode imaginar.

As suas atividades levaram-no a extremos de corrupção jamais igualados na nossa história. Os seus negócios se fazem em milhões e não em centavos. Subornou ou tentou subornar funcionários públicos importantes e pequenos. Organizou de tal modo as suas sinistras atividades que o assassinato não é mais necessário como uma ameaça para aqueles que se lhe opõem, embora sejam sem conta as assassinatos e suicídios resultantes das suas atividades. A sua arma é outra. Consiste na ameaça de escravidão econômica por quem se levanta contra ele. É preciso fazer parar esse homem.

Dentro de alguns dias o Governador divulgará a nomeação de um "Procurador Especial", cuja única função será deter esse homem e colocá-lo no lugar que lhe compete — atrás das grades. O nome do homem é Frank Kane.

A missão do Procurador Especial será apenas uma: meter Frank Kane na cadeia ".

"Os jornais ficaram em polvorosa. Sabiam há muito que um grande escândalo estava para estourar, mas isso os colhere inteiramente de surpresa. Vasculharam febrilmente os seus arquivos à pro cura de fotografias de Frank Kane e não encontraram nada. Ele foi descrito das mais variadas maneiras: como alto e baixo, como gordo e magro e assim por diante. Para o público e.ra uma espécie de fantasma, um nome apenas. Nunca fora preso, nunca se haviam tirado as suas impressões digitais, nem anotado as suas características de identificação. E todo o mundo perguntava: "Quem é Frank Kane? Onde está Frank Kane?"

"Frank estava em Chicago quando a notícia foi publicada em Nova York. Tinha ido para lá sozinho por dois dias e por motivos que ninguém parecia saber. Não conseguimos apurar que fosse para tratar de negócios,

para ver uma mulher nem para qualquer das coisas que podem fazer um homem passar dois dias em outra cidade.

"Não sei se ele tinha conhecimento do que estava acontecendo em Nova York depois da sua saída, mas tenho a impressão de que sabia de tudo. De qualquer modo, tomou o trem com a sua habitual displicência, tomou o seu lugar no Pullman e abriu o Chicago Tribune. E foi então que eu voltei à vida dele, ou melhor, ele voltou à minha.

"Ali estava, no pé da primeira página, depois de uma notícia sobre a morte acidental de um detetive ferroviário de Chicago, o telegrama seguinte:

"Nova York, 9 de setembro de 1940 (AP) Jerome H. Cowan, filho do ex-prefeito de Nova York A. H. Cowan, foi designado para Procurador Especial pelo Governador do Estado. O Sr. Cowan terá a missão de Processar Frank Kane denunciado pelo Governador de Nova York como o chefe do sindicato do jogo no país."

"Era esse o meu dever — processar Frank Kane. Era a minha grande oportunidade — destruir um amigo e deixar a sua carcaça para os abutres.

"A verdade era que eu não queria o encargo. Mas meu pai, que havia trabalhado pela minha designação, me disse: "É a sua grande oportunidade. A amizade que vá às favas! Talvez nunca mais lhe apareça coisa igual!"

"Em vista disso, aceitei. Talvez fosse um erro, mas eu não podia saber o que ia acontecer. A primeira coisa que eu tinha de fazer era trazer Frank a Nova York para ser interrogado. Já sabem qual foi o resultado. Ele ficou calmamente do outro lado do rio, em Jersey, rindo de nós.

"Ao fim de três semanas de intensas investigações, eu estava começando a ficar nervoso. Os jornais já me estavam atacando. Pensavam que me haviam confiado um caso já resolvido e que eu tinha apenas de levar o caso aos tribunais. Estavam errados. Começara sem qualquer base e ao fim de três semanas estava na mesma situação.

"Resolvi ter uma conversa com ele e uma tarde peguei o meu telefone de ligação direta e disquei para as Empresas Frank Kane. Esperava mostrar-lhe que não havia esperança para ele e que lhe seria melhor bater em retirada enquanto isso ainda era possível. Afinal de contas, ele foi meu amigo, pensei eu.

"Uma voz atendeu ao telefone: 'Empresas Frank Kane'.

— "Por favor, quero falar com o Sr. Kane".

— "Um momento", disse a voz. Houve o estalo da transferência da chamada e outra voz disse: "Escritório do Sr. Kane".

— "Quero falar com o Sr. Kane". "Quem deseja falar?" "Jerome Cowan".

"Percebi uma leve nota de surpresa na voz que me disse: "Faça o favor de esperar um instante". Outro estalo, mais outro e finalmente: "Fala Kane". A voz não tinha expressão alguma pelo telefone. Era como se eu estivesse falando com um fantasma."

Jerry colocou o copo de uísque pela metade em cima da mesa. Levantou-se e ficou em frente de Janet e de Marty olhando para eles.

Janet olhou espantada para o marido. Era a primeira vez que mencionava o fato. Estava agitado e nervoso como se estivesse voltando a passar por aquele momento difícil.

Recomeçou a falar, com voz áspera e nervosa:

— Disse então: "É Jerry Cowan quem fala". Frank respondeu:

"Eu sei". Havia tanta emoção na voz dele como se falasse comigo todos os dias. Não parecia impressionado com o meu telefonema nem com o fato de que eu tivesse sido designado para mandá-lo para a cadeia. Não mostrou qualquer curiosidade quanto ao motivo do meu telefonema. Foi apenas polido, displicente, desinteressado.

"Procurei falar depressa. Tinha receio de que desligasse antes que eu pudesse dizer o que queria. Poder-se-ia pensar, da maneira pela qual eu agia, que eu era o acusado e não o acusador. "É Jerry Cowan quem fala", repeti. "Lembra-se?"

— "Lembro-me".

— "Quero falar com você".

— "Não está falando?"

— "Você tem de livrar-se disso, Frank. Há gente empenhada em vê-lo no chão e você não pode vencer todo o mundo sempre.

Fomos amigos em outros tempos. Acredite no que lhe estou dizendo.
E saia enquanto é tempo".

— "Foi só para dizer isso que me telefonou?", perguntou ele.

— "Foi. Mas pelo amor de Deus, ouça-me, Frank — "Já ouvi", disse ele e então a sua voz tomou um tom mais áspero. "Sr. Cowan, sei que tem uma missão a cumprir. Foi uma obrigação que assumiu. Muito bem, faça o que tem de fazer. Mas não espere que eu faça o seu serviço".

— "Não é nada disso, Frank. Quero ajudá-lo".

— "Então, para começar", disse ele com um breve riso, "por que não se mete com a sua vida?"

— "Está bem", disse eu. "Se é assim que deseja..

— "Deseja mais alguma coisa, Sr. Cowan?", perguntou ele com um tom de voz que eu não podia compreender.

— "Não", disse eu, de repente exausto. "Nada. Estava apenas pensando. Quando éramos garotos, tudo era tão simples. Você, Marty e eu éramos tão amigos e eu...

— "Eu sei, disse ele com uma voz que se tornara de repente gentil e amiga. "Também estava pensando nisso". E desligou, deixando-me com o fone na mão.

"Deixei o fone no gancho e fiquei ali, no mesmo lugar, numa espécie de torpor. Acho que fiquei assim quase uma hora, enquanto o desespero pouco a pouco me invadia. Eu estava derrotado e sabia disso. Era a velha história — ele sempre fora melhor em tudo do que eu. Tinha a impressão de que jamais conseguiria vencê-lo.

"Corri os olhos pelo escritório. Odiava aquilo e tudo o que ele representava, tudo o que eu tinha querido ser desde garoto. Que louco eu era, querendo ser o que não podia ser! Tinha de sair dali e ir para um lugar onde pudesse pensar sozinho. Peguei o chapéu e saí. De passagem, disse à minha secretária que não voltaria mais naquele dia. Tomei o carro, fui para fora da cidade e... e...

A voz dele pareceu estrangular-se na garganta e ele não pôde mais falar. Ficou ali a olhá-los em silêncio, com o pomo-de-adão a mover-se convulsivamente para cima e para baixo.

Janet pegou-o pela mão e fê-lo sentar-se entre ela e Marty.

Ele colocou o rosto entre as mãos e murmurou:

— Já sabem o resto da história...

Janet olhou para Marty por sobre a cabeça curvada do marido. Havia em seu rosto compreensão, amor e simpatia. Falou com Jerry, mas Marty teve a impressão de que ela estava falando com ele.

— Sabemos, sim, querido. E é por isso que vamos agir como vamos.

O olhar de Janet tomou um brilho estranho, quase místico, tal como se estivesse voltado para o futuro. Perguntou a Marty:

— Que faria se fosse viver de novo a sua vida? Que faria por Francis?

Marty pensou por um momento que estivesse louco. Deu um salto do sofá.

— É uma pergunta absurda! Todos nós sabemos que Francis está morto!

O brilho foi mais forte nos olhos de Janet e ela perguntou:

— Que faria você se eu lhe dissesse que não está?

SEXTA PARTE

Fennelli estava esperando no meu escritório quando voltei do almoço. Levantou-se quando me viu entrar. Atravessei o escritório e fui sentar-me à minha mesa. Liguei o interfone para que minha secretária soubesse que eu havia chegado — pois havia entrado pelo elevador particular. O relatório de uma hora estava em cima da mesa. Peguei-o e examinei-o antes de falar com Fennelli.

Olhei-o então. Estava em frente à minha mesa e parecia um pouco nervoso. Talvez alguém que não o conhecesse tão bem quanto eu não pudesse perceber isso, mas eu percebia. Havia pequenos sinais: a imobilidade forçada das mãos, a leve pressão dos lábios — pequenas coisas que o denunciavam.

— Sente-se, Silk — disse eu, sorrindo. Acendi um cigarro e esperei que ele se sentasse. — Que é que há?

— A pressão está bem forte, Frank — disse ele, levantando-se de novo.

Não era preciso que ele me dissesse! Havia seis semanas que eu não me atrevia nem a atravessar o rio para ir a Nova York e ele me vinha dizer que a pressão estava forte! Eu nada disse.

Ele colocou o chapéu em cima de minha mesa.

— Estou falando sério, Frank. Estão dispostos a tudo. Cowan esteve com o Governador outro dia e obteve permissão para processar-nos primeiro já que não conseguem nada contra você.

Sabia disso também. Pagava a um camarada que trabalhava no gabinete do governador duzentos dólares por semana para me informar. Tinha sabido quando Cowan solicitara a audiência quando esta se realizara. Tinha até na minha gaveta um resumo da conversa entre os dois. Desde que não tinha nada mesmo de importante para dizer, continuei calado e fumando o meu cigarro.

Silk ainda me observava. Quando viu que eu não ia falar, continuou:

— Temos de fazer alguma coisa. Os homens estão preocupados.

— Que homens?

— Madigan, Moscowits, Kelly, Carvell, todos eles.

— Você também, Silk?

— Eu também.

Ri. Lembrei-me do tempo em que eu pensava que aquela gente era dura e não desanimava diante de coisa alguma. Sabia já que não era assim.

Eram duros e implacáveis quando não corriam risco, mas logo que algum perigo surgia vinham correndo para mim.

— Que é que você quer que eu faça? Quer que amarre as mãos deles?

Silk ficou um pouco vermelho.

— Não tem nenhum jeito de agir sobre Cowan?

— Já lhe disse que tentei, mas não deu resultado.

Eu estava mentindo. Não havia tentado. Mas, de qualquer maneira, eu sabia que não daria resultado.

— E a vida pessoal dele? — perguntou Silk. — Talvez haja alguma sujeira escondida que ele não queira que se saiba.

— Não há nada. O camarada sempre levou uma vida tão decen te que chega a ser nojenta.

— E a família dele?

— Você conhece o pai dele, Silk. Acha que se poderia fazer alguma coisa contra ele que desse resultado? O grande vulto venerando da política de Nova York?

Ri desdenhosamente. Se tentassem alguma coisa contra o velho, cairiam junto com ele. Sabiam muito bem disso.

— E a mulher dele?

— Nada feito. Verifiquei isso também. Conhecem-se há cem anos — isto é, desde o tempo de garotos. Ficaram noivos logo que concluíram o curso secundário. Nunca houve mais ninguém, nem de um lado, nem do outro.

— Deve haver um jeito de fazer o homem parar — murmurou Silk.

— Claro que há — exclamei, levantando-me e indo para junto dele.
— Basta eu ir até ao escritório dele e dizer: "Pronto, rapazes!

Que é que querem comigo?" — Apaguei o cigarro no cinzeiro e repeti: — Basta isso!

— Bem sabe que não é isso o que nós queremos, Frank!

— Como é que eu posso saber o que é que vocês querem? Só sei é que correm para cá choramingando sempre que uma coisinha qualquer não dá certo. São tão imbecis que não podem perceber que é isso mesmo que os outros querem? Acossar vocês até que algum não agüente mais e abra a boca? Ai então farão o que quiserem com todos! Fiquem quietos! Metam a língua no saco! Deixem o trabalho de pensar comigo e parem de molhar as calças logo que o vento co meça a soprar um pouco mais forte! Você me deram este lugar para fazer um serviço para vocês e eu estou fazendo. — Olhei-o firme mente e dei uma inflexão diferente à voz. — Isto é, a menos que não estejam satisfeitos.

— Nada disso, Frank! Estamos muito satisfeitos! — disse ele com excessiva precipitação.

Sabia também das conversas de todos eles em Nova York. Se eu lhes desse uma chance, eles me atirariam aos lobos sem a menor hesitação.

— Neste caso, volte e diga-lhes que deixem de ficar tremendo.

Diga que eu estou a par de tudo e que quero que façam o que eu dis ser. Já tomei providências para tirar da prisão poucos minutos depois qualquer deles que for preso. E que continuem com as suas atividades normalmente, até que recebam ordem minha em contrário.

Voltei para minha mesa e sentei-me.

Silk pegou o chapéu e se encaminhou para a porta.

— Comunicarei a todos eles o que você disse, Frank.

A voz dele era cheia de respeito, mas os olhos fuzilavam. Mudei de assunto.

— Se não me engano, você está atrasado em nove mil dólares da sua quota da semana passada. Já que está aqui, pode passar pela sala de Joe Price e acertar isso.

— Está bem, Frank.

Ele já estava com a mão na porta e eu resolvi dar-lhe outro golpe.

— Mais uma coisa, Silk. Saiba que não .me esqueço de que queria este lugar para você... e que eu tenho boa memória.

— Saiba então também — disse num tom de voz que era estranho nele — que ainda me lembro de que, se eu não lhe desse a primeira chance, você nunca estaria onde está.

— Lembro-me disso também, Silk, e é por isso que lhe falo com bons modos.

Hesitou um instante antes de sair, mas como se ainda quisesse dizer alguma coisa e lhe faltasse coragem. Afinal saiu, fechando a porta. O mal com aquela gente é que todos eles haviam passado tanto tempo intimidando os outros que se haviam esquecido de que eram humanos e podiam também ser intimidados.

Peguei o telefone. "Ligue para Alex Carson". Era um dos advogados da firma. Queria recomendar-lhe que prosseguisse com a idéia de que eu tinha falado a Fennelli — para tirar da cadeia mediante fiança qualquer dos homens que fosse preso. Às vezes, uma pequena conversa esclarece muito as coisas. Eu estava sempre disposto a conversar sobre tudo, O ruim era que eu não confiava em nenhum deles para conversar francamente, de modo que eu mesmo é que tinha de coordenar tudo. Só podia falar com eles um pouco de cada vez. Do contrário, ficariam sabendo tanto quanto eu e isso poderia subir-lhes à cabeça.

Quando acabei de falar com Carson, desliguei e tratei de trabalhar. Tinha muito o que fazer e não podia deixar de sorrir. Como se trabalhava duro para ter uma vida fácil!

Uma moça me trouxe o relatório das cinco horas e ficou esperando enquanto eu o lia. Olhei para ela.

— Já chegou alguma coisa do Tanforan?

— Não, Sr. Kane.

Peguei o telefone e pedi ligação para Joe Price. Joe era o homem do controle — um camarada notável em matéria de números. Quando o conheci, ele estava fazendo cem dólares por semana como chefe da contabilidade de uma companhiazinha qualquer. Estava devendo alguns milhares de dólares e eu achei que me poderia ser útil e tirei-o de lá. Tinha valido a pena. Eu não lhe pagava mil dólares por semana porque gostasse da cara dele.

Price atendeu.

— Como é que fomos no primeiro páreo em Tanforan? — perguntei. Tanforan ficava na Califórnia e tinha três horas de atraso em relação a nós.

— Perdemos oito mil dólares — disse ele com a sua voz precisa de contabilista. — Estamos com trinta mil contra nas acumuladas.

— Quais são as perspectiva do dia?

— Seremos felizes se sairmos em paz.

— OK — disse eu, desligando o telefone. Não se podia ganhar todos os dias.

Minha secretária estava esperando perto da mesa.

— Está aí uma moça que quer falar com o senhor — Miss Coville.

— Como foi que ela passou pela portaria? — perguntei, espantado. — Não me lembro do nome.

— Não sei, Sr. Kane. Acho que ela foi entrando sem falar com ninguém. Disse que o senhor já a conhecia, que ela era irmã de Marty.

— Ah, sim! — Claro que a conhecia! Mas que diabo vinha ela fazer? Hesitei um momento. Para dissimular meus pensamentos, perguntei:

— Allison já chegou, Miss Walsh?

— Ainda não. Quer que diga à moça que está ocupado?

Hesitei ainda e disse:

— Quero.

Ela saiu. Tinha vontade de ver Ruth, mas sabia que não adiantara nada. Ela decerto reconheceria em mim o camarada do hospital, embora tivesse mais alguns quilos de peso e um terno de duzentos dólares. Era melhor assim.

Poucos minutos depois, Allison entrou. Era meu secretário da noite. Eu precisava de duas pessoas — uma para o dia, outra para a noite. Era difícil conseguir uma moça para trabalhar à noite e eu em geral ficava no escritório até bem tarde, esperando que fizessem todos os cálculos. Havia por isso contratado Allison.

— Que é que você quer, Allison?

— Há uma moça aí fora que quer falar-lhe, uma tal miss Coville.

Havia um jeito curioso no rosto quase efeminado de Allison. Eu não gostava dele. Nunca pude confiar num homem que soubesse taquigrafia.

— Pensei que Miss Walsh a houvesse mandado embora. Foi o que eu lhe disse que fizesse.

— Pois ela ainda está esperando. — Ele raramente me olhava diretamente, mas assim o fez naquele momento e eu tive a surpresa de ver que a linha do queixo era bem forte. — Diz ela que o senhor prometeu vê-la.

Resolvi ceder. Iria vê-la e liquidar logo o assunto, — Está bem. Mande-a entrar.

Levantei quando Allison abriu a porta para ela. Ela ficou parada um instante à porta, olhando-me. Vestia um costume azul-cinza que combinava bem com os seus olhos azuis. O olhar era franco e direto. A boca era firme e o queixo quase virilmente quadrado.

Ela esperou que a porta se fechasse para então falar.

— É você?

Encaminhou-se para mim e estendeu a mão. Não a apertei.

— Quem esperava que fosse?

Ela deixou cair desajeitadamente a mão. A dúvida lhe pairava nos olhos como sombras numa parede.

— Não sei. — Disse com uma ponta de nervosismo na voz, mas esta logo se acalmou. — Foi você então que esteve no hospital naquela ocasião. Não estava enganada.

— E que é que isso prova?

— Nada, eu acho. Apenas pensei...

Continuávamos de pé, com a mesa entre nós, como dois lutadores que se enfrentassem num ringue.

— Que veio fazer aqui? — perguntei-lhe.

O nervosismo a havia deixado por completo.

— Queria vê-lo... para saber se era a mesma pessoa que esteve no hospital, a mesma pessoa que em outros tempos freqüentou nossa casa...

— Agora, que já sabe quem sou eu, há mais alguma coisa?

Ela ergueu a cabeça. Não havia mudado muito.

— Você é ainda a mesma pessoa que era naquele tempo. Está apenas mais velho... e mais áspero.

Nada disse. Ela continuou:

— Eu não devia ter vindo. Marty e Jerry me avisaram...

Cobri de um salto a distância entre nós e tapei-lhe a boca com a mão.

— Cale-se, sua boba! — disse-lhe em voz baixa e irritada. — Não compreende que eu sou vigiado a todo instante, que todas as pessoas que entram aqui são vigiadas? Não compreendo por que não ficou sossegada no seu canto! Não percebe o que acontecerá se souberem que eu tive alguma ligação com eles?

Não mencionei nomes, mas ela sabia a quem eu me estava referindo. Afastei a mão da boca da moça e vi que ficara manchada de batom. Limpei-a com o lenço.

Ela estava quase chorando, com olhos repletos de lágrimas e o lábio inferior trêmulo. Deixou-se cair na cadeira diante da minha mesa.

— Não sabia... Não pensei nisso.

— O mal é esse! Você não pensou!

— Só quis foi ajudar..

— A quem, a mim? Isso vai ajudar-me muito... Se descobrirem quem você é, tudo se complicará. O melhor que você pode fazer quando sair daqui é nunca mais voltar.

Ela havia recuperado o controle sobre si mesma. Levantou-se e disse com voz fria e formal:

— Desculpe. Foi um erro da minha parte. Foi um erro até pensar em ajudá-lo. Você não mudou nada. Ninguém pode ajudá-lo.

Você não deixa ninguém tentar sequer. Continuará sozinho até ser vencido. Arrependo-me de ter vindo.

Dirigiu-se para a porta e eu fiquei a olhá-la. Queria dizer-lhe que tinha gostado de vê-la, que tinha saudades da velha turma, mas não podia fazer isso. Talvez Jerry a tivesse mandado falar comigo, à procura de um ângulo. Eu não sabia.

— Desculpe ter sido tão grosseiro com você — disse-lhe.

— Não tem importância. Mereci isso. Eu devia ter sabido. A- deus.

Ela já havia chegado à porta. Corri até lá, tomei-lhe a mão e sorri.

— De qualquer modo, obrigado por ter vindo.

Ficamos ali um instante, olhando um para os olhos do outro e com as mãos juntas. Ela se inclinou para mim e eu senti um beijo roçar-me os lábios.

— Lembra-se do que lhe disse há muito tempo — perguntou ela. — Agora, somos amigos.

— Adeus — disse eu e vi-a fechar a porta.

Telefonei para Allison a fim de saber do comunicado de Tanforan e, enquanto esperava ao telefone que ele me lesse as cifras, fiquei pensando. Era uma coisa inteiramente sem cabimento, completamente maluca. Aquilo não era hora de interessar-me por uma mulher, fosse ela quem fosse.

Ou era?

Fiquei por muito tempo sentado à minha mesa absorto em pensamentos. Allison havia entrado, acendera as luzes e saíra. O tempo correu sem que eu notasse. Havia subido muito naqueles últimos anos. Tinha tudo o que sempre quisera. Tinha dinheiro e boas roupas, comia bem e vivia bem. De que mais precisava?

Mulher? Bastava-me estalar os dedos e as mulheres mais belas do país vinham correndo. Não, isso não era.

Amigos? Talvez. Mas já sabia havia muito que não é possível ter amigos quando se quer conseguir alguma coisa. Por tudo o que eu havia

alcançado, tivera de dar alguma coisa em troca. Além disso, não é com amigos que se consegue o que eu tinha.

Virei a cabeça e olhei para a janela. Do outro lado do rio as luzes de Nova York brilhavam tantalicamente aos meus olhos. Era uma coisa engraçada. Nada havia do outro lado do rio que eu não pudesse ter onde estava. Mas desejava ardentemente poder atravessar o rio. Talvez fosse o fato de eu sentir as cadeias invisíveis que me restringiam os movimentos que fazia aquilo parecer tão importante. Levantei-me da cadeira, acendi um cigarro e fiquei à janela olhando para Nova York.

Ruth tinha de aparecer para ver-me justamente naquela ocasião! Por quê? Teria sido mandada mesmo por Jerry? Eu bem sabia que não se podia facilitar naquele negócio em que eu estava metido. O primeiro erro que se cometia era quase sempre o último.

Mas se Jerry não estivesse na posição que estava, as coisas poderiam ter sido diferentes.

O telefone tocou e eu fui até à mesa para atendê-lo. Era Allison.

— Já tenho o comunicado de Tanforan para o senhor.

Olhei para o relógio. Quase dez horas. Não fazia idéia de que fosse tão tarde. Estava cansado e com fome.

— Está bem. Pode falar.

Escutei e desliguei. Nova York ainda estava do outro lado do rio. Havia uma coisa que eu tinha de fazer antes de sair. Tirei a ficha de Allison da gaveta de cima da minha mesa, onde estava desde a véspera, e olhei-a. Depois, toquei a campainha, chamando-o.

Ele chegou à porta e disse:

— Pronto.

— Entre e sente-se. Quero falar com você.

Por um segundo apenas, apareceu-lhe uma ruga de preocupação no rosto. Mas obedeceu e foi sentar-se na cadeira em frente à minha mesa.

Acabo de olhar a sua ficha — disse eu. — Acho-a muito fora do comum.

— Em que sentido, senhor? — contraiu-se visivelmente e, apesar do seu esforço para controlá-la, a voz demonstrou alguma perturbação.

— Pode deixar de me tratar de senhor quando estivermos sozinhos, Allison. Tudo isso é tolice. A cerimônia só serve muitas vezes para disfarçar os verdadeiros sentimentos da pessoa. Todo mundo me chama Frank.

— E meu nome é Edward. Ed.

Olhei-o. Ele não era tolo. Por mais que quisesse uma resposta para a sua pergunta, estava disposto a desistir dela ao ver que não a obteria de mim. Pouco antes, o queixo dele havia impressionado. Mas havia outros sinais de força naquele rosto: o jeito da boca, os olhos azuis e determinados, a testa enrugada.

— Você não liga muito a esse emprego, não é? Com os seus antecedentes, parece estranho que tenha querido trabalhar num lugar destes, para um homem como eu. — Peguei a ficha e li: — Escola de Administração da Universidade de Columbia, 1931. Escola de Direito da Universidade de Columbia, 1934.

— É preciso comer — disse ele, sentindo-se mais seguro. — A fome não respeita títulos, especialmente títulos universitários.

Gostei da resposta. Lá estava eu gostando do homem apesar do que sabia dele. Agradara-me que ele não tivesse procurado negar que estava trabalhando num lugar inferior à sua capacidade. Preferia isso a que ele me tivesse dito: "Nada disso, Sr. Kane! É exatamente o que eu quero!" ou outra coisa igualmente imbecil. Sorri para ele.

— Não me diga uma coisas dessas, Ed! Parece que a sua família estava muito bem de vida.

Ele tentou outro caminho, vendo que o primeiro não havia adiantado nada. Havia um subtom zombeteiro na sua voz. Tentou dar a impressão de que eu o havia desmascarado.

— Bem, eu queria fazer uma coisa diferente. Não queria cair na terrível rotina de qualquer escritório comercial ou de advocacia.

— Veio então para cá — disse eu, sorrindo.

— É verdade.

— E foi o que esperava?

— De certo modo. Mas não exatamente o que eu esperava.

— Que é que esperava então? Sangue nos tapetes? Deixe de ser criança, meu velho. Isto aqui é uma empresa como qualquer outra.

— Era a minha vez de zombar dele. Ele estava começando a mostrar que tinha temperamento. Tomei nota disso. Não gostava de que ris sem dele. Mudei de assunto.

— Há quanto tempo está trabalhando aqui, Ed?

— Há cerca de oito meses. — Não chegava ainda a me chamar de "Frank", mas já desistira do "senhor".

— Quanto ganha?

— Cem dólares por semana.

— Que diria se eu passasse isso para duzentos?

— Bem — murmurou ele um pouco surpreso. — Eu diria mui to obrigado.

Era uma boa resposta e eu tornei a rir.

— Que faria para isso?

— Que quer dizer com isso, Sr. Kane? — Lá estava ele de novo com o "senhor".

— Imagine que eu lhe dissesse que o Departamento de Justiça conseguiu alguém que trabalhasse tão perto de mim que pudesse observar todas as minhas atividades. Vamos supor ainda que você fosse essa pessoa. Neste caso, eu poderia dar um jeito. Você mandaria os relatórios que eu quisesse, não era mesmo?

— Já sabe então? — perguntou ele, levantando-se e apoiando as mãos com toda a força na mesa.

— Já sei o quê? — perguntei friamente.

— Que eu sou do Departamento de Justiça — disse ele com voz derrotada.

Tive um pouco de pena dele. Por que tenho pena sempre de quem não devo? Se eu não o tivesse descoberto, ele me poderia passar a corda pelo pescoço.

— Ah, isso? — murmurei como se se tratasse de coisa sem importância. — Quando o contratei, já sabia de tudo.

— E apesar disso me contratou?

— É claro — disse eu, sorrindo ao ver a surpresa dele. — Compreenda, eu precisava de um secretário. — Tentou dizer alguma coisa, mas não deixei que me interrompesse. — Sente-se — , continuei de maneira levemente aborrecida. — Não há necessidade de drama. Não vou mandar fazer-lhe nada. Não é assim que eu procedo.

Disse-me ainda há pouco que isto aqui é uma empresa como outra qualquer. — Ele se deixou cair na cadeira em silêncio. — Você trabalha aqui há oito meses. Durante esse tempo, não apurou nada de que o seu departamento pudesse acusar-me. Dirijo uma empresa. Essa empresa tem muitos e diversificados interesses, como já sabe.

Possuímos ou temos participação em várias indústrias e negócios como máquinas caça-níqueis, eletrolas que funcionam com moedas, clubes, restaurantes e fábricas de pequenos artigos. Gosto de jogar um pouco. Quem não gosta? Todos os lucros de todas as fases das minhas atividades são exatamente registrados na minha declaração de renda. Não cometo crimes. E aí tem você um retrato resumido da minha companhia. É exatamente o que diz o nome que está na porta:

"Empresa Frank Kane".

Ele ficou por um instante em silêncio e então olhou para mim. As coisas ocultas — as coisas que me tinham feito desconfiar dele e que eu sentira mais do que vira no seu rosto — haviam desaparecido. Substituíam-as uma espécie de reservada sinceridade. Sorriu e disse:

— Estou satisfeito de que isso esteja terminado.

Ri e acendi um cigarro. Eu também estava. Ele nem sabia como estivera perto de saber de tudo! Mas havia alguma coisa mais. Só no dia anterior eu soubera aquilo a respeito dele. Do jeito que as coisas estavam, eu poderia tirar alguma vantagem. Mas fiquei calado.

— Bem, creio que está na hora de ir-me embora — disse ele, levantando-se.

— Como quiser — disse eu. Deixei-o ir até à porta para então dizer: — Mas ainda preciso de um bom secretário.

— Que quer dizer com isso?

Fui deliberadamente vago.

— Bem, poderia pedir demissão do seu cargo e trabalhar para mim. Ou poderia continuar na mesma base. Na realidade, pouco me importa o que você disser a eles a meu respeito.

Tinha um aspecto terrivelmente jovem quando murmurou:

— Eu não podia fazer uma coisa dessas!

— Por quê? Só nós saberíamos da conversa que tivemos.

— Não. Não seria honesto.

Honesto uma conversa! Seria por acaso honesto o que ele vinha fazendo — espionar-me?

— Bem, isso é com você — disse eu.

Ele saiu. Virei-me na cadeira e olhei para o outro lado do rio. Nova York continuava a piscar as suas luzes para mim, chamando-me.

Só quando eu estava no meio da ponte para Nova York foi que percebi quanto estava sendo imprudente.

Saíra do escritório às 10 e 45 e fora pegar meu carro. De repente, aconteceu aquilo.

— Mike — perguntei ao velho garagista — tem aí um carro que me possa emprestar por esta noite?

Uma nota de dez dólares resolveu prontamente o caso.

— Claro que sim, Sr. Kane! — exclamou ele com um sorriso desdentado! Entrou na garagem e daí a pouco me apareceu com um pequeno Plymouth.

Entrei no carro e verifiquei no indicador que o tanque estava cheio.

— Escute, Mike, de quem é este carro?

— Do patrão — disse ele rindo. — Não tem nenhuma importância. Falarei com ele.

— Obrigado, Mike — disse eu, dando partida no carro. Fui pela ponte, em vez de atravessar na barca, que ficava mais perto. Não queria estacionar o carro onde eu pudesse ser reconhecido.

Diminuí a marcha perto do centro. Saí da Riversidade Drive na Rua 125 e tomei o caminho da Broadway. Estacionei o carro durante alguns minutos enquanto ia à drugstore da esquina e procurava o endereço de Ruth. Encontrei-o:

"Cabell, Ruth — Rua 40 Leste, 100 - Murray Hill, 7-1103.

Alguns minutos depois, parei diante do prédio. Era um grande edifício branco na esquina de Park Avenue. Entrei e olhei o relógio. Passavam alguns minutos da meia-noite. Toquei o botão chamando o elevador.

Um ascensorista de aspecto sonolento me abriu a porta. Entrei e disse:

— Apartamento Cabell, faça o favor.

— Pois não — disse ele, acionando o elevador. — O apartamento do Dr. Cabell é no quinto andar, apartamento 512.

Abriu a porta e ficou olhando enquanto eu descia o corredor. Voltei-me ao chegar diante da porta e ele, mais que depressa, fechou a porta do elevador e desceu. Toquei a campainha.

Levantei a gola do sobretudo e puxei o chapéu para cima dos olhos. E se ela não estivesse em casa? Tive por um momento vontade de voltar dali mesmo.

A porta se abriu e eu vi um homem a quem não conhecia.

— Miss Cabell? — perguntei, ouvindo dentro do apartamento um murmúrio de vozes. Parecia haver algumas pessoas lá dentro. — Sou do serviço onde ela trabalha, meu nome é Coville.

— Entre. Vou dizer a ela que está aqui.

O homem me fez passar e olhou-me com curiosidade antes de sair. Continuei de gola levantada e de chapéu na cabeça, esperando num pequeno vestíbulo. À direita, havia uma porta de onde vinham as vozes.

Ouvi a voz do homem dizer:

— Ruth, está aí um homem que quer falar com você. Diz que é do seu serviço e se chama Coville.

Ouvi-a então dizer:

— Com licença. Volto já. Vou saber o que é que ele quer.

Apareceu então no vestíbulo. Ficou extremamente pálida.

— Que veio fazer aqui? — perguntou com voz baixa e ansiosa.

— Vim retribuir a sua visita — respondi, sorrindo.

— Tem de sair neste momento. Não pode ficar. Jerry está aí.

— Você não quis sair do meu escritório enquanto não falou comigo. Eu tenho o mesmo direito.

Ela botou a mão no meu braço.

— Mas será que não compreende? Jerry está aí dentro e se ele o vir, terá de entregá-lo. Você tem de sair.

— Não sei se ele fará isso — disse eu, sorrindo. Estava começando a gozar a situação. Sentia um pouco da exaltação que se sente quando se pisa numa camada fina de gelo.

— Fará, sim — disse ela, aproximando-se de mim. O perfume dela era levemente nostálgico. A princípio, não pude situá-lo. De repente, lembrei-me. Marianne usava o mesmo perfume. — Você não o conhece.

— Será que não o conheço mesmo? — perguntei, lembrando-me da minha conversa pelo telefone com ele alguns dias antes. — Vou-me arriscar.

Ela já estava perigosamente perto de mim e o perfume era insistente.

— Vá-se embora, por favor.

Beijei-a de repente. Ela ficou por um instante parada e eu podia sentir a surpresa nos seus lábios. Mas de súbito ficaram quentes e ansiosos

e ela me passou os braços pelo pescoço. Eu havia beijado muitas mulheres depois de Marianne, mas em nenhuma havia sentido os beijos repercutirem dentro de mim, como acontecia com Marianne. Mas aquele era outra coisa. Era tão parecido com o beijo de Marianne e ao mesmo tempo tão diferente que eu não podia explicar. E nem tentei. Era terno, quente, doce e apaixonado.

Ela afastou afinal os lábios. Eu ainda a abraçava. Os olhos dela eram profundos lagos azuis nos quais me deixei mergulhar.

— Agora, vá-se embora por favor — disse ela, acariciando-me o rosto.

Sorri, mais seguro de mim mesmo do que nunca.

— Depois disso, não posso! Só se for comigo.

Ela não respondeu. Fiz menção de tirar o sobretudo.

— Está bem — disse ela. — Vou sair com você. Espere-me lá fora.

— Vou esperá-la aqui.

— Neste caso, tenha cuidado.

Virou-se e entrou na sala de onde havia saído.

Ouvi-a murmurar alguma explicação. Vi dois vultos se aproximarem da porta. Virei o rosto para a parede e examinei um pequeno quadro que havia ali, de costas para eles. Pelo canto dos olhos, vi que era Marty que estava com ela. Não olhou para mim. Falava com voz baixa e não pude entender o que dizia, salvo as últimas palavras em que pedia a Ruth que tivesse cuidado. Ela trazia um casaco no braço e os seus olhos se voltavam de instante a instante para mim. Riu, fê-lo voltar para a festa ou o que era lá que estava havendo e se aproximou de mim.

— Posso ajudá-la a vestir o casaco?

— Vou vestir lá fora. Quanto mais depressa você sair daqui, mais sossegada ficarei.

Ri e abri a porta para ela passar. O ascensorista nos olhou estranhamente quando entramos no elevador. Descemos em silêncio.

Fomos em silêncio até ao carro. Abri a porta para ela e depois embarquei do outro lado.

Ela sorriu de repente.

— Sabe que este carro é uma decepção?

— Eu sei. Você esperava outra coisa, mas acontece que não posso andar no meu carro aqui. Seria perigoso demais.

— Foi uma loucura você ter vindo.

— Foi também uma loucura você ter ido ver-me. — Dei partida no carro e entrei em Park Avenue. — Aonde vamos?

— Aonde você pode ir?

Pensei no caso. Nova York não era um lugar muito saudável para mim naquela ocasião.

— Sei exatamente aonde devemos ir. Será perfeito.

Ela não percebeu para onde eu a levava até chegarmos à ponte de Jersey. Fui até à garagem e nós passamos para o meu carro.

— Está melhor assim? — perguntei-lhe, sorrindo.

— Está mais de acordo com o que eu esperava.

Claro que estava. Era um grande Cadillac preto de doze cilindros. Fui para o lugar onde eu morava.

Morava no Hotel Plaza. Tinha ali um apartamento de peças que me servia maravilhosamente. O pessoal do hotel cuidava da limpeza, pedia a comida no quarto na hora em que quisesse e estava livre do problema de empregados de qualquer espécie. Era assim que eu preferia. Impedia que as pessoas se aproximassem muito de mim.

Abri a porta do apartamento e disse sorrindo:

— Não quer entrar?

Ela olhou para mim como se estranhasse alguma coisa e entrou. Segui-a e fechei a porta.

Estendi os braços para ela, abracei-a e beijei-a. Não havia errado. Era mesmo diferente.

De repente, ela me repeliu e perguntou, ofegante:

— Foi para isso então que me foi procurar?

Sorri no escuro. Eu mesmo já estava começando a pensar assim. Estendi a mão, liguei a luz, joguei o sobretudo em cima de uma cadeira e peguei o telefone.

— Serviço de quartos.

Enquanto esperava a ligação, olhei-a. Ela fechava o casaco com as mãos como se estivesse com medo de tirá-lo.

— Não, querida — disse eu, displicentemente. — Estava com fome e queria alguém para conversar comigo sobre os velhos tempos enquanto eu comesse.

Ela se zangou com isso. O seu velho temperamento explodiu. O lábio inferior tremeu como se ela fosse chorar.

— Você ainda é o mesmo — exclamou ela. — Egoísta e mau!

Correu para a porta. Nesse momento, atenderam e eu disse que chamaria depois. Desliguei o telefone, corri atrás dela e segurei-a pelos ombros.

— Se eu não quisesse tanto ver você, acha que iria até à cidade procurá-la?

Ela me deixou levá-la para o centro da sala. Tinha lágrimas nos olhos e me disse em voz bem baixa:

— Por que não diz então o que sente? Ou já se habituou tanto a esconder os seus pensamentos que não sabe mais externá-los com franqueza?

Beijei-lhe os olhos. Ela talvez tivesse razão no que dizia. De repente, ela me abraçou e beijou.

— Como eu amo você, seu animal estúpido e egoísta! Tenho o amado toda a minha vida. Nunca houve outro homem para mim!

Abracei-a mais. A dor que eu sentia dentro de mim com as suas palavras me atestavam a verdade do que ela dizia. Mas isso não era

novidade para mim. Sabia do amor dela desde que a vira no hospital. Beije-a de novo.

O telefone tocou e ela olhou para mim assustada. Sorri tranquilizando-a e afastei-me dela para atender.

— Serviço de quartos, Sr. Kane. O senhor não chamou?

Olhei para Ruth e murmurei "serviço de quartos". Ela sorriu.

— Quero frango assado frio para dois e uma garrafa de Piper Heidsieck 1929. — Desliguei e encaminhei-me para ela. — Agora, quer fazer o favor de tirar o casaco?

Ela tirou o casaco e entregou-me. Os olhos estavam brilhantes e a pele tinha o tom rosado que dá o ar frio de novembro. Estava com um vestido preto simples.

— Que é que está olhando? — Perguntou ela, sorrindo.

— Estou olhando você. Como é linda!

— É a fome que está fazendo você ver coisas.

— Uma fome só, não. Todas as fomes!

Sorrimos e de repente nos sentimos muito próximos um do outro. Ela estendeu instintivamente as mãos para mim. Joguei o casaco na cadeira mais próxima e tomei-lhe as mãos.

Sentamo-nos no sofá no centro da sala. As mãos dela estavam dentro das minhas e ela descansou a cabeça no meu ombro. Ficamos em silêncio durante muito tempo. Fechei os olhos. Era a primeira vez em muitos anos em que eu me sentia satisfeito e contente. Era como se eu tivesse voltado a ser garoto e estivesse sentado ao lado de minha tia e meu tio sem ninguém falar, mas todos sentindo-se felizes e conscientes da felicidade dos outros. Era assim com Ruth e comigo.

Enterrei o rosto nos cabelos dela. Ela virou o rosto para mim e nós nos olhamos bem nos olhos. Havia uma pergunta nos olhos dela: Você me ama? Ela não precisava dizer isso, porque eu o lia nos olhos dela. Devia ter ficado com a resposta que viu nos meus porque me beijou.

Depois, tornou a descansar a cabeça no meu ombro e disse suavemente, quase num sussurro:

— Sei que não estou louca, meu amor, mas estou deliciosamente desequilibrada. Isto só está acontecendo porque sonhei demais com um momento assim. — Olhou para mim de repente e passou os dedos pelo meu rosto, tomada de súbito medo. — Talvez seja um sonho. Quando acordar, não o verei mais.

Beijei-lhe a palma das mãos e disse:

— Não é sonho.

Ela deu um suspiro de satisfação e descansou de novo no meu ombro. Senti-me de novo envolver por aquele sentimento de paz, de felicidade, de contentamento. O mundo afastou-se para bem longe. Era verdade: eu havia voltado para casa.

— Entre — disse eu sem me levantar. Um garçom entrou empurrando um carrinho.

— Quer que sirva, senhor? — perguntou ele, entregando-nos guardanapos e destampando a comida.

Olhei para Ruth e ela sacudiu de leve a cabeça.

— Não, muito obrigado — disse eu, dando-lhe uma gorjeta e assinando a nota. — Pode deixar.

Depois que ele saiu, Ruth me serviu enquanto eu abria o champanha e enchia as taças. Sentamo-nos então e começamos a comer. Eu estava com fome e comi muito depressa, sem dizer uma palavra.

Ruth me observava.

— Você, de fato, não mudou. Ainda devora a comida. É como no tempo em que éramos garotos — Estou com fome — disse eu, pegando uma coxa de galinha.

— Não jantei Poucos minutos depois, havia acabado. Acendi um cigarro e fiquei olhando Ruth. Quando ela acabou, ofereci-lhe um cigarro e fomos sentar-nos no sofá. Olhei para o apartamento. Estava mobiliado e decorado com algum luxo. Pagava para isso, mas era a primeira vez em que aquilo me parecia um lar. Até então fora apenas um lugar para dormir.

Passei o braço pela cintura dela e Ruth pareceu ajustar-se bem à curva do meu corpo. Com a outra mão apaguei o cigarro e liguei o pequeno rádio ao lado do sofá. Uma orquestra tocava música suave. Eu gostava em geral de coisa mais forte, mas aquilo era perfeito naquele momento. Ela apagou também o cigarro e se recostou em mim. O garçom bateu na porta para apanhar os pratos. Depois que ele saiu, apaguei o lustre da sala e acendi o abajur ao lado do sofá, sentando-me de novo. O rosto dela estava lindo à luz doce do abajur. Beijamo-nos.

— Por que fugiu de mim do hospital, Frankie? — perguntou ela.

— Não sei. Mas não teria fugido se soubesse.

— As coisas estavam bem ruins para você naquele tempo.

Não respondi. Não queria pensar nisso. Há coisas que é melhor serem esquecidas.

— Nunca mais teve notícias de seus tios?

— Nunca mais. Fiz tudo o que era possível para descobri-los, sem resultado — É uma pena. Sei como você deve sentir-se. Eu quase havia perdido a esperança de tornar a vê-lo.

— Seria tão terrível assim para você? — perguntei com um sor riso.

— Nem pode imaginar o que seria isso para mim. Mas ficaria para sempre à sua espera e acabaria uma velha solteirona.

— Você? Não é possível. Deve ter havido outros homens.

— E houve. Mas não eram você e era você que eu queria.

— Aposto que diz isso a todos — murmurei sorrindo.

Ela riu comigo, mas os olhos continuaram sérios.

— É claro. Isso faz parte da técnica.

— Diga-me mais coisas, meu bem.

— Por quê? — perguntou ela, com um ar preocupado.

— Porque gosto. Adoro ouvir coisas assim.

Ficamos alguns instantes em silêncio. Ela então me olhou.

— Estou preocupada, Frankie. Tenho medo de voltar a perdê-lo.

— Não se preocupe, menina. Seria impossível.

— Não, não é disso que tenho medo, Frankie. É das outras coisas, de Jerry, de todo o mundo que está contra você.

Ri cheio de confiança.

— Fique descansada. Não me podem acusar de nada. Tudo o que faço é legal.

— É verdade o que dizem a seu respeito, não é? — perguntou ela, afastando-se um pouco de mim.

— Ora, querida, você sabe que muita gente gosta de falar só para ouvir o barulho da própria voz.

— Mas é verdade, não é? Você dirige o sindicato do jogo?

— E se for verdade? Alguém tem de fazer isso.

Ela me olhou muito séria e disse:

— Você terá de deixar isso.

Era engraçado e eu não pude deixar de rir. Muita gente estava ultimamente com aquela idéia.

— Estou falando sério, Frankie. Se não fizer isso, acabará na cadeia ou caído no meio da rua, crivado de balas.

— Pois eu não penso assim, menina. A lei não pode nada contra mim e esses macacos da cidade não têm coragem de tentar nada, pois sabem que nunca chegariam ao fim do que tentassem.

— Com o tempo isso pode acontecer.

Sorri.

— Não pense mais nisso. Não estou preocupado e não quero que você se preocupe.

— É que eu não quero que isso aconteça, Frankie. Seria para mim horrível acordar um dia e saber que você está na cadeia.

— Estarei aqui amanhã de manhã, tenha certeza.

— E nas outras manhãs? — perguntou ela, com lágrimas nos olhos. — Não vê então, Frankie? Não nos poderemos casar sem a certeza de que iremos viver juntos, sem eu ter a certeza de que você estará em segurança. Não poderá haver felicidade para nós de outra maneira.

Escutei-a com espanto. Quem era que estava falando em casamento? Mas quanto mais olhava para ela, mais me agradava a idéia.

Seria ótimo chegar em casa e encontrá-la. Ri comigo mesmo. Estava mesmo apaixonado... e com que rapidez!

— Por que não? — perguntei. — Que é que tem o meu trabalho que ver com o nosso casamento? Ganho muito dinheiro. Se eu não ganhasse, não nos poderíamos casar. É uma tolice.

— Não, Frankie, não é tolice. Você tem a idéia de que o dinheiro pode fazer tudo, mas não pode. Não se pode comprar a altivez e o respeito próprio. É a pessoa que impõe essas coisas e não o dinheiro.

— Não tenho vergonha do que eu faço — disse eu, um pouco enervado. — Passei grande parte da minha vida em empreguinhos miseráveis e passei até fome. Não gostei disso. Você não tem nada também de que se envergonhar. Tive um trabalho louco para montar a minha organização e não vou abrir mão dela só porque alguns grã-finos incapazes acham que o meu trabalho é inferior.

— Será que não compreende o que estou querendo dizer? — perguntou ela, apurando o corpo.

— Não, não compreendo.

Os olhos dela perderam a suavidade e os maxilares se contraíram com a mesma obstinação de outros tempos.

— Eu sabia que você não ia compreender — disse ela, friamente. — Vejo agora que não adianta nada tentar.

Levantou-se e apanhou o casaco.

— Que é que vai fazer, Ruth?

— Vou para casa — disse ela, com profundo desalento na voz.

— Acho que estava mesmo sonhando. Acho que a realidade nada tem para mim.

Zanguei-me então. Perguntei sarcasticamente:

— Acha que a realidade nada tem para você? E que teria ela para mim se eu lhe fizesse a vontade?

Ela levantou a cabeça, jogou os ombros para trás e me respondeu com os olhos fuzilantes:

— Vou-lhe responder o que haveria para você, caso você não saiba. Você teria uma oportunidade de ter um lar, de tornar-se um ser humano. Teria oportunidade de voltar para a sociedade e conviver com os outros. Teria a oportunidade de andar de cabeça erguida e ter o seu lugar no mundo, em vez de viver em luta contínua. Teria oportunidade de sair da selva e deixar de rugir e torturar-se num frenesi de ódio pelas coisas realmente importantes da vida. A oportunidade de amar e ser amado e distribuir e compartilhar, de dar e receber. A oportunidade de viver sem medo, sem planos, sem as dúvidas mesquinhas que perturbam o sono. A oportunidade de deixar de ser só. A oportunidade de viver, de ser humano, de ter filhos...

Não pôde mais falar. Os olhos se lhe encheram de lágrimas e os soluços lhe sacudiram a garganta.

Não tive coragem de aproximar-me dela. Se fizesse isso, estaria perdido. Sentia um aperto no coração. Lutara muito e duramente para ter o que tinha não ia abrir mão disso por ninguém. Baixei a vista para o chão e disse asperamente.

— Prefiro viver assim. Já sei o que é.

Ela não respondeu. As lágrimas cessaram. Deu um passo para mim. Mas logo apertou os lábios, como se quisesse forçar-se ao silêncio e, virando-se para a porta, saiu sem abrir a boca.

Eu estava de costas para a porta e ouvi o estalo da lingüeta. Deixei-me cair no sofá. Senti o perfume dela. Fechei os olhos e vi-lhe o rosto perfeitamente desenhado contra as minhas pálpebras. Ruth! O nome do perfume me ocorreu de súbito. "Loucura". O nome estava certo.

Não tinha passado disso!

Acordei com o telefone. Passara uma noite horrível. Pela primeira vez em muitos anos, não havia dormido bem. Virei-me na cama de um lado para outro até que, quando o dia já ia quase amanhecendo, caí numa espécie agitada de torpor. Resmungando impropérios, atendi o telefone.

— Que diabo é que quer?

— Frank? — reconheci a voz. Era Alex Carson.

— Sim, Alex. Que é que há?

— Estou a manhã toda telefonando para o seu escritório. De lá sempre me diziam que você ainda não havia chegado. — Olhei para o relógio — onze e meia! Sentei-me na cama e ele continuou:

— Prenderam Luigerro hoje de manhã.

— Que é que está esperando para tirá-lo da cadeia? Sabe o que tem de fazer e é para isso que está ganhando dinheiro!

— Mas ele foi preso por atentado à moral, Frank! Infringiu a Lei Mann. Levou duas ginasianas para a casa que tem em Connecticut. Foi preso pela polícia federal e os jornais estão fazendo um barulho louco. Os pais das garotas estão gritando pela cidade toda. O FBI prendeu-o hoje de manhã e não me deixaram nem vê-lo. Só depois que terminarem as investigações.

Aquilo era uma patada na cara! Ainda na véspera eu mandara Allison embora. Logo no dia seguinte, entravam em ação. Não perdiam tempo.

— Procure os pais das meninas e pague-lhes para calarem a boca.

Eu não queria que Luigerro desse com a língua nos dentes.

— Mas isso não adiantará nada — disse Alex. — O caso é federal. A iniciativa cabe ao governo e não aos pais.

— Escute Alex! Bote a cabeça para funcionar! Compre os pais.

Consiga deles uma declaração de que consentiram que as meninas fossem com Louie, que ia levá-las para visitar uma pessoa da família. Não quero saber como mas você tem de tirá-lo da cadeia!

Bati o telefone com toda a força, levantei-me e tratei de vestir-me.

Idiotas assanhados! Como se não houvesse mulheres à vontade! Não, tinham de pegar meninas. Acabei de vestir-me e telefonei pedindo que aprontassem o meu carro.

Cheguei ao escritório ao meio-dia. Mandeï chamar Carson. Ele apareceu no mesmo instante, um pouco suarento.

— Então?

— Preciso de um pouco de tempo, Frank. Essas coisas não se fazem com tanta rapidez assim.

— Está bem. Mas traga-o para cá logo que conseguir soltá-lo.

Saiu apressadamente. Peguei o telefone e disse a Miss Walsh que queria falar para a casa de Allison. Foi ele mesmo que atendeu.

— Allison, é Kane quem fala. Pode vir aqui agora?

Querìa sondá-lo para ver o que havia sobre Luigerro.

— Não, Sr. Kane, não posso fazer isso. Deixei o emprego on tem à noite.

Desliguei sem dizer mais nada. Rodei a cadeira, olhei pela janela e fiquei ali um momento, pensando. Depois, telefonei para Joe Price e disse-lhe que viesse imediatamente ao meu escritório.

Price chegou. Era um homem magro, de cabelos ruivos e com um bigodinho louro ineficiente que lutava para sobreviver à sombra de um nariz avantajado. Mandeï-o sentar-se e perguntei:

— Que é que acha de uma nova companhia para só se ocupar dos negócios legítimos da organização?

Price não era tolo. Olhou-me muito sério. Compreendeu imediatamente o que eu tinha em mente e eu pude ouvir-lhe os assobios. Mas eu contava com ele.

— É uma idéia — disse ele com um sorriso.

— Não é mesmo? — disse eu, sorrindo também.

— De fato, mas que é que vai fazer com o resto?

— O tempo decidirá por mim. Neste tipo de negócios, nunca se sabe o que pode acontecer.

Se o governo me apertasse muito, eu queria estar em condições de dar o fora rapidamente... mas só faria isso se não tivesse outro jeito.

— E o dinheiro que os outros investiram nesse parte dos negócios? — perguntou ele.

— Escute, eles não sabem disso agora e não precisam saber nunca. Que vão para o inferno!

Ele nada disse. Ficou pensando no caso, mas eu sabia o que ele ia fazer — seria o que eu mandasse. Ele sabia de onde vinha a manteiga que passava no pão.

— Como é? — perguntei. — Pode fazer isso?

— Posso, mas isso vai representar um prejuízo de mais ou me nos meios milhão de dólares para eles.

— Simples detalhe! — exclamei com um largo sorriso. — Já está em tempo de começarem a ter algum prejuízo. Estão em ação contra nós em Nova York. Que melhor pretexto pode haver do que esse?

Ele pensou um pouco mais. Por fim, levantou-se e estendeu-me a mão.

— Vou tratar disso.

Apertei-lhe a mão e disse — Sabia disso. Não vai arrepender-se.

Ele saiu. Mas a minha quota de aborrecimento não se esgotara ainda naquele dia. No fim da tarde, soube que "Bog Blak" e "Slips" Madigan tinham sido presos pelo gabinete do Procurador-Geral, sob a acusação de explorarem a loteria. Loteria era uma coisa de que eu não cuidava. Não era que eu desdenhasse o dinheiro que entrava aos pouquinhos. Era apenas porque o controle era quase impossível. Por isso, a loteria era a única coisa que faziam por conta própria.

O plano da justiça era visível. Cortem-se os dedos e a mão não pode fazer mais nada. E era justamente isso que estavam fazendo. Cortavam um dedo de cada vez... para doer mais. Ao mesmo tempo, o Prefeito deu

ordem à polícia para fechar todas as casas de bookmakers. O telefone não teve descanso com os pedidos de socorro.

Carson teve mais trabalho do que um bookmaker maneta com dois telefones. Quando chegou ao fim do dia, era quase uma ruína. Chamei-o às seis horas. Entrou no meu escritório suando em bicas apesar do frio.

Fi-lo sentar-se, apanhei uma garrafa e servi-lhe uma boa dose. Se alguém já havia precisado de um bom gole era ele naquela ocasião.

— Ouvi dizer que trabalhou um bocado hoje — disse eu, sorrindo.

Ele tomou um grande gole de uísque e me olhou, ainda de boca aberta. Conseguiu afinal falar.

— Que é que há com você, Frank? Ficou maluco? Tudo se volta de repente contra nós e você ainda está rindo!

— Calma, Alex! As coisas ainda não estão tão ruins assim.

— Não? — gritou ele, levantando-se. — Mais um dia como o de hoje e quem acaba maluco sou eu!

Dei-lhe outro uísque. Quando ele acabou de tomá-lo e se acalmou um pouco, perguntei-lhe como ia o caso de Luigerro. Respondeu que ainda não tivera notícia das pessoas que mandara ir procurar os pais das garotas, mas que deviam falar a qualquer momento.

— E quanto a Carvell e Madigan?

Disse-me que a fiança dos dois seria concedida no dia seguinte.

— Muito bem — disse eu. — E se pudermos soltar Luigerro, tudo estará OK.

Carson se levantou para sair e eu lhe disse:

— Tenha calma, Alex e não preocupe. Isso vai serenar dentro em pouco. O que eu não posso é perder você.

Ele bateu com a cabeça e saiu. Alex seria um homem difícil de substituir. Telefonei chamando Joe Price. Ele chegou com um maço de papéis debaixo do braço.

— Então? Já pensou naquilo de que conversamos?

— Já. E vinha mesmo procurá-lo quando me telefonou. Botei tudo no papel para ver como fica.

Peguei os papéis que ele me deu e examinei-os rapidamente. Era um balanço dos meus interesses nos vários ramos da organização. Somavam um investimento de uns quinhentos mil dólares.

— Que rendimento podemos esperar disso? — perguntei.

— Anotei os lucros do ano passado na outra folha — disse ele.

Olhei a outra folha. Depois de deduzidos salários e despesas, havia um lucro líquido de 95 mil dólares. Não era mau! Podia-se viver perfeitamente com isso.

— Parece-me bom — disse eu a Price.

— Também acho.

— Como foi o movimento das apostas hoje? — perguntei, acendendo um cigarro.

— Ruim. Tivemos algum trabalho em cobrir as apostas com toda a agitação de hoje. Acho que alguns dos rapazes estão-se aproveitando da situação. Telefonam muito tarde. Por isso, tivemos algum prejuízo.

— Quanto?

— Uns vinte e cinco mil dólares.

— Muito bem. Não faz mal que se aproveitem da situação. Ao menos, esperam que assim haja alguns prejuízos. — Os patifes podiam explorar-me à vontade. Eu ia até ajudá-los. — Aumente o prejuízo para setenta mil e durante dez dias tire cinquenta mil diariamente à conta de prejuízos. Isso devia cobrir o investimento.

Ele arregalou os olhos.

— Se durante esse tempo não tivermos prejuízos nas apostas, ainda assim o bolo ficará reduzido a um milhão.

— E daí? Tudo é uma questão de saber quem vai primeiro ao banco. É só Ele nada disse e eu continuei — Trate amanhã da companhia com os negócios legítimos.

Organize-a no Estado de Delaware com o nome de... — procurei um momento um nome que fosse respeitável — ... Empresas Standard, S. A.

— Está bem. Vou cuidar disso. Amanhã logo cedo falarei com Carson — Espere um pouco disse eu. — Não queria Carson metido na quilo, fie estava muito ligado à turma de Nova York. — É melhor entregar isso a advogados diretos — a um escritório respeitável. Não quero que cheire nem de longe a coisa menos certa. Deixe-me pensar um momento.

Ele voltou, sentou-se numa cadeira e ficou a observar-me. Virei minha cadeira e olhei para Nova York. As luzes estavam piscando e as barcas iam e vinham atravessando o rio. Estava procurando lembrar-me. Quando o pai de Jerry abandonara a política, havia entrado para um escritório de advocacia que o queria em vista das suas muitas relações. A principio, ele fizera um ou outro trabalho, mas embora o seu nome continuasse a contar na firma, não trabalhava mais. Que escritório era esse? Era de que eu estava procurando lembrar-me. Seria um bom golpe se eu o conseguisse realizar. Ninguém iria relacionar-me com o escritório. Ri comigo mesmo — Jerry empenhado em meter-me na cadeia e o escritório do pai dele como meu representante legal! Não seria uma arma desprezível se eu tivesse necessidade de usá-la. Lembrei-me do nome de repente. Virei-me para Price.

— Conheço um bom escritório em Pine Street. O nome da firma é Driscoll, Cowan, Schaunessy e Cohen.

Olhei-o para ver se o nome lhe havia provocado alguma associação. Não percebi nada. Ele tomou nota e guardou o papel no bolso. Em seguida, levantou-se.

— Vou falar com eles amanhã.

— Ótimo! — disse eu. — Você sabe o que deve fazer. Use o meu nome — Francis e não Frank — e me atribua 80% das ações e o titulo de presidente. Você será vice-presidente e tesoureiro com 20% das ações.

Ele arregalou os olhos. Tinha motivos para isso. Eu acabara de dar-lhe cem mil dólares. Mas valia. Ele pagaria isso cem vezes mais desde que estava metido no caso. Possuir alguma coisa sempre arranca mais de um homem do que um simples emprego.

— Frank — disse ele, atônito. — Não está brincando?

— Nunca falei mais sério na vida. Somos sócios — disse eu, sorrindo e estendendo-lhe a mão.

Na manhã seguinte, Carson soltou Madigan e Carvell. Logo depois, à tarde, o juiz federal concedeu fiança a Luigerro e eu convoquei todos para estarem no meu escritório às oito horas da noite. Carson não tinha conseguido nada com os pais das meninas. Isto é, não conseguiu nada com um deles. O outro se mostrou acessível à voz da razão e a um cheque de dez mil dólares. Mas desde que não adiantava um sem o outro, disse-lhe que desistisse.

Não foi um mau dia. As apostas deram um lucro de trinta mil dólares apesar de todos os obstáculos contra nós. Dai resultou que o prejuízo escriturado foi de apenas vinte mil dólares. Os agentes ainda estavam sendo presos na rua e o Prefeito procurava conseguir da companhia telefônica o corte de todos os telefones que serviam aos bookmakers. Mas como quando acontecem essas coisas, a companhia prometeu a cooperação ao Prefeito, mas a ordem nesse sentido começou a correr de mesa em mesa e acabou perdendo-se.

Carson me apareceu no fim da tarde e me fez um relatório de todas as atividades do dia no seu setor. Luigerro teria de ser submetido a julgamento e parecia não ter chance de absolvição. Cavell e Madigan seriam também julgados, mas no caso deles havia 50% das probabilidades de absolvição e, na pior das hipóteses, a pena seria muito leve.

Os jornais estavam-se lavando em água de rosas. Enchiam páginas com tudo o que Cowan fazia. Não havia uma primeira página em que não aparecesse o seu retrato e o seu futuro político principiou a parecer dos mais risonhos. Mostravam-no entrando no tribunal de chapéu na mão, e o bigodinho bem aparado, no estilo de Ronald Colman, sobre os lábios sorridentes. O rapaz parecia decerto simpático — igualzinho ao pai. Eu não havia notado isso até então, mas ali estava um homem para beijar crianças, como seu velho.

Falei com Price e ele me disse que as coisas corriam bem com o escritório de advocacia a que eu o mandara. Haviam aceito o assunto para estudo e lhe diriam dentro de um ou dois dias se poderiam encarregar-se da

representação legal da nova firma. Naquele dia, as coisas estavam decididamente melhor.

Saí para jantar às sete horas e voltei ao escritório poucos minutos depois das oito. Quase todos já estavam à minha espera. Apertei a mão de alguns deles e convidei-os a sentarem-se. Ofereci charutos e eles aceitaram e os acenderam.

Quando estavam bem acomodados nas cadeiras e tirando baforadas dos charutos, levantei-me e comecei a falar.

— Vocês estão lendo os jornais e não é preciso que eu diga o que está acontecendo. Já sabem de tudo. Pedi que viessem até aqui para falar de outra coisa. Temos um negócio para proteger e estamos diante de uma guerra declarada contra nós. Se quisermos vencer, teremos de unir-nos e trabalhar juntos mais do que nunca.

"É preciso estarmos dispostos a ter alguns prejuízos. O que aconteceu nestes últimos dias parece indicar que teremos algumas dificuldades nesse sentido. Joe Price me disse que vocês estão comunicando o jogo tarde e, às vezes, depois do páreo corrido. Sei que vocês estão lutando com muitas dificuldades, mas sem conhecimento da situação das apostas antes do páreo fico sem controle de espécie alguma. Em condições normais, não aceitaríamos jogo tão atrasado, mas sei que as condições não são normais.

"Apesar de tudo, acho que devemos recusar apostas e telefonemas que cheguem fora do prazo, mas em vista da situação resolvi deixar a deliberação com vocês. O bolo tem tido prejuízo, funcionando dessa maneira. Se querem que continue assim, o dinheiro é de vocês e eu farei o que mandarem.

Calei-me e fiquei a olhá-los.

Moscowits falou:

— Acho que Frank tem razão, pessoal. Se aceitarmos apostas assim, dentro em breve estaremos arruinados.

Fennelli falou então da sua cadeira e, como de costume, com calma e cuidado.

— Sei que é duro, mas que é que vamos fazer? Se decepçionarmos os nossos fregueses agora, não teremos mais fregueses. Acho que o mais

sensato seria aceitarmos os prejuízos por enquanto. De pois, recuperaremos tudo o que perdemos.

Quase todos os outros concordaram com Fennelli. Os patifes estavam tão interessados em meter a mão no dinheiro do bolo que não queriam saber o que acontecia aos outros, desde que tirassem o máximo para eles. Sorri intimamente.

— Está muito bem. Se é isso o que querem assim será feito — disse eu.

Eu calculara tudo com exatidão. Sabia que agiriam exatamente daquela maneira e que isso me facilitaria fazer o que eu queria.

— Agora que esta parte está resolvida, vamos tratar de outro assunto. Como sabem, Louie, "Black" e "Slips" foram presos. Não sei o que o outro lado vai fazer ainda, mas seria melhor que os outros não fossem para a cadeia também.

Olhei para os três homens que havia mencionado. Estavam com cara de meninos surpreendidos em alguma falta. Falei com Luigerro em primeiro lugar.

— Carson me disse que o seu caso é muito difícil e que você tem poucas chances de livrar-se. Poderá dar-se por muito satisfeito se pegar cinco anos de prisão ou dois, se proceder direitinho.

Louie ficou aborrecido. Levantou-se da cadeira com a cara fechada e foi até onde eu estava.

— Aquele seu advogado é um conversa fiada. Vou-me livrar.

Tenho meios.

Eu já esperava que ele se zangasse.

— Escute, Louie — disse-lhe secamente. — Você sabe muito bem que as suas chances de absolvição são iguais às de uma bola de neve no inverno! Se está pensando que tem meios de livrar-se, é melhor esquecê-los. Se está com idéia de fazer um trato com a polícia federal contando tudo a nosso respeito, nós não lhe daremos nem chance de ir cumprir a pena na cadeia. Tenha juízo, portanto! A mesma coisa se aplica aos outros que foram presos. Procedam direito conosco e nós protegeremos os

interesses de vocês. Façam sujeira e irão comer capim pela raiz. Venceremos juntos ou cairemos juntos — não se esqueçam!

Ficaram todos em silêncio e eu os olhei durante alguns minutos. Depois, voltei a falar, mas com mais calma.

— O que está feito, está feito e não se pode dar mais jeito. Mas acho que os outros, que ainda nada sofreram, devem ter cuidado.

Quem for casado, deve ir para casa todas as noites e ficar com a esposa. Fiquem longe de qualquer jogo de dados ou de cartas ou de qualquer casa de jogo em que tenham interesse. Não quero que nenhum de vocês seja preso — nem mesmo por perturbação da ordem pública.

"Quem estiver sustentando à parte alguma pequena, deve mandá-la tomar ares na Flórida. É melhor não ter por perto ninguém que possa dar uma chance á polícia.

Olhei para Schultz. Ele tinha duas mulheres em apartamentos diferentes no mesmo edifício de Park Avenue. Nenhuma sabia da existência da outra e, se a mulher dele soubesse de qualquer delas, a explosão seria inevitável. Olhei para Jensen e continuei:

— Quem tiver ou quiser comprar alguma coisa roubada, deverá tomar o meu conselho e parar com isso.

Jensen sabia o que eu queria dizer. Era bem conhecida a sua paixão por jóias e carros roubados. Para vender-lhe alguma coisa, bastava dizer que era roubada, ainda que não fosse. Ele enxergava a possibilidade de um bom negócio e quase sempre era embrulhado.

Olhei para os outros.

— Quem for sócio de alguma casa de mulheres, deverá afastar-se. É melhor perder um pouco agora do que perder tudo depois. Não se esqueçam disto: a prisão de cada um torna mais difícil a vida de todos. Se pilharem quase todos vocês, ninguém poderá mais trabalhar. — Fiz uma pausa para acender um cigarro. — Se algum de vocês não entendeu o que eu estou dizendo, pior para todos. As coisas para vocês nunca foram tão fáceis quanto vinham sendo. Não destruam isso. — Levantei-me e perguntei: — Alguma pergunta?

Fennelli se levantou e veio até à minha mesa. Perguntou então, esbelto, suave e frio, com o chapéu elegantemente colocado na cabeça:

— E que é que nós faremos se você for preso?

Era uma pergunta que eu estava esperando. Respondi:

— Se me prenderem — acho que isso não vai acontecer — a minha opinião é que todos vocês devem arrumar as malas e tomar outro rumo. Sem que eu esteja aqui para olhar por vocês, vão ser pegados por eles como se fossem moscas.

Ele sorriu, pensando que me havia vencido nesse ponto.

— Nós já vivíamos antes de você aparecer — Acha mesmo? — perguntei, achando que era a minha vez de sorrir. — O que você quer dizer é que tinham sorte poder viver antes de eu aparecer. Você, por exemplo, tem muita sorte em estar vivo, levando em conta a quantidade de chumbo que tem no corpo. Se quer voltar a isso, desejo-lhe muitas felicidades. — Olhei para os outros e disse: — Vocês dependem de mim tanto quanto eu dependo de vocês. Se eu cair, todos vocês cairão. Se vocês caírem, eu cairei também.

Fiz uma breve pausa e continuei.

— Mais uma coisa. É melhor que ninguém pense em puxar o gatilho. Se começarem a trocar tiros com a polícia, tudo está perdi do. Se procedermos com juízo e discrição, tudo isso passará. Do contrário, nós é que passaremos. Mais alguma pergunta?

Ninguém perguntou mais nada e a reunião se encerrou. Vi-os sair conversando. Não me iludia com eles. Não iam fazer coisa alguma por mim. Era preciso meter-lhes na cabeça que, se me traíssem, perderiam até a camisa do corpo.

Mas sabia perfeitamente o que era que estava no fundo da cabeça deles e o que era que fariam se achassem que podiam fazê-lo sem perigo.

Cheguei ao meu apartamento lá pelas onze da noite. Já fazia dois dias que Ruth tinha estado ali, mas eu ainda sentia a marca da sua presença. Chamei-me de um nome feio. Estava perdendo a energia se uma mulher podia fazer isso comigo. Nunca deixara nenhuma aproximar-se de mim depois de Marianne e não queria decerto que isso acontecesse.

Liguei o rádio e escutei-o um instante. Nisto, o telefone tocou e da portaria do hotel me disseram:

Está aqui um Sr. Allison que quer falar com o senhor.

— Mande-o subir — disse eu. Talvez ele tivesse mudado de i- déia.

Alguns minutos depois, bateram na porta e eu fui abrir.

— Olá, Allison. Que é que há?

— A minha presença aqui é oficial, sr. Kane — disse ele, entrando na sala.

Fui até ao sofá, indiquei-lhe uma cadeira e ofereci-lhe um uísque. Recusou. Preparei uma dose para mim.

— Que é que você quer saber? — perguntei calmamente.

— Trabalhei para o senhor durante oito meses — disse ele com voz pausada.

Fiz um sinal de assentimento e ele continuou:

— Sei perfeitamente, como todos sabem, qual é o seu tipo de negócios, mas há algumas coisas de que eu gostaria de saber, para meu governo. Não apenas por isso. O que disser poderá redundar em seu benefício.

— Vamos a ver! Responderei o que puder.

Tomei um gole de uísque, pensando no que ele iria perguntar. Ele se inclinou para a frente, descansou os cotovelos nos joelhos, entrelaçou os dedos das mãos e perguntou:

— Tem alguma relação com os agiotas de Nova York?

— Nenhuma — respondi, E era verdade. Os agiotas eram um dos subprodutos do negócio, mas eu nunca me interessara por eles.

— Mas há uma opinião generalizada de que é isso que acontece.

— Sei disso, mas não posso governar a cabeça dos outros. As minhas atividades a esse respeito são muito peculiares. Não posso processar ninguém por calúnia.

— E quanto ao vício organizado?

— Se está falando em mulheres, entorpecentes e coisas assim, também estou fora disso. Sou um espírito muito tolerante, mas não sou cáften.

— Quer dizer que os seus únicos interesses estão no jogo?

— Únicos, não; principais. A minha base são as apostas nas corridas de cavalos. Mas trato de outras coisas.

Ele pensou um momento e disse:

— Se a oferta ainda está de pé, acho que vou aceitar agora aquele uísque.

Preparei-lhe um copo sem fazer qualquer comentário. Ele ainda não havia dito qual era o fim da sua visita. Ficamos a olhar-nos em silêncio durante algum tempo. Ele voltaria a falar quando quisesse e eu podia esperar até então.

— Há quanto tempo conhece Ruth Cabell?

A pergunta me surpreendeu e eu tentei contorná-la.

— Há algum tempo.

— Parece que ela faz muito bom juízo a seu respeito.

— Falou com ela? — perguntei, querendo saber o que ela lhe havia dito.

— Falei ontem. Por que foi que ela o procurou sob um nome suposto?

— Ela é assistente social. Com certeza achou que, se me desse o verdadeiro nome, eu não a receberia. Sabe como essa gente é. Ela estava querendo reformar-me.

— Compreendo — murmurou ele. Mas ainda não estava satisfeito. -
— Como foi que veio a conhecê-la?

É preciso às vezes arriscar-se.

— Foi no Hospital Bellevue há uns seis anos. Eu estava doente.

Desfaleti no meio da rua e fui levado para o hospital. Desnutrição.

Não comia havia já algum tempo, estava desempregado e vivia desde alguns meses dormindo nos vestíbulos dos edifícios, nos subways e nos lavatórios públicos. Ela deve ter tido pena de mim.

— Foi o que deduzi do que ela me disse. A vida deve ter sido bem dura para o senhor nessa época.

Eu estava certo. Ela nada dissera. Sorri e peguei-lhe a palavra.

— Bem dura Ele acabou o uísque, deixou o copo em cima da mesa e levantou-se.

— Bem, acho que era só isso que eu queria saber.

— Ainda é cedo. Por que não fica mais um pouco?

— Não. Tenho de voltar para Nova York.

Levei-o até à porta. Ele pegou o sobretudo e colocou-o no braço. De repente, voltou-se para mim e sorriu.

— Sabe de uma coisa, Sr. Kane? Creio que o senhor poderia prosperar em qualquer outro negócio em que se metesse.

— Talvez. Mas foi esse que me deu uma chance. Os outros me fecharam as portas.

— Ainda pode tentar.

Bem sabia o que ele queria dizer. Se eu deixasse aquilo antes que me pegassem, talvez nada me acontecesse.

— Não, jogarei até ao fim. Seria maluco de fugir com as cartas que eu tenho.

— Às vezes as cartas não são tão boas quanto se pensa. Neste caso, perde-se tudo.

— Não se pode ganhar sempre ombros. — disse eu, encolhendo os ombros. Disso eu já sei.

— Está bem. O problema é seu.

Não respondi.

— Obrigado por ter-me recebido.

Sorri. Ele pelo menos era delicado. Era bem diferente da polícia local. Não se podia censurar a polícia federal por contratar gente com diplomas universitários.

— De nada. Apareça quando quiser.

Depois que fechei a porta, hesitei um instante. Depois, fui ao telefone e liguei para Ruth. Ouvi uma voz de homem.

— Dr. Cabell.

— Miss Cabell está?

— No momento, não — respondeu Marty. — Quer deixar recado?

Pensei alguns instantes e disse:

— Não, muito obrigado. Telefonarei depois.

— Espere um pouco — disse Marty rapidamente. — É Frank quem fala?

Surpreendi-me pela segunda vez naquela noite. Que diabo! Será que a cidade toda já sabia que ela ia ver-me? Mas vi logo que ela de qualquer maneira podia contar tudo ao irmão.

— É, sim.

— Frank, quem fala é Marty — disse ele, todo alvoroçado. — Como vai, amigo velho?

Mantive a voz baixa e fria.

— Sabia que era você.

Ele não deu a menor atenção ao meu tom de voz e continuou:

— Não sabe a vontade que eu tenho de ver você!

Não pude resistir ao contágio da sua satisfação e disse mais amavelmente:

— É muito gentil da sua parte, rapaz, mas não é bom para você neste momento. Poderia ter muitas conseqüências.

— Está referindo-se a Jerry? Quem se importa lá com o que ele pense? Afinal de contas, nós somos amigos.

— Não me estou referindo a Jerry. Refiro-me a mim.

— Oh! — murmurou ele, evidentemente decepcionado. — Não podemos encontrar-nos em segredo e conversar um pouco? Ninguém saberia de nada. Ruth me disse que esteve com você. E não houve nada.

— Pois foi justamente por isso que eu telefonei para Ruth. Um agente federal acaba de sair daqui da minha casa. Já havia falado com ela e eu queria saber o que foi que ela disse.

— Não sabia disso. Ela não me disse nada.

— Talvez ele a tenha procurado hoje mesmo. De qualquer maneira, meu velho, sinto muito, mas não é possível.

— Compreendo. Quer que diga a Ruth que lhe telefone logo que chegar?

— Faça o favor — disse eu, dando-lhe o número.

— Falarei com ela logo que chegar, Frank.

— Muito obrigado. Adeus.

— Lembre-se de mim se precisar de alguém. Continuo a ser seu amigo. E felicidades!

— Mais uma vez, obrigado! — Aquilo me emocionava. Eu não estava habituado a encontrar gentilezas gratuitas.

— Adeus — disse ele e desligou. Deixei o telefone, sentei-me e comecei a ler um jornal. Meia hora depois, o telefone tocou. Fui atender.

— É Kane quem fala.

Era Ruth. A voz era fria e distante — Soube que me telefonou.

— É verdade — disse-lhe no mesmo tom. — Soube que Allison, do FBI, falou com você. Que queria ele?

— O que você quer saber é o que eu disse a ele, não é?

— Digamos que seja — Quer dizer que não confia mesmo em ninguém?

— Confiar é um luxo que não posso sustentar.

— Pode então ficar descansado. Nada lhe disse a nosso respeito.

Disse apenas que o conheci no hospital e me interessei pelo seu caso.

— Ótimo! Ele veio falar comigo esta noite e me disse a mesma coisa.

— E você então só telefonou para certificar-se?

— Só, menina. Vou mandar-lhe uma orquídea por ter sabido calar a boca.

Eu podia iludi-la, mas não me iludia a mim mesmo. Não era preciso eu telefonar para ela. Soubera de tudo o que era preciso por intermédio de Allison.

— Guarde a sua orquídea. Não é preciso subornar-me.

Sorri. Quando resolvesse todo aquele caso, iria dedicar algum tempo a ela. E isso também se resolveria

Foi na véspera de Natal, terça-feira, 24 de dezembro de 1940. Eu estava sentado à minha mesa e escutava a música que vinha do andar de baixo. Como em muitos outros escritórios, estávamos tendo uma animada festa de Natal. Teria de aparecer por lá ao menos um instante. Era da regra, como uma espécie de aviso anual aos empregados de que eu era uma pessoa real e não uma ficção mental. Durante a maior parte do ano, o empregado comum não me via. Eu entrava e saía por uma porta particular. Só tinha contato com alguns diretores que me traziam ao corrente de tudo.

Miss Walsh entrou na sala. Estava com um vestido novo. Nessas ocasiões, as mulheres sempre se esmeravam. Eram flores nos cabelos, vestidos novos, tratamentos de beleza, sorrisos.

— Se não precisa de mim agora — disse ela, sorrindo — , acho que vou descer.

— Está certo, Miss Walsh. Pode ir.

Dei-lhe o presente que lhe havia comprado alguns dias antes.

Quase sempre eu lhe dava um vidro de perfume ou uma caixa de bombons, mas naquele ano eu lhe comprara um relógio de pulso. Ela bem merecia, pois havia trabalhado muito desde a saída de Allison. Quase sempre, ficava comigo até bem tarde da noite para ajudar-me.

— Feliz Natal!

Ela recebeu o embrulho e ficou com ele na mão. Vi que estava louca para abri-lo, mas não queria, achando que isso seria grosseiro.

— Muito obrigada, Sr. Kane! Feliz Natal para o senhor! — disse ela e saiu da sala.

Fiquei mais um pouco por ali e afinal descí para a festa. Estava animadíssima. Havia, como sempre, alguns levemente embriagados e todos estavam em diferentes fases da alegria natalina. Como sempre sucedia, o movimento caiu um pouco com a minha chegada. Chegou a haver alguns segundos de silêncio, enquanto alguns sussurros diziam aos empregados novos quem era eu. Mas pouco a pouco a festa se animou de novo. Demorei-me alguns minutos, sorrindo e falando delicadamente com quem se aproximava de mim. Depois, saí em silêncio.

Estava meio deprimido naquela ocasião. Em geral, aquelas reuniões me davam uma sensação de força e de poder, mas naquele dia me sentia vazio. Olhava os pares que dançavam e riam e me senti alheio a tudo aquilo. Tudo aquilo custava o meu dinheiro, mas a festa era deles.

Eu não devia ter motivo algum de preocupação. As coisas se haviam acalmado depois da prisão de Luigerro e dos outros dois. Os rapazes estavam-se comportando bem e todo o caso parecia estar morrendo de lenta morte natural. De dia para dia, as notícias sobre mim iam cada vez mais para as páginas de dentro dos jornais, tangidas por matéria mais nova e mais sensacional. Mas não podia livrar-me daquela opressão que pairava sobre mim como uma nuvem negra. Virei-me para sair.

— Sr. Kane?

Era uma voz doce e jovem. Voltei-me. A moça tinha uma aparência que correspondia à voz. A mocidade se lhe estampava no rosto, mas os olhos estavam bem abertos a um tanto assustados com o seu atrevimento.

— Pronto — disse eu: sorrindo.

Ela teve uma expressão de alívio. Imaginei que, se tivesse falado rudemente, ela teria fugido.

— Quer dançar comigo? — perguntou.

— Será um prazer.

O rosto dela se iluminou ao ouvir isso. Estendi os braços para ela e começamos a dançar. Vi que todo o mundo nos olhava. Ora, podiam olhar à vontade. Eu tinha o direito de dançar ali se quisesse. A festa era minha. Era a primeira vez que eu dançava numa das nossas festas.

Ela dançava bem — era jovem e leve. A música era alegre e de um ritmo um tanto acelerado. Ela se acomodava bem nos meus braços e eu sentia a pressão da sua mocidade contra mim. Ela levantou os olhos para mim enquanto dançávamos. Parecia estar-me estudando o rosto. Olhei-a, mas ela fechou a meio os olhos e virou um pouco o rosto de modo que não pude vê-la direito.

— Dança muito bem, Sr. Kane — murmurou ela timidamente.

— Você é que dança bem. Eu não me sairia tão bem com qual quer outra, Srta...

— Muriel... Muriel Bonham. Espero que não me julgue atrevi da... por pedir ao senhor que dançasse comigo.

— Nada disso. Ao contrário, fiquei muito satisfeito.

Ela parece que se encheu de confiança e disse:

— É que vi que o senhor estava muito sozinho ali, sem falar com ninguém...

Eu devia estar mesmo mal se uma menina como aquela podia perceber o meu estado de espírito.

— Por que pensou nisso, Muriel?

— Bem, o senhor olhava as pessoas que dançavam, como se estivesse com vontade de dançar também.

— Compreendo.

A música parou. Batemos palmas. O rosto dela era luminoso, a boca alegre.

Parecia-me jovem demais para estar trabalhando naquela espécie de negócio. Teria de pedir a Miss Walsh que descobrisse em que

departamento ela trabalhava e a despedisse. Seria melhor para ela afastar-se dali.

A música tocou de novo. Olhei-a. Ela sorriu e dançamos outra vez. Quando a música parou, agradeci-lhe e voltei para o escritório. Preparei um uísque e fiquei ali até ouvir a música parar. A mocinha tinha razão. Eu estava muito sozinho. Mas é preciso tomar uma decisão sobre aquilo que se deseja na vida. E eu já tomara a minha desde muito tempo.

Olhei para o telefone. Seria fácil ligar para Ruth e desejar-lhe um feliz Natal. Seria um pretexto tão bom quanto qualquer outro. Desde que eu falara pela última vez com ela, um florista lhe ia entregar diariamente uma orquídea. Ela nunca agradecera, mas também nunca se negara a receber as flores. Seria bom falar com ela. Estendi a mão para o telefone.

Nesse momento, notei que a porta do escritório se abria devagar. Abri a gaveta e encostei a mão na automática que guardava ali.

Mas foi a cabeça de uma moça que apareceu pela porta entreaberta. Os cabelos de um louro pálido brilhavam à luz fraca da sala. Quando me viu, abriu de todo a porta e entrou.

— Está aí desde aquela hora, Sr. Kane? — perguntou Muriel.

— Estou — disse eu, fechando a gaveta. — Que veio fazer aqui?

— Não sei. Mas tive vontade de vir.

Os olhos pareciam confusos, como se houvesse alguma coisa que ela não podia compreender.

Levantei-me e aproximei-me dela sem dizer uma palavra. Dentro de mim lavrara um incêndio. Eu estava nervosamente sério, com os lábios apertados.

— Sr. Kane — perguntou ela com voz meio amedrontada e recuando um pouco. — Que é que vai fazer?

Não respondi. Passei os braços pelos ombros dela e abracei-a violentamente. Ela tentou repelir-me sem resultado. Segurei-a com um braço. Com a outra mão, levantei-lhe o queixo e beijei-a.

As mãos dela se abriram e fecharam de encontro a mim e afinal me pegaram o paletó e pararam. Foi um beijo longo, duro, brutal. Quando a

deixei, ela estava com os olhos semicerrados e se encostava languidamente a mim.

— Era isso o que você queria, não era? — perguntei asperamente.

Ela não deu a menor atenção ao meu tom de voz. Pôs a cabeça no meu ombro e murmurou com voz bem meiga: — Oh, Sr. Kane..

Olhei-a. A cadelinha estava mesmo pedindo. Senti-me de repente velho e cansado. Toda a febre que havia dentro de mim desapareceu. Desci as mãos e afastei-me dela.

— Que foi, Sr, Kane? — perguntou ela.

— Nada, menina. Vá para a sua casa, antes que se arrependa, — disse eu, acendendo um cigarro.

— Sr. Kane — disse ela, naquela vozinha traiçoeira que tinha, — não me vou arrepender. Não me mande embora.

— Vá-se embora, já disse! Você é muito menina para essas brincadeiras. Vá para junto de sua mãe.

— Tenho vinte anos, Sr. Kane — disse ela, levantando a cabeça com um curioso jeito de orgulho — e com idade bastante para fazer qualquer brincadeira que eu queira.

Olhei-a sem dizer nada.

— Sr. Kane, com quem o senhor vai fazer a ceia de Natal?

Isso me desorientou um pouco. Não esperava absolutamente que ela fizesse essa pergunta.

— Por quê?

— Não gostaria de cear comigo? Não quero passar o Natal ou tra vez sozinha.

Intrigou-me aquele "outra vez".

— Por quê? — perguntei.

— Moro numa pensão. Meus pais morreram e eu não tenho ninguém com que passar o Natal. Olhei para ela e vi que os seus olhos azuis estavam cheios de lágrimas. — Todo mundo tem para onde ir, menos nós.

— Como sabe que eu não tenho?

— O seu rosto está mostrando isso, Sr. Kane. Sei dizer quando alguém está sozinho Olhei-a um momento e então sorri. Ela sorriu também.

— Está bem, Muriel — disse eu tão severamente quanto me foi possível. — Vou cear com você. Mas nada de tolices, ouviu?

— Sr. Kane, não sou virgem!

Dei uma gargalhada e disse:

— Nem eu, Miss Bonham!

Beijei-a e saí com ela.

Fomos comer no Oyster Bay. Ela era uma pequena formidável sem duvida alguma, mas eu não estava com disposição. Além disso, não acreditava que ela fosse tão velha quanto dizia. Depois do jantar, levei-a para casa. Ela morava no Teaneck. Parei diante da casa que ela apontou e levei-a até à porta.

A entrada estava fracamente iluminada. Dei-lhe boa noite e me virei para voltar para o meu carro.

— Não me vai beijar, Sr. Kane? — perguntou ela com voz queixosa.

Ri comigo mesmo. Eu devia estar louco mesmo para abrir mão daquilo.

— OK, menina. Só um beijo!

Ela se aproximou de mim e o rosto dela me pareceu mais velho, mais sabido.

— Não sou uma criança, Sr. Kane — murmurou ela.

Abracei-a e beijei-a. Quando acabei, sabia que ela não estava mentindo. Se havia uma mulher que soubesse beijar, era aquela. Beijei-a de novo.

Ela estava com o corpo colado ao meu. A boca era quente e doce, as mãos me agarravam pela nuca, prendendo-me a cabeça.

Nesse momento, ouvi uma voz às minhas costas. Era uma voz de homem, rouca e dura. Falou com ela, não comigo.

— OK, Bonnie. Já chega!

A moça afastou as mãos de mim e recuou um pouco. Não tinha qualquer expressão de surpresa ou de susto. Olhei-a e comecei a virar-me devagar. Sentia todas as engrenagens cabeça funcionando. Quando acabei de me virar e vi os dois homens — um deles com uma pistola apontada para a minha barriga — só um pensamento me ficou.

Aquele tinha sido o último beijo de minha vida.

Não disse nada. Senti um aperto no estômago. Pensei por um momento que fosse vomitar, mas de certo modo venci a náusea.

— Reviste-o — disse ao outro o sujeito que estava com a pistola.

— Não é preciso — disse Bonnie, afastando-se mais um pouco.

— Ele está desarmado.

— Reviste-o ainda assim — disse o primeiro. — Com esse camarada não se pode facilitar.

Levantei os cotovelos enquanto o segundo homem me revistava. Logo que ele se afastou, abaixei-os. A moça estava junto do homem da pistola. Estava perfeitamente calma. Procurei adivinhar o que queria dizer tudo aquilo, mas não encontrei nada. A minha cabeça não estava mesmo funcionando direito. Do contrário, eu não teria caído naquilo.

— Vire-se — disse o homem da pistola — , e vá para o seu carro.

Obedeci. Ninguém discute com uma pistola. Mas nada daquilo fazia sentido. Se me queriam matar, não podia haver melhor lugar do que aquele. Não havia casas perto daquela onde estávamos. Uma i-déia me ocorreu. A moça dissera que os pais dela tinham morrido. Só duas pessoas podiam saber que eu cairia com esse truque. Só duas pessoas que conheciam a minha história estavam também preocupadas com o meu futuro.

Jerry e Silk.

Se era Jerry, não podia compreender. Se era Silk, eu devia ter sido liquidado dentro da casa. Sentei-me ao volante pensando ainda.

— Siga para a ponte e vamos para Nova York — disse o sujeito da pistola, sentando-se atrás de mim, enquanto a moça sentou-se na frente ao meu lado. — Você vai ver o Procurador — , acrescentou o homem.

Tive um suspiro de alívio. Era a certeza de que não me iam matar. Mas ainda não compreendia por que Jerry estava fazendo aquilo. Nunca pensara que fosse essa a sua maneira de agir. Falei com a moça ao meu lado.

— Como me enganou, menina!

— Não foi difícil — , disse ela, sem ligar ao meu amor-próprio.

Tinha razão. Eu a ajudara em tudo. Ela tivera apenas de acompanhar-me — Há quanto tempo você trabalha no meu escritório?

— Mas não trabalho lá. Limitei-me a entrar na festa e ficar à sua espera.

Ia dizer mais alguma coisa, mas o homem atrás de mim me bateu nas costas.

— Cale a boca!

Calei-me Passamos a ponte e chegamos à cidade.

— Vá para o Hotel Dauphin — disse o homem.

Eu sabia onde era. Ficava na esquina da Broadway com uma das ruas 70. Não estava gostando daquilo. Não sabia o que ia acontecer, mas não estava gostando.

Encostei o carro na Broadway e entramos no hotel. O homem da pistola olhou para o relógio.

— Ainda temos tempo. Vamos beber alguma coisa no bar. E não se meta a engraçado!

Entramos os quatro no bar. Havia um compartimento vazio no qual nos sentamos. O garçom apareceu e nós fizemos os pedidos. Quis um scotch com soda e paguei a nota. Ficamos alguns minutos ali. Depois, a moça se levantou e foi ao telefone. Quando voltou, o homem da pistola bateu com a cabeça para ela.

— Acabe o seu uísque — ordenou ele, levantando-se.

Obedeci.

— OK — disse ele. — Vamos.

Fui com ele até à portaria. Ele então disse ao empregado:

— Dois quartos com banheiro aqui para o meu amigo.

O empregado me passou o livro de registro.

— Assine! — disse o homem.

Escrevi meu nome no livro: Frank Kane. Aquilo estava começando a tomar forma. Havia todos os elementos de uma cilada. Eu só não podia saber quem era que a estava montando e qual era a cilada.

Fomos levados para quartos no quarto andar. Joguei um dólar para o boy e ele saiu.

— Fique à vontade, — disse-me o pistoleiro.

Sentei-me numa cadeira perto da janela. O primeiro pistoleiro foi até ao telefone e discou um número, conservando a arma apontada para mim. Atenderam ao telefone e ele perguntou:

— Sr. Cowan?

O pistoleiro esperou alguns instantes e então disse:

— Sr. Cowan, Kane está aqui em Nova York e quer falar com o senhor... Sim, quer falar com o senhor sozinho... Muito bem. Está no Hotel Dauphin, na Broadway, quarto 412.

O pistoleiro ouviu mais alguma coisa e desligou.

A cilada estava clara. Tudo começou a fazer sentido para mim.

O pistoleiro disse à moça:

— Tudo pronto, Bonnie. Pode ir dizer ao patrão que o Procura dor estará aqui dentro de meia hora.

Ela se levantou e foi saindo. Gritei-lhe — Felicidades, menina!

Ela se virou e sorriu.

— Guarde-as para você! Precisa mais do que eu!

— Depressa, Bonnie! — disse o pistoleiro. — Vá logo!

Depois que ela saiu, o pistoleiro voltou-se para o outro homem.

— Desça e me telefone quando o homem aparecer!

O outro saiu e o pistoleiro me mandou ficar numa cadeira perto da porta, enquanto ele se sentava mais para dentro ao lado do telefone. Ficamos a olhar-nos.

— De Detroit? — perguntei.

Ele não respondeu.

— Quanto é que vai ganhar por este serviço?

Continuou calado.

— Posso pagar-lhe o dobro do que vai receber.

— Cale-se!

Calei-me. A trama era muito simples: o sujeito mataria Cowan quando este aparecesse na porta, depois me faria dormir, colocaria a pistola em minha mão e o caso seria mais do que claro.

Ninguém acreditaria no que eu dissesse e o camarada que engendrara tudo ganharia dos dois lados. Teria o Procurador fora do seu caminho e eu na cadeia, o que lhe permitiria tomar conta de tudo.

Só podia ser Fennelli. De todos era o único que tinha inteligência bastante para imaginar uma trama dessas. Simples, mas boa! A minha presença fora estabelecida — primeiro no bar, depois na portaria. O Procurador fora chamado pelo telefone com urgência. Um tiro e eu estava frito. Comecei a suar frio.

Mas enquanto olhávamos um para o outro, os minutos iam passando e eu não encontrava qualquer saída.

Olhei para o relógio. Não me restava mais muito tempo. Tirei o lenço e enxuguei a testa. Se ainda havia algum golpe de sorte a meu favor, era melhor chegar logo.

O telefone tocou. O homem atendeu, escutou um momento e desligou. Levantou-se da cadeira e se dirigiu para mim. Apontou para a cadeira de onde havia saído.

— Vá sentar-se ali.

Sentei-me onde ele mandou. Comecei a sentir leves marteladas na cabeça e um aperto na garganta.

O pistoleiro foi então para o lado direito da porta onde esta o esconderia quando fosse aberta. Apontou a pistola para mim e disse:

— Fique calado se quer continuar vivo!

Falei de novo com ele, em desespero.

— Não está vendo logo que isso não pode dar certo! Você está perdido! Pagarei o que você quiser!

Ele olhou para mim e uma espécie de desprezo se lhe mostrou no rosto:

— Vocês todos são iguais. Muito importantes e valentes até que alguém lhes corta as asas. Começam então a chorar. Cale-se!

Um segundo depois, bateram na porta. Ao mesmo tempo, o telefone tocou. Fiquei sem saber para onde olhar primeiro. Mas automaticamente, levei o fone ao ouvido e disse:

— Entre.

A porta começou a abrir-se e simultaneamente alguém me gritou ao ouvido.

— Flix — dizia a voz ao telefone — , o hotel está cheio de guardas!

Desliguei sem responder e fiquei em pé de um salto. Era a primeira vez em que eu ficava satisfeito de que alguém não confiasse em mim. Jerry tivera juízo em trazer os guardas. Não confiava em mim. Falei rapidamente ao pistoleiro que me estava olhando.

— O hotel está cheio de guardas! Desista disso! Eu lhe darei cobertura!

O homem me olhou indeciso. Levantou um pouco a pistola.

Dei um passo na direção dele. A pistola continuou a ser levantada. Jerry entrou no quarto entre nós. Não viu o pistoleiro atrás dele. Havia outros homens que me olhavam curiosamente do corredor.

— Foi bom você ter telefonado — disse Jerry. — Já estava em tempo de criar juízo.

Um flash se acendeu bem diante de mim e durante algum tempo não pude ver nada. Quando a vista clareou, vi o homem que estava atrás da porta guardar a pistola e dirigir-se para mim. Pensei com aborrecimento que no dia seguinte o meu retrato estaria em todos os jornais. Depois, ri e disse:

— Entre. Muito prazer em vê-lo.

Muitos homens entraram juntamente com Jerry.

— É uma prisão? — perguntei.

— Ainda não — respondeu Jerry. — Você disse que queria falar comigo.

— Eu não disse nada. A idéia foi dele — disse eu, apontando o pistoleiro. — Foi ele que arranjou o nosso encontro de pistola em punho. A idéia era matá-lo e deixar que eu fosse acusado do crime.

O pistoleiro praguejou e levou a mão ao bolso. Um dos detetives agarrou-o num bom golpe e o pistoleiro desabou no chão. Continuei a falar com se nada tivesse acontecido.

— A verdade é que, no que me diz respeito, preferia estar bem longe daqui, sem vê-lo.

O detetive tinha tomado a arma do pistoleiro e fê-lo levantar-se. O homem estava um pouco tonto. Teve de sacudir fortemente a cabeça para poder falar.

— Foi Kane quem armou tudo isso, o patife! Quando viu que não podia fazer nada, jogou a culpa em cima de mim!

Ri zombeteiramente.

Jerry falou com os detetives:

— Levem-no e saiam.

Um deles não queria sair e disse:

— Talvez Kane esteja armado.

Jerry olhou para mim. Sacudi a cabeça sem falar. Jerry se voltou para o detetive:

— Não, não está. Esperem lá embaixo.

Saíram todos do quarto e nós dois ficamos sozinhos. Sentei-me numa cadeira. Jerry tirou o sobretudo, sentou-se em outra e olhou para mim.

— Você estava dizendo a verdade?

— Claro que sim. Prepararam-nos uma cilada. Iam matá-lo e jogar a culpa em cima de mim. Não podia falhar.

Tirei um cigarro e ofereci-lhe. Ele agradeceu e acendeu um charuto que tirou do bolso do paletó. Acendi o meu cigarro.

— Tem alguma idéia de quem mandou fazer isso?

Sorri. Pergunta infantil.

— Se tivesse — respondi —, as coisas não teriam chegado ao ponto a que chegaram.

Ficamos de novo em silêncio. Olhei-o. Estava bem gordo, de rosto cheio. Os cabelos tinham ficado castanho-avermelhados e com uma leve ondulação. Tinha um pequeno bigode e faces bem coradas. Mostrava um pouco de barriga. Havia um ar de suficiência nele, uma espécie de convicção da própria importância.

Ele estava também a observar-me e em dado momento exclamou:

— Mas como você envelheceu!

A exclamação foi inteiramente espontânea. Sorri, mas nada disse.

— Nunca pensei que nos tornaríamos a ver assim, Frank!

Continuei calado.

A sua voz tornou-se então direta e seca.

— Sabe como estão as coisas entre nós dois. Gostaria de ajudá-lo, mas tenho o meu dever a cumprir.

"A velha conversa fiada!" — pensei. Mas disse em voz alta:

— Compreendo.

— Quero fazer-lhe algumas perguntas. — Tirou bolso, olhou-o, tornou a guardá-lo e me perguntou: — Conheceu um homem chamado "Fats" Crown?

— Conheci.

— Onde?

— Aí pela cidade. Nunca cheguei a conhecê-lo muito bem e não lhe dava grande importância.

— Entretanto, quando ele se opôs à organização dos jogadores que você propôs, mandou matá-lo?

Sorri.

— Nada tive que ver com essa morte. Nada tive com a organização dos jogadores. Os meus negócios são todos legítimos. Se são coisas assim que pretende perguntar-me, é melhor não perder tempo.

Eu nada lhe poderia dizer ainda que soubesse de que era que você estava falando.

— É assim então que quer jogar o jogo?

Ele estava louco se pensava que havia qualquer outra maneira de jogá-lo. Se ele pensava que eu ia dizer-lhe alguma coisa só porque ele tinha sido meu amigo de infância, estava muito enganado. Eu não ia dar-lhe nada que me compromettesse.

— Bem, você sabe que o segredo é a alma dos negócios — disse eu, sorrindo.

— OK! — exclamou ele, levantando-se, visivelmente aborrecido. — Estou começando a acreditar que o que aquele homem disse é verdade — a cilada foi sua.

— Você pode pensar o que quiser.

— Escute, Frank, estou tentando dar-lhe uma chance que você não merece, apenas porque o conheci. Disse-lhe há meses, quando comecei, que você devia afastar-se, disso, mas você não me quis ou vir. Agora, quero dizer-lhe que vou metê-lo na cadeia. Fui complacente de propósito com você, mas agora vai ser para valer!

Tudo aquilo era pura conversa! Se ele pudesse prender-me, eu já estaria na cadeia. Não estava fazendo nada por mim, nem ia fazer porque não podia. Levantei-me.

— Bem, a festa é sua! — disse eu.

— E vai ser o seu funeral! — gritou ele.

— Silêncio! — disse eu. — Olhe os vizinhos!

Ele ficou muito vermelho. As veias do pescoço se estofaram.

— Bastardo imundo!

O insulto levava vinte anos para sair do lugar onde ele o havia guardado. Olhei-o friamente e disse, sorrindo:

— Não, você não é tão ruim assim.

Ele tornou a sentar-se.

— Desculpe, Frank. Não tive essa intenção de ofendê-lo. É que estou nervoso. Gosto tanto disso que estou fazendo quanto você gosta, mas não posso recuar.

— Não pense nisso, rapaz! Sei como você se sente!

Ficamos algum tempo em silêncio, cada qual entregue aos seus pensamentos.

— Por que não se afasta disso, Frankie?

Não respondi. Uma explicação seria uma confirmação de tudo em que ele estava pensando. Ele podia sentir o que quisesse, mas eu não ia confirmar nada para ele.

Quando ele viu que não ia responder, continuou:

— Seria muito fácil processá-lo por uma tentativa de homicídio contra mim.

— Fácil demais — disse eu. Mas era isso que ele queria.

— Depois, eu poderia dar-lhe uma chance. Uma sentença não muito longa, nem muito curta, que afastasse você disso e o tornasse inofensivo.

— Está com isso tentando proteger-me ou ao povo da sua cidade?

Ele me encarou com um olhar diferente.

— Diz as coisas diretamente, não é?

— Por que não? Deram-lhe um serviço para fazer. Procure fazê-lo, se puder. A mim você não deve nada.

Ele se levantou e me estendeu a mão.

— Poderíamos ser amigos.

— E somos — disse eu, apertando-lhe a mão. — Mas isso é entre nós. Os negócios são uma coisa inteiramente à parte.

Ele ainda me apertava a mão.

— Vou desbaratar a sua organização. Vou fechar-lhe o negócio, — disse ele, sorrindo.

— Isso é com você. Pode tentar.

— Acha que não vou conseguir?

— Acho que não vai conseguir.

— Irá ao meu escritório na segunda-feira se eu o deixar sair agora?

Estava-me dando uma oportunidade. Aceitei. Isso me permitiria levar Carson comigo. Ele se voltou para a porta.

— Esteja lá às dez e meia.

— Estarei lá.

Ele olhou para mim e por um instante o seu velho sorriso lhe iluminou o rosto.

— Feliz Natal!

— Feliz Natal! — respondi, vendo-o sair.

Olhei para o meu relógio. Já passava da meia-noite. Sai pelo corredor e desci para a portaria. O quarto me havia custado quinze dólares. Tive prazer em pagar esse dinheiro. Saí. O meu carro ainda estava onde eu o havia deixado. No volante encontrei o papel de uma multa por estacionamento irregular. Ri comigo mesmo, entrando no carro.

Rodei algumas ruas quando ouvi uma voz no banco de trás.

— Alô, Frankie.

Não podia acreditar. A voz era de Ruth. Virei a cabeça um pouco para trás e encostei o carro ao meio-fio.

— Como veio parar aqui, Ruth?

Ela só respondeu depois que passou para a frente, sentando-se ao meu lado.

— Jerry estava em nossa casa quando você telefonou para ele.

— Não fui eu que telefonei. Era tudo uma cilada.

Contei-lhe o que havia acontecido, mas sem fazer menção da pequena.

O rosto dela estava ansioso enquanto eu falava. Quando acabei, disse decepcionada:

— E eu estava começando a pensar que você tinha visto afinal as coisas.

Tomei-lhe a mão.

— Dê-me tempo. Talvez algum dia.

— Hoje não?

— Hoje não, que tenho uma coisa para fazer. — Mudei de assunto. — Como foi que encontrou o carro?

— Segui Jerry — disse ela meio alheada, como se estivesse pensando em outra coisa. — Quando vi o seu carro, entrei e fiquei à sua espera. Sabia que você iria aparecer mais cedo ou mais tarde.

Ela sabia mais do que eu sabia algumas horas antes, quando não daria um centavo falso pelas minhas perspectivas. Parei o carro diante da casa de Fennelli.

Espere-me aqui — disse eu, saltando. — Tenho de ver uma pessoa. Voltarei daqui a alguns minutos.

Ela nada disse. Subi e toquei a campainha de Fennelli. Se fosse ele o autor da trama, estaria decerto em casa com alguns amigos. Não me enganei. Laurens abriu a porta e eu passei por ele sem falar.

Fennelli estava tapeando um jogo de pôquer, com um copo na mão. Olhou para mim, surpreso.

— Que é que está fazendo aqui, Frank?

Ri, fria e zombeteiramente.

— Em Nova York, quero dizer — , acrescentou ele.

Isso foi a prova decisiva. Ele não teria de acrescentar nada se não tivesse culpa. Passei por ele em direção ao quarto, sem tomar conhecimento dos outros, e abri a porta.

— Venha cá um instante, Silk, que eu quero falar com você.

Talvez fossem as luzes, mas ele me pareceu um pouco pálido.

Fechei a porta e voltei-me para ele.

— Que é que há? — perguntou ele.

— Alguém quis matar o Procurador esta noite e jogar a culpa em cima de mim.

— Quem foi?

— Não sei. Será que você sabe?

— Agora é que estou sabendo disso. Como foi?

Narrei sucintamente os fatos. Quando acabei, ele levou a mão ao rosto.

— Uff! Pouco faltou!

— Bem pouco!

— E você só viu essas três pessoas?

— Só. Não sei o que aconteceu aos outros dois, mas o da pistola foi levado para a polícia.

— Vou ficar de olhos abertos e se souber de alguma coisa logo lhes comunicarei — disse Fennelli, que se havia refeito prontamente da surpresa.

— Procure saber especialmente dos três, Silk. Tenho planos para eles.

— Fique descansado, Frank.

Saí de lá e desci. Fennelli não podia deixar que eu falasse com eles. Eu havia assinado o fim deles. Para mim estava certo. Fennelli não iria arriscar-se mais durante algum tempo — pelo menos enquanto não tivesse maiores chances do que tivera naquela ocasião.

Abri a porta do carro, rindo.

— OK, menina! Demorei muito?

Não houve resposta. Olhei para dentro do carro.

Ela não estava mais lá.

O meu encontro com Jerry no escritório dele acabou sendo uma farsa. Carson estava comigo e cada vez que Jerry me fazia uma pergunta, ele me aconselhava a não responder. Passei uma hora e meia de boca fechada e, quando saí, estava convencido de que Jerry não dispunha de elementos contra mim. Estava apenas jogando verde. Só haviam conseguido de mim retratos.

Os vespertinos os espalharam na primeira página. As legendas diziam: "É este o homem que o governo da cidade e o do Estado chamam de Inimigo Público Número Um".

Os jornais davam ainda outra notícia. Uma mulher e um homem tinham sido encontrados mortos a tiros perto de Boston Post Road. A descrição que davam da mulher correspondia à pequena que tinha tomado parte no plano contra mim. Silk não perdera tempo em tampar os rombos na sua jangada. O outro estava ainda preso, mas eu tinha certeza de que Silk cuidaria dele na primeira oportunidade.

Numa coisa ao menos a situação havia melhorado. Eu podia ir a Nova York e andar por lá na hora em que quisesse. Havia prometido a Jerry que compareceria a qualquer hora que ele me chamasse. Telefonei para Ruth naquela noite.

— Que é que vai fazer na véspera do Ano Novo?

— Tenho um compromisso — disse ela, friamente.

— Desmanche-o Vamos sair juntos Ela desligou sem dizer mais nada. Sorri quando coloquei o receptor no gancho. As coisas ainda não iam bem, mas daí a pouco...

Janeiro passou e chegamos a fevereiro. Nada demais aconteceu, mas eu sabia que os castores estavam trabalhando no escuro. A nova organização que eu havia formado estava pronta e a providência seguinte era mandar Joe Price sair e ir instalar um novo escritório. Eu estava esperando para só fazer isso quando fosse necessário. Os rapazes estavam-se comportando bem e os negócios haviam voltado à normalidade.

A calma terminou em fins de fevereiro. A primeira notícia que eu tive foi um telefonema de Carson.

— Fui suspenso, Frank, — disse-me ele, nervosamente.

— Como assim?

— A Ordem dos Advogados abriu processo contra mim para afastar-me do exercício da advocacia e eu fui suspenso provisoriamente.

— Quer dizer que nada poderá fazer enquanto não julgarem o seu caso?

— Isso mesmo.

— E têm mesmo elementos contra você?

— Muito pouca coisa. Mas esticarão isso ao máximo, na esperança de conseguirem mais.

Essa esperança consistia em mim.

— Bem, venha conversar comigo.

Desliguei. Acendi um cigarro e olhei para o outro lado do rio. Aquilo era de fato o começo do fim. Sabiam que eu não podia recorrer a outro advogado naquela altura. Depois disso, começariam a agir contra os rapazes. Telefonei chamando Joe Price.

Dois dias depois, começaram a agir com força total. Jensen foi preso como receptador de objetos furtados. Descobriram um colar de brilhantes furtado em poder dele. Foi posto em liberdade mediante uma fiança de 25 mil dólares, mas era evidente que eu nada mais podia fazer com ele.

Comuniquei aos rapazes que o departamento jurídico estava temporariamente fechado. Não gostaram disso. Não esperava o contrário, mas eu também não gostava.

O golpe seguinte ocorreu quando alguém denunciou à mulher de Schultz a existência das duas mulheres em Park Avenue. Ela foi até lá, pegou o marido em flagrante com uma delas e atirou nos dois. Não os matou, mas a polícia a prendeu e ela botou a boca no mundo, dizendo tudo o que sabia sobre as atividades e o território dele. Bem podia imaginar os detetives recolhendo todas as suas palavras e tirando delas todas as conclusões possíveis.

No fim da semana, mandei Joe Price sair da cidade. Confiei o departamento dele a um camarada que lhe servia de assistente. Do jeito que as coisas iam, parecia que o jogo não iria demorar muito mais.

O último domingo de fevereiro foi o clímax de tudo. Logo que soube disso, vi que a festa estava acabada. Eu havia dividido o território de Schultz entre Carvel, Kelly e Fennelli. Em algum ponto — eu sabia onde — a combinação foi desfeita e dois homens de Fennelli mataram Kelly quando ele saía de casa pela manhã.

Foi Fennelli quem me telefonou.

— Frank, Piggy Laurens acaba de matar "Iron Mike".

Fiquei mudo por um momento. Ainda teríamos uma chance se eles tivessem observado as minhas recomendações, mas uma coisa daquelas só serviria para que a opinião pública apoiasse com maior firmeza a ação do governo.

— Quem foi que deu a ordem?

— Não tive nada com isso, Frank. — Notei uma leve nota de zombaria na voz dele. De zombaria e desafio.

— Quem foi então? Foi um idiota que gosta de matar e não faz nada do que se manda fazer!

— Ele disse que recebeu um telefonema seu.

A voz dele veio calmamente pelo telefone e eu compreendi tudo. Respondi com calma igual:

— E desde quando ele faz alguma coisa para mim? É para você que ele trabalha.

— Diz ele que você telefonou e mandou que ele desse um jeito em Kelly, que depois você o protegeria.

— Então diga a ele que por mim ele pode ir estourar nos infernos!

— E se a polícia o pegar? Ele vai falar e botar toda a culpa em você!

— É a você que cabe providenciar para que ele não seja preso.

Pode-se provar que ele trabalha para você.

Desliguei e no mesmo instante telefonei para Jake Rance. Era o homem que tratava da nossa publicidade. Colocava nos jornais notícias sobre gente que ganhava nas corridas e coisas assim.

— Jake — disse eu quando ele atendeu. — É Frank Kane. Tenho uma coisa que quero que você faça sair na coluna de Wetzel.

— Que é?

— É o seguinte: "Um certo homem de muitas empresas da cidade e de maneiras suaves como seda (Silk) sabe mais do que quer dizer sobre o assassinato de "Iron Mike" Kelly.

Jake assobiou.

— Isso é perigoso, Frankie. Não sei se poderei conseguir.

— Ganhará mil dólares se conseguir!

— Já saiu então, Frank. Mas que é que há?

— Os ratos estão começando a fugir do navio — disse eu, desligando. Fennelli não ia gostar de ler aquilo.

O trecho saiu na coluna de segunda-feira. Duas horas depois o que jornal estava na rua, Piggy morreu. Parece que foi atropelado por um carro.

Estava fazendo a barba diante do espelho. Sentia-me bem. Um leve toque primaveril se insinuava no ar da manhã de abril. O sol se derramava pela janela e eu, como um cretino que era, estava cantarolando. Larguei o aparelho e passei loção no rosto. Senti a pele arder com o álcool

mentolado. Penteei os cabelos e saí do banheiro vestindo a camisa Peguei o telefone. Estava com fome naquele domingo.

— É Kane quem fala. Mandem trazer o meu café. — Já sabiam o que eu queria.

— Está bem, Sr. Kane — disse a telefonista. — Já ia mesmo telefonar-lhe. Estão aqui duas pessoas que querem vê-lo, o Dr. Cabell e a irmã.

— Mande-os subir e peça o café para três.

Poucos minutos depois, bateram na porta. Fui abrir. Eram Marty e Ruth. Sorri para eles e estendi a mão a Marty.

— Entre, rapaz. Que alegria em vê-lo!

— Frankie! — exclamou ele, emocionado, apertando-me a mão.

Entraram comigo na sala — Chegaram mesmo na hora do café e não podem recusar.

Sentamo-nos e eu acendi um cigarro. O apartamento estava desarrumado, pois a arrumadeira não aparecia aos domingos.

— Não reparem a desarrumação. Casa de solteiro é assim mesmo Marty sorriu.

— Você está ótimo, Frankie!

— Você também, Marty! E segundo me disseram, vai ainda melhor na sua carreira.

— Nem tanto, Frankie. Mas gosto da profissão que escolhi.

O café chegou. Sentamo-nos à mesa e começamos a comer. Ruth estava calada. Não tínhamos muito sobre o que conversar.

— Sabem que fim levou a Sra. Scott? — perguntei.

— Morreu — disse Marty.

— É uma pena.

— De fato — disse Mary. — Foi ela quem primeiro me deu uma idéia do que eu queria. Se não fosse ela, eu talvez não estudasse medicina.

— Ela era formidável! — disse eu.

— Ela fazia muito bom conceito de você — disse Marty. — Você era de certo modo o predileto dela. Esperava muito de você.

Depois de dizer isso, calou-se meio confuso.

— Que é que acha? — perguntei a Ruth.

— Ela foi a primeira pessoa que chegou a compreendê-lo, Frank.

Pensei nisso. Talvez. De qualquer modo, as coisas nunca saem de acordo com os nossos planos. Encolhi os ombros.

— Isso aconteceu há muito tempo.

Eu tinha acabado os ovos e ia tomar a minha segunda xícara de café. Ruth se adiantou e serviu-me o café. Quando estendi a mão para a xícara, toquei na mão dela e nós nos olhamos, espantados com esse contato acidental. Vi-lhe os olhos azuis e profundos e baixei a vista para a minha xícara.

Marty fez menção de dizer alguma coisa, mas não disse. Continuamos sentados e em silêncio durante alguns minutos. Por fim, eu disse:

— Foi muito gentil de vocês virem ver-me!

— A idéia foi minha — disse Marty. — Queria ver você. Fica mos tanto tempo um longe do outro que eu estava com curiosidade de saber como você estava e Ruth...

— Sim? Que é que tem Ruth? — perguntei.

Foi ela que falou.

— Queria que ele conversasse com você. Ele é seu amigo e não tem nada a perder nem a ganhar com o que lhe disser.

Levantei-me e fui até à janela.

— Quero amigos e não conselhos.

Ruth me seguiu até à janela e pegou-me na mão.

— Os amigos não são apenas para ouvir o que a gente diz e concordar conosco. Dizem às vezes coisas que não gostamos de ou vir, mas são para o nosso bem. Ouça o que nós temos para lhe dizer.

Virei-me para ela. Pouco me importava que Marty estivesse presente. Passei os braços pelo corpo dela e disse:

— Se você me ama, por que não me aceita como eu sou e não deixa de querer convencer-me a fazer o que eu não quero?

— É justamente por isso, Frankie — disse ela com voz terna.

— Se eu não o amasse, pouco me incomodaria com o que lhe acontecesse Marty olhou muito sério para nós.

— Você foi realmente sincera no que me disse, Ruth?

— Fui — respondeu ela.

Ele sorriu para mim.

— Frank, acho que já pode jogar a toalha. A moça já tomou uma decisão há muito tempo e você não pode ganhar.

Olhei-os. Estavam ambos sorrindo e pensando na mesma coisa.

— De que é que vocês estão falando?

— Devo dizer a ele, Ruth?

— Não — respondeu ela. Isso ele terá de descobrir por si mesmo.

Ela me fez sair da janela. Fomos sentar-nos no sofá e eu passei os braços pelos ombros dela. Ela encostou a cabeça em mim, levantou os olhos e disse:

— Marty esteve há alguns anos na Europa. — Quero que ele lhe fale sobre o que viu lá.

— Que foi? — perguntei com curiosidade.

— É uma história muito comprida — disse Marty.

— Não faz mal. Tenho o dia todo livre — , disse eu, apertando mais Ruth com o braço. Como eu estava, seria capaz até de ouvir a conversa de quem quisesse me vender a Ponte de Brooklin.

— Eu estava na Alemanha em 1935. Vi o que acontece a um país quando os gangsters o dominam.

— Está-se referindo a Hitler? — perguntei. — Que é que isso tem que ver comigo?

Lembrava-me ainda do que havia acontecido em junho daquele ano quando a França caíra. Muita gente andava pela rua, triste, falando em voz baixa. Falara-se muito em guerra com a Alemanha. O nosso movimento havia caído durante alguns dias, mas bem depressa voltou ao normal. Creio até que aumentou um pouco. Mas não fomos à guerra nessa ocasião e eu continuava a pensar que não iríamos — especialmente se não nos metêssemos naquilo que não nos dizia respeito. Marty continuou a falar, sem tomar conhecimento da minha pergunta.

— Em 1935, Hitler estava organizando o seu país. Esmagava impiedosamente todos os que se atreviam a fazer-lhe oposição. Dizia nessa época: "Hoje a Alemanha, amanhã o mundo".

"Ora, estamos nesse amanhã, no amanhã que ele prometeu à Alemanha. Já conquistou o continente europeu, como havia prometido, e hoje só restam dele a Rússia e a Inglaterra. Depois, ele voltará os olhos para o outro lado do oceano, para nós.

Parou por um momento para acender um cigarro. Eu ainda não percebia aonde ele queria chegar. Recomeçou:

— Quando ele principiou a agir, havia quem dissesse que ele não iria durar. Mas eu compreendi que ele duraria pelo tempo em que se deixasse de reconhecer a ameaça que ele de fato era.

"Logo que o mundo reconhecer o que ele é e a que visa, Hitler será detido. Já se está começando a reconhecer e ele vai sendo lentamente detido. A Inglaterra resistirá e a Rússia também. O homem comum irá detê-lo com pontes feitas dos seus corpos, da sua determinação.

"Quando o homem comum decide que uma pessoa não presta e o prejudica, essa pessoa está perdida. Faça o que fizer, o homem comum achará um meio de fazer prevalecer a sua vontade. Ninguém tem força ou inteligência suficientes para vencer o homem comum.

— Está bem —, disse eu. — É claro que vão fazer Hitler parar!

Mas ainda não vejo o que é que eu tenho com isso.

— Devia ver, Frank. O homem comum está contra você. E se ele acha que você tem de parar, vai parar mesmo!

Achei muita graça nisso. Por onde quer que andasse, só via gente rastejando à minha frente. Se estavam contra mim, por que não diziam? Disse a Marty o que eu pensava.

— É exatamente isso, Frank. Era o que eu estava mostrando.

Quando Hitler aparece, só faltam beijar o chão em que ele pisa. Mas fazem isso por medo do que possa acontecer se assim não procederem. E é por isso que as pessoas rastejam, como você diz, diante de você. Têm medo de você. O seu nome se tornou um símbolo de ter ror, de assassinato, de roubo. Têm medo da sua reputação, das coisas que se afirma em segredo que você tem feito. Pode ter feito ou não essas coisas, mas isso não tem mais importância. Não destrói o fato de que todos acreditam que você as fez. E vão destruí-lo, como um dia destruirão Hitler.

— Continuo a não achar sentido nisso — , disse eu, rindo. — Quero apenas é viver em paz. Se não mexerem comigo, não mexerei com ninguém.

— Agora não adianta mais. É o mesmo caso do menino que gritava que o lobo o estava atacando.

— Não posso fazer nada então.

— Pode afastar-se antes que seja tarde demais — disse Ruth.

— Bem escutei o que vocês tinham para me dizer. — Apaguei o cigarro no cinzeiro e acendi outro. — Agora, vão escutar o que eu tenho para dizer. Durante muitos anos, tentei viver da maneira que consideram direito. Trabalhei muito por pouco dinheiro e pouca segurança e para quê?

"Fui acabar num hospital porque estava com fome e não tinha o que comer, porque não podia conseguir um emprego que me pagasse o suficiente para dar-me alguma segurança, porque toda essa história de vencer pelo trabalho honesto não passa de conversa fiada, porque as pessoas que são apontadas como heróis do trabalho honesto, por mais honestos que fossem, por mais arduamente que trabalhassem, só

conseguiram alguma coisa depois que socorreram a filha do patrão ou se casaram com ela. Nunca pude encontrar uma filha de patrão.

"Só encontrei por onde andei gente igual a mim — faminta, pobre, miserável, vivendo do socorro público, da caridade dos outros ou de algum emprego que mal dava para viver e que suspendia sobre as cabeças como uma espada o medo da fome.

"Eu seria um perfeito imbecil se insistisse em viver assim, quando um patrão pode despedir-nos quando se cai doente, quando um homem diz que só se pode ganhar dez dólares quando a gente precisa de quinze para viver, ou de vinte ou trinta quando se precisa de cinquenta.

"Não, não me era possível ser idiota a esse ponto! Queria gozar a vida, ter as boas coisas da vida: dinheiro no bolso, um automóvel, um bom lugar para viver, as coisas que valem a pena — as coisas que se podem ter na mão, sentir, e comer. O caminho que escolhi foi o único em condições de me permitir conseguir essas coisas, o único que estava aberto para mim. E foi assim que consegui o que queria.

— Mas, Frank — , disse Marty, pacientemente — , não percebe que em parte a culpa foi sua?

— Talvez, mas não foi o que eu quis. Da minha parte, esforcei-me ao máximo e não deu resultado.

Ruth me disse então:

— Frankie, você devia ter vivido na antigüidade. Mas os dias de pirataria terminaram. Não é mais possível abrir caminho a ferro e fogo. Não é mais possível lançar a mão sobre o que se deseja e mandar os outros para o inferno. Temos de conviver com os outros e dividir tudo com eles. É impossível cada qual ficar no seu canto e fechar os olhos a tudo o que acontece em derredor.

Pensei em Marianne. Era isso que ela queria que eu fizesse: meter-me num canto e não tomar conhecimento do resto do mundo. Eu a havia deixado porque não concordava com isso. Ou teria apenas trocado um canto por outro?

Mas Gerro havia acreditado nas mesmas coisas em que Ruth acreditava. Pensava e vivia de acordo com os seus ideais e qual o resultado

que isso lhe tinha dado? Eu sabia mais do que qualquer deles o que era que eu queria. E ia conseguir tudo o que queria ao meu modo.

Levantei-me, dei alguns passos e encarei ambos.

— Não compreendo o ponto de vista de vocês e vocês não compreendem o meu — , disse calmamente.

Ruth levantou-se do sofá e se aproximou de mim.

— Mas, querido — , disse ela, com os olhos fitos nos meus — , compreendemos perfeitamente o que você diz. Achamos apenas que você está errado porque isso não dará resultado.

Nada disse.

Ela se voltou para o irmão com um gesto desalentado.

— Marty, por favor, faça-o compreender Marty olhou-nos e de repente se levantou e disse:

— Vou descer um instante. Parece que a questão tem de ser resolvida entre vocês dois. Não se trata mais de saber quem tem razão ou quem está errado. É uma questão de saber quem ama mais o outro e quem está disposto a ceder mais.

Saiu. Ruth olhou para mim. Aproximei-me dela, tomei-a nos braços e beijei-a. Ela não correspondeu ao meu beijo. Beijei-lhe os olhos, os cabelos, as faces, o pescoço e a boca. Levei-a para o sofá e continuei a beijá-la impetuosamente, brutalmente. Os meus beijos deixavam-lhe marcas na pele.

De repente, ela me beijou também. Olhei-a. Estava com os olhos semicerrados e a boca trêmula. Abraçava-a com força e podia sentir o desejo que lhe fazia tremer o corpo.

— Amo-a, Ruth — , murmurei.

Ela fechou os olhos e tornou a beijar-me.

— Quero você — , disse eu, continuando a beijá-la. — Preciso de você. Não deixe que nada se levante entre nós dois.

A respiração dela era ofegante. Podia sentir-lhe os dentes pequenos e brancos nos lábios enquanto ela me beijava. Guiou-me a cabeça com as mãos para o seu seio e deixou-a repousar ali.

Ela tremia nos meus braços com os olhos úmidos e a boca entreaberta.

— Ruth!

Ela me olhou. As lágrimas lhe brilhavam nos cantos dos olhos como pequenos diamantes. Havia neles amor e também compaixão, compreensão e desejo. Quase imperceptivelmente, ela sacudiu a cabeça.

— Não, querido — disse ela docemente — , não é esse o caminho.

Enterrei o rosto na sua carne cheirosa.

— Quero você, Ruth!

— Quero você também, Frank, mas não apenas assim. Quero você de verdade, pelo resto da vida e não por minutos. — Beijou-me de novo apaixonadamente e perguntou: — Compreende, querido?

Olhei-a por um momento e levantei-me. Procurei automaticamente um cigarro no bolso. Compreendia, sim.

Tinha de ser de acordo com as regras dela ou nada feito.

Ela me olhava fixamente enquanto eu acendia o cigarro. Creio que leu os meus pensamentos porque se levantou, chegou perto de mim e perguntou:

— Não compreende, não é?

— Não, não compreendo — , disse eu, quase com revolta. — Não posso entender a diferença que isso faria para você, se me tivesse suficiente amor. Seria melhor para nós que eu fosse um gari da rua?

— Talvez ajudasse. Não é o que você é, Frankie, é o que você faz. Você tem de fazer coisas cruéis e baixas. Tem de ser duro e impiedoso. Não é possível fazer essas coisas durante o dia e ser uma pessoa diferente à noite. Com o tempo, as duas coisas se confundirão e você acabará sendo apenas o que faz.

Comecei a responder-lhe para dizer que ela estava totalmente enganada, mas nisso Marty bateu eu lhe abri a porta.

Marty olhou para Ruth e depois para mim. A pergunta que não fez foi respondida pelos nossos atos. Não me deu mais conselhos. Sabia quando devia ficar calado. Os dois saíram alguns minutos depois e me deixaram sozinho no apartamento.

Pensei no que Ruth havia dito e no que eu sentia por mim. Ela devia saber que não se podia largar uma posição boa como a que eu havia alcançado com a mesma facilidade com que se deixa um livro que se está lendo. Muito dependia daquilo. Eu trabalhara terrivelmente para chegar até ali. E não ia abrir mão de tudo por mulher nenhuma — nem mesmo tratando-se de Ruth.

Mas aquilo me estragara sem dúvida alguma o dia. Para mim, não havia mais primavera.

Os meses seguintes foram surpreendentemente bons para mim. Os rapazes estavam tendo cuidado e Fennelli comportava-se bem. Os negócios iam muito bem e eu tirava para mim o dinheiro que podia. Não me iludia. Aquilo não ia durar para sempre, mas eu tinha de arrancar o mais que pudesse.

Só em fins de maio é que aconteceu alguma coisa fora do comum. E de uma maneira que eu nunca havia esperado. Eram quase quatro horas da tarde. O dia tinha sido um pouco agitado e eu estava bem cansado. De repente, o interfone tocou. Liguei a chave.

— Que é?

— O Sr. Moscowits quer falar com o senhor — Mande- entrar, Miss Walsh, — , disse eu, desligando e pensando no que ele poderia querer comigo.

Ele entrou, desajeitado como sempre. Levantei-me sorrindo, apertei-lhe a mão e nós nos sentamos.

— Que é que há, Moishe?

Entrou diretamente no assunto. Era uma coisa que me agradava nele. Era da velha guarda dos jogadores, um daqueles homens antigos que

cumpriam a sua palavra e que procediam corretamente à sua maneira. Nada havia de falso nele.

— Frank, vou deixar dessa vida.

Olhei-o em silêncio durante alguns instantes. Depois, acendi um cigarro e perguntei:

— Por quê?

— Não é porque esteja com medo. Nada disso! Mas já estou ficando velho demais para essa vida. É uma tensão muito grande para mim. Gostaria de ir para bem longe com minha patroa e viver ainda alguns anos sem preocupações.

Fiquei ali olhando-o, sem saber o que fazer. Não era uma ocasião propícia para que eu deixasse ninguém sair. Não seria bom para os outros se eu consentisse no afastamento dele. Pensariam que eu estava ficando sem fibra. Mas, afinal de contas, uma pessoa tinha todo o direito de fazer o que quisesse e eu sabia que ele procederia corretamente e não diria uma palavra a nosso respeito. Empurrei em silêncio uma caixa de charutos para ele.

Ele aceitou um charuto e acendeu-o. Disse-lhe então:

— Sabe como os outros vão reagir a isso, não sabe?

Ele assentiu com gravidade.

— Pensarão que você está com medo e irá abrir a boca e contar tudo.

— Eles me conhecem demais e não poderão pensar uma coisa dessas, Frank. Moishe Moscowits nunca traiu ninguém em toda a sua vida e não iria começar aos sessenta e dois anos de idade.

Não sabia que ele era tão velho. Ficamos de novo em silêncio. Virei a cadeira para a janela.

— E que é que vamos fazer com o seu território? — perguntei, de costas para ele.

— Pode dividi-lo entre os outros.

— E sua parte do bolo?

— Pode ficar também com ela se for preciso Moishe não estava hesitando em usar um pouco de suborno para conseguir o que queria. Calculei rapidamente. A parte dele andava nuns cem mil dólares.

— Para onde pretende ir? — perguntei. Sabia que ele tinha uma pequena propriedade na Califórnia e queria saber se ele diria a verdade. Disse.

— Tenho uma fazendola na Califórnia. Posso ir viver ali em paz, como minha mulher deseja.

Virei a cadeira e olhei para ele.

— Quando tenciona ir?

— Logo que você concordar.

Fiquei pensando e ele, alguns instantes depois, falou:

— Frank, que é que adianta ter dinheiro e n poder gozá-lo? Tenho dinheiro de sobra, mas aqui não posso gozá-lo. Os problemas, os trabalhos, as dores de cabeça não param. Quero um pouco de paz no fim da vida.

Tomei uma decisão. fie tinha direito a um pouco de paz na sua idade e ia tê-la.

— Está bem, Moishe. Pode ir.

Era capaz de jurar que as lágrimas lhe chegaram aos olhos, mas ele se controlou muito bem. Apenas não dominou o tremor que lhe transpareceu na voz quando me disse com uma espécie de alegria contida:

— Obrigado, muito obrigado.

— Saia da cidade lá para o fim da semana — , disse-lhe eu. — Não diga nada a ninguém. Não quero que nenhum dos outros saiba disso até eu dizer e eu só direi depois de você ir-se embora.

Liguei o telefone para Mackson. Era o camarada que estava no lugar de Joe.

— Em quanto está o bolo agora?

— Um milhão e cento e dez mil, Sr. Kane — , respondeu ele.

Assim era mais fácil.

— Faça um cheque pagável a Moishe Moscowits de cento e dez mil dólares e mande-o aqui para mim agora.

Quando desliguei, os olhos de Moishe estavam brilhando.

— Se você precisa do dinheiro, eu posso esperar, Frank.

Sacudi a cabeça.

— Você sempre pagou a sua quota. Tem o direito de levar o que é seu.

Mackson chegou com o cheque. Recebi-o, assinei-o e entreguei-o a Moishe. Ele me agradeceu e eu ainda dei um conselho.

— Não converse com ninguém sobre isso, Moishe. Deixe o seu apartamento como está. Não venda nada e não leve muita coisa com você. Tome o seu carro com duas ou três malas apenas e saia como se fosse passar o fim-de-semana fora. Quero que desapareça e deixe o resto comigo.

Apertamo-nos as mãos e eu o levei até à porta. Foi então que ele me disse:

— Frank, meu filho, aceite um conselho de um velho. Saia disso enquanto você ainda pode. Você é um bom rapaz e muito inteligente. Vivi muito mais do que você e sei o que lhe digo. São poucos entre nós os que saem quando querem. Em geral, vamos ficando enquanto somos moços. E quando mais se fica, mais difícil é sair. Fica-se cada vez com mais vontade de ganhar dinheiro e quase sempre recebe-se como saldo de tudo uma bala. Se fosse qualquer outro que não você, eu não poderia fazer o que estou fazendo. Não deixe ninguém impedi-lo de sair, porque no fim só lhe vão pagar com chumbo.

Interrompi-o com uma risada.

— Não se preocupe comigo, Moishe. Faça o que eu lhe disse.

— Vou fazer, Frank — , disse ele e saiu.

Voltei para a minha mesa e sentei-me. Não ia ser fácil convencer os outros de que eu tinha agido direito. Mas que fossem para o diabo!

Um homem tem o direito de acabar a sua vida em paz.

Alguns dias depois, Silk apareceu no escritório. Sentou-se na cadeira diante da minha mesa. Entrou logo no assunto.

— Andam dizendo que Moscowits quer dar o fora.

— Também soube — disse eu.

Se ele queria despertar meu interesse, não ia conseguir. Ele continuou:

— Para dizer a verdade, Frank, alguns dos companheiros andam dizendo que você sabe de tudo e que ele conta com a sua aprovação.

— Todo mundo só faz as coisas com a minha aprovação.

— Não estão gostando disso, Frank. Dizem que você está começando a fraquejar.

Ri e perguntei:

— E você o que é que diz, Silk?

Ele devia saber. Tentara duas vezes levar-me à parede e ainda estava longe de conseguir alguma coisa. Não respondeu.

Ficamos em silêncio alguns minutos enquanto eu mexia em alguns papéis na minha mesa. Por fim, olhei-o.

— Se era só isso que me queria dizer, Silk, pode ir saindo.

Não lhe dei nem a confiança de dizer que estava ocupado.

— Bem, pensei que devia dizer-lhe o que os outros andam pensando, Frank. E se é verdade, eles não vão gostar.

— Sei o que estão dizendo, Silk. E sei muito antes de você. Sei também quem é que está dizendo e, se eu fosse você, mandaria botar um fecho no lugar que lhe serve de boca que é para que alguém não a feche para você — com agulha e linha!

Por um breve instante, ele se deu o prazer de deixar o ódio que tinha de mim se mostrar nos seus olhos. Mas só por um segundo. Era uma coisa muito custosa para que ele se entregasse demais a ela. Baixou os olhos e voltou ao normal. Deu-me um adeus afetado e disse:

— Está muito bem. Depois não diga que eu não o avisei.

E saiu do escritório.

Corri para o telefone e pedi à telefonista que procurasse Moscowits. Não estava no clube. Disse-lhe que ligasse para a casa dele. Foi uma voz de mulher com um leve sotaque judeu que atendeu.

— Alô?

— O Sr. Moscowits está? — perguntei.

— Não, não está.

É Frank Kane quem fala. Sabe onde poderei encontrá-lo?

— Não sei não, Sr. Kane. E estou muito preocupada porque ele não voltou para casa ontem à noite.

— É a Sra. Moscowits que fala?

— Sou eu, sim Sr. Kane. E estou preocupada. Moishe sempre telefona me avisando quando não pode vir para casa.

— Disse-lhe para onde ia quando saiu de casa?

— Disse que ia ao centro para encontrar-se com dois dos companheiros. Isso foi ontem à tarde.

Pensei um momento. Silk devia estar com Moscowits detido em algum lugar, pois do contrário não iria falar comigo.

— Está bem. Não fique mais preocupada. Ele com certeza está resolvendo algum negócio importante e não pôde telefonar. Vou procurá-lo e dizer-lhe que lhe telefone.

— Obrigada, Sr. Kane.

— Não há de quê. Até logo.

Desliguei e virei-me para a janela. Estava um dia lindo e claro e podiam-se ver até os carros que passavam do outro lado do Hudson.

Seria possível? Silk me armara mais uma e eu precisava de muita sorte para me sair bem dessa vez. Se dessem fim em Moishe sem eu conseguir impedi-los, meu domínio sobre eles iria por água abaixo. Silk sabia muito bem disso.

O telefone tocou. Atendi mais que depressa — O Sr. Price ao telefone — disse-me Miss Walsh.

— Pode ligar.

— Alô, Frank — , disse Joe do outro lado do fio.

— Como vai, Joe?

— Muito bem — Como vão as coisas?

— Foi por isso mesmo que lhe telefonei. A fábrica de eletrolas automáticas vai-se transformar numa mina de ouro, sabe? Um inspetor do governo e alguns oficiais do exército acabaram de fazer uma inspeção na fábrica e querem que assinemos um contrato com o governo para fabricar material de rádio.

— Vamos gastar muito com isso?

— Nem um centavo, Frank O governo vai financiar tudo. Faz parte do programa de defesa nacional. Eles darão o dinheiro para a conversão. Nós nos limitaremos a produzir o material e embolsar os lucros.

Eu tinha outras coisas em que pensar e não podia estar perdendo tempo com aquilo.

— Escute aqui, Joe. Estou de serviço até o pescoço. Faça o que você achar que está certo. Depois conversaremos sobre isso.

— A coisa me parece excelente, Frank. A guerra vem aí e com esse contrato estaremos com uma boa dianteira sobre os concorrentes.

— OK, OK! — disse eu. — Faça o que quiser, Joe!

Que me importava lá a outra guerra, quando eu estava metido na minha guerra particular? Liguei para Miss Walsh.

— Não estou para mais ninguém hoje, compreendeu?

Atraquei-me então ao telefone. Tinha de saber para onde tinham levado Moscowits antes que dessem cabo dele. E se dessem cabo dele, eu queria aquele cheque antes que eles o pegassem. Eu sabia que ele só iria depositá-lo depois de chegar à Califórnia e não queria arriscar-me.

Às quatro horas da tarde, sabia onde ele estava. Tinham-no levado para uma garagem na Décima Segunda Avenida. Fennelli ia vê-lo com alguns dos rapazes às dez horas da noite. Eu tinha de estar lá antes deles.

Telefonei pedindo o meu carro. Desci às seis horas, jantei e depois fui no carro para Nova York. Tinha algum tempo livre até às oito e meia e, num impulso, fui até à casa de Ruth.

Subi no elevador e toquei a campainha do apartamento. Foi ela que me abriu a porta. Ficou um momento parada a olhar-me.

Nada pude dizer também. Queria dizer alguma coisa, como perguntar por Marty, mas não podia. Bastava-me olhar para ela e ficava assim.

Ela se afastou da porta ainda calada e eu entrei. Beije logo que a porta se fechou.

— Alô, Ruth.

Ela recuou um pouco.

— Que veio fazer aqui?

— Vim ver você —, disse eu. Não sabia até àquele momento o que isso representava para mim, mas, depois que falei, fiquei sabendo.

Ela se dirigiu para a sala. Joguei o chapéu e o sobretudo em cima de uma cadeira e acompanhei-a. Ela apanhou um cigarro numa caixa em cima da mesinha de café e acendeu-o lenta e deliberada-mente. Sabia que me tinha nas mãos e ia aproveitar o momento.

Arranquei-lhe o cigarro da mão, apaguei-o no cinzeiro e tomei-a nos braços. Ela não correspondeu ao meu abraço. Beije-a.

— Ruth!

Ela não pôde mais. Levantou a mão para afagar-me o rosto e pousou a cabeça no meu ombro.

— Mude de idéia, querida — murmurei. — Não podemos continuar assim.

Ela me interrompeu com um beijo. Abracei-a mais e senti-lhe o palpitar do coração. Beijou-me de novo.

— Não, meu bem...

Levei-a para o sofá. Beijamo-nos de novo. Sentia que a pressão era cada vez mais forte nela. Os lábios dela estavam frios ao contato, mas ardiam com promessas. Tudo começou a girar em torno de nós. De repente, ela começou a chorar no meu ombro. Ouvi-lhe a voz entre os soluços.

Frank, temos de parar. Já passamos por isso uma vez.

As coisas cessaram o seu giro alucinado. Levantei-me e peguei um cigarro com os dedos trêmulos. Ela me olhava com os olhos cheios de lágrimas. Sentei-me e passei o braço pelos ombros dela. Eu já estava bem. Ela descansou a cabeça no meu ombro.

— Ruth, quer-se casar comigo agora... ainda esta noite?

Quase não reconheci a voz com que disse isso. Havia nela um tom de súplica e de desejo que era coisa inteiramente nova para mim.

Ela não respondeu imediatamente. Procurou durante alguns minutos conter os soluços e então disse:

— Quero-o tanto, meu amor.

— Vai casar-se comigo?

Ela me olhou no fundo dos olhos e disse — Não posso.

— Mas não acabou de dizer...

— Quem você, sim, Frankie. Mas quero você para sempre!

Olhei-a. As luzes da sala não estavam acesas e o rosto dela na penumbra era um camafeu branco. Peguei-lhe então o rosto com as duas mãos, sentindo a pele macia.

Nesse momento, fiz uma promessa — a primeira de minha vida!

— Amo-a, querida. E você não terá de esperar muito pelo que deseja. Vai ser uma noiva de junho.

— Não me está mentindo, Frank?

— A você não mentiria nunca!

— Ainda não posso acreditar que seja verdade! — disse ela, emocionada.

Beijei-a e disse:

— Pode acreditar, querida!

Sai de lá exatamente às oito e meia.

Estacionei o carro a duas ruas da garagem e fiz a pé o resto do caminho. Era uma zona que eu conhecia bem. Havia-me criado ali. Tudo aquilo fazia parte do território que eu havia coberto muitos anos antes para Keough. Às noites, aquilo ficava deserto.

A garagem ocupava cerca de meio quarteirão na rua que descia para o rio e um quarto do quarteirão na parte que dava para a avenida. Havia um grande portão central na frente, que estava com as portas de aço descidas e trancada e outra entrada por uma espécie de travessa do lado do prédio.

Meti as mãos nos bolsos. Com uma delas, segurava a automática que havia pegado ao sair do escritório, na outra, uma pequena lanterna elétrica que apanhara no carro. Passei uma vez pela garagem. Não havia sinal de vida lá dentro. Na volta, entrei pela travessa. Estava escuro, escuro de verdade. Eu não enxergava meio metro à minha frente. Com a mão na parede, fui até ao fim da travessa. Não queria acender a lanterna, pois isso poderia chamar a atenção de quem estivesse dentro da garagem. Procurava caminhar sem fazer barulho, mas os meus passos ressoavam no silêncio. Senti o coração bater um pouco. A respiração era entrecortada e eu sentia a testa banhada de suor, embora não estivesse fazendo muito calor.

Senti com a mão uma abertura na parede. Era uma porta. Um leve toque mostrou que estava trancada. Continuei com a mão encostada à parede e parei diante de uma porta de madeira. A noite estava escura e eu nada podia ver. Estendi a mão para cima o mais que me era possível, mas não alcancei o alto da porta. Procurei alguma brecha na parede e não a encontrei. A parede era lisa e se estendia até o prédio no outro lado da travessa. Tornei a descer a travessa, ainda com a mão na parede. No meio do caminho para a rua havia uma porta; os olhos estavam mais habituados à escuridão e eu podia ver melhor. Experimentei a porta. Estava trancada. Olhei para a fechadura. Parecia que uma chave de modelo antigo seria capaz de abri-la. Eu tinha uma dessas chaves na minha penca. Tirei-a e meti-a na fechadura. Rodei-a na fechadura. Esta rangeu um pouco, mas a chave deu toda a volta, abrindo a porta.

Entreí na escuridão do prédio, fechei a porta e tranquei-a. Depois, tirei a lanterna e acendi-a. Estava numa espécie de depósito. Havia ali

grandes caixas de madeira empilhadas. Conservei a luz da lanterna voltada para o chão, a fim de que ninguém pudesse vê-la do lado de fora pelas janelas — se havia janelas. Fui até aos fundos do depósito. Havia uma porta e eu saí por ela para uma espécie de plataforma de carga ao lado de um desvio de estrada de ferro, onde havia alguns vagões de carga.

Olhei para a garagem. Os trilhos passavam perto dela ao lado de uma cerca. Os vagões estavam perto da cerca. Subi no vagão mais próximo da plataforma, atravessei-o no teto até chegar bem atrás da garagem. Desci então pela escada do vagão até chegar ao nível do alto da cerca. Olhei de novo para a garagem ainda na escada.

A garagem tinha duas janelas com as vidraças pintadas de preto, mas alguma luz se filtrava através de arranhões na tinta. Havia também uma porta. Larguei a escada do vagão e caí do lado de dentro da cerca. Cheguei ao chão sem fazer barulho. Depois, levantei-me e fui até à porta. Havia alguns grandes tambores de óleo do lado de fora nos fundos da garagem. Contornei os tambores, levei à mão à porta e empurrei-a de leve. A porta se abriu.

Estava escuro lá dentro, mas havia uma luz de algum ponto à esquerda. Encaminhei-me para onde estava a luz, pisando bem de leve. Havia ali grandes carros de reboque e, enquanto eu não passasse por eles, não podia ver de onde vinha a luz. Vi, afinal.

Vinha de um pequeno escritório num canto da garagem. Três homens estavam ali, sentados a uma mesa, jogando cartas. Um deles era Moishe. Não pude reconhecer os outros dois, pois estavam um pouco de costas para mim. Corri os olhos pelo espaço aberto que havia entre o escritório e o ponto onde eu estava. Se eu o atravessasse diretamente, eles poderiam ouvir alguma coisa e virar-se ou talvez Moishe me visse e me denunciasse sem querer, olhando-me.

Meti-me entre os reboques até chegar à parede e segui então para o escritório colado à parede. Assim, teria apenas alguns metros de espaço aberto para atravessar a fim de chegar ao escritório. Tinha de arriscar-me nesse ponto e não podia deixar de fazê-lo.

Moishe foi o primeiro que me viu. Nem bateu as pestanas. Jogou três cartas em cima da mesa e disse:

— Quero três Um dos homens disse — Já viu a sorte desse camarada? Vai ao jogo com um par e ganha sempre. Estou quase liso.

— Que importância tem isso? — resmungou o outro. — Ele não vai precisar de dinheiro no lugar para onde vai. De qualquer maneira, nós é que vamos ganhar.

O primeiro homem riu.

— Tem razão, Flix. Eu não havia pensado nisso.

Moishe pegou as três cartas que havia pedido e começou a chorá-las. Nessa hora, eu já estava na porta.

Falei em voz baixa, com as mãos nos bolsos do casaco.

— Deixe que eu acabo o jogo por você, Moishe.

Moishe levantou os olhos e sorriu. Os dois homens se voltaram rapidamente para a porta. Reconheci um deles, o que se chamava Flix. Fora o camarada que me levara para a cidade daquela vez a mando de Silk. Moveu-se com rapidez, estendendo a mão para a pistola que estava em cima da mesa.

Moishe foi mais rápido e apanhou a pistola.

Olhei firmemente para Flix. Falava ainda com voz baixa. Tirei as mãos dos bolsos sem trazer nada.

— Entregue-lhe a pistola, Moishe — , disse eu. — Esse camarada pensa que é muito valente.

Moishe olhou para mim como se me julgasse louco. Depois, estendeu a pistola para Flix, que parecia ter-se imobilizado como uma estátua, de olhos voltados para mim.

— Pegue a pistola, Flix — , disse eu. — Está com vergonha?

Tirou os olhos de mim, e desceu as mãos para bem longe da pistola que Moishe lhe estendia. Aproximei-me dele com as mãos ainda vazias. Flix ainda estava sentado, com o corpo um pouco encurvado na cadeira.

— Então, como é, valentão? Sem uma arma na mão você não é tão disposto assim, hem?

Ele não respondeu.

Agarrei-o pela gola do paletó e fi-lo levantar-se. Ficou ali à minha frente com o corpo meio dobrado. Levantei o joelho com toda a força por entre as pernas dele e ele se dobrou ainda mais. Dei-lhe então um soco no rosto e ele foi ao chão. Dei-lhe ainda um pontapé e ele nem se moveu.

Voltei-me para o outro homem.

— Levante-o e sente-o numa cadeira.

O homem olhava para mim, branco como cera. Parecia incapaz de qualquer movimento.

— Não ouviu? — gritei-lhe de súbito.

O homem deu um pulo e obedeceu. Colocou Flix na cadeira e voltou-se para mim. Flix estava meio sentado na cadeira, meio caído por cima da mesa. Não estava sem sentidos, mas não podia mover-se.

Só então Moishe falou.

— Pensei a principio que fosse você, Frank.

— Sei o que você pensou — repliquei calmamente — , mas eu lhe tinha dado a minha palavra.

— Agora eu sei, Frank.

— Está bem, Moishe. De qualquer modo, isso é assunto encerrado e não interessa mais. Vá logo para casa que sua mulher está muito preocupada. Logo que chegar lá, inicie a sua viagem.

Fui para uma cadeira e sentei-me.

— Que é que vai fazer? — perguntou ele.

— Não disse? Vou acabar o seu jogo.

Peguei as cartas dele. Estava com sorte mesmo. Tinha um straight flush em espadas.

Vi Moishe sair. Da porta, voltou-se e ainda me deu adeus. Olhei para os dois pistoleiros. Flix estava começando a mostrar algum interesse pelas coisas. Levantou a cabeça.

— Há quanto tempo trabalha para Fennelli? — perguntei-lhe.

— Não sei de quem é que está falando.

— Quem foi que lhe disse então que pegasse Moscowits?

— Um camarada me passou quinhentos dólares e apontou-me o homem.

— Não me venha com conversa fiada! Um camarada escolado como você não iria fazer um serviço desses sem cobertura.

Ele não respondeu.

— Quem foi que tirou você da cadeia depois daquele caso com o Procurador?

— Meu advogado.

Ficamos ali em silêncio a olhar-nos. Flix estava remoendo alguma coisa na cabeça. Bastava olhá-lo para ver que não tardaria muito a dizer o que era. Eu tinha apenas de esperar.

Esperei menos do que pensava. De repente, os olhos dele faiscaram e ele perguntou:

— Por que foi que mandou matar minha irmã?

Sorri, sabendo que ele não ia gostar do meu sorriso.

— Não a mandei matar e não sabia que era sua irmã. Mas, se ela era a sua irmã, para que foi que você a meteu naquela sujeira?

Ele não respondeu.

— Não mandei matar sua irmã, mas sei quem foi que mandou.

Quem sabe se não podemos trocar algumas informações?

Ele pensou um pouco e respondeu:

— É possível.

Aquilo estava começando a ficar interessante e eu disse:

— E então? Comece a falar.

Ele abriu a boca, mas um estalo na porta da frente o fez calar-se. Virou a cabeça para o lado e escutou. Eu também estava escutando. Ouvi vozes na porta. Recuei um pouco de perto da luz e tirei a pistola. Levei o dedo aos lábios. As vozes se aproximaram.

Vi quem eram: Fennelli, Riordan e Taylor. Precisavam de mais alguns homens e teriam quorum para uma reunião do grupo. Vinham conversando e entraram na sala.

Flix se voltara para esperá-los. O outro ainda estava jogado em cima de uma cadeira, Não sabia nem o que fazer de tão amedrontado que estava.

Fennelli não me viu logo, pois eu estava bem longe da luz.

— Moishe — , murmurou ele.

Apareci de repente diante dele ainda de pistola em punho.

— Moishe teve de sair da cidade — disse eu — , e eu fiquei no lugar dele.

Silk nem bateu as pestanas.

— Olá, Frank Que bom encontrá-lo aqui. Passei a tarde toda à sua procura. Moishe estava tentando fugir.

Sorri. Aquilo era quase engraçado — Você estava então tentando segurá-lo para mim?

— Exatamente.

— E trouxe dois companheiros para vigiá-lo quando não pôde encontrar-me?

— Isso mesmo, Frank Tudo mentira do principio ao fim! Ele mandara pegar Moishe desde a noite anterior e estivera comigo naquela manhã. Tivera tempo de sobra para ser correto comigo. Fiquei em silêncio.

Ele começou a vacilar um pouco. Correu os olhos pelo escritório. Eu continuava a olhá-lo. De repente, fiz uma coisa que estava com vontade de fazer havia várias semanas. Virei a pistola e bati com ela com toda a força no rosto dele. Ele caiu de joelhos pro curando alcançar com as mãos a cava do casaco.

Esperei que ele tirasse a pistola para então jogá-lo longe com um pontapé. file ficou com os olhos voltados para mim e o rosto muito branco. Passei por ele, apanhei a pistola no chão e guardei-a no bolso.

Dei a volta pela mesa, sentei-me numa cadeira e olhei para Riordan e Taylor.

— Qual é a participação de vocês dois nisso?

— Não sabemos nada desse caso, Frank — , respondeu Taylor.

— Silk nos disse que tinha uma coisa para nos mostrar.

Parecia estar dizendo a verdade.

— Sentem-se — disse. — Temos o que conversar.

Sentaram-se. Olhei para Silk, que ainda estava no chão, e disse:

— Você também!

Ele se levantou e sentou-se numa cadeira.

Flix estava de pé atrás de Fennelli. Olhei-o e disse:

— Flix ia-me dizer alguma coisa quando vocês chegaram.

Flix ficou calado. Olhei para ele.

— Eu lhe disse que sabia quem havia mandado matar sua irmã.

Só uma pessoa além de nós dois sabia do que aconteceu naquela noite em que você preparou a cilada contra mim. Foi Fennelli. Fui à casa dele logo depois que tudo aconteceu e contei-lhe a história, ele me prometeu ficar atento para ver quem tinha feito isso. Preciso dizer mais alguma coisa?

Flix me olhou desvairadamente. De repente, colocou as mãos em torno do pescoço de Fennelli e começou a estrangulá-lo.

Silk procurou desesperada, mas inutilmente livrar-se. Fiquei calmamente olhando. O rosto de Silk ficou vermelho. Foi pouco a pouco debatendo-se menos, à medida que o rosto se arroxava.

Achei que Flix já tinha ido longe demais. Não queria que ele matasse o outro, mas apenas que lhe desse um ensino.

— OK, Flix — , disse eu. — Chega.

Mas ele não me ouviu e continuou a apertar o pescoço de Silk. Apontei a pistola para Flix e disse-lhe:

— Estou dizendo que chega!

Flix tirou as mãos e ficou ali olhando para Silk, cheio de raiva. Silk caíra com o corpo em cima da mesa. Estava desacordado.

— Vá buscar água para Silk — , disse eu a Taylor.

Ele se levantou, foi até um gelador de água num canto e trouxe um copo de papel cheio para Silk. Ficou então ali olhando-me sem saber o que fazer.

Olhei para Taylor e sorri. Levantei-me, fui até ao bebedor, tirei o garrafão de água e joguei quase tudo em cima de Silk.

Ele voltou a si quando sentiu o impacto da água. Murmurou algumas coisas ininteligíveis, pois a garganta estava muito dolorida para que pudesse falar. As roupas estavam ensopadas, mas o corpo se aprumou na cadeira.

Depositei no chão o garrafão de água e disse calmamente:

— Quero que prestem atenção ao que vou dizer. Dei permissão a Moishe para retirar-se da organização. Quando vocês chegarem à idade dele, o que só acontecerá se procederem corretamente comigo, poderão retirar-se também. Terão esse direito. Mas até lá é bom que não se esqueçam de quem é que manda.

Nada disseram e eu acrescentei.

— Agora, vão saindo e levem Silk a um médico. Não quero que ele pegue um resfriado ou coisa parecida.

O homem que estava com Flix foi o primeiro a sair. Os outros o seguiram segundos depois, isto é, todos menos Flix, que ficou parado diante de mim.

— Que é que você quer? — perguntei-lhe.

Sorriu de repente. Não havia muito calor naquele sorriso, mas havia respeito.

— O senhor é um bocado valente — , disse ele.

— Ora, há muita gente assim.

— Como o senhor, bem poucos.

Ele estava querendo alguma coisa. Eu não sabia o que era, mas não ia perguntar. Se ele quisesse, tinha de pedir.

— Estou querendo uma oportunidade — , disse ele, afinal.

Joguei a pistola dele em cima da mesa, ele apanhou-a, guardou-a e continuou a olhar-me.

Comecei a pensar rapidamente. Estava na hora para mim de utilizar os préstimos de um camarada como aquele. Havia muitas coisas em jogo com as quais eu tinha de ter cuidado. Falei lentamente.

— Preciso de alguém que não perca a cabeça e que não deixe os sentimentos pessoais interferirem com a sua ação.

— Não perco a cabeça. Faço o que me mandam. É o meu lema.

Sorri. Aquilo ia dar a Silk motivos para pensar.

— Está empregado, disse eu Por duzentos dólares semanais, eu tinha um guarda-costas.

Na manhã seguinte, telefonei para Joe Price.

— Joe — disse eu quando ê atendeu — estava ontem todo atrapalhado quando você telefonou. Quero que fale de novo sobre a transação que você mencionou.

Joe repetiu a proposta. Escutei atentamente e me pareceu bem.

— Você tem de ficar aí durante algum tempo, não é? — perguntei.

— Devo ficar. Mas por quê? Há alguma coisa?

— Não. Mas quero que faça um serviço para mim e gostaria de tê-lo aqui agora.

— Estarei aí no domingo — disse ele. Joe era ótimo! Não fazia nem perguntas.

— Muito bem, Joe. Vá falar comigo no hotel logo que chegar.

Desliguei o telefone e toquei a cigarra. Miss Walsh atendeu.

— Mande Powell aqui.

Flix apareceu na porta. Era a primeira vez que entrava no escritório. Correu os olhos por tudo e eu vi que tinha ficado impressionado. Disse-lhe que se sentasse e perguntei:

— Como se está sentindo?

O rosto ainda estava inchado, mas ele sorriu.

— Mais ou menos.

Ouviu em silêncio o que eu lhe dizia que queria. Dali por diante, qualquer pessoa que quisesse falar comigo teria de vê-lo antes, no escritório e em casa. Havia providenciado com o hotel para dar-lhe um quarto ao lado do meu apartamento e para encaminhar a ele quem me fosse ver, ainda que tivesse falado antes comigo. No escritório, ele se sentaria numa cadeira perto da mesa de Miss Walsh que ficava bem em frente à minha porta.

Quando acabei, perguntei se tinha alguma pergunta a fazer. Disse-me que não e eu o mandei embora. Recostei-me um momento na cadeira pensando. Conhecendo Silk como conhecia, sabia que ele tentaria liquidar-me na primeira oportunidade. E tomaria todas as providências para dessa vez não falhar. A única maneira que eu tinha de continuar vivo era estar um passo à frente dele... ou liquidá-lo antes. E isso eu não queria fazer. Os meus planos em relação ao cachorro eram outros.

Disquei para Ruth no telefone de ligação direta.

Ela atendeu — Alô?

— Alô, querida. Não pude deixar de telefonar-lhe. Tinha de ouvir a sua voz.

Ela riu pelo telefone.

— Queria falar com você também para pedir-lhe que me repetisse aquilo que me disse ontem à noite. Ainda não posso acreditar que esteja falando a sério.

— Estou, sim, meu bem. Amo-a. Recebeu minhas flores?

Tinha-lhe mandado naquela manhã uma caixa de orquídeas.

— Recebi, sim. Achei lindas.

Mais algumas palavras e desligamos. Sentia-me muito bem disposto e ataquei o trabalho que tinha em cima da mesa, cantarolando.

Fui vê-la naquela noite. Flix deve ter ficado muito aborrecido de me esperar no carro até às duas da madrugada, mas nada me disse quando eu finalmente apareci.

No domingo, Price chegou ao meu apartamento às onze horas da manhã. Olhou para mim cheio de curiosidade quando entrou acompanhado de Flix. Disse a este que não precisava mais dele e, quando ele saiu, contei a Price tudo o que havia acontecido.

— Ah, agora compreendo por que estava ocupadíssimo —, disse ele.
— Que é que quer que eu faça?

Despejei toda a carga em cima dele.

— Quero largar tudo isso. Não vai mais durar muito e eu tenho outros planos. Acha que pode arrumar a escrita e os arquivos de modo que meu nome não apareça em lugar algum a não ser na porta?

Ele pensou um momento e fez um gesto de assentimento.

— Quanto tempo levaria?

— Algumas semanas de trabalho noite e dia. Mas teríamos de colocar outro nome no lugar do seu, pois do contrário tudo seria muito suspeito.

— Já pensei em tudo. Coloque o nome de Fennelli.

— Não compreendo, Frank. Como é que Fennelli vai figurar nisso? Pensei que ele estava querendo eliminá-lo.

— E quer mesmo. Mas quer a organização também e eu vou fazer-lhe presente dela. Apenas ele ainda não sabe disso.

— Está bem. Isso tudo é muito complicado para mim, mas vou fazer o serviço. Quando quer que eu comece?

— Hoje. Depois de almoçarmos.

Deixei Joe Price no escritório para que ele desse uma vista de olhos nas coisas. Depois, fui pegar Ruth no apartamento dela.

— Que tal um passeio no campo?

Ela aceitou o convite e foi pegar o chapéu e o casaco. Fiquei pensando no que ela diria quando visse Flix. Eu teria de explicar-lhe o fato com jeito para que ela não se preocupasse demais. Mas passamos uma ótima tarde.

Fomos até a Montanha do Urso, jantamos numa hospedaria das vizinhanças e depois voltamos calmamente para a cidade.

Foi só no dia 10 de junho que Joe entrou no meu escritório, esfregando as mãos com evidente satisfação.

— Então, Joe? Como vai o serviço?

— Terminei —, respondeu ele, sorrindo. — Tudo pronto.

— Ótimo! — disse eu. — Agora, tome um avião, vá para a fábrica e entre em ação. Quero que compre uma casa para mim e a prepare até o começo do mês que vem. É quando me vou mudar para lá.

— Espere, Frank! Uma coisa dessas exige mais tempo do que consertar uma escrita!

— Contrate os melhores decoradores. A casa não precisa ser muito grande. Seis peças no máximo. Pague o que for necessário.

Deixe lá alguém tomando conta e esteja de volta aqui depois de amanhã que eu preciso de você.

— Está bem, Frank. Mas não quer os livros antes de eu viajar?

— É preciso mesmo? — disse eu, levantando-me e aproximando-me dele. — Agora, quanto menos eu souber deles, melhor. Além disso, não entendo de contabilidade. Se você diz que estão OK é porque estão mesmo.

— Fiz o que você queria.

— Para mim, chega. Agora, vá indo, amigo. Não há tempo a perder e eu tenho muito que fazer. Obrigado, Joe.

Ele sorriu e saiu.

Peguei o telefone e liguei para Jerry Cowan.

Depois que o meu telefonema passou por duas secretárias, Jerry chegou finalmente ao telefone.

— Jerry, é Frank Kane quem fala. Está livre hoje à tarde? Quero falar-lhe.

— Venha até aqui.

— Não posso ir ao seu escritório. Mas isso é importante e quero vê-lo sozinho.

— Onde vamos encontrar-nos?

— Posso pegá-lo no lado de Jersey da Ponte George Washington. Às quatro horas da tarde. Faça os seus planos para jantar comigo porque o que tenho para dizer-lhe é demorado.

Ele ficou em silêncio alguns minutos e depois disse:

— Está bem. Às quatro horas.

Saí do escritório às três horas. Disse a Flix que fosse para o apartamento e me esperasse lá. Saí então no carro para o encontro com Jerry.

Ainda não eram quatro horas e eu fiquei esperando. Vi-o às quatro horas em ponto. Estava num Buick azul. Estacionou o carro e olhou em volta à minha procura. Não me viu e eu toquei a buzina para chamar-lhe a atenção.

Ele olhou, sorriu e deu adeus. Fiz um gesto que significava:

"Vamos". Parti, olhando pelo espelho para ver se ele me estava seguindo. Estava.

Depois de uns dois quilômetros, entrei por uma pequena estrada que levava para o Teaneck. Parei num ponto de estacionamento. Jerry parou atrás de mim.

Saltamos. Apertamo-nos as mãos e eu perguntei, sorrindo:

— Como vai?

— Muito bem.

— E Janet?

— Está bem agora, mas foi duro para ela perder o filho e ainda saber do médico que não podia mais ter filhos.

Era novidade para mim. De nada sabia.

— Sinto muito, Jerry. Não sabia.

— Bem, isso já passou. Que é que você quer?

Sorri. Ele estava com pressa, mas ia ter de esperar. Falaria com ele na hora que eu quisesse e como eu quisesse.

— Deixe o seu carro aqui e entre no meu, Jerry. Vamos para algum lugar onde possamos comer e conversar.

Uma hora depois, estávamos numa sala reservada de uma hospedaria na Estrada 9. Tínhamos copos de scotch diante de nós e eu acendi um cigarro.

— Com certeza, está achando o meu procedimento muito estranho — , disse eu, sorrindo.

Ele assentiu com a cabeça, sem falar.

— Quer mesmo prender-me, Jerry — É o meu dever.

Ótimo! Era isso mesmo que eu queria ouvir.

— Não seria bastante para você acabar com a organização? Levar-me pessoalmente para a cadeia não fará cessar a organização.

Mas eu poderia fazer um trato com você. Arrumarei a organização de tal maneira que você possa acabar com ela quando quiser, depois que eu me afastar. Dar-lhe-ei ainda nas suas mãos um camarada com uma ficha muito mais pesada do que a minha e que vocês estão que rendo pegar há muito mais tempo.

Ele tomou um gole de uísque e me encarou.

— Por que é que você quer afastar-se? Bem sabe que não consegui nada contra você... por enquanto.

— Vou-me casar e minha futura esposa não aprova as minhas atividades.

Ele riu.

— Não me diga que uma mulher vai conseguir o que a prefeitura, o estado e o governo federal não conseguiram!

— É o que parece!

— Deve ser uma pessoa de muito poder — , disse ele, rindo — Alguém que eu conheço?

— Ruth.

Ele quase caiu da cadeira.

— Ruth? Há quanto tempo vocês se gostam?

— Já há muito tempo.

O garçom chegou com um prato de salgadinhos. Esperamos que ele saísse e Jerry disse:

— Gostaria de fazer alguma coisa por você, principalmente em atenção a Ruth, mas não sei se será possível. Afinal de contas, tenho o meu dever a cumprir.

— Como quiser. Mas há mais algumas coisas que você tem de saber. A verdade é que, se você agir contra mim, agirá contra seu velho também. O escritório de advocacia dele está tratando de vários assuntos importantes meus.

Jerry olhou para mim, evidentemente aborrecido.

— Não acredito.

— Pode não acreditar, mas é a verdade.

— Papai nunca aceitaria um caso seu.

— Sei disso, mas o fato é que o escritório dele aceitou. E seria muito desagradável isso aparecer na primeira página dos jornais, não acha?

Jerry não respondeu. Estava pensando. Joguei mais lenha na fogueira.

— Escute, Jerry, não vamos tratar desse assunto como garotos.

Somos pessoas adultas e estamos tratando de negócios. Suponha que um dia você chegue a conseguir provas suficientes para apresentar denúncia contra mim e processar-me. Imagine que na mesma ocasião alguém envolva nisso o nome de seu pai. Podem dizer que o

motivo pelo qual você levou tanto tempo sem agir contra mim foi o fato de eu estar pagando a seu pai. Nem queira saber as coisas que dizem...

ou pensam.

Ele se levantou, veio para junto de mim e agarrou-me pela gola do paletó.

— Se está com alguma intenção de jogar lama em meu pai e manchá-lo com a sua sujeira, eu o matarei sem piedade.

Olhei-o tranqüilamente e tirei-lhe as mãos do meu paletó.

— O homicídio é tão ilegal aqui em Jersey quanto em Nova York.

Ele me olhou sem falar e eu, de qualquer maneira, não lhe dei chance de falar.

— Compreenda, Jerry. Não estou ameaçando seu pai. Estou apenas procurando apontar-lhe as conseqüências. Eu sei que não há jeito de impedir as pessoas de falarem. Dizem tanta mentira a meu respeito sem que eu nada possa fazer! Volte para o seu lugar e acabe o seu jantar. Quando ouvir o resto do meu plano, é bem possível que concorde.

Ele voltou para a sua cadeira e sentou-se. Não mostrou muito apetite. Limitou-se a beliscar e a ouvir. Mas quando voltamos ao lugar onde ele havia deixado o carro, estava de acordo em fazer o que eu pedira.

Acompanhei-o até ao carro dele e coloquei o pé no estribo. Dei-lhe uma chance de salvar o amor-próprio.

Ele entrara no carro e estava sentado atrás da direção com a cara fechada.

— Afinal de contas, Jerry, você vai executar o serviço para o qual foi designado. Vai acabar com a organização. Ainda que não se já de acordo com todas as regras, isso é que importa.

— Acho que sim —, disse ele com um sorriso forçado. Estava tão desanimado que nem aproveitou a deixa.

— Não tem de acabar, Jerry. Sabe que é verdade. Você mesmo no princípio sugeriu a mesma coisa. Os resultados é que valem.

Ele pisou no arranco e já ia engrenar o carro quando se voltou para mim e disse:

— Frank!

— Sim, Jerry?

— Você não mudou nada desde o tempo de garoto. Mas não pense que tudo pode dar certo sempre. A vida tem um jeito todo seu de fazer-nos pagar pelas coisas.

Tirei o pé do estribo e dei de ombros.

— Quem sabe? Talvez eu continue a ter sorte.

Jerry se afastou pela estrada e eu voltei lentamente para o meu carro. Ri comigo mesmo. Talvez eu tivesse sorte. Mas não era só isso. Era preciso ser esperto também.

Às onze horas na manhã seguinte, Alex Carson me telefonou, com uma animação na voz que havia muito tempo não mostrava.

— Frank, a Ordem dos Advogados acaba de arquivar o processo contra mim.

Eu já sabia. Era uma das coisas que havia combinado com Jerry. Fingi surpresa.

— Magnífico! Venha até cá e vamos festejar isso com um drinque!

Desliguei o telefone e mandei chamar Flix. O passo seguinte era ter Fennelli ali para falar comigo. Eu sabia que ele não viria por um simples convite meu. Mandeí Flix ir buscá-lo.

Alex chegou meia hora depois de haver telefonado.

— Parabéns! — disse eu, apertando-lhe a mão. — Eu sabia que você se sairia bem.

Ele sorriu.

— Isso me preocupou muito. Mas ainda não sei por que arquivaram o caso.

— Sente-se que eu vou dizer por quê.

Expliquei-lhe tudo. Quando acabei, ele deu um longo assobio de espanto.

— Acha que vai ter resultado com isso, Frank?

— Se você me ajudar, é bem possível.

— Bem, comigo você pode contar.

— Ótimo! Fique por aqui. Quero você presente quando Fennelli chegar.

Flix trouxe Silk por volta das três horas da tarde. Silk aproximou-se da minha mesa, jogou o chapéu em cima e disse, com um tom de censura:

— Não precisava mandar esse macaco buscar-me. Bastava chamar-me pelo telefone.

— Escute, Silk — , disse eu sorrindo. — Não quis dar a você um tratamento melhor do que o que você me deu.

Ele fez que não tinha ouvido e perguntou:

— Que é que você quer?

Fiz uma pausa. Aquilo era muito importante. Se eu não conseguisse fazê-lo morder a isca, estaria perdido.

— Você sabe muito bem qual era a minha idéia quando inicia mos isso, Silk. O arranjo que fizemos visou a dar ordem e estabilidade aos nossos negócios. Mas, ultimamente, parece que você tem outras idéias a respeito da administração dos negócios. Seria muito simples para mim mandar dar cabo de você, talvez mais simples do que mandar Flix ir buscá-lo. Mas não é assim que eu faço as coisas.

Dirijo isso como outra indústria qualquer e não quero complicações.

Por isso, decidi comprar a sua parte.

— Que é que isso significa exatamente?

— Significa que você me passará o seu território e se afastará destas atividades.

— E quanto me oferece por isso?

— Cem mil dólares.

— Ora, isso é apenas a minha parte no bolo. Faço um quarto de milhão por ano só no meu território.

— Sei disso.

— E o bolo me paga cerca de 200 mil dólares por ano.

— Sei disso também.

Ele fez uma pausa e perguntou:

— E se eu não quisesse vender?

Dei de ombros e não respondi. Fiquei a observá-lo. Tinha de deixá-lo pensar à vontade. No fim ele teria a reação que eu esperava. Alguns minutos passaram. O seu rosto continuava impassível, impenetrável. Só as mãos se abriam e fechavam. Afinal falou:

— E se eu propusesse comprar a sua parte?

O peixe mordida a isca.

— Não me interessa — , murmurei displicentemente.

Ele se levantou, chegou perto da minha cadeira e me disse:

— Eu lhe daria dinheiro de verdade. Um quarto de milhão.

— Quem está querendo comprar sou eu, Silk. Não me interessa vender.

Ele voltou para a cadeira e sentou-se. Tirou um charuto do bolso e acendeu-o nervosamente.

— Dar-lhe-ei trezentos mil dólares e uma quota dos lucros.

— Já começa a me interessar. Qual seria a quota?

— Meia quota pagável todos os meses.

Ele se mostrava insistente. Era alguma coisa que ele queria havia muito.

— Frank — continuou ele, tentando convencer-me. — Não pode haver nada melhor para você. Não precisaria fazer nada. Poderia fazer o que bem quisesse fora da organização. Levaria uma vida regalada. Viagens, mulheres — o que você quisesse.

Estava na hora de aceitar.

— Bem, não me parece mau. Mas como é que vou saber se você agirá corretamente comigo?

— Você ficaria convencido se tivesse os cheques visados na sua mão amanhã de manhã?

Hesitei ainda alguns segundos e depois dei-me por vencido.

— Está bem, Silk. Negócio fechado.

Ele se levantou e estendeu-me a mão.

— Não se arrependerá, rapaz. Lembra-se do que eu lhe disse quando você foi falar comigo? Disse que você ia ganhar um bocado de dinheiro. E não estava errado, não é mesmo?

— Não, não estava.

Apertamo-nos as mãos, fechando o negócio. Na manhã seguinte, às onze horas, Silk chegou ao escritório. Carson já estava lá comigo.

— Trouxe os cheques?

— Sim —, disse ele, colocando-os em cima da mesa. — Fiz como me pediu: a Alexander Carson por serviços prestados.

Examinei os cheques. Estavam em ordem. Dei-os a Alex que os endossou e tornou a entregar-me. Toquei a campainha chamando Miss Walsh. Ela chegou com o envelope que eu lhe havia recomendado que tivesse à mão. Coloquei os cheques dentro do envelope e guardei-os no bolso enquanto ela saía da sala.

Olhei para os dois e disse:

— Isso exige um drinque.

Preparei os uísques e depois que os tomamos, disse a Alex que levasse Silk para correr tudo. Saíram juntos.

Chamei Mackson e ele me trouxe os cheques que eu mandara fazer. Estavam todos ali. O bolo era dividido naquela data entre todos os participantes. Assinei-os e entreguei-os a Miss Walsh para remetê-los. Havia pago a todo mundo, até a Silk. Depois, saí pelo meu elevador particular e fui para o hotel.

Joe Price estava à minha espera no apartamento. Dei-lhe o envelope com os cheques de Silk.

— Você sabe o que tem de fazer com isso.

Tudo estava calculado. Uma conta fora aberta em cada um dos bancos em que Silk tinha conta. Essas contas eram no nome da minha nova companhia. Os cheques seriam depositados em cada conta. Deixei-o e voltei para o escritório.

Uma hora depois, Joe me telefonou.

— Tudo OK, Frank.

Desliguei. Tive um momento de hesitação. Depois, respirei fundo e disquei.

Por fim, ouvi a voz de Jerry.

— Cowan —, disse ele.

— É Frank. Pode começar a sua festa! — disse eu e desliguei.

Alguns minutos depois, Fennelli e Carson voltaram ao escritório. Silk estava satisfeito e sorridente.

— Que coisa formidável você conseguiu montar, Frank. Eu sabia que isto aqui era grande, mas não fazia idéia de que fosse tanto!

— Bem, não é das piores coisas. Que tal outro drinque? Trata remos dos pormenores amanhã.

Preparei três copos.

— Felicidades! — disse eu, bebendo.

Silk sorriu e bebeu. Olhava cordialmente para mim. De repente, deu volta à mesa, sentou-se na minha cadeira e botou os pés em cima da mesa. Depois, fez um gesto para mim e disse:

— Pegue uma cadeira.

Sorri comigo mesmo. Ele ainda não sabia quanto ia achar desconfortável aquela cadeira, mas não tardaria a saber. Sentei-me numa cadeira diante de Silk. Ele sorriu para mim.

De repente, a porta do escritório se abriu. Nem me virei para ver quem era. Já sabia.

Silk levantou-se e gritou:

— Que quer dizer isso?

Levantei-me e virei-me lentamente. Havia quatro homens no escritório. Flix fora jogado para um lado e um dos homens lhe apontava uma arma.

Um se aproximou de mim.

— Frank Kane? — perguntou.

— Eu mesmo.

— Tenho um mandado de prisão contra a sua pessoa sob a acusação de atividades ilícitas e tentativas de suborno a funcionários públicos do Estado de Nova York. Tenho ainda um mandado de a- preensão e busca dos livros das Empresas Frank Kane.

Carson interveio.

— Tem carta de extradição?

— Tenho, sim.

— Posso ver?

O homem entregou alguns papéis a Carson. Este examinou-os cuidadosamente, devolveu-os e me disse:

— Infelizmente, tudo está em ordem, Frank. Você terá de ir com eles.

Encolhi os ombros em silêncio.

O homem olhou para Silk e perguntou — Giuseppe Fennelli O julgamento terminou no último dia de junho. Foi então que Jerry se levantou no tribunal e lançou a bomba. Passou por onde estávamos, Fennelli e eu. Olhei-o gravemente, mas ele não olhou para nós. Tinha o rosto pálido e carrancudo quando se dirigiu aos jurados.

— Senhores jurados — , disse ele — recebemos esta manhã dos contabilistas os resultados do minucioso exame efetuado nos livros

e arquivos das Empresas Frank Kane. O exame foi feito conjuntamente e mediante acordo com os governos dos Estados de Nova York e Nova Jersey e com a cooperação do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos. Desejo apresentar como prova o relatório desse exame.

Mostrou um maço de papéis. Abriu-o e começou a ler: "Nós, os peritos, chegamos à conclusão de que as Empresas Frank Kane, tal como foram originariamente organizadas pelo réu Frank Kane, eram um negócio honesto e legítimo, no que diz respeito ao réu Frank Kane. Apuramos que o financiamento das empresas foi feito por Giuseppe Fennelli e que em tempo algum o Sr. Kane teve a intenção de envolver-se na linha principal de atividades do seu financiador. O Sr. Kane encaminhou os seus esforços nesse sentido.

"Empenhou-se na compra e venda de várias indústrias e títulos de crédito conforme julgou necessário para a prosperidade da companhia. Enquanto o Sr. Kane estava administrando corretamente a companhia o Sr. Fennelli seguia a sua própria orientação. Por outras palavras, o Sr. Fennelli se dedicava a atividades clandestinas de jogo e apostas em corridas de cavalos, usando as Empresas Frank Kane como uma capa para os seus empreendimentos."

"Estamos convencidos de que só recentemente o Sr. Kane teve conhecimento de que a sua organização estava servindo a tais fins. Quando se convenceu de tais irregularidades, o Sr. Kane tomou imediatamente providências para dissolver a sua organização, devolvendo aos outros investidores da companhia, inclusive ao Sr. Fennelli, a importância dos seus respectivos interesses, juntamente com uma carta em que explicava as suas razões."

Jerry afastou-se dos jurados, foi deixar os papéis em cima da sua mesa e depois voltou para diante do júri. Ficou alguns minutos em silêncio e por fim disse:

— Senhores, diante das provas que acabo de apresentar, estou convencido de que se fez grande injustiça ao Sr. Kane. A sua atitude durante toda essa investigação foi de paciência e cooperação.

Voltou-se, olhou para mim e eu vi que o rosto dele estava pálido e os olhos fundos.

— Senhores do júri, a acusação pede que o réu Frank Kane seja absolvido...

Mal acabou de dizer isso, a sala do tribunal se transformou num verdadeiro pandemônio.

Silk levantou-se impetuosamente e me agarrou pela gola do paletó, fazendo-me sair da cadeira. Procurei desvencilhar-me dele. Os flashes se acendiam enquanto a multidão acorria para ver o que estava acontecendo. Um oficial de justiça afastou Silk de mim. Procurei ajeitar as roupas amarrotadas.

O juiz batia inutilmente com o martelo, enquanto os oficiais de justiça bradavam: "Ordem! Ordem no tribunal!" Mas a confusão não diminuiu e o juiz mandou evacuar a sala. A polícia se espalhou por entre a assistência e dentro em pouco todos saíram e tudo ficou calmo.

Uma hora depois, o júri retirou-se para deliberar sobre o seu veredicto. Voltaram às quatro e meia. Fennelli e eu tínhamos recebido instruções para nos levantarmos e ficarmos de frente para os jurados.

Olhei para Jerry. Estava sentado de cara fechada à sua mesa sem olhar para o meu lado. No tribunal só haviam ficado os repórteres. Senti de repente um aperto na garganta. E se tivesse havido alguma coisa imprevista? Se eu tivesse feito tudo o que fizera e fosse acabar perdendo? Sentia pulsarem violentamente as veias da testa. Sabia que estava pálido e tinha raiva de mim mesmo por isso. Gostaria de parecer calmo, controlado. Mas as mãos me tremiam.

— Chegaram a uma conclusão, Srs. jurados? — perguntou o juiz.

— Sim, Excelência — disse o presidente do júri, olhando para um papel que tinha na mão e que começou a ler: "Nós, do júri, consideramos o réu Giuseppe Fennelli culpado, de acordo com as acusações."

Fennelli deixou-se cair na cadeira, com o rosto mortalmente branco. Um oficial de justiça correu levando-lhe um copo de água, mas Fennelli recusou com um gesto.

Continuei de pé voltado para o júri. A cabeça me latejava alucinadamente.

O presidente do júri continuou:

— "Nós, do júri, consideramos o réu Frank Kane — fez uma pausa, procurando conscientemente armar efeito — , isento de culpa".

Carson voltou-se para mim e começou a apertar-me a mão, dizendo em voz baixa:

— Conseguiu, Frank! Conseguiu!

Olhei então para Fennelli. Ele estava olhando para mim, com as mãos entrelaçadas à frente e os olhos faiscantes. Levantei-me e passei pela mesa ao meu lado. Senti a mão de Silk roçar pelo meu paletó, mas não dei atenção a isso. Continuei a andar, chegando até à rua. E durante todo tempo sentia à olhar de Fennelli a seguir-me, queimando-me as costas.

— Aonde é que vai? — perguntou Carson, chegando ao meu lado.

Olhei para o sol. A claridade me ofuscou e me encheu de seu calor, dissipando a frialdade que me havia envolvido. Levei a mão aos olhos e disse:

— Vou tomar um drinque — , disse com a voz um pouco trêmula. — Nunca precisei mais.

Deixei-o ali. Atravessei a rua e dobrei a primeira esquina, entrando num bar.

— Um uísque, dose dupla — , pedi no balcão.

O homem do bar me trouxe o copo e eu pedi logo outro. Ia começar a beber quando senti uma mão no ombro.

Voltei-me lentamente. Era Flix, com o seu rosto impassível.

— Conseguiu?

— Consegui.

— E o outro?

— Não consegui — , disse eu, tomando o uísque e pedindo outro. — Quer beber, Flix?

Pedi também uísque e ficamos ali, bebendo. O bar estava bem cheio e nós estávamos bem comprimidos um com o outro. Senti uma pistola no bolso dele.

— Quanto tempo acha que ele vai pegar? — perguntou Flix com voz calma.

— Uns dez anos.

Flix tomou o seu uísque e disse:

— Ele não lhe vai perdoar isso.

— Como é que sabe? — disse eu, que já estava saindo do meu torpor mental.

Flix deu de ombros.

— É fácil de calcular.

De repente, estava de novo com pleno domínio de mim mesmo. Flix tinha razão. A cadeia não bastava para tolher um sujeito como Silk. De lá mesmo, ele podia movimentar muita coisa. Meti a mão no bolso para pegar dinheiro e pagar as bebidas. Encontrei um pedaço de papel e tirei-o para ver o que era. Dizia: "Você me pagará isso". Era só. Não havia assinatura — e não era preciso.

Olhei para Flix. Continuava impassível. Pedi mais dois uísques. Pequei o meu copo e virei-me para Flix, dizendo:

— À sua irmã!

Compreendeu logo. Levantou o copo e bebemos. Parei no meio do meu e disse:

— Dez mil dólares para você.

Bebemos os uísques e o homem do bar trouxe mais dois. — Como paga? — perguntou ele.

— As condições de costume. Cinquenta por cento de sinal e o resto contra entrega.

Acabamos de beber. Joguei uma nota de cinco dólares em cima do balcão para pagar os uísques e saímos.

— Carson lhe dará o dinheiro — , disse eu quando chegamos à rua. — Procure-o amanhã.

Fiz sinal a um táxi e ele parou ao meu lado.

— Adeus, Flix — disse eu, entrando no táxi.

— Adeus, homem valente.

Recostei-me nas almofadas do carro. Aquilo não me agradava. Algum dia, poderia ter problemas com Flix... Ma isso seria mais tarde. A voz do chofer do táxi interrompeu-me os pensamentos.

— Posso dirigir o dia todo, patrão. Mas será que não quer ir a algum lugar?

Fui para o meu apartamento e troquei de roupa. Depois, mandei tirar o carro da garagem e dirigi-me para Nova York.

Do outro lado da ponte comprei o Evening Journal numa banca. Havia uma grande manchete em letras vermelhas que dizia: KANE ABSOLVIDO — FENNELLI CONDENADO. Abaixo, havia um título em preto: "Cowan Desbarata a Quadrilha". Havia um flagrante de Jerry quando saía do tribunal com a legenda: "Jerome Cowan, Destruidor de Quadrilhas". Ele estava sorrindo para a máquina.

Ri comigo mesmo. Jornal era assim mesmo. Não demorava muito estariam lançando a candidatura dele a Governador. Joguei o jornal na rua e segui o meu caminho.

Encostei o carro ao meio-fio diante da casa de Ruth e entrei. O mesmo ascensorista que me levara da primeira vez estava no carro e me olhou com curiosidade. Saltei no andar, fui até à porta dela e toquei a campainha.

Ouvi o carrilhão tocar dentro do apartamento. Esperei. Tive a impressão de estar ali havia uma hora. Afinal, a porta se abriu e Ruth apareceu.

Ficamos os dois parados, olhando um para o outro. Era como se fossemos dois estranhos — como se nunca nos tivéssemos visto.

— Ruth! — disse eu, sem sair do lugar, sem coragem de mover-me.

De repente, ela me caiu nos braços, chorando:

— Frankie! Frankie!

A porta se fechou atrás de nós. A entrada estava escura. Ela soluçava, com a cabeça encostada no meu peito. Afaguei-lhe delicadamente a cabeça.

— Ruth, tudo terminou! Não chore, querida!

— Pensei que você nunca mais voltasse, Frankie!

— Não prometi, Ruth?

Ela me olhou com os olhos estranhamente luminosos. Beijei-a. Senti-lhe os lábios trêmulos.

— Querido, querido!

— Estava com medo de que você mudasse de idéia, Ruth.

Ela me cobriu os lábios de beijos.

Fomos de braços dados para a sala e nos sentamos no grande sofá.

— Sabe que hoje é o último dia de junho, Frankie?

— E é por isso que estou aqui. Não disse que você seria uma noiva de junho? Arrume algumas coisas suas numa mala e vamos nos casar em Meriden.

Ela se afastou para a outra ponta do sofá onde ficavam os cigarros numa pequena bandeja de porcelana. Pegou um cigarro com um ar de estudada calma. Acendi-o, observando-lhe o rosto. Ela me olhava firmemente.

Esperei que ela falasse. Por fim, depois de tirar algumas fumaças do cigarro, ela me disse com calma:

— Não, Frank. Não nos vamos casar.

Procurei ser calmo também. Acendi sem pressa um cigarro e perguntei:

— Por quê?

— Porque você não me ama. A verdade é essa. Tudo faz parte do plano que você concebeu — exatamente como o trato que você fez com Jerry. Você quer passar de uma etapa de sua vida para outra e só quer casar-se comigo para completar a transação. O último reto que! Quer vestir

o manto da respeitabilidade e quer que eu seja o complemento perfeito. Na realidade, você não aprendeu nada. Não acredita no que está fazendo. Só chegou ao ponto a que chegou por que viu que estava perdido e resolveu aproveitar-se ao máximo de uma situação desagradável. Jerry me contou o que você o obrigou a fazer. Depois disso, comecei a pensar nas coisas. Você vai ter de aprender um dia a saber que não se pode fazer negócio com a vida dos outros.

Interrompia e disse com a voz ainda calma:

— Você me ama?

Ela me olhou muito pálida.

— Se eu amo você? Amo-o tanto desde que era garota que não sei quantas noites passei sem dormir pensando em você, que quando não sabia onde você estava sonhava com você, que nestes últimos meses desejei que você me possuísse porque queria seu filho em mim, dentro de meu coração. Mas por isso mesmo é que não farei o meu amor objeto de uma transação com você. É por isso mesmo que não vou casar-me com você, Frankie.

Apaguei o cigarro no cinzeiro e peguei-a rudemente pelos ombros.

— Idiotazinha — gritei, alucinado de raiva, com todas as veias da fronte latejando. — Talvez a princípio tenha sido assim, mas não pode ver que tudo o que fiz foi por você, tudo aquilo de que abri mão foi por seu amor? Acha que não me teria livrado de tudo isso, se quisesse? Eu tinha uma porção de lugares nos Estados Unidos para onde eu poderia ir e continuar fazendo funcionar a minha organização sem que ninguém pudesse botar a mão em mim. Não fui forçado a renunciar a coisa alguma, mas renunciei por sua causa. Se não fosse o sentimento que tinha por você, teria superado isso como superei tudo o que se atravessou no meu caminho. Poderia com a maior facilidade ter arruinado a carreira de Jerry. Só desisti da luta por sua causa, porque acreditei no que você me dizia. Talvez no íntimo eu sempre soubesse que você tinha razão, mas foi por você que fiz o que fiz. Não houve qualquer transação com você. Virei a minha vida pelo avesso, troquei uma fortuna por você, troquei a segurança por um ideal. E se ainda acha que não a amo, pode ir para o diabo que a carregue!

Levantei-me e fui saindo.

— Frank — , chamou ela em voz baixa.

Virei-me. Ela me olhou e disse com a mesma voz baixa, cheia de espanto:

— Frank, você está chorando!

Ruth e eu nos casamos perante o Juiz de Paz Smith em Meriden, no Estado de Connecticut, na segunda-feira, último dia de junho de 1941 A voz do juiz era profunda e forte — Francis, aceita esta mulher, Ruth, aqui presente, como sua legítima esposa e promete honrá-la, amá-la e querê-la, na doença e na saúde, enquanto ambos viverem?

— Sim.

— Ruth, aceita este homem, Francis, aqui presente, como seu legítimo esposo, e promete amá-lo, honrá-lo, na doença e na saúde, enquanto ambos viverem?

Ruth olhou para mim. Os seus olhos eram do mais profundo azul que já vi. A voz era quente, doce e rica.

— Sim.

O juiz fez um gesto e eu coloquei o anel no dedo dela. O homem levantou as mãos e disse — Em vista dos poderes que me foram conferidos pelas leis do Estado de Connecticut, declaro que são marido e mulher. — Respirou fundo e acrescentou: — Pode beijar a noiva.

Trocamos um beijo rápido e eu olhei para o juiz.

— Parabéns, meu jovem! — disse ele, sorrindo. — Dois dólares, tenha a bondade.

Dei-lhe cinco dólares para dar sorte.

Voltamos para o meu apartamento às onze horas da noite. Carreguei-a na porta e beijei-a.

— Alô, Sr. Kane!

— Alô, Sra. Kant!

Deixei-a e telefonei para baixo, pedindo quatro garrafas de champanha. Não tardaram a chegar.

Esperei na sala enquanto ela se preparava para deitar-se. Tomei um gole de champanha. Com a taça na mão, fui até à janela. Nova York cintilava do outro lado do rio.

Sorri ao meu reflexo na vidraça. De repente, levantei a taça e bebi em honra de Nova York.

O meu reflexo na vidraça bebeu em honra a mim.

— Frank.

A voz era tão suave que eu quase não a ouvi. Saí da janela e fui até à porta do quarto.

— Sim, Ruth?

Não houve qualquer resposta. Deixei a taça, apaguei as luzes das paredes e abri a porta do quarto. Havia um abajur aceso perto da cama. Atravessei o quarto.

Ruth estava de pé em frente à janela e me estendeu a mão.

— Chegue aqui um momento e veja, Frank.

Fiquei ao lado dela, mas a única coisa que os meus olhos puderam ver foi Ruth.

— Frank —, disse ela com uma voz estranha e cheia de mistério —, olhe pela janela. Já viu alguma vez o mundo todo assim diante de você? Um mundo imenso e belo que o espera?

Não respondi. O luar banhava-lhe o rosto e ela era linda.

— Frank, como você acha que será nosso filho?

Beijei-lhe o rosto e ela se aconchegou mais nos meus braços.

— Não sei, querida. Nunca pensei em filhos. Nunca os desejei.

— Acha que ele vai ser como você — rude, estranho, mau e belo?

— Se ele sair parecido comigo — será melhor não nascer.

— Frank — , murmurou ela, enquanto eu a beijava — nosso fi lho será belo. Sabe que você é um homem belo, Frank?

Beijei-lhe a boca. Os lábios estavam em fogo.

— Sabe que você é linda? — perguntei.

Ela estendeu o braço e apagou a luz.

Foi mais tarde — muito mais tarde. Eu estava ali havia muito tempo, vendo-a dormir. Havia pequenas lágrimas nos cantos dos olhos dela. Enxuguei-as. De repente, tive vontade de fumar um cigarro.

Procurei com a mão ao lado da cama. Nada encontrei. Movi-me devagar e com cuidado, pois não queria acordá-la.

Podia ainda ouvir-lhe a voz: "Está contente, Frank? Sou tudo o que você queria que eu fosse?"

Fui até à sala. Fechei a porta mansamente e acendi um abajur.

Ela era tudo o que eu queria.

Havia cigarros na mesa. Peguei o maço e acendi um cigarro. Tirei algumas fumaças, sentindo-me cheio de paz.

Olhei para a mesa. Havia algumas cartas ali que tinham sido entregues enquanto eu estava em Nova York. Olhei-as sem muito interesse. Algumas contas, alguns anúncios...

Quase embaixo da pilha encontrei um cartão. Era correspondência oficial e comunicava que a Junta de Recrutamento havia classificado Francis Kane como Classe 1-A.

O cigarro estava quase no fim. Joguei-o num cinzeiro e voltei para o quarto. Quando estendi a mão para apagar a luz, vi que ainda estava com o cartão na mão.

Apaguei a luz e joguei o cartão para o meio da sala. Que me interessava aquilo? No dia seguinte, telefonaria para Carson a fim de que ele desse um jeito naquilo.

O QUE ACONTECEU DEPOIS Martin de repente se sentiu muito fraco. Deixou-se cair numa cadeira, olhou para Janet e perguntou com voz trêmula:

— Que quer dizer com isso?

Jerry olhou também para a esposa. Era o que ele queria saber. Já sabia parte da história, mas ia ouvir o resto. O seu rosto perdeu um pouco da tensão e ele se acomodou na cadeira.

— Todos nós sabíamos que Ruth estava esperando uma criança — começou ela — , e quando recebemos o lacônico telegrama de Frank em que ele dizia que Ruth morreria de parto, sem fazer qualquer alusão à criança, presumimos que esta houvesse morrido também. Estávamos errados.

— Você, Marty, já estava na guerra fora do país e nós lhe escrevemos contando o que havia acontecido. Um mês depois, Jerry foi também para a guerra e durante algum tempo a vida pareceu que tinha parado.

"Algumas semanas antes da volta de Jerry, fui procurada por uma pessoa. Era um capelão, um capitão, da unidade em que Frank servia e tinha-o visto morrer. Já sabíamos que Frank havia morrido. Recebemos comunicação do Ministério da Guerra da morte dele no dia 10 de abril. Mas o Capitão Richards trouxe-me uma carta que Frank lhe havia confiado para ser entregue pessoalmente.

O capelão estava cansado. Parecia-lhe que não dormia havia anos. Todos os dias, vivia-se mil anos da manhã até à noite. E mil anos por dia era tempo demais para se viver.

O ribombar dos canhões havia diminuído para um ronco surdo que mal se ouvia. Na véspera, aquilo tinha sido um hospital de sangue. Naquele dia, era um hospital-base — a frente avançara mais de cinquenta quilômetros num dia. E os feridos não paravam de chegar. Os médicos trabalhavam febrilmente, sem parar, mas os feridos continuavam a amontoar-se em frente à porta da sala de operação.

O capelão saiu do pequeno prédio que servia de hospital. Lá fora, estendia-se a longa fila de macas que esperavam a ida para a sala de operação ou o transporte para a retaguarda. Era quase noite. A primeira estréia brilhava incoerentemente no céu. Foi passando pela fila de macas rumo à sua barraca. Tinha de dormir um pouco. Não conseguiria mais ficar

de pé um instante, ainda que soubesse que mesmo no sono veria aqueles rostos contorcidos pela dor e as vozes roucas de agonia.

Caminhou para a barraca de cabeça baixa, arrastando os pés e o coração pesado de angústia.

— Capitão Richards.

Ouviu a voz. Sentiu-a mais do que a ouviu. O seu impacto era mais mental do que material. Como som, não era quase nada na intensidade da dor que a cercava. Parou.

— Aqui, Capitão Richards.

A voz era fraca, mas firme.

O capelão dirigiu-se para a maca e olhou para o homem que o havia chamado. Era um soldado ferido entre os outros. Era anônimo, outro homem envolto até ao pescoço por um cobertor e com o rosto muito pálido. Não conhecia o homem e dobrou um joelho para vê-lo melhor.

— Capitão, não se lembra mais de mim? — perguntou o homem.

O capelão sacudiu a cabeça. Eram tantos...

— Sou Kane. Lembra-se agora?

O capelão lembrou-se com um choque. Recordou a primeira vez que vira o homem. Acabava de entrar para o exército e Kane era sargento. Havia dito a Kane que devia comparecer a alguns ofícios religiosos. Kane tinha rido. Que fora mesmo que dissera? Era difícil lembrar. Ah, sim, Kane tinha rido e dissera: "Ir à igreja não me ajudará muito agora". E o capelão havia respondido: "Ir à igreja sempre ajuda. Nunca é tarde para se voltar para Deus". O homem tornara a rir. "Se as coisas chegarem a esse ponto, espero fazer essa volta pessoalmente". Depois disso, o capelão passara a observar Kane durante algum tempo. Parecera-lhe que era velho demais para uma luta tão áspera e se surpreendeu quando soube que, apesar dos cabelos quase brancos, Kane tinha pouco mais de trinta anos.

— Sim, Kane, estou-me lembrando.

Puxou o capote para baixo do corpo e sentou-se no chão frio. Viu então as marcas vermelhas dos primeiros curativos na testa de Kane. A luz estava nascendo.

— Vou morrer — , dissera o homem com simplicidade. Não havia medo na sua voz. Estava apenas afirmando um fato.

— Deixe disso — , murmurou o capelão, querendo confortá-lo, mas sabendo que a sua voz não tinha o necessário tom de convicção.

— Não fale assim.

— Não procure iludir-me, meu amigo — disse o homem, com um esforço frustrado para rir. — Ninguém vive com o que eu tenho no corpo. Já vi muita gente morrer e sei.

O capelão tentou falar, mas o homem interrompeu-o.

— Não dói, Padre. Não é isso. Estou tão cheio de morfina que nem sei mais se tenho um corpo. Além disso, colocaram-me no lado errado da porta do hospital.

O capelão olhou em torno, espantado. O homem tinha razão. Os que não tinham esperanças de salvar-se eram colocados num lado da porta; os que tinham, do outro.

— Há duas horas que os vejo passar por mim. De vez em quando, um homem do pronto-socorro me dá uma injeção de morfina e marca a dose na minha testa. Não os censuro. É melhor socorrer os que têm alguma chance.

— Escute aqui, tudo isso é impressão sua. Você vai-se curar, estou dizendo.

— Está bem, Padre — , disse o homem numa voz paciente como se os papéis estivessem invertidos e ele estivesse são e o capelão, no lugar dele. — Se diz assim eu concordo. Mas quero pedir-lhe um favor, caso aconteça o contrário.

— Que é, Kane? — perguntou o capelão, pensando em dar-lhe absolvição. Todos eles voltaram para Deus mais cedo ou mais tarde.

A resposta decepcionou-o um pouco.

— Tenho uma carta que quero que entregue para mim, Padre.

Pessoalmente, não pelo correio. Está em meu bolso. Quer pegá-la?

O capelão inclinou-se, meteu a mão por baixo do cobertor, encontrou a carta no bolso e tirou-a.

— É essa carta, Padre. É para uma mulher. Mas não se trata de minha mãe, de minha esposa ou de minha namorada. Todas elas já se foram antes de mim. É para uma velha amiga, para o ma rido dela e para um amigo dos dois. Não quero que a recebam ou que a leiam enquanto a guerra não acabar e os três não estiverem juntos.

O capelão olhou-o em silêncio e viu o sangue que escorria das orelhas do homem, fazendo na maca uma mancha cada vez maior.

— Não se preocupe com a carta, meu filho. Eu a entregarei.

Quer mais alguma coisa de mim?

Só os olhos do homem pareciam mover-se, O capelão teve a impressão de que estavam rindo dele, que lhe compreendiam a intenção.

— Sim, Padre. Quero um cigarro.

O capelão colocou um cigarro na boca do homem. Sentiu os lábios finos do homem se moverem num agradecimento que foi quase um beijo. Virou-se para tirar a caixa de fósforos do bolso de trás. Mas, quando tornou a olhar para o homem, viu que tinha morrido.

Tinha passado deste mundo para o outro sem um som ou um movimento. Só os olhos estavam abertos. Pareciam vivos tal era a sua expressão. Estavam mais doces do que o capelão se lembrava de já tê-los visto. E mais quentes do que quando o homem vivia. Como que um véu caíra deles.

Pareciam agradecidos.

— O capitão prometeu a Frank que entregaria a carta pessoalmente. Cumpru a sua promessa e me falou do desejo de Frank de que nós a lêssemos quando estivéssemos juntos.

— Foi por isso então que você não me contou tudo antes — disse Jerry. — Disse-me apenas que o capelão falara de uma criança.

— Sim — , respondeu Janet. Queria que vocês dois a ouvissem juntos.

Foi a um armário no canto da sala e apanhou a carta. Voltou para onde os outros estavam e começou a lê-la. A voz era serena, mas tinha uma expressão tangível de emoção e afeto.

— A carta está datada de 5 de dezembro de 1944 e diz o seguinte:

"Cara Janet, Escrevo-lhe esta carta esperando que você nunca a receba. É estranho escrever uma carta sabendo que nunca será entregue, mas é ainda mais estranho imaginar que o será. Se você receber esta carta, eu estarei morto. Não é porque tenha qualquer pressentimento de morte que lhe escrevo, mas apenas porque, afinal de contas, há a possibilidade de que eu morra de repente.

Parece que já faz muitos anos que desembarcamos no Dia D, mas foi apenas em julho deste ano. Desde então, muitas coisas começaram a juntar-se na minha cabeça e a formar sentido. Muitas coisas aconteceram e há muito que eu quero que vocês saibam e muito que quero pedir-lhes.

Houve uma ocasião em que Marty me comparou a Hitler. Ri porque não compreendi o que ele queria dizer. Agora, compreendo. Fiquei sabendo no tempo em que vivi com Ruth e nestes últimos cinco meses na Europa. Soube que não se pode viver sem respeitar a sociedade e o chamado homem comum. Viver assim é viver sem respeito a si mesmo.

Comecei a pensar então no que fora que havia feito de mim o homem que eu cheguei a ser. E compreendi então que fora o fato de viver sozinho. Um homem pode viver sozinho se mora na mesma casa com mais vinte seres humanos e não divide o coração com nenhum deles. Foi assim que vivi quase toda a minha vida até me casar com Ruth.

Como sabem, Ruth morreu de parto. Mas não creio que saibam que a criança viveu. Tivemos um filho.

Eu não havia pensado em ter filhos e não os queria. Mas ela me disse: "Quero um filho seu. Quero por muitos motivos. Ele será você outra vez. Posso tê-lo junto de mim, mesmo que você esteja ausente. Posso dar a ele, dando a você, todo o amor, todo o carinho e todo o sonho que você nunca recebeu. Dê-me seu filho, querido, para que eu possa fazer você viver de novo ". Tudo isso ela me disse.

E quando nosso filho nasceu e ela soube que não viveria para cuidar dele, pediu-me: "Não o abandone, Frank. Faça com que tenha infância e

tenha sonhos, com que goze os prazeres da mocidade e venha a ser o homem que deve ser. Dê-lhe todas as coisas que eu quis dar-lhe ".

Prometi-lhe que assim faria.

Mas primeiro eu teria de voltar para casa depois do exército. Ocorreu-me então a possibilidade de que eu não voltasse. Pensei na promessa que havia feito a Ruth e venho pedir a você que me ajude a cumpri-la. Receba nosso filho no seu coração e no seu lar, dê-lhe um nome e todas as coisas que sei que pode dar.

Sou um homem bem rico. Ele nunca sentirá falta de dinheiro. Mas terá falta das coisas que o dinheiro não pode dar. É isso que lhe peço que dê a ele.

Não o deixe criar-se com eu. Com um teto para viver, vestido, alimentado e tratado, mas mais pobre em qualidades humanas do que o mais pobre dos homens. Uma pessoa precisa mais alguma coisa do que comida, roupa e dinheiro para ser humana. Precisa de amor, bondade e afeição.

Precisa de uma família que lhe sirva de âncora, que lhe dê raízes no mundo e na sociedade, que lhe ensine quais são os verdadeiros valores, os valores que aprendi a conhecer com Ruth.

Levei meu filho para o Orfanato de St. Thérèse e confiei-o aos cuidados do Irmão Bernhard. Tenho recebido cartas desse bom homem que me dizem que o pequeno Francis é muito parecido comigo. E isso me faz orgulhoso. Não só porque é parecido comigo, mas também porque nele vejo a mãe. Ela olha pelos olhos dele que são azuis como os dela. Sorri com o sorriso dela e ainda se parece comigo.

Como pode ver, aprendi muito com Ruth. Aprendi a amar e fiquei sabendo que amar é dar e não receber. E aprendi que não se pode dar quando não se tem nada para dar. Sei que você tem muito que dar, porque me lembro.

Leia essa carta para Jerry e para Marty quando estiverem juntos, se for possível. Diga a ambos que a amizade deles sempre foi uma das coisas melhores da minha vida. Nada do que aconteceu diminuiu ou fez cessar a amizade que sempre tive por eles. Diga a ambos que eu quero que também

tomem meu filho no coração e lhe dêem todas as coisas que sei que podem dar.

Peço humildemente a todos que abram o lar para meu filho.

Ajudem-me a cumprir a promessa que fiz a Ruth.

Com muito afeto, Frank. "

Janet olhou-os com os olhos cheios de orgulho. Os três ficaram em silêncio e se entreolharam. De repente, sorriram e a sala se encheu de encanto e calor.

As lágrimas chegaram aos olhos de Janet quando olhou para Jerry e Marty. Estendeu inconscientemente as mãos para eles. Não havia necessidade de perguntas. Eles todos sabiam a resposta.